



LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

**O MRAR E OS ANOS DE OURO DA ARQUITETURA
RELIGIOSA EM PORTUGAL NO SÉCULO XX
A AÇÃO DO MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO DA ARTE RELIGIOSA NAS
DÉCADAS DE 1950 E 1960**

Doutoramento em Arquitetura - Teoria e História.

JOÃO PEDRO F. GASPAR ALVES DA CUNHA
ORIENTADOR professor doutor arquiteto JOSÉ MANUEL FERNANDES
CO-ORIENTADOR arquiteto NUNO TEOTÓNIO PEREIRA

CONSTITUIÇÃO DO JÚRI

PRESIDENTE

Doutor João Gabriel Viana de Sousa Morais,
Professor Catedrático, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.

VOGAIS

Arquiteto Nuno Rodrigo Martins Portas,
Professor Catedrático Emérito, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto;

Doutor José Manuel da Cruz Fernandes,
Professor Catedrático, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, orientador;

Doutora Maria Marques Calado Albuquerque Gomes,
Professora Associada Aposentada, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa;

Doutora Ana Cristina Fernandes Vaz Milheiro,
Professora Auxiliar, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa;

Doutor Pedro Paulo da Silva Marques de Abreu,
Professor Auxiliar, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa;

Arquiteto Nuno Teotónio Pereira,
Especialista, coorientador.

TESE ESPECIALMENTE ELABORADA PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR.

VOLUME 2 - ANEXOS

DOCUMENTO DEFINITIVO

LISBOA, NOVEMBRO 2014

Apoio:

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Este trabalho foi desenvolvido com o apoio de bolsa de Doutoramento atribuída pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia (referência SFRH / BD / 45052 / 2008).

Anexo 1. Sócios	29
1.1. Listas 1956 1965	31
1.2. Corpos gerentes	36
1.3. 10 arquitetos nucleares	39
António Freitas Leal [1927-]	39
João Correia Rebelo [1923-2006]	41
João de Almeida [1927-]	43
José Maya Santos [1928-2010]	45
Nuno Teotónio Pereira [1922-]	46
Formosinho Sanchez [1922-2004]	49
Nuno Portas [1934-]	51
Diogo Pimentel [1934-]	53
Luiz Cunha [1933-]	55
Erich Corsépius [1929-2009]	59
1.4. + 20 sócios	61
António dos Reis Rodrigues [1918-2009]	61
Flório de Vasconcelos [1920-2005]	62
João Braula Reis [1927-1989]	62
Maria de José Mendonça [1905-1984]	63
Madalena Cabral [1922-]	64
António Lino [1914-1996]	65
Manuel Cargaleiro [1927-]	66
José Escada [1934-1980]	67
Maria Luísa Marinho Leite [1936]	68
Maria do Carmo Matos [1935-1989]	68
Avelino Rodrigues [1936-]	69
Albino Cleto [1935-2012]	70
Vitorino Nemésio [1901-1978]	71
Henrique de Noronha Galvão [1937-]	72
Rafaela Zúquete [1936-]	72
Francisco D'Orey [1934-]	73
Francisco Fernandes [1931-]	74
Elizabeth Évora Nunes [1939-]	74
António Flores Ribeiro [1934-]	75
Eduardo Nery [1938-2013]	75
1.5. 20 depoimentos	77
António Freitas Leal: 2009.03.06 2009.03.11 2009.04.16	77
João de Almeida: 2008.11.04	78
Nuno Teotónio Pereira: 2009.02.04	81
Diogo Pimentel: 2009.01.29 2010.04.29	83
Nuno Portas: 2009.04.17	87
Luiz Cunha: 2009.02.27 2009.03.12 2009.04.14	88
Erich Corsépius: 2008.12.18	91
Madalena Cabral: 2008.12.03	92
Manuel Cargaleiro: 2009.03.05	95
Maria Luísa Marinho Leite: 2009.10.21	96
Avelino Rodrigues: 2009.02.12	96
D. Albino Cleto: 2010.07.29	97
P. Henrique Noronha Galvão: 2009.11.03	99
Rafaela Zúquete: 2009.11.19	101
Francisco d'Orey: 2009.10.16	101
Francisco Fernandes: 2009.09.04	102
Elizabeth Évora Nunes: 2009.07.13	103
Eduardo Nery: 2010.05.21	104
Fernando Micael Pereira: 2009.11.16	104
Pedro Vieira de Almeida: 2010.06.23	105
	107

Anexo 2. Textos e documentos	107
2.1. MRAR – Estatutos [1955-56]	109
Doc. 2.1.1. [PEREIRA, N. Teotónio], Carta ao Ministro da Educação Nacional, Lisboa, (4.fev.1955)	109
Doc. 2.1.2. [Inspector Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional], Carta a N. Teotónio Pereira, Lisboa, (7.mar.1956)	110
Doc. 2.1.3. PEREIRA, N. Teotónio, Carta à Inspeção Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional, Lisboa, (9.jun.1956)	112
Doc. 2.1.4. [Inspector Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional], Carta a N. Teotónio Pereira, Lisboa, (20.jun.1956)	113
Doc. 2.1.5. Estatutos do Movimento de Renovação da Arte Religiosa, [1956]	114
2.2. MRAR – Assembleias Gerais [1955-65]	124
Doc. 2.2.1. Livro de Atas [23.nov.1955, 12.nov.1957, 13.nov.1958, 4.fev.1961, 12.abr.1962, 22.jan.1963, 10.abr.1964, 29.mar.1965]	124
2.3. MRAR – Corpos gerentes [1956-67]	149
Doc. 2.3.1. PEREIRA, N. Teotónio, Carta ao Inspector Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional, Lisboa, (14.jul.1956)	149
Doc. 2.3.2. [Inspector Superior da Inspeção Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional], [Carta ao Presidente da Direção do MRAR], Lisboa, (1.ago.1956)	151
Doc. 2.3.3. VASCONCELOS, Flório de, [Convocação para Assembleia Geral e eleições], Lisboa, (15.nov.1956)	152
Doc. 2.3.4. SANTOS, J. Maya, Lista a propor nas eleições de outubro de 1958, Lisboa, (ago.1958)	153
Doc. 2.3.5. LEAL, A. de Freitas, Carta ao Inspector Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional, Lisboa, (14.jan.1960)	154
Doc. 2.3.6. [Inspector Superior da Inspeção Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional], [Carta ao Presidente da Direção do MRAR], Lisboa, (26.jan.1960)	155
Doc. 2.3.7. LINO, António, [Convocação para Assembleia Geral e eleições], Lisboa, (9.fev.1961)	156
Doc. 2.3.8. LEAL, A. de Freitas, Carta ao Inspector Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional, Lisboa, (2.ago.1961)	157
Doc. 2.3.9. [Inspector Superior da Inspeção Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional], [Carta ao Presidente da Direção do MRAR], Lisboa, (29.nov.1961)	159
Doc. 2.3.10. SANCHEZ, S. Formosinho, [Convocação para Assembleia Geral e eleições], Lisboa, (14.jan.1963)	160
Doc. 2.3.11. PEREIRA, N. Teotónio, Carta ao Inspector Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional, Lisboa, (6.fev.1963)	161
Doc. 2.3.12. [Inspector Superior da Inspeção Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional], [Carta ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral do MRAR], Lisboa, (4.abr.1963)	163
Doc. 2.3.13. PEREIRA, N. Teotónio, [Convocação para Assembleia Geral e eleições], Lisboa, (18.mar.1965)	164

Doc. 2.3.14.	
PEREIRA, N. Teotónio, Carta ao Inspector Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional, Lisboa, (14.mai.1965)	165
Doc. 2.1.15.	
[Inspector Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional], Carta a N. Teotónio Pereira, Lisboa, (29.jul.1965)	167
Doc. 2.3.16.	
PEREIRA, N. Teotónio, Carta ao Inspector Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional, Lisboa, (6.ago.1965)	168
Doc. 2.3.17.	
[Inspector Superior da Inspeção Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional], [Carta ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral do MRAR], Lisboa, (11.ago.1965)	169
Doc. 2.3.18.	
[PEREIRA, N. Teotónio], Carta ao Inspector Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional, Lisboa, (16.ago.1965)	170
Doc. 2.3.19.	
[Inspector Superior da Inspeção Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional], [Carta ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral do MRAR], Lisboa, (9.dez.1965)	171
Doc. 2.3.20.	
CORSÉPIUS, Erich, [Convocação para Assembleia Geral e eleições], Lisboa, (18.out.1966)	172
Doc. 2.3.21.	
SANCHEZ, S. Formosinho, [Direção proposta nas eleições de outubro de 1966], Lisboa, (26.out.1966)	173
Doc. 2.3.22.	
CORSÉPIUS, Erich, Carta ao Inspector Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional, Lisboa, (11.nov.1966)	174
Doc. 2.3.23.	
[Inspector Superior da Inspeção Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional], [Carta ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral do MRAR], Lisboa, (16.nov.1966)	176
Doc. 2.3.24.	
CORSÉPIUS, Erich, Carta ao Inspector Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional, Lisboa, (11.fev.1967)	177
Doc. 2.3.25.	
[Inspector Superior da Inspeção Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional], [Carta ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral do MRAR], Lisboa, (6.abr.1967)	179
 2.4. MRAR – Relatórios anuais	 180
Doc. 2.4.1.	
[PEREIRA, N. Teotónio], MRAR – Comunicação nº1, Lisboa, (18.fev.1955)	180
Doc. 2.4.2.	
[PEREIRA, N. Teotónio], Relatório da direção provisória 1954-1956, Lisboa, (23.nov.1956)	183
Doc. 2.4.3.	
[REBELO, João Correia], Resumo das receitas e despesas, Lisboa, (23.nov.1956)	186
Doc. 2.4.4.	
[LEAL, A. de Freitas], Programa de atividades para 1959, Lisboa, [nov.1958]	187
Doc. 2.4.5.	
[PEREIRA, N. Teotónio], Relatório da direção – 1961, Lisboa, (31.mar.1962)	189
Doc. 2.4.6.	
MENDONÇA, Maria José de, [Resumo das receitas e despesas – 1962], Lisboa, (31.dez.1962)	192
Doc. 2.4.7.	
[PEREIRA, N. Teotónio], Relatório da direção – 1962, Lisboa, (17.jan.1963)	193
Doc. 2.4.8.	
[CORSÉPIUS, Erich], [Resumo das receitas e despesas – 1963], Lisboa, (31.dez.1963)	196
Doc. 2.4.9.	
[SANCHEZ, S. Formosinho], Relatório da direção – 1963, Lisboa, (10.abr.1964)	197
Doc. 2.4.10.	
[SANCHEZ, S. Formosinho], Programa de atividades para 1964, Lisboa, (10.abr.1964)	201
Doc. 2.4.11.	
[CORSÉPIUS, Erich], [Resumo das receitas e despesas – 1964], Lisboa, (31.dez.1964)	202

Doc. 2.4.12.	
[SANCHEZ, S. Formosinho], Relatório da direção – 1964, Lisboa, (25.mar.1965)	203
Doc. 2.4.13.	
[MATOS, Maria do Carmo], [Resumo das receitas e despesas – 1965], Lisboa, (31.dez.1965)	206
Doc. 2.4.14.	
[SANCHEZ, S. Formosinho], Relatório da direção – 1965, Lisboa, (15.mar.1966)	207
Doc. 2.4.15.	
[MATOS, Maria do Carmo], [Resumo das receitas e despesas – 1966], Lisboa, (31.dez.1966)	210
Doc. 2.4.16.	
[MATOS, Maria do Carmo], [Resumo das receitas e despesas – 1967], Lisboa, (31.dez.1967)	211
 2.5. MRAR – Crise, reformulação e ocaso [1965-69]	 212
Doc. 2.5.1.	
SANCHEZ, S. Formosinho, [Carta a Erich Corsépius], Lisboa, (22.abr.1966)	212
Doc. 2.5.2.	
SANCHEZ, S. Formosinho, [Carta aos sócios efetivos do MRAR], Lisboa, (17.mai.1966)	213
Doc. 2.5.3.	
CORSÉPIUS, Erich, Circular, Lisboa, (29.jun.1966)	214
Doc. 2.5.4.	
CLETO, Albino, [Resposta ao inquérito], [jul.1966]	215
Doc. 2.5.5.	
RIBEIRO, António Flores, [Resposta ao inquérito], [jul.1966]	216
Doc. 2.5.6.	
LEAL, António de Freitas, [Resposta ao inquérito], [jul.1966]	217
Doc. 2.5.7.	
PIMENTEL, Diogo Lino, [Resposta ao inquérito], [jul.1966]	218
Doc. 2.5.8.	
NUNES, Elisabeth Évora, [Resposta ao inquérito], [jul.1966]	219
Doc. 2.5.9.	
CORSÉPIUS, Erich, [Resposta ao inquérito], [jul.1966]	220
Doc. 2.5.10.	
FIGUEIRA, Francisco Manuel, [Resposta ao inquérito], [jul.1966]	221
Doc. 2.5.11.	
GALVÃO, Henrique de Noronha, [Resposta ao inquérito], [jul.1966]	222
Doc. 2.5.12.	
CABRAL, Madalena, [Resposta ao inquérito], [jul.1966]	223
Doc. 2.5.13.	
MATOS, Maria do Carmo Ribeiro de, [Resposta ao inquérito], [jul.1966]	224
Doc. 2.5.14.	
MENDONÇA, Maria José de, [Resposta ao inquérito], [jul.1966]	225
Doc. 2.5.15.	
LEITE, Maria Luísa Marinho Leite, [Resposta ao inquérito], [jul.1966]	226
Doc. 2.5.16.	
PORTAS, Nuno, [Resposta ao inquérito], [jul.1966]	227
Doc. 2.5.17.	
PEREIRA, Nuno Teotónio, [Resposta ao inquérito], [jul.1966]	228
Doc. 2.5.18.	
SANCHEZ, Sebastião Formosinho, [Resposta ao inquérito], [jul.1966]	229
Doc. 2.5.19.	
Resultados do inquérito [jul.1966]	230
Doc. 2.5.20.	
CORSÉPIUS, Erich, Circular, Lisboa, (21.jul.1966)	233
Doc. 2.5.21.	
PORTAS, Nuno, [Proposta para o MRAR], Lisboa, (4.out.1966)	234
Doc. 2.5.22.	
CORSÉPIUS, Erich, [Carta a S. Formosinho Sanchez], Lisboa, (17.out.1966)	235
Doc. 2.5.23.	
PORTAS, Nuno [et.al.], MRAR - Programa de trabalho 1966/68, (9.nov.1966)	236

Doc. 2.5.24.	
PORTAS, Nuno [et.al.], Circular, Lisboa, (jan.1968)	244
Doc. 2.5.25.	
PORTAS, Nuno [et.al.], Circular, Lisboa, (6 ago.1969)	246
 2.6. Textos inéditos de sócios	 248
Doc. 2.6.1	
ALMEIDA, João de Almeida, <i>O sentido da moderna arquitectura Suíça</i>, (1953)	248
Doc. 2.6.2	
MENDONÇA, Maria José de, [Passagens de uma conferência proferida na União Noelista], [s.d.]	261
Doc. 2.6.3	
NEMÉSIO, Vitorino, [Palestra semanal na Emissora Nacional], (21.abr.1956)	262

Anexo 3. Imagens	265
3.1. Capítulo 1. 1900-1950: Antecedentes	267
Fig.1.1. Igreja de N. Sra. de Fátima, Lisboa (Porfírio Pardal Monteiro, 1933-38). Planta. Arquitectos , nº7, (nov.-dez.1938), p.190. Vista exterior. Arquitectos , nº7, (nov.-dez.1938), p.211. Vista interior. Arquitectos , nº7, (nov.-dez.1938), p.191. Alçado principal, ante-projeto, (1933). Arquivo SNIP . Perspetiva, ante-projeto, (1933). Arquivo SNIP .	267
Fig.1.2. Capela de N. Sra. de Fátima, Lisboa (Jacinto M. Robalo, 1938). Alçado principal. A Construção , nº3, (25.nov.1938), p.8. Planta. A Construção , nº3, (25.nov.1938), pp.8-9.	268
Fig.1.3. Capela da Colónia Güell, Barcelona, Espanha (Antoni Gaudí, 1898-1915). Perspetiva. AV Monografias , nº95, (mai.-jun.2002), p.4. Planta. DEBUYST, Frédéric, Le renouveau de l'Art sacré de 1920 à 1962, Mame, (1991), p.26. Vista interior. DEBUYST, Frédéric, Le renouveau de l'Art sacré de 1920 à 1962, Mame, (1991), p.26.	269
Fig.1.4. Igreja de Notre-Dame de Raincy, Paris, França (Auguste Perret, 1922-23). Vista exterior. HEATHCOTE, Edwin, SPENS, Iona, Church Builders, Academy Editions, Londres, (1997), p. 29. Vista interior. SCHNELL, Hugo, Twentieth Century Church Architecture in Germany, Verlag Schnell & Steiner, (1974), p.54. Planta. STOCK, Wolfgang Jean, European Church Architecture 1900-1950, Prestel Verlag, (2006), p.93.	270
Fig.1.5. Igreja <i>Circumstantes</i> (Dominikus Böhm, 1923). Planta. DEBUYST, Frédéric, Le renouveau de l'Art sacré de 1920 à 1962, Mame, (1991), p.25. Alçado principal. HEATHCOTE, Edwin, SPENS, Iona, Church Builders, Academy Editions, Londres, (1997), p. 26.	270
Fig.1.6. <i>Sternkirche</i> (Otto Bartning, 1922). Planta. L'Architecture D'Aujourd'Hui, Ano 5, 4ª Série, nº6, (jul.1934), p.53. Corte longitudinal. L'Architecture D'Aujourd'Hui, Ano 5, 4ª Série, nº6, (jul.1934), p.53.	271
Fig.1.7. Igreja de Stella Maris, Nordeney, Alemanha (Dominikus Böhm, 1931). Vista exterior. L'Architecture D'Aujourd'Hui, Ano 5, 4ª Série, nº6, (jul.1934), p.39. Vista interior. L'Architecture D'Aujourd'Hui, Ano 5, 4ª Série, nº6, (jul.1934), p.74. Planta. L'Architecture D'Aujourd'Hui, Ano 5, 4ª Série, nº6, (jul.1934), p.39.	272
Fig.1.8. Igreja de St. Engelbert, Colónia, Alemanha (Dominikus Böhm, 1930-32). Vista exterior. AV Monografias , nº95, (mai.-jun.2002), p.20. Vista interior. SCHNELL, Hugo, Twentieth Century Church Architecture in Germany, Verlag Schnell & Steiner, (1974), p.70. Planta. STOCK, Wolfgang Jean, European Church Architecture 1900-1950, Prestel Verlag, (2006), p.140.	273
Fig.1.9. Igreja de S. Francisco de Assis, Pampulha, Brasil (Óscar Niemeyer, 1940-43). Vista exterior. Informes de la construcción, Ano VIII, nº77, (jan.1956), p.148-41. Vista exterior (tardoz). MINDLIN, Henrique E., L'Architecture Moderne au Brésil, Colibris Editora, 1956, p.160. Vista interior. AV Monografias , nº95, (mai.-jun.2002), p.22. Planta. MINDLIN, Henrique E., L'Architecture Moderne au Brésil, Colibris Editora, 1956, p.160.	274

- Fig.1.10. Igreja de Notre-Dame de Toute Grâce, Plateau d'Assy, França (M. Novarina, 1950). 275
 Vista exterior. *L'Art Sacré*, nº1/2, (set.-out.1950), p.5.
 Vista interior. *L'Art Sacré*, nº1/2, (set.-out.1950), p.4.
 Capa da revista *L'Art Sacré*. *L'Art Sacré*, nº1/2, (set.-out.1950), p.1.
- Fig.1.11. Capela do Rosário, Vence, França (Henri Matisse, 1951). 276
 Vista exterior. *L'Art Sacré*, nº11/12, (jul.-ago.1951), p.20.
 Vista interior. *L'Art Sacré*, nº11/12, (jul.-ago.1951), p.30.
 Capa da revista *L'Art Sacré*. *L'Art Sacré*, nº11/12, (jul.-ago.1951), p.1.
- Fig.1.12. Igreja do Sacré-Cœur, em Audincourt (Maurice Novarina, 1951). 277
 Vista exterior. *L'Art D'Église*, nº3, (1953), p.235.
 Vista interior. *Informes de la construcción*, Ano VIII, nº77, (jan.1956), p.148-37.
 Vista interior (batistério). *L'Art Sacré*, nº9/10, (mai.-jun.1957), p.1.
 Capa da revista *L'Art Sacré*. *L'Art Sacré*, nº3/4, (nov.-dez.1951), p.1.
- Fig.1.13. Capela de Notre-Dame du Haut, Ronchamp, França (Le Corbusier, 1950-55). 278
 Vista exterior (com Le Corbusier). ATANÁSIO, P. Manuel Cardoso Mendes, *Arte Moderna e Arte da Igreja*, MOP-DGSU, Coimbra, (1959), fig.27.
 Vista interior (com Luiz Cunha). Arquivo Luiz Cunha.
 Planta. GRESLERI, Giuliano, GRESLERI, Glauco, *Le Corbusier: Il programma liturgico*, Editrice Compositori, Bologna, (2001), p.107.
 Capa da revista *L'Art Sacré*. *L'Art Sacré*, nº1/2, (set.-out.1955), p.1.
- Fig.1.14. Convento de La Tourette, Eveux, França (Le Corbusier, 1952-60). 279
 Vista exterior. *Architectural Record*, nº7, (jul.1960), p.117.
 Vista interior da igreja. *L'Art Sacré*, nº7/8, (mar.-abr.1960), p.10.
 Plantas. GRESLERI, Giuliano, GRESLERI, Glauco, *Le Corbusier: Il programma liturgico*, Editrice Compositori, Bologna, (2001), p.125.
 Capa da revista *L'Art Sacré*. *L'Art Sacré*, nº7/8, (mar.-abr.1960), p.1.
- Fig.1.15. Igreja de St. Peter und Paul, Stüsslingen, Suíça (Hermann Baur, 1949). 280
 Vista exterior. *L'Art D'Église*, nº3, (1953), p.222.
 Vista interior. Fotografia de João de Almeida. Arquivo SNIP.
 Planta. *L'Art D'Église*, nº3, (1953), p.222.
- Fig.1.16. Igreja de St. Michaels, Basileia, Suíça (Hermann Baur, 1950). 281
 Vista exterior. Fotografia de João de Almeida. *L'Art Sacré*, nº3/4, (nov.-dec.1950), p.23.
 Vista interior. Fotografia de João de Almeida. Arquivo SNIP.
 Planta. CUNHA, Luiz, *Arquitetura Religiosa Moderna*, [Imprensa Portuguesa], Porto, (1957), p.58.
- Fig.1.17. Igreja de Allerheiligen, Basileia, Suíça (Hermann Baur, 1948-51). 282
 Vista exterior. Fotografia de João de Almeida. Arquivo SNIP.
 Vista interior. *L'Art Sacré*, nº1/2, (set.-out.1953), p.32.
 Planta. Hermann Baur, *Architekturmuseum*, Basel, (1994), p.141.
 Batistério com pia batismal de Hans Arp e pintura de Ferdinand Gehr. Hermann Baur, *Architekturmuseum*, Basel, (1994), p.142.
- Fig.1.18. Igreja de Bruderklausenkirche, Birsfelden, Basileia, Suíça (Hermann Baur, 1955-59). 283
 Vista aérea. SMITH, G.E. Kidder, *The New Churches of Europe*, The Architectural Press, Londres, (1964), p.271.
 Vista interior. *Werk*, nº6, (jun.1960), p.197.
 Planta. Hermann Baur, *Architekturmuseum*, Basel, (1994), p.154.

- Fig.1.19. Igreja de St. Josefs-Kirche, Merzig, Alemanha (Hermann Baur, 1957-59). 284
 Vista exterior. **Werk**, nº6, (jun.1960), p.214.
 Vista interior. **Werk**, nº6, (jun.1960), p.212.
 Planta. **Werk**, nº6, (jun.1960), p.212.
- Fig.1.20. Capela de Sainte-Thérèse de l'Enfant-Jésus et de la Sainte-Face, Hem, França (Hermann Baur, 1954-58). 285
 Vista exterior. **Hermann Baur**, *Gewerbemuseum, Basel*, (1975), p.74.
 Vista interior. **Hermann Baur**, *Gewerbemuseum, Basel*, (1975), p.75.
 Planta. **Hermann Baur**, *Architekturmuseum, Basel*, (1994), p.151.
- Fig.1.21. Igreja de St. Karl, Lucerna, Suíça (Fritz Metzger, 1933-34). 286
 Vista exterior. **Fotografia de João de Almeida**. Arquivo SNIP.
 Vista interior. **SMITH, G.E. Kidder**, *Switzerland builds*, The Architectural Press, Londres, (1950), p.137.
 Planta. **SMITH, G.E. Kidder**, *Switzerland builds*, The Architectural Press, Londres, (1950), p.137.
- Fig.1.22. Igreja de St Felix und Regula, Zurique, Suíça (Fritz Metzger, 1945-50). 287
 Vista exterior. **STOCK, Wolfgang Jean**, *European Church Architecture 1950-2000*, Prestel Publishing, (2002), p.34.
 Vista interior. **STOCK, Wolfgang Jean**, *European Church Architecture 1950-2000*, Prestel Publishing, (2002), p.34.
 Planta. **Architettura e Liturgia del Novecento: Esperienze europee a confronto**, Nicolodi editore, (2005), p.84.
- Fig.1.23. Igreja de St. Franciskus, Basileia, Suíça (Fritz Metzger, 1950). 288
 Vista exterior. **Fotografia de João de Almeida**. Arquivo SNIP.
 Vista interior. **Fotografia de João de Almeida**. Arquivo SNIP.
 Planta. **L'Art D'Église**, nº3, (1953), p.218.
- Fig.1.24. Castelo de Burg Rothenfels, Alemanha, (Rudolf Schwarz, 1928). 289
 Vista interior (Sala dos Cavaleiros). **PEHNT, Wolfgang, e STROHL, Hilde**, *Rudolf Schwarz 1897-1961, Electa, Milão*, (2000), p.47.
 Vista interior (Sala do Trono). **PEHNT, Wolfgang, e STROHL, Hilde**, *Rudolf Schwarz 1897-1961, Electa, Milão*, (2000), p.49.
- Fig.1.25. Igreja de St. Fronleichnam, Aachen, Alemanha, (Rudolf Schwarz, 1930). 290
 Vista exterior. **SCHWARZ, Rudolf**, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.18.
 Vista interior. **PEHNT, Wolfgang, e STROHL, Hilde**, *Rudolf Schwarz 1897-1961, Electa, Milão*, (2000), p.87.
 Planta. **SCHWARZ, Rudolf**, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.17.
- Fig.1.26. Igreja de St. Anna, Düren, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1951-56). 291
 Vista exterior. **SCHWARZ, Rudolf**, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.18.
 Vista interior. **SCHWARZ, Rudolf**, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.228.
 Planta. **SCHWARZ, Rudolf**, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.224.
- Fig.1.27. Igreja de St. Maria Königin, Frechen, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1952-54). 292
 Vista exterior. **Fotografia de Nuno Portas**. Arquivo SNIP.
 Vista interior. **Fotografia de Nuno Portas**. Arquivo SNIP.
 Vista interior. **Fotografia de Nuno Portas**. Arquivo SNIP.
 Planta. **SCHWARZ, Rudolf**, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.191.

- Fig.1.28. Igreja de St. Michael, Frankfurt, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1952-56). 293
 Vista exterior. **PEHNT, Wolfgang, e STROHL, Hilde, *Rudolf Schwarz 1897-1961*, Electa, Milão, (2000), p.178.**
 Vista interior. **STOCK, Wolfgang Jean, *European Church Architecture 1950-2000*, Prestel Publishing, (2002), p.40.**
 Planta. **SCHWARZ, Rudolf, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.208.**
- Fig.1.29. Igreja de Heilig Kreuz, Bottrop, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1953-57). 294
 Vista exterior. **PEHNT, Wolfgang, e STROHL, Hilde, *Rudolf Schwarz 1897-1961*, Electa, Milão, (2000), p.186.**
 Vista interior. **SCHWARZ, Rudolf, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.240.**
 Planta. **SCHWARZ, Rudolf, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.236.**
- Fig.1.30. Igreja de St. Maria Königin, Saarbrücken, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1954-61). 295
 Vista exterior. **SCHWARZ, Rudolf, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.277.**
 Vista interior. **SCHWARZ, Rudolf, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.281.**
 Planta. **SCHWARZ, Rudolf, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.278.**
- Fig.1.31. Igreja de St. Bonifatius, Aachen-Forst, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1959-61). 296
 Vista exterior. **PEHNT, Wolfgang, e STROHL, Hilde, *Rudolf Schwarz 1897-1961*, Electa, Milão, (2000), p.336.**
 Vista interior. **PEHNT, Wolfgang, e STROHL, Hilde, *Rudolf Schwarz 1897-1961*, Electa, Milão, (2000), p.336.**
 Planta. **SCHWARZ, Rudolf, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.307.**
- Fig.1.32. Igreja de S. Franziskus, Essen, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1954-57). 297
 Vista exterior. **SCHWARZ, Rudolf, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.265.**
 Vista interior. **SCHWARZ, Rudolf, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.269.**
 Planta. **SCHWARZ, Rudolf, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.262.**
- Fig.1.33. Igreja de St. Antonius, Essen-Frohnhausen, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1956-59). 298
 Vista exterior. **SCHWARZ, Rudolf, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.289.**
 Vista interior. **SCHWARZ, Rudolf, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.291.**
 Planta. **SCHWARZ, Rudolf, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.286.**
- Fig.1.34. Igreja de St. Christophorus, Köln-Niehl, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1954-59). 299
 Vista exterior. **PEHNT, Wolfgang, e STROHL, Hilde, *Rudolf Schwarz 1897-1961*, Electa, Milão, (2000), p.325.**
 Vista interior. **SCHWARZ, Rudolf, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.299.**
 Planta. **SCHWARZ, Rudolf, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.297.**
- Fig.1.35. Igreja de Heilige Familie, Oberhausen, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1955-58). 300
 Vista exterior. **SCHWARZ, Rudolf, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.271.**
 Vista interior. **SCHWARZ, Rudolf, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.273.**
 Planta. **SCHWARZ, Rudolf, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.270.**
- Fig.1.36. Igreja de St. Theresia, Linz-Keferfeld, Áustria (Rudolf Schwarz, 1956-63). 301
 Vista exterior. **STOCK, Wolfgang Jean, *European Church Architecture 1950-2000*, Prestel Publishing, (2002), p.80.**
 Vista interior. **STOCK, Wolfgang Jean, *European Church Architecture 1950-2000*, Prestel Publishing, (2002), p.82.**
 Planta. **STOCK, Wolfgang Jean, *European Church Architecture 1950-2000*, Prestel Publishing, (2002), p.80.**

- Fig.1.37. Igreja de St. Elisabeth, Opladen, Alemanha (Emil Steffann, 1953-57). 302
 Vista exterior. *L'Art Sacré*, nº3/4, (nov.-dez.1959), p.14.
 Vista interior. *L'Art Sacré*, nº3/4, (nov.-dez.1959), p.15.
 Planta. LIENHARDT, Conrad, *Emil Steffann (1899-1968): Werk, Theorie, Wirkung*, Schnell & Steiner, (1999), p.47.
 Capa da revista *L'Art Sacré*. *L'Art Sacré*, nº3/4, (nov.-dez.1959), p.1.
- Fig.1.38. Igreja de Sta Maria in den Benden, Düsseldorf, Alemanha (Emil Steffann, 1956-59). 303
 Vista exterior. *L'Art Sacré*, nº3/4, (nov.-dez.1959), p.16-17.
 Vista interior. *L'Art Sacré*, nº3/4, (nov.-dez.1959), p.18.
 Planta. LIENHARDT, Conrad, *Emil Steffann (1899-1968): Werk, Theorie, Wirkung*, Schnell & Steiner, (1999), p.79.
- Fig.1.39. Igreja de St. Laurentius, Munique, Alemanha (Emil Steffann, 1955). 304
 Vista exterior. LIENHARDT, Conrad, *Emil Steffann (1899-1968): Werk, Theorie, Wirkung*, Schnell & Steiner, (1999), p.16.
 Vista interior. LIENHARDT, Conrad, *Emil Steffann (1899-1968): Werk, Theorie, Wirkung*, Schnell & Steiner, (1999), p.16.
 Planta. LIENHARDT, Conrad, *Emil Steffann (1899-1968): Werk, Theorie, Wirkung*, Schnell & Steiner, (1999), p.16.
- 3.2. Capítulo 2. 1950-1970: Contexto 305
- Fig.2.1. Capela de St. Albert, Kreuzau-Leversbach (Rudolf Schwarz, 1932). 305
 Vista exterior. PEHNT, Wolfgang, e STROHL, Hilde, *Rudolf Schwarz 1897-1961*, Electa, Milão, (2000), p.31.
 Vista interior. SCHWARZ, Rudolf, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.96.
 Planta. SCHWARZ, Rudolf, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.275.
- Fig.2.2. Igreja do Santo Condestável, Lisboa (Vasco Regaleira, 1948-51). 306
 Vista exterior. Arquivo Fotografico CML_
 Vista interior. Arquivo Fotografico CML.
- Fig.2.3. Igreja de São João de Brito, Lisboa (Vasco Regaleira, 1951-55). 307
 Primeiro ante-projeto. Planta. Arquivo SNIP.
 Primeiro ante-projeto. Alçado. Arquivo SNIP.
 Primeira página do jornal *Novidades – Letras e Artes*. O que vai ser em Lisboa a igreja de S. João de Brito, *Novidades – Letras e Artes*, (26.ago.1951), p.1.
 Vista exterior. BÁRBARA, Artur Santa, *A Igreja da Avenida da Igreja, Flama*, (16.set.1955), p.8.
- Fig.2.4. Igreja de São João de Deus, Lisboa (António Lino, 1953). 308
 Vista exterior. [Em linha], [Consult. 5.set.2013], Disponível em WWW:<URL: <http://paroquiasaojoaodeus.pt/index.php?/por/Historia/Fotografias-Antigas/Apos-a-inauguracao-em-1953>.
 Vista interior. [Em linha], [Consult. 5.set.2013], Disponível em WWW:<URL: <http://paroquiasaojoaodeus.pt/index.php?/por/Historia/Fotografias-Antigas/Vista-interna-da-Igreja-durante-uma-celebracao.-Nave-central-Inicio-da-decada-de-60>.
 Planta. Arquivo SNIP.
- Fig.2.5. Capela de N. Sra. de Fátima, Rinchoa, Sintra (João Braula Reis, 1950). 309
 Vista exterior. *Capela na Rinchoa – Braula Reis, Arquitectura*, nº37, (fev.1951), p.9.
 Vista exterior (campanário). *Capela na Rinchoa – Braula Reis, Arquitectura*, nº37, (fev.1951), p.10.
 Planta. *Capela na Rinchoa – Braula Reis, Arquitectura*, nº37, (fev.1951), p.10.

- Fig.2.6. Capela e ossário do Cemitério de N. Sra. das Angústias, Funchal (Raul Chorão Ramalho, 1950-58). 310
 Vista exterior. **Capela e ossário; cemitério do Funchal (1951-58), *Binário*, nº3, (jun.1958), p.36.**
 Vista interior. **Capela e ossário; cemitério do Funchal (1951-58), *Binário*, nº3, (jun.1958), p.38.**
 Planta. **Capela e ossário; cemitério do Funchal (1951-58), *Binário*, nº3, (jun.1958), p.34.**
- Fig.2.7. Igreja de N. Sra. de Fátima, Águas, Penamacor (N. Teotónio Pereira, 1949-57). 311
 Estudos. **TOSTÕES, Ana (coord.), *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*, Ed. Quimera, (2004), p.137.**
 Vista exterior. **ATANÁSIO, P. Manuel Cardoso Mendes, *Arte Moderna e Arte da Igreja*, MOP-DGSU, Coimbra, (1959), fig.72.**
 Vista interior. **ATANÁSIO, P. Manuel Cardoso Mendes, *Arte Moderna e Arte da Igreja*, MOP-DGSU, Coimbra, (1959), fig.74.**
 Planta. **CUNHA, Luiz, *Arquitectura Religiosa Moderna*, [Imprensa Portuguesa], Porto, (1957), p.82.**
- Fig.2.8. Igreja de Sto António, Moscaide (João de Almeida e A. Freitas Leal, 1953-56). 312
 Perspetiva. **Arquivo António de Freitas Leal.**
 Vista exterior. **Arquivo António de Freitas Leal.**
 Vista interior. **Arquivo António de Freitas Leal.**
 Vista interior (batistério). **Arquivo António de Freitas Leal.**
 Planta. **CUNHA, Luiz, *Arquitectura Religiosa Moderna*, [Imprensa Portuguesa], Porto, (1957), p.81.**
- Fig.2.9. Capela de N. Sra. de Fátima, Picote (Manuel N. Almeida, 1956-58). 313
 Maquete. **Arquivo SNIP.**
 Vista exterior. ***Colóquio – Artes e Letras*, nº 8, (abr.1960), p.14.**
 Vista interior. ***Colóquio – Artes e Letras*, nº 8, (abr.1960), p.14.**
 Planta. **CUNHA, Luiz, *Arquitectura Religiosa Moderna*, [Imprensa Portuguesa], Porto, (1957), p.80.**
- Fig.2.10. Igreja de Liebfrauen, Trier, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1950-53). 314
 Vista interior. **SCHWARZ, Rudolf, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.109.**
 Planta. **SCHWARZ, Rudolf, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.108.**
- Fig.2.11. Igreja de Mülheim, Colónia, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1952-55). 315
 Vista exterior. **SCHWARZ, Rudolf, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.159.**
 Vista interior. **SCHWARZ, Rudolf, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.160.**
 Planta. **SCHWARZ, Rudolf, *Kirchenbau*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg, (1960), p.157.**
- Fig.2.12. Entre Deus e os Homens, *Novellae Olivarum*. 316
 Capa e contracapa (Zacarias Nascimento). ***Novellae Olivarum*, Ano XVI, nº171, (mai.-jun.-jul.1960).**
- Fig.2.13. Congresso Nazionale di Architettura Sacra, Bolonha, Itália (23-25.set.1955). 316
 Congresso. ***Dieci Anni di Architettura Sacra in Italia 1945-1955*, Ufficio tecnico organizzativo arcivescovile, Bolonha, (1956), p.19.**
 Exposição. ***Dieci Anni di Architettura Sacra in Italia 1945-1955*, Ufficio tecnico organizzativo arcivescovile, Bolonha, (1956), p.87.**
- Fig.2.14. Igreja da Beata Vergine Immacolata, Bolonha, Itália (Glauco Gresleri, 1957-61). 317
 Vista exterior. **GRESLERI, Glauco, *Chiesa Parrocchiale della Beata Vergine Immacolata sulla Via Certosa in Bologna*, [Arti grafiche tamari], Bolonha, (1961), p.41.**
 Vista interior. **GRESLERI, Glauco, *Chiesa Parrocchiale della Beata Vergine Immacolata sulla Via Certosa in Bologna*, [Arti grafiche tamari], Bolonha, (1961), p.28.**
 Planta. **GRESLERI, Glauco, *Chiesa Parrocchiale della Beata Vergine Immacolata sulla Via Certosa in Bologna*, [Arti grafiche tamari], Bolonha, (1961), p.63.**

Fig.2.15. Igrejas provisórias, Bolonha. San Vincenzo de Paoli, Bolonha (Glauco Gresleri, 1956). Vista exterior. GRESLERI, Glauco, BEATRICE, Bettazzi M., GRESLERI, Giuliano, <i>Chiesa et quartiere: storia di una rivista e di un movimento per l'architettura a Bologna</i>, Editrice Compositori, Bologna, (2004), p.23. Sant'Eugenio, Bolonha (Glauco Gresleri, 1958). Vista interior. GRESLERI, Glauco, BEATRICE, Bettazzi M., GRESLERI, Giuliano, <i>Chiesa et quartiere: storia di una rivista e di un movimento per l'architettura a Bologna</i>, Editrice Compositori, Bologna, (2004), p.25. San Giuseppe Lavatore, Bolonha (Glauco Gresleri, 1958). Vista interior. <i>Chiesa e Quartiere</i>, nº6, (jun.1958), p.58.	318
Fig.2.16. Igreja de S. Giovanni Battista, Fiesole, Florença, Itália (Glauco Gresleri, 1959-62). Vista exterior. ROSA, Giancarlo, <i>Glauco Gresleri – L'ordine del progetto</i>, Edizioni Kappa, Roma, (1988), p.33. Planta. ROSA, Giancarlo, <i>Glauco Gresleri – L'ordine del progetto</i>, Edizioni Kappa, Roma, (1988), p.33.	319
Fig.2.17. Igreja de S. Pio X, Bolonha, Itália (Giorgio Trebbi, 1957-62). Vista interior. GRESLERI, Glauco, BEATRICE, Bettazzi M., GRESLERI, Giuliano, <i>Chiesa et quartiere: storia di una rivista e di un movimento per l'architettura a Bologna</i>, Editrice Compositori, Bologna, (2004), p.187. Planta. <i>Chiesa e Quartiere</i>, nº21, (mar.1962), p.27.	319
Fig.2.18. Capela provisória do Bairro da Liberdade, Lisboa (N. Teotónio Pereira). Vista exterior. Arquivo SNIP. Vista interior. Arquivo SNIP.	320
Fig.2.19. Capela provisória da Curraleira, Lisboa (P. Frederico Waalders). Vista exterior. Arquivo SNIP. Vista interior. Arquivo SNIP.	320
3.3. Capítulo 3. MRAR: história	321
Fig.3.1. Ferdinand Gehr, Teresa Medeiros de Almeida e Hermann Baur, Suíça (s.d.). Fotografia de João de Almeida. Arquivo SNIP.	321
Fig.3.2. João de Almeida e Ferdinand Gehr, Oberwil, Suíça (1957). <i>Ferdinand Gehr, 1896-1996</i>, Edição do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão e Kunstverein St.Gallen Kunstmuseum, Lisboa, (2001), p.14.	321
Fig.3.3. Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea: folheto (abr.1953). Arquivo MRAR.	322
Fig.3.4. Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea: painéis (abr.1953). Arquivo MRAR.	323
Fig.3.5. Igreja de N. Sra de Fátima, Porto (Fortunato Cabral, Mário M. Soares e Cunha Leão, 1936). Vista exterior. Arquivo SNIP. Vista interior. Arquivo SNIP. Planta. Arquivo SNIP.	347
Fig.3.6. Igreja de N. Sra de Fátima, Parede (Guilherme Rebelo de Andrade, 1953). Vista exterior. Arquivo SNIP.	348

Fig.3.7. Igreja de S. Gabriel, Vendas Novas (Jorge Segurado, 1951). Vista exterior. FERNANDES, José Manuel, <i>Arquitectos Segurado, INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda, (2011), p.59.</i> Vista interior. <i>O Cronista, (1951).</i>	348
Fig.3.8. Igreja de N. Sra da Conceição, Porto (Dom Paul Bellot, 1947). Vista exterior. ESTIMA, Alberto Jorge, <i>Considerações em torno de duas igrejas iniciadas na década de 1930, Ciências e Técnicas do Património, Série I, Vol. II, Porto, (2003), p.159.</i> Vista interior. ESTIMA, Alberto Jorge, <i>Considerações em torno de duas igrejas iniciadas na década de 1930, Ciências e Técnicas do Património, Série I, Vol. II, Porto, (2003), p.159.</i>	349
Fig.3.9. Catedral de Lourenço Marques, Moçambique (Freitas e Costa, 1944). Vista exterior. FERNANDES, José Manuel, <i>Geração Africana – Arquitectura e cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975, Livros Horizonte, (2002), p.96.</i>	349
Fig.3.10. Igreja de Sainte-Jeanne-D'Arc, Nice, França (Jacques Droz, 1933). Vista exterior. <i>L'Architecture D'Aujourd'Hui, Ano 5, 4ª Série, nº6, (jul.1934), p.38.</i> Vista interior. <i>L'Architecture D'Aujourd'Hui, Ano 5, 4ª Série, nº6, (jul.1934), p.34.</i> Planta. <i>L'Architecture D'Aujourd'Hui, Ano 5, 4ª Série, nº6, (jul.1934), p.38.</i>	350
Fig.3.11. Igreja de St-Antonius, Seraing, Bélgica (Stan Leurs, 1930). Vista exterior. <i>L'Architecture D'Aujourd'Hui, Ano 5, 4ª Série, nº6, (jul.1934), p.49.</i> Vista interior. <i>L'Architecture D'Aujourd'Hui, Ano 5, 4ª Série, nº6, (jul.1934), p.37.</i>	351
Fig.3.12. Igreja de Sainte-Jeanne-D'Arc, Gennevilliers, França (Marcel Favier, 1933). Vista exterior. <i>L'Architecture D'Aujourd'Hui, Ano 5, 4ª Série, nº6, (jul.1934), p.47.</i>	351
Fig.3.13. Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea: Lisboa (abr.1953). Arquivo SNIP.	352
Fig.3.14. Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea: Porto (jun.1953). Arquivo SNIP.	352
Fig.3.15. Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea: Ponta Delgada (jan.1954). Vista interior. CALDAS, João Vieira (coord.), <i>João Correia Rebelo: um arquitecto moderno nos Açores, IAC - Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo, (2002), p.40.</i>	353
Fig.3.16. Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea: Braga (out.1954). Arquivo SNIP.	353
Fig.3.17. 1º Encontro para Universitários, Lisboa, Externato dos Maristas, (30.abr.-1.mai.1954). Arquivo SNIP.	354
Fig.3.18. António Lino, Natividade (cartões de Boas Festas), (dez.1955). Arquivo SNIP.	355
Fig.3.19. Exposição de Arte Sacra Moderna, Galeria Pórtico, Lisboa (mar.-abr.1956). S. Mamede (Jorge Vieira). Arquivo SNIP. Crucifixo (Hein Semke). Arquivo SNIP. S. João de Brito (Joaquim Correia). Arquivo SNIP. S. Francisco (António Paiva). Arquivo SNIP. Maquete para a abside da igreja de N. Sra. de Fátima, Póvoa de Sta. Iria (Manuel Lapa). Arquivo SNIP. Sagrado Coração de Maria e porta de sacrário em bronze da igreja do Coração de Jesus, Covilhã (Graziela Albino). Arquivo SNIP. Porta de sacrário em gesso (Graziela Albino). Arquivo SNIP. Via Sacra da Catedral de Nova Lisboa (Barata Feyo). Arquivo SNIP.	356

Fig.3.20. Exposição de Arte Sacra Moderna, (mar.-abr.1956). Catálogo. Arquivo SNIP.	358
Fig.3.21. IV Congresso Internacional de Liturgia, Assis (18-22.set.1956). Vista da assistência. <i>Ora et Labora</i>, Ano 3, nº6, (1956), p.255. Vista da presidência. <i>Ora et Labora</i>, Ano 3, nº6, (1956), p.255.	358
Fig.3.22. Jorge Vieira, Natividade (cartões de Boas Festas), (dez.1956). Arquivo SNIP.	359
Fig.3.23. Concurso de ante-projetos para a igreja do Agrupamento de Casas Económicas de Benfica, Lisboa (1956). Fernando Schiappa de Campos (primeiro classificado). Arquivo Fernando Schiappa de Campos. Raul Chorão Ramalho (segundo classificado). Arquivo Raul Chorão Ramalho (IHRU – SIPA). João Correia de Rebelo (terceiro classificado). CALDAS, João Vieira (coord.), <i>João Correia Rebelo: um arquitecto moderno nos Açores</i>, IAC - Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo, (2002), p.60. António de Freitas Leal (não premiado). Arquivo António de Freitas Leal.	360
Fig.3.24. Concurso para um santuário em Loulé (1957). Luiz Cunha. Arquivo Luiz Cunha.	362
Fig.3.25. Igreja de N. Sra de Fátima, Póvoa de Santa Iria (José Bastos, 1956). Perspetiva. Arquivo SNIP. Perspetiva. Arquivo SNIP. Planta. Arquivo SNIP. Ábside. Fotografia de João Alves da Cunha.	363
Fig.3.26. Virgem com o Menino, século XIV (cartão de Boas Festas), (dez.1956). Arquivo SNIP.	364
Fig.3.27. Curso de Arquitetura Sacra: visita à igreja de S. Vicente, Lisboa (4.jan.1957). Arquivo SNIP.	364
Fig.3.28. Museu de Arte e Arqueologia do Seminário Maior do Porto (mar.1957). Arquivo SNIP.	365
Fig.3.29. Igreja em Tumaco, Colômbia (Paul Lester Wiener e José Luis Sert, não construída). Maquete. CUNHA, Luiz, <i>Arquitectura Religiosa Moderna</i>, [Imprensa Portuguesa], Porto, (1957), p.53. Planta. CUNHA, Luiz, <i>Arquitectura Religiosa Moderna</i>, [Imprensa Portuguesa], Porto, (1957), p.52.	366
Fig.3.30. Igreja unitária, Madison, Wisconsin, E.U.A. (Frank Lloyd Wright, 1951). Vista exterior. GEVA, Anat, <i>Frank Lloyd Wright's Sacred Architecture</i>, Routledge, (2012), p.100. Planta. GEVA, Anat, <i>Frank Lloyd Wright's Sacred Architecture</i>, Routledge, (2012), p.67.	366
Fig.3.31. Igreja protestante em Altstetten, Zurique, Suíça (Werner Moser, 1941). Vista exterior. SMITH, G.E. Kidder, <i>Switzerland builds</i>, The Architectural Press, (1950), p.147. Vista interior. SMITH, G.E. Kidder, <i>Switzerland builds</i>, The Architectural Press, (1950), p.146. Vista exterior. SMITH, G.E. Kidder, <i>Switzerland builds</i>, The Architectural Press, (1950), p.149.	367

- Fig.3.32. Igreja de San Vincenzo de Paoli, La Martella (Ludovico Quaroni, 1951-54) 368
 Vista exterior. **GRESLERI, Glauco, BEATRICE, Bettazzi M., GRESLERI, Giuliano, *Chiesa et quartiere: storia di una rivista e di un movimento per l'architettura a Bologna*, Editrice Compositori, Bologna, (2004), p.73.**
 Vista interior. **PORTAS, Nuno, Igreja para a comunidade de La Martella e Igreja para o Bairro INA-Casa em Baggio, *Arquitectura*, nº60, (out.1957), p.33.**
 Planta. **PORTAS, Nuno, Igreja para a comunidade de La Martella e Igreja para o Bairro INA-Casa em Baggio, *Arquitectura*, nº60, (out.1957), p.31.**
- Fig.3.33. Igreja de Madonna dei Poveri, Baggio (Luigi Figini e Gino Pollini, 1952-54). 369
 Vista exterior. **SMITH, G.E. Kidder, *The New Churches of Europe*, The Architectural Press, (1964), p.191.**
 Vista interior. **SMITH, G.E. Kidder, *The New Churches of Europe*, The Architectural Press, (1964), p.195.**
 Planta. **SMITH, G.E. Kidder, *The New Churches of Europe*, The Architectural Press, (1964), p.191.**
- Fig.3.34. Igreja de Santo Isidro, Colónia Agrícola de Pegões (Eugénio Correia, 1957). 370
 Vista exterior. **PEREIRA, N. Teotónio, [et.al.], *Santo Isidro de Pegões – Contrastes de um Património a Preservar*, Lisboa, Edições Colibri, Montijo, Câmara Municipal do Montijo, (2009), p.41.**
 Vista interior. **A obra social da Colónia Agrícola de Pegões, *Diário de Notícias*, (21.jan.1957), p.6.**
 Planta. **PEREIRA, N. Teotónio, [et.al.], *Santo Isidro de Pegões – Contrastes de um Património a Preservar*, Lisboa, Edições Colibri, Montijo, Câmara Municipal do Montijo, (2009), p.186.**
- Fig.3.35. Igreja do Imaculado Coração de Maria, Alto da Manga, Beira, Moçambique (João Garizo do Carmo, 1961). 371
 Vista exterior. **PEREIRA, N. Teotónio, [et.al.], *Santo Isidro de Pegões – Contrastes de um Património a Preservar*, Lisboa, Edições Colibri, Montijo, Câmara Municipal do Montijo, (2009), p.84.**
- Fig.3.36. Igreja de S. Lourenço de Bustos, em Oliveira do Bairro (António Rocha Carneiro, 1964). 371
 Vista exterior. **[Em linha], [Consult. 10.set.2013], Disponível em WWW:<URL: <http://noticiasdebustos.blogspot.pt/2009/08/bustos-igreja-nova-badalou-em-1964.html?q=a+constru%C3%A7%C3%A3o+da+igreja>**
- Fig.3.37. Exposição de Arte Sacra Moderna, Paço Episcopal do Porto: catálogo (jun.1959). 374
Arquivo SNIP.
- Fig.3.38. Exposição de Arte Sacra Moderna, Paço Episcopal do Porto: painéis (jun.1959). 372
Arquivo SNIP.
- Fig.3.39. Exposição de Arte Sacra Moderna, Paço Episcopal do Porto: inauguração (20.jun.1959). 374
CLETO, Albino, Uma exposição no Porto revela-nos uma Arte Sacra Moderna em Portugal, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano I, nº4, (out.-nov.1959), p.24.
- Fig.3.40. Catedral de Coventry, Reino Unido (Sir Basil Spence, 1962). 375
 Vista exterior. ***The Architectural Review*, nº785, (jul.1962), p.29.**
 Vista interior. ***The Architectural Review*, nº785, (jul.1962), p.36.**
 Planta. ***The Architectural Review*, nº785, (jul.1962), p.27.**
- Fig.3.41. Exposição de Arte Sacra Moderna, Museu de Alberto Sampaio, Guimarães (mar.1960). 376
Arquivo SNIP.
- Fig.3.42. Exposição de Arte Sacra Moderna, Museu de Alberto Sampaio, Guimarães: Catálogo (mar.1960). 378
Arquivo SNIP.

Fig.3.43. Exposição de Arte Sacra Moderna, Museu de Santa Joana, Aveiro: Catálogo (abr.1960). Arquivo SNIP.	378
Fig.3.44. A. Freitas Leal e Diogo L. Pimentel com Cardeal D. Giacomo Lercaro, Instituto Superior Técnico, Lisboa (10.out.1960). Arquivo pessoal Diogo Lino Pimentel.	379
Fig.3.45. Diogo Alcoforado, cartões de Natal (dez.1960). Arquivo SNIP.	380
Fig.3.46. José Escada, capa do Boletim MRAR, 2ª série, nº1 (jun.1961). Arquivo SNIP.	381
Fig.3.47. António Lino, propostas para logótipo do MRAR (s.d.). Arquivo SNIP.	381
Fig.3.48. Igreja de Nagele, Holanda (Van den Broek & Bakema, 1958-62). Vista exterior. SMITH, G.E. Kidder, <i>The New Churches of Europe</i>, The Architectural Press, (1964), p.224. Vista interior. SMITH, G.E. Kidder, <i>The New Churches of Europe</i>, The Architectural Press, (1964), p.225. Planta. SMITH, G.E. Kidder, <i>The New Churches of Europe</i>, The Architectural Press, (1964), p.224.	382
Fig.3.49. Capela do crematório de Gävle, Suécia (Alf Engström, Gunnar Landberg, Bengt Larsson e Alvar Törneman, 1954). Vista exterior. SMITH, G.E. Kidder, <i>The New Churches of Europe</i>, The Architectural Press, (1964), p.251. Vista interior. SMITH, G.E. Kidder, <i>The New Churches of Europe</i>, The Architectural Press, (1964), p.254. Planta. SMITH, G.E. Kidder, <i>The New Churches of Europe</i>, The Architectural Press, (1964), p.255.	383
Fig.3.50. Capela da Universidade Técnica, Otaniemi, Finlândia (Kaija e Heikki Siren, 1957). Vista exterior. SMITH, G.E. Kidder, <i>The New Churches of Europe</i>, The Architectural Press, (1964), p.61. Vista interior. SMITH, G.E. Kidder, <i>The New Churches of Europe</i>, The Architectural Press, (1964), p.66. Planta. SMITH, G.E. Kidder, <i>The New Churches of Europe</i>, The Architectural Press, (1964), p.63.	384
Fig.3.51. Igreja de Orivesi, Finlândia (Kaija e Heikki Siren, 1961). Vista exterior. SMITH, G.E. Kidder, <i>The New Churches of Europe</i>, The Architectural Press, (1964), p.69. Vista interior. SMITH, G.E. Kidder, <i>The New Churches of Europe</i>, The Architectural Press, (1964), p.71. Planta. SMITH, G.E. Kidder, <i>The New Churches of Europe</i>, The Architectural Press, (1964), p.68.	385
Fig.3.52. Igreja de St. Johannes der Täufer, Leverkusen, Alemanha (Fritz Schaller, 1957-62). Vista exterior. Architecture Religieuse, <i>L'Architecture d'Aujourd'hui</i>, Paris, nº96, (jun.-jul.1961). Vista interior. Architecture Religieuse, <i>L'Architecture d'Aujourd'hui</i>, Paris, nº96, (jun.-jul.1961). Planta. Architecture Religieuse, <i>L'Architecture d'Aujourd'hui</i>, Paris, nº96, (jun.-jul.1961).	386
Fig.3.53. Igreja de BruderKlausen, Colónia, Alemanha (Fritz Schaller, 1956-57). Vista exterior. Architecture Religieuse, <i>L'Architecture d'Aujourd'hui</i>, Paris, nº96, (jun.-jul.1961). Vista interior. Architecture Religieuse, <i>L'Architecture d'Aujourd'hui</i>, Paris, nº96, (jun.-jul.1961). Planta. Ars Sacra, Overstolzen-Haus Köln, (1964), p.(70).	387

- Fig.3.54. Convento de Clarissas, Ostende, Bélgica (Paul Félix, 1959). 388
 Vista exterior. **Architecture Religieuse, L'Architecture d'Aujourd'Hui**, Paris, nº96, (jun.-jul.1961), p.62.
 Vista interior. **ATANÁSIO, P. Manuel Cardoso Mendes, Arte Moderna e Arte da Igreja, MOP-DGSU, Coimbra, (1959), fig.14.**
 Planta. **Architecture Religieuse, L'Architecture d'Aujourd'Hui**, Paris, nº96, (jun.-jul.1961), p.64.
- Fig.3.55. Igreja de Nuestra Señora de los Ángeles, Vitória, Espanha (Javier Carvajal Ferrer e José Maria Garcia Paredes, 1958-1960). 389
 Vista exterior. **SMITH, G.E. Kidder, The New Churches of Europe, The Architectural Press, (1964), p.238.**
 Vista interior. **Architecture Religieuse, L'Architecture d'Aujourd'Hui**, Paris, nº96, (jun.-jul.1961), p.86.
 Planta. **Architecture Religieuse, L'Architecture d'Aujourd'Hui**, Paris, nº96, (jun.-jul.1961), p.86.
- Fig.3.56. Igreja da Sacra Famiglia, Génova, Itália (Ludovico Quaroni, 1956-59). 390
 Vista exterior. **Architecture Religieuse, L'Architecture d'Aujourd'Hui**, Paris, nº96, (jun.-jul.1961), p.26.
 Vista interior. **Architecture Religieuse, L'Architecture d'Aujourd'Hui**, Paris, nº96, (jun.-jul.1961), p.27.
 Planta. **Architecture Religieuse, L'Architecture d'Aujourd'Hui**, Paris, nº96, (jun.-jul.1961), p.28.
- Fig.3.57. Igreja de Santa Maria Nascente, Milão, Itália (Vico Magistretti e Mario Tedeschi, 1947-55). 391
 Vista exterior. **Le nuove chiese di Milano, Comitato per le Nuove Chiese – Arcivescovado di Milano, (1962), p.119.**
 Vista interior. **Le nuove chiese di Milano, Comitato per le Nuove Chiese – Arcivescovado di Milano, (1962), p.120.**
 Planta. **GRESLERI, Glauco, BEATRICE, Bettazzi M., GRESLERI, Giuliano, Chiesa et quartiere: storia di una rivista e di un movimento per l'architettura a Bologna, Editrice Compositori, Bologna, (2004), p.102.**
- Fig.3.58. Igreja de Kolmen Ristin (Três Cruzes), Vuoksenniska, Imatra, Finlândia (Alvar Aalto, 1955-59). 392
 Vista exterior. **Pays Nordiques, L'Architecture d'Aujourd'Hui**, Paris, nº93, (dez.1960-jan.1961), p.11.
 Vista interior. **Pays Nordiques, L'Architecture d'Aujourd'Hui**, Paris, nº93, (dez.1960-jan.1961), p.12.
 Planta. **Pays Nordiques, L'Architecture d'Aujourd'Hui**, Paris, nº93, (dez.1960-jan.1961), p.13.
- Fig.3.59. Igreja de Lakeuden Risti (Travessia da Planície), Seinäjoki, Finlândia (Alvar Aalto, 1951-67). 393
 Vista exterior. **Pays Nordiques, L'Architecture d'Aujourd'Hui**, Paris, nº93, (dez.1960-jan.1961), p.13.
 Vista interior. **Pays Nordiques, L'Architecture d'Aujourd'Hui**, Paris, nº93, (dez.1960-jan.1961), p.13.
 Planta. **Pays Nordiques, L'Architecture d'Aujourd'Hui**, Paris, nº93, (dez.1960-jan.1961), p.14.
- Fig.3.60. Igreja de St Thomas, Vällingby, Suécia (Pedro Celsing, 1958-60). 394
 Vista exterior. **Pays Nordiques, L'Architecture d'Aujourd'Hui**, Paris, nº93, (dez.1960-jan.1961), p.62.
 Vista interior. **Pays Nordiques, L'Architecture d'Aujourd'Hui**, Paris, nº93, (dez.1960-jan.1961), p.63.
 Planta. **Pays Nordiques, L'Architecture d'Aujourd'Hui**, Paris, nº93, (dez.1960-jan.1961), p.64.
- Fig.3.61. Crematório de Lund, Suécia (Svan Backström e Leif Reinus). 395
 Vista exterior. **Pays Nordiques, L'Architecture d'Aujourd'Hui**, Paris, nº93, (dez.1960-jan.1961), p.66.
 Vista interior. **Pays Nordiques, L'Architecture d'Aujourd'Hui**, Paris, nº93, (dez.1960-jan.1961), p.67.
 Planta. **Pays Nordiques, L'Architecture d'Aujourd'Hui**, Paris, nº93, (dez.1960-jan.1961), p.66.
- Fig.3.62. Igreja da Coronación de Nuestra Señora, Vitória, Espanha (Miguel Fisac, 1960). 396
 Vista exterior. **Art d'Église, nº123, (1963), p.296.**
 Vista interior. **SMITH, G.E. Kidder, The New Churches of Europe, The Architectural Press, (1964), p.243.**
 Planta. **SMITH, G.E. Kidder, The New Churches of Europe, The Architectural Press, (1964), p.242.**

- Fig.3.63. Igreja de St. António das Antas, Porto (Fernando Tudela, 1967). 397
 Vista exterior. [Em linha], [Consult. 10.set.2013], Disponível em WWW:<URL: <https://picasaweb.google.com/folhadom/ParQuiaDeSantoAntNioDasAntas#5660367007926938434>.
 Vista interior. [Em linha], [Consult. 10.set.2013], Disponível em WWW:<URL: http://www.paroquia-antas.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=176.
- Fig.3.64. igreja de Macuti, Cidade da Beira, Moçambique (Bernardino Ramalhete, 1961). 397
 Vista exterior. [Em linha], [Consult. 10.set.2013], Disponível em WWW:<URL: <http://www.panoramio.com/photo/2363930>.
- Fig.3.65. Igreja de St. António da Polana, Maputo, Moçambique (Nuno Craveiro Lopes, 1962). 398
 Vista exterior. **FERNANDES, José Manuel, *Geração Africana – Arquitectura e cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975*, Livros Horizonte, (2002), p.60.**
- Fig.3.66. Igreja da Sagrada Família, Luanda, Angola (Sabino Correia e António de Sousa Mendes, 1964). 398
 Vista exterior. **FERNANDES, José Manuel, *Geração Africana – Arquitectura e cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975*, Livros Horizonte, (2002), p.23.**
- Fig.3.67. Igreja reformada de Effretikon, Suíça (Ernst Gisel, 1961). 399
 Vista exterior. **SMITH, G.E. Kidder, *The New Churches of Europe*, The Architectural Press, (1964), pp.276-277.**
 Vista interior. **SMITH, G.E. Kidder, *The New Churches of Europe*, The Architectural Press, (1964), p.281.**
 Planta. **SMITH, G.E. Kidder, *The New Churches of Europe*, The Architectural Press, (1964), p.279.**
- Fig.3.68. Igreja de Kornfeld, Riehen, Suíça (Werner Max Moser, 1964). 400
 Vista exterior. **STOCK, Wolfgang Jean, *European Church Architecture 1950-2000*, Prestel Publishing, (2002), p.254.**
 Vista interior. **STOCK, Wolfgang Jean, *European Church Architecture 1950-2000*, Prestel Publishing, (2002), p.255.**
 Planta. **STOCK, Wolfgang Jean, *European Church Architecture 1950-2000*, Prestel Publishing, (2002), p.257.**
- Fig.3.69. Concurso de ante-projetos para a igreja do S. Coração de Jesus, Lisboa (1962): primeiro classificado (N. Teotónio Pereira, Nuno Portas, Vítor Figueiredo e Vasco Lobo). 401
 Maquete. **Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos, *Arquitectura*, nº76, (out.1962).**
 Alçado principal. **Arquivo SNIP.**
 Planta. **Arquivo SNIP.**
 Perspetiva interior. **Arquivo SNIP.**
- Fig.3.70. Concurso de ante-projetos para a igreja do S. Coração de Jesus, Lisboa (1962): segundo classificado (João Serôdio, Rolando Torgo e Rui Paixão). 402
 Maquete. **Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos, *Arquitectura*, nº76, (out.1962).**
 Perspetiva interior. **Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos, *Arquitectura*, nº76, (out.1962).**
 Planta. **Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos, *Arquitectura*, nº76, (out.1962).**

- Fig.3.71. Concurso de ante-projetos para a igreja do S. Coração de Jesus, Lisboa (1962): terceiro classificado (António Aurélio). **403**
 Maquete. **Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos, *Arquitectura*, nº76, (out.1962).**
 Maquete interior. **Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos, *Arquitectura*, nº76, (out.1962).**
 Planta. **Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos, *Arquitectura*, nº76, (out.1962).**
- Fig.3.72. Concurso de ante-projetos para a igreja do S. Coração de Jesus, Lisboa (1962): quarto classificado (Erich Corsépius). **404**
 Maquete. **Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos, *Arquitectura*, nº76, (out.1962).**
 Perspetiva interior. **Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos, *Arquitectura*, nº76, (out.1962).**
 Perspetiva pátio. **Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos, *Arquitectura*, nº76, (out.1962).**
 Planta. **Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos, *Arquitectura*, nº76, (out.1962).**
- Fig.3.73. Concurso de ante-projetos para a igreja do S. Coração de Jesus, Lisboa (1962): quinto classificado (A. Freitas Leal, Maria do Carmo Matos e Diogo L. Pimentel). **405**
 Maquete. **Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos, *Arquitectura*, nº76, (out.1962).**
 Perspetiva interior. **Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos, *Arquitectura*, nº76, (out.1962).**
 Perspetiva batistério. **Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos, *Arquitectura*, nº76, (out.1962).**
 Planta. **Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos, *Arquitectura*, nº76, (out.1962).**
- Fig.3.74. Concurso de ante-projetos para a igreja do S. Coração de Jesus, Lisboa (1962): trabalhos não premiados. **406**
 Inácio Silva. **Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos, *Arquitectura*, nº76, (out.1962).**
 José Zúquete e José Bruschi. **Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos, *Arquitectura*, nº76, (out.1962).**
 Luís Fernandes Pinto. **Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos, *Arquitectura*, nº76, (out.1962).**
 Alzina Menezes, Teresa Capucho e Clementino Rodrigues. **Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos, *Arquitectura*, nº76, (out.1962).**
 Manuel Travassos Valdez. **Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos, *Arquitectura*, nº76, (out.1962).**
 David Albino e José Luís Porto. **Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos, *Arquitectura*, nº76, (out.1962).**
 José Guilherme Silva e Augusto Galvão. **Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos, *Arquitectura*, nº76, (out.1962).**
- Fig.3.75. Catedral de Tóquio, Japão (Kenzo Tange, 1961-64). **408**
 Vista exterior. ***Architectural Review*, nº10, (out.1965), p.236.**
 Maquete. ***MRAR – Boletim*, 2ª Série, nº19, (mar.1963), p.2.**
 Planta. ***Architectural Review*, nº10, (out.1965), p.236.**

- Fig.3.76. Igreja de N. Sra dos Remédios, bairro social da Sacor, Bobadela (Eduardo Hilário e Alberto Camacho, 1964). 409
 Alçados. **Arquivo da Câmara Municipal de Loures.**
 Cortes. **Arquivo da Câmara Municipal de Loures.**
 Planta. **Arquivo da Câmara Municipal de Loures.**
- Fig.3.77. Paróquia experimental do Padrão da Légua, Porto (Fernando Abrunhosa de Brito, 1962). 410
 Vista exterior. **A experiência do Padrão da Légua, Novas Igrejas, Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado, nº2-3, (abr.-set.1961), p.12.**
 Vista interior. **A experiência do Padrão da Légua, Novas Igrejas, Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado, nº2-3, (abr.-set.1961), p.13.**
No meio deles (capa). **Paróquia Experimental no Padrão da Légua, nº1 (s.d.), nº2 (set.1962), nº3-4 (nov.62).**
- Fig.3.78. Igreja de São Martinho de Cedofeita, Porto (Eugénio Alves de Sousa, 1979). 411
 Vista exterior. Costa, P. Orlando Mota e, **Igreja Paroquial de São Martinho de Cedofeita, Igreja paroquial de S. Martinho de Cedofeita, Porto, (2007), p.34.**
 Vista interior. Costa, P. Orlando Mota e, **Igreja Paroquial de São Martinho de Cedofeita, Igreja paroquial de S. Martinho de Cedofeita, Porto, (2007), p.49.**
 Planta. Costa, P. Orlando Mota e, **Igreja Paroquial de São Martinho de Cedofeita, Igreja paroquial de S. Martinho de Cedofeita, Porto, (2007), p.27.**
- Fig.3.79. Concurso de ante-projetos para a Sé de Bragança (1964): concurso. 412
Arquivo SNIP.
- Fig.3.80. Exposição “Novas Igrejas na Alemanha”, SNBA, Lisboa (abr.1964). 413
 Vista interior. **ALMEIDA, Pedro Vieira de, A exposição das novas igrejas na Alemanha, Colóquio – Revista de Artes e Letras, nº29, (jun.1964), p.32.**
 Vista interior. **ALMEIDA, Pedro Vieira de, A exposição das novas igrejas na Alemanha, Colóquio – Revista de Artes e Letras, nº29, (jun.1964), p.33.**
 Catálogo. **Arquivo SNIP.**
- Fig.3.81. Igreja de St. Johann Capristan, Munique, Alemanha (Sep Ruf, 1960). 414
 Vista exterior. **SMITH, G.E. Kidder, The New Churches of Europe, The Architectural Press, Londres, (1964), p.143.**
 Vista interior. **SMITH, G.E. Kidder, The New Churches of Europe, The Architectural Press, Londres, (1964), p.145.**
 Planta. **SMITH, G.E. Kidder, The New Churches of Europe, The Architectural Press, Londres, (1964), p.142.**
- Fig.3.82. Igreja da Sagrada Família (igreja da Tabaqueira), Albarraque (Jorge Viana, 1964-65). 415
 Vista exterior. **Arquivo SNIP.**
 Vista interior. **Arquivo SNIP.**
 Planta. **Arquivo SNIP.**
- Fig.3.83. Exposição “Paramentaria Moderna”, Sé de Lisboa (jun.1964): catálogo. 416
Arquivo SNIP.
- Fig.3.84. Concurso de ante-projetos para a Sé de Bragança (1964): terceiro classificado (Pedro Vieira de Almeida). 417
 Alçado principal. **Boletim de Informação Pastoral, Lisboa, Junho de 1965, Ano 7, nº39, p.10.**
 Perspetiva interior. **Boletim de Informação Pastoral, Lisboa, Junho de 1965, Ano 7, nº39, p.10.**
 Planta. **Boletim de Informação Pastoral, Lisboa, Junho de 1965, Ano 7, nº39, p.11.**

Fig.3.85. Concurso de ante-projetos para a Sé de Bragança (1964): segundo classificado (S. Formosinho Sanchez e Diogo L. Pimentel). Alçado principal Boletim de Informação Pastoral , Lisboa, Junho de 1965, Ano 7, nº39, p.8. Perspetiva interior. Boletim de Informação Pastoral , Lisboa, Junho de 1965, Ano 7, nº39, p.8. Planta. Boletim de Informação Pastoral , Lisboa, Junho de 1965, Ano 7, nº39, p.9.	418
Fig.3.86. Concurso de ante-projetos para a Sé de Bragança (1964): quarto classificado (J. Maya Santos). Alçado principal. Ora et Labora , Negrelos, Mosteiro de Singeverga, 1965, Ano XII, nº1. Perspetiva interior. Ora et Labora , Negrelos, Mosteiro de Singeverga, 1965, Ano XII, nº1. Planta. Ora et Labora , Negrelos, Mosteiro de Singeverga, 1965, Ano XII, nº1.	419
Fig.3.87. Concurso de ante-projetos para a Sé de Bragança (1964): quarto classificado (Erich Corsépius). Perspetiva exterior. Ora et Labora , Negrelos, Mosteiro de Singeverga, 1965, Ano XII, nº1. Maquete interior. Ora et Labora , Negrelos, Mosteiro de Singeverga, 1965, Ano XII, nº1. Planta. Ora et Labora , Negrelos, Mosteiro de Singeverga, 1965, Ano XII, nº1.	420
Fig.3.88. Concurso de ante-projetos para a Sé de Bragança (1964): primeiro classificado (Luís Vassalo Rosa e Francisco Figueira). Maquete. Concurso de Anteprojectos para a futura Sé de Bragança , <i>Arquitectura</i> , nº 84, (nov.1964). Perspetiva interior. Concurso de Anteprojectos para a futura Sé de Bragança , <i>Arquitectura</i> , nº 84, (nov.1964). Planta. Concurso de Anteprojectos para a futura Sé de Bragança , <i>Arquitectura</i> , nº 84, (nov.1964).	421
Fig.3.89. Complexo paroquial de N. Sra de Fátima, Macau (Manuel Vicente). Perspetiva interior. Arquivo Manuel Vicente (FAUP) . Planta. Arquivo Manuel Vicente (FAUP) .	422
Fig.3.90. Igreja da Nazaré (Fernando Távora, não construída). Alçado principal. MRAR – Boletim , 2ª Série, nº30, (abr.-jun.1966), p.1. Planta. MRAR – Boletim , 2ª Série, nº30, (abr.-jun.1966), p.1.	423
Fig.3.91. Igreja de N. Sra da Conceição, Rio Maior (José Luis Zúquete e José Bruschy, 1966-68). Vista exterior. Arquivo SNIP . Vista interior. Arquivo SNIP . Planta. Arquivo SNIP .	424
3.4. Capítulo 4. MRAR: arquitetura	425
Fig.4.1. Capela de N. Sra. de Fátima, Figueira, Vila do Bispo (A. de Freitas Leal, 1956-61). Estudos. Arquivo António de Freitas Leal . Vista exterior. Arquivo António de Freitas Leal . Vista interior. Arquivo António de Freitas Leal . Planta. Arquivo António de Freitas Leal . Perspetiva. Arquivo António de Freitas Leal .	425
Fig.4.2. Igreja de São Simão, Barco, Fundão (J. Maya Santos, 1956-64). Perspetiva. Arquivo SNIP . Vista exterior. Arquivo SNIP . Vista interior. Boletim de Informação Pastoral , Ano 7, nº37-38, (mar.-abr.-mai.1965), p.19. Planta. Boletim de Informação Pastoral , Ano 7, nº37-38, (mar.-abr.-mai.1965), p.18.	426

- Fig.4.3. Igreja de N. Sra. da Piedade, Vidais, Caldas da Rainha (A. de Freitas Leal, 1958-63). **427**
 Estudos. **Arquivo António de Freitas Leal.**
 Vista exterior. **Arquivo António de Freitas Leal.**
 Vista interior. **Arquivo António de Freitas Leal.**
 Planta. **Arquivo António de Freitas Leal.**
 Perspetiva. **Arquivo António de Freitas Leal.**
- Fig.4.4. Igreja de São Mamede, Negrelos, Santo Tirso (Luiz Cunha, 1961-65). **428**
 Vista exterior. **Arquitectura, nº102, (mar.-abr.1968), p.68.**
 Vista interior. **Arquitectura, nº102, (mar.-abr.1968), p.71.**
 Perspetiva. **Arquitectura, nº102, (mar.-abr.1968), p.69.**
 Planta. **Arquitectura, nº 102, (mar.-abr.1968), p.68.**
- Fig.4.5. Igreja do Seminário Dominicano do Olival, Aldeia Nova, Ourém (Diogo L. Pimentel, 1964-65). **429**
 Vista exterior. **Arquivo SNIP.**
 Vista interior. **Arquivo SNIP.**
 Planta. **Arquivo SNIP.**
- Fig.4.6. Igreja de N. Sra. de Fátima, Póvoa do Valado, Aveiro (Carlos Ferreira Pinto, 1964). **430**
 Corte longitudinal. **Arquivo Câmara Municipal de Aveiro.**
 Alçado lateral. **Arquivo Câmara Municipal de Aveiro.**
 Alçado principal. **Arquivo Câmara Municipal de Aveiro.**
 Planta. **Arquivo Câmara Municipal de Aveiro.**
- Fig.4.7. Igreja de N. Sra. de Fátima, Póvoa do Valado, Aveiro (Luiz Cunha, 1964-68). **431**
 Vista exterior. **Arquivo Luiz Cunha.**
 Vista interior. **Arquivo Luiz Cunha.**
 Planta. **Arquivo Câmara Municipal de Aveiro.**
- Fig.4.8. Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Fátima (Fernando Peres, 1960). **432**
 Perspetiva. **Arquivo Dominicanos de Fátima.**
 Planta. **Arquivo Dominicanos de Fátima.**
- Fig.4.9. Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Fátima (Fernando Távora, 1961). **432**
 Corte longitudinal. **BANDEIRINHA, José António, *Fernando Távora Modernidade Permanente*, Associação Casa da Arquitectura, (2012), p.277.**
 Planta. **BANDEIRINHA, José António, *Fernando Távora Modernidade Permanente*, Associação Casa da Arquitectura, (2012), p.277.**
- Fig.4.10. Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Fátima (Luiz Cunha, 1962-65). **433**
 Vista exterior. **Arquivo SNIP.**
 Vista interior. **Arquivo SNIP.**
 Perspetiva. **Arquivo SNIP.**
 Planta. **Arquivo SNIP.**
- Fig.4.11. Igreja do S. Coração de Jesus, Lisboa (N. Teotónio Pereira e Nuno Portas, 1962-70). **434**
 Perspetiva. **Arquivo SNIP.**
 Esquícios. **Arquitectura, nº123, (set.-out.1971), p.165.**
 Maquete. **Arquivo SNIP.**
 Vista exterior. **Arquivo SNIP.**
 Vista exterior (pátios). **TOSTÕES, Ana (coord.), *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*, Ed. Quimera, (2004), p.201.**
 Vista interior. **Arquitectura, nº123, (set.-out.1971), p.169.**
 Vista interior (altar). **Arquivo SNIP.**
 Planta. **Arquivo SNIP.**

- Fig.4.12. Igreja de Santiago, Almada (N. Teotónio Pereira e Nuno Portas, 1962-69). 436
 Vista exterior. **Arquitectura**, nº123, (set.-out.1971), p.173.
 Vista interior. **Arquivo SNIP**.
 Perspetiva. **Arquivo SNIP**.
 Perspetiva interior. **Arquivo SNIP**.
 Maquete. **Arquivo SNIP**.
 Planta. **Arquivo SNIP**.
- Fig.4.13. Igreja de S. Jorge de Arroios, Lisboa (Alzina Menezes e Erich Corsépius, 1962-72). 437
 Ante-projeto: planta. **Arquivo Câmara Municipal de Lisboa**.
 Ante-projeto: alçado principal. **Arquivo Câmara Municipal de Lisboa**.
 Vista exterior. **Arquivo MC Arquitectos**.
 Vista interior. **Arquivo MC Arquitectos**.
 Planta. **Arquivo MC Arquitectos**.
 Capa da revista *Binário*. **Binário**, nº176, (mai.1973), p.1.
- Fig.4.14. Igreja da Sagrada Família, Paço de Arcos (João de Almeida, 1964-69). 438
 Ante-projeto: planta. **Arquivo SNIP**.
 Vista exterior. **Arquivo SNIP**.
 Vista interior. **Arquivo SNIP**.
 Maquete. **Arquivo SNIP**.
 Planta. **Arquivo SNIP**.
- Fig.4.15. Igreja de N. Sra. da Conceição, Queluz (J. Maya Santos, 1966-72). 439
 Vista exterior. **Arquivo SNIP**.
 Vista interior. **Fotografia de João Alves da Cunha**.
 Maquete. **Arquivo SNIP**.
 Planta. **Arquivo SNIP**.
- Fig.4.16. Igreja do S. Coração de Jesus, Porto (Luiz Cunha, 1966-72). 440
 Vista exterior. **Arquivo Luiz Cunha**.
 Vista interior. **Arquivo Luiz Cunha**.
 Maquete. **Arquivo Luiz Cunha**.
 Planta. **Arquivo Luiz Cunha**.
 Luiz Cunha na obra da igreja. **Carvalhido, Porto: 50 anos de uma comunidade paroquial, [Bloco Gráfico, Lda], Porto, (1991), p.31.**
- Fig.4.17. Igreja de Santa Isabel, Lisboa (A. de Freitas Leal, 1960). 441
 Vista interior. **Arquivo António de Freitas Leal**.
 Vista interior (antes da intervenção). **Arquivo António de Freitas Leal**.
 Vista interior (batistério). **Arquivo António de Freitas Leal**.
 Vista interior (batistério antes da intervenção). **Arquivo António de Freitas Leal**.
 Planta. **ROSA, Luís Vassalo, A renovação do interior de uma igreja: Santa Isabel, em Lisboa, Arquitectura**, nº89-90, (dez.1965), p.186.
- Fig.4.18. Igreja do Seminário de Penafirme, Torres Vedras (A. de Freitas Leal e João de Almeida, 1961). 442
 Vista interior. **Arquivo António de Freitas Leal**.
 Vista interior (antes da intervenção). **Arquivo António de Freitas Leal**.
 Vista interior. **Arquivo António de Freitas Leal**.
 Planta. **Arquivo António de Freitas Leal**.
- Fig.4.19. Igreja dos Congregados, Braga (A. de Freitas Leal, 1963-66). 443
 Vista interior (intervenção). **Arquivo António de Freitas Leal**.
 Vista interior (antes da intervenção). **Arquivo António de Freitas Leal**.
 Vista interior (antes da intervenção). **Arquivo António de Freitas Leal**.
 Planta. **Arquivo António de Freitas Leal**.

- Fig.4.20. Igreja de São João Baptista, Lisboa (A. de Freitas Leal e A. Flores Ribeiro, 1964). **444**
 Vista interior. **Arquivo António de Freitas Leal.**
 Vista interior (altar). **Arquivo António de Freitas Leal.**
 Vista interior (antes da intervenção). **Arquivo António de Freitas Leal.**
- Fig.4.21. Igreja de São Mamede, Lisboa (A. de Freitas Leal, 1966-67). **445**
 Vista interior. **Arquivo António de Freitas Leal.**
 Vista interior (altar). **Arquivo António de Freitas Leal.**
 Sacrário. **Arquivo António de Freitas Leal.**
- Fig.4.22. Igreja de São Sebastião, Mouriscas, Abrantes (A. de Freitas Leal, 1954-57). **446**
 Perspetiva. **Arquivo António de Freitas Leal.**
 Maquete. **Arquivo António de Freitas Leal.**
 Perspetiva (primeiro ante-projeto). **Arquivo António de Freitas Leal.**
 Perspetiva interior (primeiro anteprojecto). **Arquivo António de Freitas Leal.**
 Planta. **Arquivo António de Freitas Leal.**
- Fig.4.23. Igreja de N. Sra. da Conceição (1ª versão), Rio Maior (S. Formosinho Sanchez, 1961). **447**
 Corte. **Arquivo SNIP.**
 Planta. **Arquivo SNIP.**
- Fig.4.24. Igreja de N. Sra. da Conceição (1ª versão), Setúbal (S. Formosinho Sanchez, 1966). **447**
 Alçado norte. **Arquivo SNIP.**
 Planta. **Arquivo SNIP.**
- Fig.4.25. Igreja de Santo António (1ª versão), Santo António dos Cavaleiros (Diogo L. Pimentel, 1966). **448**
 Perspetiva. **Arquivo SNIP.**
 Planta. **Arquivo SNIP.**
- Fig.4.26. Igreja de Nevogilde (1ª versão), Porto (Luiz Cunha, 1967-72). **449**
 Maquete. **CUNHA, Luiz, Igreja de Nevogilde, *Arquitectura*, nº124, (mai.1972), p.20.**
 Centro paroquial. **CUNHA, Luiz, Igreja de Nevogilde, *Arquitectura*, nº124, (mai.1972), p.21.**
 Logótipo. **CUNHA, Luiz, Igreja de Nevogilde, *Arquitectura*, nº124, (mai.1972), p.20.**
 Planta. **CUNHA, Luiz, Igreja de Nevogilde, *Arquitectura*, nº124, (mai.1972), p.22.**
- Fig. 4.27. Convento das Franciscanas de Calais, Gondomar (Fernando Távora, 1961-71). **450**
 Vista exterior. ***Finalistas 2007: Externato Sta Margarida, Externato de Santa Margarida, (2007), p.25.***
 Vista interior. ***Fotografia de João Alves da Cunha.***
 Planta. **TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora, Blau, (1993), p.106.***
- Fig. 4.28. Capela do Instituto Nun'Álvares, Santo Tirso (Fernando Távora, 1963-65). **451**
 Vista exterior. **TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora, Blau, (1993), p.195.***
 Vista interior. **TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora, Blau, (1993), p.195.***
 Planta. **TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora, Blau, (1993), p.195.***
- Fig. 4.29. Igreja de São João de Ver (Fernando Távora, 1966-68). **451**
 Maquete. ***Ora et Labora, Ano XXIV, nº4, (out.-dez.1978), p.285.***
 Planta. **TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora, Blau, (1993), p.197.***
- Fig. 4.30. Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Calvão, Vagos (Fernando Abrunhosa de Brito, 1966-74). **452**
 Vista exterior. ***Fotografia de João Alves da Cunha.***
 Vista interior. ***Fotografia de João Alves da Cunha.***
 Planta. **[Em linha], [Consult. 13.set.2013], Disponível em WWW:<URL: <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/aveidistrito/boletim29/page13.htm>.**

Fig.4.31. Igreja de S. Lázaro, Braga (J. Maya Santos, 1967-1982). Perspetiva. Arquivo Câmara Municipal de Braga. Maquete. Arquivo Câmara Municipal de Braga. Perspetiva interior. Arquivo Câmara Municipal de Braga. Planta. Arquivo Câmara Municipal de Braga.	453
Fig.4.32. Igreja de St. António dos Cavaleiros (Diogo L. Pimentel, 1966-1979). Maquete. Arquivo SNIP. Maquete (interior). Arquivo SNIP. Planta. Arquivo SNIP.	454
Fig.4.33. Igreja de Fonte da Bica (SNIP, 1967). Primeiro ante-projeto (planta). Arquivo SNIP. Primeiro ante-projeto (alçado). Arquivo SNIP. Vista exterior. Arquivo SNIP. Planta. Arquivo SNIP.	455
Fig.4.34. Igreja de N. Sra. de Fátima, Funchal (A. de Freitas Leal, 1966). Maquete. Arquivo António de Freitas Leal.	456
Fig.4.35. Igreja de N. Sra. da Vitória e Santa Rita, Funchal (A. de Freitas Leal, 1964-84). Planta. Arquivo António de Freitas Leal.	456
Fig.4.36. Igreja de S. Francisco, Calheta, Madeira (A. de Freitas Leal, 1966). Perspetiva. Arquivo António de Freitas Leal. Planta. Arquivo António de Freitas Leal.	457
Fig.4.37. Igreja do Loreto, Calheta, Madeira (A. de Freitas Leal, 1966). Perspetiva. Arquivo António de Freitas Leal. Planta. Arquivo António de Freitas Leal.	457
Fig.4.38. Igreja do aeroporto de Santa Maria, Açores (A. de Freitas Leal, 1986). Maquete. Arquivo António de Freitas Leal. Perspetiva. Arquivo António de Freitas Leal.	458
Fig.4.39. Igreja de São Luís, Faro (A. de Freitas Leal, 1988-89). Perspetiva. Arquivo António de Freitas Leal. Perspetiva (entrada). Arquivo António de Freitas Leal. Planta. Arquivo António de Freitas Leal.	459
Fig.4.40. Igreja de Campolide, Lisboa (A. de Freitas Leal, 1995). Perspetiva. Arquivo António de Freitas Leal. Planta. Arquivo António de Freitas Leal.	458
Fig.4.41. Igreja, trabalho FAUP (Luiz Cunha, 1950). Arquivo Luiz Cunha.	460
Fig.4.42. Capela da Afurada, Gaia, trabalho FAUP (Luiz Cunha, 1953). Arquivo Luiz Cunha.	461
Fig.4.43. Igreja do Pindelo, Oliveira de Azeméis (Luiz Cunha, 1969-71). Alçados. Arquitectura, nº124, (mai.1972), p.26. Esquemas de funcionamento. Arquitectura, nº124, (mai.1972), p.24. Planta. Arquitectura, nº124, (mai.1972), p.25.	462

Fig.4.44. Igreja de Santa Joana Princesa, Aveiro (Luiz Cunha, 1971-76).
Vista exterior. **Arquitectura**, nº145, (fev.1982), p.45.
Vista interior. **Arquitectura**, nº145, (fev.1982), p.45.
Planta. **Arquitectura**, nº145, (fev.1982), p.45.

463

Fig.4.45. Igreja da Ressurreição, Cascais (Henrique Albino, 1965).
Corte e alçado principal. **Arquivo SNIP**.
Planta. **Arquivo SNIP**.

464

Anexo 1. Sócios

1.1. Listas 1956 | 1965

Sócios efetivos

[1956]

1. António de Freitas Leal
2. P. António dos Reis Rodrigues
3. Flório de Vasconcelos
4. Henrique Albino
5. João Correia Rebelo
6. João Braula Reis
7. João de Almeida
8. José Maya Santos
9. Maria José de Mendonça
10. Madalena Cabral
11. Nuno Teotónio Pereira
12. António Lino
13. Manuel Cargaleiro
14. José Escada
15. Diogo Lino Pimentel

[1965]

1. António de Freitas Leal
2. P. António dos Reis Rodrigues
3. Flório de Vasconcelos
4. –
5. João Correia Rebelo
6. –
7. P. João de Almeida
8. -
9. Maria José de Mendonça
10. Madalena Cabral
11. Nuno Teotónio Pereira
12. António Lino
13. Manuel Cargaleiro
14. José Escada
15. Diogo Lino Pimentel
16. Formosinho Sanchez
17. Nuno Portas
18. Luiz Cunha
19. Maria Luísa Marinho Leite
20. Maria do Carmo Ribeiro Matos
21. P. Avelino Rodrigues
22. Erich Corsépius
23. P. Albino Cleto
24. Vitorino Nemésio
25. P. Henrique de Noronha Galvão
26. P. João Cabral sj.
27. Rafaela Zúquete
28. Francisco Figueira
29. Francisco D'Orey
30. Francisco Fernandes
31. Elizabeth Évora Nunes
32. P. Fernando Micael Pereira
33. Margarida Sousa Lobo
34. Pedro Ferreira Pinto
35. Manuel Lapa
36. António Flores Ribeiro

Sócios auxiliares

[1956]

- 100. -
- 101. João Couto
- 102. P. João Mendes sj.
- 103. Formosinho Sanchez
- 104. José Inácio da Costa Rosa
- 105. Sebastião José de Carvalho
- 106. José Pedro Martins Barata
- 107. Jorge Marques Teixeira
- 108. P. João António de Deus
- 109. António Barbosa de Abreu
- 110. Henrique José Anjos Sousa
- 111. Maria Sofia Maya Santos
- 112. Carlos Alberto Carvalho Dias
- 113. P. João Augusto de Vasconcelos
- 114. P. José Correia da Cunha
- 115. P. José Baptista da Silva

[1965]

- 100. João de Azevedo Reis Machado
- 101. João Couto
- 102. P. João Mendes sj.
- 103. Maria José da Gama Salema
- 104. José Inácio da Costa Rosa
- 105. Sebastião José de Carvalho
- 106. José Pedro Martins Barata
- 107. Jorge Marques Teixeira
- 108. P. João António de Deus
- 109. António Barbosa de Abreu
- 110. Henrique José Anjos Sousa
- 111. -
- 112. Carlos Alberto Carvalho Dias
- 113. P. João Augusto de Vasconcelos
- 114. P. José Correia da Cunha
- 115. P. José Baptista da Silva
- 116. Sidónio de Freitas Branco Pais
- 117. Maria Flávia de Monsaraz
- 118. P. Manuel Mendes Atanásio
- 119. José Maria Cruz de Carvalho
- 120. Eduardo de Sousa Veloso
- 121. P. José Ferreira
- 122. Rui de Sampaio e Melo
- 123. Vasco Homem de Melo
- 124. Mário Bigotte Chorão
- 125. Júlio Gil
- 126. José Gabriel Pinto Coelho
- 127. Domingos Correia Rebelo
- 128. José de Lucena
- 129. José Torre do Valle Santos
- 130. Alberto Reis Carmo e Cunha
- 131. Henrique Albino
- 132. —
- 133. —
- 134. Maria de Lourdes Sousa Veloso
- 135. Rodrigo Sampaio Viola
- 136. Vasco Pereira Lacerda Marques
- 137. Camilo Korrodi
- 138. Manuel Vicente
- 139. Fernando Condesso

140. Fernando Sá Dantas
141. Martin Gerbert
142. Germano Venade
143. António José de Brito e Cunha
144. –
145. Anselmo Gomes Teixeira
146. P. José Felicidade Alves
147. –
148. Maria Luísa Soares Medeiros
149. –
150. João Oom
151. Maria do Rosário Matos
152. -
153. P. João Bentes Pimenta
154. Amália Costa Moura
155. Manuel Araújo Gouveia e Freitas
156. Maria da Conceição Salgado
157. Maria Ferreira Soares
158. Mário Menezes
159. Virgílio Leal da Costa
160. João Braula Reis
161. –
162. Maria Eugénia Barata Viola
163. -
164. Manuel Bidarra de Almeida
165. João Castel-Branco
166. Gonçalo Ribeiro Telles
167. Rene Cadete de Oliveira
168. Duarte Nuno Simões
169. P. Joaquim Luís dos Santos op.
170. José Alfredo Maya Santos
171. José António Martins Cabido
172. P. Ferreira Marques
173. Manuel Bagulho
174. P. José Dias Heitor Padrão
175. Ana Maria Carvalho Guerra
176. Maria da Conceição Moura Borges
177. Isabel Maria Silva Fernandes
178. Maria Cristina Azevedo Campos
179. P. João Pires de Campos
180. Maria Roque Gameiro Barata
181. Fernando Távora

182. Manuel de Queirós e Lencastre
183. Claude Sibertin Blanc
184. –
185. João José Malato
186. Ernesto da Silva Baptista
187. P. Luís Martins Aparício
188. Vasco Santos
189. Hélder Ernesto Coelho Baptista
190. José Reis Álvaro
191. Joaquim Manuel Padilha
192. Nicole Ballu Loureiro
193. António Manuel Miranda
194. P. Domingos António Penha
195. Maria Alice Mourisca Beaumont
196. Natércia Eugénia Bravo Catela
197. –
198. João de Souza Araújo
199. Natércia Guimarães de Bragança
200. Luís Artur Esteves Pereira
201. P. José Enes
202. P. Francisco Borges de Ávila
203. José Pedro Pinto Leite
204. Manuel Lapa
205. José Manuel Viana
206. Júlio Mário da Cunha e Sá
207. João Miguel Santos Simões
208. Padres Carmelitas de Fátima
209. Maria Teresa Capucho
210. José Luís Albuquerque D'Orey
211. Carlos Fragoso Garnez
212. Ordens Terceiras Carmelitas
213. Maria Emília Pereira da Conceição
214. Octávio Lixa Filgueiras
215. P. Armando Giovanni
216. P. António Crisóstomo
217. P. Manuel Simões sj.
218. P. António Rodrigues Correia

Sócios estudantes

[1956]

- 201. Nuno Portas
- 202. Pedro Tamen
- 203. João Reis Machado
- 204. João Manuel Oom
- 205. Maria Catarina Vargas Rocha
- 206. Maria Cecília Duarte Sousa
- 207. Mário Santana de Menezes
- 208. Maria José Lobo Salema
- 209. Maria Adelaide Taborda Ramos
- 210. -
- 211. Duarte Nuno Simões
- 212. Liliana Silva Araújo
- 213. José Gabriel Pinto Coelho
- 214. Maria Luíza Ribeiro Soares
- 215. José Maria Torre do Valle
- 216. Maria Luísa de Sousa Nunes
- 217. Maria do Carmo Ribeiro de Matos
- 218. Maria Helena Pessoa Correia
- 219. Manuel João Maya de Lucena
- 220. Maria Flávia de Monsaraz
- 221. Francisco Manuel Fernandes
- 222. Maria Eugénia Mendes Barata

[1965]

- 225. Maria João Albuquerque Freitas
- 226. Carlos Artur Caldas de Oliveira
- 238. José Luís de Matos
- 244. Alda do Lago Cruz Rosa
- 246. José Grade
- 247. Maria Dulce Matias Santos
- 248. -
- 249. -
- 250. Rosinda Amália Machado Gomes
- 251. Eduardo Trigo de Sousa
- 252. José Miguel Correa Guedes
- 253. -
- 254. Luís Filipe Borges Medeiros
- 255. José Manuel de Figueiredo
- 256. Alfredo Queiroz Ribeiro
- 257. -
- 258. Manuel da Costa Cabral
- 259. Camilo Martins de Oliveira
- 260. José Maria Fernando Marques
- 261. José Francisco da Costa Falcão
- 262. Maria Teresa Quintino Palma Leal
- 263. Fernando José Martins Varanda
- 264. Madalena Vanzeller
- 265. Judith Graça Castel-Branco
- 266. Maria Teresa Bartolomeu d'Araújo
- 267. -
- 268. -
- 269. P. Miguel Ponces de Carvalho
- 270. Manuel Casimiro Tavares da Silva
- 271. Francisco Lopes de Aquino
- 272. Maria da Graça Neves Carneiro
- 273. Maria Teresa Vaz Pinto
- 274. Manuel Sande e Castro
- 275. Eduardo Nery de Oliveira
- 276. Francisco Vieira Jordão
- 277. Eduardo Rebelo de Andrade
- 278. Luís Tomás Pinheiro Nagy
- 279. Cândido Vasconcelos Abreu

1.2. Corpos gerentes

[1955-56]

Direção Provisória

Presidente: Nuno Teotónio Pereira

Secretário: Flório de Vasconcelos

Tesoureiro: João Correia Rebelo

[1957-58]

Direção

Presidente: Nuno Teotónio Pereira

Secretário: Flório de Vasconcelos

Tesoureiro: João Correia Rebelo / Diogo Lino Pimentel

Assembleia Geral

Presidente: Maria José de Mendonça

Secretário: António Lino

Secretário: José Maya Santos

[1959-60]

Direção

Presidente: António de Freitas Leal

Secretário: Sebastião Formosinho Sanchez

Tesoureiro: Madalena Cabral

Assembleia Geral

Presidente: António Lino

Secretário: Flório de Vasconcelos

Secretário: João Braula Reis

[1961-62]

Direção

Presidente: Nuno Teotónio Pereira

Secretário: António de Freitas Leal

Tesoureiro: Maria José de Mendonça

Assembleia Geral

Presidente: Sebastião Formosinho Sanchez

[1963-64]

Direção

Presidente: Sebastião Formosinho Sanchez

Secretário: Diogo Lino Pimentel

Tesoureiro: Erich Corsépius

Assembleia Geral

Presidente: Nuno Teotónio Pereira

[1965-66]

Direção

Presidente: Sebastião Formosinho Sanchez

Secretário: António de Freitas Leal

Tesoureiro: Maria do Carmo Ribeiro de Matos

Assembleia Geral

Presidente: Erich Corsépius

[1967-68]

Direção

Presidente: Nuno Portas

Secretário: Diogo Lino Pimentel

Tesoureiro: Maria do Carmo Ribeiro de Matos

Vogal: P. João de Almeida

Vogal: P. Fernando Micael

Vogal: Eduardo Nery

Vogal: P. Avelino Rodrigues

Assembleia Geral

Presidente: Sebastião Formosinho Sanchez

1.3. 10 arquitetos nucleares

António Freitas Leal

[Funchal, 1927-]

António Aires de Freitas Leal nasceu no Funchal em 1927. Em 1950 frequentou o curso de Sociologia e Ordenamento de Território da “*Économie et Humanisme*”, em L’Arbresle, Lyon. Participou no 1º Congresso dos Universitários Católicos, realizado em Lisboa em 1953, onde apresentou, juntamente com José Pedro Martins Barata, uma comunicação intitulada “Natureza e espiritualidade da profissão de arquiteto”¹. No ano letivo de 1953-45 organizou para os estudantes de Arquitetura um curso de Habitação e Urbanismo, e no ano seguinte lecionou a cadeira de Higiene e Urbanismo no Instituto de Serviço Social de Lisboa. Entre 1954 e 1957 foi professor contratado da Escola de Artes Decorativas António Arroio, em Lisboa. Paralelamente orientou o seminário de Estudos de Artes Plásticas dos alunos de Arquitetura da ESBAL de 1955 a 1957. Nessa escola concluiu, em 1956, o curso de Arquitetura com 17 valores, tendo sido o seu projeto de CODA a igreja de São Sebastião, em Mouriscas, Abrantes. Foi consultor do Gabinete de Estudos e Planeamento da Ação Educativa do Ministério da Educação Nacional de 1966 a 1969, do SNIP entre 1968 a 1970 e da RTP para projetos de emissores e estúdios de televisão de 1965 e 1978. A partir dos anos 1980 dedicou-se ao estudo do património construído medieval, tendo desde então escrito e apresentado numerosas conferências sobre este tema. Foi ainda presidente do Centro de Reflexão Cristã de 1996 a 2003. Durante a sua atividade como arquiteto realizou uma grande variedade de planos e projetos em Portugal Continental e ilhas, Angola, Moçambique, São Tomé e Macau, destacando-se o complexo industrial da Companhia de Celulose do Ultramar, no Alto Catumbela, em Angola (1958), três torres de habitação para os Olivais Sul, em Lisboa (1962), o Centro Helen Keller, em Lisboa e numerosas estações de tratamento de águas e emissores de televisão.

(MRAR)

António de Freitas Leal esteve envolvido na fundação do MRAR desde os seus primeiros passos. Quando ainda não se pensava na criação do Movimento, fez parte do grupo de jovens arquitetos e estudantes de arquitetura liderado por Nuno Teotónio Pereira que em 1951 organizou um protesto contra o projeto inicial de Vasco Regaleira para a igreja de S. João de Brito, em Lisboa, que o levou a ser recebido pelo Cardeal-Patriarca. Dois anos mais tarde, esteve no grupo que preparou a Exposição de

¹ *O Pensamento Católico e a Universidade – I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica*, Edição das Direcções Gerais da JUC e JUCF, Lisboa, (1953), pp.394-395.

Arquitetura Religiosa Contemporânea, que itinerou por várias cidades de Portugal Continental, Ilhas e Ultramar, e que depois de apresentada em Lisboa e no Porto, levou à formação do MRAR. Sócio nº1 do Movimento, foi um dos seus membros mais destacados, tendo sido, por isso, naturalmente chamado para o apresentar publicamente, como em entrevista concedida ao jornal *Encontro*² ou num artigo publicado na revista *Vita Nova*, da Juventude Independente Católica Feminina³. Presença assídua nas reuniões e encontros⁴, a sua grande dedicação ao MRAR manifestou-se quer na organização de numerosos encontros e conferências, quer na participação ativa nos corpos dirigentes: foi presidente da Direção nos anos 1959-60 e secretário da Direção em 1961-62 e 1965-66. Em 1964 assumiu o cargo de presidente da Comissão Executiva do Concurso de Anteprojetos para a Catedral de Bragança organizado pelo MRAR. Tendo sido a arquitetura religiosa contemporânea o tema que mais o entusiasmou desde a sua formação até à década de 1980, acabou por reunir uma importante biblioteca específica sobre esta temática, compreendida maioritariamente por volumes internacionais⁵, bem como realizar um número significativo de projetos e obras desta tipologia.

(Arquitetura religiosa)

1952-57. Igreja de São Sebastião, Mouriscas, Abrantes (CODA, não construída)

1953-56. Igreja de Santo António, Moscovide (com João de Almeida)

1956. Igreja do Agrup. de Casas Econ. de Benfica, Lisboa (concurso, não construída)

1956-61. Capela de N. Sra. de Fátima, Figueira, Vila do Bispo

1958-63. Igreja de N. Sra. da Piedade, Vidais, Caldas da Rainha

1959. Capela do Bairro Habitacional da Comp. de Celulose, Angola (não construída)

1960. Igreja de Santa Isabel, Lisboa (remodelação)

1961. Igreja do Seminário de Penafirme (remodelação, com João de Almeida)

1962. Igreja do S. Coração de Jesus, Lisboa (concurso, com Diogo L. Pimentel e Maria do Carmo Matos, não construída)

1963-66. Igreja dos Congregados, Braga (remodelação)

1964. Igreja de São João Baptista, Lisboa (remodelação, com A. Flores Ribeiro)

1964-66. Capela do Colégio de Teologia da Companhia de Jesus, Lisboa (não const.)

1964-84. Igreja de N. Sra. da Vitória e Santa Rita, Funchal, Madeira

² LEAL, A. de Freitas, O MRAR – o que é?, *Encontro*, nº10-11, (abr.-mai.1957), p.10.

³ LEAL, A. de Freitas, O que é o Movimento de Renovação de Arte Religiosa, *Vita Nova*, nº70, (mar.-abr.1956), pp.12-13.

⁴ Foi um dos membros representados num conhecido desenho de 1958 que José Escada realizou durante uma das reuniões do Movimento.

⁵ Como SMITH, G.E. Kidder, *Switzerland builds*, The Architectural Press, Londres, (1950); BARTNING, Otto, WEYRES, Willy, *Kirchen*, Verlag Georg D.W. Callwey, Munique, (1959); SMITH, G.E. Kidder, *The new churches of Europe*, The Architectural Press, Londres, (1964).

1966. Igreja do Loreto, Calheta, Madeira (não construída)
 1966. Igreja de N. Sra. de Fátima, Funchal, Madeira (não construída)
 1966-67. Igreja de São Mamede, Lisboa (remodelação)
 1966-1984. Igreja de S. Francisco, Calheta, Madeira
 1967. Capela do Seminário do Cacém (não construída)
 1986. Igreja do Aeroporto, Santa Maria, Açores (não construída)
 1988-89. Igreja de São Luís, Faro
 1989. Convento Dominicano do Alto dos Moinhos, Lisboa (concurso, não construído)
 1995. Igreja de Campolide, Lisboa (não construída)

João Correia Rebelo

[Ponta Delgada, 1923 – Montreal, 2006]

João Correia Rebelo nasceu em Ponta Delgada, em 1923. Em 1940, ano em que o seu pai - o pintor Domingos Rebelo - fixou residência em Lisboa, matriculou-se no curso de Arquitetura na Escola Superior de Belas Artes. Obteve o seu diploma em 1955, depois de apresentar como projeto de CODA o Colégio de São Francisco Xavier, em Ponta Delgada, posteriormente desenvolvido com o arquiteto Manuel Alzina de Menezes. Entretanto, em 1953, na sequência do artigo publicado no *Correio das Ilhas*⁶ que acendeu uma viva polémica nos jornais da região e não só⁷, publicara o manifesto *Não!*⁸ - o único realizado em Portugal em defesa da arquitetura moderna - em oposição à arquitetura pombalina dos edifícios que se iriam erguer na marginal de Ponta Delgada. Seguiu-se-lhe em 1956 o desdobrável de design provocador ironicamente intitulado *Senhor ministro*, que através de frases curtas e imagens claras procurou mostrar que se andava a construir uma arquitetura que não era em oposição a uma outra que o era verdadeiramente. Nesse ano acabou por regressar aos Açores para trabalhar na Junta Geral do Distrito, mas em 1960 abandonou o lugar em conflito com a “*mentalidade obsoleta e cristalizada*”⁹ do seu diretor. No entanto, foi neste período que começou a conceber uma das suas melhores obras, a estalagem da Serreta, na Ilha Terceira, “*obra-prima açoriana do moderno*”¹⁰. De novo no Continente,

⁶ REBELO, João Correia, *Arquitectura ou Mascarada?*, *Correio das Ilhas*, (10 ago.1953).

⁷ REBELO, João Correia, *Desorientação estética*, *Correio das Ilhas*, (23 out.1953); REBELO, J. Correia, *Carta aberta ao autor de «estética cidadina»*, *Açores*, (12 dez.1953); VASCONCELOS, Flório de, *Arquitectura e Mascarada*, *Diário Popular*, (1 nov.1953).

⁸ REBELO, João Correia, *Não! [Manifesto à cidade de Ponta Delgada dos arquitetos e estudantes de arquitectura micaelense]*, [S.l.: s.n.], (1953).

⁹ PEREIRA, N. Teotónio, *Uma vida nómada, uma obra fragmentada, uma pessoa inteira*, *João Correia Rebelo: um arquitecto moderno nos Açores*, IAC - Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo, (2002), p.14.

¹⁰ MILHEIRO, Ana Vaz, *Estalagem da Serreta - Ilha Terceira*, *João Correia Rebelo: um arquitecto moderno nos Açores*, IAC - Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo, (2002), p.124.

ingressou em 1961 na Federação das Caixas de Previdência ao mesmo tempo que colaborava em alguns ateliers – N. Teotónio Pereira e outros - e terminava alguns projetos que trouxera dos Açores. Em 1969 decidiu partir para o Canadá e nesse país realizou uma obra muito limitada por não ter conseguido obter o reconhecimento do seu diploma académico. No entanto, os trabalhos produzidos nas décadas de 1950 e 60 foram justificação suficiente para, em 2002, o Instituto Açoriano de Cultura promover uma exposição itinerante sobre a sua obra¹¹.

(MRAR)

João Correia Rebelo foi um dos fundadores do MRAR, tendo ainda antes feito parte do grupo de jovens arquitetos e estudantes de arquitetura que se juntou em 1951 a Nuno Teotónio Pereira num protesto contra o projeto para a igreja de S. João de Brito, em Lisboa. Dois anos mais tarde, esteve no grupo que preparou a Exposição de Arquitetura Religiosa Contemporânea, tendo tido um papel preponderante na elaboração do folheto que acompanhou a exposição. Por sua iniciativa, esta foi apresentada em Ponta Delgada no início de 1954, tendo sido a terceira paragem da mesma depois de Lisboa e Porto. Sócio efetivo nº5 do MRAR¹², foi eleito em 1955 tesoureiro da Direção Provisória. A 23 de novembro do ano seguinte foi reconduzido no cargo, mas a sua nomeação como arquiteto da Junta Geral do Distrito de Ponta Delgada obrigou-o a abandonar o cargo. Depois desta data, a participação de João C. Rebelo na vida do Movimento foi bastante reduzida, limitando-se a algumas conferências proferidas nos Açores e à participação pontual em reuniões e encontros.

(Arquitetura religiosa)

- 1954. Capela para o Bairro Vitória, Ponta Delgada, Açores (não construída)
- 1955. Igreja para o Bairro Vitória, Ponta Delgada, Açores (não construída)
- 1955-58. Capela do Colégio de S. Francisco Xavier, Ponta Delgada
- 1956. Igreja do Agrup. Casas Econ. Benfica, Lisboa (concurso, 3º classif., não const.)
- 1956-61. Capela do Seminário de Santo Cristo, Ponta Delgada, Açores (não const.)
- 1962. Igreja do S. Coração de Jesus, Lisboa (concurso, não construída)
- 1969. Igreja de Santo André, Boidobra, Covilhã (com N. T. Pereira, não const.)
- 1983. Igreja de St. Cruz, Montreal, Canadá (não construída)

¹¹ CALDAS, João Vieira (coord.), *João Correia Rebelo: um arquitecto moderno nos Açores*, IAC - Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo, (2002).

¹² Em 1966, com a atualização da lista de sócios passou a ser o sócio efetivo nº4.

João de Almeida

[Lisboa, 1927-]

João de Almeida nasceu em Lisboa em 1927. Em 1945 começou a frequentar o curso de Pintura na ESBAL, tendo sido discípulo de Leopoldo de Almeida, Lagoa Henriques e também de Frederico George, que abria as portas do seu atelier a jovens que à margem da Escola queriam iniciar-se na pintura. No entanto, passado um ano e meio decidiu ingressar em Arquitetura, curso que interrompeu a meio para realizar um longo estágio que passou por Paris, Basileia e Trier¹³. Depois de três anos de estudos, estágios e viagens, regressou a Portugal no final de 1952 para entrar no Seminário dos Olivais, onde esteve até à sua ordenação sacerdotal em 1958. Foi então incumbido de terminar o seu curso de Arquitetura na ESBAP, cidade onde viveu até 1961, ano em que terminou a parte letiva. O seu projeto de CODA – a igreja da Sagrada Família, em Paço de Arcos -, apresentou-o, no entanto, na ESBAL em 1967, tendo recebido a classificação de 20 valores. Nesse mesmo ano deixou a vida sacerdotal e foi estagiar em Barcelona com o arquiteto Oriol Bohigas. Pouco mais de um ano depois regressou a Lisboa e começou a trabalhar em parceria com Pedro Ferreira Pinto, principalmente na área da reabilitação de edifícios, destacando-se as suas intervenções em diversas casas em ruínas na zona do Penedo, perto de Colares. No final dos anos 1970 os dois fundaram, com Pedro Emauz Silva, o gabinete Arquí III, responsável por projetos como a renovação do Museu Nacional de Arte Antiga (1982-83 e 1993-94), as Residências Príncipe Real, na Rua do Século, em Lisboa (Prémio Valmor, 1990), a renovação parcial dos Paços do Concelho de Lisboa (após o incêndio de 1996) com a colaboração do pintor Jorge Martins, a reabilitação e reconversão do Convento das Chagas, em Vila Viçosa (1993) e do Convento das Bernardas, em Lisboa (1996). Foram ainda autores do Edifício Administrativo da Expo 98 (Menção Honrosa do Prémio Valmor, 1997) e dos projetos museográficos das exposições “Feitorias da Flandres”, no Museu Nacional de Arte Antiga (1992) e “Triunfo do Barroco”, no Centro Cultural de Belém (1993). Já no ano 2000 João de Almeida voltou a interessar-se pelo desenho, tendo realizado desde 2004 várias exposições em Portugal e no estrangeiro com os seus trabalhos a pastel. No final de 2012, a Fundação Medeiros e Almeida, em Lisboa, organizou uma exposição retrospectiva da sua obra completa¹⁴.

¹³ Ver capítulo 3.11.

¹⁴ *João de Almeida: Architectura, Design, Pintura*, Fundação Medeiros e Almeida, Lisboa, (2012).

(MRAR)

João de Almeida foi, juntamente com Nuno Teotónio Pereira, diretamente responsável pela fundação do MRAR¹⁵. Todo o material fotográfico e teórico que trouxe da sua passagem pela França, Suíça e Alemanha foi fundamental para formar e fundamentar os jovens arquitetos e estudantes de arquitetura que se reuniam “*dominados por uma vontade de trabalho em comum para a elevação da arte sacra em Portugal*”¹⁶. Isto mesmo refletiu-se na Exposição de Arquitetura Religiosa Contemporânea que organizaram em 1953, que fez um vasto uso daquela documentação. De João de Almeida foi também o texto “*O sentido da moderna arquitectura religiosa na Suíça*”¹⁷ que acompanhou obrigatoriamente a exposição nas suas várias apresentações. João de Almeida foi o primeiro teórico do MRAR, tendo proferido numerosas conferências e orientado variadíssimos encontros ao longo de toda a vida do Movimento. Foi também responsável por diversos artigos - alguns deles publicados na revista do Seminário dos Olivais¹⁸ - e o principal divulgador das diretivas para a construção das igrejas do episcopado alemão¹⁹. João de Almeida foi um dos maiores renovadores da ourivesaria sacra, tendo sido autor de uma vasta obra que contou com dezenas de cálices, várias píxides, sacrários, castiçais e uma belíssima custódia em prata²⁰. Em 1961 foi entrevistado pelo jornal *Novidades* no âmbito da série *Rumos da Arte Sacra*²¹. Foi membro do júri no concurso “A Virgem Maria e os Artistas de Hoje” (1961, em colaboração com a Liga Católica Feminina) e nos concursos de ante-projetos para a igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa (1962) e para a Sé de Bragança (1964). Sócio fundador do MRAR nº7²², em 1959 foi nomeado Assistente Eclesiástico do MRAR, cargo que manteve até ao final de 1967.

(Arquitetura religiosa)

1953-56. Igreja de Santo António, Moscavide (com A. de Freitas Leal)

1961. Igreja do Seminário de Penafirme (remodelação, com A. Freitas Leal)

1964-69. Igreja da Sagrada Família, Paço de Arcos (CODA)

¹⁵ Ver capítulo 3.11.

¹⁶ [MRAR], Oito anos da vida do Movimento, *MRAR – Boletim*, 2ª Série, nº4, (set.1961), p.1.

¹⁷ ALMEIDA, João de, *O sentido da moderna arquitectura religiosa Suíça* [Inédito], (1953), pp.1-13.

¹⁸ ALMEIDA, João de, *Arte Moderna, Novellae Olivarum*, Ano XII, nº117, (jul.1954), pp.197-201; ALMEIDA, João de, Documentário eclesiástico sobre a construção de Igrejas, *Novellae Olivarum*, Ano XII, nº117, (dez.1954), pp.313-314.

¹⁹ [Conferência Episcopal de Fulda], Directivas para a construção das igrejas segundo o espírito da liturgia romana, *Novellae Olivarum*, Ano XIII, nº121, (jan. 1955), pp.1-7.

²⁰ CAMPOS, Ana, João de Almeida: a emersão do design de prataria em Portugal, *João de Almeida: Architectura, Design, Pintura*, Fundação Medeiros e Almeida, Lisboa, (2012), pp.60-71.

²¹ ALMEIDA, João, Problema da aceitação do «moderno» na arte (entrevista), *Novidades*, (10 fev.1961), pp.1.3.

²² Em 1966, com a atualização da lista de sócios tornou-se no sócio efetivo nº5.

José Maya Santos

[Porto, 1928 – Cascais, 2010]

José Alfredo Maya Santos nasceu na cidade do Porto em 1928. Em 1956 recebeu o diploma de Arquiteto pela ESBAL. Ainda estudante trabalhou no atelier de Nuno Teotónio Pereira e posteriormente, até 1961, com os arquitetos A. de Freitas Leal, Francisco Figueira e Leonor Cortês. Em 1960 venceu o concurso promovido pelo Ministério das Obras Públicas para o projeto de Postos da Polícia de Viação e Trânsito. Depois de uma breve permanência em Santo Tirso – entre 1961 e 1965 –, regressou a Lisboa, onde trabalhou com o colega Júlio Saint-Maurice. Na segunda metade da década de 1960 foi arquiteto-chefe do Gabinete de Urbanização da Câmara Municipal de Cascais e nos anos 1985-86 diretor do Gabinete Técnico de Recuperação de Alfama, em Lisboa. Nos anos 1970 foi consultor e diretor da Comissão de Arte Sacra do Patriarcado de Lisboa, membro do Grupo de Estudo do Ambiente da SEDES e fundador, em 1974, do MIC – Movimento de Intervenção Cultural. Realizou diversos planos de urbanização – Crato, Sassoeiros, Arneiro, S. Domingos de Rana, Murtal, etc. –, mas a sua atividade como arquiteto distinguiu-se na área patrimonial, com o levantamento cultural de numerosos concelhos de norte a sul do país, mas também com a realização de remodelações e reintegrações artísticas nas igrejas de Pombeiro em Paços de Ferreira, dos mosteiros de Singeverga e de Santo Tirso, do Colégio de Santa Teresa em Santo Tirso, de Ançã em Coimbra, da matriz de Oeiras e da capela do Parque de Campismo de Monsanto, em Lisboa.

(MRAR)

J. Maya Santos fez parte do grupo de jovens arquitetos e estudantes de arquitetura que em 1953 organizou a Exposição de Arquitetura Religiosa Contemporânea. Foi depois um dos membros fundadores do MRAR, tendo ficado então como sócio nº8. Membro bastante assíduo no Movimento – foi retratado no desenho de José Escada de 1958 –, teve durante a década de 1950 um papel muito interveniente, quer organizando encontros e apresentando conferências, quer assumindo o cargo de diretor da 1ª série do Boletim do MRAR, que publicou quatro números entre 1957 e 1958. Nesses dois anos foi também secretário da Assembleia Geral. José Maya Santos foi o principal promotor da filiação do MRAR no SIAC - Secretariado Internacional dos Artistas Católicos. Essa ligação próxima deu origem a um desentendimento com a Direção no início de janeiro de 1960, motivado pela recusa brusca daquela em realizar o Congresso do SIAC em Lisboa no ano seguinte, depois de J. Maya Santos ter insistido e aguardado três anos pela aceitação do convite feito em nome do grupo português. Esta situação levou-o a demitir-se do seu lugar de

delegado do MRAR no SIAC, bem como a recusar manter-se como sócio efetivo do MRAR, passando a assumir a condição de sócio auxiliar, com o nº190, que manteve até ao fim do Movimento. Em 1962, em carta dirigida a N. Teotónio Pereira, revelou, no entanto, que levava o MRAR no coração: *“Podes crer que continuo e continuarei a ser do MRAR e, talvez, dos mais entusiastas; a distância, algumas discordâncias antigas e o reconhecimento das minhas muito fracas possibilidades são as únicas causas do meu afastamento dos corpos gerentes. Por cá [Santo Tirso] continuo, à pequena escala disto aqui, a «fazer movimento», por vezes em colaboração com o Flórido [de Vasconcelos]”*²³. Na sua passagem por Santo Tirso tornou-se bastante próximo dos monges beneditinos do mosteiro de Singeverga, tendo escrito para a revista *Ora et Labora* dois importantes artigos sobre o tema: “Significado e organização do espaço sagrado”²⁴ e “Arte sacra, Assembleia cristã, fundamento do espaço sagrado”²⁵.

(Arquitetura religiosa)

1956. Igreja do Agrup. Casas Económicas de Benfica, Lisboa (concurso, não const.)

1956-64. Igreja de São Simão, Barco, Fundão

195?. Igreja do Paço, Torres Novas (concurso, não construída)

1964. Catedral de Bragança (concurso, quarto classificado, não construída)

1966-72. Igreja de N. Sra. da Conceição, Queluz

1967-82. Igreja de S. Lázaro, Braga

Nuno Teotónio Pereira

[Lisboa, 1922-]

Nuno Teotónio Pereira nasceu em Lisboa em 1922. Ingressou no curso de Arquitetura da Escola de Belas Artes de Lisboa em 1939 e no ano seguinte começou a trabalhar no atelier do arquiteto Carlos Ramos, onde esteve até 1943. Nesse ano iniciou uma colaboração com a *Técnica: Revista de Engenharia dos Alunos do I.S.T.*, onde publicou a partir do nº 147 (Mai.1944) a tradução da *Carta de Atenas* com o colega Manuel Costa Martins. Quatro anos depois, os dois colegas juntaram-se de novo para proferir uma comunicação no 1º Congresso Nacional de Arquitetura, intitulada *Habitação económica e reajustamento social*, tema que depois acompanhou

²³ SANTOS, José Maya, [Carta a N. Teotónio Pereira], Santo Tirso, (7.dez.1962), pp.1-2.

²⁴ SANTOS, José Maya, Significado e organização do espaço sagrado, *Ora et Labora*, Ano XI, nº4, (1964), pp.244-253.

²⁵ SANTOS, José Maya, Arte sacra, Assembleia cristã, fundamento do espaço sagrado, *Ora et Labora*, Ano XII, nº3, (1965), pp.245-285.

profissionalmente de perto N. Teotónio Pereira. O diploma de arquiteto chegou no ano seguinte, em que apresentou na ESBAL como projeto de CODA um complexo industrial de captação de águas para Valada do Ribatejo, ao qual foi atribuída a classificação de 18 valores. No ano anterior fora admitido como arquiteto na Federação das Caixas de Previdência – Habitações Económicas, onde se manteve até 1972. Em 1955 integrou a equipa que nos anos seguintes realizou o levantamento da Zona 4 – Estremadura, Ribatejo e Beira Litoral – no Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal. Em 1957 fez parte pela primeira vez dos corpos gerentes do Sindicato Nacional dos Arquitetos, lugar que voltou a ocupar entre 1969 e 1971 no Conselho Disciplinar e entre 1984 e 1989 como Presidente do Conselho Diretivo Nacional da então já Associação dos Arquitetos Portugueses. Em 1966 foi o primeiro delegado português ao *Comité do Habitat da União Internacional dos Arquitectos* em Bucareste. Paralelamente ao seu trabalho na Federação das Caixas de Previdência, foi titular de um atelier que marcou várias gerações de arquitetos que lá colaboraram na criação de uma vasta e multifacetada obra, sempre com um profundo sentido cívico e formativo, onde se podem contar numerosos edifícios e conjuntos urbanos, como o Bloco da Águas Livres (1953-1956, com Bartolomeu da Costa Cabral), a Urbanização do Restelo (1970-1975 e 1980-1985, com Nuno Portas e Gonçalo Ribeiro Telles - plano - e Pedro Viana Botelho e João Paciência - edifícios), ou o Complexo Intermodal do Cais do Sodré (1993-2004, com Pedro Viana Botelho). A qualidade da vasta obra construída de que foi autor e co-autor foi sistematicamente reconhecida com vários prémios de arquitetura: Prémio da I Exposição Gulbenkian (1955) com o Bloco das Águas Livres, 2º Prémio Nacional de Arquitetura da Fundação Gulbenkian (1961), Prémios Valmor de 1967, 1971 e 1975, respetivamente torre de habitação social nos Olivais Norte, edifício de escritórios Franjinhãs na Rua Braamcamp e igreja do Sagrado Coração de Jesus. Obteve ainda as Menções Honrosas de 1987 e 1988 com um edifício na Rua Diogo Silves, nº 18 e os edifícios na Rua Gonçalo Nunes nºs 31 – 45, ambos no Restelo. Prémio AICA (1985), Prémio I.N.H. de Promoção Municipal com empreendimento de 144 fogos em Laveiras, Oeiras (1992), Prémio Espiga de Ouro da Câmara Municipal de Beja (1993) e Prémio Municipal Eugénio dos Santos da CML (1995). Da mesma forma foi autor e co-autor de vários estudos, livros, artigos e comunicações sobre Arquitectura, Habitação, Património, Urbanismo e Território, entre os quais se contam *Prédios e vilas de Lisboa* (Livros Horizonte, 1995), *Escritos: 1947-1996* (FAUP, 1996), *Tempos, lugares, pessoas* (Público/Contemporânea, 1996) e *Santo Isidro de Pegões – Contrastes de um Património a Preservar* (Edições Colibri/ Câmara Municipal do Montijo, 2009). Muito cedo Nuno Teotónio Pereira revelou preocupações sociais e humanistas que o levaram a envolver-se diretamente em

várias iniciativas coletivas na luta contra o regime ditatorial do Estado Novo, nomeadamente na organização e difusão da imprensa clandestina de inspiração católica, como *Direito à Informação*, *Igreja Presente*, *Cadernos GEDOC*, *Cadernos sobre a Guerra Colonial* e *BAC – Boletim Anti-Colonial*. Tornou-se assim “numa das figuras emblemáticas do catolicismo militante de oposição política ao salazarismo-marcelismo durante as décadas de 60 e 70”²⁶, tendo sido preso pela PIDE em 1967, 1972 e 1973 na prisão de Caxias, de onde foi libertado a 26 de Abril de 1974. Homem de uma incansável iniciativa e de um inesgotável sentido de serviço, assumiu o cargo de Presidente do Movimento de Renovação da Arte Religiosa, da Cooperativa Cultural PRAGMA, do Centro Nacional de Cultura, da Associação dos Arquitetos Portugueses e do Conselho de Arquitetos da Europa. Em 2004 a sua obra foi celebrada com uma grande exposição retrospectiva intitulada “*Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*”²⁷, apresentada no Centro Cultural de Belém, em Lisboa. Cinco anos depois, o documentário “*Um homem na cidade*”, de Joana Cunha Ferreira, fixou a vida intensa e inspiradora deste arquiteto que aos 90 anos recebeu o Prémio Árvore da Vida, porque “o que mais ressalta ao longo da sua extensa e continuada obra é o sentido de humanizado de relação, seja com o colega co-autor, seja com o cliente, seja ainda com o utente futuro da obra – o que só pode advir de alguém com especial atenção ao Outro, e à Humanidade que ele sempre representa e integra”²⁸.

(MRAR)

Nuno Teotónio Pereira foi, juntamente com João de Almeida, primeiro responsável pela fundação do MRAR²⁹. Já em 1947 manifestara publicamente que era necessário renovar a arquitetura religiosa em Portugal³⁰, posição que retomou quatro anos depois ao liderar o protesto contra a construção do projeto de Vasco Regaleira para a igreja de S. João de Brito, em Lisboa. Grande galvanizador do Movimento desde a primeira hora, foi desde sempre visto como líder do grupo, tendo sido não por acaso o primeiro de dez entrevistados pelo jornal *Novidades* em 1961 numa rubrica chamada Rumos da Arte Sacra³¹. A ordem alfabética das assinaturas do documento de fundação do MRAR atribuiu-lhe o nº11³², mas no momento da eleição da Direção Provisória, N. Teotónio

²⁶ FONTES, Paulo Oliveira, O catolicismo português no século XX: da separação à democracia, História Religiosa de Portugal, Vol.3, Círculo de Leitores, Lisboa, 2002, p.271.

²⁷ TOSTÕES, Ana (coord.), *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*, Ed. Quimera, (2004).

²⁸ FERNANDES, José Manuel, *Arquitectos do Século XX: da tradição à modernidade*, Caleidoscópio, (2006), p.147.

²⁹ Ver capítulo 3.11.

³⁰ PEREIRA, N. Teotónio, A Arquitectura Cristã Contemporânea, *Ala*, Ano V, nº67, (31 jan.1947), pp. 2-4. Nuno Teotónio Pereira só voltaria a escrever nos jornais sobre este tema uma única vez, no final de 1953: PEREIRA, N. Teotónio, *Arquitectura Religiosa*, *O Comércio do Porto*, (6 dez.1953).

³¹ PEREIRA, N. Teotónio, Experiência de um arquitecto (entrevista), *Novidades*, (7 fev.1961), pp.1.3.

³² Em 1966, com a atualização da lista de sócios tornou-se no sócio efetivo nº8.

Pereira foi naturalmente escolhido como Presidente, decisão que se repetiu a 23 de novembro de 1956 quando se realizaram as eleições para a primeira Direção do MRAR, para o biénio 1957-58. N. Teotónio Pereira voltou a ocupar este cargo nos anos 1961-62 e nos dois anos seguintes foi Presidente da Assembleia Geral. Ao longo de década e meia, proferiu conferências, orientou encontros, participou em reuniões, juntou e animou sócios e não sócios em torno da causa do MRAR. No entanto, o seu vivo sentido cívico levou-o, a partir de finais da década de 1950, a juntar-se progressivamente na luta política que crescia entre o meio católico progressista. Como consequência, a sua disponibilidade para o MRAR foi decrescendo ao longo dos anos 1960, até que em 1966 revelou que não poderia colaborar ativamente com o Movimento por ter *“um lugar de responsabilidade na Cooperativa Pragma, que me preenche por completo o tempo que poderei consagrar a movimentos associativos”*³³. Na realidade, o propósito que o levava a fundar o MRAR fora já alcançado, pelo que era tempo de lutar pelas mesmas causas noutras frentes.

(Arquitetura religiosa)

1949-57. Igreja de N. Sra. de Fátima, Águas

1959-68. Mosteiro de Sta Maria do Mar, Sassoeiros, com Nuno Portas e outros.

1962-70. Igreja do S. Coração de Jesus, Lisboa, com Nuno Portas e outros

1962-69. Igreja de Santiago, Almada, com Nuno Portas e outros

1967-69. Igreja de Santo André, Boidobra, Covilhã

1988. Mosteiro das Irmãs Beneditinas, Torrão (não construído)

Diogo Lino Pimentel

[Lisboa, 1934-]

Diogo Lino Pimentel nasceu em Lisboa em 1934 e recebeu o diploma de Arquiteto em 1960 pela ESBAL. No final do ano anterior rumou a Bolonha, onde estagiou durante um ano, enquanto bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, no “Ufficio Nuove Chiese” fundado pelo Cardeal Lercaro, sob orientação dos arquitectos Giorgio Trebbi e Glauco Gresleri³⁴. Este estágio, que ainda hoje é recordado por este arquiteto, ficou registado nas duas principais publicações que fazem a história do movimento bolonhês³⁵. De regresso a Portugal, em 1960, foi convidado a integrar o recém-criado

³³ PEREIRA, N. Teotónio, [Resposta a inquérito do MRAR], (18 jul.1966).

³⁴ Ver capítulo 2.22.

³⁵ GRESLERI, Glauco, BEATRICE, Bettazzi M., GRESLERI, Giuliano, *Chiesa et quartiere: storia di una rivista e di un movimento per l'architettura a Bologna*, Editrice Compositori, Bologna, (2004); GRESLERI, Giuliano, GRESLERI, Glauco, *Le Corbusier: Il programma liturgico*, Editrice Compositori, Bologna, (2001).

SNIP - Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado de Lisboa, cuja direção técnica assumiu desde então. Nesse ano relatou a sua experiência na revista do Seminário dos Olivais, *Novellae Olivarum*³⁶, publicação onde escreveu também um dos últimos artigos sobre arte e arquitetura ali apresentados³⁷. Em 1966 fundou com S. Formosinho Sanchez a firma Canon no âmbito da qual foram projectadas algumas igrejas. Esta equipa foi também responsável pelas propostas classificadas em segundo lugar no concurso de anteprojetos para a Sé de Bragança (1964), em terceiro lugar no concurso para a Torre do Tombo (1982) e em segundo lugar para o remate do Palácio da Ajuda (1989). Diogo L. Pimentel foi ainda consultor da Câmara Municipal de Sintra de 1976 até 2010 e membro do Conselho Consultivo do IPPAR.

(MRAR)

Diogo L. Pimentel começou a sua ligação ao MRAR como sócio estudante nº(2)10. No entanto, o seu profundo interesse pelo Movimento levou-o a ser admitido como 15º sócio efetivo a 9 novembro de 1956³⁸, num tempo em que os membros fundadores tinham ainda bastantes reservas relativamente ao alargamento do núcleo duro do MRAR. O envolvimento de Diogo L. Pimentel foi assim desde logo reconhecido, como atestou o ter sido convidado pouco tempo depois – janeiro de 1957 – a substituir João C. Rebelo no lugar de Tesoureiro da Direção. Diogo L. Pimentel foi um dos membros mais assíduos³⁹ e ativos do Movimento, tendo representado por diversas vezes o Movimento quer em Portugal quer no estrangeiro. Participou ativamente em inúmeras reuniões e encontros do MRAR quer como orientador quer como assistente, colaborou na organização de diversas exposições, proferiu conferências, esteve envolvido na criação do núcleo de Música Sacra. Foi naturalmente visto, portanto, como uma das vozes mais importantes do Movimento, e assim foi entrevistado em 1961 pelo diário *Novidades* na série dedicada ao tema “Rumos da Arte Sacra”⁴⁰. A 22 de janeiro de 1963 foi eleito secretário do MRAR, cargo que repetiu na Direção seguinte – a última - eleita a 26 de outubro de 1966. A 6 de agosto de 1969 foi um dos assinantes da carta de suspensão do MRAR.

³⁶ PIMENTEL, Diogo L., O «Centro di Studio e Informazione per l'Architettura Sacra» de Bolonha, *Novellae Olivarum*, Ano 17, nº172, (out.1960), pp.179-180.

³⁷ PIMENTEL, Diogo, A cidade e o problema das novas igrejas, *Novellae Olivarum*, Ano XVII, nº172, (out.1960), pp.160-161.

³⁸ Em 1966, com a atualização da lista de sócios passou a ser o sócio efetivo nº12.

³⁹ Foi um dos retratados no desenho elaborado por José Escada em 1958.

⁴⁰ PIMENTEL, Diogo L., Renovação da arquitectura religiosa (entrevista), *Novidades*, (8 fev.1961), pp.1.3.

(Arquitetura religiosa)

1962. Igreja do S. Coração de Jesus, Lisboa (concurso, com A. de Freitas Leal e Maria do Carmo Matos, não construída)

1963-65. Igreja da Lentisqueira, Mira

1964-65. Igreja do Seminário Dominicano do Olival, Aldeia Nova, Ourém

1964. Catedral de Bragança (concurso, 2º classif., com S. F. Sanchez, não const.)

1966-79. Igreja de Santo António, Santo António dos Cavaleiros (três versões)

1970-71. Igreja de N. Sra. da Purificação, Olival, Ourém (três versões)

1980-2001. Igreja de St. Joana Princesa, Lisboa (cinco versões)

1981. Capela do Colégio de S. José, Lisboa

1984-85. Igreja de N. Sra. do Desterro, Angra do Heroísmo

1993. Igreja da Sagrada Família, Évora

Formosinho Sanchez

[Lisboa, 1922 – Lisboa, 2004]

Sebastião Formosinho Sanchez nasceu em Lisboa em 1922. Em 1940 iniciou o curso de Arquitetura na ESBAL, e ainda estudante, trabalhou com Cristino da Silva e Keil do Amaral. Em 1948 recebeu o seu diploma com 17 valores e logo de seguida, realizou, em colaboração com Rui d'Athouguia, um dos seus trabalhos mais emblemáticos: o projeto do “Bairro das Estacas”, em Lisboa, desenvolvido entre 1949 a 1954 e que apesar de muito contestado pelos construtores, foi largamente reconhecido⁴¹ e em 1954 premiado com o Prémio Municipal de Arquitetura da Câmara Municipal de Lisboa e com um prémio na Exposição Internacional de Arquitetura da II Bienal de Arte Moderna de São Paulo, Brasil. Entretanto, em 1946 – e até 1964 – havia começado a trabalhar na Comissão de Construções Hospitalares do Ministério das Obras Públicas, onde elaborou diversos projetos, como o Hospital de Miranda do Douro. Deste período foram também o Centro de Medicina Física e Reabilitação em Alcoitão e os tribunais de Rio Maior e do Redondo. Em 1959 foi um dos convidados a participar no concurso para o anteprojeto da sede e museu da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, em que participou fazendo equipa com Arménio Losa e Pádua Ramos. Em 1962 foi admitido como Assistente na ESBAL e dois anos depois tomou posse como Professor Agregado, depois de apresentar a dissertação “*Arquitectura Porquê?*”⁴². No entanto, em 1973 pediu a demissão do seu lugar de professor, em discordância com os

⁴¹ Blocos de Habitação Célula 8 no Bairro de Alvalade em Lisboa, *Arquitectura*, nº53, (nov.-dez.1954); Bairro Alvalade (Bairro das Estacas), *Arquitectura Portuguesa, Cerâmica e Edificação*, nº7, (dez.1954).

⁴² SANCHEZ, S. Formosinho, *Arquitectura porquê?*, Editorial Estúdios Cor, Lisboa, (1964).

métodos pedagógicos praticados naquela escola⁴³. Em 1964 fundou o atelier Canon, com Diogo Lino Pimentel, onde realizou diversas obras, como o Hospital Distrital de Chaves. Dez anos depois abandonou a firma, depois de se tornar administrador da EPUL – Empresa Pública de Urbanização de Lisboa, onde permaneceu até 1978. Dois anos mais tarde foi nomeado Comissário Técnico para a XVII Exposição do Conselho da Europa, realizada em Lisboa em 1983. No ano seguinte venceu o concurso para o Monumento a Sá Carneiro, a erguer na Praça do Areeiro, em Lisboa, mas o projeto acabou por ser rejeitado pelo presidente da Câmara Municipal. Entretanto, em 1981 fora anulado o despacho de aceitação do pedido de demissão da ESBAL, pelo que foi reintegrado nos serviços docentes daquela escola, onde se jubilou em 1992 como Professor Catedrático.

(MRAR)

Sócio auxiliar nº(1)04 em 1956, tornou-se no 16º sócio efetivo do MRAR em janeiro do ano seguinte⁴⁴. Presença habitual nas reuniões, quer na assistência quer como orientador, também ele apresentou um dos seus projetos numa reunião de estudo: a (não construída) igreja paroquial de Rio Maior, em julho de 1961. Na sua casa nos Capuchos, perto da Costa da Caparica, realizou-se uma das reuniões mais recordadas e concorridas do MRAR: a que contou com a presença do pintor suíço Ferdinand Gehr. S. Formosinho Sanchez envolveu-se profundamente na elaboração do concurso para a igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, tendo sido responsável em 1958 pelo estudo que levou à alteração no terreno de implantação. Mais tarde foi membro do júri, nomeado pela paróquia. Foi o arquiteto que mais corpos gerentes do MRAR integrou: em 1959-60 foi secretário da direção, em 1961-62 presidente da Assembleia Geral, em 1963-64 presidente da direção do MRAR, cargo para que foi reeleito no biénio seguinte e no qual se manteve até abril de 1966, quando apresentou o seu pedido de demissão, devido à *“ineficácia da minha actuação como Presidente da Direcção do MRAR, na medida em que as recomendações insistentes do Conselho Directivo – regularidade na publicação do Boletim e de reuniões mensais – não têm sido cumpridas pela actual Direcção, comprometendo-se largamente a própria vida do Movimento”*⁴⁵. No entanto, no início de 1967 foi eleito novamente presidente da Assembleia Geral.

⁴³ Ver SANCHEZ, S. Formosinho, A chamada ao nacionalismo e ao português, em 1940, era autenticamente feroz: era de galos de Barcelos por todo o lado, *Arquitectura*, nº130, (mai.1974), pp.4-7.

⁴⁴ Em 1966, com a atualização da lista de sócios passou a ser o sócio efetivo nº13.

⁴⁵ SANCHEZ, S. Formosinho, [Carta a Erich Corsépius], Lisboa, (22 abr.1966), p.1.

(Arquitetura religiosa)

1961. Igreja de N. Sra. da Conceição, Rio Maior (não construída)

1964. Catedral de Bragança (concurso, 2º classif., com Diogo L. Pimentel, não const.)

1966-85. Igreja de N. Sra. da Conceição, Setúbal

1987. Igreja de Santa Cruz (não construída)

Nuno Portas

[Vila Viçosa, 1934-]

Nuno Portas nasceu em Vila Viçosa em 1934. Depois de fazer os estudos liceais no Colégio Jesuíta de Santo Tirso, ingressou na ESBAL, mas foi na escola do Porto que em 1959 obteve o seu diploma de Arquiteto com a dissertação “A habitação social – proposta para a metodologia da sua arquitetura”. Em 1957 começou a trabalhar no atelier de Nuno Teotónio Pereira, com quem colaborou durante quase duas décadas em alguns projetos emblemáticos como a Casa de Vila Viçosa (1959-63), ou em Lisboa, a igreja do Sagrado Coração de Jesus (1962-70), os edifícios de habitação coletiva nos Olivais (1957-68) e o Plano de Urbanização do Restelo (1969-75). Em 1958 integrou a direção da revista *Arquitectura*, tendo os seus artigos de crítica e divulgação da arquitetura nacional e internacional motivado a atribuição, em 1963, do Prémio Gulbenkian de Crítica de Arte. Paralelamente, e por ser também um apaixonado por cinema, fundou com João Bénard da Costa, Pedro Tamen e Nuno Bragança, o Cineclube Católico. Neste período publicou vários artigos de crítica de cinema no *Diário de Lisboa* e no *Diário Ilustrado*. Entre 1962 e 1974 foi investigador do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, onde coordenou o Núcleo de Pesquisa de Arquitectura, Habitação e Urbanismo. Paralelamente, de 1965 a 1971, foi assistente da Cadeira de Projecto na ESBAL. Em 1974 aceitou o cargo de Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, que conservou durante os três primeiros Governos Provisórios. Foi nessas funções que promoveu a criação de cooperativas de habitação e de gabinetes de apoio local (GAT), concebeu o Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL) e desencadeou o processo conducente à adoção dos Planos Directores Municipais. Mais tarde, em 1990, integrou o executivo municipal de Vila Nova de Gaia como vereador do pelouro do urbanismo. Como afirmou João Bénard da Costa, “a política não era paixão dominante para nenhum, excepto para o Nuno Portas”⁴⁶. Como urbanista e desde o final da década de 70, realizou numerosos trabalhos, tanto em Portugal como no estrangeiro. Foi consultor dos planos de ordenamento dos municípios do Vale do Ave, coordenou o plano do campus da Universidade de Aveiro

⁴⁶ COSTA, João Bénard da, *Nós, os vencidos do catolicismo*, Tenacitas, Coimbra, 2003, p.20.

(1990-2000), foi responsável pela primeira versão do Plano Geral da Expo 98 (1993-94) e dos termos de referência para o concurso de conceção e construção da área de Chelas, em Lisboa (1995-98). Fora de Portugal coordenou o Planeamento Intermunicipal de Madrid (1980-83), foi consultor do Plano Estratégico Metropolitano de Barcelona (1991-92), do Plano de Ordenamento de Santiago de Compostela e também das Nações Unidas e da União Europeia para as questões urbanísticas e de investigação. No Rio de Janeiro e com Oriol Bohigas foi autor do Plano de Frente de Mar e Estação das Barcas (1997-2000) e do Plano de Recuperação da Zona Central da cidade (1995-2000). Participou, ainda, na elaboração da primeira legislação urbanística de Cabo Verde. Em 1983, integrou o corpo docente do curso de Arquitectura da Escola de Belas Artes do Porto, tendo participado na fundação da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Em 1989 tornou-se Professor Catedrático dessa Faculdade. Foi ainda professor convidado da Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, do Instituto de Urbanismo de Paris XII, da Universidade de Paris VIII, do Politécnico de Milão, da Universidade de Ferrara e da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ao longo de quase seis décadas, Nuno Portas publicou múltiplos artigos nas mais diversas publicações nacionais e internacionais (*A&V*, *Cahiers du CSTB*, *Casabella*, *Ciudad y Territorio*, *Lótus Internacional*, *Óculum*, *Quaderns d'Arquitectura*, *Urbanisme*, etc.). Foi também autor de numerosas obras sobre Arquitectura e Urbanismo, como *A arquitectura para hoje* (1964), *A cidade como arquitectura* (1969), *A evolução da arquitectura moderna em Portugal* (capítulo integrado na *História da Arquitectura Moderna*, de Bruno Zeni, 1973) e *Portugal – Arquitectura nos últimos 20 anos* (com Manuel Mendes, 1991). Em 2005 foi galardoado com o prémio Sir Patrick Abercrombie de Urbanismo da União Internacional de Arquitetos (UIA), pela primeira vez atribuído a um arquiteto português. Em 2012 inaugurou em Guimarães, por ocasião da Capital Europeia da Cultura, a exposição “*O ser urbano: nos caminhos de Nuno Portas*”, apresentada posteriormente também em Lisboa e no Rio de Janeiro.

(MRAR)

Em 1956 Nuno Portas era o sócio estudante nº(2)01, e desde logo começou a participar ativamente no Movimento, proferindo conferências, orientando reuniões e colaborando na organização de exposições, postura que manteve até ao fim do MRAR. Consequentemente, foi com naturalidade que durante o biénio 1959-60 se tornou no 17º sócio efetivo⁴⁷, e em 1961 foi um dos sete membros do MRAR entrevistados pelo diário *Novidades* numa série dedicada ao tema “Rumos da Arte

⁴⁷ Em 1966, com a atualização da lista de sócios passou a ser o sócio efetivo nº14.

Sacra”⁴⁸. Nuno Portas foi o membro do MRAR que mais artigos escreveu, sendo neste âmbito de destacar os artigos sobre arte e arquitetura religiosa publicados no jornal *Encontro*⁴⁹ e nas revistas *Arquitectura*⁵⁰ e *Brotéria*⁵¹. Em 1954 acompanhou João de Almeida na sua deslocação anual à Alemanha e Suíça, viagem que ficou marcada de um modo muito especial pela participação na celebração dos 60 anos do arquiteto Hermann Baur. Em 1966, o nome de Nuno Portas foi o que sobressaiu do questionário feito aos sócios efetivos para dirigir o MRAR e orientá-lo na saída da crise que viveu nesse ano. Foi assim que a 26 de outubro se tornou no último presidente do Movimento, cargo que ocupou até 6 de agosto de 1969, quando depois de dois anos “*sem que nada se passasse a nível do Movimento*”⁵², assinou juntamente com Diogo L. Pimentel, Maria do Carmo Matos e o P. Avelino Rodrigues a carta que suspendeu o MRAR.

(Arquitetura religiosa)

1959-68. Mosteiro de Sta Maria do Mar, Sassoeiros, com N. Teotónio Pereira e outros.

1962-70. Igreja do S. Coração de Jesus, Lisboa, com N. Teotónio Pereira e outros.

1962-69. Igreja de Santiago, Almada, com N. Teotónio Pereira e outros.

Luiz Cunha

[Porto, 1933-]

Luiz Cunha nasceu no Porto em 1933. Em 1949 ingressou na Escola Superior de Belas Artes daquela cidade, terminando o curso de Arquitetura oito anos depois. O seu projeto de CODA – que obteve a classificação de 20 valores - correspondeu à proposta que apresentou no concurso público realizado naquele ano para a igreja de N. Sra. da Piedade, em Loulé. Colaborou com Januário Godinho, Carlos Loureiro e também com Carlos Ramos em alguns projetos, com destaque para a coordenação da proposta para a Embaixada de Portugal em Brasília (1961). Entre 1957 e 1966 trabalhou no Gabinete de Urbanização da Câmara Municipal do Porto na elaboração do Plano de Urbanização daquela cidade, sob a orientação do arquiteto Robert Auzelle. Em 1970 mudou a sua residência para Lisboa, onde estabeleceu atelier

⁴⁸ PORTAS, Nuno, Oportunidade e importância do Secretariado das Novas Igrejas (entrevista), *Novidades*, (12 fev.1961), pp.1-7.

⁴⁹ O Drama da Arte Sacra Portuguesa, *Encontro*, Ano 1, nº4, (abril 1956), pp. 2.8 e Igrejas ou Garagens?, *Encontro*, nº5, (nov.1956), pp.8-9.

⁵⁰ Arquitectura Religiosa Moderna em Portugal, *Arquitectura*, nº60, (out.1957), pp.20-23; Dois novos edifícios litúrgicos em Portugal, *Arquitectura*, nº60, (out.1957), pp.24-30; Igreja para a comunidade de La Martella e Igreja para o Bairro INA-Casa em Baggio, *Arquitectura*, nº60, (out.1957), pp.31-34; Arquitectura Religiosa Moderna – Luís Cunha, *Arquitectura*, nº60, (out.1957), p.54.

⁵¹ Novas Igrejas – considerações a propósito de uma exposição, *Brotéria*, vol.79, nº1, (jul.1964), pp.18-27.

⁵² PORTAS, Nuno [et.al.], [Carta aos sócios], Lisboa, (6 ago.1969), p.1.

próprio. Entre 1995 e 2005 foi professor no ISCTE - Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa em Lisboa. Homem de uma inesgotável criatividade e de um reconhecido talento para o desenho - que se revelou desde cedo na apresentação dos seus projetos -, realizou ao longo de toda a vida dezenas de obras de pintura e escultura predominantemente na temática da arte sacra, que foram apresentadas em várias exposições individuais e coletivas. Os seus desenhos ilustraram as capas de dois números da revista *Arquitectura* dedicadas à sua obra⁵³ (nº124/1972 e nº145/1982). Em 2011, o ISCTE promoveu uma exposição retrospectiva sobre a sua obra, intitulada “*Luiz Cunha: Arquitectura & Artes Plásticas – 1957/2011*”⁵⁴.

(MRAR)

Luiz Cunha começou a envolver-se nas atividades do MRAR em junho de 1953, quando colaborou na montagem da Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea na ESBAP. Depois deste evento, a sua participação manteve-se esporádica até ao 3º Encontro do MRAR, realizado em abril de 1957 no Porto, no qual foram dados os primeiros passos para a criação do primeiro “*núcleo regional do Movimento, constituído basicamente por arquitectos e estudantes da Escola de Belas Artes do Porto*”⁵⁵. Dentre estes, Luiz Cunha destacou-se – juntamente com Maria Luísa Marinho Leite – e tornou-se no principal responsável pelo desenvolvimento do núcleo do Porto, bem como por todas as atividades do MRAR desenvolvidas no norte do país: proferiu conferências, organizou reuniões e encontros, preparou exposições, elaborou catálogos e para tudo isto motivou os seus colegas. Foi, portanto, com naturalidade que no biénio 1959-60 se tornou no sócio efetivo nº18⁵⁶. Luiz Cunha começou então a deslocar-se com frequência a Lisboa para participar nas diversas reuniões, quer como assistente, quer para apresentar projetos seus – o que fez por duas vezes⁵⁷. Em 1964 esteve envolvido na preparação de um concurso de anteprojetos para a igreja da Cedofeita, no Porto, que não chegou a realizar-se e a 23 de abril de 1965, dirigiu a visita de estudo que o MRAR organizou à igreja de N. Sra do Rosário, no convento dos Dominicanos, em Fátima. Luiz Cunha manteve-se ligado ao MRAR até próximo do seu término. Mas a sua dedicação à arte e arquitetura religiosa não esmoreceu até aos dias de hoje e manteve-se tão intensa como quando publicou um dos raros livros feitos em Portugal sobre o tema, *Arquitectura Religiosa Moderna*⁵⁸,

⁵³ *Arquitectura*, nº124 (mai.1972); *Arquitectura*, nº145 (fev.1982).

⁵⁴ Luiz Cunha: arquiteto, artista, professor, *ArchiNews*, Ano VII, Edição Especial nº3, (2012).

⁵⁵ SANTOS, J. Maya, DIAS, Carlos Carvalho, O núcleo regional do MRAR no Porto, *MRAR – Boletim*, 1ª Série, nº2, (mai.1957), p.2.

⁵⁶ Em 1966, com a atualização da lista de sócios passou a ser o sócio efetivo nº15.

⁵⁷ 27 de fevereiro de 1962 e 11 de janeiro de 1966.

⁵⁸ CUNHA, Luiz, *Arquitectura Religiosa Moderna*, 1ª Edição, Imprensa Portuguesa, Porto, (1957). As revistas Casabella e *Arquitectura* apresentaram comentários ao livro: ANSELMi, Angelo Tito, Luiz Cunha

que reuniu e desenvolveu os textos que publicou na revista *Miriam* entre janeiro e setembro de 1956⁵⁹. Luiz Cunha voltou a colaborar com esta revista em 1968 numa série de artigos de divulgação de obras de arquitetura religiosa moderna⁶⁰ e depois nunca deixou de escrever artigos nas mais variadas publicações⁶¹, do mesmo modo que apresentou várias conferências dedicadas a arte e arquitetura religiosa⁶². “*Tímido e discreto, místico e religioso, artista de grande sensibilidade, trabalhador isolado, desenhando ele próprio (a tinta) os anteprojectos*”⁶³, Luiz Cunha tornou-se no arquiteto português com maior obra religiosa projetada e construída e um caso ímpar no panorama arquitetónico e artístico nacional.

(Arquitetura religiosa)

1953. Capela da Afurada, Vila Nova de Gaia

1955. Capela Colónia de Férias FNAT, Matosinhos (concurso, 1º classif., não const.)

1956-57. Igreja de N. Sra. da Piedade, Loulé (CODA, não construída)

1961-63. Capela da embaixada de Portugal, Brasília (3 versões, não construída)

1961-65. Igreja de São Mamede, Negrelos, Santo Tirso

1962-65. Igreja de N. Sra. do Rosário, Fátima

1964-68. Igreja de N. Sra. de Fátima, Póvoa do Valado, Aveiro

1964-70. Capela do Centro de Caridade do Perpétuo Socorro, Porto

1966-72. Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Porto

1967. Seminário do Bom Pastor, Ermesinde (não construído)

1967-72. Igreja de Nevogilde, Porto (1ª versão, não construída)

1968. Igreja do Seixezêlo, Vila Nova de Gaia (não construída)

1968-72. Capela do centro paroquial de S. Miguel de Nevogilde, Porto

1969-71. Igreja do Pindelo, Oliveira de Azeméis (não construída)

1971-76. Igreja de Santa Joana Princesa, Aveiro

– Arquitectura Religiosa Moderna, *Casabella*, nº215, (abr.-mai.1957), p.99; PORTAS, Nuno, Arquitectura Religiosa Moderna – Luís Cunha, *Arquitectura*, nº60, (out.1957), p.54.

⁵⁹ CUNHA, Luiz, A igreja de Ronchamp, *Miriam*, Vol. III, nº1, (jan.1956), pp.18-21; CUNHA, Luiz, O espaço cristão, *Miriam*, Vol. III, nº2, (fev.1956), pp.95-99; CUNHA, Luiz, Igrejas de hoje para cristãos de hoje - I, *Miriam*, Vol. III, nº7, (jul.1956), pp.362-365; CUNHA, Luiz, Igrejas de hoje para cristãos de hoje - II, *Miriam*, Vol. III, nº8-9, (ago.-set.1956), pp.450-453.

⁶⁰ CUNHA, Luiz, Igreja de S. Mamede de Negrelos – Sto. Tirso, *Miriam*, 2ª Série, nº2, (fev.1968), p.38; CUNHA, Luiz, Catedral de Santa Maria, em Tóquio, *Miriam*, 2ª Série, nº3, (mar.1968), p.41; CUNHA, Luiz, Capela do Seminário Dominicano do Olival, *Miriam*, 2ª Série, nº4, (abr.1968), p.42.

⁶¹ São exemplos CUNHA, Luiz, A Arte Religiosa contemporânea, *Voz Portucalense*, Ano XII, nº44, (26.nov.1981), p.7.11; CUNHA, Luiz, Caminhos da arquitectura religiosa contemporânea em Portugal, *Laikos*, Ano VII, nº3-4, (jul.-dez.1984), pp.462-470; CUNHA, Luiz, A pedra angular da nova arquitectura, *Fé e Cultura para o Ano 2000*, Publicação Communio, Lisboa, (1985), pp.67-79; CUNHA, Luiz, Actividade artística e acto divino da criação, *Communio*, Ano V, nº3, (mai.-jun.1988), pp.284-285.

⁶² São exemplos: *Regresso ao Templo*, Congresso Architetture Latenti, Turim, (17.mai.1986); *Arquitectura Religiosa: do Movimento de Renovação às realizações do presente e às interrogações do futuro*, I Fórum de Arquitectura Religiosa, Póvoa do Varzim, (18.mai.2007).

⁶³ LAMAS, José Manuel Ressano Garcia, Luiz Cunha – Arquitecto e Artista, *Percursos de Carreira*, Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa, (1994), p.45.

1973-75. Igreja de Santa Cristina do Couto, Santo Tirso

1977-81. Capela residência das Irmãs Hospitaleiras Sag. Coração de Jesus, Parede

1978-79. Igreja de S. Miguel do Couto, Santo Tirso (não construída)

1979-81. Capela residência das Irmãs de S. José de Cluny, Fátima

1979. Convento Seminário dos Padres Crúzios, Braga (não construído)

1980-82. Igreja de N. Sra. de Fátima, Lajedo, Ponta Delgada (não construída)

1981-95. Capela do Hospital de N^a Sra. de Fátima, Parede

1983. Capela das Monjas Dominicanas da Contemplação, Lisboa

1983-92. Igreja de Cristo-Rei, Portela de Sacavém

1984-96. Igreja de Nevogilde, Porto (2^a versão, não construída).

1985. Capela do Cristo-Rei, Padres Dominicanos, Porto (não construída)

1985. Capela de Cristo-Jovem, Requião, Vila Nova de Famalicão

1987-95. Santuário de São Bento da Porta Aberta, Gerês

1988. Capela de Roussada, Milharado, Mafra (não construída)

1989-2004. Igreja da Apúlia, Esposende

1992-93. Igreja do Alto da Chapeleira, Ameixoeira, Lisboa (não construída)

1993. Igreja de Vila Verde, Braga

1994. Oratório de S. José das Irmãs Hosp. do S. Coração de Jesus, Telheiras, Lisboa

1994-2000. Igreja de S. Pedro, Azurém, Guimarães

1996. Capela dos Missionários do Verbo Divino, Lisboa

1996-99. Capela de Adoração, Santuário São Bento da Porta Aberta, Gerês

1997. Capela do lar de sacerdotes idosos, Paço Episcopal de Braga (não construída)

1997-2003. Igreja de S. João das Caldas, Vizela

1997-2004. Igreja Santa Eulália, Rio Côvo, Barcelos

1997-2002. Oratório das Irmãs Hospitaleiras do S. Coração de Jesus, Idanha, Belas

1997-2004. Capela funerária das Irmãs Hosp. do S. Coração de Jesus, Idanha, Belas

2000. Igreja da S. Família de Nazaré, Codivel, Odivelas (1^a versão, não construída)

2001. Capela do Lar e Centro de Dia de Sta. Cristina do Couto, Santo Tirso

2006. Igreja do Salão, Faial (concurso, não construída)

2008. Igreja dos Flamengos, Faial (não construída)

2009-12. Centro paroquial do Alto da Chapeleira, Ameixoeira, Lisboa

2009. Capela do Centro Paroquial Igreja de N^a Sra. de Fátima, Lisboa (não construída)

2009. Igreja da S. Família de Nazaré, Codivel, Odivelas (2^a versão, não construída)

2010. Capela de Lausperene, Santuário do Cristo-Rei, Almada (não construída)

2011. Igreja de 1000 lugares, Santuário do Cristo-Rei, Almada (não construída)

2012. Igreja da Pedreira, Fátima (não construída)

Erich Corsépius

[Horta, Açores, 1929- Lisboa, 2009]

Ernest Erich Wolfgang Corsépius nasceu na cidade da Horta, nos Açores, em 1929. Em 1952, ainda como estudante de Arquitetura, colaborou no atelier de N. Teotónio Pereira. Em 1957 obteve o seu diploma de arquiteto e com o arquiteto Manuel Alzina de Menezes criou uma sociedade onde permaneceu até ao final da sua vida. Ali realizou ao longo de meio século numerosos projetos e obras de diferentes tipos – habitações unifamiliares e coletivas, edifícios industriais e de serviços, equipamentos escolares, comerciais e outros, destacando-se a intervenção realizada no Palácio Sotto Mayor, em Lisboa, que mereceu em 2005 uma Menção Honrosa do prémio “Pedra na Arquitectura”. O seu interesse particular pela arquitetura religiosa levou-o igualmente a realizar um significativo número de projetos e a apresentar várias conferências nessa área. Em 1974, a convite do Santuário de Fátima, integrou a equipa do Serviço de Ambiente e Construções que, durante mais de um quarto de século, programou obras tão importantes como a renovação estética da Capelinha das Aparições, das Casas de Retiros e da Reitoria, a construção do Centro Pastoral Paulo VI e da Igreja da Santíssima Trindade. Entre 1985 e 1995 Erich Corsépius foi também membro da Comissão de Arte Sacra do Patriarcado.

(MRAR)

Sócio auxiliar do MRAR desde 9 de novembro de 1956, Erich Corsépius foi admitido como 22º sócio efetivo a 19 de maio de 1961⁶⁴. Foi presença assídua e participativa nas reuniões do Movimento, tendo numa delas apresentado o primeiro anteprojecto para a igreja de Arroios. A 22 de janeiro de 1963 foi eleito tesoureiro do MRAR, lugar que ocupou até às eleições de 1965, quando se tornou no presidente da Assembleia Geral. Por esse motivo viveu a crise de 1966 de muito perto, tendo administrado o Movimento desde a receção a 22 de abril da carta de demissão do presidente do MRAR S. Formosinho Sanchez à convocação da Assembleia Geral Extraordinária para eleição da nova Direção a 26 de outubro. Erich Corsépius manteve o lugar até ao início do ano seguinte, altura em que uma nova Assembleia Geral Extraordinária elegeu um novo presidente da Assembleia Geral.

(Arquitetura religiosa)

1956. Igreja do Agrup. Casas Económicas de Benfica, Lisboa (concurso, não const.)

1962. Igreja do S. Coração de Jesus, Lisboa (concurso, 4º classif., não construída)

1962-72. Igreja de S. Jorge de Arroios, Lisboa, com Alzina Menezes

⁶⁴ Em 1966, com a atualização da lista de sócios passou a ser o sócio efetivo nº19.

1962-74. Seminário Carmelita, Sameiro, Braga
 1964. Catedral de Bragança (concurso, quarto classificado, não construída)
 1972. Capela para o Instituto “Schönstadt”, Lisboa
 1975-89. Capela da Sagrada Família, Santuário de Fátima
 1977. Capela do Centro de Saúde de Mértola
 1978. Capela da Casa de N. Sra. do Carmo, Fátima
 1978-80. Colégio paroquial de Santa Eufémia, Leiria
 1978-89. Capela de S. José, Fátima
 1979. Altar exterior, Santuário de Fátima (provisório)
 1979. Lar sacerdotal da Diocese de Leiria, Fátima
 1979. Capela Instituto Missionário de S. Paulo, Lisboa (remodelação)
 1983. Oratório das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, Lisboa
 1983. Capela latina, Domus Pacis, Fátima
 1984. Igreja da Paroquia Católica Alemã (reconstrução e remodelação)
 1987. Capela das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, Braga (remodelação)
 1987. Capelas das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, Guarda (remodelação)
 1989-2008. Igreja da Várzea de Sintra
 1993. Centro de Espiritualidade “Jean Gaillac”, Costa Nova, Aveiro
 1996. Casa do Peregrino do Santuário da Padroeira, Vila Viçosa
 1997. Capela R. S. Bento, Lisboa (adaptação / remodelação)
 1999. Igreja de S. Mamede, Lisboa (remodelação do presbitério)
 2000-02. Igreja paroquial da Malveira
 2001. Altar exterior, Santuário de Fátima
 2003. Capela das Religiosas do S. Coração de Maria, Fátima (remodelação)
 2005. Igreja de Santa Isabel, Lisboa (remodelação do presbitério)
 2005. Basílica da Estrela, Lisboa (remodelação do presbitério)
 2005. Igreja de N. Sra. dos Navegantes, Loures (concurso, não construída)

1.4. + 20 sócios

António dos Reis Rodrigues

[1918-2009]

D. António dos Reis Rodrigues nasceu em Vila Nova de Ourém em 1918. Entrou na Faculdade de Direito de Lisboa, onde se formou em 1941. Enquanto estudante foi presidente geral da JEC, fundador e director do jornal *Flama* e dirigente das Conferências de São Vicente de Paulo. Em 1942 ingressou no Seminário dos Olivais e foi ordenado sacerdote cinco anos mais tarde. Entre 1947 e 1965 foi assistente nacional e diocesano da JUC a e de 1947 a 1963 foi capelão da Academia Militar. Foi professor de Doutrina Social da Igreja no Instituto de Serviço Social e durante alguns anos responsável pelo programa religioso da RTP. Em 1966 foi nomeado Vigário-Geral Castrense e pouco tempo depois Director Nacional da Obra Católica Portuguesa das Migrações. No início do ano seguinte foi ordenado bispo titular de Madarsuma. Desempenhou as funções de Pró-Vigário Castrense e Capelão-Mor das Forças Armadas entre 1967 e 1975, ano em que foi nomeado bispo-auxiliar de Lisboa. De 1972 a 1977 foi, por designação pontifícia, membro da Comissão Pontifícia das Migrações e Turismo. Na Conferência Episcopal Portuguesa exerceu os cargos de presidente da Comissão Episcopal das Migrações e Turismo de 1967 a 1981, de secretário da Conferência de 1975 a 1981 e de vice-presidente entre 1981 e 1984. No Patriarcado de Lisboa foi Vigário Judicial do Tribunal Eclesiástico de 1990 a 1995 e Vigário Geral de 1983 a 1998, ano em que se aposentou. Nos últimos anos da sua vida dedicou-se à escrita de obras sobre doutrina social da Igreja e a trabalhar no espaço museológico de São Vicente de Fora.

Foi enquanto assistente da JUC que o então P. António dos Reis Rodrigues conheceu o grupo de jovens estudantes da ESBAL empenhado na renovação da arte religiosa. Desde cedo os acompanhou nas suas lutas, tendo-os apresentado ao Cardeal-Patriarca em 1951 na sequência do protesto contra o projeto inicial de Vasco Regaleira para a igreja de S. João de Brito, em Lisboa. De igual modo os defendeu quando o Cardeal ficou desagradado com a Exposição de Arquitetura Religiosa Contemporânea que realizaram em 1953. O seu apoio foi determinante para que decidissem fundar o MRAR, ao qual se juntou como sócio fundador nº2. Colaborou ativamente na redação dos Estatutos do Movimento e foi o seu assistente eclesiástico até ao final de 1958.

Flório de Vasconcelos

[1920-2005]

Flório de Vasconcelos nasceu no Porto em 1920. Licenciou-se em Ciências Históricas e Filosóficas pela Faculdade de Letras de Lisboa e interessou-se de um modo particular pelo estudo do barroco, rococó e neoclássico. Foi professor assistente na ESBAP e na Faculdade de Letras do Porto, Conservador-adjunto dos museus, palácios e monumentos nacionais e membro da Academia Nacional de Belas-Artes. Autor do livro *"História da Arte em Portugal"*⁶⁵, fez crítica de arte nos semanários *Aleo* e *A Semana* e no mensário *Praça Nova*. Publicou diversos artigos nas revistas *Panorama*, *Colóquio*, *Vida Nacional*, *Museu*, *Cidade Nova*, *Esmeraldo*, *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, entre outras⁶⁶. Membro da JUC, foi redator no jornal *Ala* entre 1947 e 1949 onde escreveu vários artigos sobre arte e arquitetura cristã⁶⁷, o que continuou a fazer posteriormente noutras publicações⁶⁸.

Foi sócio fundador nº3 do MRAR, e participou ativamente nas diversas iniciativas públicas do Movimento, bem como na sua gestão interna. Foi secretário da Direção Provisória entre 1955 e 1956 e da Primeira Direção no biénio de 1957-58 e nos dois anos seguintes assumiu o cargo de secretário da Assembleia Geral. Neste período mudou de residência para o Porto, onde passou a colaborar com o núcleo local.

João Braula Reis

[1927-1989]

João Braula Reis nasceu em Leiria em 1927. Arquiteto pela ESBAL em 1955, trabalhou na Federação das Caixas de Previdência onde foi autor de diversos projetos

⁶⁵ VASCONCELOS, Flório de, *História da Arte em Portugal*, Editorial Verbo, (1972).

⁶⁶ Em 1960, na *Tempo Presente* defendeu que *"a intervenção da política na Arquitectura (...) tem-se revelado de consequências desastrosas (...) [pelo que deveria haver] completa independência da Arquitectura e da Política."*, VASCONCELOS, Flório de, *Arquitectura e Política*, *Tempo Presente*, nº13, (mai.1960), pp.29.30.

⁶⁷ VASCONCELOS, Flório de, *Arte pela Arte*, *Ala*, Ano VI, nº74, (s.d.), pp.4-5; VASCONCELOS, Flório de, *Poema de Natal*, *Ala*, Ano VI, nº75, (s.d.), p.5; VASCONCELOS, Flório de, *Arte Cristã I – Sentido da Arte Cristã*, *Ala*, Ano VI, nº79-80, (mar.1948), pp.7.11; VASCONCELOS, Flório de, *Arte Cristã II – Tradição e Autenticidade*, *Ala*, Ano VI, nº81, (abr.1948), pp.5-6; VASCONCELOS, Flório de, *Arte Cristã III – Santeiros & Cª*, *Ala*, Ano VI, nº82, (ago.1948), pp.5-6; VASCONCELOS, Flório de, *Exposição de aquarelas de António Lino*, *Ala*, Ano VI, nº84, (dez.1948), p.5; VASCONCELOS, Flório de, *Um caso de Arte Cristã*, *Ala*, Ano VIII, nº85, (jan.1949), pp.4.6; VASCONCELOS, Flório de, *Exposição de Arte Sacra Moderna*, *Ala*, Ano VIII, nº86, (fev..1949), pp.1.3.

⁶⁸ VASCONCELOS, Flório de, *A nova Igreja do Santo Condestável – uma obra impura*, *Cidade Nova*, nº5, (mai.1951), pp.309-311; VASCONCELOS, Flório de, *A visão do novo templo*, *Novidades – Letras e Artes*, (3 mai.1953), p.3 (este artigo foi publicado novamente no ano seguinte noutro periódico: VASCONCELOS, Flório de, *A visão do Novo Templo*, *Diário de Coimbra*, 4 dez.1954, pp.1.5); VASCONCELOS, Flório de, *A nova igreja de S. Domingos*, *Diário de Notícias*, (19 nov.1959), p.13; VASCONCELOS, Flório de, *Breves reflexões sobre a Arquitectura da nova Sé de Bragança*, *Ora et Labora – Revista Litúrgica Beneditina*, Ano XII, nº1, (1964), pp.50-53.

de habitação social. Colaborou com N. Teotónio Pereira, com quem foi co-autor do edifício Franjinhas, em Lisboa, vencedor do Prémio Valmor de 1971.

Fez parte do grupo de jovens arquitetos e estudantes de arquitetura que se juntaram em 1951 a Nuno Teotónio Pereira num protesto contra o projeto de Vasco Regaleira para a igreja de S. João de Brito, em Lisboa. João Braula Reis manteve-se no grupo formado que dois anos depois preparou a Exposição de Arquitetura Religiosa Contemporânea, onde foram apresentados dois dos seus projetos: capela de N. Sra de Fátima, Rinchoa (1950, demolida), igreja de Rio Torto (não construída). Foi o 6º membro fundador do MRAR e a 13 de novembro de 1958 foi eleito secretário da Assembleia Geral para o biénio 1959-60, mas nesse período abandonou o lugar de sócio efetivo, passando a auxiliar, com o nº(1)60.

Maria de José Mendonça [1905-1984]

Maria José de Mendonça nasceu em Lisboa em 1905. Formou-se em 1933 em Ciências Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e tornou-se Conservadora do Museu Nacional de Arte Antiga em 1944. Entre 1956 e 1960 trabalhou no serviço de Belas Artes e Museu da Fundação Calouste Gulbenkian, que dirigiu em 1959 e 1960. Dois anos depois foi nomeada diretora do Museu Nacional dos Coches e em 1967 do Museu Nacional de Arte Antiga, onde permaneceu até atingir o limite de idade em 1975. *“O seu espírito irrequieto, a sua grande vontade e a dádiva total que fez à sua profissão, jamais lhe consentiram uma situação de cómodo «deixar correr» nas tarefas de que se encarregou. Acentuam os especialistas as capacidades de trabalho, planeamento, método e organização”*⁶⁹ de Maria José de Mendonça, que se especializou em história e conservação de têxteis e tapeçarias, área em que foi internacionalmente reconhecida.

Católica ativa, pertenceu à União Noelista Portuguesa e nesse âmbito foi a responsável pela organização da 3ª Exposição de Arte Sacra Moderna que se apresentou, em 1949, no Palácio Foz, em Lisboa. De igual modo, por seu intermédio apoiou este Movimento de jovens arquitetos e estudantes de arquitetura que em 1953 realizaram a Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, o que motivou a publicação de um artigo seu no periódico *Ler – Jornal de Letras, Artes e Ciências*⁷⁰ e a

⁶⁹ Souza, Maria Reynolds de, Maria José de Mendonça, *Dicionário no Feminino – Segundo Volume*, (no prelo).

⁷⁰ MENDONÇA, Maria José de, Alguns comentários acerca de uma exposição, *Ler – Jornal de Letras, Artes e Ciências*, nº17, (ago.1953), p.11.

sua participação na fundação do MRAR⁷¹. A seriedade do seu compromisso levou-a a acompanhar de perto os passos do Movimento, de que foi a primeira presidente da Assembleia Geral, em 1957-58. No biénio 1961-62 voltou a pertencer aos corpos gerentes do MRAR ao ser eleita tesoureiro da Direção. Personalidade proeminente, foi em 1961 um dos sete membros do MRAR entrevistados pelo diário *Novidades* na série intitulada “Rumos da Arte Sacra”⁷². Apesar de ter sido sempre presença assídua nas reuniões do MRAR, Maria José de Mendonça considerou em 1966 que perante os compromissos que tinha em mãos apenas podia dar ao Movimento a sua oração⁷³.

Madalena Cabral

[1922-]

Madalena Cabral nasceu no Porto em 1922, mas foi na Escola António Arroio em Lisboa que realizou o curso de Artes Decorativas. Começou por dedicar-se à pintura, com maior destaque para a aquarela⁷⁴, que a levou a realizar algumas exposições no Porto e em Lisboa⁷⁵. “Em 1948 recebeu o Prémio Henrique Pousão e em 1952 o Prémio José Tagarro. A sua aquarela *Leitura* foi adquirida para o acervo do então Museu de Arte Contemporânea de Lisboa. Ensaçou também alguns cartões para tapeçarias para a *Manufatura de Portalegre*”⁷⁶. Em 1952 começou a trabalhar no Museu Nacional de Arte Antiga, onde lançou no ano seguinte as bases do pioneiro Serviço de Educação⁷⁷, orientado para a formação artística e cultural das crianças⁷⁸. No entanto, os seus conhecimentos sobre têxteis levaram a envolver-se, por intermédio de Maria José de Mendonça, na fundação do MRAR⁷⁹. Manteve ao longo dos anos uma participação intensa na vida do Movimento, apresentando conferências,

⁷¹ Maria José de Mendonça foi sócia efetiva nº9 e em 1966, com a atualização da lista de sócios, nº6.

⁷² MENDONÇA, Maria José de, Arte sacra ornamental (entrevista), *Novidades*, (19 fev.1961), pp.1-5. A entrevista foi republicada na revista *Ora et Labora*, Ano 8, nº2, (1961), pp.81-84.

⁷³ “Meu bom amigo, foi com grande tristeza que preenchi o questionário e verifiquei que nada posso dar ao MRAR em contribuição de trabalho. Mas resta a oração e nisso podem contar comigo. O museu absorve-me totalmente. Afectuosas lembranças para todos.”, MENDONÇA, Maria José de, [Postal a N. Teotónio Pereira], [1966].

⁷⁴ LIMA, Joaquim da Costa, Notabilidades da arte - Madalena Cabral, *Brotéria*, vol.56, nº1, (jan.1953), p.34.

⁷⁵ VASCONCELOS, Flório de, Aquarelas e desenhos de Maria do Carmo e Maria Madalena de Sequeira Cabral, *Ala*, Ano VIII, nº85, (jan.1949), p.7.

⁷⁶ Souza, Maria Reynolds de, Madalena Cabral, *Faces de Eva*, nº 21, Edições Colibri / Universidade Nova de Lisboa, (2008), pp.182-183.

⁷⁷ Em 2005, o Museu Nacional de Arte Antiga promoveu o Encontro *Ver, Rever. Museus, Educação*, em homenagem a Madalena Cabral.

⁷⁸ Em 1964, a sua experiência no trabalho com crianças associada à sua participação ativa na vida católica - Madalena Cabral pertenceu ao Movimento Noelista, cuja revista *Etoile Noeliste* foi presença constante em sua casa durante a infância - levou-a a desenvolver uma iniciativa com numerosas crianças que resultou numa exposição em Lisboa de desenhos infantis que se destinaram a ilustrar um Evangelho oferecido ao Papa (CABRAL, Madalena, O Evangelho vivido pelas crianças: uma experiência que abre novos caminhos à catequese, *BIP – Boletim de Informação Pastoral*, Ano VI, nº31, (1964), pp.18-21).

⁷⁹ A ordem alfabética das assinaturas do documento de fundação atribuiu o nº10 a Madalena Cabral. Em 1966, na atualização da lista de sócios tornou-se no sócio efetivo nº7.

escrevendo artigos⁸⁰, organizando exposições. No biénio 1959-60 foi eleita tesoureiro da Direção, mas o lugar de destaque de Madalena Cabral situou-se em tudo o que se relacionasse com paramentaria, matéria que procurou aprofundar sempre mais e a levou a conhecer Soror Augustina Flüeler, com quem permaneceu dez dias no seu convento em Stans, na Suíça, bem como a realizar um estágio numa escola em Estocolmo. Tornou-se assim na maior especialista sobre o tema em Portugal, confirmada tanto na teoria como numa prática realizada ao longo de década e meia - com a colaboração de Rafaela Zúquete, Luccia Vila Franca, Sereyra Amzalak, Adele Prosérpio e Babette Avilez -, que deu origem a uma vasta obra composta por peças para igrejas como Santo António em Moscavide e Santa Isabel em Lisboa.

António Lino [1914-1996]

António Lino Pires da Veiga Ferreira Pedras nasceu em Guimarães em 1914. Ingressou na ESBAP, onde terminou o curso de Pintura em 1945 com 19 valores. Participou na fundação do grupo que organizou no Porto, desde 1944, as Exposições Independentes. A partir de 1949 fez largas estadas em Espanha, França, Alemanha e Itália onde estudou tapeçaria, fresco, vitral e mosaico, as quatro expressões da pintura mural a que mais se dedicou. Em 1951 deslocou-se a Roma para a inauguração da igreja de Santo Eugénio, onde conheceu o Papa Pio XII⁸¹. Nessa altura apresentou dezoito palestras no Vaticano sobre “Arte Religiosa das Catacumbas à Arte Moderna”. Escreveu vários artigos sobre arqueologia, história e crítica de arte⁸² e colaborou artisticamente com desenhos⁸³ e gravuras em jornais e revistas nacionais e estrangeiras. Também dirigiu e ilustrou livros de literatura e arte. Entre 1964 e 1984 foi professor de Tecnologias da Pintura, Mosaico e Vitral na ESBAL. Realizou algumas exposições em Portugal e no estrangeiro, nomeadamente no Museu de Arte Moderna de Madrid e no atelier do Beato Angélico, em Santa Maria Sopra Minerva em Roma. Tem obras em igrejas, palácios da Justiça, câmaras municipais, palácios nacionais e em museus e coleções particulares nacionais e estrangeiras. Trabalhou também em

⁸⁰ CABRAL, Madalena, Estudo da paramentaria – evolução da casula (I), *MRAR – Boletim*, 1ª Série, nº2, (mai.1957), pp.3-6; CABRAL, Madalena, Estudo da paramentaria – evolução da casula (II), *MRAR – Boletim*, 1ª Série, nº3, (dez.1957), pp.7-9; CABRAL, Madalena, Estudo da paramentaria – evolução da casula (III), *MRAR – Boletim*, 1ª Série, nº4, (abr.1958), pp.6-10. Madalena Cabral voltou a escrever sobre este tema algum tempo depois: CABRAL, Madalena, A Veste Sagrada, *Ora et Labora*, Ano 12, nº4, (1965), pp.310-323.

⁸¹ António Lino elaborou vários desenhos de Pio XII no Vaticano e em Castel Gandolfo, tendo sido um deles publicado na primeira página do jornal *Novidades* (14.out.1951).

⁸² LINO, António, Apontamentos da Arte Cristã, *Ler – Jornal de Letras, Artes e Ciências*, nº17, (ago.1953), p.10.

⁸³ [Presépio], *Ala*, Ano VI, nº75, (s.d.), p.5.

grandes painéis de mosaico, azulejo e mármore gravado a ouro nas basílicas de Nazaré, Israel e Damasco, Síria.

António Lino foi sócio efetivo do MRAR desde a sua fundação⁸⁴. Em 1955 esteve presente no Primeiro Congresso Nacional de Arquitetura Sacra, na Universidade de Bolonha, sob a presidência do Cardeal Lercaro, cujo discurso traduziu e foi publicado como separata do Boletim do MRAR⁸⁵. No final desse ano foi o autor das gravuras com o tema da Natividade que ilustraram a segunda série de cartões de Boas Festas editada pelo Movimento. António Lino desenhou também algumas propostas de logótipo para o Movimento, mas nenhum chegou a ser adotado. Em 1956 foi eleito secretário da Assembleia Geral para o biénio 1957-58 e nos dois anos seguintes assumiu o cargo de presidente da Assembleia Geral.

Manuel Cargaleiro

[1927-]

Manuel Cargaleiro nasceu na localidade de Chão das Servas, Vila Velha de Rodão, em 1927. Em 1946 ingressou no curso de Geografia e Ciências Naturais na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, que abandonou em 1949 para se tornar aluno da ESBAL. Nesse ano participou no Primeiro Salão de Cerâmica, em Lisboa e em 1952 realizou a primeira exposição individual de cerâmica no Secretariado Nacional de Informação, também em Lisboa. Recebeu em 1954 o Prémio Sebastião de Almeida e começou a lecionar cerâmica na Escola de Artes Decorativas António Arroio. Nesse ano fez a sua primeira viagem a Paris, onde fixou residência três anos mais tarde. Em 1955 foi agraciado com o Diploma de Honra da Academia Internacional de Cerâmica, no Festival Internacional de Cerâmica de Cannes. Em 1957 e 1958 recebeu duas bolsas de estudo, uma do Instituto de Alta Cultura, do Governo Italiano e uma segunda da Fundação Calouste Gulbenkian que lhe permitiram visitar Itália e estudar a arte da cerâmica em Faenza, Roma e Florença. A sua obra foi apresentada em numerosas exposições individuais realizadas em Lisboa, Porto, Portalegre, Paris, Reims, Genebra, Milão, Lausanne, Brasília, Tóquio, entre outras cidades, bem como em diversas exposições coletivas também um pouco por todo o mundo. Em 1990 foi criada a Fundação Manuel Cargaleiro à qual doou um vasto conjunto das suas obras. A obtenção do primeiro prémio do concurso internacional “Viaggio attraverso la Ceramica” e a sua ligação à localidade de Vietri Sul Mare, onde possui um atelier

⁸⁴ António Lino não assinou o documento de fundação do MRAR. Ficou assim como sócio efetivo nº12 do Movimento, passando a nº9 na atualização da lista de sócios efetuada em 1966.

⁸⁵ LERCARO, Cardeal, Discurso do Cardeal Lercaro no Congresso de Architettura Sacra em Bolonha, 1955 [Separata], *MRAR – Boletim*, 1ª Série, nº2, (mai.1957), pp.1-5.

desde 1999, levaram à criação em 2004 da Fondazione Museo Artistico Industriale Manuel Cargaleiro, um importante centro de produção e investigação na área da cerâmica, ao qual o artista doou 150 obras.

A 23 de novembro de 1955, Manuel Cargaleiro foi o primeiro - juntamente com José Escada - a ser admitido como sócio efetivo, juntando-se assim ao restrito grupo fundador do MRAR⁸⁶. Até 1957 participou em diversas reuniões do Movimento, mas a sua mudança para Paris afastou-o da vida ativa do MRAR. No entanto, mesmo à distância manteve-se ligado ao Movimento, de que nunca deixou de se interessar⁸⁷.

José Escada

[1934-1980]

José Escada nasceu em Lisboa em 1934. Depois de frequentar a Escola de Artes Decorativas António Arroio ingressou no curso de Pintura da ESBAL, que concluiu em 1958. Em 1953 participou pela primeira vez numa exposição coletiva na VII Geral de Artes Plásticas da SNBA, e no ano seguinte apresentou-se no Centro Nacional de Cultura com Lourdes Castro. Em 1956 partilhou com René Bertholo, Gonçalo Duarte e João Vieira um atelier junto ao café Gelo, no Rossio, Lisboa. Com estes artistas, juntamente com Lourdes Castro, Costa Pinheiro, Jan Voss e Christo formou o grupo KWW em Paris, cidade onde passou a residir a partir de 1960. Nesta data foi chamado pela Fundação Calouste Gulbenkian para trabalhar com doze artistas de diversos países num projeto conjunto entre a Foundation Européenne de la Culture e a tabaqueira holandesa TURMAC, que o levou a uma breve permanência em Amsterdão. Em 1969 regressou em Lisboa, onde faleceu em 1980.

A sua ligação ao MRAR remonta aos inícios do Movimento e formalizou-se a 23 de novembro de 1955, quando foi admitido como sócio efetivo, juntando-se assim ao restrito grupo fundador⁸⁸. Em 1958 foi autor de um conhecido desenho que retratou uma reunião do MRAR, no qual foram representados Madalena Cabral, Flório de Vasconcelos, J. Maya Santos, Diogo L. Pimentel, A. Freitas de Leal, António Lino, N. Teotónio Pereira, Manuel Cargaleiro e o próprio José Escada. Membro ativo do Movimento, participou em reuniões, preparou exposições e contribuiu com artigos para o Boletim. E o facto de nas eleições de 13 de novembro de 1958 ter sido candidato a

⁸⁶ Manuel Cargaleiro tornou-se no sócio efetivo nº13, passando a nº10 na atualização feita em 1966.

⁸⁷ “A Direcção do Movimento de Renovação da Arte Religiosa vem agradecer-lhe a oferta de um painel de azulejo de sua autoria com o fim de ser enviado ao Ver. Padre José Manuel de Aguiar, O.P., como lembrança do nosso Movimento àquele sacerdote espanhol, pela participação que teve no nosso Encontro de Outono. A Direcção regista este seu gesto como mais uma prova do interesse que sempre tem testemunhado ao MRAR.”, PEREIRA, N. Teotónio, [Carta a Manuel Cargaleiro], Lisboa, (24.nov.1961), p.1.

⁸⁸ José Escada foi sócio efetivo nº14, passando a nº11 na atualização feita em 1966.

tesoureiro não eleito e de em 1960 ter deixado de residir em Portugal não impediu que fosse entrevistado em fevereiro de 1961 pelo diário *Novidades* para a série “Rumos da Arte Sacra”⁸⁹. No mês seguinte José Escada enviou de Paris a sua proposta para o logótipo do MRAR⁹⁰, que se tornou na imagem do Movimento, apresentada na capa dos trinta números da 2ª série do Boletim, publicados entre 1961 e 1965.

Maria Luísa Marinho Leite

[1936-]

Maria Luísa Marinha Leite nasceu na cidade do Porto em 1936. Em 1951 ingressou no curso de Pintura na ESBAP, que concluiu em 1962. Entre janeiro e julho de 1961 foi bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris, onde frequentou a casa de Maria Helena Vieira da Silva e Arpad Szènes para críticas aos seus trabalhos. De outubro de 1962 até julho de 2002 foi professora de várias disciplinas da Área Artística na Escola Carolina Michaëlis e na Escola Garcia de Orta, ambas no Porto. No ano letivo de 1983-84 foi docente de Desenho no curso de Arquitetura da ESBAP.

Foi, juntamente com Luiz Cunha, a principal responsável pelo desenvolvimento do núcleo do MRAR no Porto. Esteve envolvida nas diversas atividades desenvolvidas no norte do país, mas também participou em algumas iniciativas realizadas a sul. No biénio 1959-60 tornou-se no sócio efetivo nº19⁹¹. Durante a crise do MRAR de 1966 revelou estar disponível para continuar a trabalhar pelo Movimento, incluindo num cargo da Direção, mas apenas como vogal⁹².

Maria do Carmo Matos

[1935-1989]

Maria do Carmo Matos nasceu em Lisboa em 1935 e em 1961 concluiu o curso de Arquitetura da ESBAL. Começara, entretanto, em 1956 a trabalhar no Ministério das Obras Públicas, na área da Construção Escolar. Em 1960 foi contratada pelo mesmo organismo para estudar e projetar escolas industriais e comerciais. Entre 1964 e 1966 fez parte do *Grupo de Trabalho sobre Construções Escolares* (OCDE – Projeto Regional do Mediterrâneo) e em 1966-67 desenvolveu o estudo do *Novo Projeto Normalizado dos Liceus*. Transitou em 1969 para a Direção Geral das Construções

⁸⁹ ESCADA, José, A pintura sacra e a sua função litúrgica (entrevista), *Novidades*, (11 fev.1961), pp.1-4. A propósito do mesmo tema, José Escada fora já entrevistado pelo jornal *Encontro* três anos antes: ESCADA, José, Encontro com um artista cristão (entrevista), *Encontro*, Ano 3, nº15, (fev.1958), pp.10-11.

⁹⁰ ESCADA, José, [Carta a N. Teotónio Pereira], Paris, (31 mar.1961), pp.1-4.

⁹¹ Em 1966, com a atualização da lista de sócios passou a ser o sócio efetivo nº16.

⁹² LEITE, Maria Luísa Marinho, [Resposta a inquérito do MRAR], (1966).

Escolares, onde trabalhou na normalização e projeto dos novos espaços para o ensino primário. Em 1973 foi transferida para o Ministério da Educação Nacional – Direção Geral do Equipamento Escolar, onde participou nos estudos de *Programação Arquitetónica e Estudos Base para os Projetos de Execução de Instalações para Escolas Preparatórias e Secundárias*. A partir de 1981 foi representante de Portugal no Grupo de Trabalho *Espaces Educatifs et Culturels* da UIA.

A ligação de Maria do Carmo Matos ao MRAR começou como sócio-estudante nº(2)17, tendo-se tornado sócio-efetivo nº20 a 19 de maio de 1961⁹³. Entretanto, já colaborara em 1957 e 1958 na 1ª Série do Boletim, publicação cuja responsabilidade da edição da segunda série assumiu em 1961. Pertenceu também às comissões organizadoras dos Encontros de Outono realizados em 1962 e 1963. A 29 de março de 1965 foi eleita tesoureiro do MRAR, cargo que manteve na Direção eleita a 26 de outubro de 1966, mesmo depois de ter alertado para o facto de ter muito pouca disponibilidade⁹⁴. Três anos depois foi um dos quatro assinantes da última carta do MRAR, que suspendeu o Movimento.

Avelino Rodrigues [1936-]

Avelino Rodrigues nasceu em 1936. Em meados da década de 1950 entrou no Seminário dos Olivais, onde se juntou à equipa de Arte orientada por João de Almeida⁹⁵. Neste contexto, não só publicou diversos artigos sobre o tema na revista *Novellae Olivarum*⁹⁶, como começou a relacionar-se com o MRAR, participando em algumas iniciativas. Tornou-se sócio-efetivo nº21 a 19 de maio de 1961⁹⁷ e a partir desta data foi presença assídua nas reuniões e encontros realizados pelo Movimento. Em 1962 foi consultor litúrgico da equipa vencedora do concurso de ante-projetos para

⁹³ Em 1966, com a atualização da lista de sócios passou a ser o sócio efetivo nº17.

⁹⁴ MATOS, Maria do Carmo, [Resposta a inquérito do MRAR], (1966).

⁹⁵ Ver capítulo 2.22. Ver também RODRIGUES, Avelino, O Seminário dos Olivais e a renovação da arte sacra em Portugal, *Por caminhos não andados: Seminário dos Olivais 1945/68*, Multinova, 2007, pp.153-168.

⁹⁶ RODRIGUES, Avelino, Arquitectura e Liturgia: a propósito da igreja de Moscovide, *Novellae Olivarum*, Ano XV, nº141, (abr.1957), pp.132-138; RODRIGUES, Avelino, A construção de igrejas modernas e a responsabilidade do clero, *Novellae Olivarum*, Ano XV, nº154, (jul.1958), pp.226-237; RODRIGUES, Avelino, Electricidade e Liturgia, *Novellae Olivarum*, Ano XVI, nº161, (mai.1959), pp.145-164; RODRIGUES, Avelino, Adaptações das igrejas antigas às necessidades da pastoral moderna, *Novellae Olivarum*, Ano XVI, nº162 (jun.1959), pp.177-193. Este artigo foi mais tarde desenvolvido e apresentado na reunião de estudo do MRAR de 17 de março de 1966, cujo relato foi publicado na 3ª série do Boletim do Movimento. Ver [MRAR], A reintegração artística dos monumentos antigos, *MRAR – Boletim*, 3ª Série, s/nº, (jan.1967-mai.1968), pp.1-13. Avelino Rodrigues publicou também artigos sobre o tema na revista *Lumen* (RODRIGUES, Avelino, Como julgar as igrejas modernas, *Lumen*, Vol. XXII, fasc.IV, (abr.1958), pp.303-315) e no *Boletim de Informação Pastoral* (RODRIGUES, Avelino, Como ornamentar as igrejas, *BIP - Boletim de Informação Pastoral*, Ano 1, nº3, (ago.-set.1959), pp.24-28).

⁹⁷ Em 1966, com a atualização da lista de sócios passou a ser o sócio efetivo nº18.

a Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Dois anos depois assessorou liturgicamente Erich Corsépius no concurso de anteprojetos para a Sé de Bragança, proposta que ficou em quarto lugar. A 26 de outubro de 1966 assumiu o cargo de vogal da nova Direção do MRAR e três anos depois foi um dos quatro assinantes da carta de suspensão do Movimento. No ano seguinte foi autor de um texto publicado na revista espanhola *ARA – arte religioso actual*, onde relatou o percurso do Movimento já numa perspetiva histórica⁹⁸. Entretanto, Avelino Rodrigues deixara o sacerdócio e ingressara no curso de Jornalismo do Sindicato dos Jornalistas, atividade que começou a exercer profissionalmente em 1968 no jornal *O Século*, tendo depois passado pelo *Diário de Lisboa*, *RTP* e *Teledifusão de Macau*.

Albino Cleto

[1935 - 2012]

Albino Cleto nasceu em Manteigas em 1935. Ingressou no Seminário dos Olivais na década de 1950, onde foi ordenado padre em 1959. Durante aqueles anos fez parte da equipa de Arte⁹⁹, tema que o interessava significativamente e sobre o qual escreveu diversos artigos¹⁰⁰. Foi também neste período que começou a contatar de perto com o MRAR, de que se veio a tornar no sócio-efetivo nº23 a 19 de maio de 1961¹⁰¹. Participou em várias reuniões do Movimento, tendo na Assembleia Geral de 29 de março de 1965 alertado para a perda de influência do MRAR nos seminários. Em 1964 foi consultor litúrgico da equipa vencedora do concurso de anteprojetos para a Sé de Bragança. Para além do curso de Teologia, Albino Cleto frequentou a Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, onde obteve a licenciatura em Românicas, e foi professor de Línguas e Literatura na Universidade Católica de Lisboa. Em 1983 foi ordenado Bispo Auxiliar de Lisboa e em 1997 foi nomeado Bispo Coadjutor de Coimbra. Quatro anos depois, tornou-se Bispo de Coimbra. Foi também secretário e porta-voz da Conferência Episcopal Portuguesa, presidente da Comissão Episcopal dos Bens Culturais da Igreja e vogal da Comissão Episcopal da Liturgia e Espiritualidade.

⁹⁸ RODRIGUES, Avelino, Renovacion del arte religioso en Portugal, *ARA – arte religioso actual*, Ano VII, nº26, (out.-dez. 1970), pp.122-136.

⁹⁹ Ver capítulo 2.22.

¹⁰⁰ CLETO, Albino, Realidades do Sagrado, *Novellae Olivarum*, Ano XIV, nº136, (nov. 1956), pp.161-165; CLETO, Albino, A arte cristã no seu valor histórico, *Novellae Olivarum*, Ano XV, nº153, (jun.1958), pp.193-198; CLETO, Albino, Uma exposição no Porto revela-nos uma Arte Sacra Moderna em Portugal, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano I, nº4, (out.-nov.1959), pp.24-25.39; CLETO, Albino, O que será uma «autêntica» arte sacra moderna, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano II, nº7, (mar.-mai.1960), pp.32-33; CLETO, Albino, Arte sacra moderna autêntica, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano II, nº8, (jun.-jul.1960), pp.19-20; CLETO, Albino, Arte – Sacra – Moderna (Respondendo a algumas dúvidas), *Boletim de Informação Pastoral*, Ano II, nº8, (jun.-jul.1960), pp.21-24.

¹⁰¹ Em 1966, com a atualização da lista de sócios passou a ser o sócio efetivo nº20.

Vitorino Nemésio
[1901-1978]

Vitorino Nemésio nasceu na Praia da Vitória, na Ilha Terceira, Açores, em 1901. Em 1922 inscreveu-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, tendo dois anos mais tarde trocado esse curso pelo de Ciências Histórico Filosóficas, da Faculdade de Letras de Coimbra, mas em 1925 optou definitivamente pelo curso de Filologia Românica. Em 1930 transferiu-se para a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa onde concluiu o curso no ano seguinte, e começou logo de seguida a lecionar Literatura Italiana e dois anos depois também Literatura Espanhola. Em 1934 doutorou-se em Letras pela Universidade de Lisboa com a tese "*A Mocidade de Herculano até à Volta do Exílio*". Três anos depois partiu para a Bélgica, onde foi docente na Universidade Livre durante dois anos, findos os quais regressou ao ensino na Faculdade de Letras de Lisboa, onde permaneceu até 1971, ano da sua última lição. Em 1944 publicou o romance "*O Mau Tempo no Canal*" que recebeu no ano seguinte o Prémio Ricardo Malheiros da Academia das Ciências. Autor de uma vasta obra que o tornou num dos principais escritores portugueses do século XX, recebeu o Prémio Nacional da Literatura em 1965, e em 1974 o Prémio Montaigne da Fundação Freiherr von Stein/Friedrich von Schiller, de Hamburgo. Foi autor e apresentador do programa televisivo *Se bem me lembro*, que muito o popularizou, e colaborou em diversos jornais e revistas, como o *Diário Popular*, *O Dia*, *Vértice* e *Observador*. Interessado no tema da arquitetura religiosa¹⁰², não lhe passou despercebido o MRAR, que elogiou numa palestra difundida pela Emissora Nacional - "*A recente actuação de um grupo de jovens arquitectos e outros católicos no sentido de propagar a boa orientação da arte sacra, sobretudo architectónica, tão decaída entre nós, faz nascer a esperança de que, nas igrejas que agora se projectem (...) outro rumo se siga. Esses moços revelam-se tão corajosa e convictamente cristãos como artistas. É no nome indistinto da sua fé e da sua arte que se chama a atenção do clero e dos fiéis responsáveis pelas últimas construções de templos, para o espírito de imitação e de adaptação de formas em que foram geralmente traçados e erguidos*"¹⁰³. A sua aproximação ao Movimento levou-o a tornar-se no sócio efetivo nº24 a 19 de maio de 1961¹⁰⁴. Pouco tempo antes tinha sido entrevistado pelo diário *Novidades* na série dedicada aos "Rumos da Arte Sacra"¹⁰⁵. A participação de Vitorino Nemésio no MRAR,

¹⁰² NEMÉSIO, Vitorino, Formas sinceras, *Novidades - Letras e Artes*, Ano XX, nº12, (7 abr.1957), p.1; NEMÉSIO, Vitorino, Restaurar e reconstruir, *Diário Popular*, (10 out.1959), pp.1.12; NEMÉSIO, Vitorino, Corpo e função das igrejas, *Diário Popular*, (24 out.1959), pp.1.12.

¹⁰³ NEMÉSIO, Vitorino, *Palestra semanal na Emissora Nacional [sobre a futura igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa]*, (14.abr.1956), pp.1-2.

¹⁰⁴ Na atualização da lista de sócios efetuada em 1966 passou a ser o nº21.

¹⁰⁵ NEMÉSIO, Vitorino, A arte sacra moderna e a cultura (entrevista), *Novidades*, (19 fev.1961), pp.1.4.

apesar de esporádica, incluiu a apresentação de algumas conferências e a presença em reuniões. No final de 1962 propôs a criação de um grupo de Poesia Sacra, que nunca se concretizou.

Henrique de Noronha Galvão [1937-]

Henrique de Noronha Galvão nasceu em Lisboa em 1937. Na década de 1950 entrou no Seminário dos Olivais, onde integrou a equipa de Arte Sacra orientada por João de Almeida. Particularmente interessado no tema das imagens em contexto litúrgico, escreveu artigos sobre essa matéria¹⁰⁶, bem como começou a envolver-se no MRAR, de que se tornou no sócio efetivo nº25 a 19 de maio de 1961¹⁰⁷. No ano anterior, o seu entusiasmo com a arquitetura religiosa moderna levou-o a pedir ao Cardeal Patriarca para que o ordenasse padre na igreja de Santo António de Moscavide e não na Sé Patriarcal de Lisboa como era tradição, o que se concretizou. Henrique Noronha de Galvão participou posteriormente em diversas reuniões do MRAR, destacando-se a sua importante colaboração no II Encontro de Outono do Movimento realizado em 1962.

Em 1979 doutorou-se em Teologia pela Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Ratisbona, Alemanha, orientado por Joseph Ratzinger, sobre o tema *O conhecimento existencial de Deus em Santo Agostinho - Uma leitura hermenêutica das Confissões*. Foi professor de Teologia Dogmática na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa e membro da Comissão Teológica Internacional. É diretor da edição portuguesa da revista *Communio*, onde tem numerosos artigos publicados. Em 2008, a revista *Didaskalia* publicou um número em sua homenagem¹⁰⁸.

Rafaela Zúquete [1936-]

Rafaela Zúquete nasceu em Lisboa em 1936 e após frequentar o liceu, ingressou na ESBAL. Posteriormente foi professora de Arte e Design Têxtil na Escola de Artes Decorativas António Arroio, em Lisboa, durante 30 anos.

¹⁰⁶ GALVÃO, P. H. de Noronha, O problema das imagens, *Novellae Olivarum*, Ano XV, nº143, (jun.1957), pp.198-206; GALVÃO, P. H. de Noronha, A propósito de imagens: religião viril – arte viril / arte viril – religião viril, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano II, nº9, (ago.-set.out.1960), pp.23-27.

¹⁰⁷ Na atualização da lista de sócios efetuada em 1966 passou a ser o nº22.

¹⁰⁸ O Conhecimento de Deus – Homenagem a Henrique de Noronha Galvão, *Didaskalia*, Vol. XXXVIII, Fasc. 2, (2008).

Rafaela Zúquete começou a envolver-se no MRAR no início da década de 1960, interessada principalmente na renovação da paramentaria. Trabalhou com Madalena Cabral e apoiou-a na orientação do grupo de paramentaria no II Encontro de Outono, em novembro de 1962. Pouco tempo depois, foi admitida como sócio efetivo nº27¹⁰⁹. Participou em diversas reuniões do Movimento nos anos seguintes.

Francisco D'Orey

[1931-]

Francisco D'Orey nasceu em Lisboa em 1931. Terminou o Curso Geral de Composição no Conservatório Nacional em 1961. Estudou também Contraponto e Fuga, Piano e, informalmente, Canto Gregoriano, Jazz e Música Electroacústica. Entre 1961 e 1965 foi docente de Canto Coral no Externato Frei Luís de Sousa, em Almada. Mais tarde foi professor de Expressão Vocal na Escola Superior de Teatro e na Escola Superior de Educação pela Arte, ambas em Lisboa, no Centro Cultural de Évora e na Escola de Teatro de Cascais. Nos anos 1960 e 1970 dirigiu vários grupos corais, como o Coro da Misericórdia de Lisboa, o Coro da Tabaqueira, o Coro da Sociedade Filarmónica Incrível Almadense, o Grupo Vocal Arsis, o Coro da Universidade de Lisboa e o Coro da Juventude Musical Portuguesa, tendo estes dois últimos sido premiados no Festival Eistedfodd de Middlesborough. Nas duas décadas seguintes dirigiu ainda o Coral de Estudantes de Letras da Universidade de Coimbra, a Camerata Vocal de Torres Vedras, o Coro da Universidade de Évora, o Coro Eborae Musica, o Coro Infantil da Academia de Música da Costa do Estoril e o Coro Sinfónico da Orquestra Nova Filarmonia. Produziu e realizou dezenas de filmes sobre música informal para a RTP e entre 1970 e 1972 foi co-produtor e assistente musical no programa "*Povo que canta*" de Michel Giacometti.

Francisco D'Orey tornou-se num reconhecido animador e divulgador musical, sobretudo na área do canto em coro, e foi precisamente este tema que o levou a juntar-se ao MRAR no primeiro semestre de 1962, como sócio estudante. Logo se envolveu na criação do grupo de música sacra, tendo sido um dos seus elementos mais ativos. A 11 de dezembro de 1962 foi admitido como sócio efetivo nº29 do MRAR¹¹⁰.

¹⁰⁹ A 11 de dezembro. Em 1966, na atualização da lista de sócios passou a ser o nº24.

¹¹⁰ Na atualização da lista de sócios efetuada em 1966 passou a ser o nº26.

Francisco Fernandes

[1934-]

Francisco Fernandes nasceu na Moita em 1934. Estudou Piano, Orgão e Composição no Conservatório Nacional e dedicou-se posteriormente à Composição de música profana e religiosa. Praticou música instrumental, tendo exercido a função de organista em várias igrejas, nomeadamente em Santa Isabel e São Roque e na Basílica da Estrela. Exerceu funções docentes como professor de Educação Musical em várias escolas públicas.

No início de 1962 tornou-se no sócio auxiliar nº (2)67 do MRAR, altura em que se envolveu na criação do grupo de música sacra. Membro ativo deste grupo, participou em diversas reuniões e encontros, em vários dos quais fez pequenas apresentações sobre o tema. A 11 de dezembro de 1962 foi admitido como sócio efetivo nº30.¹¹¹

Elizabeth Évora Nunes

[1939-]

Elizabeth Évora Nunes nasceu em Lisboa em 1939. Fez o ensino secundário no Liceu D. Filipa de Lencastre e em 1956 completou o 1º ano de Ciências Matemáticas na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Licenciou-se em Arquitetura na ESBAL e realizou os cursos de Pedagógicas e Ciências Históricas na Faculdade de Letras de Lisboa, e também em Ciências Musicais na FCSH-UNL. Fez pós-graduações em Planeamento Regional e Urbano na UTL e História de Arte na FCSH-UNL e, também, os Cursos Geral de Composição e Superiores de Canto de Concerto e Canto Teatral no Conservatório Nacional de Lisboa. Entre 1979 e 1995 trabalhou como arquiteta urbanista no MOP e posteriormente no Ministério do Trabalho e Solidariedade. Em 1981 tornou-se assistente convidada na FCSH-UNL. Fez parte do Coro Poliphonia entre 1955 e 1964 e a partir desta data do Coro da FCG.

A 11 de dezembro de 1962 foi admitida como sócio efetivo nº31¹¹² do MRAR e esteve envolvida de um modo mais intenso no grupo de Música Sacra formado no início daquele ano.

¹¹¹ Na atualização da lista de sócios efetuada em 1966 passou a ser o nº27.

¹¹² Após a atualização da lista de sócios realizada em 1966, passou a ter o nº28.

António Flores Ribeiro

[1934-]

António Flores Ribeiro nasceu em Ferreira do Zêzere em 1934. Em 1955 ingressou no curso de Arquitetura da ESBAL, que concluiu em 1962 com 17 valores. Ainda estudante trabalhou com os arquitetos Pedro Cid, Manuel Laginha, João Vasconcelos Esteves e Manuel Martins Garrido. Após o curso foi convidado para colaborar no SNIP, num gabinete de pequenos projetos. Paralelamente trabalhou no atelier de A. Freitas Leal e depois na Canon – Centro de Estudos e Projetos, de S. Formosinho Sanchez e Diogo L. Pimentel, gabinete de que veio a ser sócio. Em 2008 passou a trabalhar exclusivamente no SNIP.

A ligação de António Flores Ribeiro ao MRAR começou como sócio estudante nº(2)53, passando depois a sócio auxiliar em 1961. A 26 de outubro de 1965 tornou-se sócio efetivo nº33, e nos dois anos seguintes manteve-se uma presença assídua nas reuniões do Movimento.

Eduardo Nery

[1938-2013]

Eduardo Nery nasceu em 1938 na Figueira da Foz. Depois de se formar em Pintura na ESBAL, estagiou com Jean Lurçat em Saint-Céré, onde aprendeu a técnica da tapeçaria contemporânea. Começou assim uma carreira internacional nesta área que o levou a estar presente nas 2ª, 3ª e 4ª Bienais Internacionais de Tapeçaria em Lausana (1965/67/69) e posteriormente nos Estados Unidos. Dedicou-se também ao azulejo, vitral, mosaico e desenho de pavimentos, sendo autor de uma vasta obra pública. Mais tarde dedicou-se também à fotografia. Realizou diversas exposições individuais e coletivas em Portugal e no estrangeiro ao longo da sua carreira. Foi professor de Desenho, Cor e Texturas no IADE e em 1973 foi um dos fundadores do Ar.Co.

Em 1962, Eduardo Nery inscreveu-se no MRAR como sócio estudante nº (2)75¹¹³ e foi nessa qualidade que participou no II Encontro de Outono, realizado em novembro desse ano. Em 1966 fez parte da lista eleita para a nova Direção do Movimento, da qual foi vogal.

¹¹³ Em 1966, na atualização da lista de sócios, tornou-se no sócio estudante nº (3)19.

1.5. Depoimentos

António Freitas Leal

[6.mar.2009 + 11.mar.2009 + 16.abr.2009]

“A exposição de São Nicolau foi uma crítica às igrejas a imitar antigas e um elogio aos edifícios que se fazem com mais liberdade. Foi feita por um grupo de jovens. Nasceu do escândalo da igreja de Santo Condestável, em Campo de Ourique, e de conversas minhas com o Nuno Teotónio Pereira. Já nos conhecíamos há algum tempo. Achámos que aquilo não podia continuar. Era demais. Procurámos desmistificar aqueles neos. Na exposição houve a preocupação de apresentar modelos novos, que estavam a ser postos de lado ao se fazerem apenas os revivalismos. A exposição era itinerante, o que foi uma novidade. Os painéis eram práticos, autónomos, transportáveis. Foi ao Porto, a Braga, etc. Apareceram vários colaboradores alunos das Belas Artes e outros, como a Madalena Cabral. O MRAR procurou juntar em encontros arquitetos, artistas, críticos, historiadores, clero e seminaristas. No Encontro das Termas dos Cucos fiquei de convidar o Cardeal Cerejeira, o que não era habitual. E ele foi. Ele era muito acessível, podia-se ser recebido por ele.

Fiz a igreja de Moscavide, com o João de Almeida, que tinha trabalhado com o Hermann Baur e de lá trouxe uma série de elementos. O MRAR foi o pano de fundo da igreja, não a origem. O plano original de Moscavide destinava uma área muito pequena para a igreja. Era nesse espaço que o João de Almeida estava a trabalhar com muitas dificuldades, quando me juntei a ele. Fui falar com o urbanista responsável, pai de um colega meu, que alterou a localização para a atual, com maior área. O espaço litúrgico é desenho do João de Almeida. Afastou o altar da parede de fundo e dispôs bancos à volta do altar, alguns paralelos ao eixo da igreja. Com a nova área, propôs aumentar o número de bancos e desenvolver a igreja em forma de cruz. Entretanto o João de Almeida entrou no Seminário dos Olivais e eu ia lá para termos conversas. Uma das conversas foi com o Patriarca, com a igreja já em construção. Ele tinha aprovado a igreja, mas só com ela em construção se apercebeu que o altar estava afastado da parede de fundo. Havia então um conflito com o P. Felicidade Alves - homem muito inteligente, mas temperamental e conflituoso -, que era a favor das missas «versus populum». De modo que o Cardeal me perguntou «- O altar é a pensar na missa ‘versus populum’?» e eu respondi «- Não, mas também dá.»

Diz-se que a igreja escapou a conflitos políticos por estar na periferia, mas não é verdade. Havia um subsídio que se pedia ao Fundo de Desemprego para a construção das igrejas – todas as obras pagavam uma taxa para esse subsídio. Dependia da

Direção Geral de Urbanização, que tinha um diretor muito poderoso. Ora na igreja de Moscavide criou-se um balcão para conseguir sentar toda a gente e por baixo pôs-se a pia batismal no eixo da igreja. Um dia chegou lá o Diretor Geral e deu uma ordem para mudar a pia de sítio e o encarregado do empreiteiro cumpriu. Cheguei uns dias depois e a pia estava num espaço lateral que era para as missas de semana, e perguntei quem tinha feito aquilo. Disseram-me «- O Diretor Geral.» E eu perguntei «- Quem é que manda na obra: o projeto ou o Diretor Geral?» E a pia voltou para o local original. Um dia numa conversa amável, o arquiteto Pardal Monteiro fez também algumas observações sobre o projeto. Fez um comentário sobre o suporte do desenho – «A apresentação é que não é muito boa...», porque eu tinha feito o desenho a lápis em papel vegetal - eu não sabia desenhar a tinta-da-china com o tira-linhas... E disse também que achava a igreja escura por ter umas janelas pequenas, sem vitrais. E estava espantado por isso. O Cargaleiro fez os azulejos da fachada depois de lhe explicar a ideia daquela parede com buracos, que tinha também funções acústicas. E ele fez o que lá está. Também o baldaquino do José Escada, expliquei-lhe o que tinha visto num museu em Barcelona, sobre frescos. Era uma mão de Deus¹¹⁴. Na altura havia poucos materiais e uma fábrica de pastilhas de vidro ofereceu o material à igreja, o que condicionou o pavimento. Foi a primeira vez que foi usado no chão e começou a saltar.

A igreja de Mouriscas não foi construída porque as pessoas acharam o projeto feio. As pessoas não gostam de mudanças. Acabei por aproveitar o projeto para CODA. A intervenção na igreja de Santa Isabel também foi pioneira. As alterações no altar foram feitas ainda antes do Concílio Vaticano II. Tive receio da sensibilidade das pessoas, pois era uma modernização de uma igreja do século XVIII. Separou-se o altar do fundo. A iluminação foi muito trabalhada. Retirei imagens dos altares laterais. Pensei que os paroquianos iam ficar danados comigo, mas isso não aconteceu. Apanhei apenas dos conservadores de arte, como a Maria José de Mendonça, por ter retirado a teia. Os padres e liturgistas foram dos poucos que me apoiaram nisso.”

João de Almeida

[4.nov.2008]

“Há uma coisa que contextualiza o MRAR que são os anos iniciais, que foram uma coisa muito intensa e com muita dedicação, que atraiu muita gente. Naquela altura havia muito pouco debate sobre o que quer que fosse, a começar por política. E o

¹¹⁴ A Mão de Deus, fresco catalão de 1123 em Sant Climent de Taüll.

MRAR tinha também uma ressonância política porque era uma outra visão da Igreja, que estava muito ligada ao Regime e dependente dele. Havia alguma reserva na fase inicial, sobretudo do Cardeal Cerejeira, porque nós fomos muito violentos na primeira exposição que fizemos. Foi na igreja de S. Nicolau, em que o pároco – P. Gustavo de Almeida - era um homem de grande cultura. Deixou fazer na galeria ao lado da igreja a exposição, que marcou a abertura da galeria como espaço cultural. Ainda não existia o MRAR nesta altura.

Eu tinha acabado de regressar de França e da Suíça, para onde tinha ido no final dos anos 40 já na perspectiva de entrar no Seminário dos Olivais. Tinha-me apresentado ao Cardeal Cerejeira dizendo que queria ser padre, interrompendo o curso de Arquitetura para entrar no Seminário, mas ele disse-me para antes fazer uma pesquisa no centro da Europa, o apogeu da construção de igrejas naquela altura. Através de um contato com a revista L'Art Sacré fui para Paris e pedi aos padres Couturier e Régamey que me orientassem numa aprendizagem extra-académica. Tive mais contato com o P. Régamey. Comecei a trabalhar num atelier por indicação dele, mas não gostei, pois era muito grande e impessoal. Estive lá apenas um mês. Tentei trabalhar com August Perret, mas não foi possível. Estive depois um ano em Paris orientado pelo P. Régamey a estudar nas bibliotecas. Dediquei-me principalmente à pintura dos séculos XIX e XX. Passado esse ano disse-me para ir para a Suíça. A primeira hipótese era o arquiteto Hermann Baur, que se concretizou.

Na Suíça havia dois arquitetos importantes: Hermann Baur do lado católico e do protestante Ernst Gisel, que também conheci e cujas obras visitei. As duas Igrejas eram muito próximas porque havia uma convergência. A Igreja Católica estava a aproximar-se do despojamento protestante. Fiquei muito amigo do Hermann Baur. Ele tinha seis filhos e disse-me que era o sétimo. Vivia em Basileia, perto da fronteira com a Alemanha. Era um centro muito vivo, que acolhia muitos artistas, como Arpad Szênes e Vieira da Silva. Estive lá dois anos e depois disso ia lá todos os anos e levava um amigo - o Pedro Ferreira Pinto, o Nuno Portas, que esteve lá quando o Hermann Baur fez 60 anos. Ele era uma figura pública e os 60 anos celebravam-se à grande. De modo que «caímos» num jantar solene em casa dele, que teve direito a um concerto de um conjunto de câmara a que pertencia uma das filhas dele e também a filha de um casal muito amigo deles, onde eu permanecia quando lá ia.

O meu primeiro trabalho no atelier do Hermann Baur foi estudar o interior da igreja de Todos-os-Santos, em Basileia, através de uma maquete. Como fim-de-semana sim, fim-de-semana não, ia a Paris, o Hermann Baur pediu-me para ir falar com o Alfred Manessier para fazer um vitral para a igreja, que foi feito. Os Baur adoptaram-me não apenas familiarmente, mas também como interlocutor, porque eu tinha uma «grande

lata». Falava francês, aprendi lá o alemão, de maneira que tudo isso me abria portas. Privei com muitos arquitetos suíços. Não conheci o Rudolf Schwarz, mas conheci a mulher dele – Maria Schwarz -, já viúva, que era uma pessoa muito especial. Passei um fim-de-semana com ela a visitar as obras do marido, incluindo a igreja de Aachen, que estava muito degradada na altura. Era uma igreja de rutura.

Quando voltei tive uma recepção entusiástica, com um grupo muito interessado no que tinha visto, e que leva à decisão de fazer a Exposição de Arquitetura Religiosa Contemporânea, que na altura foi uma pedra no charco, porque começámos por desfazer e criticar tudo o que tinha sido feito em Portugal até aí, incluindo a igreja de N. Sra. de Fátima, cujo interior era neo-gótico. Com a igreja de Santo Condestável fizemos o seguinte: um corte da igreja a mostrar toda a estrutura de betão revestida a pedra, como se fosse da Idade Média. A segunda parte da exposição era com exemplos europeus que eu tinha trazido. Não só arquitetura, mas também elementos de arte, com textos, comentários e fotografias. O Cardeal Cerejeira não gostou, mas tivemos o apoio do P. António dos Reis Rodrigues, assistente da JUC.

*Entrei no Seminário dos Olivais e comecei a fazer exposições sobre a nova arquitetura e arte sacra, réplicas menores da de S. Nicolau, no hall central do Seminário. Escrevi também artigos para a revista *Novellae Olivarum*. Logo depois o Cardeal Cerejeira convidou-me para fazer a igreja de Moscavide – e eu não era arquiteto, tinha apenas dois anos de estudos. A igreja de Moscavide é uma réplica alterada de uma igreja de Hermann Baur, anterior a Todos-os-Santos, que é a igreja de S. Miguel, em Riem, Basileia. Em Moscavide a comunidade não está apenas de frente do altar, mas envolve-o. O Cardeal Cerejeira foi corajoso em ter acolhido este projeto. A inauguração da igreja foi colossal. O Cardeal concordou que fosse uma coisa solene, com a presença do Coro Gregoriano do Seminário dos Olivais. Também veio o Hermann Baur, que mais tarde passou a fazer o «Late-Modern», que teve pouca repercussão na Suíça, mas influenciou o projeto da igreja de Paço d'Arcos. Era uma arquitetura mais complexa, com a envolvência do altar muito mais acentuada.*

De Moscavide para Paço d'Arcos várias coisas mudaram. O balcão deixou de ser uma peça isolada. O batistério passou para um espaço próprio, mais desenvolvido, com uma presença forte de água. O projeto foi-me pedido pelo Cardeal Cerejeira e teve a particularidade de ser a minha tese de licenciatura. Tive dois colaboradores, o Gastão Cunha e o Luís Moreira, que era muito bom a pormenorizar. Eu era mais o conceito. Na fase final, entreguei o projeto ao Nuno Teotónio Pereira, para acompanhar a obra, porque fui para Barcelona trabalhar durante dois anos. A igreja de Paço d'Arcos reflete o que se passava na Suíça, mais concretamente as últimas obras do Hermann Baur, que eram já esculturas de betão. Era o tal «Late-Modern». A leitura já não é simples,

as peças desconjuntadas já se tornam difíceis de ler. Isto criou espaços mais atormentados, mas era a moda na altura. A revista L'Art Sacré divulgava as obras suíças. Todo o círculo do MRAR assinava a revista.

Uma vez partilhei o quarto em casa do Hermann Baur com o pintor suíço Ferdinand Gehr, que trabalhava muito em igrejas. Era único, pintava monumental. Fresco sobre betão, vitral. Tive uma amizade filial com ele. Foi um pouco marginalizado por ser um pintor empenhado na pintura religiosa. Há uns anos fez-se uma grande exposição na Gulbenkian sobre a obra dele. Uma vez levei o Luiz Cunha a casa do Ferdinand Gehr e também à do Hermann Baur. Lembro-me de uma reunião em casa do Formosinho Sanchez, na margem sul, com cem pessoas e o Ferdinand Gehr, onde se projectaram slides que eu tinha tirado. Estava lá o José Guimarães.

O MRAR atraiu muita gente de fora, mesmo da Igreja. Foi um grupo muito abrangente. Era um espaço de debate. No MRAR discutiam-se até à exaustão todos os nossos projetos, em reuniões que convocávamos e que aconteciam em sítios diversos.”

Nuno Teotónio Pereira

[4.fev.2009]

“Em 1951, o jornal Novidades publicou na primeira página o projeto do arquiteto Vasco Regaleira para a igreja de S. João de Brito. Fiquei indignado pela arquitetura passadista e falei com alguns colegas. Já morava no bairro de Alvalade. Organizámos um abaixo-assinado dirigido ao Cardeal Cerejeira e conseguimos muitas assinaturas, umas delas muito importante, a do pai do José Mattoso, professor de história apoiante do Regime. O Cardeal disse que não podia mudar, que o projeto já tinha sido aceite. Com o Cardeal Cerejeira acontecia sempre o mesmo, dizíamos o que queríamos e ele desviava a conversa. Era um grande conversador. Nunca conseguíamos nada. Mas o arquiteto Vasco Regaleira acabou por mudar a fachada da igreja. Numa visita à igreja do Santo Condestável tirei umas fotografias na cave, à base dos pilares em betão armado. Os pilares não eram em pedra como se via na nave, a estrutura era em betão. Essas fotografias foram mostradas aos colegas e apareceram na exposição de São Nicolau. Nunca falámos com o arquiteto Regaleira porque ele era o inimigo.

O ponto de arranque do MRAR foi a exposição de São Nicolau. Foi um movimento que surgiu dentro da Igreja. O MRAR não era um atelier, cada um tinha o seu. Mas os projetos eram discutidos entre nós no âmbito do MRAR. As motivações eram arquitetónicas e religiosas. Era o desejo de renovação. O MRAR ocupava muito tempo, deitava-me às duas da manhã e trabalhava aos sábados e às vezes aos domingos. Procurávamos muita informação. Mas fazer viagens especificamente para

esse fim, não. Não se viajava muito. Era mais por revistas, que assinávamos. As influências vieram sobretudo da Suíça, onde havia uma escola muito boa, que era uma referência para nós. Por esse motivo o arquiteto Hermann Baur foi convidado para fazer parte do júri do concurso para a igreja do Sagrado Coração de Jesus. Nós defendemos a realização do concurso e o MRAR fez o regulamento. E calhou que quem ganhou pertencia ao MRAR, mas não houve contestação, porque as pessoas eram sérias. Uma pessoa muito importante que fez parte dos corpos gerentes foi a Maria José de Mendonça. O Flório de Vasconcelos era do Porto e vinha às reuniões em Lisboa. O MRAR estava centrado em Lisboa, mas também teve atividades no Porto. O arquiteto João Rebelo não fez parte da Direção, mas foi muito importante. Ele era muito ativo. O design do catálogo da exposição é dele. Mais tarde, foi pedido ao José Escada para fazer o logótipo do MRAR. O MRAR acabou quando a igreja reconheceu que nós tínhamos razão.

Na igreja de Águas inseri conceitos da arquitetura moderna num ambiente com muita tradição. Tinha já uma convergência para o altar. E tratamento da iluminação. A encomenda surgiu através de amizades pessoais. A igreja foi paga por um rico proprietário. Eu conhecia o filho dele, que estudava aqui em Lisboa e era meu amigo. Era a família Megre. A encomenda surgiu antes de acabar o curso. Houve pessoas que reagiram mal e tive de escrever uma carta a explicar as opções. Houve críticas e uma vez tentaram impor-me uma coisa e eu fiquei danado porque era uma injustiça. E quis fazer uma coisa muito forte para que ele desistisse da ideia, que era ir a pé até lá, desde Lisboa! Acabou por ficar como ele me obrigou, porque eu não tive disponibilidade para a caminhada.

A igreja do Sagrado Coração de Jesus foi o projeto em que trabalharam mais arquitetos. Levou anos. Um aspeto que nos preocupava bastante era a inserção da igreja na cidade. Nós defendíamos que as igrejas deviam estar integradas na cidade e não isoladas. Dávamos o exemplo das igrejas da Baixa pombalina. Fizemos um grande centro paroquial, em que deixámos espaços livres para o pároco adaptar às necessidades. Houve algumas críticas, como «isto parece uma garagem». A estrutura mudou a meio da obra – o empreiteiro teve dúvidas quanto à estrutura e levou a outro engenheiro que mostrou que não era exequível. Já estava a parte de baixo construída. Usámos coisas novas, como a pré-fabricação, onde o Nuno Portas foi muito importante. Achámos que a igreja devia ter uma boa acústica e chamámos um engenheiro especializado. E aí apareceram as frestas nas paredes, que têm lâ-de-rocha no interior para absorver o som. Nessa altura ainda não se usavam altifalantes. O Concílio Vaticano II levou à mudança do batistério. Tínhamos feito como nalgumas igrejas do Renascimento, destacado, autónomo. Na inauguração estava aí. Mais tarde

passou para o presbitério. Quanto à igreja de Almada, comecei o projeto em 1964 depois de uma encomenda direta. A minha família tinha propriedades em Almada, o meu avô tinha sido presidente da Câmara.

A vaga do pós-moderno nas igrejas foi muito negativa. A igreja do Marco, formalmente, é muito bonita. Tem uma entrada de luz bem trabalhada lá em cima, tem uma porta vertical de que gosto muito. Mas em relação à organização do espaço interior é um retrocesso, as pessoas estão todas de costas umas para as outras, em fila, em vez de trabalhar a convergência. E depois tem uma coisa que agrava muito, que são as cadeiras individuais. Os bancos têm um sentido muito mais comunitário. Houve reformas do Concílio que foram amolecendo, como a convergência das pessoas. A reforma litúrgica perdeu o seu ímpeto.”

Diogo Pimentel

[29.jan.2009 + 29.abr.2010]

“O MRAR começou na exposição na igreja de São Nicolau, como um manifesto muito semelhante ao que o João Correia Rebelo fez em Ponta Delgada. A exposição era sobre a necessidade de se dar uma volta na arquitetura das igrejas. O Cardeal Cerejeira tinha incentivado a renovação aquando da igreja de N. Sra. de Fátima e depois entrou-se no período das igrejas do Regaleira. E por isso sentiu-se necessidade de fazer um movimento que recuperasse esse espírito de renovação da arquitetura das igrejas e dar entrada à arquitetura atual nas igrejas, ao contrário do que se andava a fazer, que eram as «regaleiradas», como lhes chamávamos, que eram coisas bem construídas, mas eram revivalismos. Foi uma reação a isso.

O meu envolvimento foi natural. Acabei o curso em 1959 e acompanhava as pessoas que fundaram o MRAR, que era um grupo um pouco mais velho do que eu: o Nuno Teotónio Pereira, o João de Almeida, o António de Freitas Leal. Depois entrou uma nova camada: eu, o Nuno Portas, o José Escada, o Cargaleiro. Não eramos bem a geração seguinte, porque a diferença de idades era pouca. Conheci o Nuno Teotónio Pereira na JUC, ainda na universidade, onde havia um ambiente de grande tertúlia, também com outras universidades, no Café Chiado. A relação com o Porto foi depois. A JUC tinha à frente um padre muito famoso – António dos Reis Rodrigues - que o Cardeal Cerejeira nomeou como primeiro assistente do MRAR. E ele puxou pelas pessoas de uma forma extraordinária, não só no MRAR, mas foi toda uma geração de gente extraordinária que nasceu na JUC: o Bénard da Costa, o Pedro Tamen, etc. Foram pessoas de origens muito diferentes que se juntaram naquele ambiente universitário. O MRAR foi o congregar dessas pessoas que se conheciam. Nessa

altura nasceram outros movimentos, como o Cine Clube Católica. Nós estávamos empenhados na arte sacra. Eles sentiam o mesmo relativamente ao cinema, pois havia filmes que não entravam no circuito comercial e os cine-clubes foram muito importantes para termos esse contato com o que se fazia em França, Itália, etc.

Depois da exposição e depois de algumas reuniões surgiram os primeiros estatutos do MRAR. Foi a maneira de dar forma a algo que informalmente já estava a funcionar. Mas não era só fazer manifestos. Sentíamos a necessidade de estudar, era preciso prepararmo-nos, perceber o que era isso das novas igrejas. Isto nasce na JUC, com o estudo das coisas do Romano Guardini e do Jacques Maritain. Para isso havia um programa de atividades, com temas a estudar. Isto puxava muito pelas pessoas que preparavam e pela discussão em comum. Foi uma coisa que se foi consolidando. Mas lá fora aconteciam coisas semelhantes. Estávamos muito ligados, através do João de Almeida, ao movimento das novas igrejas na Suíça e um bocadinho na Alemanha, também. E também com os dominicanos da L'Art Sacré, em França. E havia revistas que consultávamos. Na Europa central havia a noção de que se tinha que sair da rotina, renovar, inovar as artes sacras. O Concílio veio sancionar o que se estava a fazer e tornar isso doutrina. Era Suíça, Alemanha, França um pouco, Holanda (mas não tínhamos contato). Havia pouco contato com Espanha. Mas houve um padre de Madrid muito interessado – P. Aguillar -, que publicava a revista Ara e se interessou muito pelo nosso movimento. Veio cá duas ou três vezes. O contato foi pontual e não teve muita continuidade.

Houve um encontro do MRAR nas Termas dos Cucos, que foi anunciado e quem estivesse interessado aparecia. Teve temas que foram apresentados e discutidos. Isto juntava padres, seminaristas, arquitetos, artistas, etc. Nesse encontro um dos participantes mais entusiásticos foi o Vitorino Nemésio. Havia pessoas de várias gerações e várias formações, que eram sensíveis ao tema da arte sacra. O MRAR organizava ainda reuniões de estudo – que variavam de sítio -, os encontros, exposições e concursos – Sagrado Coração de Jesus e Sé de Bragança. O concurso para os Olivais já foi no SNIP. Eu não distingo o MRAR do SNIP - distinguiam-se oficialmente, mas no fundo eram as mesmas pessoas. A sede do MRAR durou pouco tempo. A Casa dos 24, na Rua de S. José, era a sede de uma organização de artes e ofícios, e era aí que nos reuníamos, nas reuniões de direção. Era uma sala pequena, onde cabia pouca gente.

O MRAR nasceu na JUC, impulsionado pelo desejo de querer viver o cristianismo por dentro. Depois, como profissionais que éramos ou viríamos a ser neste domínio, era aí que mais podíamos dar o seu contributo para aprofundamento da vida da Igreja. Os liturgistas estiveram muito envolvidos – o P. José Ferreira, o P. Felicidade Alves.

Desde cedo se percebeu uma ligação estreitíssima entre teólogos, liturgistas, padres, arquitetos, pintores, escultores, poetas, etc... O núcleo do MRAR era muito dedicado às artes, embora com uma ramificação para a ourivesaria, a paramentaria e a música – que chegou a organizar sessões de estudo, com o Francisco D'Orey e o Francisco Fernandes, que organizava as pessoas antes de uma missa e punha todos a cantar, não os «Santos e Arcanjos» nem o «Amai-vos uns aos outros», nem os «Avés de Fátima», mas canções que eram o resultado de uma pesquisa de cancioneiros e de composições novas, como do P. Manuel Luís. Cânticos populares facilmente cantáveis pelas pessoas, mas muito vivos e aplicados numa celebração. Também havia audição de discos e foi aí que muita gente ouviu pela primeira vez os Monteverdi e outras músicas muito ligadas à Igreja. Isso mostrou a necessidade de atualização da música litúrgica desse tempo que se usava em Portugal. A JUC, com o tempo, perdeu força e desapareceu. E o MRAR também foi perdendo a acuidade de lutar pela renovação, que bem ou mal, já estava em marcha.

Eu estive em Itália em 1960 e aproveitei para ir a Munique ver a exposição «Novas igrejas na Alemanha». O Cardeal Lercaro era o campeão da construção de igrejas, pondo a construção da comunidade primeiro. A Diocese de Bolonha tinha um Centro de Estudos de Arte Sacra e publicava uma revista chamada Chiesa et Quartiere. Conhecíamos o Centro de Estudos através da revista. Entrei em contato com eles e com uma bolsa da Gulbenkian fui para lá trabalhar. Naquela altura estavam a ser encomendados projetos ao Alvar Aalto, ao Le Corbusier, ao Kenzo Tange e a alguns italianos. Só a do Alvar Aalto e as dos italianos é que foram construídas.

A experiência do João de Almeida na Suíça foi diferente. Na altura os protestantes invejavam as igrejas católicas que eram festivas e os católicos invejavam as igrejas protestantes que eram muito minimalistas e depuradas. E houve uma convergência. A certa altura, se não fosse a arrumação interior, não se distinguiam umas das outras. O movimento italiano é mais de raiz sociológica, o urbanismo religioso, a sociologia religiosa. Os alemães e os suíços não tinham o crescimento descontrolado dos subúrbios que havia em Itália e também em Portugal. E Portugal era muito diferente do resto da Europa, que teve que se reerguer da Guerra. Como a Igreja conseguia reunir as pessoas de forma mais ou menos estável, começou a chamar a si tarefas supletivas. É aí que nascem em Itália os centros paroquiais, que eles chamavam a «cidadela paroquial», com escola, posto médico, etc. Isso ainda chegou cá. A igreja do Sagrado Coração de Jesus tinha um posto médico – numa freguesia com três hospitais! A igreja de Fátima tinha um cinema... Do estágio em Bolonha fui fazendo uns relatórios, mas não fiz o final. No fim de 1960 nasceu o meu primeiro filho e ia para diretor do SNIP, que abriu em janeiro de 1961. Pelo que terminou aí o meu

trabalho em Itália. Mas voltei lá várias vezes. O que eu trouxe de Bolonha foi a noção que importa saber, a propósito da construção de igrejas, onde se constrói, que tipo de igreja, para quê, como? Era o ponto de partida. Parte-se do problema urbanístico para se chegar à organização do interior da igreja, que tem a ver com a liturgia. É um percurso grande que mete várias disciplinas.

O P. Manuel Falcão acompanhou muitas das atividades do MRAR. A parte de sociologia foi muito tratada pelo P. Fernando Micael Pereira e também o P. Avelino Rodrigues. Foram pessoas que trabalhavam no Secretariado de Informação Religiosa do Patriarcado, cuja fundação foi contemporânea do SNIP. Eles também publicavam um boletim. Trabalhávamos paredes meias, pelo que a relação era muito estreita. O P. Manuel Falcão trabalhou em 1959 com a Câmara Municipal de Lisboa no redimensionamento das paróquias, muito ajudado pelo P. Micael. Nos tempos áureos do SNIP trabalhavam aqui como arquitetos o João de Almeida, o António de Freitas Leal, o Pedro Vieira de Almeida, entre outros. Houve uma altura que teve um grande incremento, até porque não havia arquitetos informados sobre estas pesquisas, este programa. A malta do MRAR é que sabia.

A igreja do Seminário do Olival foi uma encomenda dos padres dominicanos. Era um ambiente rural. Foi o primeiro projeto que fiz como arquiteto independente. O engenheiro Zúquete colaborou na estrutura. Só fiz uma versão, que os dominicanos gostaram desde logo. Eu estudei num Colégio de Dominicanos, pelo que conheci vários entre os quais o Frei Mateus. Enquanto os dominicanos estiveram no Seminário do Olival, funcionou muito bem. Depois a escultura da Maria do Carmo D'Orey foi retirada e agora está no Convento de São Domingos, no Alto dos Moinhos, em Lisboa. Na igreja de Santa Joana Princesa, em Lisboa, tive uma colaboração estreita do Hugo Venade, pelo que tem um cunho forte dele. Quanto à organização, o padre obrigou a virar o eixo para uma igreja do tipo processional. Tornou-se uma igreja menos minha. Estava também proposta uma intervenção da artista Gabriela Nóbrega, para fazer uma evocação da Santa Joana Princesa. Era uma fotografia do túmulo em Aveiro, com um texto por baixo do P. Tolentino Mendonça, e em vez de vela, haveria plantas que as pessoas tratariam. Nunca foi feito.

Hoje são tempos confusos em termos da arquitetura religiosa. Todos têm sobrinhos ou afilhados arquitetos. E como a construção é financiada por subscrição pública, há a noção de que quem paga é que manda. E o projeto é só uma referência para o pedreiro da terra construir. A desorientação é muito grande. Estamos no vale tudo. E a culpa é muito dos arquitetos que querem fazer da igreja a obra da sua vida, e põe lá tudo o que sabem e não sabem..."

Nuno Portas

[17.abr.2009]

“Conheci o MRAR quando era estudante de Arquitetura na ESBAL, quando andaram a recrutar os estudantes católicos para ajudar na preparação da Exposição de Arquitetura Religiosa. A ajuda era apenas para cortar e colar letras, não como mentor da exposição. O Diogo Pimentel, que era do meu curso, também ajudou. Foi lá que ele se estreou no MRAR. Os mentores da exposição foram o Nuno Teotónio, o Freitas Leal, o João Correia Rebelo e o João de Almeida, que nessa altura decidiu entrar no Seminário. A primeira viagem que fiz ao estrangeiro para ver igrejas foi com o João de Almeida. Foi algum tempo depois. Essa viagem foi extremamente importante. Começámos em Paris, fomos a Basileia, onde conheci o Hermann Baur. Depois passámos em Zurique e vimos as igrejas do Moser. Fomos a Aachen, ver a igreja do Rudolf Schwarz, que era a mais radical na altura. Depois vim a apreciar o Schwarz por outras razões. Mas aquela igreja era impressionante, porque era a pureza do racionalismo e o purismo bauhausiano feito por um homem que tinha muito pouco de Bauhaus. A intensidade daquela igreja era imensa. Foi uma viagem espantosa, daquelas que marcam. Foi antes de eu ir para o atelier do Nuno Teotónio, em 1957.

Nessa época estava muito hesitante entre ir para cinema ou ser arquiteto. Cheguei a pensar em ir fazer um curso de realizador na CineCittà, em Roma. Nessa altura era louco por cinema. Decidi falar com o Nuno Teotónio, que já me conhecia suficientemente, que me disse que havia muita gente a escrever sobre cinema e pouca gente a escrever sobre arquitetura. Mas eu queria perceber se tinha jeito para arquitetura ou não. Na Escola não se ensinava nada. De modo que o Nuno Teotónio me disse que tinha uma borla para fazer, um projeto de uma casa de família. E eu fiquei no atelier. Depois veio o primeiro contrato, com as torres para os Olivais. Quando comecei a ter algum ascendente no atelier fui chamar outros, como o Pedro Vieira de Almeida. O atelier tinha então a alcunha de “a sacristia”. Mentalmente achava que tínhamos de trocar o Le Corbusier pelo Wright. Tínhamos de cortar com o racionalismo. Mas o primeiro corte com a arquitetura modernista foi na igreja de Águas que era fortemente vernacular.

A igreja do Sagrado Coração de Jesus foi o apogeu do MRAR. Foi um concurso organizado pelo Movimento. Chamaram o Baur para vir para o júri. A nossa proposta ganhou não tanto enquanto igreja, mas enquanto localização, o modo como ocupou o espaço. Foi o único projeto que fez um oco no meio. Daí veio a minha propensão para o urbanismo. Desde o Marquês que as igrejas eram incrustadas e não isoladas. Quem fazia igrejas isoladas era o Regaleira, que era o nosso inimigo principal. A Exposição

foi sobretudo contra o Regaleira e também o António Lino, que era tio do Diogo. A crítica era violenta e indiretamente foi uma crítica ao Cardeal, que permitiu o Pardal Monteiro fazer a igreja de N. Sra. de Fátima e depois deixou fazer Santo Condestável, São João de Deus e São João de Brito. Mas a Exposição do MRAR era muito mais uma exposição contra uma arquitetura portuguesa falsa e postiça do que sobre as igrejas. Aquele discurso era de modernidade, que apanhava a Igreja. Quando me tornei presidente do MRAR, já aquilo estava em queda. Já havia outras guerras. A do MRAR era uma batalha ganha. Já não havia Regaleiras e companhia.”

Luiz Cunha

[27.fev.2009 + 12.mar.2009 + 14.abr.2009]

“A ligação ao MRAR surge no Porto. A Exposição de Arquitetura Religiosa Contemporânea veio ao Porto e por sugestão do João de Almeida colaborei na montagem. Anos mais tarde houve uma exposição autónoma, feita no norte com coisas do norte, com a colaboração e participação muito ativa do João de Almeida, que estava a fazer o curso no Porto. Era sacerdote e foi acabar o curso ao Porto por ordem do Cardeal Cerejeira. Essa exposição foi feita no Paço Episcopal do Porto, ainda com o Bispo D. António – já ele era muito contestado pela política da época. Eu não quis tomar partido nenhum e convidei o Governador Civil do Porto. Foi o último acto público em que os dois apareceram juntos, lado a lado, muito satisfeitos. Uma semana depois rebentou a querela. Nessa altura, eu e mais dois ou três começámos a vir a Lisboa às reuniões do MRAR. Não houve muitas mais exposições. Houve uma segunda organizada aqui em Lisboa, mas não teve a mesma repercussão a nível do país. A primeira era muito fácil de transportar, em dois ou três carros.

Havia um núcleo do Porto, que fez várias reuniões só com membros de lá. Os encontros realizavam-se em minha casa, que era muito central, ou em locais das paróquias, como salões paroquiais. Também aconteceram na ESBAP. Alguns ainda estavam a fazer o curso. Eu tinha boas relações com o diretor, o arquiteto Carlos Ramos, e após concluir o curso continuei a frequentar a Escola. Também houve reuniões no atelier do Távora. O grupo tinha elementos menos estáveis. Os estáveis eram uns dez. Pessoas que participaram no grupo do Porto: Siza Vieira – por convite e insistência minha -, Carlos Alberto Carvalho Dias, Maria Luísa Marinho Leite, José Grave – escultor que depois colaborou na igreja dos dominicanos de Fátima. O arquiteto Fernando Távora foi um elemento muito importante. Envolveu-se muito. Foi membro do MRAR. Fiz com ele o arranjo do museu do Seminário do Porto, juntamente com o Fernando Abrunhosa de Brito. Havia um sacerdote que nos deu muito apoio e

morreu muito cedo. O P. Xavier Coutinho, historiador e capelão da igreja dos Clérigos - também já morreu – também deu um apoio grande. E também um outro sacerdote que abandonou e tinha formação de engenheiro. Fazíamos retiros na Quaresma. Lembro-me de um de três ou quatro dias na Praia da Granja, ao fundo do Porto, em que ficámos num hotel que fechava no inverno. Participei também num outro encontro, junto à Praia das Maçãs. Eram retiros espirituais, com pessoas do Porto e Lisboa, onde havia uma grande troca de impressões sobre arte e arquitetura. Nos anos 60 o grupo do Porto já não estava ativo.

O João de Almeida era um rapaz extraordinário, para lá do normal. Falava muitas línguas, tinha um relacionamento muito fácil com as pessoas, fazia conferências. Era o grande motor do MRAR. Através dele contactámos vários arquitetos estrangeiros da sua relação, nomeadamente da Suíça, o que foi muito importante. Houve um ano em que fiz uma viagem com ele para conhecer igrejas que só conhecia por fotografias. Conheci também nessa viagem o pintor Ferdinand Gehr e ficámos em casa dele dois dias. Eu gostava de ver a pintura dele, era um homem modesto, difícil de contactar. No inverno não pintava. Era uma pintura difícil para a maioria das pessoas. O João de Almeida e eu comprámos-lhe uma aquarela para pagar a estadia. Eram uns estudos para vitrais de uma igreja na Suíça. Ele ainda ofereceu umas pequenas obras em madeira. Aqueles dois dias foram um bocado insuportáveis porque ele vivia numa aldeia junto a um campo de vinhas, que tinha um sistema que disparava tiros de pólvora seca para espantar os pardais. Durante o dia, todo o tempo, estava a disparar. A estada na Suíça foi muito importante para mim, com a visita das igrejas ao redor de Basileia e também ao Goetheanum do Steiner. Não chegámos a ir à Alemanha.

Depois fiz outras visitas ao norte de Itália, para ver igrejas, mas nessa altura fui sozinho. Senti uma grande afinidade com o Glauco Gresleri, porque ele também era um entusiasta do Le Corbusier. Nessa altura havia uma revista italiana orientada pelo Trebbi e pelo Gresleri – Chiesa et Quartiere. Fizemos vários números sobre as obras do Corbusier. Isto foi durante o tempo do MRAR, mas não foi coincidente com a estadia do Diogo Pimentel em Bolonha.

Um dia, o Nuno Teotónio Pereira teve uma solicitação dos dominicanos de Fátima para uma igreja. Como ele não podia responder na altura, passou-me o trabalho. Foi o primeiro trabalho que fiz como autor, mas muito ligado ao MRAR. Fazíamos a apresentação dos trabalhos na fase de estudos. Todos apreciavam e emitiam opiniões. Não eram só arquitetos, mas também alguns sacerdotes. A principal preocupação das reuniões era a discussão da parte interna, os movimentos das celebrações. A concretização a nível da forma era responsabilidade de cada um. Em Lisboa, tinha muita importância o P. José Ferreira, que era liturgista e deu um grande

apoio ao MRAR. A preocupação em Lisboa com a parte sociológica teve muito a ver com o Nuno Portas. O grupo do Porto era menos politizado. Em Lisboa misturava-se sociologia com política.

A igreja dos dominicanos de Fátima foi dos primeiros trabalhos a ser debatido numa reunião pública muito animada. A principal influência foi a capela de Ronchamp. O meu maior atrito com o Nuno Portas era o meu entusiasmo com o Corbusier. Naquele tempo era de bom tom dizer que o Corbusier era uma figura histórica e respeitável, mas desfasada no tempo e que nem era conveniente ligarmos muito. A mim interessava-me a última fase dele, o que repudiava os de Lisboa. O Távora era equidistante. O Siza não era tão entusiasta como eu, mas era sensível à mudança do Corbusier. Aqui em Lisboa hostilizavam aquela arquitetura. A igreja foi bem recebida pelos dominicanos. Houve colegas que tiveram reservas, por ser muito inovadora para a época. Toda em betão – uma das primeiras -, não havia experiência nenhuma. O terreno era esquisito e achavam que não tinha condições. Mostrei que era viável, fugindo ao formato retangular habitual. As coisas que eu fazia eram muito marcadas pelo desenho. Era a crítica que me faziam, o levar muito longe a identidade da forma. Mais tarde fomos a Fátima visitar a igreja.

Depois surgiu a igreja de Negrelos, que também foi apresentada no MRAR. Esta igreja foi uma encomenda direta do pároco, que frequentava as reuniões do MRAR. Foi um dos dois edifícios que fiz em pedra – o outro foi a Escola Francesa do Porto. Em Negrelos, nessa época era difícil não construir de outra maneira que não em pedra. Os construtores locais só sabiam fazer assim. Essa igreja foi inovadora e apreciada dentro do grupo.

Na Póvoa do Valado o tijolo era também o sistema de construção local. Havia muitas fábricas e pessoas preparadas para construir assim. Aqui foi o Bispo de Aveiro, que tinha visto a exposição itinerante, que me chamou, pois eu era o arquiteto do norte. Tinha um problema muito complicado: duas localidades em guerra há vários anos, querendo ambas a igreja no seu território. As comunidades chegaram a andar aos tiros por causa disso. Até que o Bispo decidiu fazer a igreja a meio caminho entre as duas. O esquema que elaborei tinha o espaço de culto e duas portas – uns entravam por uma e outros pela outra. A igreja era o objeto que materializava a reconciliação entre as duas comunidades. O Bispo achou graça e a obra fez-se assim. Dentro da igreja não havia conflitos e ela foi um elemento decisivo para a pacificação daquele povo. No fim, o Bispo ofereceu-me um dos seus anéis de Bispo!

Santa Joana Princesa foi muito diferente, tinha um orçamento pequeno e teve muita participação da comunidade. Não havia máquinas para escavar. A obra envelheceu precocemente e precisou de várias reparações. Foi prejudicada por uma má

construção de raiz. Mas a nível da comunidade foi muito rica. Essa participação das pessoas ajudou a criar laços e a consolidar a comunidade. O pároco ainda lá está.

*O livro *Arquitetura Religiosa Moderna* foi feito em simultâneo com o trabalho de fim de curso. Foi feito por iniciativa própria e foi anterior à participação no MRAR, pois já estava interessado no tema.*

A partir de certa altura, o MRAR começou a tornar-se menos ativo. Consequência direta do MRAR foi a criação do SNIP, com o Diogo Pimentel à frente. E o MRAR foi desaparecendo, perdendo a força. Fomos terminando os cursos. O Siza Vieira veio dizer-me um dia que já não se sentia muito interessado nas reuniões e deixou de participar. Cada um seguiu a sua vida. Eu tive muitos trabalhos de igrejas. O Nuno Teotónio Pereira e o António de Freitas Leal também. Mas começámos a trabalhar individualmente sem o apoio dos colegas.

Hoje em dia, parece-me que os colegas que são chamados a fazer uma igreja fazem-no como qualquer outra obra. Investem muito na forma, mas desligados da vivência interior. Usam formas caprichosas, gratuitas. Não há preocupação em responder aos aspetos funcionais. Aquele entusiasmo do MRAR tinha que acontecer naquela altura, mas nunca foi substituído, nem pelo SNIP. A igreja do Marco é de exceção. O Siza deve muito à educação religiosa que teve na família. O Siza é sensível ao espírito. A obra dele traduz uma espiritualidade. Hoje a maior parte das gerações são incultas, não vão à igreja. O autor tornou-se no artista com estatuto para não se submeter a pareceres. Como os párocos não têm capacidade crítica educada, aceitam. E as igrejas ficam marcadas pela moda.”

Erich Corsépius

[18.dez.2008]

“Não fui fundador do MRAR. Entrei na ESBAL em 1949 e aí conheci o Nuno Teotónio Pereira e o João de Almeida. Conheci o MRAR na ESBAL, mas no início não me envolvi porque não tinha tempo. Tinha vindo da Alemanha e tive de ser trabalhador estudante. Fui-me apercebendo do que era. A primeira coisa que me lembro foi a exposição de 1953. A educação artística do nosso povo era atrasada. Nós também éramos insipientes. O João de Almeida é que tinha contatos com a Suíça e a Alemanha. Fui-me envolvendo a pouco e pouco, pelo interesse que tinha para mim. Os sócios eram maioritariamente arquitetos, mas apareceram outros. Na paramentaria, a Madalena Cabral. A Maria José de Mendonça, do MNAA. Ourivesaria sacra. Foi-se diversificando. Havia reuniões em conjunto e depois trabalho por grupo. Houve algumas experiências válidas, como na igreja de Águas, e nós acompanhámos

essas propostas. Havia um clima de abertura e partilha. Não havia «panelinhas». Procurava-se a troca de opiniões, havia troca nas bases. Não era uma cooperativa profissional. O Vitorino Nemésio tinha uma maneira única de expor os conhecimentos, focando determinantes aspetos que nos interessavam historicamente. O António de Freitas Leal era o «palestras».

As reuniões variavam de lugar. Podia ser nos ateliers ou em salões de igrejas. Lembro-me de uma das últimas reuniões no atelier do Formosinho Sanchez, onde estavam também o Nuno Teotónio Pereira, a Madalena Cabral e o Nuno Portas. Nessa altura havia vários membros envolvidos politicamente e o Nuno Portas levanta-se e diz «-Se este movimento servir para os meus propósitos políticos, muito bem, se não, vou-me embora.» E aquilo praticamente acabou. As pessoas estavam crispadas com a guerra colonial, etc. Foi uma morte lenta.

A igreja de Arroios foi uma encomenda do pároco. A paróquia era a mais populosa de Lisboa e era preciso uma igreja com mais capacidade. Tivemos dificuldade na aprovação por causa do cruzeiro, que levou o projeto aos Monumentos Nacionais. Os relatores de lá não estavam preparados para apreciar um projeto que não fosse tradicional. Era o Raul Lino. Fizemos três projetos diferentes e depois dos dois primeiros terem sido chumbados, pusemos o terceiro para apreciação quando ele foi de férias. E assim aprovámos o projeto. Não houve nenhuma influência direta. Conhecíamos as coisas do Fisac e do Schwarz, pelo que pode haver pormenores comuns. O crucifixo era dum artista de renome e foi retirado para colocarem um de «Braga». Agora está numa arrecadação. O sacrário fui eu que fiz em casa.

Atualmente, o estado da arquitetura religiosa é de anarquia.”

Madalena Cabral

[3.dez.2008]

“Fui para o MNAA em 1952, com uma bolsa de estudo para estudar tapeçaria. Estava lá a Maria José de Mendonça, mulher muito inteligente, então conservadora e mais tarde diretora do museu. Fiquei lá 40 anos. Foi a Maria José de Mendonça que conheceu o João de Almeida e por ele o MRAR. E que me chamou para o Movimento. Estava lá o Nuno Teotónio Pereira, que eu já conhecia e era o «comandante daquela tropa». Foi um movimento muito bonito. A altura era muito difícil, mas o MRAR tinha a capa da Igreja por trás. Era um movimento livre, com uma determinada iniciação – católica -, de modo que se fizeram grandes coisas, como a Exposição de Arquitetura Religiosa Contemporânea. Foi um passo em frente muitíssimo grande. A exposição de São Nicolau deitou abaixo tudo aquilo que estava estabelecido. A igreja de Santo

Condestável foi o bode expiatório. Quem estudava determinadas coisas tinha vontade de demolir o mundo. Foi a maior crítica de arquitetura feita. Depois apareceu a igreja de Moscavide. Estava muito bem mas foi adulterada.

O MRAR tornou-se um enorme grupo de amigos. O Nuno Teotónio Pereira era o elo comum a todos, era a referência. Depois o João de Almeida, muito esperto e atrevido. O relacionamento e a formação fizeram-se em volta daqueles dois. O Nuno Teotónio Pereira foi o primeiro a estudar e depois vieram os mais novos, espevitados, com muita cabeça e seriedade. O João de Almeida teve uma importância muito grande. Relacionava-se com a Suíça e com a Alemanha, onde determinados caminhos estavam a ser trilhados com muita segurança e vontade. Havia lá coisas lindíssimas. Quem começou o MRAR foi a arquitetura, mas esta não vive nua. De modo que as coisas foram nascendo progressivamente, à medida que as necessidades se verificavam. A arquitetura era a mãe e depois tinha-se que perceber como viver dentro dessa arquitetura. Dentro da área geral do MRAR apareceram muitos ramos. Todos estavam dentro do pensamento geral, mas depois tinham funções próprias. Por exemplo, havia gente na ourivesaria, etc. No Porto havia um ourives ótimo, discreto, que trabalhou para muitos. O João de Almeida vinha cá. Era o Manuel Alcino, rapaz cheio de vontade que agarrou a ourivesaria do pai. Era muito bom tecnicamente, executava muito bem os projetos.

O MRAR funcionava bem, era livre e encontrava-se onde calhava, onde podia ser. Para mim era bom pois era vadia. Cada grupo trabalhava na sua área, reunindo pessoas. Depois havia reuniões gerais, de formação, seminários. O trabalho fazia-se em conjunto, centrado na ideia fundamental «O que é o culto? Porquê? Quais devem ser as características?». Eles faziam a arquitetura, não descurando o que estava à roda, para criar um corpo completo. O abordar de aspetos muito variados dava largueza ao MRAR, enriquecia. Todos estavam interessados no que os outros faziam, para que o conjunto funcionasse como deve ser. Conforme o que era necessário, encontravam-se as pessoas que depois se iam formando. O MRAR foi feito com cabeça, criou uma rede de contatos. Foi muitíssimo importante. Hoje falta o estudo e o mau resultado vê-se. Tem que se estudar, pensar. Havia uma publicação excelente, feita pelos dominicanos franceses. Era a L'Art Sacré, dirigida pelo P. Couturier. Muitos estudos eram feitos «ao som» dessa revista, porque se falava o francês. O alemão era difícil. Essa revista era verdadeiramente formativa, era um auxiliar precioso.

Eu era a única pessoa na paramentaria no MRAR. Em Portugal, as coisas eram horrorosas – e ainda são. Havia uma loja no Chiado, das Pias Discípulas do Divino Mestre que faziam coisas horrorosas. Acabei por ir à Suíça para um convento durante uma semana, onde estava a Soror Augustine Frueller, que trabalhava de forma

deslumbrante. Era em Stans, na zona alemã da Suíça. Era um convento de Carmelitas Descalças, em que a Soror Augustine com as noviças e freiras de lá – que eu não vi porque estavam na clausura -, tinham o trabalho de tear feito por elas. Era tudo o que há de melhor – seda natural, linho, etc. Os tecidos estavam todos armazenados numa sala. Quando me vim embora, a Soror disse-me «De entrada desconfiei muito de si», porque à chegada tinha-me dado uma iniciação nessa sala dos tecidos e eu, enquanto os via, assobiava baixinho. A Soror achou que era falta de respeito, mas era a forma de me concentrar. No final, a Soror Augustine deu-me um mostruário de tecidos, restos que ficavam, maravilhoso, de grande qualidade. Mantive o contato com ela durante vários anos. Tenho um livro dela, que é um deslumbramento. Em 1958 fui a Estocolmo, para estudar na Escola de Tecidos, que se situava num prédio simples. Era iniciação à tecelagem, trabalhavam muito bem.

Depois cá trabalhei com a Sereyra Amzalak, judia, filha do embaixador. Tinha muita qualidade. Com ela estudei tecidos e também com uma italiana chamada Adele Prosérpio, que também tinha um tear em casa. Eu não tinha instalação nem tecidos e elas sim. Eu precisava de quem executasse, não tinha meios de produção. A Luccia Vila Franca também fazia em casa dela, com a costureira dela. Era a Luccia Vila Franca que cuidava dos tecidos, mantendo-os deitados e não pendurados. Estudávamos pela L'Art Sacré e estávamos centradas na liturgia e o que se pretende com ela. Era o ponto de partida. A dignidade da veste sagrada, que beleza, que transcendência devia ter para que não a vejamos. Mas chegámos lá. Houve várias pessoas que depois começaram a trabalhar, como a Isolda Norton – filha do Raul Lino – e a Rafaela Zúquete. Isto foi ainda durante o tempo do MRAR.

As coisas mais bonitas foram para a igreja de Santa Isabel, que tinham possibilidades e mandavam fazer. Fiz para lá um paramento preto completo. Agora usa-se o roxo, mas tenho muito boa ideia desse paramento. Era feito combinando azul e vermelho rosa. O repositório maior está em Santa Isabel. As encomendas eram feitas pelos párocos. Em Santa Isabel proporcionou-se pelos párocos e pelas pessoas.

O MRAR provocou uma movimentação, pedia uma mudança no espaço de culto. Houve uma ação grande nos Seminários, importantíssima. Havia uma relação com a Igreja institucional. O MRAR fez o que era indispensável na altura. O que aconteceu com o MRAR aconteceu com outros grupos, que ao fim de algum tempo esmoreceram. Começou num tempo que pedia revolta aberta. Muita gente beneficiou daquela formação. Conheci em casa do João de Almeida o arquiteto Hermann Baur. Vi muita publicação, muitas fotografias com arquitetura. Depois esgotou-se.”

Manuel Cargaleiro

[5.mar.2009]

“Comecei por me envolver no MRAR na JUC. O núcleo mais forte e erudito era o Nuno Teotónio Pereira, o João de Almeida, o António de Freitas Leal, o Diogo Pimentel e o José Escada. Eram os que tinham mais força e entusiasmo pelo grupo. O Flório de Vasconcelos era um teórico muito bom. A Maria José de Mendonça um dia disse-me «-Se este grupo falhar, já não acredito em mais nada na vida!» O MRAR queria formar, orientar para outro caminho. Politicamente nunca nos manifestámos, mas estávamos de acordo com uma mudança política. Eramos próximos dos grupos de mudança e luta política. Era um grupo muito unido. O único que ficou a trabalhar no tema, partindo do MRAR, foi o Diogo Pimentel. O MRAR foi muito importante enquanto durou, principalmente pela influência no Patriarcado. O projeto do MRAR era muito bonito. As pessoas que fizeram parte do Movimento aproveitaram. O resto não.

O MRAR tinha um ideal muito forte. Não tinha muita força, mas nunca nos demos por pequeninos. Éramos muito poucos, mas era gente com cabeça. As pessoas eram muito boas e inteligentes, com sensibilidade e bondade. Só tenho pena que não se tenham feito mais grandes realizações. O Nuno Teotónio Pereira, motor do Movimento, fez algumas. Este grupo tinha condições para ter ido mais longe. Até tínhamos um padre que era uma «máquina» - P. António dos Reis Rodrigues -, que nos entusiasmava a todos. Ele, discretamente, esteve na origem de muita coisa. Mas se formos ver bem as obras que fizemos ligados ao Movimento foram muito poucas. O MRAR foi importante na teoria, mas em realização não há muito. Pode-se tentar ver onde cada um foi isoladamente. Porque sem o MRAR não teríamos sido o que fomos. Com a ida para Paris em 1957 afastei-me do Movimento.

A igreja de Moscavide foi de um clã de amigos. O painel da fachada nasceu com o projeto, foi tudo estudado antes, não foi algo que se colocou depois. Foi uma loucura, porque pinteí azulejo a azulejo, individualmente. Não houve trabalho em série. Os azulejos são todos diferentes. Era uma oposição ao grupo anterior ao nosso, do Jorge Barradas, com quem aprendi muito, mas era muito barroco. O Lagoa Henriques não era do MRAR, mas também participou na igreja de Moscavide. Tinha a teoria e a prática. Demo-nos todos bem.”

Maria Luísa Marinho Leite

[21.nov.2009]

“Eu pertencia à JEC e quando entrei nas Belas Artes – com 15 anos – passei para a JUC. Quando estava no segundo ano houve um congresso enorme. Aí conheci as pessoas do MRAR, o António Freitas Leal, a Madalena Cabral e os outros. Foi através da JUC. A Madalena Cabral foi de uma importância enorme para uma série de «catraias», era uma referência fantástica. Tinha imensa energia. O Vitorino Nemésio também pertenceu ao MRAR e ia às reuniões. Lembro-me de uma vez que vieram os de Lisboa reunir ao Porto, e no restaurante o Vitorino agarrou na travessa e começou a servir a todos. Ele era uma pessoa muito considerada, mais velha que nós. Mais tarde o MRAR fez uma exposição no Paço Episcopal. Em Lisboa já tinha feito uma grande caminhada. O grupo do Porto ajudou bastante na montagem. Colávamos as fotografias, desenhávamos as legendas a escantilhão. O P. João de Almeida é que redigia os textos. Depois fizemos a mesma exposição, mais reduzida, em Guimarães, no Museu Alberto Sampaio. Aqui no Porto fizemos algumas reuniões e encontros. O P. João de Almeida orientava. Havia reflexão, missa... Alguns de nós fomos várias vezes a Lisboa às reuniões do MRAR. O MRAR teve muito impacto, pôs pessoas a pensar. Acabou primeiro no Porto que em Lisboa. Por volta de 63/64 já não havia grupo no Porto.”

Avelino Rodrigues

[12.fev.2009]

“O João de Almeida, quando entrou no Seminário dos Olivais, já tinha contatos na Suíça e na Alemanha. E começou a despertar o interesse dos mais novos para a arte. Formou uma equipa de arte, com José Policarpo, Albino Cleto, etc. Pouca gente escrevia. O que escrevi eram ideias do grupo, que não era grande. Era feito de várias vocações tardias. O João de Almeida era uma delas. Preocupava-nos o sentido litúrgico dos espaços. Para que servem as igrejas? A própria arquitetura preocupava-se com a funcionalidade. A função primeira da igreja é a liturgia. E o que é a liturgia? É feita para a comunidade. O espaço tem de ser agregador, comunitário e hierarquizado. Era uma conceção nova. O movimento litúrgico passou o altar do fundo da capela-mor para o meio das pessoas. No gótico a igreja era o Reino de Deus na terra. Agora era a casa dos homens onde Deus está com eles. Nós viemos explicar aos arquitetos qual era a funcionalidade da igreja. Na Igreja e no Seminário dos Olivais havia uma liberdade de reunião, de discussão, de visionamento de filmes que não existia no exterior, controlado pelo Regime.

Os arquitetos iam ao Seminário, também iam lá à missa. O Diogo Pimentel, o Nuno Teotónio Pereira, o António Freitas Leal, que tinha a alcunha de «palestras». O MRAR chegou às dioceses de Aveiro, Faro e Beja através dos seminaristas que iam estudar para os Olivais. Já o Porto foi influenciado diretamente pelo MRAR, através da universidade e de pessoas como o Luiz Cunha, o Fernando Távora e o Fernando Condesso. Em Braga, nada, era século XVIII. O MRAR teve uma primeira fase, ainda herdeira do modernismo, centrada numa igreja funcionalista. A função da igreja era a liturgia e era esta o seu centro exclusivo das atenções – é o caso da igreja de Moscovide. Depois surgiu o centro paroquial, que era uma igreja enquanto espaço de comunidade e serviços abertos a todos, como a igreja do Sagrado Coração de Jesus. Com a criação do SNIP, em que os membros do MRAR se tornaram seus directores, o MRAR deixou de ser agente para ser parte da estrutura. De tentar influenciar o poder, tornou-se no poder. E deixou de ser necessário, o seu objetivo estava atingido. A militância acabara.”

D. Albino Cleto

[29.jul.2010]

“Conheci o MRAR quando era aluno do Seminário dos Olivais através do João de Almeida. Sempre tive gosto pelas coisas de arte. Nos Olivais, com outros colegas falávamos sobre arte religiosa. Ao domingo alguns arquitetos iam à missa ao Seminário, como o Diogo Pimentel, e começámos a criar laços. Dentro do Seminário surgiu uma Equipa de Arte, orientada pelo João de Almeida e que contava com o José Policarpo, o Noronha Galvão, o Avelino Rodrigues... Aderi logo. O João começou a mostrar-nos livros e álbuns com fotografias de igrejas que nos surpreenderam muito. A grande referência para ele era o arquiteto Hermann Baur. Achávamos aquilo muito despido mas ele deu-nos fundamentos. Houve quatro palavras que o João de Almeida nos transmitiu como as grandes linhas da arquitetura moderna e que coincidiam com os caminhos da renovação litúrgica: verdade, pureza, pobreza e paz. Verdade: toda a arte moderna tinha de ser verdadeira, tal como a liturgia. Pureza: a arquitetura moderna vai ao essencial, não enche a igreja de altares, de flores. Pobreza: significava o uso dos materiais locais e dava o exemplo da igreja de Águas. Paz: devia-se entrar numa igreja e sentir-se paz, não devia haver muitas imagens a distrair. Fizemos uma exposição muito caseira no Seminário sobre arquitetura moderna, mas também paramentaria. Apareceu também o P. João Pimenta que era um homem aberto que nos mostrou algumas coisas, mas troçava com a Equipa de Arte. Mas nós

não desistimos. Fazíamos os nossos encontros nos tempos livres, víamos igrejas. Ainda me lembro quando vimos a famosa capela de Ronchamp.

Um dia houve uma exposição fundamental em Lisboa, na Galeria Pórtico, sobre arte moderna. Não tinha mais de vinte peças, uns cálices do João de Almeida, um crucifixo do Lagoa Henriques, paramentaria da Madalena Cabral. Aquilo foi bem aceite em Lisboa. Foi discutido, criticado. Claro que fomos ver e a partir daí o Seminário sentiu-se muito ligado ao MRAR. O Diogo fazia a ponte. Enquanto seminaristas não íamos às reuniões do MRAR, só depois de nos ordenarmos. Conhecemos então o Nuno Teotónio Pereira, o Nuno Portas e a Maria José de Mendonça, que nos fez perceber a importância do património da Igreja e a necessidade da inventariação.

O MRAR foi um movimento de jovens católicos da cidade de Lisboa que na década de 50, por amor à Igreja e à Arte, e porque sentiam que estávamos a ficar muito atrasados – o que sabiam pelos contatos que tinham com tudo o que estava a acontecer na Alemanha e na Suíça -, uniram-se e lançaram em Lisboa ideias no sentido da renovação. O núcleo principal era o Nuno Teotónio Pereira, o Nuno Portas, o João de Almeida, o Diogo Pimentel, a Madalena Cabral. Eu não conhecia todos os sócios efetivos. Gostei muito do arquiteto José Maya Santos, ia ao atelier dele, ver os sonhos dele... A relação entre os arquitetos do MRAR e os padres era boa mas limitada. Homens como o Nuno Teotónio eram muito respeitados. Mas o clero não estava muito à vontade com eles, achava que eles tinham muitas ideias novas, que os deviam ouvir, mas não podiam deixá-los fazer tudo. Já com os padres que estavam no MRAR era muito boa, nós dávamos bem com toda a gente. As reuniões aconteciam com regularidade, de mês a mês. Eram muito informativas. O que me agradava mais eram as reuniões em que eram apresentadas igrejas que iam ser construídas. Gostava de ver, gostava da discussão.

A pedido do João de Almeida, fui consultor de uma das equipas que participou no concurso para a igreja do Sagrado Coração de Jesus. A sensibilidade do Cardeal Cerejeira não era muito para a proposta vencedora. A igreja ainda hoje é discutida, mas o facto de ter sido construída foi uma afirmação da arquitetura moderna em Portugal. E o Cardeal percebeu que os novos caminhos iam por ali. Houve também um episódio importante, que foi um artigo de um jesuíta, o P. Agostinho, na revista Lumen contra a arte moderna, em que decidiu atacar o Cristo amarelo do Gauguin. O D. António dos Reis Rodrigues não concordou nada com aquilo, achou que era uma vergonha para a Igreja, aquela crítica a uma obra-prima, e depois de dois ou três dias escreveu um artigo demolidor do P. Agostinho, sobre os caminhos da nova arte moderna. Isto foi para nós um triunfo. Foram pequenos episódios que dignificaram a arte moderna. O MRAR também conduziu o processo do concurso para a Sé de

Bragança. Também neste fui consultor litúrgico de uma equipa, que foi a equipa vencedora. Ia no comboio quando soube o resultado. Foi uma pena que não se tenha feito o primeiro projeto. Começou a haver medos em Bragança. O Bispo pediu para nos mexermos em Lisboa junto do Ministro, o que nos pareceu não fazer sentido.

Algum tempo depois o MRAR acabou. Recordo-me da última reunião do MRAR. Lembro-me que estava o Nuno Portas. Um dos arquitetos começou a falar com imensa agressividade contra a Igreja, que não abria as portas, etc. E a Maria José de Mendonça disse que não se revia naquele discurso, despediu-se, levantou-se e foi-se embora. A reunião foi interrompida e nunca mais houve outra. Se houve mais alguma coisa do MRAR, nunca soube. Não voltei a participar.

Hoje há um retrocesso na arquitetura religiosa. Porque se acha que a arquitetura moderna é cara, mas não é verdade. Pode não ser cara. Tem é de ter dignidade. Hoje em dia o programa do centro paroquial é mais complexo que o da igreja. E isso encarece. Às vezes faz-se um faseamento, mas depois deixam-se as coisas por construir. Nos anos 60 havia um modo de fazer as coisas que não existe hoje em dia.”

P. Henrique Noronha Galvão

[3.nov.2009]

“A minha ligação ao MRAR começou no Seminário dos Olivais, através do João de Almeida, que fundou uma equipa de arte sacra. Faziam parte o Avelino Rodrigues, o Albino Cleto, o José Policarpo, o Carlos Paes, entre outros. Fazíamos exposições e conferências no Seminário dos Olivais que eram abertas a quem não era da equipa. Alguns arquitetos também iam ao Seminário. A pessoa chave na altura foi o João de Almeida, que tinha contactado com arquitetos e artistas da Alemanha e da Suíça. Chegámos a fazer uma viagem os dois pela França, Alemanha e Suíça, onde estivemos com o arquiteto Hermann Baur. Depois fomos a Itália com o filho do Baur que também é arquiteto. Visitámos Veneza, Florença... Foi um mês de férias. Ele tirava sempre muitas fotografias nas viagens que fazia. Depois quando voltava fazia sempre uma sessão para mostrar os diapositivos. Uma das primeiras coisas que o João de Almeida fez quando entrou no seminário foi uma exposição sobre arte moderna - os expressionistas, etc. Ele foi um grande divulgador da arte moderna nas igrejas. Quando o João de Almeida acabou o Seminário, fiquei eu responsável pela equipa.

Fui ordenado em 1960 e continuei a ir a reuniões do MRAR. De modo que contatei com uma série de arquitetos que por lá andavam – Teotónio Pereira, Corsépius, Diogo Pimentel... Eu era um curioso, gostava de participar nas reuniões. Houve um encontro

no Rodízio em que também fiz uma comunicação e geraram-se aí discussões muito interessantes. Estava lá o jesuíta Roque Cabral, o P. Manuel Falcão. Era um encontro alargado, aberto a não sócios. Lembro-me também de uma reunião nas Termas dos Cucos em que falou um dominicano espanhol. A relação entre arquitetos e padres era muito boa. Os padres que acompanhavam o MRAR eram eu, o João de Almeida, o Avelino Rodrigues... Depois eram convidados outros para determinadas reuniões, como o Fernando Belo. Houve também vários arquitetos e artistas que não pertenciam ao MRAR, mas que apareciam nalgumas reuniões.

Realizaram-se discussões muito interessantes, também do ponto de vista teórico. Quando havia uma igreja nova, havia sempre uma discussão prévia. O Hermann Baur esteve cá em Lisboa a fazer uma conferência e desiludiu porque fez aquilo muito simples. A sala estava cheia e estávamos à espera que ele apresentasse imensas teorias, mas a única coisa que disse foi que quando começaram a construir igrejas modernas se preocuparam apenas com os elementos essenciais, como o altar. No fundo, chamou a atenção para a funcionalidade de uma obra de arquitetura ao serviço da Igreja. Mas o meu principal interesse era a arte em geral e a questão das imagens. Naquela altura lutava-se muito contra a mediocridade das obras de arte. E em nome do despojamento, procurava-se chamar a atenção para o que era essencial na igreja. Uma vez, o Cardeal Cerejeira em conversa com o João de Almeida alertou-o para o facto de ele se inspirar demasiadamente numa arte que era nórdica, e - consequentemente, muito influenciada pelo protestantismo, que não aceita imagens. O artigo que escrevi procurou valorizar a presença das imagens.

O MRAR era visto como um movimento progressista. Havia sectores da Igreja mais conservadores que olhavam-no de um modo suspeito. Mas o MRAR foi bastante importante e fez parte dos movimentos que ajudaram a Igreja a abrir-se à modernidade. E foi fundamental para que se desse a viragem na construção de igrejas. Foi uma iniciativa de arquitetos católicos que a dada altura sentiram necessidade que a construção das igrejas respondesse as exigências da modernidade. Surgiu como a sua resposta para que a renovação acontecesse. E de facto, nunca mais se construiu uma igreja como a de S. João de Deus. Guardo boas memórias desse tempo.

Hoje parece-me que se perdeu a noção do funcionalismo que havia naquele tempo. A igreja de Marco do Siza é uma obra magnífica de arquitetura, mas como igreja parece que foi construída antes do Concílio. Faltou ali uma boa programação. Hoje parece que os arquitetos fazem as igrejas como obras geniais para aparecer nas revistas e não se preocupam que sirvam a comunidade. Os valores mais importantes são subalternizados relativamente aos valores estéticos.”

Rafaela Zúquete

[19.nov.2009]

“Conheci o MRAR na ESBAL através da JUC. Conheci primeiro o Nuno Teotónio e o João de Almeida, que tinha acabado de entrar no Seminário. As nossas relações com os arquitetos eram boas. Aquilo era um ambiente de amizade, éramos amigos uns dos outros. Mas o P. António dos Reis Rodrigues não gostava de mim. Lembro-me do Encontro no Rodízio e do João de Almeida a andar por lá a cantar uma das canções revolucionárias. Ele estava muito entusiasmado. Lembro-me muito bem disso. O MRAR começou, existiu, fez coisas. Foi uma escola. Era um movimento muito aberto. Fiz parte do MRAR por amor à camisola. O que mais me agradava era poder trabalhar com os tecidos, de tal modo que nunca mais larguei os «trapos».

O primeiro trabalho que fiz com a Madalena Cabral foi para a igreja de Santa Isabel. Ela é que conseguia as encomendas todas. O trabalho com a Madalena não tinha horas regulares, acontecia quando era preciso. Ia ter com ela ao Museu ou ela aparecia e dizia o que era preciso fazer. Não havia dias nem horas. Encontrávamo-nos para trabalhar, não para estudar. Íamos juntas ver as igrejas para onde se faziam os trabalhos. Pudemos escolher com liberdade os tecidos para os paramentos, o que era importante porque o tecido condiciona a forma. O João de Almeida insistiu para que eu fosse à Suíça durante um tempo para estudar paramentaria, mas achei que não era preciso, porque a Madalena tinha trazido muita coisa de lá.”

Francisco d'Orey

[16.out.2009]

“O MRAR foi basicamente um movimento de leigos que começou com os arquitetos. Foram revolucionários. Procuraram fazer alguma coisa de novo. Foi um movimento de técnicos, que depois irradiava para a sociedade. Depois juntaram-se alguns padres. Os arquitetos começaram por perguntar o que era uma igreja, o que era preciso para que uma igreja funcionasse. E isso estava ligado à liturgia. Assim chegaram à música. Nós estávamos ligados à música da Igreja, mas foram os arquitetos que se aproximaram de nós, músicos. Tinha muito boas relações com o Nuno Teotónio Pereira. Éramos conhecidos, morávamos perto. Foi assim que o grupo de música do MRAR surgiu. Nós sentíamos necessidade de criar outras músicas. Achávamos que as músicas que se faziam no Seminário dos Olivais tinham pouca qualidade, nomeadamente as polifonias do P. Manuel Luís.

Já com o grupo de música do MRAR fizemos uma experiência na igreja de Santa Isabel. O Francisco Fernandes compôs cânticos de entrada, do ofertório, com a

tradução dos salmos, e pusemos isso em prática com o Coro de Santa Isabel que era um coro bastante vivo. Ensaiávamos meia hora antes da missa o refrão com o texto do dia. E aquilo deu resultado e ao fim do segundo ano as pessoas já sabiam. No entanto, nós sentíamos que a Igreja nos via como marginais, como rivais dos padres que também faziam as suas músicas. Chegámos a publicar um livro com as nossas músicas, que foi utilizado uns três anos. Ao fim desse tempo aquilo dissolveu-se. Aconteceu que prevaleceu a orientação da Igreja e a utilização das músicas dos padres. Faltou-nos o apoio da Igreja, que teria sido através do P. José Ferreira. Ele gostava da participação e do entusiasmo que existia, mas não apoiou as nossas músicas. Ele preferia o P. Manuel Luís. E como na Igreja o clero é que manda, a iniciativa não passou daquela paróquia, apesar de ter resultado. Mas sem a bênção da Igreja... Os arquitetos estavam muito connosco, apreciavam o projeto. No MRAR havia um grande entrosamento entre todos. O Vitorino Nemésio falava muito bem sobre tudo, era uma solenidade.”

Francisco Fernandes

[4.set.2009]

“Fiz a minha formação musical no Conservatório e um dos instrumentos em que me formei foi o Órgão, o que me ligou à música religiosa, de Igreja. Comecei a trabalhar profissionalmente como organista, sobretudo na Basílica da Estrela. Com o Francisco d’Orey e o Jorge Manzoni, organizávamos as missas, os cantos litúrgicos, com um coro muito bom. No início dos anos 60 começa uma contestação às músicas em latim e ao canto gregoriano e começamos a compor músicas em português. Fui pioneiro da música em vernáculo. Isto foi antes de nos juntarmos ao MRAR.

Através da JUC conheci muita gente, incluindo vários arquitetos que também estavam ligados à Igreja, sobretudo o Diogo Pimentel e o Nuno Teotónio Pereira. Como tínhamos contato uns com os outros e também procurávamos a renovação da Igreja, mas pela música, juntámo-nos ao MRAR. A nossa passagem pelo MRAR foi muito curta. Íamos a várias reuniões e encontros. Para mim o que foi mais importante foram os encontros, em que havia oração, debate, conferências de especialistas. Havia arquitetos, pintores, jovens padres, etc. Fui a dois, o primeiro no Rodízio, numa casa dos Jesuítas. Lembro-me de uma discussão acesa nesse encontro sobre a cadeira do Bispo. Mas era tudo com fundamentação teológica. Foram momentos de testemunho, de vivência, de elevação espiritual. Vivia-se verdadeiramente a fraternidade cristã. Depois havia outras reuniões mais restritas. O MRAR foi um movimento com muita vitalidade.

Havia membros do MRAR que não concordavam com a atividade do grupo de música, inclusive o arquiteto Freitas Leal. O grupo de música não tinha a intensidade dos arquitetos. De modo que me sentia membro do Movimento, mas não de corpo inteiro. A nossa presença não durou mais de uns dois anos. O nosso desligar do MRAR foi natural, lentamente, não foi violento. Depois do grupo terminar o MRAR continuou. E a nossa ação sobre a música religiosa acabou por se fazer por outras vias, já fora do MRAR. Depois continuei ligado a algumas pessoas, como o Nuno Teotónio pela via política e o Diogo Pimentel pela religiosa, mas desliguei totalmente do MRAR.”

Elisabeth Évora Nunes

[13.jul.2009]

“No início dos anos 50 houve um surto de construção de novas igrejas. Há três marcos que vale a pena perceber: tinha-se feito a igreja de Nossa Senhora de Fátima e depois foram construídas as igrejas de S. João de Deus, de São João de Brito e de Santo Condestável. Ao mesmo tempo fez-se a igreja de São Gabriel, em Torres Novas, do arquiteto Jorge Segurado. Foi neste contexto que os novos arquitetos, por influência do que se passava lá fora, criaram o movimento de renovação. O MRAR foi uma lufada de ar fresco, uma formação complementar na linha da formação profissional e na linha da militância cristã. Foi do melhor que se podia fazer, a nível do nosso testemunho cristão, no sentido do papel do leigo cristão e da sua consagração ao mundo.

Conheci o MRAR quando estava para entrar na ESBAL. Vi um anúncio num jornal sobre um encontro promovido pelo Movimento na Casa de S. Mamede para profissionais e estudantes da ESBAL. E fiquei encantada por encontrar uma série de jovens ligados à JUC a trabalhar na renovação da arte. Juntei-me ao MRAR pelo grande interesse que o Movimento tinha. Fomos à frente do Concílio Vaticano II.

A relação entre arquitetos e não arquitetos era ótima. Éramos cristãos que queriam prestar um serviço à comunidade pela estética. O João de Almeida era o homem das grandes viagens. Depois o Teotónio começou a interessar-se por outras coisas.

A dada altura surgiu uma loja na Rua Ivens dumas Irmãs Pias que faziam umas coisas horríveis e quase que houve um abaixo-assinado contra aquilo. Elas tinham umas pagelas, uns santinhos... As nossas exposições tinham coisas bastante diferentes, algumas bastante problemáticas, na linha do Cristo do Chagall.”

Eduardo Nery

[21.mai.2010]

“Foi pelo Nuno Teotónio Pereira ou pelo Formosinho Sanchez que conheci o MRAR. Era ainda estudante na ESBAL. Lembro-me de ir a reuniões perto do Tivoli. Eram reuniões esporádicas, em que eu era o membro mais novo. O MRAR era um fórum de discussão de temas ligados à arte religiosa, era um lugar para troca de ideias. Mas não era propriamente um grupo de amigos, pois eu não era amigo de todos os que lá estavam. De quem me lembro mais é do Nuno Teotónio Pereira e do João de Almeida. Os membros do MRAR conheciam bem a arte religiosa francesa, alemã e suíça, principalmente por causa do João de Almeida. Aprendi lá muito sobre a arquitetura religiosa tanto portuguesa como internacional, que eles discutiam muito. Eu estava mais como ouvinte. Não era católico praticante. O que não quer dizer que não desse a minha opinião. No MRAR discutiam-se todas as questões relacionadas com a arte religiosa: a arquitetura, as imagens, os paramentos... Era um local de discussão e de troca de ideias de todas estas questões, mas nunca se fizeram normas escritas. Uma vez houve uma exposição na Sociedade de Belas sobre igrejas na Alemanha. Ainda não estava no MRAR, mas já me interessou. E já tinha uma boa relação com o João de Almeida. Conheci o Ferdinand Gehr através dele. Para mim, ele é o melhor pintor europeu da mensagem religiosa. Sem desvalorizar outros grandes pintores, mas ele foi o que foi mais fundo, com uma pintura profundamente moderna e religiosa. O que melhor me lembro da minha passagem pelo MRAR, como contributo meu, foi uma palestra na Sociedade de Belas Artes sobre o Sagrado e o Religioso, que me deu muito trabalho preparar, tive de ler imensa coisa. Procurei perceber quando é que temos uma arte sagrada e quando é que temos uma arte religiosa. A questão do sagrado é um assunto que me interessa e sempre me interessou muito.”

Fernando Micael Pereira

[16.nov.2009]

“Conheci o MRAR quando estava no Seminário dos Olivais. Era colega do João de Almeida e pertencia à equipa de Arte Sacra, com o Albino Cleto e outros. Interessei-me muito pela liturgia e o P. José Ferreira deu-nos o gosto pela renovação litúrgica. A equipa de Arte Sacra tinha reuniões próprias, mas também preparava sessões para todo o Seminário. O João de Almeida, que viajava muito, mostrava diapositivos, artigos, dava-nos aulas de arte. E fazia conferências, ao sábado ou domingo à tarde. Eram intervenções mais pequenas, com pequenos grupos à volta de um livro. Também estive muito ligado às equipas de cinema e de sociologia. As equipas

cruzavam-se. No fundo, eramos um pequeno punhado de seminaristas que tinha contatos próximos na JUC. Foi uma época em que entraram no Seminário muitas vocações tardias, pessoas com cabeça que tinham tirado os seus cursos. Interessei-me aí pela Sociologia Religiosa, onde trabalhei com o P. Manuel Falcão. Já o cinema pôs-me em contato com o Nuno Portas e o João Bénard. Nos Olivais fui também diretor da Novellae Olivarum. Tinha uma liberdade grande para sair do Seminário. Depois estive envolvido no Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado e no Boletim de Informação Pastoral.

A Exposição de São Nicolau foi o meu primeiro contato com o MRAR. Não pertenci à organização, mas a exposição marcou-me imenso. Daquele grupo lembro-me do João de Almeida, do Nuno Teotónio, do Diogo Pimentel, do Nuno Portas, do António Leal «Palestras». Entre o MRAR e as equipas as coisas circulavam intensamente. O MRAR foi bastante importante para a renovação da arte religiosa. E foi um belo exemplo da ação de leigos na Igreja. O MRAR foi uma coisa das «Arábias», mexeu com a renovação pastoral, foi uma abertura para uma estética. Foi muito importante para afinar o gosto. Fez-me aprender muito sobre estética.

Em 1967 fui para Paris e passei a dedicar-me à Sociologia.”

Pedro Vieira de Almeida

[23.jun.2010]

“Conheci o MRAR através do Nuno Teotónio Pereira, do Nuno Portas e do Diogo Pimentel. Nunca me filiei no MRAR porque era um movimento católico, mas aderi à sua busca de uma linguagem moderna para as igrejas. De modo que ia às reuniões que me interessavam pelo tema e pelo orador. Cheguei a fazer algumas apresentações porque apesar de não pertencer ao Movimento, gostava de aceitar o desafio. O tema interessava-me pois a arquitetura religiosa aborda de um modo particular o lado da função simbólica dos edifícios, que eu procurava aprofundar em oposição à exclusividade da função prática. O MRAR, pela mão do João de Almeida, fez o percurso não esperado, de negação da função simbólica. O Corbusier sempre fez função simbólica, o que foi difícil de aceitar pelos modernistas portugueses.

No projeto da igreja do Sagrado Coração de Jesus a minha colaboração limitou-se à execução de alguns pormenores. O projeto é do Nuno Portas e do Nuno Teotónio Pereira. O atelier do Teotónio tinha a alcunha de «sacristia».

Já o concurso para a Sé de Bragança, esperava ganhar. Mas depois foi uma desilusão. A comunidade de Bragança era muito conservadora e a Igreja dividiu-se.

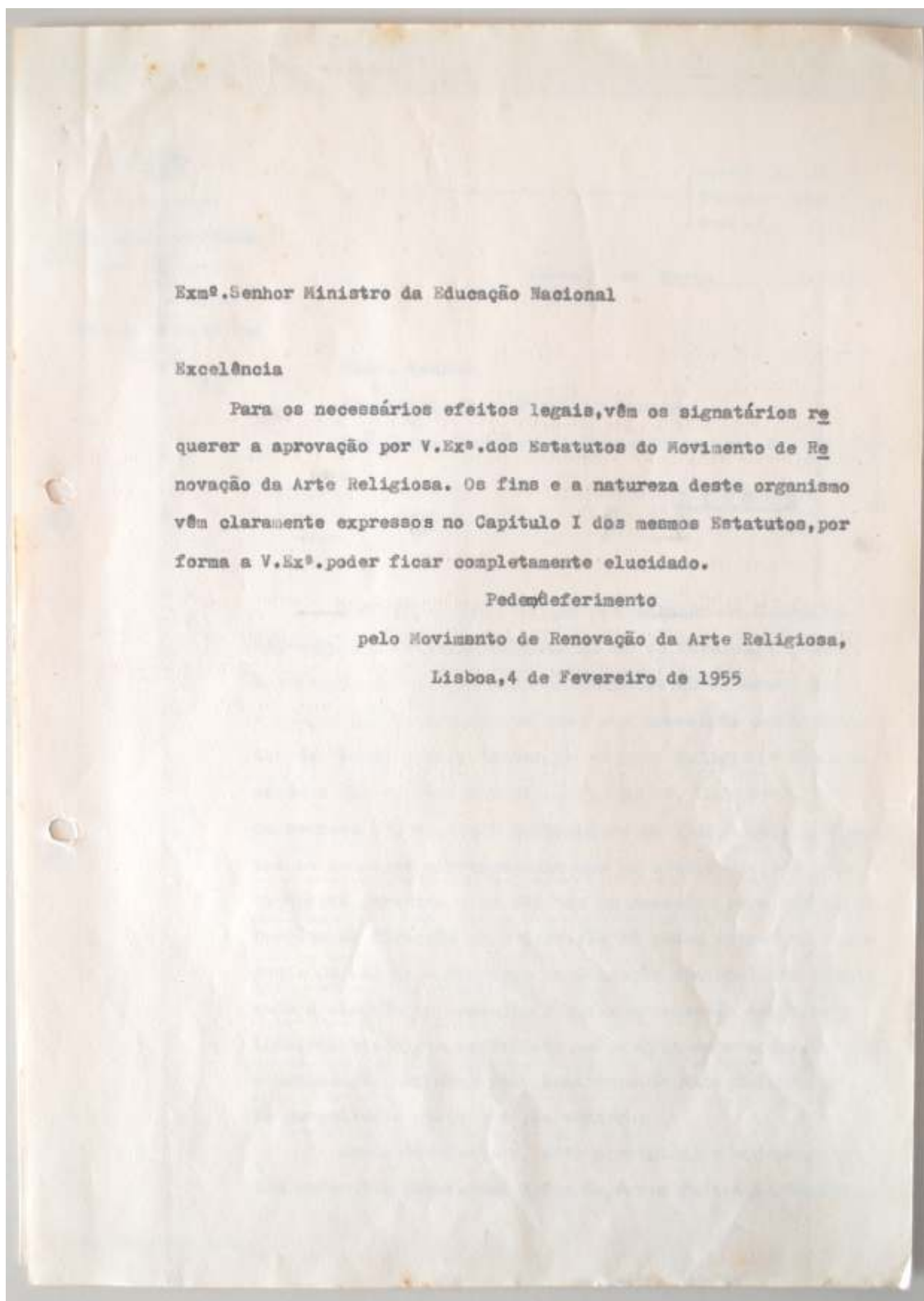
Na igreja dos Olivais interessaram-me tanto os aspetos funcionais como os rituais e poéticos. Era o ritual que unia todas aquelas pessoas que na realidade tinham ideias de Igreja muito diferentes. O que era importante era a ação, o ritual da entrada, o batismo... Era importante «descoisificar» o sagrado. O P. Felicidade Alves levava o altar para o meio dos Jerónimos e falava dos militares que celebravam no capot dos jipes durante a guerra.”

Anexo 2. Textos e documentos

2.1. MRAR – Estatutos [1955-56]

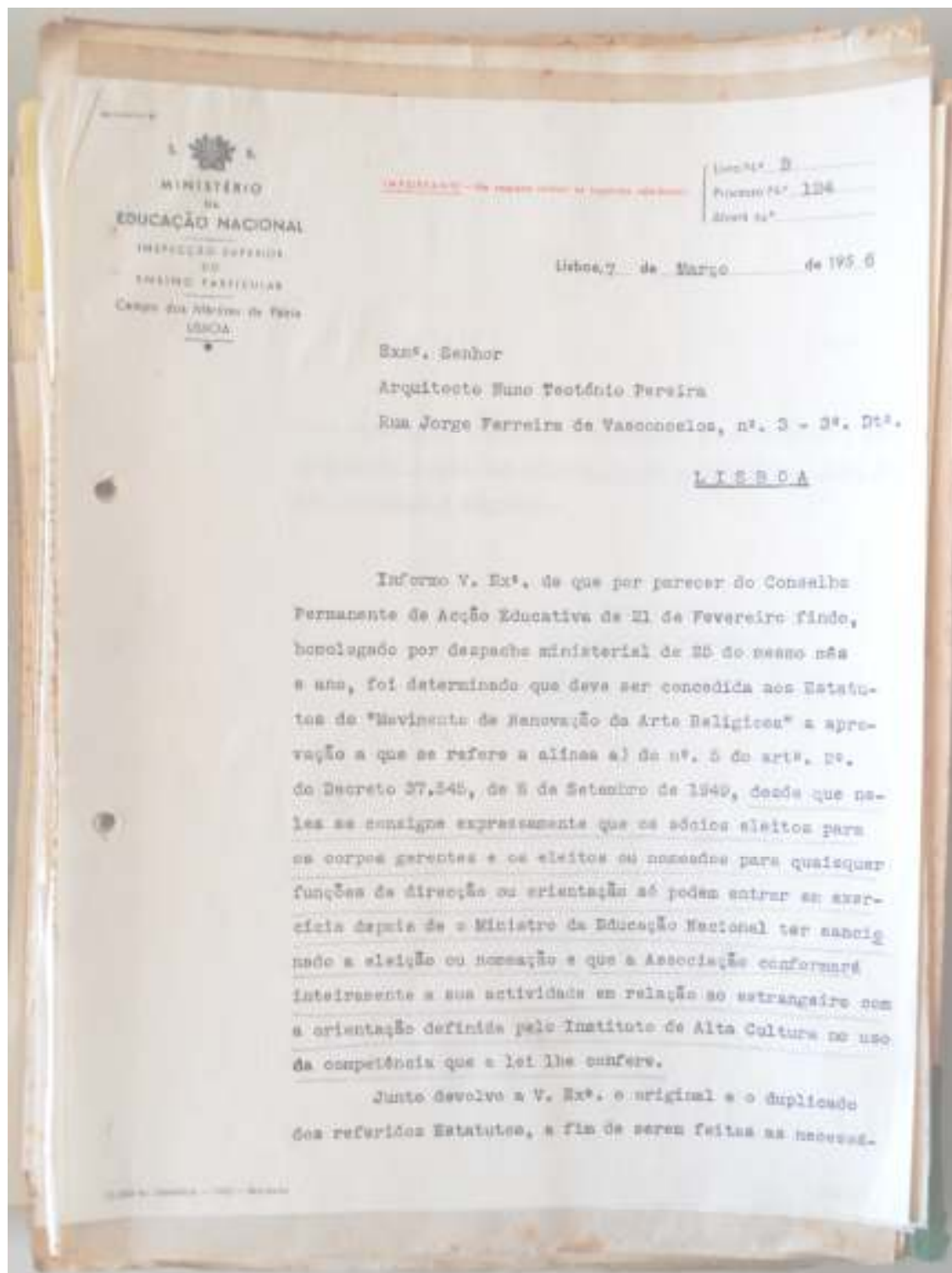
Doc. 2.1.1.

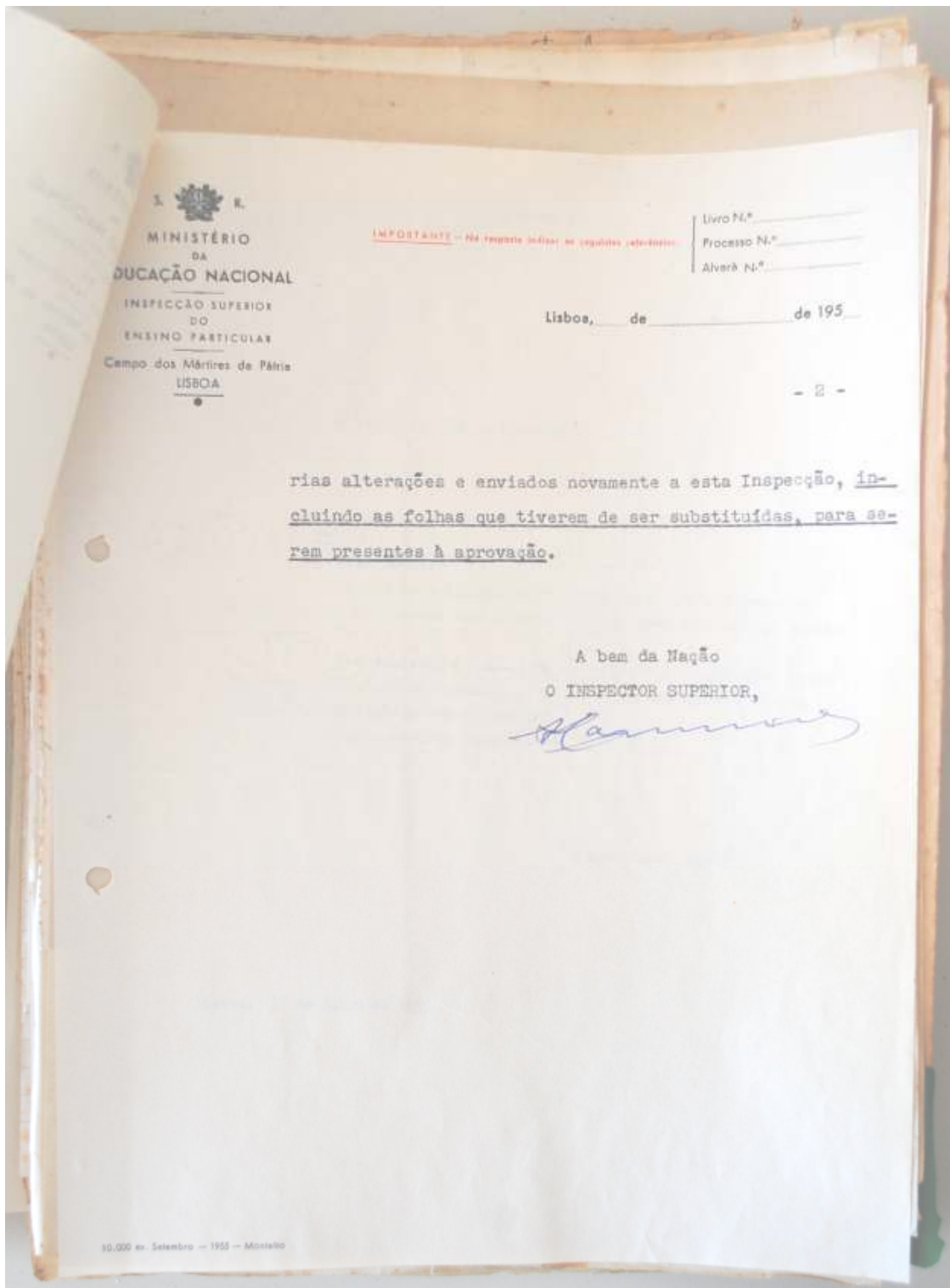
[PEREIRA, N. Teotónio], Carta ao Ministro da Educação Nacional, Lisboa, (4.fev.1955)



Doc. 2.1.2.

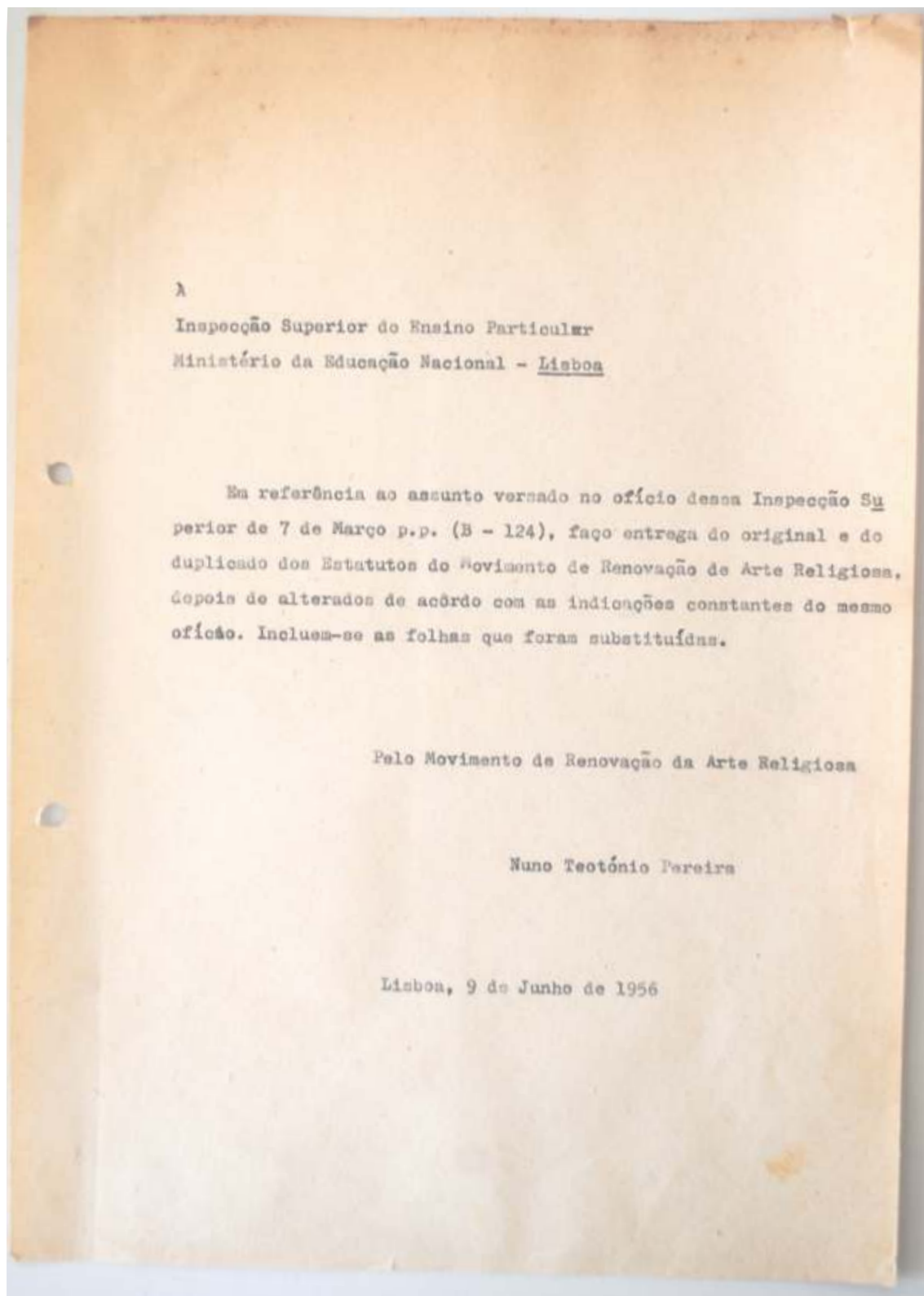
[Inspector Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional], Carta a N. Teotónio Pereira, Lisboa, (7.mar.1956)





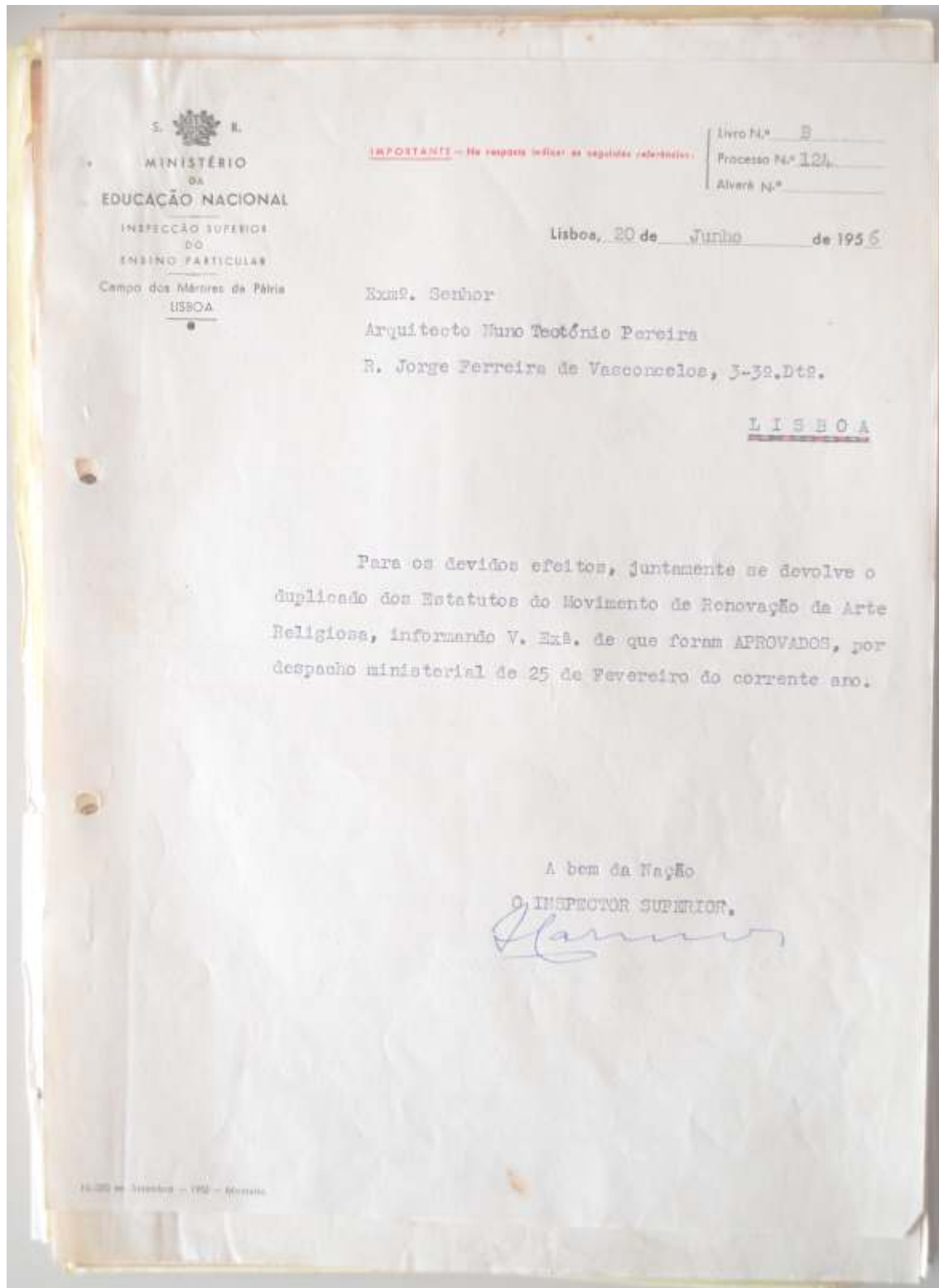
Doc. 2.1.3.

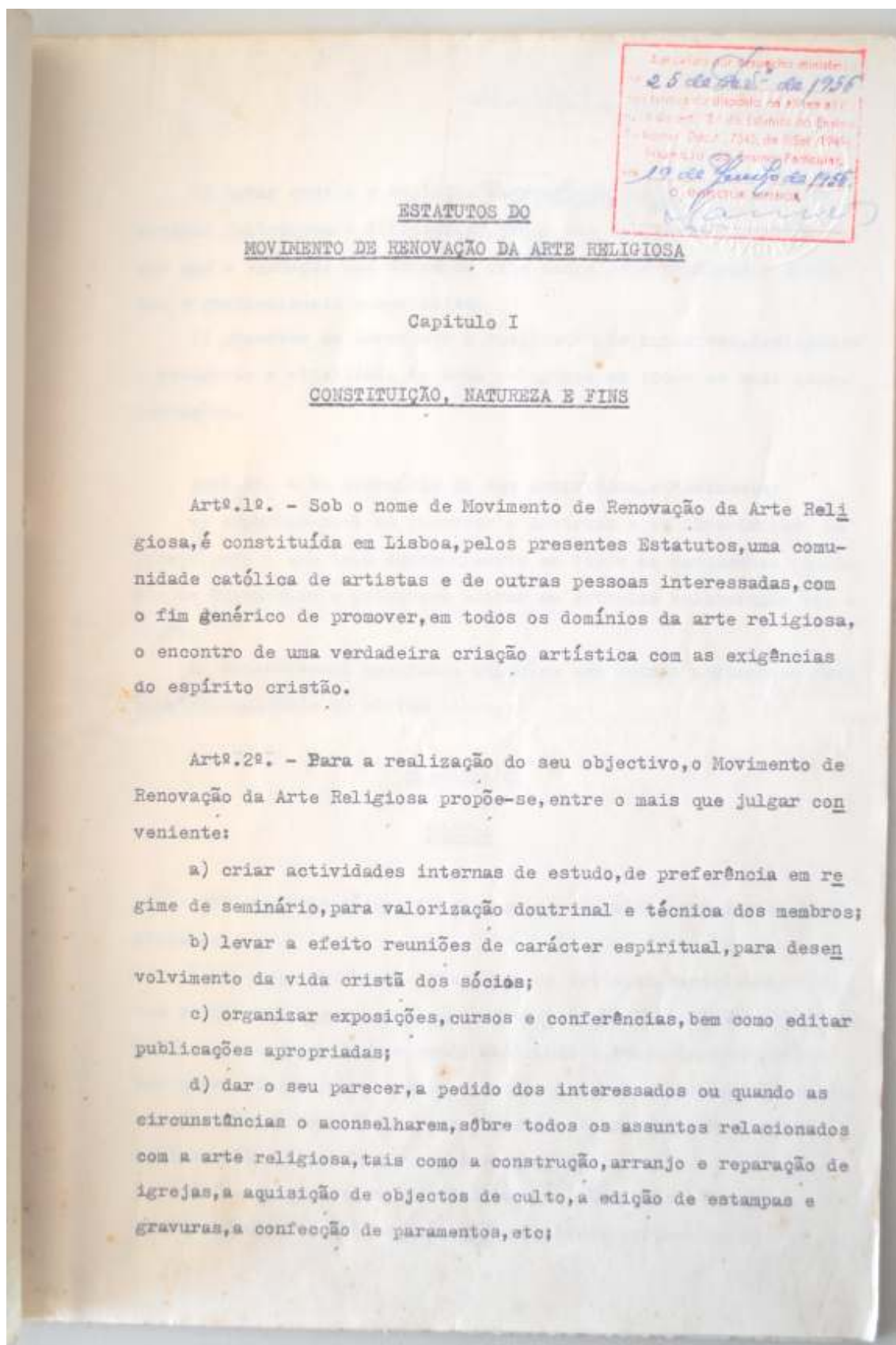
[PEREIRA, N. Teotónio], Carta à Inspeção Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional, Lisboa, (9.jun.1956)



Doc. 2.1.4.

[Inspector Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional], Carta a N. Teotónio Pereira, Lisboa, (20.jun.1956)





tudantes das Escolas de Belas Artes, que, sendo por igual católicos e estando de algum modo interessados no estudo ou na prática da arte religiosa, aceitem a orientação geral do Movimento e deem garantias de colaborar na realização dos seus fins.

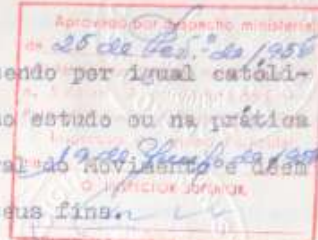
§ 3º. - Consideram-se auxiliares todos os que se limitarem a ajudar o Movimento monetariamente ou pela prestação de quaisquer serviços.

Artº. 5º. - A admissão dos sócios é feita:

- a) quanto aos efectivos, por proposta de dois sócios efectivos e aprovação do Conselho Directivo, tomada por maioria de 2/3 dos seus membros e mediante voto nominal;
- b) quanto aos estudantes, por propostas de um sócio, efectivo ou estudante, e aprovação da Direcção, tomada por maioria dos seus membros;
- c) quanto aos auxiliares, por proposta de um sócio ou a pedido do interessado e aprovação da Direcção, nos termos da alínea anterior.

Artº. 6º. - Os deveres dos sócios efectivos e estudantes, não esquecendo as variantes nem o grau de responsabilidade próprios da posição que uns e outros ocupam dentro do Movimento, são os seguintes:

- a) valorizarem-se, do ponto de vista intelectual, espiritual e profissional em ordem a uma correspondência mais adequada à finalidade do Movimento;
- b) tomarem parte nas reuniões;
- c) cumprirem diligentemente os serviços que lhes forem marcados;
- d) pagarem as cotas.



Arquivado por despacho ministerial
de 25 de Maio de 1956
nos termos do disposto no artigo 1º do
n.º 3 do art.º 2º do Estatuto do Ensino
Particular (Dec.º 7543 de 1949).
Ligado ao Livro Particular,
em 19 de Junho de 1956.
Director de Ensino

- 4 -

Artº.7º. - A exclusão dos sócios é da competência do Conselho directivo ou da Direcção, conforme se trata de sócios efectivos ou de sócios aspirantes e auxiliares, e terá lugar:

a) quanto aos efectivos e estudantes, não esquecendo o plano em que uns e outros se encontram, sempre que faltarem injustificada e habitualmente ao cumprimento dos deveres referidos no artigo anterior, ou, dum modo geral, deixarem comprovadamente de respeitar o espírito e a orientação superior do Movimento;

b) quanto aos auxiliares, sempre que deixarem de prestar o auxilio de que tomaram compromisso.

§ 1º. - Tratando-se do pagamento de cotas, entende-se que é motivo de exclusão a sua falta por mais de um ano.

§ 2º. - As decisões do Conselho Directivo e da Direcção, a que se refere o corpo do presente artigo, são tomadas em ambos os casos por simples maioria de votos.

Capitulo III

CORPOS DIRIGENTES

Artº.8º. - Os corpos dirigentes do Movimento de Renovação da Arte Religiosa são:

- a) Direcção;
- b) Conselho Directivo;
- c) Assembleia Geral.

Artº.9º. - A Direcção é composta por um Presidente, um Secretário e um Tesoureiro, todos sócios efectivos, e exerce o respectivo mandato pelo período de dois anos.



- 5 -

Artº.10º. - A Direcção é eleita pela Assembleia Geral, por maioria de 2/3 dos presentes, de entre as listas que forem apresentadas à eleição.

§ 1º. - A apresentação de cada uma das listas é feita à mesa da Assembleia Geral por um mínimo de cinco sócios efectivos.

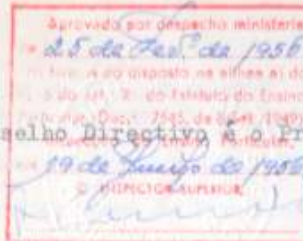
§ 2º. - Na votação, realizar-se-ão tantos escrutínios quantos os necessários para obter a maioria consignada no corpo do presente artigo.

Artº.11º. - A Direcção reúne com a frequência que o Presidente julgar conveniente, em caso nenhum com o intervalo de mais de um mês.

Artº.12º. - A Direcção compete:

- a) pôr em execução as tarefas que o Movimento se propõe e velar, nos casos ordinários, pelo rigoroso cumprimento dos Estatutos;
- b) arrecadar as receitas e autorizar as despesas necessárias;
- c) admitir e excluir, nos termos respectivamente dos artigos 5ºb) e c) e 7º., os sócios estudantes e auxiliares;
- d) nomear, de entre os sócios efectivos, os encarregados das várias comissões de trabalho, constituindo com eles o Conselho Directivo;
- e) elaborar anualmente o relatório e as contas de gerência e apresentá-los à Assembleia Geral.

Artº.13º. - O Conselho Directivo é constituído pela Direcção e pelos encarregados das várias comissões de trabalho, referidos na alínea d) do artigo anterior.



Artº.14º. - O Presidente do Conselho Directivo é o Presidente da Direcção.

Artº.15º. - O Conselho Directivo reúne obrigatoriamente todos os meses e, além disso, sempre que as circunstâncias o aconselharem.

Artº.16º. - Ao Conselho Directivo compete:

- a) traçar a orientação e elaborar o plano de actividades a efectuar no decorrer de cada ano;
- b) superintender na execução do mencionado plano;
- c) servir de órgão consultivo da Direcção;
- d) admitir e excluir, nos termos respectivamente dos artigos 5º.a) e 7º., os sócios efectivos;
- e) propor à Assembleia Geral as alterações que julgar conveniente introduzir nos Estatutos e os regulamentos particulares dos núcleos regionais previstos no artigo 25º..

Artº.17º. - A Assembleia Geral é constituída por todos os sócios efectivos, podendo no entanto participar nas suas reuniões, sem direito a voto, os sócios estudantes.

Artº.18º. - A mesa da Assembleia Geral é formada por um Presidente e dois Secretários da sua escolha.

§ 1º. - O Presidente é eleito por maioria de 2/3 da Assembleia, de entre os candidatos apresentados por um mínimo de três membros;

§ 2º. - A mesa permanece em exercício pelo período de dois anos.



- 7 -

Artº.19º. - A Assembleia Geral reúne ordinariamente no princípio de cada ano e extraordinariamente sempre que o Presidente a convocar, por sua iniciativa ou a pedido quer do Presidente da Direcção quer de 1/3 dos sócios efectivos, segundo a alínea c) do artigo 21º..

§ único - A Assembleia Geral deve ser convocada com a antecedência mínima de oito dias, por aviso mandado a todos os membros.

Artº.20º. - A Assembleia Geral só pode funcionar com a maioria dos seus membros; mas se, tendo sido convocada, não comparecerem em número suficiente, poderá funcionar uma hora depois com qualquer número.

Artº.21º. - A Assembleia Geral compete:

- a) eleger o seu próprio Presidente e a Direcção, conforme o disposto nos artigos 10º. e 18º. § 1.º;
- b) discutir e aprovar no princípio de cada ano o relatório e as contas de gerência do ano anterior;
- c) decidir sobre as questões mais graves da vida do Movimento que forem apresentadas como tais à sua apreciação, quer pelo Presidente da Direcção quer por 1/3 dos sócios efectivos;
- d) aprovar, sob proposta do Conselho Directivo, as alterações a introduzir nos Estatutos e os regulamentos particulares dos núcleos regionais previstos no artigo 25º.;
- e) resolver sobre os casos omissos;

Capítulo IV

REPRESENTANTE DA HIERARQUIA

Artº.22º. - Em ordem ao disposto na alínea a) do artigo 3º.,

Aprovado por resolução ministerial
de 26 de Maio de 1956
em termos do projecto de lei n.º 10
de 1956, art. 1.º do Decreto do Estado
n.º 10 de 1956, de 1956 (1949).
19 de Junho de 1956
SECRETARIA

- 8 -

solicitar-se-á de Sua Eminência o Cardenal Patriarca de Lisboa a designação dum teólogo, se possível de entre os sacerdotes que forem sócios, o qual terá por missão assegurar, no domínio dos princípios, a perfeita concordância da obra do Movimento com o ensino da Igreja.

Capítulo V

RECEITAS

Artº.23º. - Constituem receita do Movimento:

- a) as cotas dos sócios;
- b) os donativos eventuais;
- c) os subsídios de quaisquer entidades.

Artº.24º. - As cotas são mensais e o seu quantitativo será fixado pela Direcção, tendo em vista as várias categorias dos sócios.

Capítulo VI

DISPOSIÇÕES FINAIS

Artº.25º. - Fora de Lisboa, prevê-se a criação de núcleos regionais, cuja orgânica será objecto de regulamento particular, a estabelecer para cada caso, com a oportuna adaptação dos Estatutos, nos termos dos artigos 16º.e) e 21º.d).



- 9 -

Artº.26º. - O Movimento dissolver-se-á se a Assembleia Geral, mediante o voto de 2/3 dos sócios efectivos, reconhecer a impossibilidade de êle realizar os fins para que foi criado.

§ único - No caso de dissolução, os bens do Movimento terão o destino que fôr resolvido igualmente em Assembleia Geral.

Artº.27º. - Em cumprimento do determinado em parecer do Conselho Permanente de Acção Educativa de 21 de Fevereiro de 1956, homologado por despacho ministerial de 25 do mesmo mês e ano:

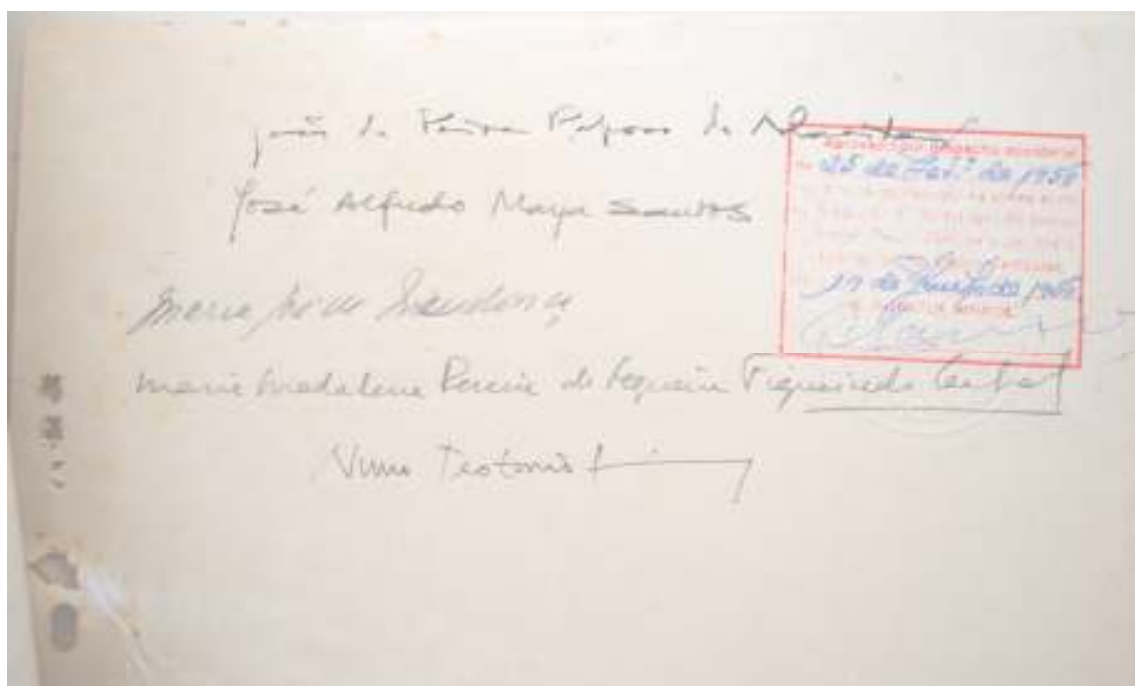
a) os sócios eleitos para os corpos gerentes e os eleitos ou nomeados para quaisquer funções de direcção ou orientação só podem entrar em exercício depois de o Ministro da Educação Nacional ter sancionado a eleição ou nomeação;

b) o Movimento conformará inteiramente a sua actividade em relação ao estrangeiro com a orientação definida pelo Instituto de Alta Cultura no uso da competência que a lei lhe confere.

Artº.28º. - Os signatários dos presentes Estatutos consideram-se sócios fundadores, com a categoria de efectivos.

Lisboa, 16 de Maio de 1956

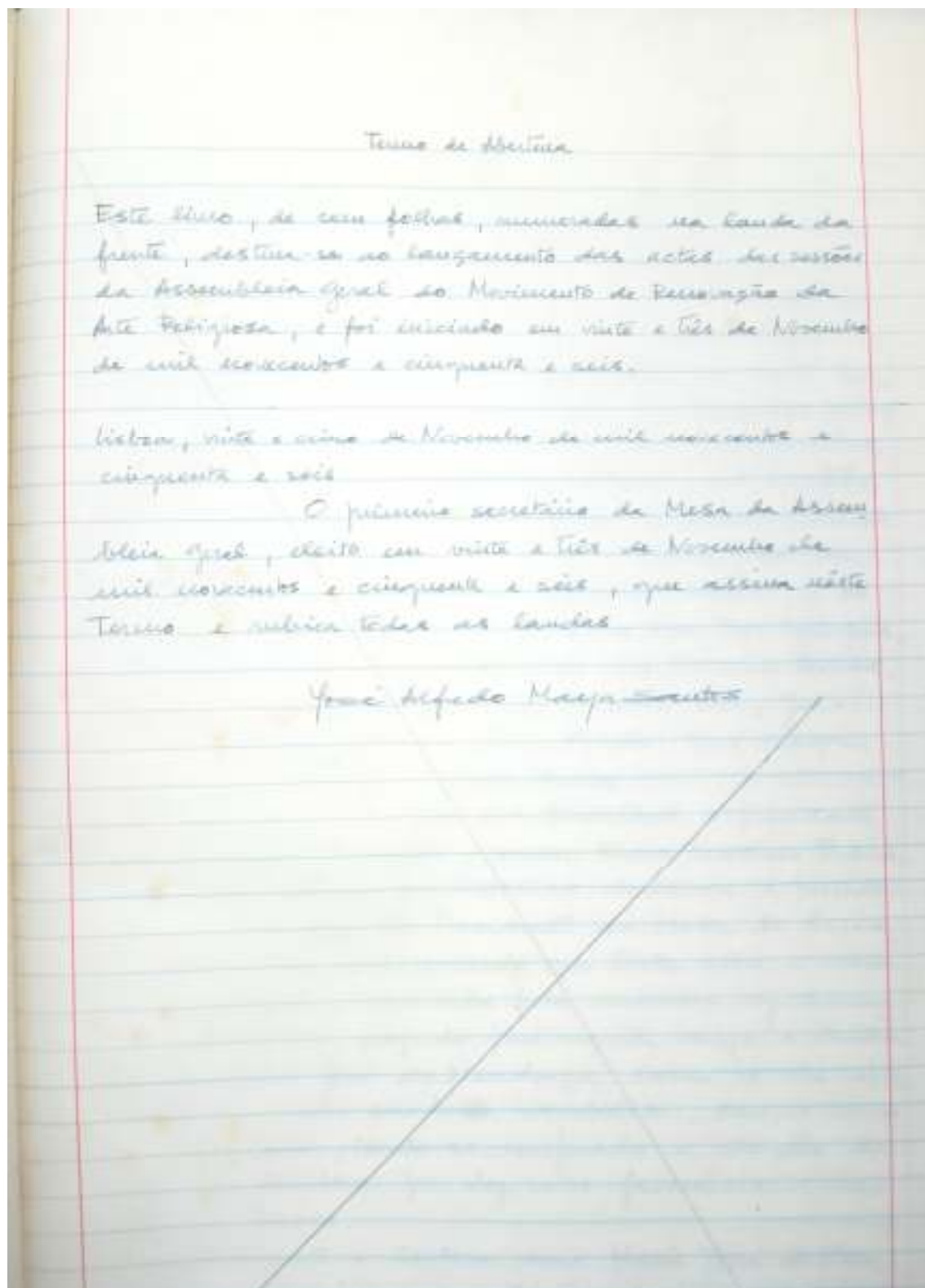
António Aires de Freitas, 1.º
Guilherme António do Rio Rodriguez
Alfredo de Almeida e Sousa, 2.º
Henrique Brandão Nunes
João de Oliveira Correia Roberto
João Maria de Branca Reis



2.2. MRAR – Assembleias Gerais [1955-65]

Doc. 2.2.1.

Livro de Atas



Acta número um

Aos vinte e três dias do mês de Novembro de mil novecentos e cinquenta e seis reuniu-se a Assembleia Geral Ordinária do Movimento de Renovação da Arte Religiosa, nos termos do artigo décimo-novo dos Estatutos, às vinte e uma horas e trinta minutos, em primeira convocação, na sede do Movimento, à Avenida Alves Cabral, número quarenta e seis, rés do chão, esquecido da cidade de Lisboa, estando presentes os sócios efectivos senhores dona Maria José de Mendonça e dona Maria Madalena Cabral, e os senhores reverendo doutor António dos Reis Rodrigues, António Freitas Leal, António Lino Ferreira Pedras, Flávio de Vasconcelos, João Braula Reis, João Medeiros de Almeida, João Rebelo, José Maya Santos e Nuno Teotónio Pereira.

Assumiu a direcção dos trabalhos o presidente da Direcção provisória, senhor Nuno Teotónio Pereira, que, nos termos dos Estatutos declarou o proceder-se à eleição do Presidente da Mesa da Assembleia Geral, acrescentando que tinha sobre a mesa uma proposta, assinada pelo primeiro regulamento de sócios, propondo para aquêle cargo a Senhora Dona Maria José de Mendonça. Como se não apresentasse mais nenhum candidato, deu-se início ao escrutínio, tendo-se verificado a eleição da mesma Senhora por dez votos favoráveis e um voto em branco.

Imediatamente a Senhora dona Maria José de Mendonça assumiu a presidência da Mesa da Assembleia Geral, designando para secretários os sócios António Lino Ferreira Pedras e José Maya Santos. Passou-se em seguida ao ponto seguinte da ordem

da noite, que constava da eleição da primeira direcção do Movimento. Foi apresentada, subscrita pelo conjunto regularmente de sócios, uma única lista, propondo como Presidente, Nuno Teófilo Pereira; secretário, Flávio de Vasconcelos; Tesoureiro, João Rebelo.

Realizada a votação verificou-se que tinham entrado na urna oito votos favoráveis e três em branco. O Presidente da Mesa da Assembleia geral proclamou então eleita a Direcção, que constava dos mesmos sócios que constituíam a Direcção provisória.

Continuando a seguir a ordem da noite, o Presidente da Direcção apresentou o relatório e contas da Direcção provisória cessante, que acabou por ser judiciosas considerações, tendo sido aprovados todos os documentos por unanimidade.

Por último, o Presidente da Direcção esboçou o plano de actividades do novo ano, que mereceu a concordância da Assembleia.

E por nada mais haver a tratar, o Presidente da Mesa da Assembleia geral, depois de se ter congratulado com o modo como haviam decorrido os trabalhos, e manifestado a sua confiança no futuro do Movimento, declarou encerrada a sessão, da qual se lavrou a presente acta, que vai ser assinada pelo Presidente e Secretários da Mesa da Assembleia geral.

Maria Piedade

António Luís da Veiga Ferreira Pedras

Acta numero dois

Aos doze dias do mês de Novembro de mil novecentos e cinquenta e sete, reuniu-se a Assembleia geral Ordinária do Movimento de Renovação da Arte Religiosa, nos termos do artigo décimo nono dos Estatutos, às vinte e duas horas, em segunda convocação, na sede do Movimento, à Avenida Ságuas Cabral, numero quarenta e seis, rés do chão, esquerdo, da cidade de Lisboa, estavam presentes as senhoras dona Maria José de Mendonça, que presidiu, e dona Maria Madalena Cabral, e os senhores António Freixo Leal, António Lino Ferreira Pedras, Florido de Vasconcelos, José Maria Santos e Nuno Teotónio Pereira.

Lida e aprovada a acta de sessão anterior, passou-se à ordem da noite, que constava da apreciação do relatório e contas da Direcção no ano transacto e do plano de trabalho do ano agora começado. Após longa troca de impressões, em que foi posta em relevo a necessidade de dar maior desenvolvimento a certos aspectos da actividade do Movimento, nomeadamente o

Boletim, a colaboração na imprensa e a parte juvenil, a Assembleia aprovou por unanimidade os documentos que lhe foram submetidos. E tendo mais procedido a votar, o Presidente da Mesa da Assembleia geral, depois de ter feito votos pelo bom resultado dos trabalhos do Movimento, encerrou a sessão, da qual se lavrou a presente acta, que vai ser assinada pelo Presidente e Secretários de Mesa da Assembleia geral.

Maria José de Mendonça

José Maria Santos

António - Lino Da Veiga Ferreira Patrão

Acta numero três

Por treze dias do mês de Novembro de mil novecentos e cinquenta e sete reuniu-se a Assembleia Geral Ordinária do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nos termos do artigo décimo nono dos Estatutos da noite e uma hora e trinta minutos na sede do Movimento d Rua da Escola Politécnica numero 42, 2º, 0º em Lisboa, em primeira convocação e cento e cinquenta e sete efectivos membros.

Assistiu a senhora Dona Maria Fátima de Mendonça, Secretária pela Sra. Antonia Lima Ferreira Pedras, e Frei Maria Santos.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior, o Secretário Maria Santos leu a parte dos Estatutos referente às eleições da Mesa da Assembleia Geral e da Direcção, que constituiu a ordem da noite.

Procedeu-se em seguida à eleição do Presidente tendo-se apresentado duas propostas, subscritas pelo primeiro e pelo segundo da lista. A primeira - lista A - propunha a eleição do presidente perante a Mesa, e a segunda - lista B - o Sr. Antonio Lima Pires da Veiga Ferreira Pedras.

Procedeu-se à votação, verificou-se que a lista A obteve cinco votos e a lista B seis votos. Por não ter sido atingida a maioria de dois terços escitou-se pelo parágrafo primeiro do artigo décimo octavo dos Estatutos, resticção de voto escrutinial com o seguinte resultado: lista A, quatro votos, lista B, sete votos. Sendo pela primeira vez procedeu-se à nova votação, de que resultou a lista A obter um voto e a lista B, dez votos.

Imediatamente assumiu a presidência da Mesa

o sócio António Lima Ferreira Pedras, que se incluem para
secretários da Mesa, os sócios Florindo Teles de Menezes e
Vasconcelos e João Traula Pais.

Passou-se em seguida à eleição da nova Direcção, tendo
o presidente da Mesa declarado que estavam na Mesa duas
listas, assinadas pelos membros representativos do sócio, por
nome a primeira a que se chamou lista A, como presidente
António de Brito Leal, como secretário Sebastião Henriques
Sanches e como tesoureiro José Escada, e a segunda que
se designou por lista B, como presidente, Nuno Teotónio Pereira
como secretário, José Maria Santos, e como tesoureiro José Escada.

Antes de se proceder ao escrutínio, tomou a palavra o
presidente da Direcção Cessante, Nuno Teotónio Pereira, que
esclareceu os objectivos que se tiveram em vista ao atribuir
pelo Estatuto, uma duração de dois anos para a vigência
de cada Direcção.

O sócio José Maria Santos tomou também a palavra
a fim de esclarecer determinados pontos da organização interna
do Movimento relacionados com a ordem da noite.

Procedeu-se, em seguida, à votação cujo resultado foi
o de nove votos para a lista A e dois votos para a lista B.

Satisfeito este escrutínio as condições impostas pelo
artigo décimo dos Estatutos, o presidente da Mesa declarou
eleita, por maioria de sete votos num total de nove, a Direcção
constante da lista A.

Seguiu-se ao uso da palavra o Assistente Eclesiástico do
Movimento, reverendo Sr. António da Pais Rodrigues, que
se referiu à acção do presidente da Direcção Cessante, no
que ela representa para o Movimento e ao que este vem re-
presentando para a Igreja.

O sócio José Maria Santos continuou estas observações re-
ferindo-se também à personalidade do novo presidente
da Direcção.

O presidente da Direcção Cessante, Nuno Teotónio Pereira
referiu-se em seguida ao facto do Assistente Eclesiástico

do Movimento se acham impossibilitados de conti nuar a desempenhar aquelas funções, recordando a importância que a sua permanência neste cargo, teve para o Movimento.

O novo presidente da Diocese, António de Brito Leal, que se lhe seguiu no uso da palavra, chamou a atenção dos novos efectivos para a responsabilidade que para cada um representa a projecção actual do Movimento, responsabilidade assumida perante a Igreja. A todos os novos efectivos pediu um compromisso sério em relação a todo o trabalho que, cada vez com mais acuidade, vem sendo exigido ao Movimento.

Foram, em seguida, apresentados à apreciação da Assembleia, o relatório e os Contos da Diocese cessante, que mereceram aprovação unânime.

E por não mais haver o que tratar, o presidente da Mesa da Assembleia Geral declarou encerrada a sessão da qual se lavrou a presente acta, que vai ser assinada pelo presidente e secretário da mesma Mesa.

~~Segundo se segue em anexo~~
João Maria de Branca Reis

Acta numero seis

Aos quatro dias do mês de Fevereiro de mil novecentos e sessenta e um reuniu-se a Assembleia Geral Ordinária do Movimento de Renovação da Arte Religiosa, nos termos do artigo décimo nono dos estatutos, às vinte e duas horas, em segunda convocação, na sede do Movimento, d. Pina da Fé, número cinquenta e tres, rés do chão, da cidade de Lisboa, estando presentes as senhoras dona Maria José de Mendonça e dona Madalena Cabral, e os senhores Sebastião Formosinho Lanches, Nuno Teotónio Pereira, António de Freitas Leal, Nuno Portas, Diogo Pimentel, Rev.^o Padre João de Almeida e António Luís Ferreira Pedras.

Aberta a sessão pelo presidente da Assembleia, foi dada a palavra ao presidente da Direcção perante que fez o relato das actividades levadas a efeito durante o biênio 1959/1960.

Começou por referir-se à ausência temporária do assistente eclesástico bem como de alguns outros membros do corpo directivo, factor este que dificultou certos contactos desejados entre o Movimento e sócios estudantes e auxiliares, e até, de modo geral, com as pessoas interessadas na arte da Igreja.

Relatou em seguida a realização da primeira reunião das Comissões Diocesanas de Arte Sacra, em Aveiro, durante o mês de Julho de 1959, na qual participaram sacerdotes, seminaristas, artistas, estudantes e alguns membros do Movimento de Renovação de Arte Religiosa, que na sua organização tiveram parte activa.

Em seguida foi feita referência à Exposição de Arte Sacra que o Movimento montou no

Porto com o auxilio dum subsidio concedido pela Fundacao Calouste Gulbenkian, e da posterior apresentacao de parte dessa exposicao nas cidades de Guimarães e Aveiro.

Ainda no ciclo das exposicoes, referiu-se à Exposicao de Arquitectura Religiosa Contemporanea; conforme o programa previsto, o seu circuito terminara em Luanda, depois de ali ter estado patente ao publico.

Continuando o seu relato fez referencia aos contactos estabelecidos com personalidades estrangeiras ligadas ao actual movimento de renovação da arte religiosa, como sejam o prof. Adolf Wintermütz, o critico Joseph Richard e o critico M. Lavanoux, alem do contacto com o Centro Studi e Informazione per l'Architettura sacra de Bolonha.

Noutra ordem de actividades tambem a direcção do M.R.A.R. estabeleceu contacto com Sua Ex^{cia} Rev^{ma} o Sr. Bispo de Braga, em ordem à organizacao de um concurso nacional de anti-projectos para a nova sé daquella diocese.

O caso da Igreja de S. Domingos foi motivo para algumas conferencias e reunioes de estudo no ambito do M.R.A.R., bem como de certas diligencias junto dos Senhores Ministros das Obras Publicas e Educacao Nacional. Terminou o seu relato sublinhando a necessidade de um maior interesse e colaboracao de todos os socios nas futuras actividades do Movimento.

O Relatório e contas da Direcção cessante foi seguidamente aprovado por unanimidade. Entrando na segunda fase da ordem da noite

procedeu-se à eleição dos novos corpos gerentes para o biênio 1961/1962, tendo sido apresentadas à mesa as seguintes listas: lista A - Presidente, Nuno Teotónio Pereira; secretário, Nuno Portas; tesoureiro, António de Freitas Leal. lista B - Presidente, Nuno Teotónio Pereira; secretário, António de Freitas Leal; tesoureiro, Maria José de Mendonça. A lista B teve maioria de seis votos.

Foi dada em seguida a palavra ao novo Presidente da Direcção, arquitecto Nuno Teotónio Pereira que fez uma breve alocução em que chamou a atenção para a necessidade de institucionalizar o trabalho do MRAR como actividade específica da vida cristã dos seus membros, como verdadeiro apostolado através do aprofundamento da sua vida espiritual e de oração. Como orientações práticas e imediatas o novo presidente expôs a seguir algumas medidas já encetadas para direcção entre elas a necessidade de se promoverem reuniões mensais de convívio e formação, a publicação de um pequeno boletim informativo, bem como a realização de reuniões de trabalho da Direcção com os responsáveis das diversas actividades.

Por último tomou a palavra o Rev.º Assistente do Movimento, P.º João de Almeida; sublinhou o valor das palavras proferidas pelo novo Presidente, convidando os membros do Movimento a uma acção decididamente orientada para o meio, enquadrada numa formação global de vida cristã e profissional; trabalho a ser realizado com espírito de Igreja, fortemente marcado pelo vínculo da caridade paternal e pelo desejo de servir por obras realizadas com amor e desprendimento a Igreja de Cristo. — Nada mais havendo a tratar o Presidente da Assembleia deu por encerrada a sessão.

António-Luís De Saiz Falcão Pedro

~~10/0/1907~~ 1907

Acta número sete

Aos doze dias do mês de Abril de mil novecentos e sessenta e dois, reuniu-se a Assembleia Geral Ordinária do Movimento de Renovação da Arte Religiosa, nos termos do artigo décimo nono dos Estatutos, às vinte e duas horas em segunda convocação, na sede do Movimento, à Rua da Ei, número cinquenta e três, 1.º do chão, da cidade de Lisboa, estando presentes os sócios Maria José de Mendonça, Maria do Carmo Matos, Elizabeth Évora Nunes, o Padre Albino Cleto, Vitorino Namésio, Sebastião Formosinho Sanchez, Nuno Teodoro Pereira, Emílio Cordeiro, António Freitas Leal, Diogo Lino Bimantel, João Rebelo, António Lino e Francisco d'Árey.

Presidir o presidente da Assembleia Geral, Sebastião Formosinho Sanchez, secretariado pelo sócio Emílio Cordeiro. Feita uma breve meditação pelo Padre Albino Cleto, rezou-se o Divino Espírito Santo e rezou-se a oração do Senhor.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior, participou o presidente a presença dos sócios ausentes Elizabeth Évora Nunes e Francisco d'Árey pelo motivo que ambos tinham pela missão sacra, assunto que se iria debater na próxima sessão, e a ausência de outros sócios efectivos pela sua estadia quer fora da capital quer no estrangeiro.

Dada a palavra ao Presidente da Direcção, este lamentou não poder apresentar por escrito o relatório integral da sessão anterior pelo facto de todos os responsáveis estarem sobrecarregados com afazeres profissionais e por isso carecerem de tempo suficiente para o fazer. Pediu que o relatório e as contas sejam aprovados em princípio, ficando a Direcção com o compromisso de os distribuir pelos sócios oportunamente. - Passa a relatar as dificuldades

com que tem entado o movimento, tendo a directão procurado invadir a sua actividade sobretudo através de dois meios: a edição do boletim e as reuniões de estudo mensal. Disse que, apesar de dificuldades, havia circunstâncias favoráveis a assimilar no ano decorrido, a saber: A disponibilidade de uma sala nova para reuniões, a existência de um expediente eficaz, a permanência do assistente em Lisboa, o melhor acolhimento entre o publico, o espirito de Deus na renovação da Igreja e a colaboração e o bom espirito de todos na missão no Senha. Sintetizando, podia-se dizer que o primeiro anno tinha sido de recuperação e que no segundo se entrava numa franca expansão. Lamentava a pouca participação dos sócios efectivos, uma das causas da limitada expansão do movimento.

- A seguir expoz algumas ideias para o futuro: extensão das actividades a outras dioceses e ao Ultramar, organização de exposições itinerantes etc. - A final fez referência de agradecimento à Senhora dona Maria do Carmo Matos principal organizadora do Boletim, aos colaboradores do expediente e à Irmandade de São José pela cedência da sala.

A Senhora dona Maria José da Mendonça expoz a seguir a situação financeira geral do movimento, afirmando que deficitaria no fim do anno mas estava neste momento já equilibrada, visto que a dívida contractada quando da edição dos cartões de Natal, tinha sido liquidada por meio de um empréstimo subscrito por alguns sócios. A maior dificuldade estava no financiamento do boletim, cujas despesas ultrapassam as receitas do movimento. Procurar-se-ia reduzir o encargo recorrendo a uma tipografia mais barata, mas mesmo assim pauper que se publique um boletim mais dentro das disponibilidades económicas. Referiu-se ainda à dificuldade que tinha tido na cobrança das cotas, única receita do movimento. Havia a necessidade de se eliminarem todas as despesas

António Soares 8

superfluas, limitando-se unicamente aos meios existentes.

Seguidamente o Presidente da direcção afirmou que um dos meios de aumentar as receitas era aumentar o número de sócios e para isso pedia a elaboração de todos e só então é que se podia estabelecer uma politica adentro das portas.

— Usando da palavra o sócio António Leal, disse que a seu ver, se devia estabelecer primeiramente uma politica e então a partir dela ver os meios que se deviam lançar não para aumentar os fundos e não o inverso.

— A sócia senhora dona Elizabeth Esora Nunes deu a sugestão de se criar um fundo de maneira também através de inscrições pagas em encontros e congressos.

— Submetido à aprovação o resumo do relatório das contas que accusavam um saldo negativo de cento e vinte e um escudos e cinquenta centavos, foi aprovado por unanimidade com a condição de se enviar a todos os sócios o relatório e contas definitivos dentro do prazo de um mês.

— Continuando na agenda do dia, o sócio Diogo Bimentel, revisou a criação e a realização das duas anteriores Bienais de Salzburgo. Pela dificuldade, quer na organização, quer no material a apresentar, e ainda por achar que as Bienais de Salzburgo têm mais um carácter turístico do que artístico, desaconselha uma participação nacional.

— Interrompido o sócio António Leal, contesta esse aspecto negativo, pois está convencido da obtenção de um subsídio do Secretariado Nacional da Informação, sem vez accordada a participação do Movimento.

— Perante a divergência de opiniões, acordou-se dar à direcção os poderes para deliberar e decidir no assunto.

— O Presidente da direcção explica então os contractos que tem havido com os alunos da Escola Superior de Belas Artes e depois de algumas palavras de homenagem, achou-se conveniente não limitar essas actividades à Escola de Lisboa e ser-se mais miudetes.

— Por elle ter sido substituído pelo Presidente da Direcção,

- o sócio Prof. Vítorino Namêcio explica em que moldes o Movimento se podia estender à Faculdade de Letras. Era o grande interesse que existe quer da Professores quer de alunos por temas de artes plásticas. Importava organizar o levantamento de interessados para em Outubro se poderem iniciar actividades com mais precisão.
- Continuando no mesmo assunto, o sócio reverendo Padre Albino Cleto, insiste na necessidade de uma educação artística nos seminários.
- Intervieram em seguida os sócios Vítorino Namêcio e dona Maria José de Mendonça que deram uma sugestão para a biblioteca da Fundação Gulbenkian: a inclusão de um livro de iniciação da Arte Sacra ou um Manual de Arte Sacra Moderna.
- Resumindo as propostas e comparando-as com as possibilidades do Movimento, o Presidente da Direcção emitiu o parecer que se trinkem de criar núcleos que funcionassem por si próprios, embora recebessem o título do Movimento. Na actual fase não se podia esperar mais do próprio Movimento.
- Tomando a palavra o sócio Francisco d'Oray expoz as actividades que o grupo de música sacra do MRAR entra a emprender, principalmente em sessões de estudo comentadas e disclogadas sobre discos, reuniões de estudo de liturgia, comentários das encíclicas relacionados com a música sacra etc.
- Debitem-se então até que ponto o Movimento podia intervir numa perseguição. — O sócio António Leal fez que nunca se pretendem aparecer como produtores de grupo, mas sim como indivíduos com obra pessoal. O Presidente da Direcção admite por outro lado que o Movimento possa num ou noutro caso intervir como por.
- Mudando de assunto, aborda-se a questão das exposições itinerantes. Foi opinião geral realizar-se dez exposições por ano. Por votação anónima acordou-se estabelecer

J. Maya-Santos

um programa completo para apresentar à Fundação Gulbenkian, tendo os sócios presentes assumido o compromisso individual de dar a sua colaboração quando para tal forem solicitados.

- Ouvindo da plateia o sr. D. João Pimentel, tomou a actual Direcção dizendo que ela correspondia exactamente ao que se esperava.

- E por ainda mais haver a tratar, o Presidente da Mesa da Assembleia Geral deu por encerrada a sessão da qual se lavrou a presente acta que foi ser assinada pelo presidente e secretário da mesma Mesa, depois de aprovada na Assembleia seguinte. - Resolva-se o seguinte: na página oito linha nove, onde se lê: O Espírito de Deus, se reconheça de Deus, deve ler-se: e finalmente a acção de todo o Espírito de Deus que sopra fortemente na Terra, alimentando e estimulando um crescente movimento de renovação; e na página nove linha trinta e quatro, onde se lê: das exposições por uns, deve ler-se: algumas exposições por uns.

Portanto Santo
Erich Cordeiro

Acta número oito.

Aos vinte e dois dias do mês de Janeiro de mil novecentos e sessenta e três, reuniu-se a Assembleia Geral Ordinária do Movimento de Renovação da Arte Religiosa, nos termos do artigo décimo nono dos Estatutos, às vinte e duas horas e trinta minutos em segunda convocação, na sede, à Rua da Fé, número cinquenta e três, 1.º andar, da cidade de Lisboa, estando presentes os sócios efectivos Maria José de Mendonça, Madalena Cabral, Maria do Carmo Matos, Elisabeth Évora Nunes, Padre João de Almeida, António de Freitas Leal, João Correia Rebelo, Nuno Teotónio Pereira, Diogo Luís Pimantel, Sebastião Formosinho Sanches, Nuno Borges, Francisco Fernandes e Erich Casaguis.

- Presidiu o presidente da Assembleia Geral, Sebastião Formosinho Sanches, secretariado pelo sócio efectivo Erich Casaguis.

- Feita uma breve oração pelo Padre João de Almeida, invocou-se o Divino Espírito Santo.

- Lida e aprovada a acta da sessão anterior, passou-se ao primeiro ponto da ordem da noite: Eleger o Presidente da Assembleia Geral e a Direcção para o biénio 1963/1964.

- Então o Presidente verificou terem sido apresentadas seis listas animadas pelo número regulamentar de sócios e passou a lê-las aos sócios presentes.

- Dada a palavra ao sócio Nuno Teotónio Pereira, este sugeriu que se invertesse a ordem da eleição passando-se primeiramente à eleição da nova Direcção, por ser mais importante e difícil, com que todos concordaram.

- Interferindo ainda numa consideração prévia o Padre João de Almeida, chamou à atenção para o enorme encargo da eleição devido ao facto de todos terem pouco tempo disponível para desempenharem

Roberto Santos

um cargo para o qual poderiam ser eleitos; só seria possível encorajando-se tudo com espírito de sacrifício e generosidade pensando-se que trabalhando para o Movimento de Renovação da Arte Religiosa, se trabalhava para a Igreja.

- O mesmo sócio sugere ainda para Secretário, o sócio Diogo Lino Pimentel por este ter bastante prática dentro do Movimento e por estar ligado ao Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado. Deste modo ele poderia actuar quase como Vice-Presidente, o que iria aliviar grandemente quem fosse eleito para Presidente. Importava garantir o que se considera essencial no Movimento: o boletim, as reuniões mensais e o encontro do outono.

- Terminando o Padre João de Almeida comunicou ainda que possivelmente iria este ano as Ultronas.

- Em seguida tomaram a palavra os sócios iniciados nas diversas listas para Presidente da Direcção, ou seja os sócios Diogo Lino Pimentel, Formosinho Sanchez, João Rebelo e Nuno Portas. Todos estes sócios, bem como os outros sócios cujos nomes figuravam nas seis listas apresentadas para outros cargos, evidenciaram dificuldades de diversa ordem para um bom desempenho do seu papel, finalizando todavia todos por manifestarem confiança no Senhor porque Ele daria forças para aquilo que humanamente parecia impossível.


- Procedendo-se à votação ficou eleita na quinta escrutínio por nove votos a favor e quatro contra, a seguinte Direcção: Presidente: Sebastião Formosinho Sanchez, Secretário: Diogo Lino Pimentel e Tesoureiro: Eulália Correia; e para Presidente da Assembleia Geral o sócio Nuno Teotónio Pereira no terceiro escrutínio por onze votos a favor e dois contra.

- Sendo-se dado por conhecidos o relatório e as contas da Direcção corrente, dispensou-se a sua leitura

e por não haver objeções a fazer, procedeu-se à sua votação, ficando aprovados por unanimidade.

- Depois de terem tomado successivamente a palavra os sócios Sebastião Formosinho Sanchez, Nuno Portas e Magdalena Cabral elogiando os méritos da Direcção corrente, esta foi louvada por aclamação.

- E nada mais havendo a tratar, fez-se a sessão final e o Presidente da Mesa da Assembleia Geral encaminhou a sessão da qual se lavrou a presente acta que vai ser assinada pelo Presidente da Mesa da Assembleia Geral depois de aprovada na sessão seguinte.


Erich Corsepius

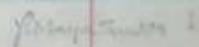
Acta numero nove

Aos dez dias do mes de Abril de mil novecentos e sessenta e quatro, reuniu-se a Assembleia Geral Ordinária do Movimento de Renovação da Arte Religiosa, nos termos do artigo décimo nono dos Estatutos, às vinte e duas horas em segunda convocação, na sede, à Rua do Yacuum dezto rez do chão, da cidade de Lisboa, estando presentes os sócios efectivos Maria José de Mendonça, Maria Rafaela Zuquete, Maria do Carmo Ribeiro de Matos, Padre João de Almeida, Nuno Teotónio Pereira, Sebastião Formosinho Sanchez, António de Freitas Leal, Erich Corsepius, Nuno Portas, Francisco Fernandes e Diogo Luis Pimentel.

- Presidiu o presidente da Assembleia Geral, Nuno Teotónio Pereira, secretariado pelo sócio Maria do Carmo Ribeiro de Matos.

- Depois da invocação do Divino Espírito Santo foi aberta a sessão.

- Lida e aprovada a acta da sessão anterior, passou-se ao primeiro ponto da ordem da noite: apresentação de relatório e contas do ano transacto.



— Tomou a palavra a senhora dona Maria José de Mendonça, que lamentou a irregularidade com que o Boletim tem saído apesar do interesse dos números publicados. Acerca do mesmo assunto intervieram também o Padre João de Almeida, Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira, pondo-se a questão se o Boletim seria necessariamente o anuário da próxima reunião ou se não poderia ser também o processo de publicar documentos de interesse, ultrapassando o propósito expresso no relatório: "... as causas que levaram à publicação de apenas sete números do Boletim identificam-se com as dificuldades inerentes à organização das reuniões mensais".

- Passou-se depois ao segundo ponto do relatório: as reuniões mensais. Este segundo ponto foi muito discutido tendo-se afirmado que era preciso cuidar do estudo e ritmo da sua programação e que a propósito de procurar novas temas e de desrotinizar as reuniões era muito proveitoso, não se podendo no entanto abandonar completamente o esquema anterior, por garantir um maior rendimento visto já estar estruturado um método de crítica aos projectos de arquitectura.

- O sócio António de Freitas Leal insurgiu-se com a inclusão de reuniões sobre música no esquema mensal e voltou a fixar a necessidade de reuniões sobre parlamentarismo e conversaria sem um carácter exclusivamente didático.

O sócio Diogo Luis Pimentel disse que seria conveniente haver dois tipos de reuniões: as de carácter formativo interno e as de influência no meio. Acrescentou, haver no entanto muito poucas pessoas disponíveis para as organizar.

Ainda à cerca das reuniões mensais falou-se sobre

a nova modalidade de Missa-Jantar e reunião e do local escolhido o da casa de S. Flávia de aprovado por maioria. A assembleia lamentou a escassa frequência à Missa no entanto acha que se deve insistir como alias a Direcção já se pronunciava no relatório visto o MRAR não ser um movimento profano.

— O Presidente da Assembleia não se pronunciando sobre o que no Relatório vultu referente ao Encontro de Outono já discutido em reunião do Conselho Directivo, passou a referir-se aos novos campos de actividade sugerindo um incremento ao grupo de musica com vista ao futuro.

— O sócio Francisco Fernandes expôs as dificuldades de trabalho do grupo de musica devido ao pequeno numero de pessoas dispostas e à sua falta de preparação tecnica.

— O sócio Diogo Pimentel alvitrou a ideia da criação de uma escola de condutores de assembleia e o sócio Nuno Portas sugeriu a organização de audições comentadas que poderiam ter a colaboração de outros artistas.

— A Assembleia concordou que a acção do Movimento tem que sair do ambito restrito de Lisboa e um pouco do Porto e abraçar a provincia de uma maneira mais sistematica do que até agora tem acontecido e que conferencias como as realizadas na cidade de Braga por altura da abertura do concurso de Auto-projectos da Sé são de multiplicar.

— O tesoureiro da Direcção Erich Corsepin apresentou o resumo da situação financeira

que no final do ano de mil novecentos e sessenta e três tinha um saldo positivo, verificando-se que as dificuldades financeiras não foram um obstáculo para a Direcção.

- O presidente da Assembleia pôs à votação o relatório e as contas da Direcção que foram aprovados por unanimidade. Depois propôs não se iniciar o segundo ponto da ordem da noite - o programa de actividades para mil novecentos e sessenta e quatro - devido ao adiantado da hora e a Assembleia confiou este ponto ao Conselho Directivo.

- Na próxima Assembleia Geral ficou prevista a convocação de sócios estudantes como está previsto pelos Estatutos.

- Pelo Presidente da Direcção foi sugerida uma Assembleia Geral no fim do Encontro de Outono.

- O Presidente da Assembleia antes de encerrar a sessão fez votar que pelo facto de se terem feito observações de carácter crítico não se deixou de ter presente o esforço da actual direcção e seu louçavel trabalho. E nada mais havendo a tratar, rezou-se a oração do Movimento e o Presidente encorrou a sessão.

Mm Testoni Muni

Maria do Carmo Ribeiro de Hato

Acta numero dez

Aos vinte e nove dias do mes de Março de mil novecentos e sessenta e cinco, reuniu-se a Assembleia Geral Ordinária do Movimento de Renovação da Arte Religiosa, nos termos do artigo décimo nono

dos Estatutos, às vinte e duas horas
em segunda convocação, na sede à
ma do "Gymnasium deporto reg da cha",
da cidade de Lisboa, estando presentes
os sócios efetivos, Maria José de Mendonça,
Elisabeth, Évora Nunes, Padre João
de Almeida, Padre Albino Cleto, Nuno
Teotónio Pereira, Sebastião Formozinho
Sanches, Erich Corripio, António de
Freitas Leal, Diogo Luis Pinheiro, trans-
co d'Orey e Maria do Carmo Ribeiro de Matos.
- Presidiu o presidente da Assembleia
Geral, Nuno Teotónio Pereira, secretariado
pelo sócio Maria do Carmo Ribeiro de Matos.
- Depois da convocação ao Divino Espírito
Santo foi aberta a sessão.

- Lida e aprovada a acta da sessão
anterior passou-se ao primeiro ponto
da ordem da noite: aplicação do relatório
e contas do ano transacto.

Antes disso, apresentaram os membros da
Assembleia perguntaram porque que
não tinham sido convocados os sócios
estudantes como tinha sido previsto
na anterior Assembleia e o Presidente
respondeu que tinha sido convocado
isto se procederam a eleições.

- Os trabalhos iniciaram-se pela aprovação
por unanimidade do Relatório de Contas.

- Em face do apresentado no relatório sobre
a situação estacionária do movimento de
sócios houve uma intervenção do Nuno
Teotónio Pereira sobre a que correspondia
a entrada de sócios e um levantamento de temas
sobre a dificuldade de receber as cotas dos sócios.

- Proseguindo a apreciação do relatório apresentado pela Direcção notou-se o pequeno numero de reuniões gerais e o maior numero de reuniões do Conselho Directivo.
- O sócio Nuno Teófilo Pereira declarou que este ultimo ponto denota uma actividade intensa, intensiva apesar de tudo.
- No prosseguimento o sócio Diogo Pimentel fez notar a presença dos sócios efectivos a essas reuniões é de cerca de um terço do seu numero. Há muitos sócios efectivos que não estão empenhados no trabalho.
- O Padre João de Almeida disse que não julgava necessário a sua comparecência para lhes distribuir tarefas referindo-se no entanto às dificuldades das pessoas responsáveis pelo movimento às suas múltiplas ocupações profissionais mesmo no campo da Arte Sacra. Recomendou que se procurasse responsabilizar pessoas menos ocupadas.
- O sócio Nuno Teófilo Pereira fez notar que havia uma falha desde o inicio do Movimento nas atribuições do Conselho Directivo.
- O Padre João de Almeida frisou que a função da direcção era de coordenar um conselho Directivo executante.
- A maior parte dos membros da Assembleia presentes lamentaram a falta do trabalho de rotina, como o boletim, reuniões gerais e encontro de Outubro.
- Ainda em relação às reuniões gerais o Padre João de Almeida notou que "Por Conselho, em que há directrizes litúrgicas perfeitamente definidas e esquemas das reuniões gerais deve ser alterado."

O Padre Albino Clito fez notar que irradiação do movimento se tem vindo a perder em certos meios como por exemplo os Seminários.

O Nuno Teófilo Pereira, perante esta afirmação lembrou a importância da Exposição de Paramentaria e das outras actividades extraordinárias realizadas durante o ano de mil novecentos e sessenta e quatro.

O sócio Diogo Luis Pimentel referiu-se a não serem mencionadas no relatório de 1964 actividades do grupo de música. O sócio Francisco d'Águy explicou que o trabalho dos membros desse grupo é mais experimental e pessoal do que depois de uma meditação dessas experiências é que poderiam iradiar para o exterior com publicações.

O sócio Nuno Teófilo Pereira concluiu que o grupo de música tem métodos diferentes de trabalhar.

Em seguida aprovou-se por unanimidade o Relatório da Direcção.

Na segunda parte dos trabalhos desta Assembleia procedeu-se à eleição dos novos corpos directivos.

Antes da eleição leu-se os artigos dos Estatutos correspondentes à eleição da Direcção e do Presidente da Assembleia. Geral assini como um acto do sócio efectivo Padre Fernando Jorge Micaelo Pereira que impossibilitado de comparecer delega os sócios efectivos Diogo Luis Pimentel o seu direito de voto.

Foram apresentadas à mesa da Assembleia

Gerar sete listas para a eleição da Direcção e três listas para a presidência da Assembleia Geral, todas elas ordenadas pelo numero de sócios regulamentares.

Procedeu-se inicialmente a eleição da Direcção. Realizaram-se sete escrutínios ao fim dos quais foi eleito por dez votos contra um a Direcção que ficou assim constituída: Presidente Sebastião Formosinho Sanchez; secretario António de Freitas de Al; Tesoureiro Maria do Carmo Ribeiro de Matos.

Em seguida realizou-se a eleição para Presidente da Assembleia Geral, eleito ao segundo escrutínio por seis votos contra quatro o sócio Ercil Corrêa.

A direcção eleito deu a conhecer a suas dificuldades e a disponibilidade de tempo dos seus membros para as tarefas que lhe foram atribuídas.

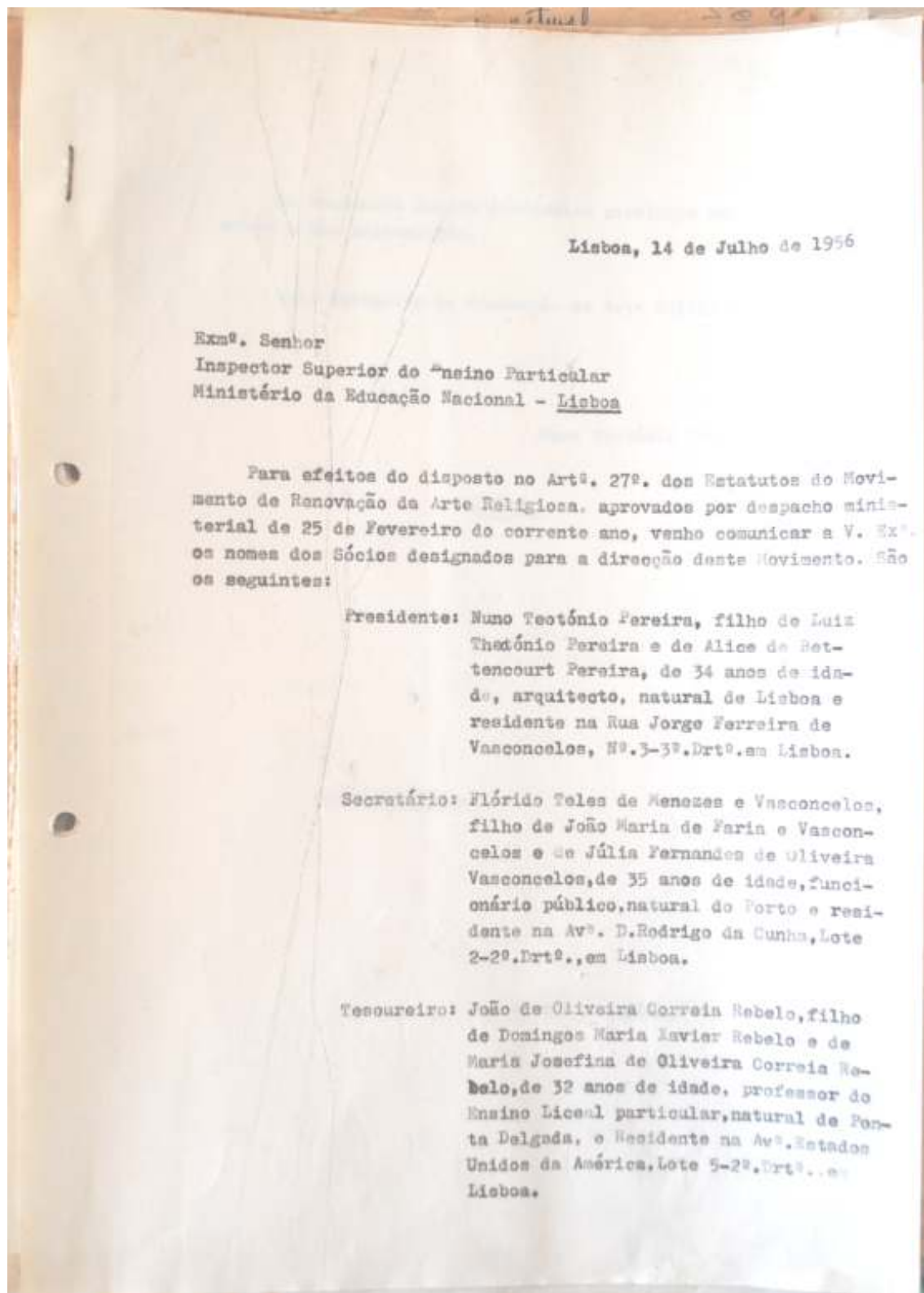
Devido ao adiantado da hora acabaram-se os trabalhos regando-se a graça do Movimento e o Presidente encerrou a sessão.

V. M. Testeira
Maria do Carmo Ribeiro de Matos

2.3. MRAR – Corpos gerentes [1956-67]

Doc. 2.3.1.

PEREIRA, N. Teotónio, Carta ao Inspector Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional, Lisboa, (14.jul.1956)



Os restantes corpos dirigentes previstos nas Estatutos não
estão ainda preenchidos.

Pelo Movimento de Renovação de Arte Religiosa,

Nuno Teotónio Pereira

Doc. 2.3.2.

[Inspector Superior da Inspeção Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional], [Carta ao Presidente da Direção do MRAR], Lisboa, (1.ago.1956)

S. R.
MINISTÉRIO
DA
EDUCAÇÃO NACIONAL
INSPEÇÃO SUPERIOR
DO
ENSINO PARTICULAR
Campo dos Mártires da Pátria
LISBOA

IMPORTANTE – Na resposta indicar os seguintes referências:

Livro N.º 5
Processo N.º 124
Alvará N.º

Lisboa, 1 de Agosto de 1956

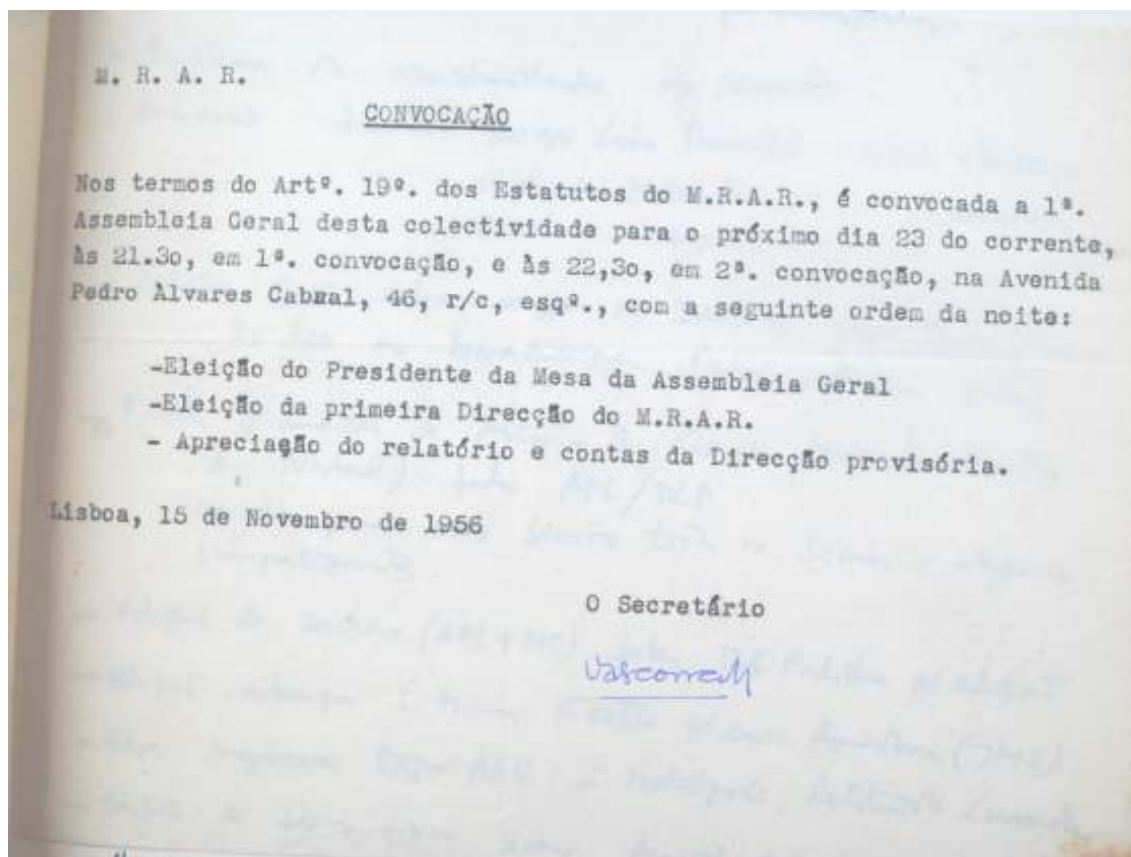
Exm^o. Senhor
Presidente do Movimento de Renovação da Arte
Religiosa
Rua da Alegria, 61 - r/c.

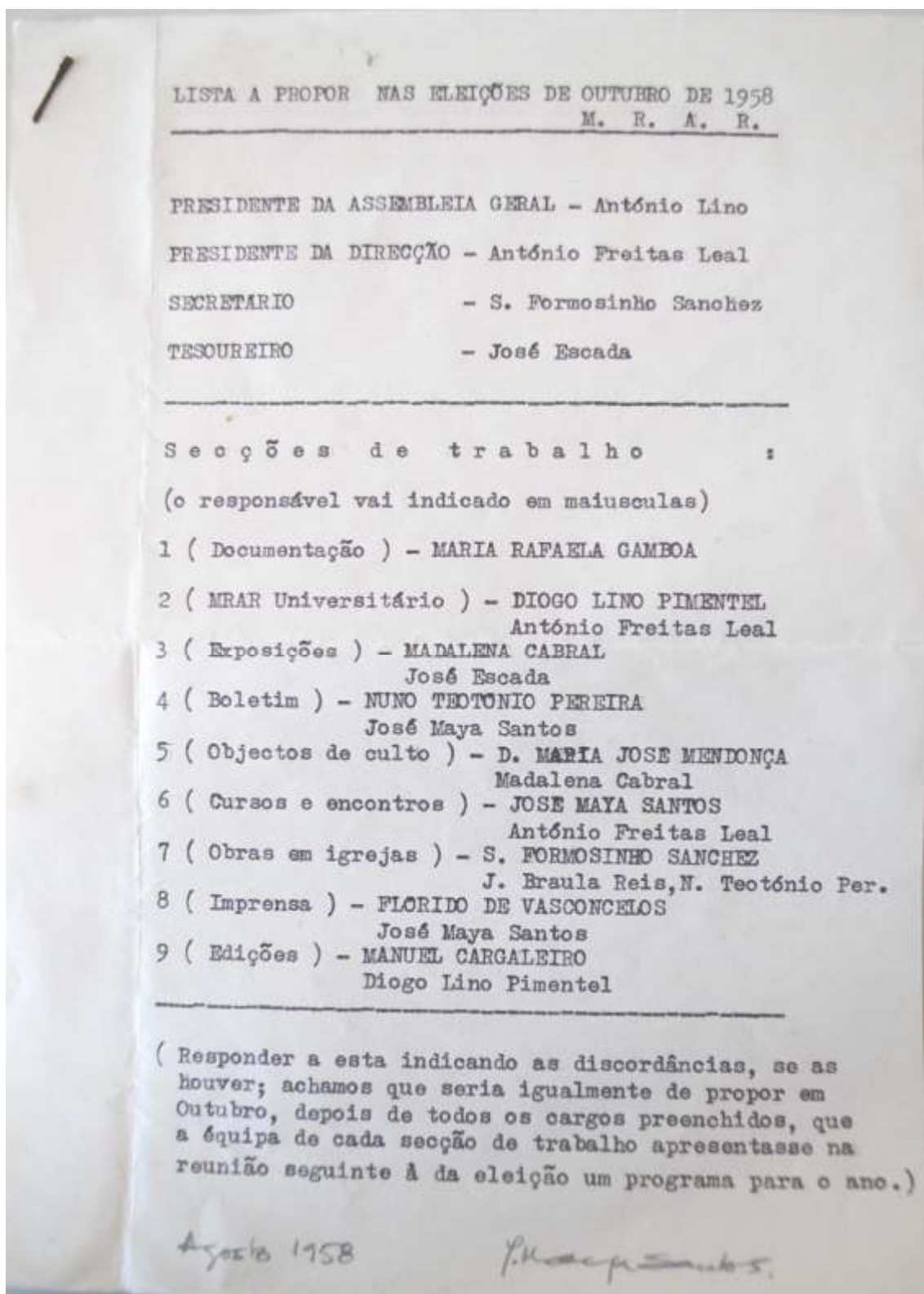
L I S B O A

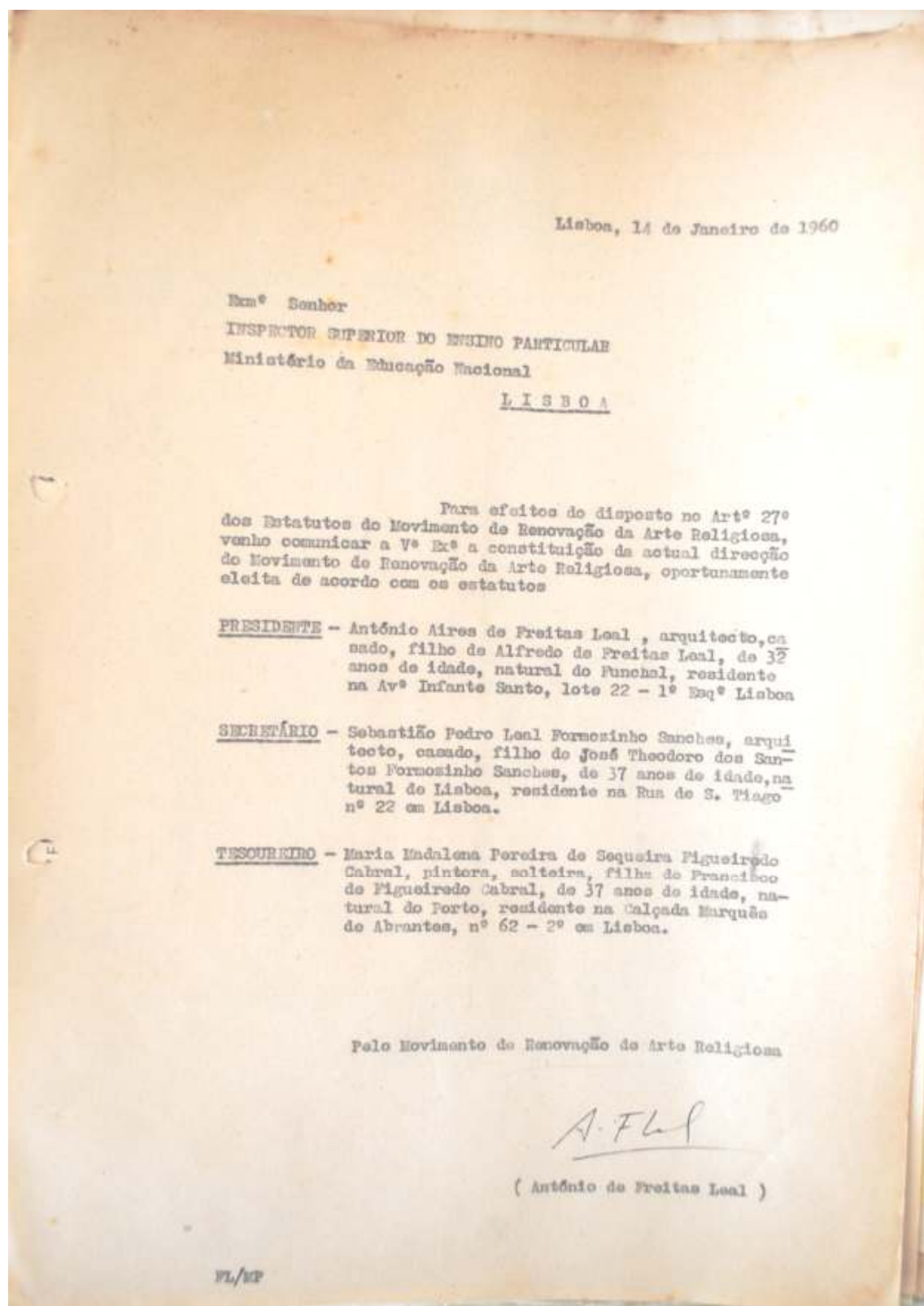
Informo V. Ex^{ta}. de que Sua Excelência o Subsecre-
tário de Estado da Educação Nacional, por seu despacho
de 31 de Julho findo, se dignou homologar a eleição dos
corpos gerentes desse Movimento.

A bem da Nação
Pel^o INSPECTOR SUPERIOR,
Alfredo Bernardino

10.000 ex. Setembro - 1955 - Mosteiro







Doc. 2.3.6.

[Inspector Superior da Inspeção Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional], [Carta ao Presidente da Direção do MRAR], Lisboa, (26.jan.1960)

S. R.
MINISTÉRIO
DA
EDUCAÇÃO NACIONAL
INSPECÇÃO SUPERIOR
DO
ENSINO PARTICULAR
Campo dos Mártires da Pátria
LISBOA

IMPORTANTE - Na resposta indicar as seguintes referências:

Livro N.º B
Processo N.º 124
Alverá N.º

Lisboa, 26 de Janeiro de 1960

Exm^a. Senhor
Presidente da Direcção do Movimento de Renovação
da Arte Religiosa
Rua da Escola Politécnica, 99-29.-D9.
L I S B O A

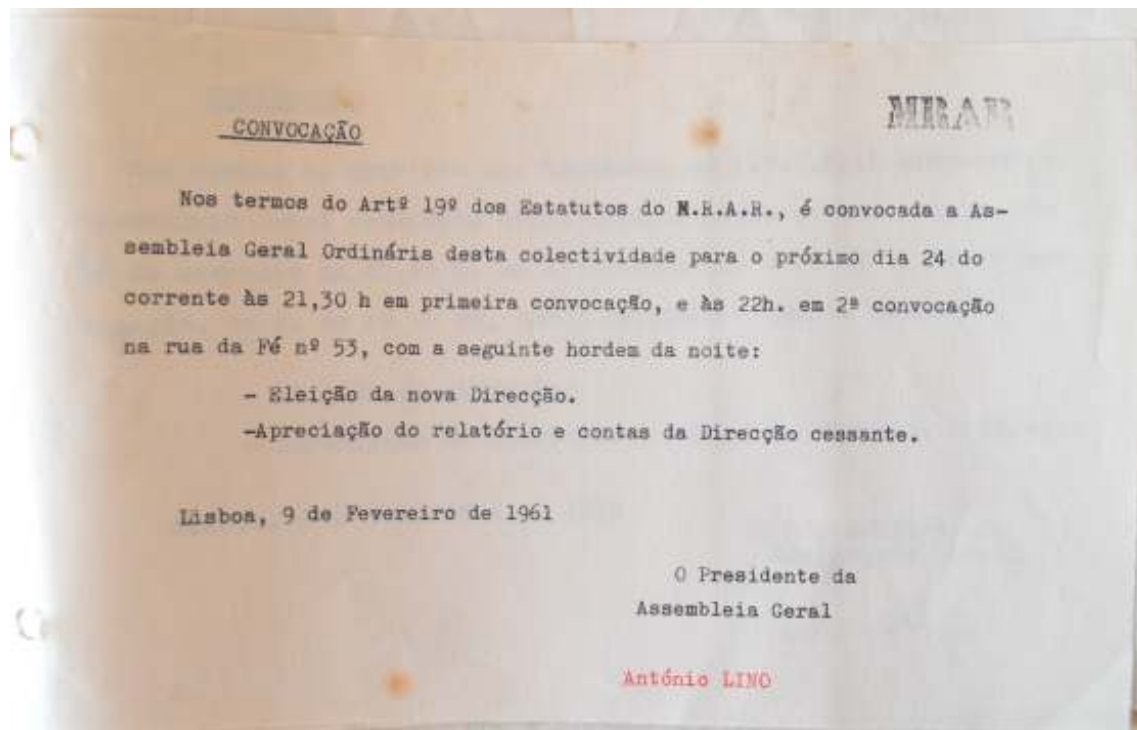
Digne-se V. Ex^a. informar esta Inspeção sobre as
datas de nascimento, naturalidades (freguesias) e os núme-
ros dos bilhetes de identidade (com indicação de datas e res-
pectivos arquivos de identificação) dos seguintes sócios elei-
tos para os corpos gerentes dessa Sociedade:

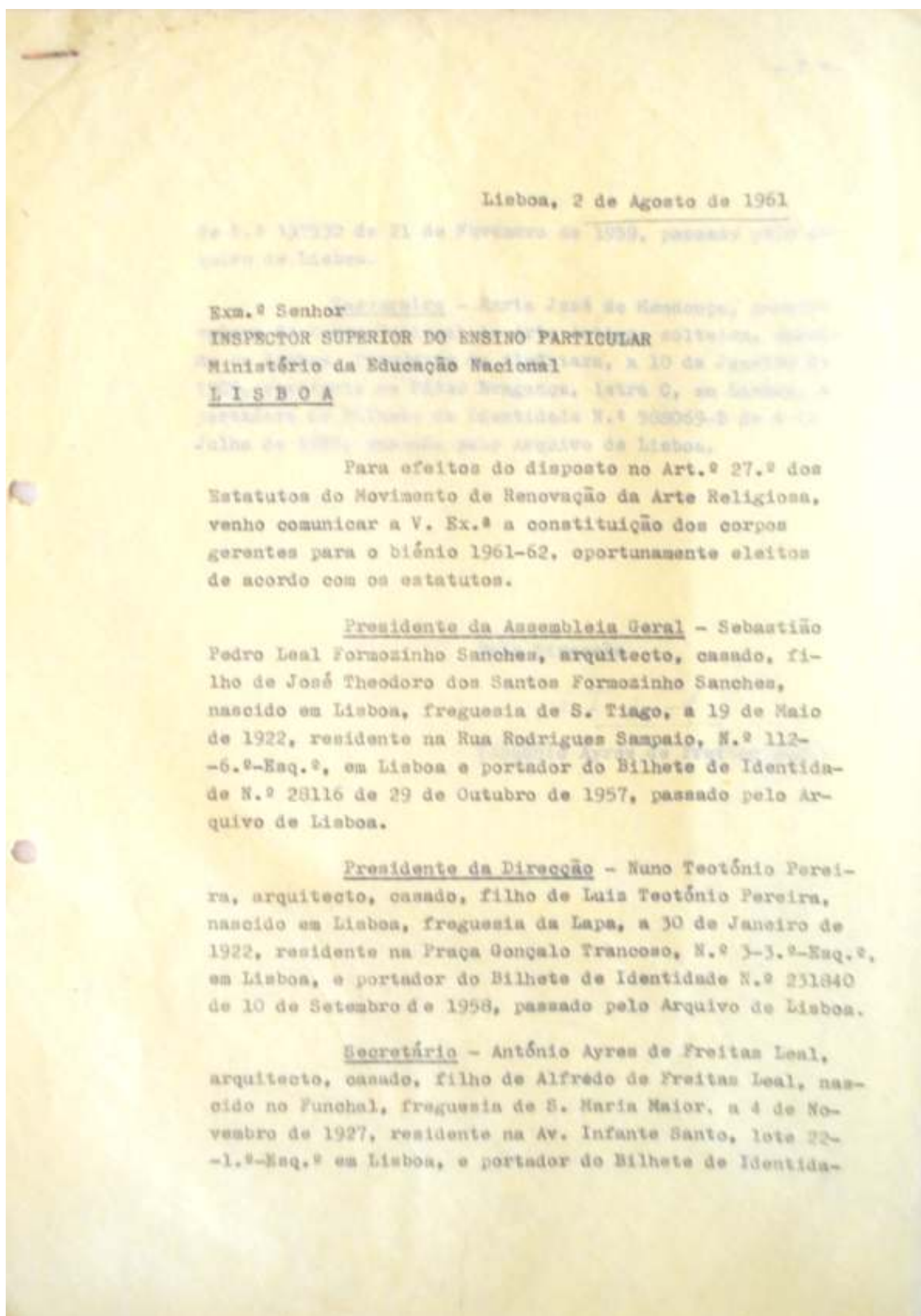
Arquitecto Sebastião Pedro Leal Formosinho Sanches
Maria Madalena Pereira de Sequeira de Figueiredo

A bem da Nação
O INSPECTOR SUPERIOR,
[Assinatura]

MS/MLC.

12.000 de 10.18 - 1960





de N.º 337530 de 21 de Novembro de 1959, passado pelo Arquivo de Lisboa.

Tesoureiro - Maria José de Mendonça, conservadora do Museu Nacional de Arte Antiga, solteira, nascida em Lisboa, freguesia de Alcântara, a 10 de Janeiro de 1905, residente no Pátio Bragança, letra C, em Lisboa, e portadora do Bilhete de Identidade N.º 588069-B de 4 de Julho de 1955, passado pelo Arquivo de Lisboa.


Pela Direcção



(António Ayres de Freitas Leal)

Doc. 2.3.9.

[Inspector Superior da Inspeção Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional], [Carta ao Presidente da Direção do MRAR], Lisboa, (29.nov.1961)

5.  6.
MINISTÉRIO
DA
EDUCAÇÃO NACIONAL
INSPECÇÃO SUPERIOR
DO
ENSINO PARTICULAR
Campo dos Mártires da Pátria
LISBOA

IMPORTANTE — Na resposta indicar as seguintes referências:


Livro N.º	3
Processo N.º	124
Alvers N.º	

lisboa, 29 de Novembro de 1961

Exm. Senhor
Presidente da Direcção do Movimento de
Renovação da Arte Religiosa
Rua da Escola Politécnica, 92-2º. D.º.

L I S B O A

Comunico a V. Ex.ª. que Sua Excelência o Subsecretário
de Estado da Educação Nacional, por seu despacho de 27 do corren-
te, se dignou homologar a eleição dos corpos gerentes dessa Asso-
ciação para o biénio de 1961-1962.

A BEM DA NAÇÃO
O INSPECTOR SUPERIOR,


MS/80
10 DE 80 — T33-01 — PAPELARIA FERNANDES — LISBOA

Amigos

Nos termos estatutários, é convocada a Assembleia Geral para o próximo dia 22 de Janeiro, 3ª. feira, pelas 21,45 horas na sede - Rua da Fé, Nº. 53. A ordem da noite é a seguinte:

- a) - Eleger o seu próprio Presidente e a Direcção para o biénio 1963/64;
- b) - discutir e aprovar o relatório e as contas de gerência do ano de 1962.

Com o intuito de facilitar aos sócios efectivos a indispensável preparação para este acto, junto se enviam os documentos seguintes:

- 1 - Relação dos Corpos Gerentes de 1957 até à data;
- 2 - Lista dos sócios efectivos e sua residência actual;
- 3 - Extracto dos Estatutos na parte referente à eleição dos Corpos Gerentes.

Chama-se a maior atenção para a eleição dos novos Corpos Gerentes, pelo que se pede a comparência de todos os sócios efectivos residentes em Lisboa, aceitando cada um a responsabilidade que lhe cabe na preparação e na realização deste acto tão importante para a vida do Movimento.

Lisboa, 14 de Janeiro de 1963

O Presidente da Assembleia Geral
(Sebastião Formosinho Sanchez)

Relação dos corpos gerentes de 1957 a 1962

1957/58:

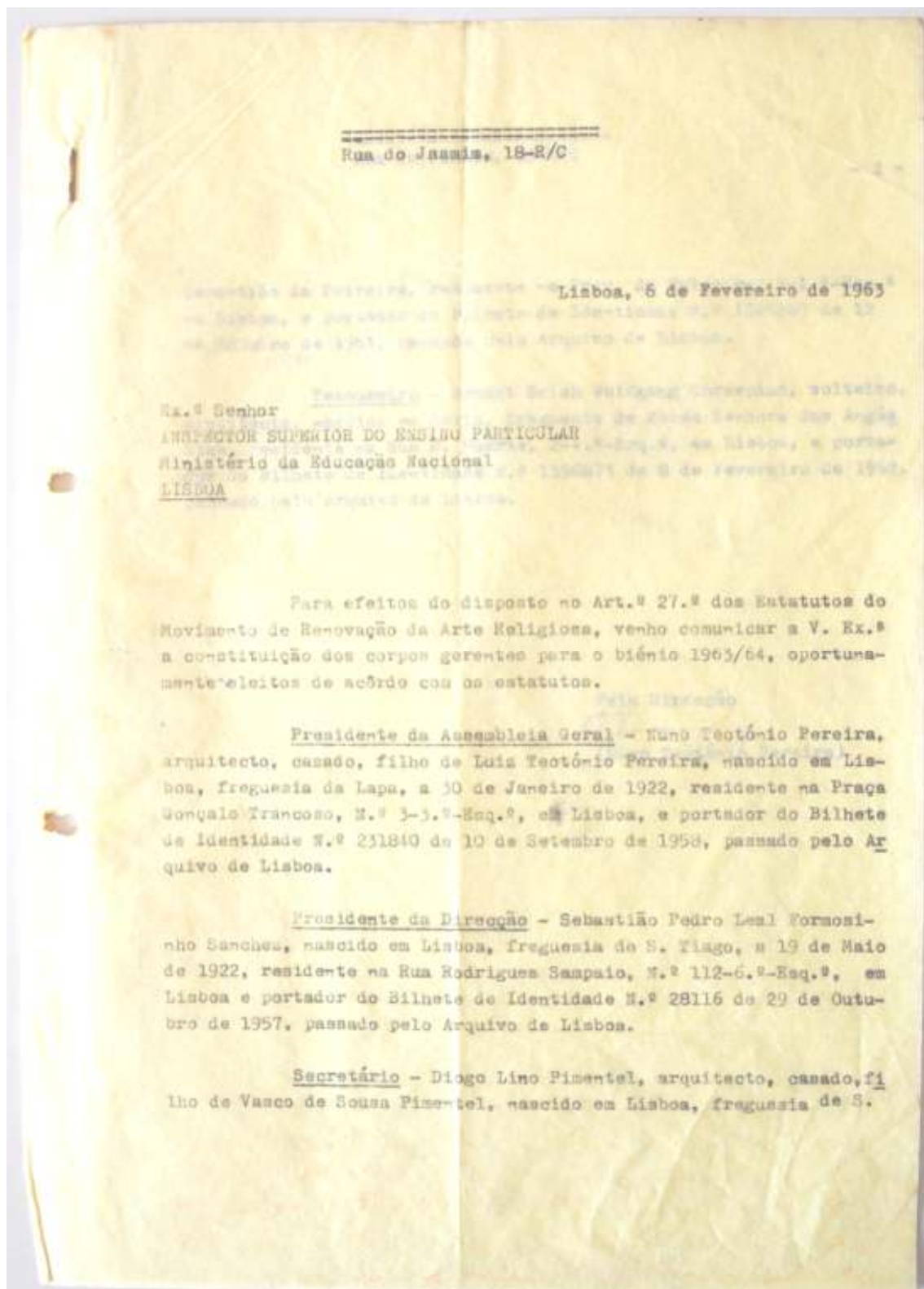
Direcção Presidente da A.Geral: Maria José de Mendonça
" Presidente: N. Teotónio Pereira
" Secretário: Flório de Vasconcelos
" Tesoureiro: João Correia Rebelo

1959/60:

Direcção Presidente da A. Geral: António Lino
" Presidente: António de Freitas Leal
" Secretário: Sebastião Formosinho Sanchez
" Tesoureiro: Madalena Cabral

1961/62:

Direcção Presidente da A. Geral: Sebastião Formosinho Sanchez
" Presidente: N. Teotónio Pereira
" Secretário: António de Freitas Leal
" Tesoureiro: Maria José de Mendonça



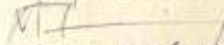
Rua do Jasmim, 18-R/C

- 2 -

Sebastião da Pedreira, residente na Trav. da Palmeira, 2-1.ª-Esq.ª
em Lisboa, e portador do Bilhete de Identidade N.º 1365200 de 12
de Outubro de 1961, passado pelo Arquivo de Lisboa.


Tesoureiro - Ernest Erich Wolfgang Corsepius, solteiro,
arquitecto, nascido na Horta, freguesia de Nossa Senhora das Angús-
tias, residente na Rua D. Duarte, 2-4.ª-Esq.ª, em Lisboa, e porta-
dor do Bilhete de Identidade N.º 1396873 de 8 de Fevereiro de 1962,
passado pelo Arquivo de Lisboa.

Pela Direcção


(Nuno Testónio Pereira)

Doc. 2.3.12.

[Inspector Superior da Inspeção Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional], [Carta ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral do MRAR], Lisboa, (4.abr.1963)

5.  2.
MINISTÉRIO
DA
EDUCAÇÃO NACIONAL
INSPEÇÃO SUPERIOR
DO
ENSINO PARTICULAR
Campo dos Mártires da Pátria
LISBOA

IMPORTANTE – Na resposta indicar as seguintes referências:

Livro N.º 3
Processo N.º 124
Alvará N.º

Lisboa, 4 de Abril de 1963

Exmº Senhor
Presidente da Mesa da Assembleia Geral do
Movimento de Renovação da Arte Religiosa
Rua do Jasmim, nº 18 - r/c

L I S B O A

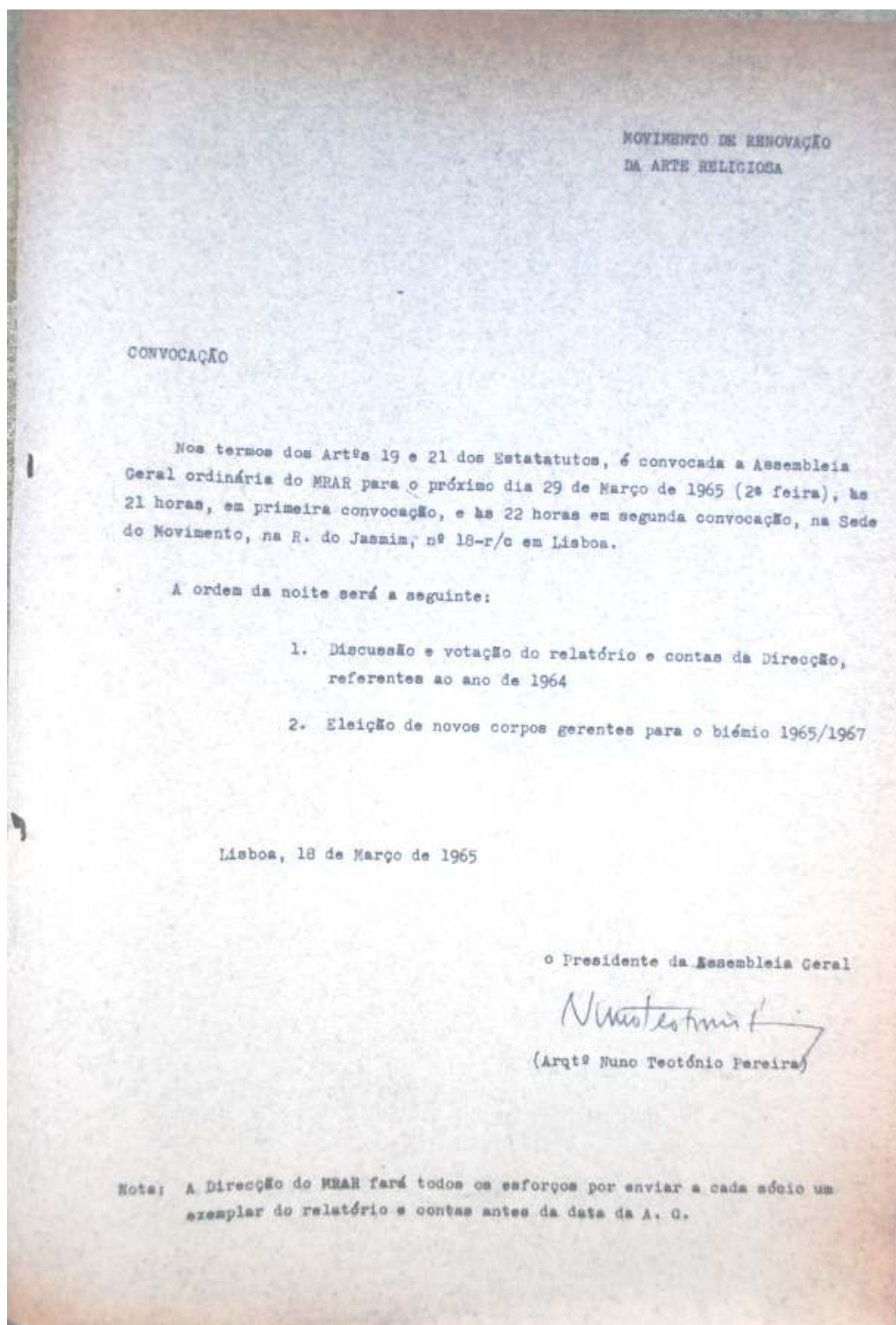
Para os devidos efeitos, informo V. Exª de que Sua
Excelência o Subsecretário de Estado da Educação Nacional,
por seu despacho de 2 do corrente, se dignou sancionar a
eleição dos corpos gerentes dessa Associação para o biénio
de 1963-1964.

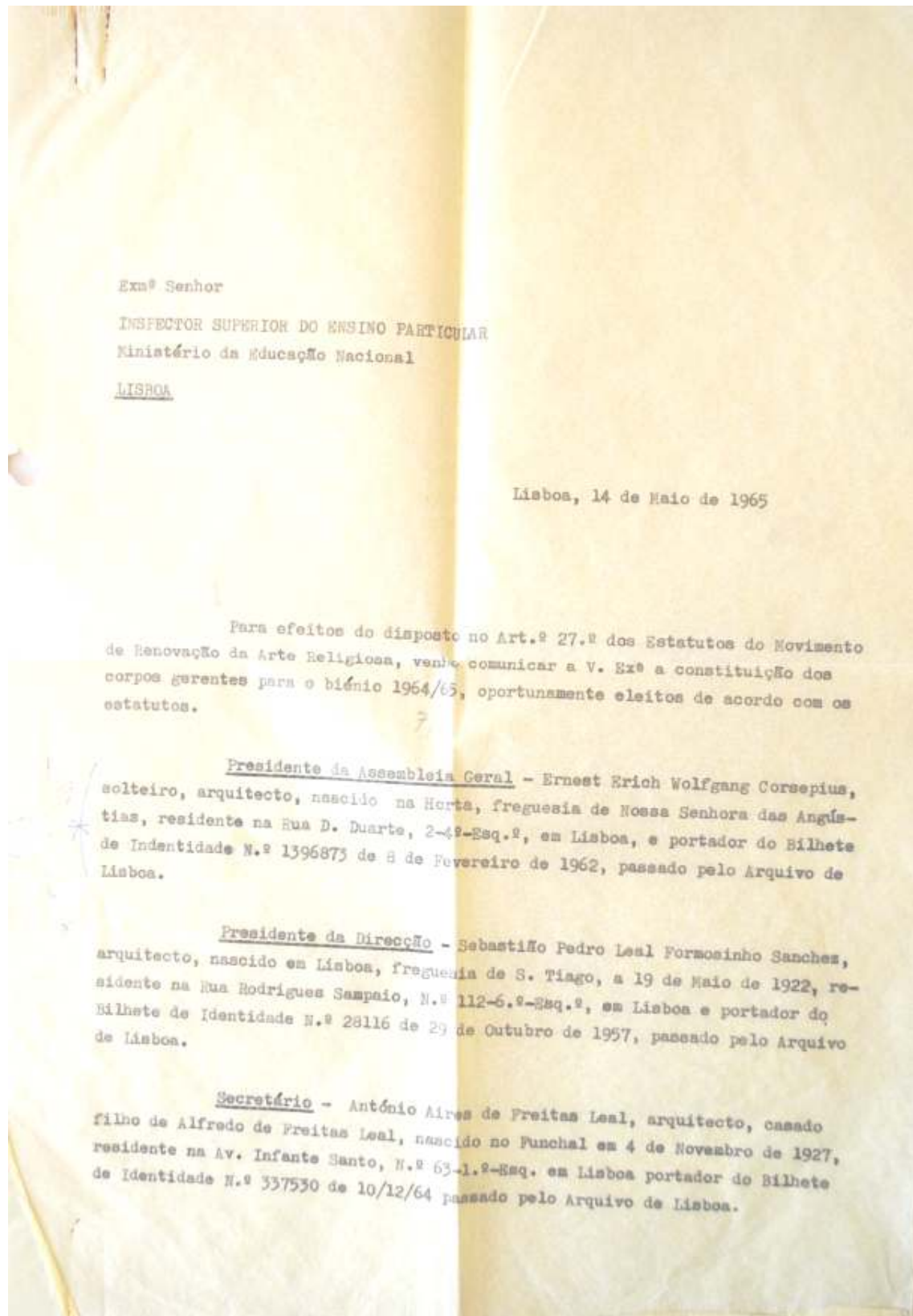
A REM DA NAÇÃO

O INSPECTOR SUPERIOR,

[Handwritten signature]

MS/EO






Tesoureiro - Maria do Carmo Fernandes Ribeiro de Matos, arquitecta
filha de Gabriel Ribeiro de Matos e Maria Helena Brás Fernandes Ribeiro de Matos,
nascida em 7 de Julho de 1935, e portadora do Bilhete de Identidade N.º 1153166
de 17 de Agosto de 1960 passado pelo Arquivo de Lisboa.

Pela Direcção

U. F. 7

Doc. 2.1.15.

[Inspector Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional], Carta a N. Teotónio Pereira, Lisboa, (29.jul.1965)

S.  R.

MINISTÉRIO
DA
EDUCAÇÃO NACIONAL

INSPECÇÃO SUPERIOR
DO
ENSINO PARTICULAR

Campo dos Mártires de Pátria
LISBOA

IMPORTANTE — Na resposta indicar os seguintes referências.

Livro N.º 8
Processo N.º 124
Alvará N.º

Lisboa, 29 de Julho de 1965


Exm.º. Senhor
Arquitecto Nuno Teotónio Pereira
Presidente da Mesa da Assembleia Geral do
Movimento de Renovação da Arte Religiosa
Rua do Jasmim, n.º. 18 - r/o

L I S B O A

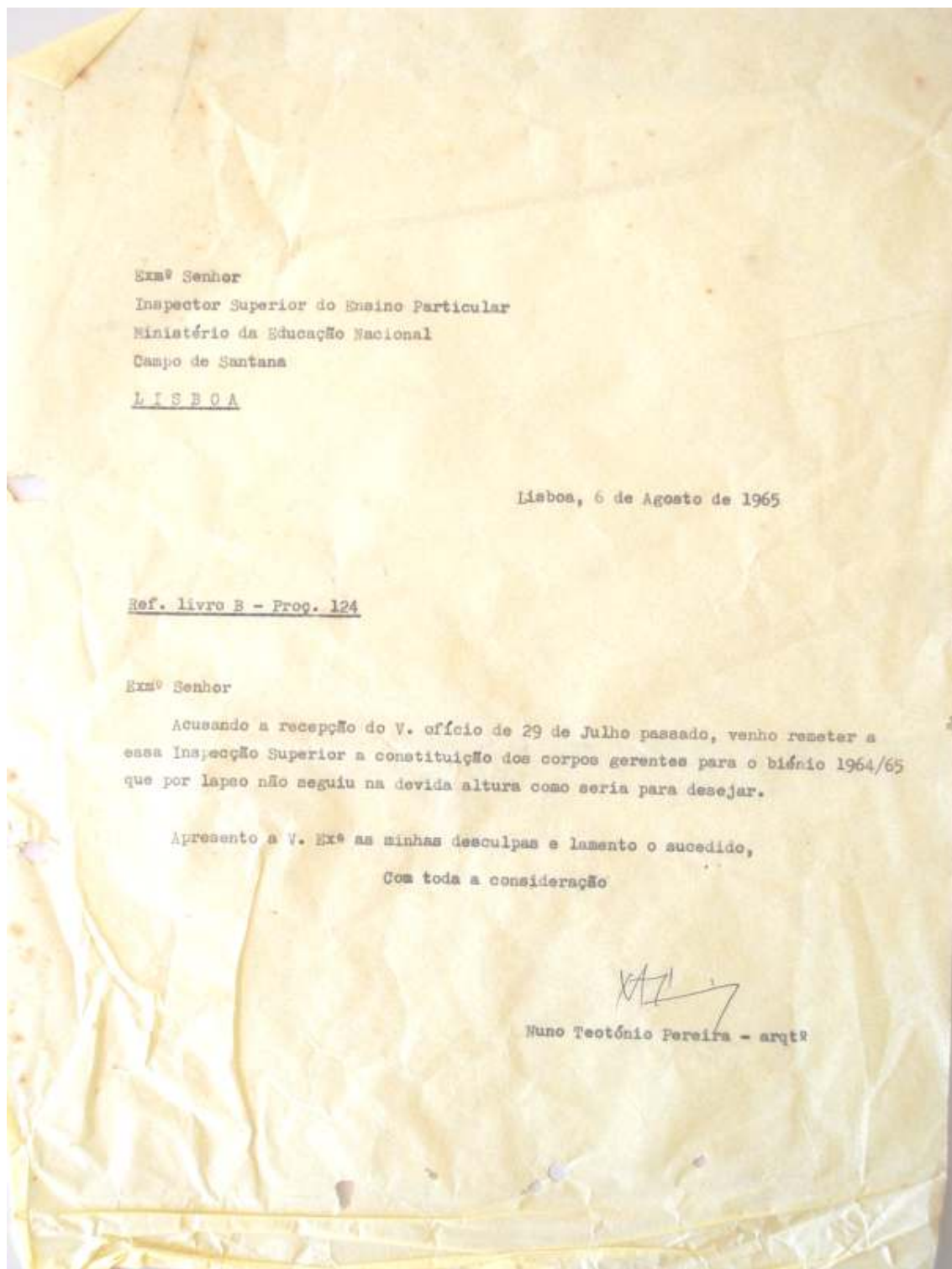
Digne-se V. Ex.ª. de informar esta Inspeção, com a brevidade possível, das razões por que — com referência ao biénio de 1965-1966 — não foi dado ainda cumprimento ao disposto na alínea a) do art.º. 27.º. dos estatutos dessa Associação, que sujeita à sanção deste Ministério a eleição dos corpos gerentes.

A REM DA NAÇÃO

O INSPECTOR SUPERIOR,



MS/EO



Doc. 2.3.17.

[Inspector Superior da Inspeção Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional], [Carta ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral do MRAR], Lisboa, (11.ago.1965)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
INSPEÇÃO SUPERIOR DO ENSINO PARTICULAR
Campo das Mártires da Pátria
LISBOA

IMPOTANTE - Na envelope indicar os seguintes referências:

Livro N.º B
Processo N.º 124
Alvará N.º

Lisboa, 11 de Agosto de 1965

Recebido em / /
17/AGO 1965

Exm.º. Senhor
Presidente da Mesa da Assembleia Geral do
Movimento de Renovação da Arte Religiosa
Rua do Jasmin, n.º. 18 - r/c

L I S B O A - 2

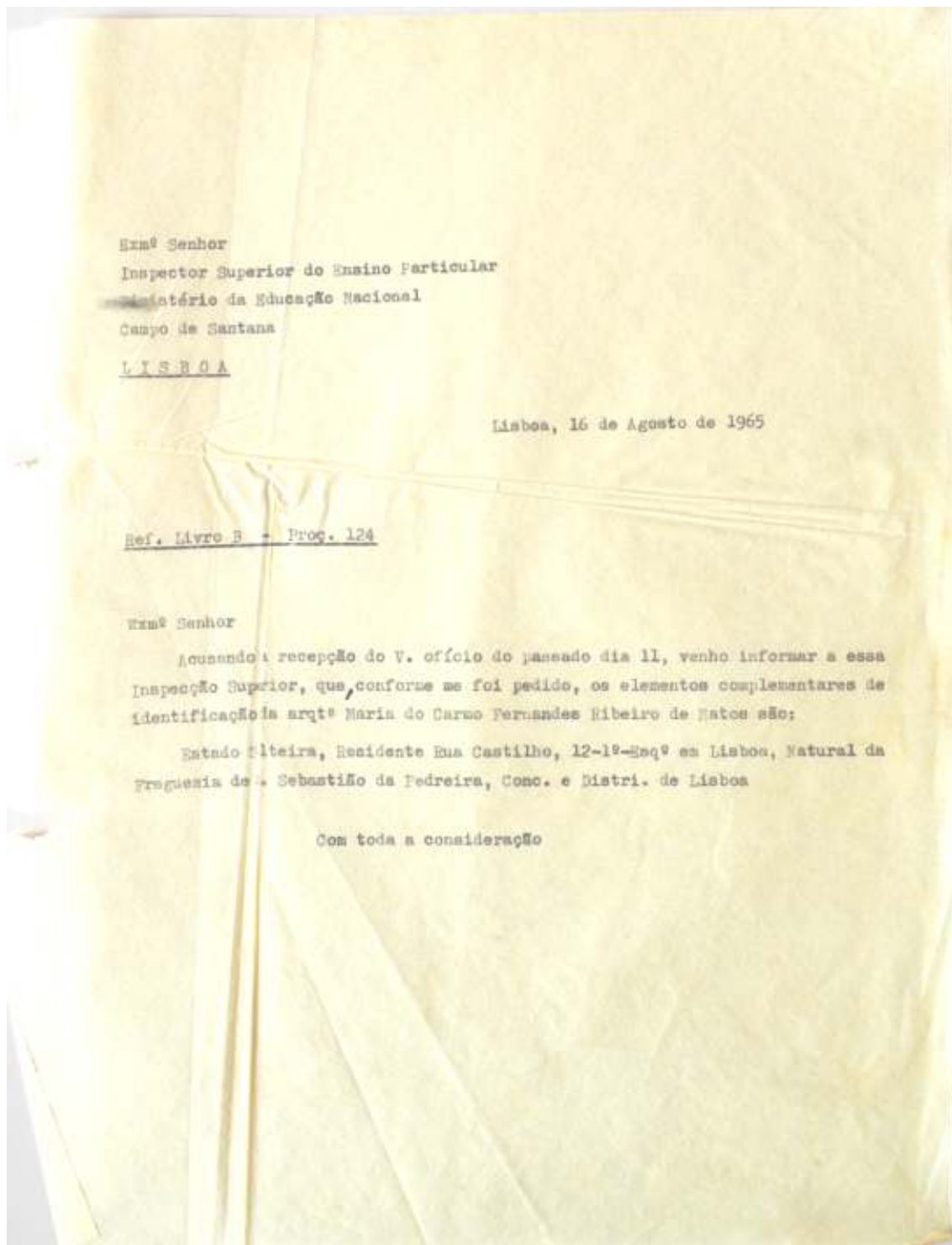
Digne-se V. Ex.º. de informar esta Inspeção sobre a
naturalidade (lugar, freguesia, concelho e distrito), estado
civil e a residência da arquiteta, D. MARIA DO CARMO PERMAN-
DES RIBEIRO DE MATOS.

A BEM DA NAÇÃO

O INSPECTOR SUPERIOR,

[Assinatura]

MS/BO



Doc. 2.3.19.

[Inspector Superior da Inspeção Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional], [Carta ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral do MRAR], Lisboa, (9.dez.1965)

S. R.
MINISTÉRIO
DA
EDUCAÇÃO NACIONAL
INSPEÇÃO SUPERIOR
DO
ENSINO PARTICULAR
Campo dos Mártires da Pátria
LISBOA

IMPORTANTE — Na resposta indicar as seguintes referências:

Livro N.º B
Processo N.º 124
Alverá N.º _____

Lisboa, 9 de Dezembro de 196 5

Exm^o. Senhor
Presidente da Mesa da Assembleia Geral do
Movimento de Renovação da Arte Religiosa
Rua do Jasmin, 18-r/c

L I S B O A - 2

Comunico a V. Ex^a. que Sua Excelência o Subse-
cretário de Estado da Administração Escolar, por seu despa-
cho de 7 do corrente, se dignou sancionar a eleição dos cor-
pos gerentes dessa Associação para o biénio de 1965-1966.

A BEM DA NAÇÃO
O INSPECTOR SUPERIOR,
[Assinatura]

MB/MC

MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO DA ARTE
RELIGIOSA

CONVOCAÇÃO

Nos termos dos Artºs. 1º e 21 dos Estatutos, é convocada a Assembleia Geral Ordinária do MRAR para o próximo dia 15 de Março de 1966 (3ª feira), às 21 horas, em primeira convocação, e às 22 horas em segunda convocação, na Sede do Movimento, na R. do Jasmin, 18-R/C em Lisboa.

A ordem da noite será a seguinte:

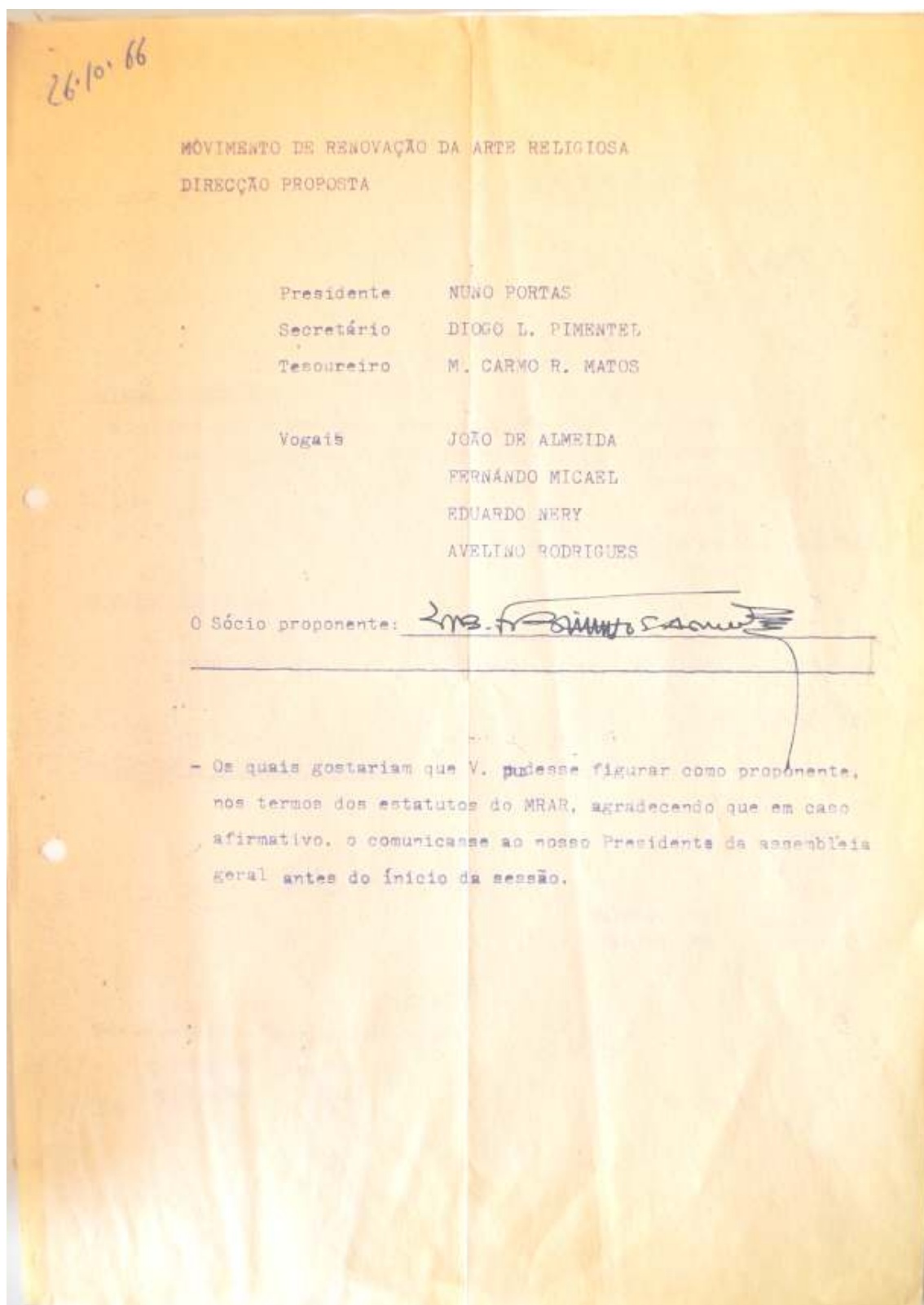
1. Discussão e votação do relatório e contas da Direcção referentes ao ano de 1965
2. Discussão e votação da Proposta de Alteração dos Estatutos.

Lisboa, 7 de Março de 1966

O Presidente da Assembleia Geral

Erich Corsepius
Erich Corsepius

Nota: A Direcção do MRAR fará todos os esforços por enviar a cada sócio um exemplar do relatório e contas antes da data da A. G.



Exm^o. Senhor
INSPECTOR SUPERIOR DO ENSINO PARTICULAR
Ministério da Educação Nacional
L I S B O A

Para efeitos do disposto no Art^o. 27^o. dos Estatutos do Movimento de Renovação da Arte Religiosa, venho comunicar a V.Excia. a constituição da nova Direcção oportunamente eleita em Assembleia Extraordinária de acordo com os estatutos, e em virtude do pedido de demissão do Presidente da Direcção cessante:

Presidente da Direcção - Nuno Rodrigo Martins Portas, Arquitecto, nascido em S. Bartolomeu, Vila Viçosa, a 23 de Setembro de 1934 filho de Leopoldo Barreiro Portas e de Umbelina do Carmo Neves Martins, casado, residente na Rua dos Industriais, 29-5^o-Dt^o, em Lisboa e portador do Bilhete de Identidade n^o. 1208986 de 19 de Janeiro de 1966 passado pelo Arquivo de Lisboa.

Secretário - Diogo Lino Pimentel, Arquitecto, nascido na Freguesia de S. Sebastião da Pedreira, Lisboa, a 4 de Fevereiro de 1934, filho de Vasco de Sousa Pimentel e de Maria Cristina Lino Pimentel, residente na Quinta dos Lagares d'El-Rei, Lisboa 5 e portador do Bilhete de Identidade n^o. 1365200 de 8 de Outubro de 1966 passado pelo Arquivo de Lisboa.

Tesoureiro - Maria do Carmo Fernandes Ribeiro de Matos,
Arquitecta, filha de Gabriel Ribeiro de Matos e de Maria Helena
Brás Fernandes Ribeiro de Matos, nascida a 7 de Julho de 1935,
e portadora do Bilhete de Identidade nº. 1153166 de 17 de
Agosto de 1960 passado pelo Arquivo de Lisboa.

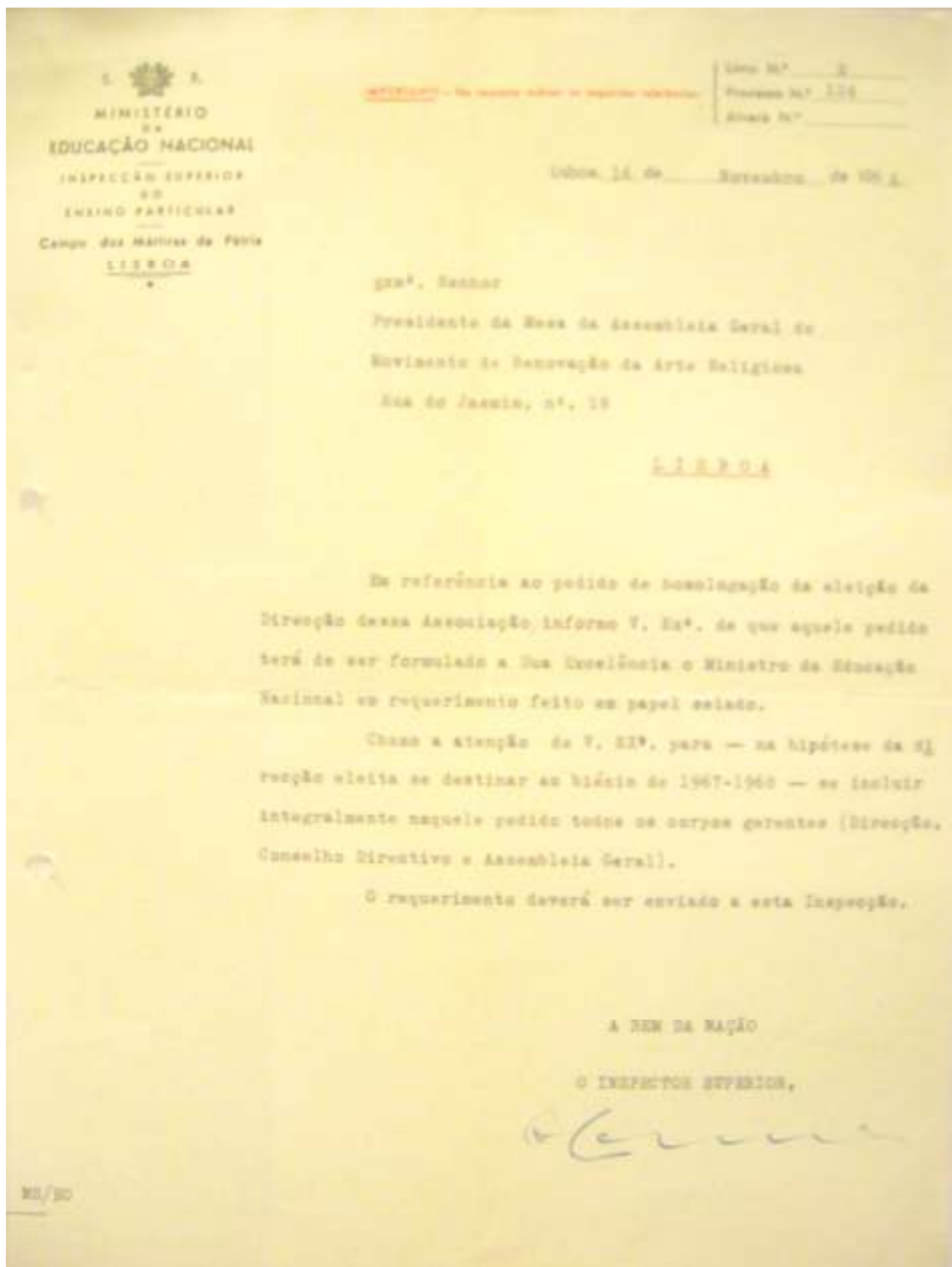
O Presidente da Assembleia Geral

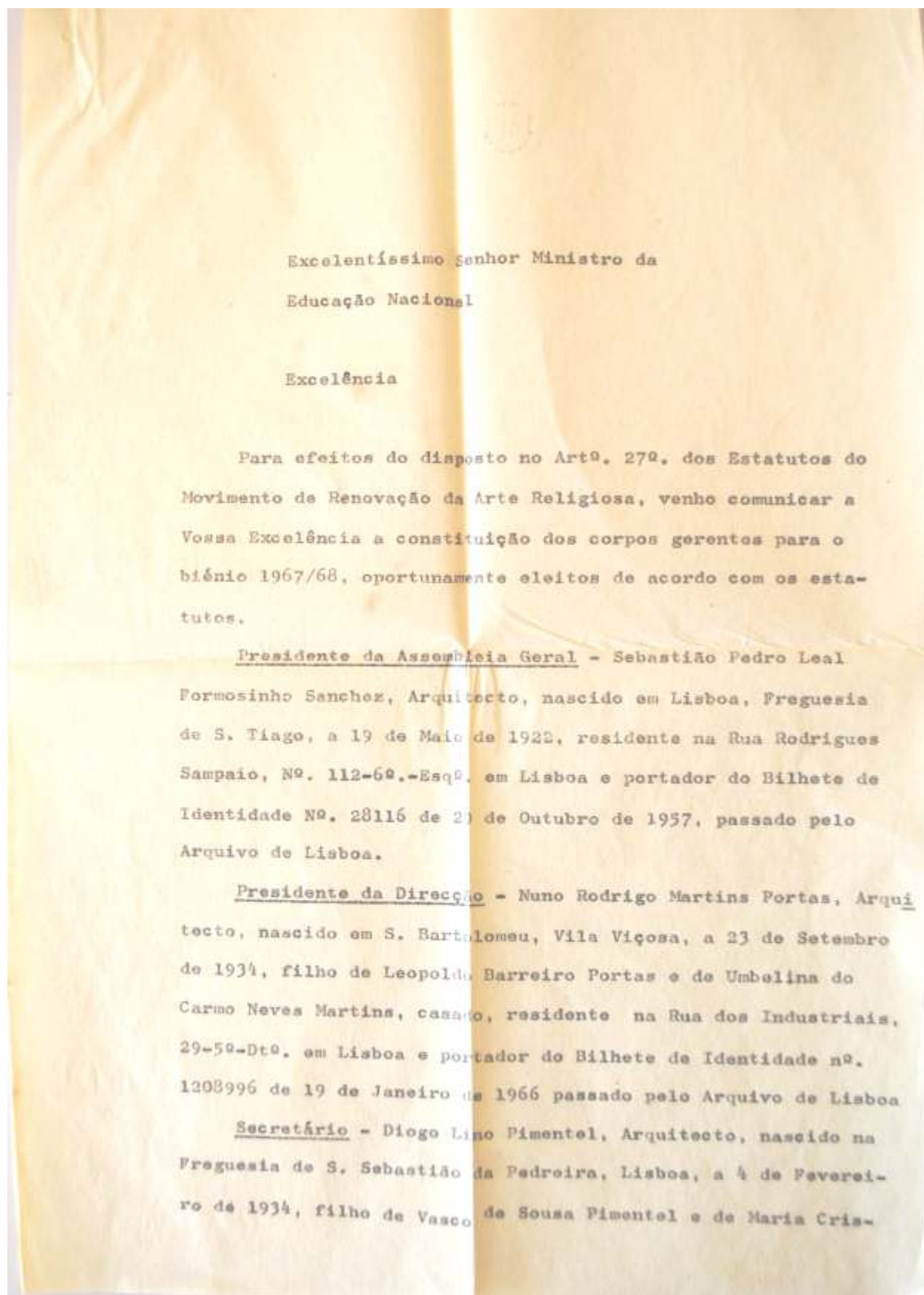

Erich Corsépius

Lisboa, 11 de Novembro de 1966

Doc. 2.3.23.

[Inspector Superior da Inspeção Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional], [Carta ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral do MRAR], Lisboa, (16.nov.1966)





tina Lino Pimentel, residente na Quinta dos Lagares d'El-Rei, Lisboa 5 e portador do Bilhete de Identidade nº. 1365200 de 8 de Outubro de 1966 passado pelo Arquivo de Lisboa.

Tesoureiro - Maria do Carmo Fernandes Ribeiro de Matos, Arquitecta, filha de Gabriel Ribeiro de Matos e de Maria Helena Brás Fernandes Ribeiro de Matos, nascida a 7 de Julho de 1935 e portadora do Bilhete de Identidade nº. 1153166 de 17 de Agosto de 1960 passado pelo Arquivo de Lisboa, moradora na Rua Castilho, 12-1º-Esqº.

O Presidente da Assembleia Geral

Ernst Erich Wolfgang Corsepius



LISBOA, 11. DE FEVEREIRO DE 1967.

Doc. 2.3.25.

[Inspector Superior da Inspeção Superior do Ensino Particular – Ministério da Educação Nacional], [Carta ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral do MRAR], Lisboa, (6.abr.1967)

S. R.
MINISTÉRIO
DA
EDUCAÇÃO NACIONAL
INSPEÇÃO SUPERIOR
DO
ENSINO PARTICULAR
Campo dos Mártires da Pátria
LISBOA

IMPORTANTE — Na resposta indicar as seguintes referências:

Livro N.º 3
Processo N.º 124
Alvará N.º

Lisboa, 6 de Abril de 1967

Exm^o. Senhor
Presidente da Mesa da Assembleia Geral
do Movimento de Renovação da Arte Religiosa
Rua do Jasmin, 18-r/c

L I S B O A

Comunico a V. Ex^a. que Sua Excelência o Subsecre-
tário de Estado da Administração Escolar, por seu despacho
de 4 de corrente, se dignou sancionar a eleição dos corpos
gerentes dessa Associação para o biénio de 1967-1968.

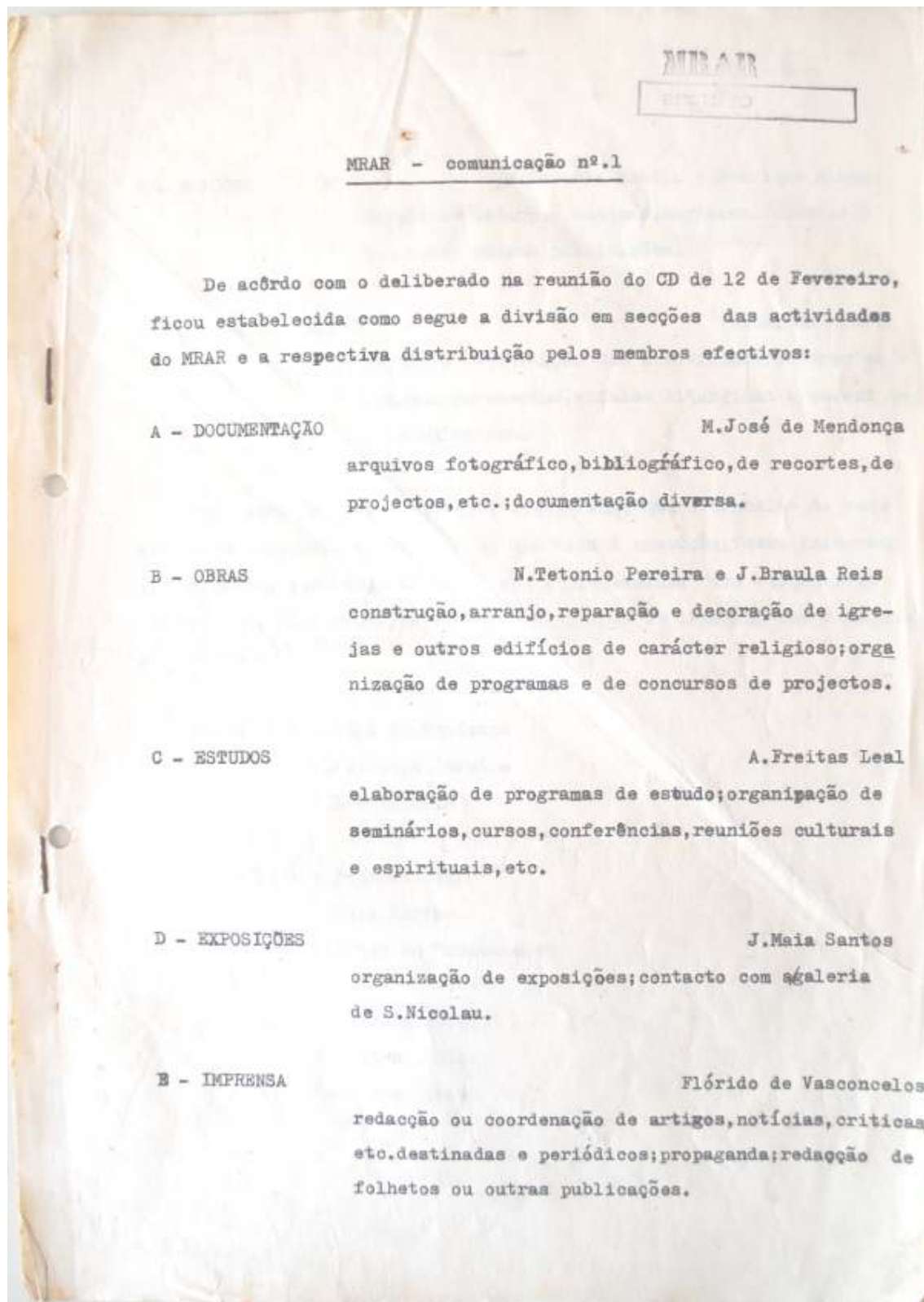
A BEM DA NAÇÃO
O INSPECTOR SUPERIOR,
[Assinatura]

MR/MLP

2.4. MRAR – Relatórios anuais

Doc. 2.4.1.

[PEREIRA, N. Teotónio], MRAR – Comunicação nº1, Lisboa, (18.fev.1955)



F - EDIÇÕES

J. Correia Rebêlo e Henrique Albino
edição de estampas, imagens, cartazes, folhetos e
quaisquer outras publicações.

G - OBJECTOS DE CULTO

Madalena Cabral
estudo e coordenação das actividades referentes a
imagens, paramentos, alfaia litúrgica e museus de
arte religiosa.

Por outro lado, reconheceu-se conveniente que o trabalho de cada
membro, marcadamente individual no que toca à execução, fosse integrado
em equipas, no que respeita ao estudo e planeamento das respectivas
actividades. Para tanto, estabelecem-se grupos de trabalho com a composi-
ção seguinte:

grupo I - M. José de Mendonça
N. Teotónio Pereira
J. Braula Reis

grupo II - A. Freitas Leal
J. Maia Santos
Flório de Vasconcelos

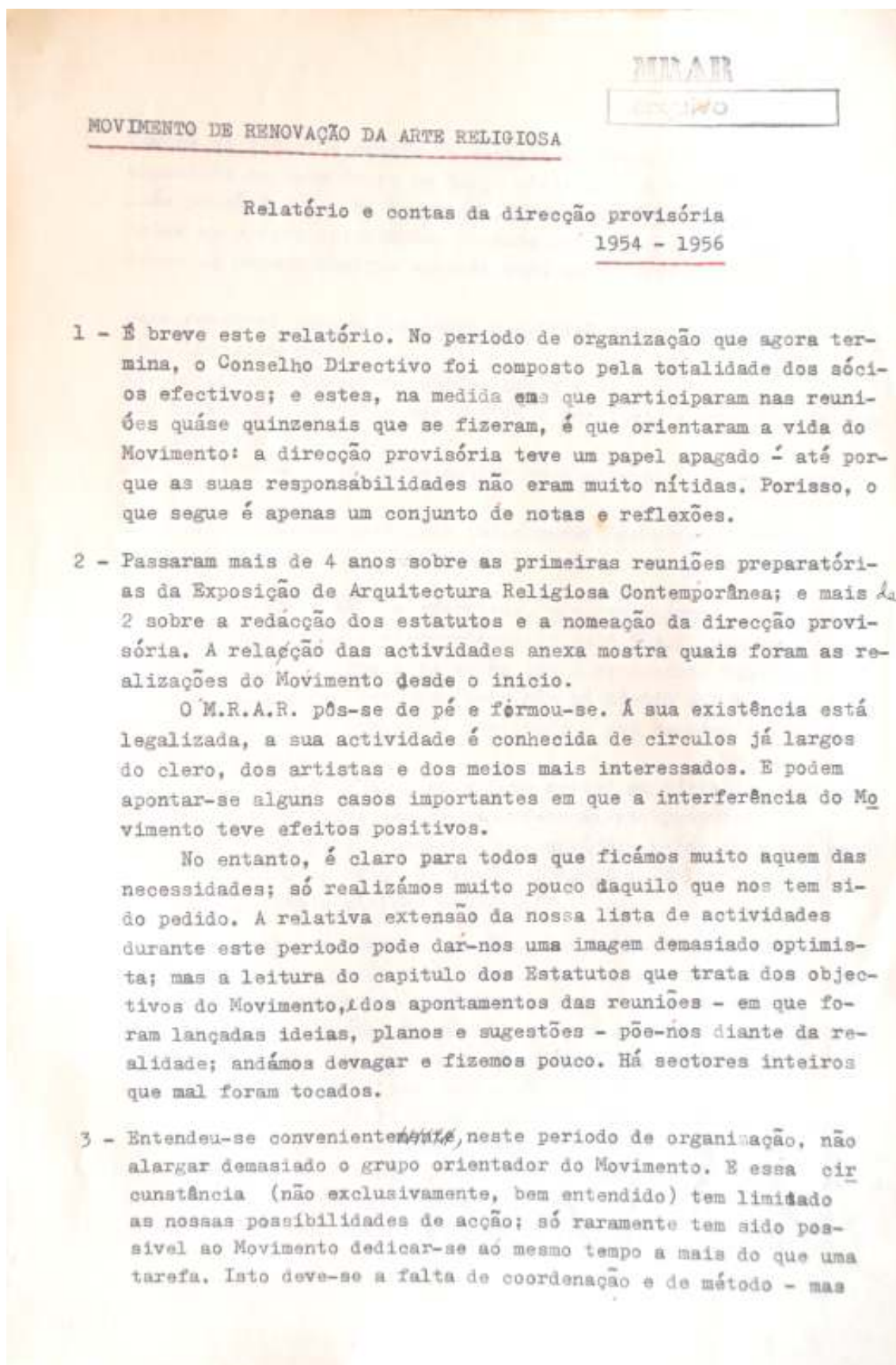
grupo III - J. Correia Rebêlo
Henrique Albino
Madalena Cabral

- 3 -

Os diversos grupos de trabalho deverão reunir-se a tempo de estabelecer os planos de actividade de cada secção para o ano corrente, por forma a serem apresentadas e discutidas na próxima reunião do C. D.no sábado, dia 26 às 9h 45.

Lisboa, 18 de Fevereiro de 1955

a Direcção



também ao reduzido número de membros activos. Exemplo típico foi a exposição de Arte Sacra em Março deste ano: a sua organização (aliás precária, devido à curteza do prazo) obrigou à suspensão de todas as outras actividades durante perto de 2 meses, mobilizando-se os poucos membros activos para essa tarefa.

- 4 - Para resolver esta dificuldade e alargar a acção do M.R.A.R. parece indispensável:
- a)- aumentar o número de sócios efectivos;
 - b)- aumentar a participação activa e constante destes nas actividades do Movimento;
 - c)- promover a colaboração activa de alguns sócios auxiliares e estudantes;
 - d)- obter os meios materiais indispensáveis; especialmente através de um aumento substancial do número de sócios auxiliares.

O aumento ^{do numero} de sócios efectivos, põe, no entanto, um problema: o do alargamento do núcleo orientador do M.R.A.R., sem prejuízo da unidade de doutrina e de acção que é necessário manter; problema que é preciso resolver, pois não há dúvida que o grupo orientador tem estado demasiado confinado a uma geração e a um grupo profissional.

- 5 - Outro ponto ainda; o Movimento deve actuar em vários sentidos:
- a)- sobre os próprios sócios (aperfeiçoamento próprio);
 - b)- sobre os meios dirigentes e responsáveis pelos diversos sectores ligados ao campo de acção do M.R.A.R. (clero, artistas);
 - c)- sobre o grande público católico.

É necessário manter o equilibrio entre estas três soluções - são todas importantes; ora parece que durante estes 3 anos a 1ª. e a última ficaram prejudicadas em relação à segunda.

Sabe-se que a valorização dos próprios membros - tanto no aspecto cultural, como no espiritual, como no profissional - é condição indispensável para uma acção eficaz.

Quanto à influência sobre o grande público, parece necessário marcar uma presença mais viva - numa acção constante de esclarecimento da opinião; sem prejuízo da prudência que temos observado (e que se tem revelado benéfica), precisamos de agir com mais dinamismo, oportunidade e sentido de abertura para o exterior.

6 - Há ainda certos problemas de organização que parede urgente resolver;

- a)- sede e serviço de secretaria: 'é indispensável conseguir, em prazo não muito distante, a instalação de uma pequena sede, onde a horas certas funcione diariamente um serviço de secretaria, biblioteca e informações;
- b)- serviço de biblioteca e documentação: a organização destes serviços e o seu acesso fácil por todas as pessoas interessadas é urgente. Deve montar-se uma biblioteca, com aquisição de livros e assinaturas de mais algumas revistas; e deve promover-se a organização de arquivos e ficheiros de fotografias, artigos, referências, recortes, etc.

7 - As contas que se apresentam em anexo são apenas aproximadas. A falta de documentos de despesas e de receita relativas aos primeiros anos de actividade do M.R.A.R. torna impossível um balanço completo e exacto. No entanto, o quadro junto dá ideia do que foi o movimento financeiro nestes anos.

8 - No balanço destes anos de actividade entendemos dever destacar dois membros do M.R.A.R.:

O architecto António Freitas Leal, pelo seu constante dinamismo e actividade em todas os sectores, especialmente naqueles de que tem sido o responsável; movimento juvenil e estudos e reuniões;

o estudante de teologia João de Almeida, pela acção pessoal desenvolvida no Seminário e pela confiança e compreensão que soube grangear para o Movimento nos meios eclesiásticos - apesar de não ter podido participar assiduamente na vida do M.R.A.R.

Lisboa, 23 de Novembro de 1956

A direcção provisória

Nuno Teotónio Pereira
Flório de Vasconcelos
João Correia Rebelo

Nuno Teotónio Pereira
Flório de Vasconcelos
João Correia Rebelo

Movimento de Renovação da Arte Religiosa

Resumo das receitas e das despesas até
Novembro de 1956

DESPESAS

	Exposições	Edições	Encontros	Revistas e livros	Diversos
1953	7.511\$40	1.850\$00	-	473\$40	-
1954	9.835\$60	153\$90	290\$00	207\$00	296\$30
1955	499\$70	-	1.468\$20	70\$00	168\$00
1956	735\$20	300\$00	-	88\$80	994\$90
	<hr/> 18.581\$90	<hr/> 2.303\$90	<hr/> 1.758\$20	<hr/> 839\$20	<hr/> 1.459\$20

total= 25.942\$40

RECEITAS

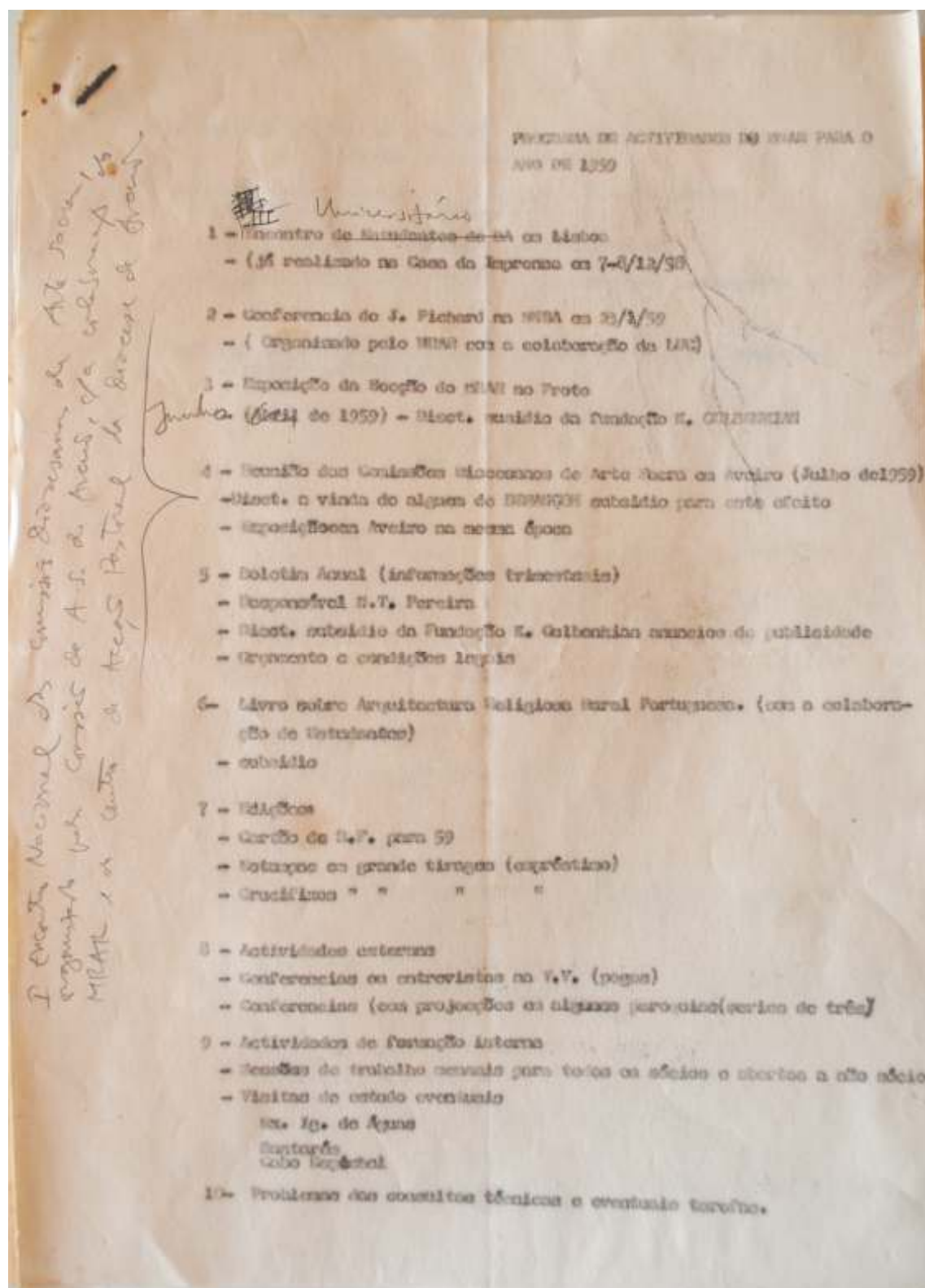
	Cotas	Subsídios	Edições	Encontros	Catálogos
1953	-	8.973\$70	-	-	768\$80
1954	935\$00	5.000\$00	1.391\$30	-	75\$00
1955	1.110\$00	3.000\$00	-	1.770\$00	-
1956	1.697\$80	500\$00	1.000\$00	-	-
	<hr/> 3.742\$80	<hr/> 17.473\$70	<hr/> 2.091\$30	<hr/> 1.770\$00	<hr/> 843\$80

total= 26.221\$60

Saldo existente em 23 de Novembro de 1956

279\$20

Nota: As rubricas Exposições e Subsídios referem-se quasi exclusivamente à Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea



11- Concurso da Igreja do S. Coração

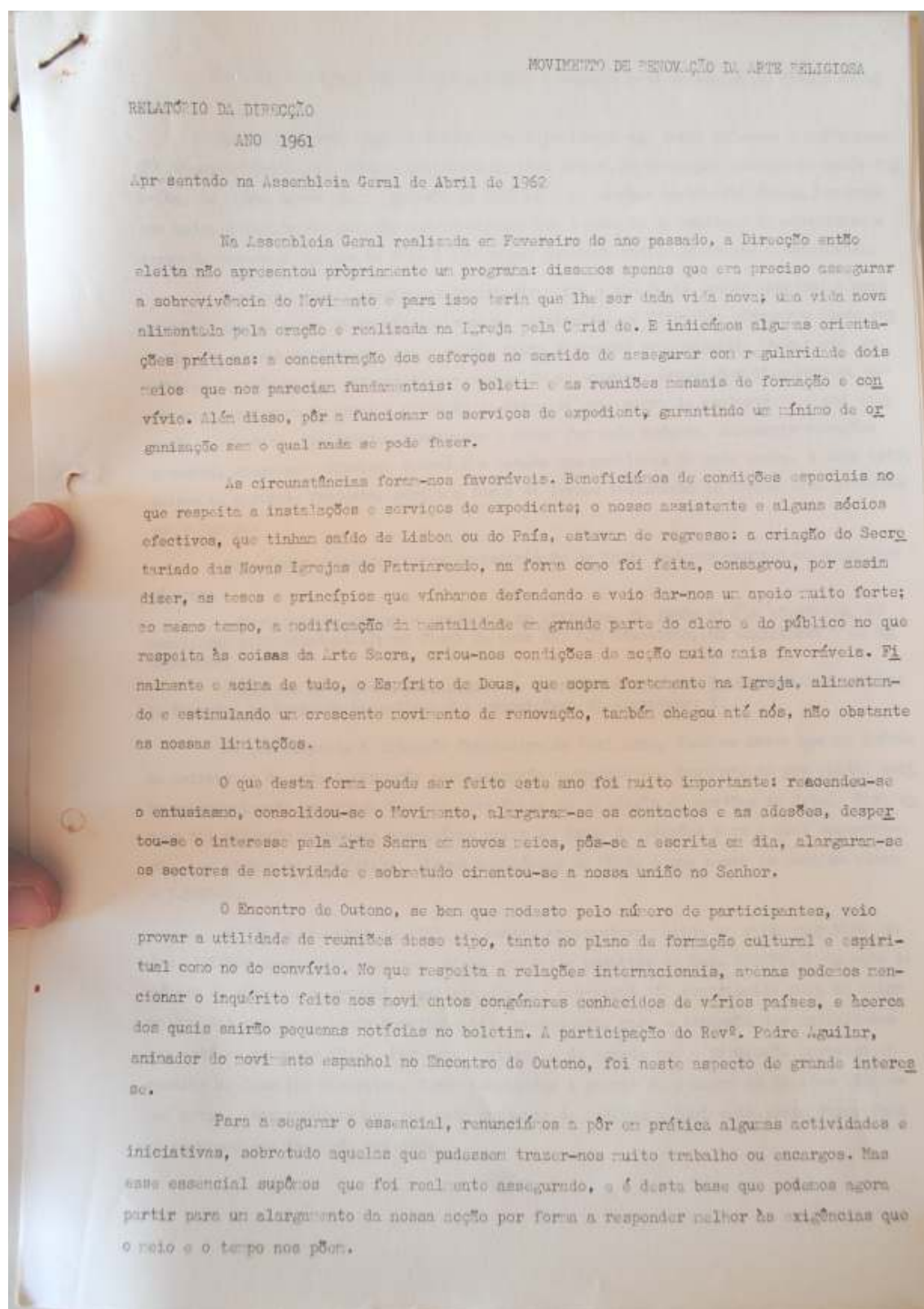
(hipótese de outras igrejas)

12- Relações com o Estrangeiro - responsável : J. Maya Santos
- Fomentar relações com a Espanha

13- Secção de Imprensa - responsável : F. Vasconcelos

14- Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea - responsável :

NOTA: Os responsáveis deverão fazer no prazo de um mês um resumo da respectiva actividade.



Este primeiro ano foi de recuperação; o segundo terá de ser já de franca expansão.

Aparentes agora algumas falhas mais importantes que foram notadas: a participação da generalidade dos sócios efectivos na vida activa do Movimento mostrou-se muito restrita, ao mesmo tempo que a expansão do MRAR no meio escolar também foi fraca. Pensamos que estas deficiências poderão ser remedidas com a criação de sectores de actividade a cargo de pequenas equipas de 2 ou 3 elementos, juntando sócios efectivos e estudantes.

Por outro lado, precisamos de atingir meios a que temos estado alheios: a generalidade das dioceses da Província, o campo missionário no Ultramar; alargar o nosso contacto com o meio artístico e com o claro, tanto diocesano como regular. Chegar até ao público através de uma actividade permanente de palestras e exposições itinerantes; encontrar meios para fomentar a produção de obras de arte sacra de qualidade e a sua colocação no mercado. Finalmente, aprofundar a nossa formação própria, descobrir vocações pessoais, congregar esforços, fomentar o estudo dos problemas da arte sacra. E tudo isto, unidos na caridade fraterna, será uma forma de darmos testemunho do Senhor e de vivermos com a Igreja.

Como índices quantitativos da actividade do MRAR, podemos apontar os seguintes números:

- Movimento de sócios - existente no princípio de 1960: 91 (16 efectivos, 63 auxiliares e 12 estudantes); no final do ano: 103 (23 efectivos, 68 auxiliares e 12 estudantes).
- Números do boletim publicados: 7; reuniões de estudo: 3; assembleias gerais: 1; reuniões do Conselho Directivo: 2; exposições: 2; encontros: 1.

No que respeita à situação financeira do Movimento, faz-se os notar que no início da actividade da actual direcção essa situação encontrava-se bastante comprometida, devido principalmente ao grande investimento feito com a edição de cartões de Natal. Para sanear tal situação tornou-se necessário criar um fundo de edições para o qual concorreram, em regime de empréstimo, alguns dos sócios do MRAR, e que neste momento se eleva a 3.500.000.

Em 31 de Dezembro de 1961, as contas apresentavam ainda um saldo negativo de Esc. 121.850; nesta data, conta-se já com um saldo positivo de Esc. 490.370. O aumento do número de sócios e a gradual regularização das cobranças têm contribuído para um maior volume das receitas, ainda insuficientes, no entanto, para a expansão das actividades que está em curso no MRAR. Por este motivo, e de acordo com a resolução aprovada em reunião do Conselho Directivo, foram aumentados a partir de Janeiro os limites mínimos das cotas, esperando-se que com este conjunto de medidas o Movimento possa fazer face aos encargos que lhes são exigidos.

A terminar queremos fazer uma referência à nossa colega arqta. Maria do Carmo Matos, responsável pela saída regular do Boletim; aos nossos colaboradores nos trabalhos de Secretaria e de contas, Natércia Catela e Carlos Guedelha, que têm dado ao MRAR uma valiosa ajuda; e à Irmandade de S. José dos Carpinteiros que nos tem cedido graciosamente a esplêndida sala em que fazemos as nossas reuniões.

Lisboa, 31 de Março de 1962

A Direcção

Muno Teotónio Pereira
António de Freitas Leal
Maria José de Mendonça

<u>DESPESAS ORDINÁRIAS</u>		<u>ANO 1962</u>
A - Secretaria e Sede (2 empregados, material, correio, etc.)...	3.646\$90	
B - Boletim (tipografia, gravura, correio)	7.370\$10	
C - Cobrança de cotas (cobrador, correio)	1.188\$00	
D - Recorte	450\$00	
E - Assinatura de revistas	40\$00	
F - Diversos	6\$60	
		12.701\$60
<u>DESPESAS EXTRAORDINÁRIAS</u>		
M - Encontros (Outono)	7.877\$10	
N - Exposições (transporte e material/Pátina)	873\$10	
P - Fundo de Edições (reembolso)	500\$00	
Q - Diversos	119\$50	
		9.369\$70
TOTAL DAS DESPESAS		22.071\$30
<u>RECEITAS ORDINÁRIAS</u>		
C - Cobrança de cotas	11.086\$00	
F - Diversos	4\$00	
		11.090\$00
<u>RECEITAS EXTRAORDINÁRIAS</u>		
M - Encontros (Outono)	8.697\$30	
N - Exposições / Pátina	521\$40	
O - Cartões de Natal	1.350\$50	
P - Empréstimo para o Fundo de Edições	2.000\$00	
		12.569\$20
TOTAL DAS RECEITAS		23.659\$20
Lisboa, 31 de Dezembro de 1962		
O Tesoureiro		
Maria José de Mendonça		

MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO DA ARTE RELIGIOSA

RELATÓRIO DA DIRECÇÃO

ANO 1962

Apresentado na Assembleia Geral de Janeiro de 1963

No relatório do ano anterior dizia-se que, tendo sido 1961 um ano de recuperação, 1962 seria já de franca expansão. Reconhecemos agora no termo do ano, que apesar do claro progresso realizado, ficámos àquém daquilo que tínhamos desejado. Realmente, tendo sido possível no 1.º ano de trabalho da actual Direcção pôr as coisas em ordem e fazer renascer a confiança no nosso Movimento, exigia-se para o 2.º ano um trabalho em cheio, tanto em profundidade como em extensão. O exame retrospectivo que neste momento fazemos, e se procurou fosse objectivo, permitirá ajuizar do que foi na verdade, não o que a Direcção fez, mas o que todos fizemos, com um espírito de união fraterna dentro da Igreja que não tem cessado de crescer.

Em 1.º lugar, manteve-se e consolidou-se mesmo tudo o adquirido no ano anterior: regularidade no boletim e nas reuniões mensais de estudo, funcionamento regular dos serviços de secretaria e contas. O boletim oremos ter entrado nos hábitos dos sócios, na sua missão de folha de contacto indispensável para manter uma certa união; é de perguntar se não necessitaria ser um tanto renovado no seu plano e na sua expressão. As reuniões de estudo, embora uma vez ou outra mostrando alguma rotina e pouca diversidade nos temas, criaram já hábitos de apreciação crítica num plano de caridade e ajuda mútua que nos parece extremamente valiosa no campo das relações entre profissionais e até de utilidade para as próprias obras.

Os serviços de secretaria e a organização das contas, sobretudo no aspecto in grato da cobrança de cotas estiveram em nível perfeitamente satisfatório dentro do MRAR e reafirmou-se a convicção de que a sua manutenção em dia é um factor indispensável para uma continuidade de acção.

No plano da divulgação quase nada se fez; o propósito votado na Assembleia Geral de 1962 de se organizar uma actividade permanente de exposições itinerantes não pôde ter seguimento e espera-se que a nova Direcção possa meter ombros a esta tarefa, tão importante para uma obra de divulgação que cada vez com mais razão se tem exigido do MRAR.

Um acontecimento cheio de importância foi a criação do grupo de Música Sacra. Para além do enriquecimento que veio trazer ao MRAR, como sector de interesse e contribuição pessoal dos seus componentes, abre perspectivas muito valiosas de um trabalho em comum na Igreja e na visão conjunta de problemas afins e que se ligam uns aos outros. As provas já dadas neste aspecto, desde a criação do grupo, são concludentes e mostram aquilo que se pode ganhar por um trabalho comum.

Da criação de um novo grupo - o da Poesia Sacra - há a esperar mais um alargamento neste sentido, que poderá ter grandes repercussões.

O II Encontro de Outono merece uma referência especial. Aquelles que o viveram para além das limitações ou deficiências verificadas, aperceberam-se bem dos frutos de um trabalho realizado em Igreja e das possibilidades que se oferecem ao MRAR neste sentido.

A união espiritual dos membros do Movimento, a participação habitual dos sócios na vida do MRAR, a actuação no meio escolar, a participação de pintores e escultores nas nossas actividades, a expansão para a Província e Missões Ultramarinas - foram alguns dos aspectos em que menos se progrediu, e que ficam assim apontados para a nova Direcção.

Outro tanto se diga dos contactos internacionais, que mesmo a título pessoal são muitas vezes extremamente valiosos; na verdade, um ou outro projecto neste campo não pôde ter seguimento, por falta sobretudo de disponibilidade de tempo e de fundos.

E ainda nada se fez no que respeita a organização da documentação (ficheiros e arquivos) e ao fomento de obras de arte sacra no plano comercial.

Como índices quantitativos da actividade do MRAR, podem apresentar-se os seguintes números:

- Movimento de sócios - existentes no princípio do ano: 123 (23 efectivos, 85 auxiliares, 15 estudantes); no final de 1962: 154 (28 efectivos, 95 auxiliares, 31 estudantes).

- Números publicados do boletim: 9; reuniões de estudo: 8; assembleias gerais: 1; reuniões do Conselho Directivo: 2; exposições: 1; encontros: 1.

No que respeita ao movimento financeiro, pode dizer-se que houve uma expansão apreciável das receitas resultado do aumento do número de sócios, do aumento das cotas e da maior regularidade da cobrança (que continua difícil em relação a alguns dos sócios de fora de Lisboa). Este aumento permitiu fazer face aos encargos crescentes resultantes de uma maior actividade e reduzir um pouco o fundo de edições que chegou a atingir 5.500\$00 e está agora em 5.000\$00 iniciando-se assim o reembolso dos empréstimos aos sócios. Há a registar um donativo de um sócio no valor de 1.500\$00, que fica fazendo parte do fundo de edições a título definitivo. A parte deste fundo devida ainda aos sócios ficou assim em 3.500\$00.

Em 31 de Dezembro as contas acusavam um saldo positivo de 1.587\$90, como se pode ver pelo quadro junto.

Com este relatório, cessa a actual Direcção a sua actividade. Neste momento, queremos agradecer aos que mais ajudaram o MRAR colaborando connosco: o Padre João de Almeida, assistente do nosso Movimento, que não se limitou a uma visão restrita do seu papel, mas contribuiu activamente em muitas ocasiões por uma forma decisiva (reuniões de estudo, Encontro de Outono, etc.); ao Arqtº. Diogo Lino Pinental, a quem coube a

organização da Exposição de Fátima e do Encontro, e que manteve sempre uma atitude participante que muito ajudou a Direcção; e à sócia auxiliar Natércia Bravo Catela, encarregada de todo o trabalho de expediente e contas, a quem todos os sócios reconhecem um zelo invulgar.

Agradecemos ainda à Irmandade de S. José dos Carpinteiros a cedência da bela sala da Rua da Fé para as nossas reuniões.

Finalmente damos graças ao Senhor por tudo o que foi possível fazer-se este ano no MRAR e que certamente é o fruto de uma intensa renovação da Igreja inspirada pelo Espírito e em que o nosso Movimento tem tido também a sua parte.

Lisboa, 17 de Janeiro de 1963

A Direcção

Muno Teotónio Pereira
António de Freitas Leal
Maria José de Mendonça

ANO 1963

DESPESAS ORDINÁRIAS

A - Secretaria e Sede (emp, material, correio etc).	5.144\$60	
B - Boletim (tipografia, gravura, correio)	3.968\$20	
C - Cobrança de cotas (cobrador, correio)	3.820\$60	
D - Recorte	1.063\$00	
E - Assinatura de Revistas	40\$00	
F - Diversos	320\$00	14.356\$40

DESPESAS EXTRAORDINÁRIAS

M - Encontros (Outono)	5.111\$70	
P - Fundo de Edições	2.000\$00	7.111\$70

TOTAL DE DESPESAS 21.468\$10

RECEITAS ORDINÁRIAS

A - Secretaria e Sede	928\$20	
C - Cobrança de cotas	13.770\$00	14.698\$20

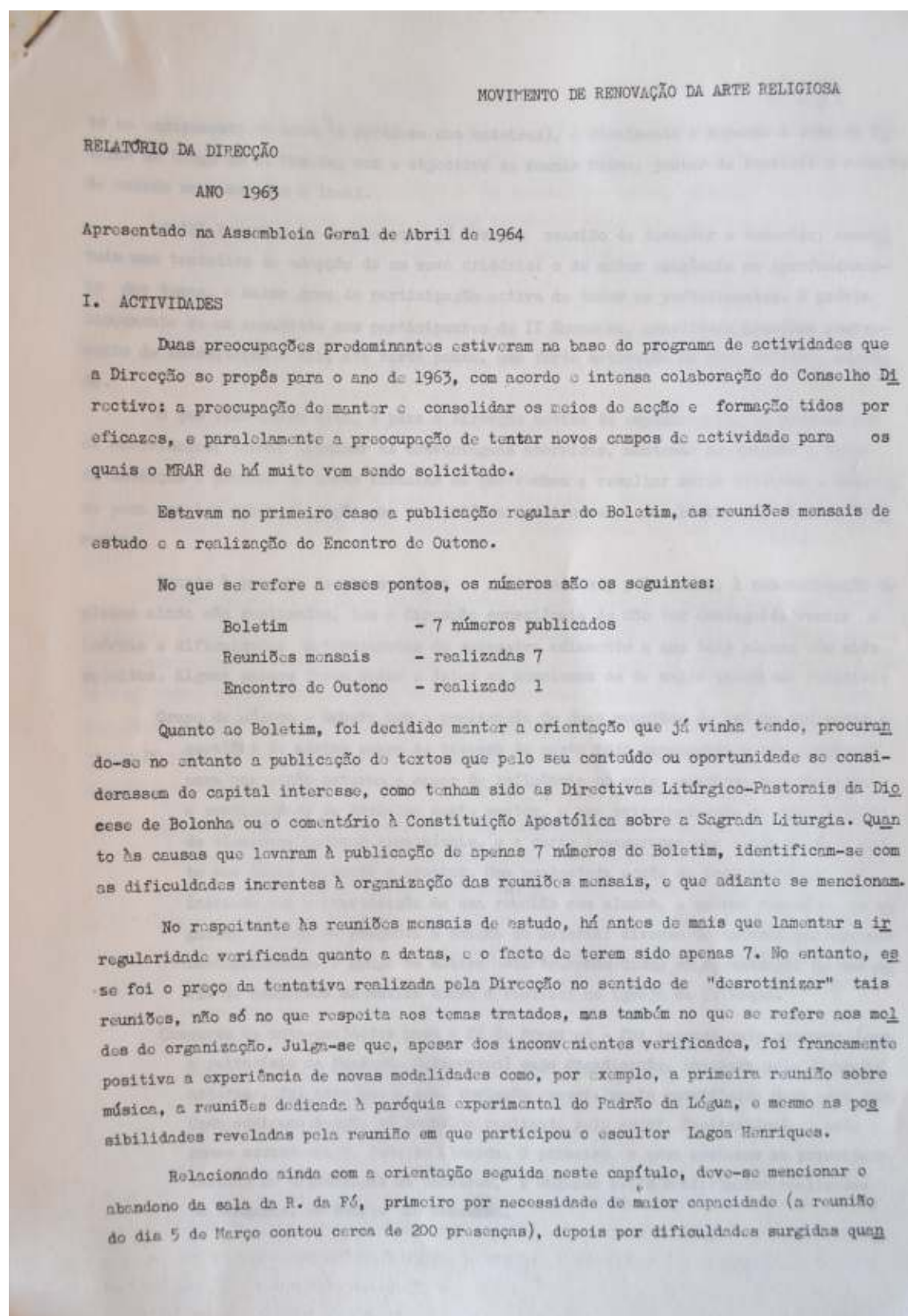
RECEITAS EXTRAORDINÁRIAS

M - Encontros (Outono)	5.260\$00	
O - Cartões de Natal	647\$30	
P - Empréstimos para fundo de Edições	1.820\$00	7.727\$30

TOTAL DE RECEITAS 22.425\$50

POSIÇÃO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1963

	+ 22.425\$50
	- 21.468\$10
	+ 957\$40
SALDO DE 1962	+ 1.587\$20
SALDO DE 1963	+ 2.545\$30



to ao equipamento da sala (o problema das cadeiras), e finalmente o recurso à casa de Retiros do Largo de S. Namade, com o objectivo de reunir Missa, jantar de convívio e reunião de estudo no mesmo dia e local.

O III Encontro de Outono, que já tivemos ocasião de discutir e comentar, constituiu uma tentativa de adopção de um novo critério: o de maior exigência no aprofundamento dos temas, e maior grau de participação activa de todos os participantes. O prévio lançamento de um inquérito aos participantes do II Encontro, constituiu precioso instrumento de auscultação e foi, até certo ponto, uma forte motivação do novo critério adoptado.

O que fica acima dito, é para a Direcção motivo de empenho para, no próximo ano de actividades, tentar eliminar as desvantagens ocorridas, mantendo no entanto a linha de enovação e procura de novas fórmulas de que venham a resultar maior eficácia e interesse para aqueles meios de acção que se verifica continuarem a ser básicos na vida do Movimento.

Quanto à procura de novos campos de actividade ou, pelo menos, à concretização de planos ainda não realizados, tem a Direcção consciência de não ter conseguido vencer a inércia e dificuldades determinantes do sucessivo adiamento a que tais planos têm sido sujeitos. Alguns passos foram dados e deles se mencionam os de maior interesse relativo:

Grupo de música - Embora com a realização de duas reuniões de estudo dedicadas a questões de música sacra se tivesse de certo modo conseguido o seu lançamento para uma acção externa e capaz de influência no meio, continua por assegurar a continuidade de trabalho neste sector, o que principalmente se deve à falta de elementos activos disponíveis, e a certa insegurança que ainda perdura quanto aos meios de acção a adoptar. Uma projectada acção no Conservatório, foi iniciada com a efectivação de uma reunião com alunos, e outras reuniões se seguiu. Também se projecta a edição de material diverso de autores portugueses contemporâneos. O grupo de música está tratando ainda da organização de uma série de concertos de música sacra a realizar na igreja de S. Roque.

Concurso de ante-projectos para a Sé de Bragança - Foi lançado este concurso (com o patrocínio da Fundação Gulbenkian) cuja organização, iniciada pela Direcção anterior, foi entregue a uma comissão especialmente constituída para esse fim. Cada aqui uma menção ao trabalho realizado pelo Arqtº. Freitas Leal, e pelo nosso assistente P. João de Almeida. O primeiro, a quem couberam as principais tarefas de organização do concurso, e segundo pelas conferências realizadas em Bragança, no âmbito do concurso.

MRAR no Porto - Houve grande preocupação por parte da Direcção em intensificar os contactos e tentar fomentar iniciativas próprias. Como trabalho de fundo esperava-se conseguir a realização de um encontro no Porto, em moldes semelhantes aos Encontros de Lisboa, e foram iniciados contactos com vista ao lançamento de um novo concurso de auto-projectos para uma importante igreja paroquial do Porto.

A Direcção, acedendo a um convite feito pelo Secretariado de Informação Religiosa, tem mantido contacto mais ou menos frequente com a equipa encarregada do BIP, com vista a um vasto plano de colaboração, tendo por objectivo a maior divulgação das questões referentes a Arte Sacra, nas suas múltiplas implicações de ordem pastoral-litúrgica.

A título informativo, regista-se também a realização de uma série de conferências sobre Arte Sacra realizadas pelo arqtº. Erich Coraepius, integradas num curso de Teologia Pastoral promovido em Fátima pela Conferência Internacional de Ordens Terceiras Carmelitas.

Estruturação de um grupo de estudantes, organização e montagem de exposições itinerantes, fomento da produção de obras de arte sacra, edições diversas, formação de um coro experimental, colaboração assídua com órgãos de imprensa diária ou periódica, foram outros tantos pontos não abordados ou não conseguidos. Mas neste capítulo do que ficou por fazer e das deficiências verificadas durante este ano de actividades, há duas questões que a Direcção põe à consideração da Assembleia Geral, assumindo no entanto inteira responsabilidade pela situação que os mesmos revelam:

1º. - Verifica-se que o campo de acção do Movimento continua demasiadamente restrito (Lisboa, Porto e, à maneira de excepção, Bragança). É natural que a acção em Lisboa seja mais intensa, mas nada justifica a quase exclusividade que se tem manifestado, tanto mais que quando se diz Lisboa se refere Lisboa - Cidade e não Lisboa-Diocese. Mas mesmo em Lisboa-Cidade, não deveremos concordar que as nossas actividades formativas e informativas se têm dirigido a um diminuto grupo de pessoas por si mesmas directamente ou indirectamente já interessadas por tais questões? Que temos feito attingir por attingir a grande massa de fiéis com quem, como artistas, desejamos dialogar? Que temos feito para tornar possível esse diálogo que se põe como condição primeira para a realização de uma arte verdadeiramente ao serviço da Igreja?

2º. - Foi feito um apelo insistente durante este ano à participação dos sócios do MRAR na Missa mensal parte integrante das nossas reuniões mensais de estudo. Tendo por fim facilitar tal participação, recorreu-se à solução já mencionada da Casa de Retiros do Largo de S. Mamede. O resultado é desanimador, e a Direc

ção toma-o como grave sitoma.

O MRAR não é um movimento profano. Tem o MRAR — objectivo eminentemente pastoral ou apostólico. Esse objectivo não será alcançado sem o recurso insistente e persistente à oração. Não se põe em dúvida nem está em causa a nossa vida de oração individual ou mesmo comunitária, mas temo-se que esteja em causa a vida de oração do Movimento como tal e enquanto tal. A Direcção continuará os seus esforços nesse sentido, e aproveita a oportunidade deste relatório para manifestar (sentindo-se por isso responsável) as suas apreensões que submete com tudo o mais e talvez acima que tudo o mais à consideração da Assembleia Geral.

II. MOVIMENTO FINANCEIRO

Directamente relacionado com o movimento financeiro está o movimento de sócios. Os números que o traduzem são os seguintes:

	<u>Dezº. de 1962</u>	<u>Dezº. de 1963</u>	
Efectivos	28	31	
Auxiliares	95	107	
Estudantes	31	30	<u>Nº. Total: 168</u>

A par deste modesto aumento de associados, recebeu-se a inscrição de 21 pessoas interessadas nas actividades musicais. No entanto, a Direcção suspendeu temporariamente a sua inscrição definitiva como sócios, consciente de não ser ainda oportuna, uma vez que tais actividades ainda não se encontram estruturadas por forma a poder considerar-se assegurada a sua continuidade.

Quanto ao movimento financeiro em si, expresso pelo mapa de receitas e despesas anexo a este relatório a Direcção reconhece que a situação é ainda difícil. Se excluirmos as receitas extraordinárias, verifica-se que as disponibilidades continuam muito aquém do que se exigiria para fazer face aos encargos necessários para uma acção em pleno. Constituindo a cotização a principal e praticamente única fonte de receitas ordinárias, parecer lógico concluir-se que interessa estar em permanente estado de campanha de angariação de novos sócios, medida clássica mas que ultimamente tem sido esquecida.

Terminando este relatório, a Direcção, agradece a generosa colaboração que sempre encontrou entre os sócios efectivos, e reconhece motivos de sobejo para dar graças a Deus. Consciente ainda que a Igreja convocada em Concílio se propõe (...) fomentar a vida cristã entre os fiéis, adequar às necessidades do nosso tempo as instituições susceptíveis de mudança, promover tudo o que pode ajudar a união dos que acreditam em Cristo e impulsionar tudo o que pode contribuir para chamar todos ao seio da Igreja (...), a Direcção deseja que o Movimento faça seu esse mesmo programa, e a isso se dispõe confiantemente.

MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO DA ARTE RELIGIOSA

Programa de actividades para 1964

Da análise do relatório referente a 1963 apresentado, resulta imediatamente o de sejo, por parte da Direcção, de efectivar os planos em curso, preencher as lacunas verificadas, consolidar os êxitos obtidos, emendar os erros cometidos. Esse seria um programa tão promissor como ambicioso, principalmente se assim simplisticamente enunciado.

Consciente das limitações próprias, dos recursos disponíveis e da receptividade do meio, a Direcção sem total ausência de "ambição" e confiante no apoio, que lhe não tem faltado, do Conselho Directivo propõe-se no entanto realizar genericamente essa mesma linha programática.

Concretizando um pouco, a Direcção propõe-se nomeadamente:

1. Imprimir "Movimento" no MRAR

- a) Promover ciclos de conferências sobre questões relacionadas com a Arte Sacra, em diversas paróquias (possivelmente de várias dioceses), seminários, institutos religiosos, colégios, liceus, escolas, faculdades, etc.
- b) Estudar e promover a realização de programas televisionados sobre as mesmas questões.
- c) Colaborar intensamente com o SIR e o CEP nomeadamente através de:
 - preparação e organização de um curso para "condutores de assembleia".
 - cadeia de artigos a publicar no BIP.
 - Realização de reuniões em diversas paróquias, por forma que venham a integrar-se no trabalho pastoral das mesmas.
 - Promover a realização de uma grande exposição sobre "Novas Igrejas na Alemanha" em colaboração com a Embaixada da República Federal da Alemanha com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian.

2. Manter e consolidar as seguintes iniciativas:

- a) Publicação do Boletim
- b) Reuniões mensais de estudo
- c) Encontro de Outono

3. Promover as seguintes actividades, e outras que se venham a ter por oportunas:

- a) Realização do 1 Encontro no Porto
- b) Promover a realização do 1 concurso de ante-projectos para a nova igreja de Codófeita/Porto.
- c) Organizar uma exposição de paramentaria e ourivesaria Sacra.

DESPESAS ORDINÁRIAS

A - Secretaria e Sede (emp, material, correio etc) .	10.310\$50	
B - Boletim (tipografia, gravura, correio)	2.819\$30	
C - Cobrança de cotas (cobrador, correio)	4.010\$00	
D - Recorte	1.050\$00	
E - Assinatura de Revistas	<u>40\$00</u>	17.929\$80

DESPESAS EXTRAORDINÁRIAS

N - Exposições	<u>32.016\$80</u>	32.016\$80
TOTAL DE DESPESAS		49.946\$60

RECEITAS ORDINÁRIAS

A - Secretaria e Sede	9\$00	
C - Cobrança de cotas	<u>15.560\$00</u>	15.569\$00

RECEITAS EXTRAORDINÁRIAS

M - Encontros (Outono)	150\$00	
N - Exposições	34.693\$60	
O - Cartões de Natal	<u>1.530\$00</u>	36.373\$60
TOTAL DE RECEITAS		51.942\$60

POSICÃO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1964

	51.942\$60
	<u>49.946\$60</u>
	1.996\$00
SALDO DE 1963	<u>2.545\$30</u>
SALDO DE 1964	4.541\$30

MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO DA ARTE RELIGIOSA

RELATÓRIO DA DIRECÇÃO

ANO 1964

Apresentado na Assembleia Geral de Março de 1965

I. ACTIVIDADES

1. CONSELHO DIRECTIVO

Reuniu cinco vezes durante o decorrer do ano. Essas reuniões foram essenciais para a acção do movimento. Pena foi que a participação dos sócios efectivos não tenha sido mais assídua. Nota-se que em média o nº de presenças é de 10 pessoas, ou seja de 1/3 do total dos sócios que o constituem. Deve-se isso ao facto de alguns sócios estarem normalmente fora do país, mas principalmente ao facto de haver grande nº de membros do Conselho que presentemente se não podem dedicar com assiduidade ao Movimento. Tal facto, leva a pensar-se na necessidade de reestruturação do Conselho Directivo.

2. ASSEMBLEIA GERAL

Reuniu uma única vez, para discussão e votação do relatório e contas referente ao ano de 1963.

3. REUNIÕES DE ESTUDO

Realizaram-se apenas 4 reuniões de estudo, todas dedicadas a temas de arquitectura sacra. Foram apreciados e discutidos os seguintes projectos: igreja paroquial de Albarraque, projecto do arq. Jorge Manuel Teixeira Viana; igreja paroquial de Almada, projecto dos arq^{ts}. Mano Teotónio Pereira e Luis Moreira; igreja paroquial de Paço d'Arcos, projecto dos arq^{ts}. P. João de Almeida, José Almada Negreiros e Pedro Ferreira Pinto; A última reunião do ano foi dedicada ao estudo cooperativo de 5 trabalhos votados no Concurso para a Sé de Bragança, tendo a reunião sido conduzida por Frei Matoso (O.S.B.).

Era intenção da Direcção promover mais reuniões destas, e com maior variedade de temas. Tal não foi possível, pela acumulação de outras actividades do Movimento e, de certo modo também, pela dificuldade na escolha de temas e no encontrar pessoas disponíveis para os tratar. De tudo isso, resultou que as reuniões não foram planeadas no seu conjunto, antes foram sendo realizadas ao sabor das oportunidades que espontaneamente apareciam. Cremos que isso foi um grave defeito com repercussão sobre a vida do Movimento.

4. BOLETIM

Apenas se publicaram 4 números durante o ano. Não há nada que possa justificar tal escassez, sendo a Direcção inteiramente responsável por isso. Este foi um dos factores que negativamente mais atingiram a vida do Movimento.

5. EXPOSIÇÕES

Um conjunto de circunstâncias favoráveis permitiu a realização de 4 importantes exposições.

Primeira a exposição "Novas Igrejas na Alemanha", em colaboração com a Embaixada da República Federal da Alemanha. Esta exposição contou cerca de 12.000 visitantes.

Depois montou-se nas salas da Sé de Lisboa uma importante exposição de para-

mentaria moderna, que tendo tido cerca de 1.000 visitantes, teve grande repercussão sobretudo entre o clero.

Finalmente houve 2 exposições dos trabalhos apresentados ao Concurso da Sé de Bragança. Primeiramente foi apresentada em Bragança, onde foi visitada por numerosas pessoas interessadas em tal obra, bem como por altas individualidades governativas. Mais tarde, a mesma exposição foi apresentada em Lisboa, onde despertou o maior interesse. Numa e noutra cidade, esta exposição foi completada com a apresentação de algumas peças de ourivesaria e paramentaria de recente execução.

Todas estas exposições foram subsidiadas pela Fundação Calouste Gulbenkian, entidade que tem dado largo apoio ao Movimento em tais iniciativas.

6. ENCONTROS

Realizou-se um encontro no Porto, no qual participaram numerosos artistas, estudantes e sacerdotes.

O habitual Encontro de Outono não foi este ano realizado. O Movimento participou ainda activamente num Encontro Internacional de arquitectos realizado em Basileia, no qual estiveram presentes 4 membros do Movimento. Neste Encontro participaram, além dos arquitectos portugueses 5 arquitectos suíços, 1 alemão e um dos sacerdotes dominicanos responsáveis pela revista *Art Sacré*. Contava-se com uma representação italiana, que tendo-se visto impedida de participar, enviou ao Encontro uma longa exposição por escrito.

7. CONCURSOS

O concurso de ante-projectos para a nova Sé de Bragança foi encerrado com êxito. Os resultados obtidos são já do conhecimento de todos os sócios. Queremos apenas aqui referir que consideramos esta realização do Movimento como um dos mais positivos frutos da actividade que tem vindo a desenvolver desde a sua fundação.

Foram iniciadas diligências para realização de mais um Concurso de ante-projectos para uma igreja paroquial do Porto. Infelizmente, a Comissão da Fábrica da Igreja veio mais tarde a desistir da sua efectivação.

8. ACTIVIDADES DIVERSAS

Foram realizadas várias conferências, entre as quais destacamos:

- integrada no âmbito da exposição "Novas Igrejas da Alemanha", uma conferência do arquitecto Muno Portas sobre o mesmo tema, e acompanhada de projecções.
 - Conferência do R.P. Lacapitaine sobre o convento de La Tourette de Le Corbusier. Organizada em colaboração com o Instituto Francês (Projecção de um filme e documentação em dispositivos).
 - Uma série de 3 conferências sobre temas de Arte Sacra, realizada pelo arquitecto Erich Coraeppius no Lar dos Estudantes do Ultramar (com projecções).
 - Uma série de conferências sobre Arte Sacra em geral e Arquitectura Sacra, realizadas no Seminário Maior do Ranchal, pelos arquitectos Freitas Leal e Diogo Pimentel (com projecções).
 - Apresentação do projecto vencedor do Concurso da Sé de Bragança, pelos respectivos autores, com projecções e debate. Foi realizada uma sessão em Bragança e outra em Lisboa.
 - A pedido da Comissão organizadora do Congresso realizado por ocasião do centenário do Santuário do Sameiro, foram congressistas 4 sócios efectivos do MRAR, tendo os arquitectos Diogo Pimentel e Freitas Leal realizado duas pequenas palestras com projecções sobre temas de Arquitectura Sacra.
- Também integrado no âmbito da exposição "Novas Igrejas da Alemanha", houve um concerto pelo coro "Harmonia", dedicado a música sacra barroca.

9. COMISSÕES ESPECIAIS

Estão em exercício duas comissões especiais:

- a) Comissão para revisão de estatutos
- b) Comissão do Encontro do MRAR

A primeira destas comissões tem o seu trabalho praticamente terminado e pronto a ser submetido à apreciação da Assembleia Geral.

A segunda Comissão indicada suspendeu temporariamente a sua actividade, aguardando a eleição de nova Direcção para de acordo com ela organizar o próximo Encontro do MRAR.

II. MOVIMENTO FINANCEIRO

Directamente ligado com o movimento financeiro está o movimento de sócios. Os números que o traduzem são os seguintes:

	Dezº de 1963	Dezº de 1964
efectivos	31	30
auxiliares	107	104
estudantes	30	<u>25</u>
total:		159

Houve, como se vê um ligeiríssimo retrocesso. A desistência de alguns, correspondeu a inscrição de outros.

É uma situação estacionária que não pode ser considerada como boa. É indubitavelmente necessário fazer "crescer" o MRAR.

Quanto ao movimento financeiro em si, expresso pelo mapa anexo, verifica-se também um estado de equilíbrio estacionário.

As despesas ordinárias são ligeiramente superiores às receitas ordinárias, o que significa que o MRAR continua a debater-se com dificuldades financeiras. Poderá notar-se um pequeno saldo positivo, o que é mau, tanto mais que isso se deve à falha na publicação de boletins, e à venda de cartões de Natal editados há mais de dois anos.

As receitas e despesas extraordinárias equilibram-se, como é óbvio.

O saldo positivo existente em Dezembro de 1964 é de esc: 4.541\$30.

Para terminar este relatório, a Direcção agradece a todos que lhe deram apoio e colaboração, nomeadamente aos que tiveram a seu cargo tarefas concretas e de grande responsabilidade, que souberam levar a cabo com grande disponibilidade e em verdadeiro espírito de serviço da Igreja.

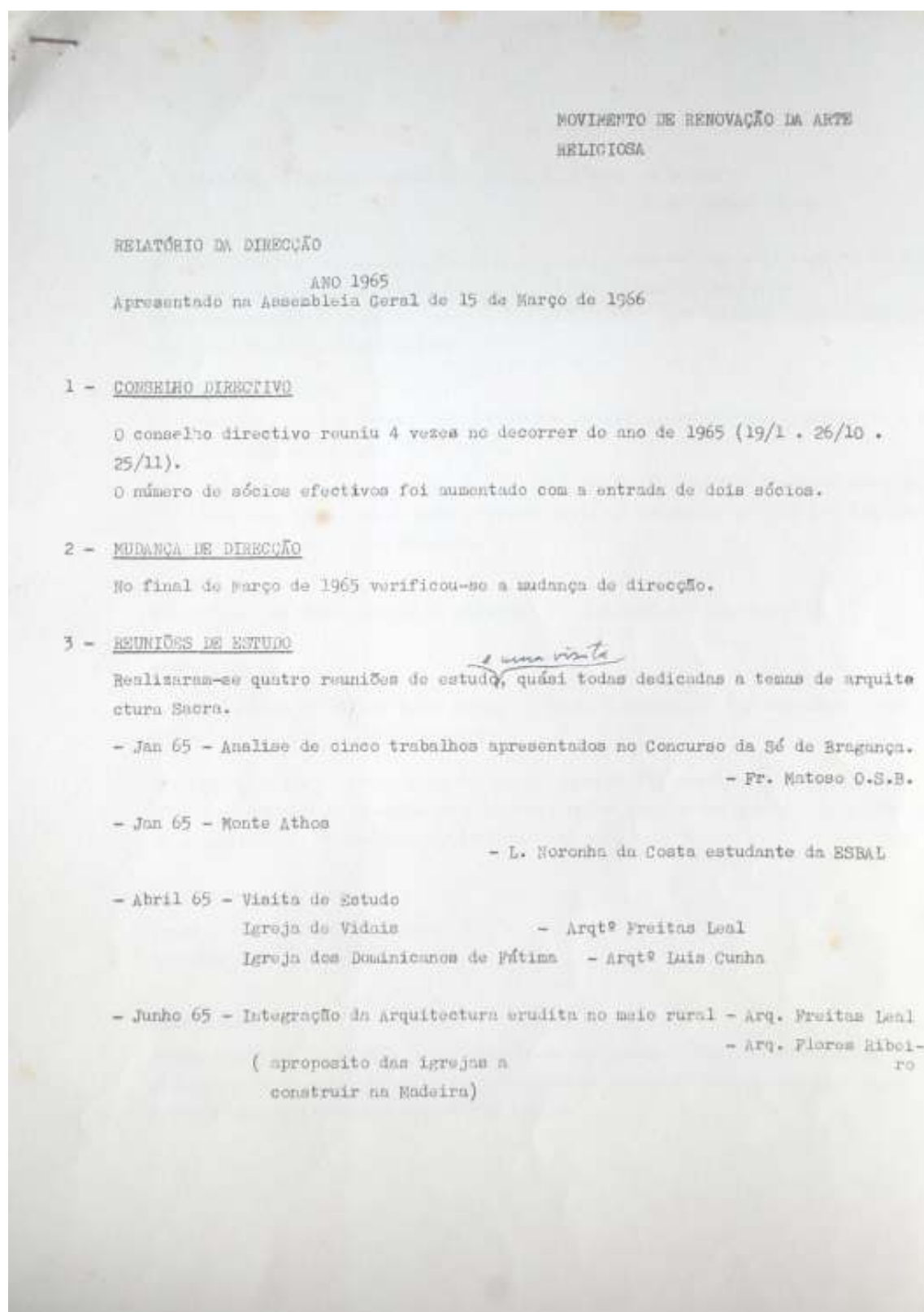
À nova Direcção, que será agora eleita, como a todos os sócios do MRAR queremos ainda lembrar o que se segue:

Pode parecer que haja motivos para agora abrandar a acção que o Movimento tem vindo a tentar estruturar. O Concílio e a actual reforma litúrgica serão, só por si, exigência de renovação no campo da Arte Sacra. São-no de facto, mas isso só é motivo de sobejo para justificar a existência do nosso Movimento. A Igreja que se renova, e não exclusivamente no que toca à liturgia, necessita agora mais do que antes de uma resposta no domínio das realizações. Eis uma ampla perspectiva de trabalho para o MRAR, uma exigência, que diríamos agora mais explícita, de uma acção formativa, de informação e divulgação, de incentivo aos artistas, de renovação da mentalidade, que está absolutamente dentro das atribuições que o MRAR de início se propôs. Talvez o momento actual exija novas formas de acção. Talvez essas novas formas exijam o recrutamento de novos membros activos para o MRAR. São problemas que ficam e aos quais a nova Direcção dará todo o seu esforço.

A Direcção do MRAR

Lisboa 25 de Março de 1965.

ANO 1965			
<u>DESPESAS ORDINÁRIAS</u>			
A - Secretaria e Sede (Emp, material, correio etc)	3.161\$40		
B - Boletim (tipografia, gravura, correio).....	1.151\$50		
C - Cobrança de cotas (cobrador, correio)	3.417\$50		
D - Recorte	1.350\$00		
E - Assinatura de Revistas	40\$00	9.120\$40	
<u>DESPESAS EXTRAORDINÁRIAS</u>			
N - Exposições (Comissão da Sé de Bragança)	30.000\$00		
E - Reembolso do empréstimo	1.000\$00	31.000\$00	
TOTAL DE DESPESAS			40.120\$40
<u>RECEITAS ORDINÁRIAS</u>			
A - Secretaria e Sede (juros do depósito B.B.I.) ..	9\$10		
C - Cobrança de cotas	14.540\$00	14.549\$10	
<u>RECEITAS EXTRAORDINÁRIAS</u>			
N - Exposições (Fundação C. Gulbenkian)	30.000\$00	30.000\$00	
TOTAL DE RECEITAS			44.549\$10
<u>POSIÇÃO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1965</u>			
		44.549\$10	
		40.120\$40	
		4.428\$70	
		4.541\$30	
	SALDO DE 1964		
	SALDO DE 1965	8.970\$00	
Este saldo está em 31 de Dezembro 1965			
em depósito	7.604\$10		
em numeração	1.365\$90		



- Outubro 65 - Complexo paroquial de N. S. Pátima em Mecoau

Arqtº Manuel Vicente

Na discussão dos trabalhos apresentados procurou-dar-se uma orientação mais profissional de acordo com os pontos de vista anteriormente expostos. Temos no entanto a lamentar, quer a irregularidade das sessões, quer o apredomínio dos temas de arquitectura.

4 - COMISSÕES ESPECIAIS

- a) - Comissão para a Revista dos Estatutos esteve em actividade e apresenta a sua proposta nesta Assembleia Geral.
- b) - Apesar de não ter sido possível a realização do habitual Encontro durante este ano, foi nomeada nova comissão para os Encontros do MRAR que apresentará em breve o seu trabalho.

5 - BOLETIM

Apenas saiu um único número do Boletim (Julho/64 - Dezembro/65)

6 - EXPOSIÇÕES

Realizou-se na Escola de Belas Artes do Porto a Exposição dos trabalhos apresentados no Concurso da Sé de Bragança

Para a Exposição do Centenário do Rio de Janeiro foi pedida a Colaboração do MRAR que seleccionou exemplos representativos da Arte Sacra actual nos domínios da Arquitectura, Paramentaria, Ourivesaria, etc.

7 - MOVIMENTO DE SÓCIOS

Inscreveram-se 7 sócios novos
Dimittiram-se 18 sócios

8 - CONCURSOS

Encontra-se em preparação o concurso para uma Igreja Paroquial a construir na cidade do Porto. Esta actividade preparatória tem sido acompanhada pelo MRAR a pedido da respectiva Comissão Fabriqueira.

NOTA FINAL

Não é surpresa para os elementos da Assembleia Geral a escassez deste Relatório, testemunho de uma actuação insuficiente e descoordenada da actual Direcção.

Não é surpresa também o significado desta escassez, na medida em que a Assembleia Geral é constituída pelos sócios que participam no Conselho Directivo e, através dele, têm podido sondar e aperceberem-se de que o MRAR se encontra num período de dificuldades de realização - vidas demasiado comprometidas dos seus elementos responsáveis, pouca abertura às camadas mais jovens como meio de rejuvenescimento, hesitações perante a escolha de temas com maior ou menor complexidade, vida espiritual de grupo, praticamente inexistente.

Não desejou, no entanto, a actual Direcção apresentar-se a esta Assembleia Geral sem que a proposta de reforma dos Estatutos fosse concluída, entendendo-a como meio de garantir um mínimo de condições que se afiguram possíveis de produzir e provocar uma revitalização da ideia base que fez nascer o MRAR, actualizando-o no tempo e encaminhando-o para uma mais consciente responsabilidade do seu papel ao serviço da Igreja.

A Assembleia Geral cabe agora pronunciar-se sobre toda esta matéria.

A DIRECÇÃO

MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO DA ARTE
RELIGIOSAANO 1966DESPESAS ORDINÁRIAS

A - Secretaria e Sede (Emp, material, correio etc)	2.455\$90	
B - Boletim (tipografia, gravura, correio)	2.325\$00	
C - Cobrança de cotas (cobrador, correio)	2.400\$00	
D - Recorte	902\$00	
E - Assinatura de Revistas	42\$80	8.125\$70

RECEITAS ORDINÁRIAS

A - Secretaria e Sede (juros do depósito B.B.I.) .	13\$20	
C - Cobrança de cotas	13.020\$00	13.033\$20

POSIÇÃO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1966

	13.033\$20
	8.125\$70
	4.907\$50
SALDO DE 1965	8.827\$50
SALDO DE 1966	13.827\$50

Este saldo está em 31 de Dezembro de 1966

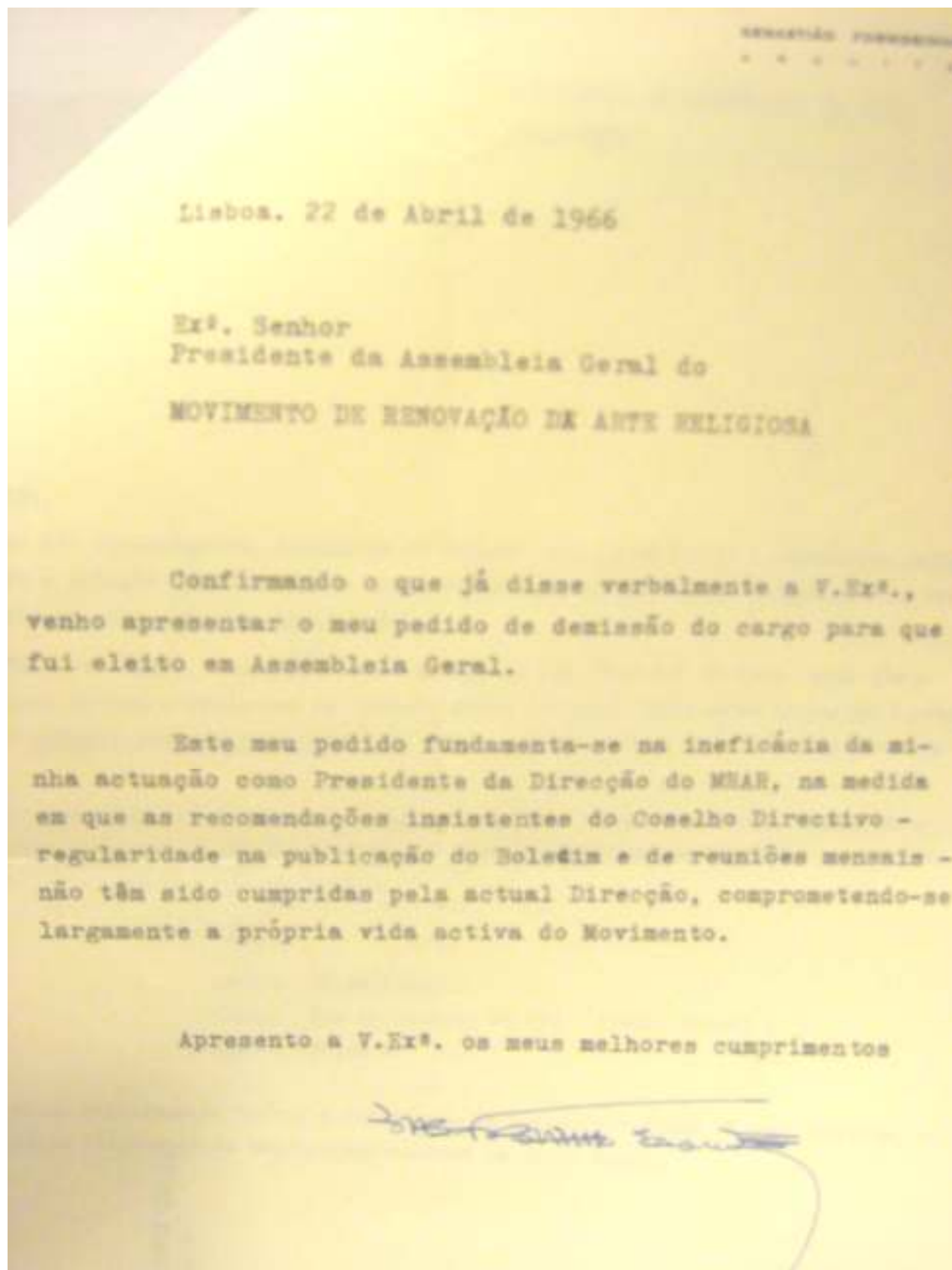
em depósito	13.034\$30
em numerário	793\$20

MOVIMENTO DE RENOVACÃO DA ARTE RELIGIOSA			
ANO 1967			
<u>DESPESAS ORDINÁRIAS</u>			
A - Secretaria e Sede (Emp, material, correio etc)	5.324\$70		
B - Boletim (tipografia, gravura, correio)	2.502\$50		
C - Cobrança de cotas (cobrador, correio)	2.726\$50		
D - Recorte	690\$00		
E - Assinatura de Revistas	56\$00	11.299\$70	
<u>RECEITAS ORDINÁRIAS</u>			
A - Secretaria e Sede (juros do depósito B.B.I.) .	63\$60		
C - Cobrança de cotas	10.060\$00	10.123\$60	
POSIÇÃO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1967			
		11.299\$70	
		<u>10.123\$60</u>	
		1.176\$10	
SALDO DE 1966		<u>13.827\$50</u>	
SALDO DE 1967		12.651\$40	
Este saldo está em 31 de Dezembro de 1967			
em depósito	10.267\$90		
em numeração	2.383\$50		

2.5. MRAR – Crise, reformulação e ocaso [1965-69]

Doc. 2.5.1.

SANCHEZ, S. Formosinho, [Carta a Erich Corsépius], Lisboa, (22.abr.1966)



Aos sócios efectivos do MRAR

Queridos amigos

O meu pedido de demissão de Presidente da Direcção não tem o significado de um afastamento por caturrice ou por simples vontade de me alhear dos problemas do MRAR.

Baseia-se numa meditação sobre a actualidade do MRAR e na forma como entendo essa actualidade - bem diversa da sua presente estrutura.

- 1 - Quanto à actualidade do MRAR, volvida uma dúzia de anos desde a sua criação, as responsabilidades criadas por uma actuação vibrante e combativa não se podem representar hoje por meios bem diversos - falta de periodicidade em reuniões; ausência de Boletim (que, apesar de tudo, era um significado vivo); incertezas e discordâncias nas decisões a tomar quanto ao desenvolvimento dos temas sugeridos, um pouco dispersamente, pelo Conselho Directivo; insuficiência da acção directiva por inexistência de um plano de actividades previamente elaborado e respeitado.

Em resumo: as responsabilidades criadas implicam uma acção dinamizadora e não passiva ou rotineira, que faça recair sobre o MRAR a sua importância como serviço da Igreja.

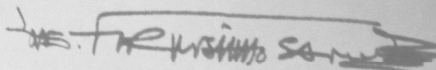
- 2 - Quanto à forma de uma actualidade saliento a necessidade de uma ampla abertura do MRAR que o afaste da estrutura "circulo fechado" e o transforme num circulo transbordante de fraternidade e de aproximação. Se daqui resultarem pontos de vista diversos, só a Igreja poderá fortalecer-se. Os caminhos não são únicos desde que convergentes na modéstia do nosso comportamento temporal.

Fica assim bem claro que o meu afastamento de Presidente tem por objectivo principal fazer alertar os responsáveis do MRAR pela:

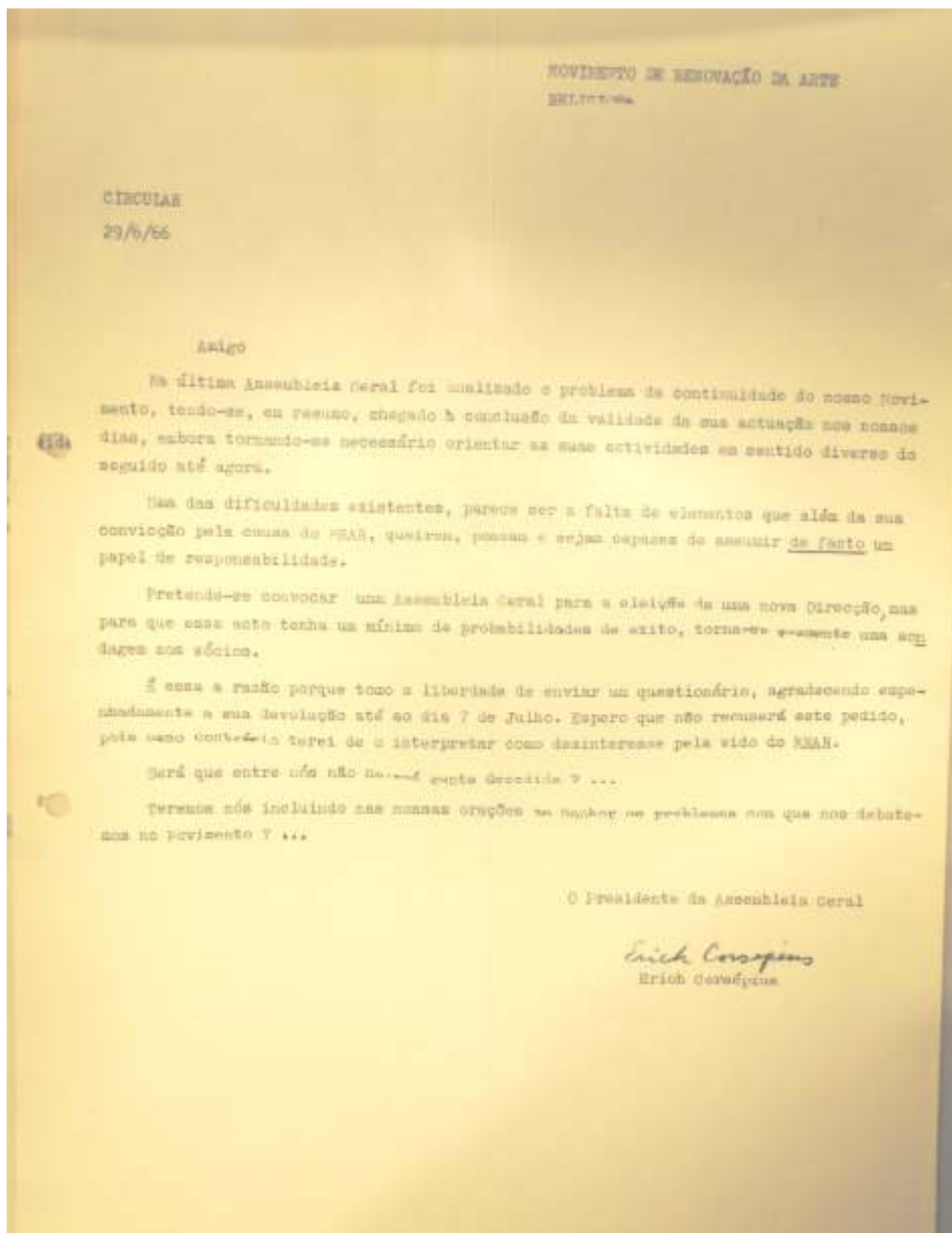
- importância da desactualização da nossa estrutura;
- necessidade de uma intensa vitalidade numa acção que responda ao nosso tempo e às responsabilidades criadas.

Neste momento, peço-vos apenas uma meditação profunda, pois que eu próprio posso não estar a ver claramente o problema.

Lisboa, 17 de Maio de 1966



(Arqº S. Formosinho Sanchez)



CONSULTA PRÉVIA AOS MÓTIOS EFECTIVOS:

- Nome: *Albino Francisco Cleto*

- O MRAR poderá contar consigo ? *Toda*

- Qual é a contribuição pessoal que poderá dar ? *Além da sua intervenção como sócio, poderá dar caso seja necessário, por alguma frequência de aulas, quando ela se seguir em algumas das iniciativas do Movimento.*

- Aceitará um cargo de direcção, se for eleito ? *Sim*

- Qual a razão ? *A ocupação que eu tenho, actualmente, a ausência de outras responsabilidades, não me deixando disponível em muitas ocasiões (das actividades do MRAR).*

- Qual a direcção que propõe para o momento presente ?

Presidente :
Secretário :
Tesoureiro :

- Assinatura : *Albino Francisco Cleto*

CONSULTA PRÉVIA AOS MÓTIOS EFECTIVOS:

- Nome: ..ANTONIO FLORES RIBEIRO.....

- O MRAR poderá contar consigo ?SIM.....

- Qual é a contribuição pessoal que poderá dar ? ..PAGAR AS COTAS...
..TR. ÀS REUNIÕES..... PODER DAR AJUDA ACADÉMICA
..EM GRUPOS DE ESTUDO QU. TRABALHOS.....

- Aceitará um cargo de direcção, se for eleito ? ...NÃO.....

- Qual a razão ?

- Qual a direcção que propõe para o momento presente ?

Presidente : ARQ. NUNO TEOTÓNIO PEREIRA
Secretário : ARQ. DIOGO PIMENTEL
Tesoureiro : ELISABETH ÉVORA NUNES

- Assinatura :*António Flores Ribeiro*.....

CONSULTA PRÉVIA AOS SÓCIOS EFECTIVOS:

- Nome: ANTONIO DE FREITAS LEAL

- O MRAR poderá contar consigo ?SIM.....

- Qual é a contribuição pessoal que poderá dar ?Aquela que for necessária.....

- Aceitará um cargo da direcção, se for eleito ?SIM.....

- Qual a razão ?

- Qual a direcção que propõe para o momento presente ?

Presidente :
Secretário :
Tesoureiro :

- Assinatura :António de Freitas Leal.....

CONSULTA PRÉVIA AOS SÓCIOS EFECTIVOS:

- Nome:DIOGO LINO PIMENTEL.....

- O MRAR poderá contar consigo ?SIM.....

- Qual é a contribuição pessoal que poderá dar ? A que sempre
tenho dado.....

.....

- Aceitará um cargo da direcção, se fôr eleito ? NÃO DEVO!.....

.....

- Qual a razão ? Como responsável no Acaturado das
Novas Escolas, não devo aparecer como responsável
também no MRAR:.....

- Qual a direcção que propõe para o momento presente ?

Presidente : Vuno Portas
Secretário : Concepius
Tesoureiro : Flores
Vogal : P. J. Almeida
 : H. Cabral

- Assinatura :Diogo Lino Pimentel.....

CONSULTA PRÉVIA AOS MÓDULOS EXISTENTES:

- Nome: *E. C.*

1/- O MRAR poderá contar consigo ? *Sim*

2/- Qual é a contribuição pessoal que poderá dar ? *Indef. pessoal*

..... *sim*

.....

3/- Aceitará um cargo da direcção, se for eleito ? *(não sabe)*

..... *por (qualquer)*

4/- Qual a razão ?

.....

.....

5/- Qual a direcção que propõe para o momento presente ?

Presidente : *[assinatura]* *[assinatura]* *[assinatura]* *[assinatura]*

Secretário : *[assinatura]* *[assinatura]* *[assinatura]* *[assinatura]*

Tesoureiro : *[assinatura]* *[assinatura]* *[assinatura]* *[assinatura]*

- Assinatura :

- Nome: FRANCISCO MANUEL FIGUEIRA

- O MHRAR poderá contar consigo ?

- Qual é a contribuição pessoal que poderá dar ?

- Aceitará um cargo de direcção, se fôr eleito ?

- Qual a razão ?

- Qual a direcção que propõe para o momento presente ?

Presidente :

Secretário :

Tesoureiro :

- Assinatura : Francisco Manuel Figueira

É-me completamente impossível qualquer esforço no sentido de mudar este estado de coisas, pelo que a minha contribuição continuará a resumir-se ao pagamento da conta.

Intercomis ista sitranda ad MARR?

QUESTITA PRÉVIA AOS SÓCIOS EFECTIVOS:

- Nome: HENRIQUE DE NORONHA GALVÃO

- O MRAR poderá contar consigo? ..SIM..QUE..TADE..SE..EU..ESTIVER..RESPONVEL

- Qual é a contribuição pessoal que poderá dar? ESTIMANDO VARIAS COISAS
DE..TECHNICA..COM..IMPORTANCIA..PARA..A..ARTE..SACRA

- Aceitará um cargo da direcção, se fôr eleito? ..NÃO

- Qual o razão? FALTA DE PREPARAÇÃO E DISPONIBILIDADE

- Qual a direcção que propõe para o momento presente?

Presidente: M. FERNANDES LUNDO RANCHES sobre os pontos que
 Secretário: alguem com estudos e sentido da realidade
 Tesoureiro: alguem com estudos e sentido da realidade

- Assinatura: H. Galvão

CONSULTA PRÉVIA AOS SÓCIOS EFECTIVOS:

- Nome: MADALENA CABRAL

- O MRAR poderá contar consigo? Certamente

- Qual é a contribuição pessoal que poderá dar? Tenciono dedicar-me especialmente ao problema da parlamentarizacão

- Aceitará um cargo da direcção, se for eleito? Tenho pouca vontade de o aceitar, dada a escassez de tempo livre e de aptidões necessárias

- Qual a razão?

- Qual a direcção que propõe para o momento presente?

Presidente: É-me completamente impossível elaborar esta lista

Secretário:

Tesoureiro:

- Assinatura: Madalena Cabral

CONSULTA PRÉVIA AOS SÓCIOS EFECTIVOS:

- Nome: MARIA DO CARMO RIBEIRO DE MATOS.....

- O MRAR poderá contar consigo ? Não a partir Janeiro 1967.....

- Qual é a contribuição pessoal que poderá dar ? algumas tarefas
que... se... proporcionarem.....

- Aceitará um cargo da direcção, se for eleito ? Não.....

- Qual a razão ? Não estar em Portugal, e a consequente
contribuição pessoal na ausência.....

- Qual a direcção que propõe para o momento presente ?

Presidente : Vasco Portas - Nuno Teófilo Pereira
 Secretário : Humberto Costa Cabral ?
 Tesoureiro : António Flores Ribeiro ?

- Assinatura : M. do Carmo Ribeiro de Matos.....

CONSULTA PRÉVIA AOS SÓCIOS EFECTIVOS:

- Nome: *Maria José de Mendonça*

- O MRAR poderá contar consigo? *Sim, para a parte da responsabilidade*

- Qual é a contribuição pessoal que poderá dar?

.....

.....

- Aceitará um cargo da direcção, se for eleito? *Sim*

.....

- Qual o motivo? *Falta de tempo*

.....

- Qual a direcção que propõe para o momento presente?

Presidente: *É o meu voto ao*

Secretário: *Senhor António Pereira*

Tesoureiro: *Maria José de Mendonça*

- Assinatura: *Maria José de Mendonça*

COMPILADA PRÉVIA AOS RÓGIOS EFECTIVOS:

- Nome: Maria Luísa Marinho Leite PORTO

- O MRAR poderá contar consigo? Sim, dentro das minhas possibilidades

- Qual é a contribuição pessoal que poderá dar? Uma contribuição de latária ao facto de viver no Porto. Por isso, a casa do Porto é especial. Tem de ser analisada e reflectida nos da capacidade deste inq[ue]rit

- Aceitará um cargo da direcção, se for eleito? Não, sou de longe, ajudante

- Qual a razão? Não ser a pessoa indicada para isso.

- Qual a direcção que propõe para o momento presente?

Presidente : não estou dentro do assunto

Secretário :

Tesoureiro :

- Assinatura : Luísa Leite

gostaria muito de ajudar o MRAR e
estaria disponível para isso, mas, aqui no
Porto, só em bases inteligentes e realistas,
e com colaboração suficiente.
O caso do Porto tem de ser muito pensado.

8

CONSULTA PRÉVIA AOS SÓCIOS EFECTIVOS:

- Nome: **NUNO PORTAS**

- O MRAR poderá contar consigo? **Podá**

- Qual é a contribuição pessoal que poderá dar? **Em trabalho activo...**
 ... **na direcção do MRAR em colaboração com a...** ...
 ... **de actividade com colaboração, entre actividades de actividade** ...
 ... **cultural**

- Aceitará um cargo de direcção, se for eleito? **Em primeiro lugar...**
 ... **com vista a regularizar as actividades do MRAR...** ...
 ... **de um concurso de eleição**

- Qual a razão? **Porque o Movimento quer...**
 ... **criar condições para levantar certos problemas de** ...
 ... **finanças**

- Qual a direcção que propõe para o momento presente?

Presidente : **talvez de outro**
 Secretário : **estes nomes** **P. Michael, M. Carmo Neto, António Nery,**
 Tesoureiro : **Luís Cunha, Américo Rodrigues,**
 **Diogo Almeida, Rafaela Infante**

- Assinatura :

CONSULTA PRÉVIA AOS SÓCIOS EFECTIVOS:

- Nome: Nuno Teotónio Pereira
- O MRAR poderá contar consigo? De uma forma bastante limitada
- Qual é a contribuição pessoal que poderá dar? Atividade no âmbito da C. Diocesana e a colaboração em iniciativas espaciais
- Aceitará um cargo da direcção, se for eleito? Lamentavelmente não
- Qual a razão? Falta de disponibilidade na Companhia Portuguesa, que me prende todo o tempo por obrigações profissionais
- Qual a direcção que propõe para o momento presente?

Presidente: Proposto um Secretariado executivo
 Secretário: de natureza provisória, formado pelo Pres-
 tesoureiro: idente da A. Geral e pelos 2 membros da
Direcção actual (A.F. Leal e M.C. Matos)

- Assinatura: N. Teotónio

Para a efectivação prevista de conseguir um Direcção que conspiciu as necessidades do momento, a nomeação de um secretariado provisório poderá:

- a/- manter o serviço de secretaria e administração;
- b/- procurar meios para a recepção p/ o MRAR.

A nomeação será temporária (durada 2 anos), no fim deste período, a A. Geral deliberará sobre o futuro do MRAR.

NT^o 13/7/66

CONSULTA PRÉVIA AOS SÓCIOS EFECTIVOS:

- Nome: Sebastião Formosinho Sanchez

- O MRAR poderá contar consigo? PODE

- Qual é a contribuição pessoal que poderá dar? A... para a obra...
mensal... 10x... V. d. V. d.

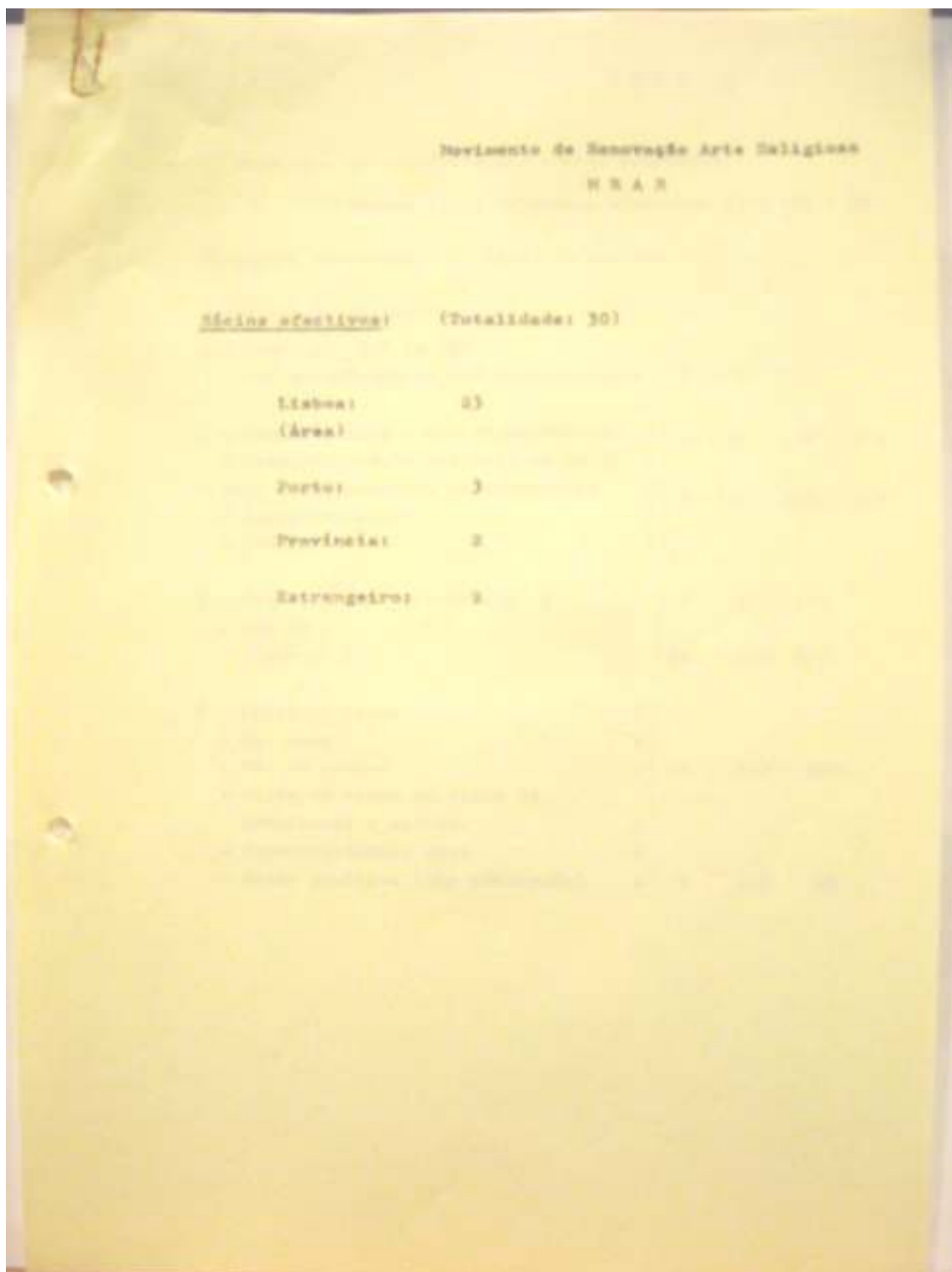
- Aceitará um cargo da direcção, se for eleito? NÃO

- Qual a razão? /

- Qual a direcção que propõe para o momento presente?

Presidente: Nuno Pereira
Secretário: ERICH COESSEPIUS
Tesoureiro: FLORES

- Assinatura: Sebastião Formosinho Sanchez



MRAR

Resultado do inquérito aos sócios efectivos:

Número total de sócios efectivos 23 + (7) = 30

Respostas recebidas: 15 (50%) ou Lx. 63%

Respostas às perguntas:

1 - Sim: 11 (37% ou 73%)

Com ~~limitação~~ ou até negativamente 4 (27%)

2 - Concretamente e com objectividade	6	} 10 (+) 67% 2/3
- Disponibilidade habitual ou relat.	4	
- Vaga e evasivamente ou c/reservas	2	} 5 (-) 33% 1/3
- Impossibilidade	2	
- Nenhuma	1	

3 - Sim 1, Sim c/reservas 2	} 3 (+) 16%
- Não 11	
- Ilegível 1	} 12 (-) 84%

4 - Falta de tempo	3	} 14 (-) 94%
- Não deve	1	
- Não dá razões	4	
- Falta de tempo ou falta de preparação e aptidão	4	
- Impossibilidade real	2	
- Razão positiva (não aceitação)	1	} 1 (+) 6%

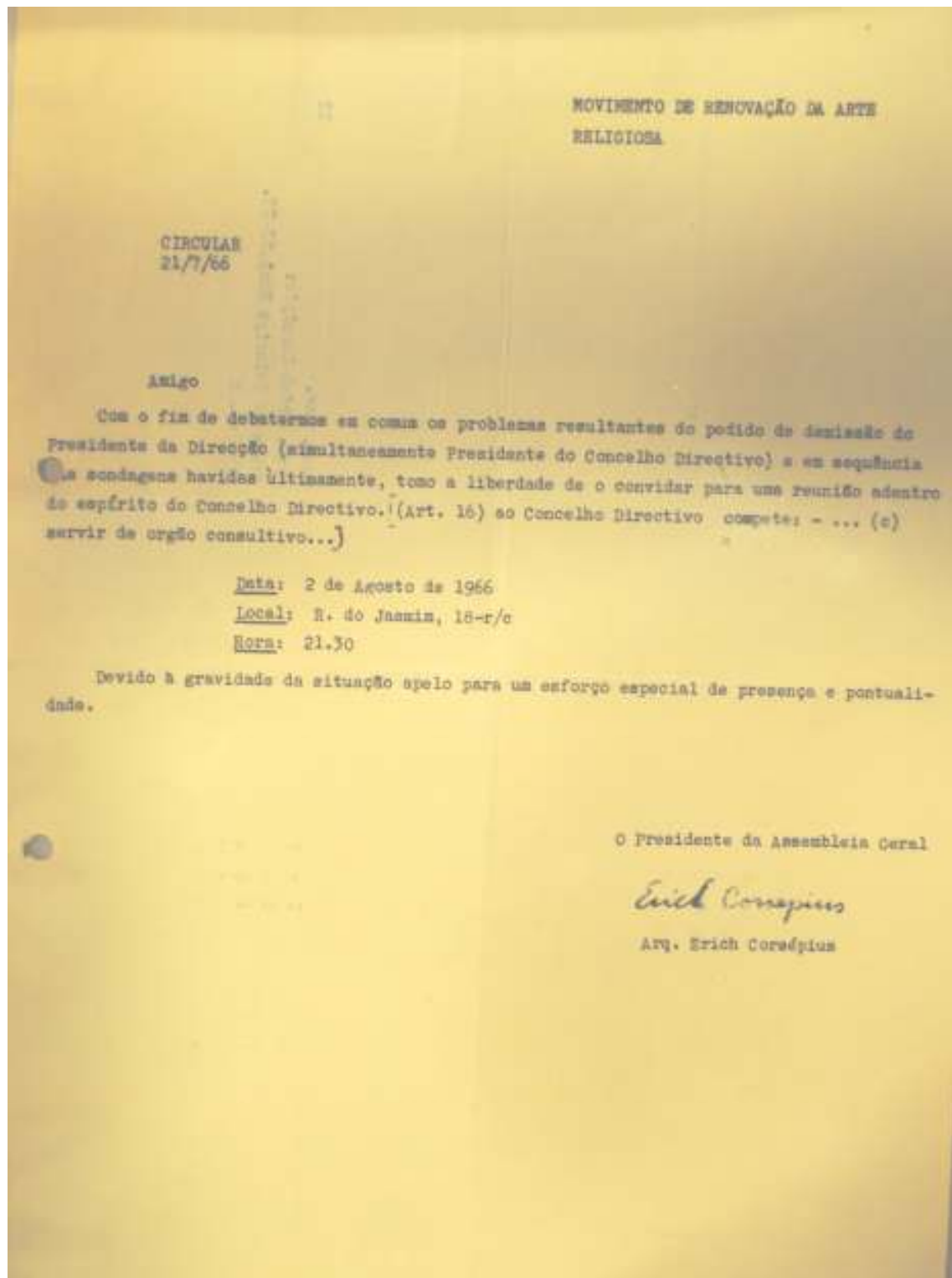
Propostas para a Direcção:

N.P.	(2)	N.P.	S.F.S.
E.C.		P. Mic.	
A.F.R.		A.F.R.	
V { P.J.R.		V { P.J.A.	
Mad. C.		Mad. Cab.	
		ou	
		D.L.P.	
N.P. ou N.T.P.		N.T.P.	A.F.L.
Mad. C.		D.L.P.	N.T.P.
A.F.R.		E.E.N.	M.C. Mattos.

Secretariado:

Pres. A.G.
A.F.L.
M.C. Mattos

8 (7 hipóteses) (53%) das respostas
+ 1 s/nomes sô



[Proposta: Nuno Portas] **MRAR**
reunião prévia 4.10.66

1. Convocação aos Pres: Avelino Rodrigues
Diogo Pinheiro -
Eduardo Nery -
Fernando Micatel
João de Almeida
Maria do Carmo Matos (ausente) -
Nuno Portas -

Leonor Marinho
Manuel Vicente
H. Costa Cabral
Nora Galvão

2. Objectivo do encontro: avaliar das possibilidades de gerência do MRAR pelo sistema de direcção colegial, e sobre um programa e temática pré-definida. Aspectos:

2.1-TIPOS DE ACTIVIDADE

- 1 ROTINA DE REUNIÕES (MENSAL): mesa-redonda, palestra, etc.
- 1 BOLETIM PROCEJO VERBAL DAS REUNIÕES E ORÇÃO DE ALERTA
- 1 ENCONTRO MONOGRAFICO

2.2-TEMAS-BASE DE TRABALHO (preparado por responsáveis da direcção e pelo grupo de trabalho sugerido).

- Julho e Dezembro H.T. disponibilidade e concordo.

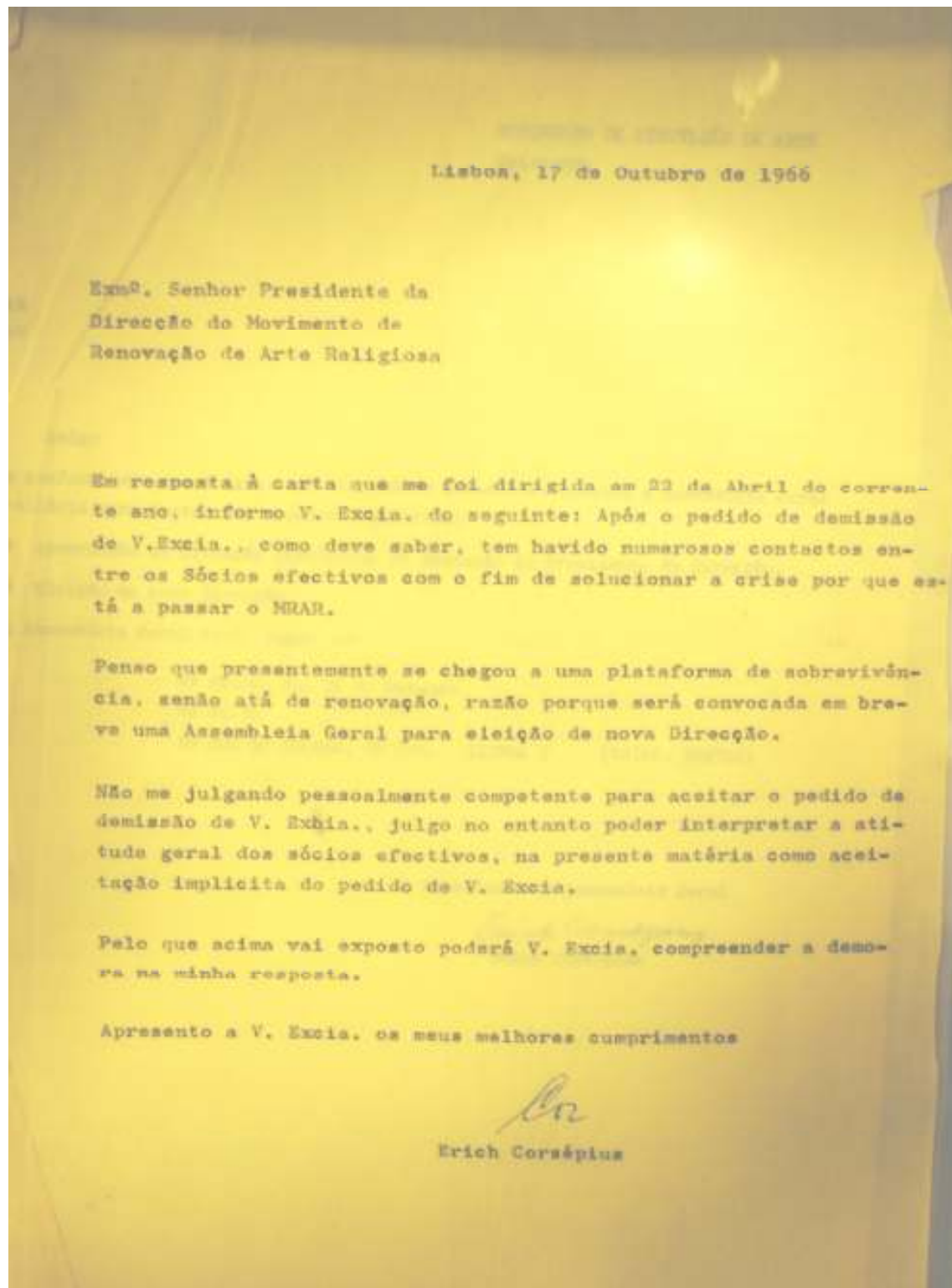
- 1. CIDADE-TEMPO LIVRES-VIDA RELIGIOSA E CULTURAL: exposições + debates de História + Inquérito sociológico, votações (?) apresentações de experiências de planeamento comunitário.
- 2. RENOVACÃO CULTURAL E CONCILIAÇÃO/RENOVACÃO DA IGREJA: definições e discussão de programas-tipo para H.T. mesa-redonda sobre restauro activo; encontros a seguir a apresentação de experiências e projectos artísticos. Todo o domínio da expressão estética da igreja, para além do templo.
- 3. REFLEXÃO S/O LUMO DAS ARTES PLÁSTICAS EM ORDEM A VIABILIDADE DE NOVA ICONOGRAFIA PARA O ESPAÇO DA IGREJA: exposições sobre as manifestações mais recentes; exposição de conceitos de símbolos, sinais, linguagem, comunicação; discussão das necessidades iconográficas e simbólicas; espaço arquitectónico e presença de linguagem.

Nota sobre o espírito deste trabalho:

- abertura económica - não se ignorar a realidade
- abertura ao público do homem, da comunidade
- juntar especialistas e representantes do grupo
- promover troca de experiências e estudos de outros países.

2.3- INFRA-ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO: programação inicial, especialização e expansão por grupo de 2, 3 directores; rede de reuniões de controle e avaliação.

a) assegurar regularidade boletim
b) proporcionar a realização material das sessões
c) controlar a vida financeira
d) assegurar o funcionamento.



MOVIMENTO RENOVAÇÃO DA
ARTE RELIGIOSA

CIRCULAR
9.Nov.66

Amigo

O texto que junto enviamos, é um "MANIFESTO". Aqui mesmo, anunciamos também uma reunião de mesa redonda e debate, na qual desejaríamos encontrar todos os que, ao longo de 13 anos de MRAR, por ele se interessaram, para ele trabalharam, dele receberam alguma coisa, lhe reconheceram algum mérito e razão de ser. Dessa presença, que desejaríamos activa, crítica, polémica, criadora, verdadeiramente fecunda, esperamos que resultem orientações para o estabelecimento de um programa de actividades que respondam eficazmente às solicitações do nosso tempo e do nosso meio.

Cremos que certo cansaço, que todos sentimos, e que terá levado alguns a desistirem, a afastarem-se, a desinteressarem-se, poderá tornar-se no incentivo para repensarmos e redescobirmos a actualidade do MRAR.

Dai o nosso insistente convite para a reunião que anunciamos e para a qual o texto aqui junto será uma introdução.

A DIRECÇÃO DO M.R.A.R.

MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO DA ARTE RELIGIOSA

PROGRAMA DE TRABALHO 1966/68

Amigos:

Solicitados, possivelmente como muitos de vós, a preocupar-nos e a reflectir sobre o actual momento do Movimento de Renovação da Arte Religiosa, dispusemo-nos a ver o problema desde a sua raiz pondo mesmo em questão o argumento de que deveríamos prosseguir para manter as "responsabilidades criadas pelo MRAR", citado pelo nosso presidente demissionário.

Sem dúvida que era esta a altura forçada pelos acontecimentos mas oportuna para termos a coragem de pensar a própria inutilidade de um prosseguimento, se verificássemos que a sua utilidade presente (o MRAR tem sido sempre de algum modo útil) não justificava já o penoso esforço da manutenção da estrutura do Movimento para as possibilidades concretas dos seus componentes, sobretudo para as daqueles que se têm até agora apresentado ao serviço.

1. Nesta época tão avessa a deixar vida ao que se torna rotina ou costume, ou se pretende auto-justificar pela pertinência da acção passada, só fazem sentido e mostram vitalidade aqueles movimentos de ideias que vão "à frente das coisas" preparando progressos em campos por abrir ou que apenas despertaram os primeiros apetites.

Demonstram-no bem as etapas combativas do MRAR, como movimento independente de discussão e estudo:

- quando pediu "verdade" para as formas das novas igrejas, em vez da híbrida cenografia que se pretendia "arte e estilo da Igreja".
- quando mostrou que a renovação em acto na vida da Igreja postulava e era indissociável da renovação das igrejas como Serviço e Criação artística.
- quando preparou liturgistas, arquitectos, artistas, para um diálogo do qual sairia a última leva dos novos Templos - de descoberta e Negrelos, se se quiser.
- quando, pela projecção publica da própria existência dos princípios e das pessoas que o conduzia, se ajudou a criar o clima (e também as técnicas) não só para construções mas, e ora já, para novas instituições com discussões de planeamento e organização pastoral.

litúrgica e de construção, hoje felizmente operantes.

2. Ora após ter "lançado" e "consumido" as suas duas primeiras batalhas - a da expressão moderna na arte de Igreja, e a do novo programa litúrgico e comunitário para as novas igrejas - e vendo já continuada a sua obra em algumas instituições já adaptadas para a execução no plano concreto, o Movimento sentir-se-ia naturalmente num impasse: continuar a luta paciente pela modernidade sobretudo nos meios mais carentes de informação e menos tocados pela ampla acção de consciencialização que se fizera já sentir nos 2 principais centros do país, ou limitar-se a exercer uma acção de trocas de impressões, de resto de nível excelente, sobre os novos projectos ou obras que se vão realizando. Este caminho, como todos sabemos, foi seguido no passado recente e, apesar dos bons resultados, acusaria um certo cansaço pela "continuação" que não podia já recolher aquele empenho entusiástico que apenas se pôe numa luta que se creia criadora e vital para a nossa própria actuação, para a nossa própria formação.

"Luta criadora": ou temos ainda lugar para ela ou não valeria a pena "continuar". Este o ponto de partida.

3. Nesta fase de reflexão ficou claro para nós que o problema não era o de activar ou criar mais e novas actividades mas, antes disso, o de pôr sobre a mesa novos temas, se é que eles existem com força para valermos esse nome - sejam apenas rejuvenescidos pela visão mais clara que deles temos agora - sejam efectivamente novos, porque impostos pela circunstância portuguesa ou geral, nos seus dinamismos relativos.

Mas o fruto que desejamos do trabalho sobre uma nova temática, exigia ainda uma condição mais: a de saber se a estrutura e ambiente do MRAR eram adaptados ao trabalho a fazer (ou se, pelo contrário, novos organismos mais equipados ou especializados porventura existentes o poderiam cumprir melhor, nas presentes condições).

Ainda aqui a evidência da tradição do MRAR quanto ao acolhimento da diversidade profissional e abertura ideológica, como da liberdade de crítica e expressão de ideias pessoais, nos encorajaram. Perguntámo-nos:

- de que outra mesa dispomos hoje, assim livre de amarras sectoriais, capaz de reunir, habitualmente, os mais diversos especialistas - projectistas de edifícios, desenhadores de objectos, artistas, litúrgicos ou peritos em pastoral, historiadores ou sociólogos e ainda os directores atentos ou simples interessados - mesa cujo passado mostra o predomínio ora de uns grupos ora de outros, mas com um elevado índice

de inter-comunicação e de influências recíprocas ? (Diversidade que pode hoje, de resto, ser alargada ao âmbito inter-confessional).

Esta "base" ou assembleia, relativamente activa, (estamos em Portugal, amigos) foi talvez algo frustrada pela aliás incerta rotina de algumas reuniões mas não concordará que se dê agora por acabado um interesse nada diletante tantas vezes demonstrado, e ainda menos, que se dê por terminada ou vencida a luta de anos por melhor serviço e mais autenticidade nos ambientes criados para a vida interior e comunitária do homem de hoje. Ora para esta luta, não se disporá no MRAR de condições para um "centro de investigação" ou de "projectos"; mas dispõe-se, isso sim!, de uma mesa para trocas das preocupações ou ideias trazidas de outros lugares que, por mais de uma vez, se demonstrou criadora não só no campo das orientações a tomar, senão mesmo no das próprias formas, por certos fenómenos de criação estética de grupo, exercida ao "programar" e ao "criticar".

4. Entretanto, um inquérito sumário aos problemas mais graves com que agora deparamos, no ano XIII do MRAR, mostrou que, alguns se impunham, quer pelo alcance futuro, quer pela acuidade com que são pedidas orientações de trabalho para a actual fase de confusão que toca os próprios técnicos.

4.1 - Quase se poderá dizer que o nosso ponto de partida é a tomada de consciência dos problemas de uma sociedade urbana e de massa - e das repercussões que esta traz para a vida quotidiana dos homens, logo, para o espaço e o tempo da sua vida pessoal e de grupo, e, em termos de sinais, para o seu consumo da palavra ou da produção de arte - este o tema matriz que a todos, apesar das nossas formações tão diferentes, nos preocupa. A reflexão sobre este tema é urgente e terá que ser antecipada quanto possível porque as transformações sociais e urbanas se operam por forma tão vasta, condicionando a vida cultural e religiosa das populações, que só antevisão de moldes de vida e a procura de modelos e orientações originais e de fundo, poderão ter probabilidades de êxito.

Deste mesmo tema dominante, ressaltam desde já problemas ligados mais directamente ao urbanismo, por um lado, mas, por outro, problemas comuns a todas as artes visuais. Assim teremos:

A - Observação da passagem de uma Sociedade tradicional para o processo de urbanização.

A sociedade urbana no início dos tempos livres que exigem serviços e equipamentos adequados; consequências para a vida cultural e religiosa; constatação das potencialidades libertadoras da vida urbana, assim como das consequências alienatórias

da desordem urbana; discussão sobre as estruturas comunitárias e actualidade da paróquia; orientações para um planeamento pastoral e dos serviços culturais e culturais.

- B - Estudo da crise generalizada da criação de imagens na sociedade de massa. Consequências da alteração do condicionalismo, com os novos meios de comunicação visual, para as artes plásticas e o estatuto social do artista; a "integração" das artes plásticas no novo conceito do espaço arquitectónico e urbanístico; reflexão sobre a viabilidade de novas iconografias em geral e para ambientes de igreja em particular.

Alargando-nos do templo à cidade, como também do quadro às formas de comunicação de massa, não fazemos mais, afinal, do que reflectir o movimento das ideias e da crítica das artes da visão nos últimos anos, ainda que bem pouco debatidos entre nós.

4.2 - Outro vector do que cremos importa conhecer para actuar, é provocado pela nossa própria participação no "aggiornamento" apostólico. Após um esforço apreciável desenvolvido pelo MRAR em Portugal nos últimos anos (e prestigiado no estrangeiro), para repensar as igrejas como organismos litúrgicos ou comunitários, parece ser altura para fazer o ponto sobre as ideias e critérios dessa renovação e a sua aplicação na prática. Em dois campos:

A - Reformular e discutir as bases de programa e a "maneira-de-pensar-a-igreja-nova", para novas situações urbanas e a partir da definição destas, analisando-as criticamente através de projectos recentes informados por aquelas ideias.

- B - Definir uma orientação rigorosa quanto à re-adaptação litúrgica e cultural, como edifícios arquitectónicos ou como elementos urbanísticos, das numerosas igrejas e sítios do nosso património histórico e que devem ser mantidos no seu serviço originário (cultural e social).

A importância dos trabalhos de reconstrução e adaptação em curso ou programados, a força das resistências que se levantam contra essas intervenções de renovação, fazem-nos considerar este problema - de resto interessando ao restauro e revitalização de muitos outros tipos de edifícios que não apenas os do culto - como um campo urgente de intervenção do MRAR, -este imediatamente construtivo e actual.

5. Mas há ainda mais uma razão para esta preferência de temas para o nosso trabalho: é que, tanto quanto sabemos, são também pontos vivos de dúvida e de busca para muito mais gente que a do reduzido grupo de cristãos ou técnicos interessados na construção de igrejas que o MRAR tem reunido. De facto, procuraremos que a acção desenvolvida, embora necessariamente dirigida a informar o objectivo específico do Movimento, seja útil para além desse objectivo e desse grupo, contribuindo-se assim para um debate sobre o ambiente em que vivemos e as possibilidades de intervenção creativa que nele se nos oferecem. Assim, procurar entender as coordenadas cada vez mais complexas da vida urbana-hoje, não ajudará apenas a rever a pastoral e melhor localizar as suas instalações, mas também a impostar uma política de serviços para os tempos livres crescentes, de equipamentos sociais e culturais, adaptados à mobilidade actual das populações e às suas preferências. Assim, também o tomar consciência do consumo e desgaste das mensagens visuais numa sociedade de massa, que porventura motiva "o experimentalismo das artes das últimas décadas", não nos dará apenas que pensar acerca da viabilidade de criar uma iconografia religiosa e mesmo sacra - tentativa ainda possível no período pioneiro de um Rouault, uma Richier, um Matisse, um Chagall ou ainda um Manessier - mas permite juntarmo-nos a críticos ou estudiosos da comunicação estética de valores, que igualmente se interrogam sobre os signos, os símbolos, as imagens visuais e os objectos para os homens de agora - senão mesmo sobre a dificuldade, com esta ligada e mais funda, de as próprias sociedades saberem criar imagens de si próprias.

Assim também - e já o apontámos acima - com a discussão e o lançamento de critérios operantes para o restauro, a readaptação, a revitalização ou a reconversão de edifícios históricos - como quer que se deseje chamar-lhe - tem imediata acuidade nas igrejas, cujo ambiente e arrumação provoca maiores ou menores "resistências" culturais e funcionais nas comunidades que os utilizam, neste tempo post-conciliar - mas é evidente que os problemas de orientação, o método de intervenção, serão provavelmente os mesmos que interessam a conservadores de museus que sabem da necessidade de introduzir também em antigos edifícios novos critérios museográficos; como a projectistas que refazem edifícios em ruína ou ainda a técnicos encarregados de "conservação" dos sítios e edifícios de um património abundante que se deseja manter com vida e ao serviço das gerações futuras.

Com este programa ambicioso o Movimento alargar o círculo das contribuições, beneficiando com a vinda de pessoas de formações e valores diferentes, a troco, se o podemos dizer, do serviço que presta ao pôr esses problemas sobre uma mesa pública, abertamente, alguns talvez pela primeira vez no nosso meio. E estará de resto, também aberto a tratar

outros temas que no decorrer dos debates sejam postos pelos participantes e se reconheçam de interesse geral. Por este mesmo motivo, abriremos as sessões do nosso programa com o debate desse mesmo programa - o qual será distribuído aos sócios, acto contínuo, com o respectivo calendário.

6. Ao referir sobretudo estes temas dominantes não quereríamos que se pensasse em pôr de parte outros tipos de acção de finalidade informativa e formativa, como exposições de obras e equipamentos modernos realizadas em Portugal, cujo fomento continua a ser uma das principais missões do MRAR.

7. Igualmente, não poderemos desistir de pugnar pela efectivação e patrocinar os concursos públicos de projectos, abertos em condições aceitáveis, pois, até ao presente, o seu balanço artístico não pode deixar de ser considerado positivo e de os considerar imprescindíveis. E se tal projecto viu frustrada a sua realização não deixam de ser relevantes as indicações de capacidades de artistas para outros locais ou oportunidades. Razões pelas quais pensamos poder colaborar em novos concursos mais cuidadosamente definidos e preparados.

8. As limitações do nosso meio e as que estão no meio do próprio Grupo que se propõe animar este período de trabalho estão bem presentes entre nós para que não tenhamos ambições excessivas.

Mas para procurar condições de maior persistência, o grupo responsável pela animação deste programa é mais vasto que uma normal direcção, colegial e não hierarquizada, no sentido de que a cada componente caberá a vez para prestar todos os tipos de serviço e autonomia para os orientar com a colaboração que sollicitará de outros especialistas ou amigos do Movimento interessados no tema em causa.

E é a altura para pômos sobre a mesa, juntamente com estes projectos que não podem cumprir-se apenas conosco, um apelo: Se as pessoas interessadas no papel do MRAR reconhecem que este período de actividade é vital para o Movimento redescobrir uma função cultural mais profunda e de acordo com o evoluir do tempo e as contribuições das gerações mais novas (com as quais terá, porventura, perdido o contacto) só nos resta convidá-las a que participem com presença e, sobretudo, com contribuições pessoais, de toda a natureza. Efectivamente estes temas não serão abordados como lições ou com orientações previamente definidas, mas antes lançadas em "mesas redondas" com a finalidade de provocarem debates entre especialistas diversos ou pessoas que apenas vivem e utilizam a cidade, a igreja ou os objectos.

Procuraremos apelar para as técnicas possíveis de trabalho de grupos, afim de provocar as condições de participação directa do maior número nas próprias orientações ou esclarecimentos que devemos procurar com o trabalho do MRAR. Esta é a colaboração mais necessária ... a todos já que o que se propõe não será mais do que uma série de ocasiões para "estar atento".

De facto, o MRAR, não dispõe, como dissemos, de meios para assumir o papel de "centro de investigação" mas, como Movimento, pode provocar o encontro de pessoas empenhadas em diversos meios e extrair direcções novas com benefício geral.

9. Todas nós temos, ultimamente, sentido que o MRAR vinha perdendo o seu dinamismo inicial, o seu pioneirismo - por outras palavras, a sua capacidade inicial de formular objectivos, criar e exprimir ideias claras, polémicas, frutuosas - e se vinha enrolando num círculo fechado de pessoas, profissões e, sobretudo, de preocupações e de orientações. Será portanto a abertura que agora mais interessa. Por ela, mais gente e "outra gente" receberá o nosso apelo, chamada pela pertinência e actualidade do que se trabalha nas nossas sessões.

Novembro de 1966

O Grupo de Trabalho para 1966/8

NUNO PORTAS

JOÃO DE ALMEIDA

DIOGO PIMENTEL

FERNANDO MICAEL

M. CARMO MATOS

EDUARDO NERY

(Direcção)

AVELINO RODRIGUES

MOVIMENTO DE RENOVACÃO DA ARTE RELIGIOSA

C I R C U L A R

JANEIRO 1968

Amigos:

Após um largo lapso de tempo sem contacto com os associados, o actual grupo de trabalho julga necessário dar alguns esclarecimentos, agradecendo desde já a implícita prova de confiança apesar da irregularidade do nosso calendário de actividades.

1º - Desde o final do programa do 1º ciclo de reuniões o grupo de trabalho deixou de poder contar com dois dos elementos que mais influência haviam tido na sua formulação e na apresentação dos próprios temas. Referimo-nos ao Fernando Riquelme (estudando agora em Paris) e ao João de Almeida (trabalhando em Barcelona). Ainda que não houvesse obrigações de substituição, a divisão de tarefas num grupo de trabalho voluntário como este, levou-nos a pedir o concurso de alguns amigos de que destacamos Luis Vassalo Rosa, arquitecto e Filipe Mário Lopes, urbanista, esperando entretanto que alguns pintores escultores possam ajudar neste ano o trabalho do Eduardo Nery através da preparação colectiva de 2 sessões tendo em vista os problemas da produção de imagens e outros modos de participação na arquitectura religiosa.

Esta remodelação do grupo, além de novas dificuldades com a disponibilidade de pessoas, explica o restamento em Janeiro das nossas sessões públicas de trabalho.

2º - Neste primeiro período do ano lectivo e com subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian, a Direcção do MRAR delegando no Diogo Lino Pimentel, tem organizado um número monográfico sobre a construção de Igrejas em Portugal da mais importante revista especializada internacional - Chiesa & Quartiere -

Neste número a sair aproximadamente será dada ampla divulgação em Portugal, na medida em que se espera constituir o mais completo documentário até à data feito sobre o domínio da acção que interessa o MRAR, desde o seu início.

3º - O PLANO DE SESSÕES MENSUAIS para 1968 (Janeiro a Junho) será preenchido, em princípio e independentemente de alterações que se nos imponham pelos temas seguintes:

- 1º - Estudo comparado de projectos de Igrejas urbanas recentes.
- 2º e 3º - Estudo de critérios e formas de intervenção em igrejas antigas para actualização litúrgica e ambiental.
(análise de experiências em Lisboa e Porto)
- 4º e 5º - Produção de imagens e outros modos de participação do artista plástico na arquitectura religiosa.
(análise da evolução em Portugal e de experiências actuais)
- 6º - Equipamento religioso para as populações marginais (o processo para a criação de espaços para a vida religiosa em bairros de lata, clandestinos, etc.)
- Outros temas de oportunidade estão em estudo: templos para pastoral de férias, templos ecuménicos, conceitos de sistema e estrutura urbanas e estudos de semiologia aplicados à arquitectura-urbanística, etc.

4º - REUNIÃO DE JANEIRO

Tema: ESTUDO DE PROJECTOS DE IGREJAS URBANAS RECENTES (II)

Objectivo: Na sequência da última reunião de Abril, estudar problemas inserção urbana, organização funcional e espacial em 4 projectos elaborados posteriormente reveladores de certas afinidades temáticas.

Forma: Projectões comentadas pelos autores, discussão livre e conclusão por N. Portas.

Projectos a apresentar:

- a) Braga - José Maya Santos
- b) I. S. Sebastião da Pedreira - N. Teotónio Pereira e N. Portas
- c) S. António de Cavaleiros (II) - Diogo Lino Pimentel
- d) Sé de Bragança (II) - F. Figueira, L.V. Rosa, A. Alfredo.

Data: 26 de Janeiro de 1967 (6ª feira)

Hora: 21.30 - prefixas

Local: SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES
Rua Barata Salgueiros - LISBOA

A DIRECTÃO DO N.E.A.R.

MOVIMENTO DE RENOVACÃO DA ARTE RELIGIOSA

CIRCULAR 6/AGOSTO/69

Amigo

Mais um prolongado silêncio do MRAR.

Depois de um ano de animadas reuniões e debates sobre problemas de verdadeira actualidade, registados e resumidos nos cadernos - boletim que nesta mesma data lhe são enviados, dois anos se passaram sem que nada se passasse a nível do movimento. A outros níveis, no âmbito da igreja portuguesa, e muito especialmente no âmbito do Patriarcado de Lisboa, muitas coisas graves aconteceram durante o mesmo período de tempo. Coisas que são do conhecimento público - crises, casos, diálogos falhados, reformas desejadas, baixo-assinados etc.

Os habituais motivos de falta de disponibilidade de tempo e pessoas, invocados como causa dos silêncios do MRAR, são desta vez acrescidos por certa inibição do grupo responsável do MRAR para mobilizar esforços e interesses por problemas de igrejas (que são os nossos) secundários em relação aos problemas de fundo acima referidos e que nessa época preocuparam e monopolizaram o interesse geral.

É tempo agora de falar claro.

O grupo responsável reconhece a sua inactividade e por ela pede desculpa, independentemente das justificações invocáveis.

Neste momento, o mesmo grupo propõe que o MRAR seja "congelado" até surgir nova oportunidade de o devolver à "vida". Não se propõe a sua extinção mas apenas a suspensão temporária das suas actividades e, logicamente, da cobrança de cotas.

Desse modo, a todo o tempo o MRAR é uma constituição retomável, se isso for tido por útil para a vida da igreja.

Tal decisão, deverá no entanto ser tomada em comum, por todos que durante anos foram o movimento. Dado o próximo período de férias, julgamos de propor uma reunião geral para o próximo mês de Outubro, que será convocada com a necessária antecedência.

Até lá haverá tempo para pessoas ou grupos pensarem e se prepararem, se assim o decidirem para intervir em tal reunião com propostas concretas de apoio ou requisição da ideia aqui proposta.

O grupo responsável

Diogo Pimentel

Nuno Portas

Pe. Avelino Rodrigues

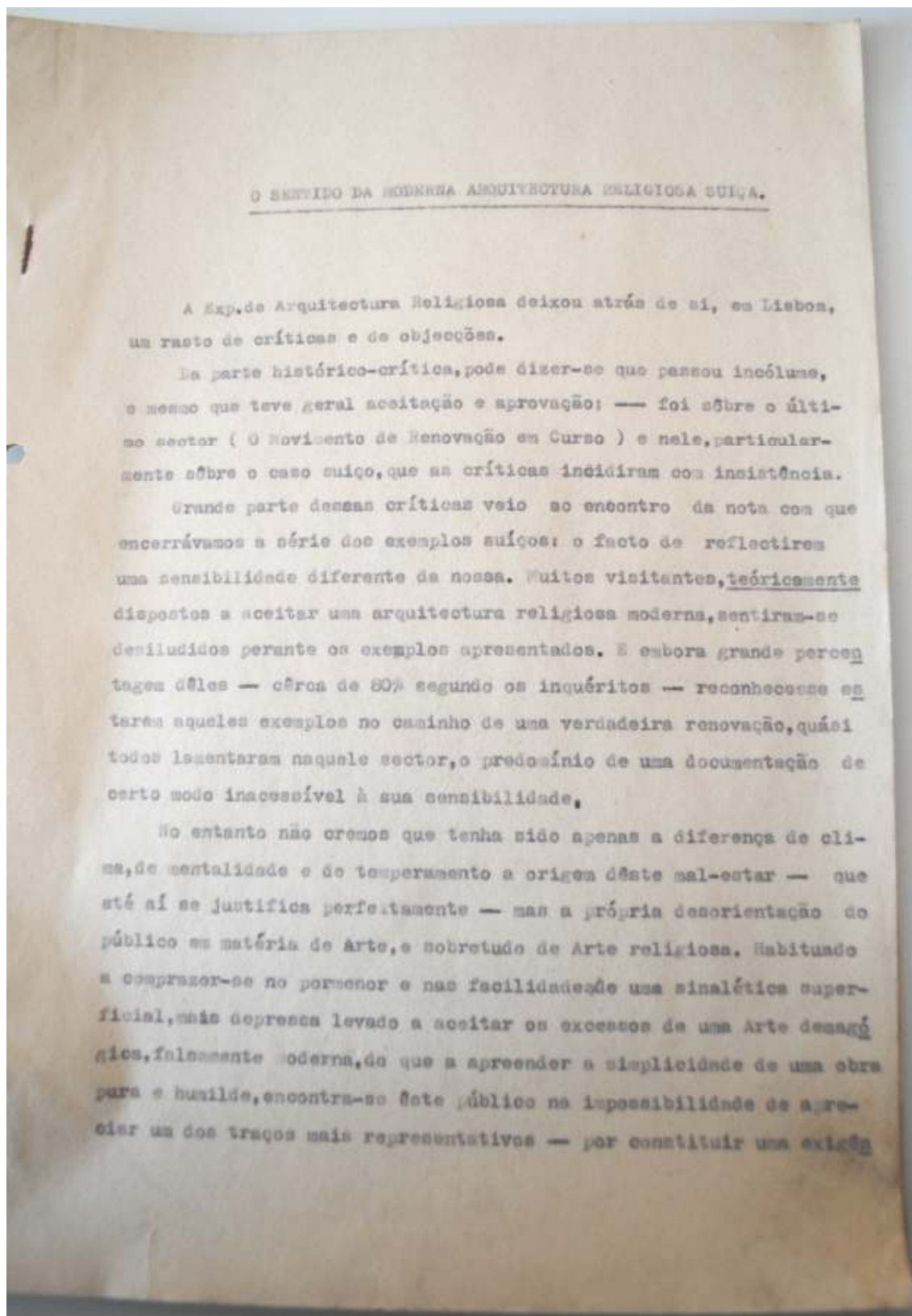
Maria do Carmo Matos

2.6. Textos inéditos de sócios

Doc. 2.6.1

ALMEIDA, João de Almeida, *O sentido da moderna arquitectura Suíça*, (1953).

[Documento datilografado acessível no Espólio MRAR, Fundação Calouste Gulbenkian]



cia — da verdadeira Arte Moderna : o gosto do essencial, a ausência do supérfluo, o desnudamento das formas. Foi isto que verificámos na exposição, em contacto directo com o público, diante de alguns dos casos que melhor ilustram aquela exigência.

Projeção Nº.1

Por exemplo, diante do baptistério da igreja Suíça que estamos a ver.

Esta pia baptismal é de uma extrema simplicidade, inteiramente desprovida de ornamentação.

Mas exactamente ela impõe-se por aquilo que constitui o essencial num objecto desta natureza:

- a elegancia do volume
- a pureza do traçado
- a tensão da linha de contorno.

Ora esta imagem deixou perplexa ou indiferente a maior parte dos visitantes.

O mesmo succedeu com grande parte das igrejas suíças expostas (insistentemente classificadas de barracões e armazéns), cuja concepção do espaço vem afinal ao encontro das realidades do nosso tempo, das novas exigências litúrgicas e técnicas, da situação da nossa cultura, e procura exprimir por meio de uma linguagem adaptada a este condicionamento histórico, o conteúdo humano e espiritual inerente à própria natureza do templo católico.

Pedimos licença para abrir aqui um parentese acerca de um dos aspectos deste condicionamento histórico: o que se refere à situação da cultura contemporânea.

Isto permitir-nos-há talvez compreender um pouco melhor as características essenciais da Arte Moderna, e, dentro dela, da nova Arquitectura Religiosa.

A época que atravessamos é, segundo tudo indica, o ponto de encontro de 2 ciclos da História.

Por um lado assistimos à decomposição de uma cultura, ao findar de um longo período de desintegração progressiva do homem e da sociedade, às derradeiras manifestações de um humanismo que se revelou deshumano por não ser conforme à nossa essência.

Por outro lado, de entre as próprias ruínas do nosso mundo hostil e brutal, começamos já a entrever o despojar de uma nova cultura e de um novo humanismo.

Ora, numa época como esta, em que tantas noções fundamentais estão em causa, exigindo revisão, somos obrigados a limitar-nos ao essencial.

É isto que a Arte de hoje tem de reflectir para ser verdadeira.

É inútil dissimular a nossa pobreza e a nossa incerteza com as formas ricas e variadas de um mundo revoluido, ou com o desenvolvimento forçado das formas do nosso tempo. Ter-se-há a ilusão de fazer uma Arte digna do "Espírito e da Tradição do Ocidente" e obter-se-há apenas uma Arte morta, desligada da corrente vital que está na base de toda a Arte, como princípio animador. Mais ainda — e tocamos talvez aqui no fundo do problema — é inútil e pernicioso esconder

por detrás de uma simbologia arbitrária a incapacidade em que caiu o homem moderno de traduzir plásticamente as realidades do Espírito.

Rompeu-se em nós, da Id. Média para cá, ao longo de 5 séculos de obliteração progressiva de tantas noções essenciais, a relação fundamental entre o interior e o exterior, entre a alma e o corpo.

E com isto perdeu-se o sentido do símbolo, porque esta relação entre a alma e o corpo é a relação simbólica por excelência.

Como diz Romano Guardini, é missão própria do corpo a de "símbolo vivo da alma". Desligado o corpo da alma numa vã tentativa de espiritualidade pura, que por um lado degenerou no mundo racionalista e estéril dos conceitos e das fórmulas, por outro lado numa corporeidade materialista que vai relegando o homem para o plano da animalidade, foi-se perdendo cada vez mais em nós a capacidade plástica, reduzindo o campo das realidades interiores traduzíveis no corporal.

É ainda Guardini que nos diz:

"Os órgãos misteriosos por meio dos quais o espiritual se transpõe no seu equivalente corporal, e que de cada gesto fazem uma revelação do Espírito ... foram-se atrofiando progressivamente.

O homem perde a capacidade plástica, o poder de dar forma ... e ao mesmo tempo desaparece tudo o que repousa sobre este poder: a plasticidade da língua, a atitude física expressiva; o vestuário e a habitação saturados de forma; as maneiras exteriores, o jogo, a dança."

Ora toda a Arte do séc. XIX reflecte a tragédia do homem entre os dois polos: do Nacionalismo e do Materialismo. O Homem dividido, o Homem parcial, vai traduzir-se em sucessivas correntes artísticas múltiplas e antagónicas, todas elas reflectindo a ignorância e o desprezo de zonas inteiras de potencialidade humana.

A Arte e a Cultura passam a ser apêndice de Elites cada vez mais reduzidas.

Quanto à Arte Sacra, tinha forçosamente de desaparecer sob as forças de uma cultura que destruiu toda a capacidade de sacramentalização, de incarnação das realidades do Espírito.

A própria vida litúrgica, que é simultaneamente a justificação e o coramento da Arte Sacra, foi-se atrofiando à medida que desaparecia esta capacidade.

O rito e o símbolo foram-se tornando cada vez menos compreendidos, cada vez menos vividos. Sinais exteriores de um mundo interior, transcendente, em que o Homem está em contacto com Deus, não foram eles — enquanto exprimem os passos essenciais do mistério cristão — que perderam o conteúdo e o poder sacramental, mas nós que deixámos de os conhecer e de viver a sua ligação com o princípio espiritual que os anima. Neste domínio encontramos hoje na situação de reconhecer tudo, pela base. Cada gesto, cada palavra, têm de ser revistos. Cada sinal, até à mais simples convenção da nossa vida social, tem de ser vivificado, ou rejeitado se a ele não corresponde nenhuma realidade viva. Ou então teremos sinais - espectros. E seremos levados a refugiar-nos numa Arte desincarnada, para ser verdadeira — e é toda a drama da Arte não-figurativa do nosso tempo e que vulgarmente se chama abstracta — ou dissimular a nossa impotência por detrás de uma sinalética figurativa superficial e caprichosa.

Damos aqui um exemplo no que se refere à Arquitectura: de certo sector da Arq. religiosa que julga obter o carácter sagrado aplicando às igrejas resolvas de religiosidade, impondo-lhes formas pseudo-simbólicas. Assim por exemplo os argus ou varábola que muitos afirmam ser a forma ideal para as igrejas modernas, porque ao mesmo tempo que

se coadunam com a técnica do betão, são expressão da religiosidade — qualquer coisa como uma forma mística.

(Recursos deste género, que se empregam hoje na quasi totalidade da edificação religiosa, estão por natureza à margem da Architectura, nascem de um falso conceito do processo architectónico).

Ora estamos aqui de facto diante do problema fundamental da Arte dos nossos dias. É neste plano que elle tem de ser equacionado e é da sua solução, na medida em que essa solução for de ordem vital, existencial, que nascerá uma Arte nova — não só uma Arte sacra capaz de exprimir as realidades mais transcendentes do Homem, mas uma Arte total, que integre de novo todos os valores do Homem e do Universo, uma Arte espontânea que passe das elites a todas as esferas da sociedade sem com isso se abastardar.

A reacção que de todos os lados se tem vindo a manifestar contra a ordem do séc. XIX e as suas correntes filosóficas, esta vontade de reconquistarmos toda a nossa medida, que se insere no mais profundo de cada um de nós — esta vontade de sermos de novo Homens — começa a fazer-se sentir no campo da Arte.

É a Architectura, de entre todas as Artes, que mais directamente exprime as grandes aspirações colectivas da Humanidade, à qual está reservado o papel de exprimir os primeiros passos desta reintegração.

O reflorescimento contemporâneo da Architectura civil é o primeiro reflexo deste novo estado de coisas.

Esta Architectura, chamada Architectura funcional, por se propôr condicionara expressão à função, é muito mais do que uma mera consequência da renovação técnica e das exigências dos novos materiais — muito mais também do que o resultado de uma racionalização de conceitos.

Acusada pelos "espiritualistas", de utilitária e materialista, em nome de uma noção empobrecida de espírito, ela impõe-se em muitas das suas obras como poderoso testemunho do Espírito e da profunda renovação interior que se esboça no homem contemporâneo.

Nós infelizmente em Portugal temos pouco, quasi nada, a atestar este movimento.

A nossa Architectura, mesmo grande parte da que se pretende moderna, é tecida de compromissos, cai constantemente em formalismos, em facilidades de toda a ordem.

Ora é preciso aceitar integralmente a exigência de rigor imposta pelas condições técnicas e culturais do nosso tempo, não procurar apenas o gôsto fácil de uma beleza superficial, uma harmonia ocular que pode resultar da sensibilidade do momento, da moda.

É preciso que se procure antes de mais a Verdade — e a beleza será uma resultante. Quanto ao público, é preciso educá-lo nesta exigência.

Só assim elle poderá compreender e apreciar a moderna Architectura. De outra maneira ella apparece-lhe na austeridade da sua expressão e no desnudamento das suas formas, como traição aos fins e exigências da própria Arte. E quando no mesmo terreno surge uma Architectura religiosa, que invocando a tradição e por exigência da cultura contemporânea vai reduzir-se ao essencial e exprimir-se com a mesma austeridade e desnudamento, — comprehende-se bem que se exacerbam as desconfianças dos pretensos defensores do Espírito e se multipliquem as reacções de um público desorientado, mal informado e com a sensibilidade adulterada por um longo período de decadência da Arte Sacra, e de uma maneira geral de todas as formas collectivas de Arte.

Vejam os finalmente o caso da Suíça alemã. Foi ali que devido a excelentes condições políticas, sociais e económicas, e ao re florescimento orgânico das comunidades cristãs, se consolidaram rapidamente os princípios da nova Arquitectura Religiosa, e se tornou possível a sua expansão através de todo o território, até às aldeias mais remotas.

Acerca da Democracia Suíça e das condições por ela criadas ao desenvolvimento da Arquitectura Moderna vejamos o que diz o crítico Siegfried Giedion .

" Para além dos direitos habituais garantidos por qualquer constituição democrática, como por exemplo a eleição de representantes na comunidade, região e federação, o indivíduo tem conservado na Suíça uma maior influência nos assuntos de interesse público do que em qualquer outro lado.

A democracia mantém-se um organismo vivo, em que todos os cidadãos têm uma parte de responsabilidade. Nada é mais indicado para despertar o interesse do povo nas coisas públicas e estimular o seu sentido de responsabilidade, do que o exercício contínuo da sua influência, mesmo em assuntos de menor importância. O suíço é frequentemente chamado a exercer o seu voto. Ele elige juizes dos tribunais, o professor primário dos seus filhos, etc. O "soberano", como o povo é chamado oficialmente, controla directamente todo o investimento mais importante da comunidade e do cantão.

Em Zurique, por exemplo, cada despesa pública excedendo 50.000 francos tem que ser submetida ao voto, desde a correcção de uma rua até ao edificio do hospital para 2.000 camas. Para todos os edificios públicos de certa importância, são abertos concursos nos quais cada architecto contribuinte da comunidade tem direito a participar. É observada uma lei democrática que se destina a dar a cada architecto uma oportunidade igual para obter um trabalho importante, e habitualmente, a encomenda é dada ao que ganha o 1.º prémio.

Todo o elemento official que tentasse armar-se em ditador de bom ou mau gosto em matéria de architectura seria posto á margem pela opinião pública.

Em que medida pode o público julgar os projectos? Ele tem que ser educado semanas antes de votar, para isso cada cidadão recebe uma descrição detalhada do projecto com plantas e orçamento, sendo os prós e os contras discutidos com seriedade nos jornais.

A decisão do "soberano" é imprevisível e muitos projectos acalentados por partidos políticos são rejeitados pelo povo. No entanto o sistema dá bom resultado. A condição prévia para isso, no complicito mundo moderno, é um alto nível de educação.

O suíço tem a consciência da imensa influência do mestre escola no nível cultural do país. Escolhem-no cuidadosamente e pagam-lhe comparativamente muito mais do que aos professores universitários. Um sexto do orçamento do cantão de Zurique é dedicado à educação."

Ora a fundação em 1924 de uma Associação dos Artistas Católicos Suíços veio dar um grande impulso ao movimento de renovação da Arqui-

itectura Religiosa, que se apresenta já hoje com indiscutível maturidade.

Integredos das próprias na comunidade do povo cristão, vivendo uma vida informada pelo espírito do Evangelho, encontravam-se estes artistas na melhor das situações para interpretar e traduzir as possibilidades e as aspirações dessa comunidade — não sem que os resultados obtidos tivessem exigido um longo e paciente trabalho de reedificação crítica e estética do meio (aliás dentro dos próprios quadros da referida associação, que engloba não só um núcleo de artistas e Críticos, mas todas as pessoas interessadas nos problemas de Arte Religiosa, e sobretudo os sacerdotes).

Em contrapartida, esta comunhão trouxe aos arquitectos o rigor de uma disciplina que bania todas as tentativas de evasão individualista. Redescoberta a lei essencial da Architectura — a lei da Economia, no sentido mais lato e profundo da palavra (economia de meios, ausência do supérfluo, hierarquia dos valores) — e para além dela, e como que a coroá-la, o espírito de pobreza do Evangelho, veio esta disciplina permitir a tradução dessas exigências numa Architectura despojada, e, o que é mais notável, garantir a sua permanência dentro do mesmo espírito, ao longo de uma evolução que pode já considerar-se significativa.

Analizaremos rapidamente o problema fundamental que a Architectura era chamada a resolver nas novas igrejas: isto é, o da concepção espacial.

O espaço interior não consiste apenas no volume: entre um seu número de elementos, contribuem para a sua formação a modelação da luz, a composição da cor, o ritmo estrutural. As paredes, constituindo as

limites reais desse espaço, funcionarão antes de mais como envólucro e traduzirão a realidade viva que são chamadas a envolver. É esta que deve informar de dentro a edificação, num verdadeiro processo orgânico.

Qual é, no caso da igreja católica, esta realidade viva? A relação Cristo-fiéis incarnada na vida litúrgica.

A partir da posição relativa altar - assembleia e da subsequente distribuição dos outros elementos, far-se-há a organização do espaço.

Vamos fazer aqui uma brevíssima análise espacial de uma das mais recentes igrejas suíças: a Igreja de S. Miguel, em Basileia, do Arq^{to}. Hermann Baur.

Projeção N.º 2 e 2A

A cobertura da nave é sustentada pelos pórticos de betão. Este tipo de estrutura é usado na maior parte das últimas igrejas suíças. Além das vantagens técnicas, como sejam a redução do vão e o libertar as paredes da estrutura dinâmica, ela dá à igreja este aspecto plano, deixando toda a importância ao seu conteúdo vivo, humano.

É como se a assembleia, disposta já em volta do altar, tivesse recebido, para a proteger, um envólucro leve, neutro.

Isto ainda é mais acentuado pela parede posterior, fig. 2A e da fachada, que é toda de vidro, numa ligeira estrutura de betão, — o que faz dela como que uma membrana transparente que incorpora o espço exterior ao espaço da igreja.

Em compensação o santuário é mais estático, mais fechado, formando como que um escrínio em volta do altar.

Condensam-se aqui a luz e a cor (baldaquino de tecido verde e branco) e a parede do fundo é num material mais nobre — em pedra.

(Já veremos depois alguns pormenores desta mesma igreja).

As exigências do Movimento Litúrgico, iniciada por Pio X, tinham vindo chamar a atenção sobre estes problemas da concepção espacial. Indiciaram elas fundamentalmente sobre a participação dos fiéis nos serviços litúrgicos, no sentido de uma maior intimidade, e sobre a urgência de uma revisão de valores, para de novo dar a cada elemento a expressão e o lugar que melhor lhe convinham.

Assim os dois aspectos fundamentais da renovação da Arquitectura religiosa foram estes:

- 1ª. — A evolução do espaço interior da igreja tendente a quebrar todas as barreiras físicas e psicológicas entre a nave e o santuário, e que se manifestou a princípio na tendência para o espaço uno;
- 2ª. — A reorganização hierárquica de todos os elementos servindo ao culto.

O altar, a mesa de comunhão, o púlpito, o baptistério, são reconsiderados na sua essência, estudados na sua evolução histórica e repostos sempre que possível, na sua integridade primitiva.

Assim por exemplo, a maioria das igrejas passa a ter um só altar, outras além do altar-mor, apenas um pequeno altar secundário, num espaço distinto do corpo da igreja.

A própria forma do altar torna-se mais significativa — é a forma de mesa sem o aparato de retábulo que se tinha tornado usual no gótico e no barroco.

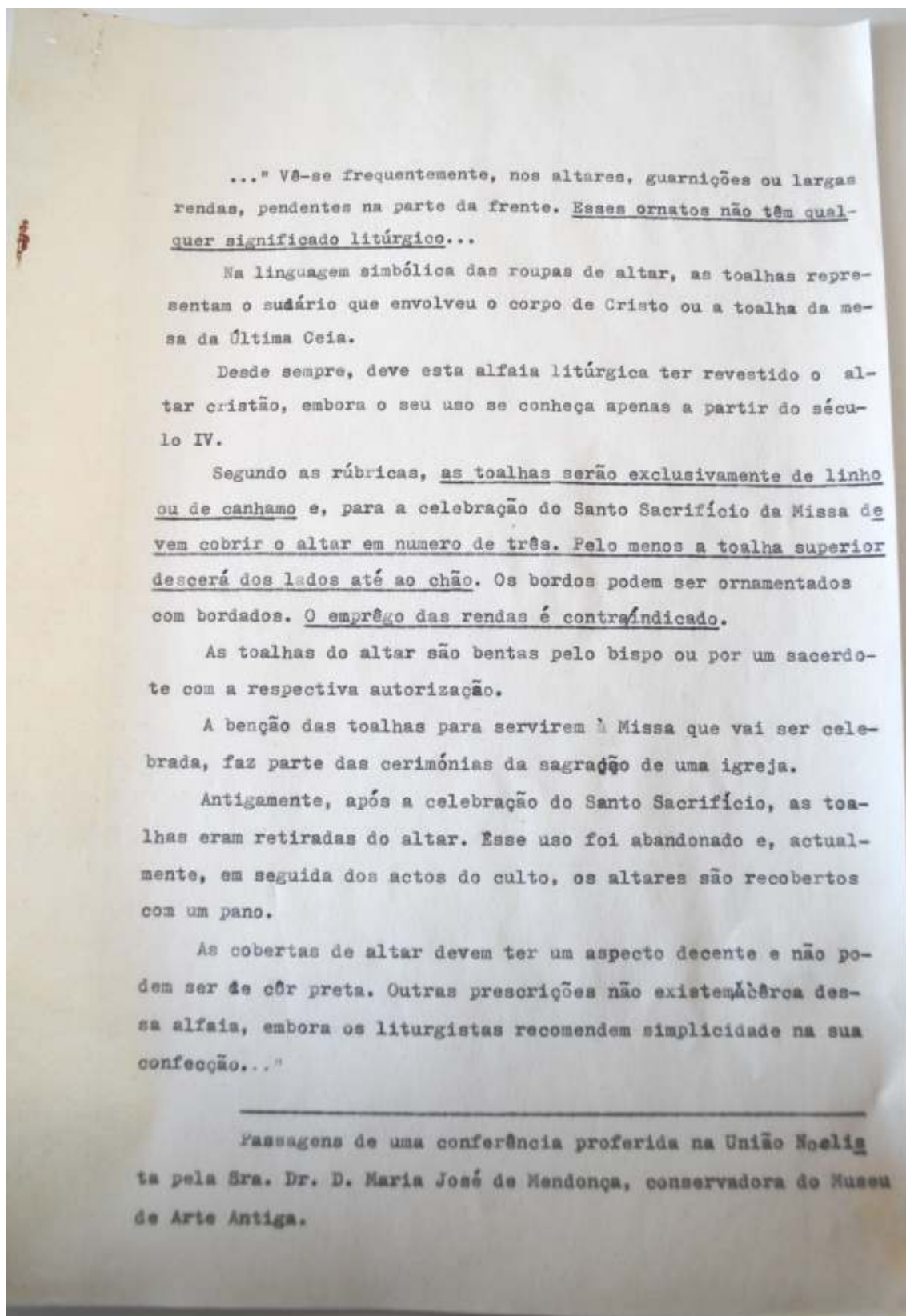
O pulpito retoma o carácter que tinha nas primitivas igrejas: um aabão, colocado perto do altar, exprimindo a íntima ligação entre o sermão e o sacramento.

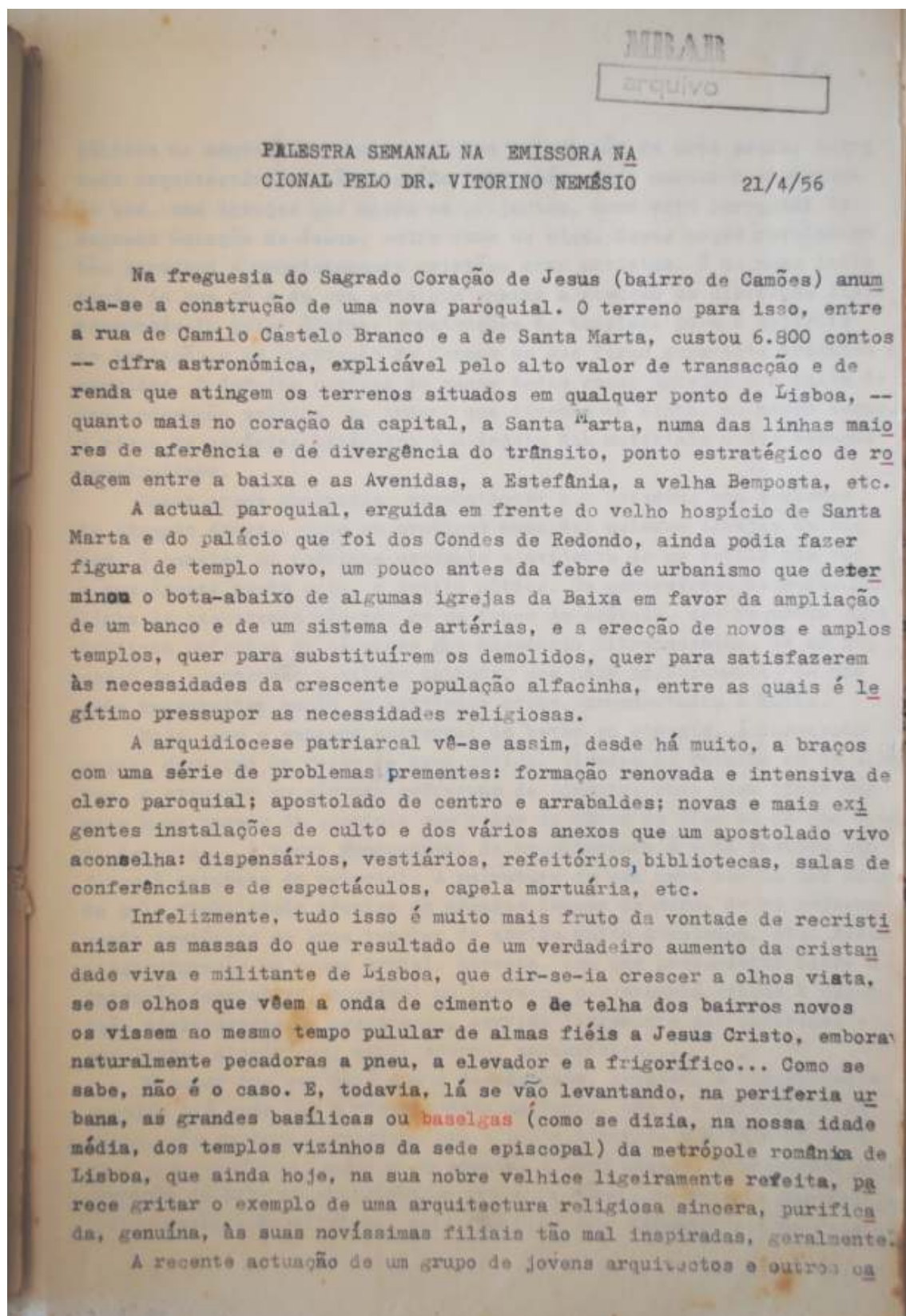
Vamos vêr agora alguns dos exemplos suíços mais representativos. (Seguem-se as projecções).

No final:

Ora cremos poder-se afirmar que muitas destas igrejas, por vezes humildes e sem atractivos, realizam aquilo que constituirá sempre o essencial do templo católico: um espaço impregnado do Mistério Cristão. E se a alguns podem parecer "barracões" ou "armazéns", não será essa talvez contra elas a mais grave acusação; porque há barracões e armazéns que, na sua integridade, despertam em nós a impressão viva de um espaço sagrado — e igrejas, com rótulos de religiosidade e misticismo, que apenas nos deixam, enquanto edifícios, a tristeza e a decepção de uma verdadeira frustrada.

João Medeiros de Almeida - 1953





tólicos no sentido de propagar a boa orientação da arte sacra, sobretudo architectónica, tão decaída entre nós, faz nascer a esperança de que, nas igrejas que agora se projectem, como esta paroquial do Sagrado Coração de Jesus, outro rumo se siga. Esses moços revelam-se tão corajosa e convictamente cristãos como artistas. É no nome indistinto da sua fé e da sua arte que chamam a atenção do clero e dos fiéis responsáveis pelas últimas construções de templos, para o espírito de imitação e de adaptação de formas em que foram geramente traçados e erguidos. O defeito capital de quase todas essas igrejas é a falta de uma concepção original de traça, que tivesse em vista, ao mesmo tempo, o rigor do espírito litúrgico e a índole dos materiais e dos espaços construtivos.

Fazer arcos quebrados, arcobotantes e botaréus com cambotas de cimento armado, como se praticou numa das maiores igrejas de Lisboa, é cometer um pastiche escusado e evidente de um estilo que fez a sua época: neste caso, o estilo gótico. Um contraforte de muro, uma linha de cachorrada rés-vés de um lance de abóboda, são recursos construtivos próprios de técnicas de maçonaria ultrapassadas, de um processo de construção a silhar talhado, que hoje infelizmente, se não pode ressuscitar senão em edifícios ricos, orçamentados à larga.

Hoje, com o emprego universal da betão ou cimento, é insensato copiar nervuras de feixe de arco gótico, tiradas da Batalha ou de alhures, a executar em míseras cofragens de cimento, como quem finge mármore numa parede de escaiola com veios de tinta de óleo ou de uma água da de cola... A regra fundamental da arquitectura é a da factura conforme à natureza do material. A estrutura de uma nave tem de ser dita pela viabilidade técnica de grandes lances de muro, de um refechamento tectónico de arca templar de apoios muito afastados, etc. Assim a estruturação um pouco brutal, directa, tem que preponderar sobre a intenção decorativa, possível no barroco, por exemplo, graças à concepção miniaturante do arquitecto, servido largamente por canteiros e escultores alegóricos, azulejadores, marmoristas...

E supor que uma nave nua e desadornada, arrojada e sinceramente erguida até onde der a plasticidade do ferro, que é a nervura do cimento, não se pode harmonizar com a santa liturgia nem falar à alma fiel e ao espírito estético do crente, é erro crasso. A universal adulteração da arte em artifício, a troca da pureza de desenho das coisas pela complicação alindada, pelo fingido, pelo difuso, está na raiz da

decadência da arte sacra e portanto da infelicidade da maior parte dos alçados de igrejas novas que temos. Felizmente, porém, clero e fiéis mostram-se agora permeáveis à boa orientação. Esperemos que a nova paróquia do Sagrado Coração de Jesus venha a irradiar um novo e perfeito fulgor litúrgico.

Anexo 3. Imagens

3.1. Capítulo 1. 1900-1950: Antecedentes

Fig.1.1. Igreja de N. Sra. de Fátima, Lisboa (Porfírio Pardal Monteiro, 1933-38).



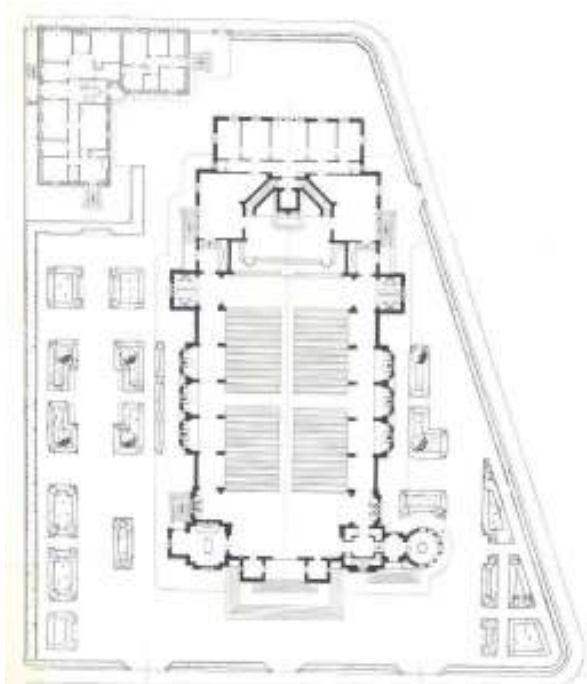
Vista exterior.



Vista interior.



Perspetiva, ante-projeto, (1933)

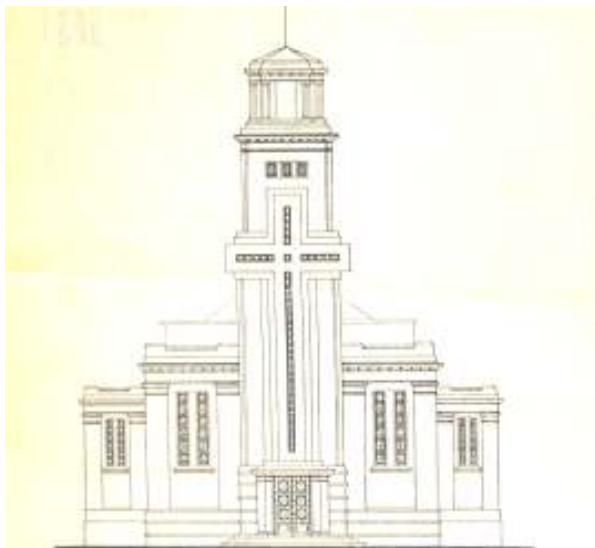


Planta..

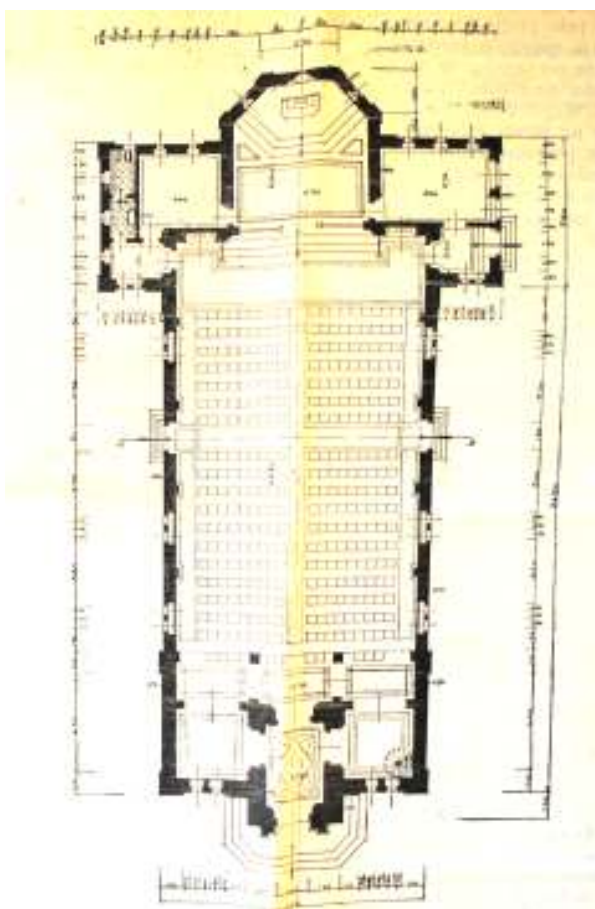


Alçado principal, ante-projeto, (1933).

Fig.1.2. Capela de N. Sra. de Fátima, Lisboa (Jacinto M. Robalo, 1938).



Alçado principal.

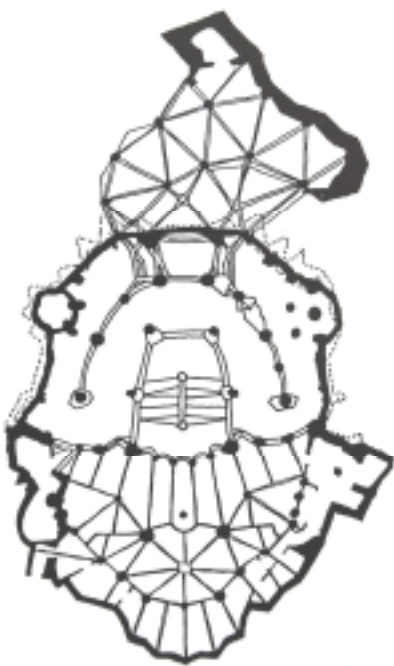


Planta.

Fig.1.3. Capela da Colónia Güell, Barcelona, Espanha (Antoni Gaudí, 1898-1915).



Perspetiva.



Planta.

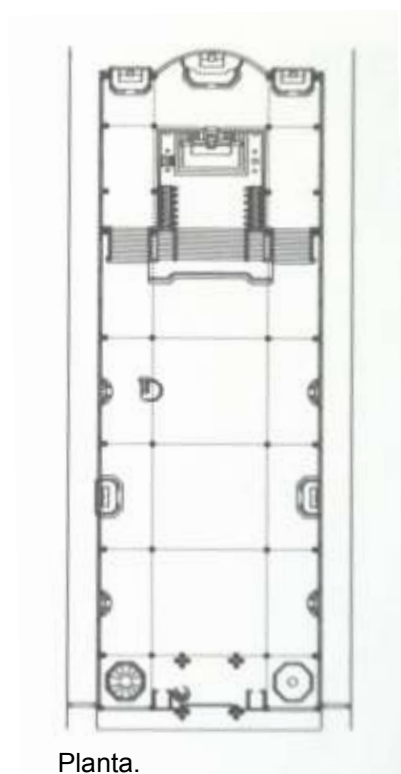


Vista interior.

Fig.1.4. Igreja de Notre-Dame de Raincy, Paris, França (Auguste Perret, 1922-23).



Vista exterior.

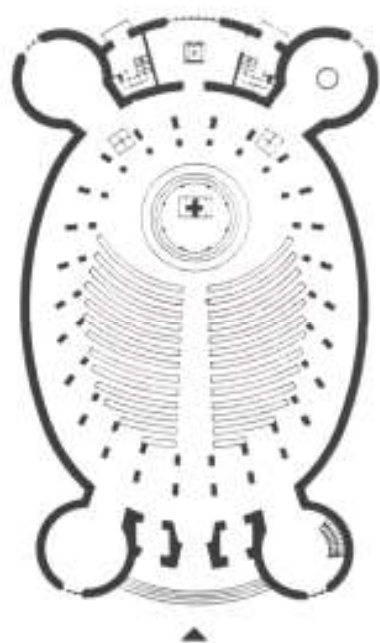


Planta.

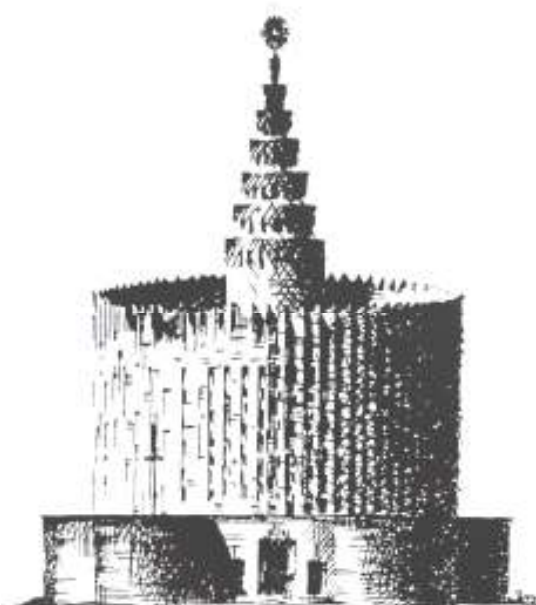


Vista interior.

Fig.1.5. Igreja *Circumstantes* (Dominikus Böhm, 1923).

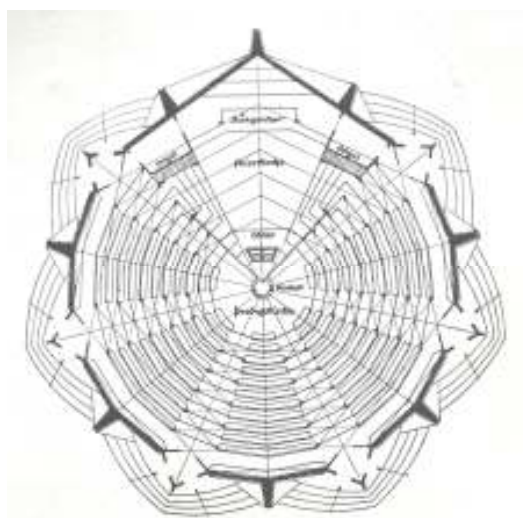


Planta.



Alçado principal

Fig.1.6. *Sternkirche* (Otto Bartning, 1922)

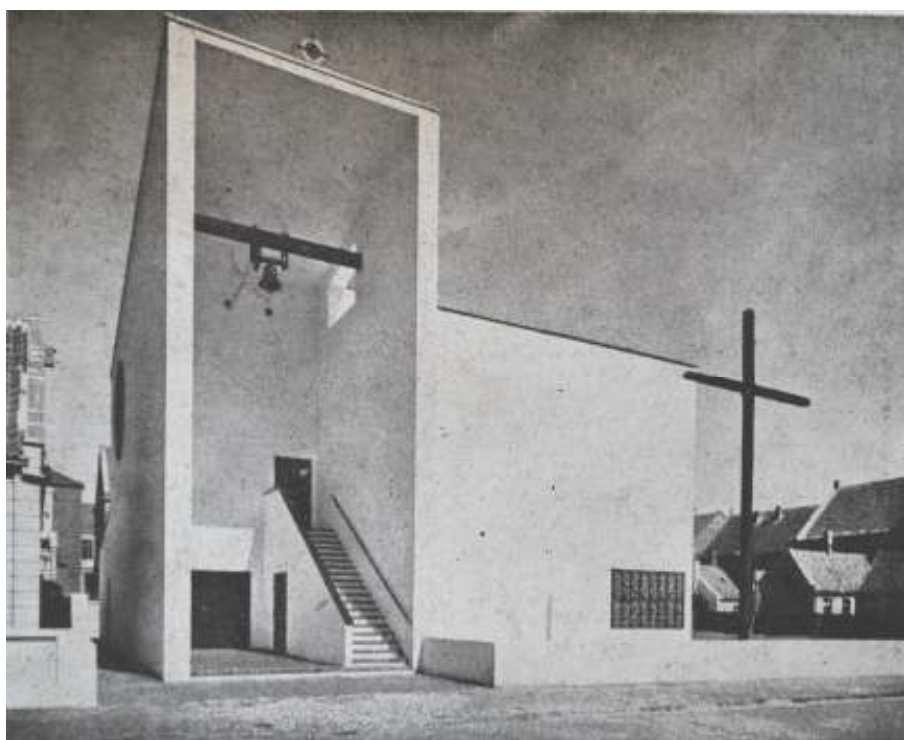


Planta.

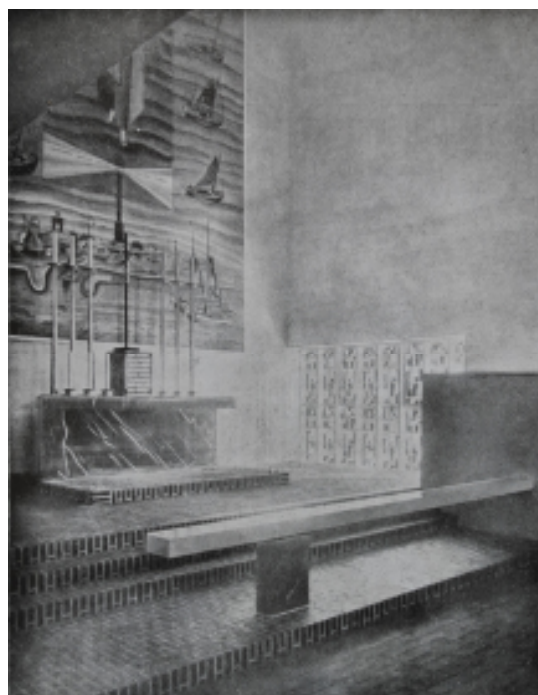


Corte longitudinal.

Fig.1.7. Igreja de Stella Maris, Nordeney, Alemanha (Dominikus Böhm, 1931).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.

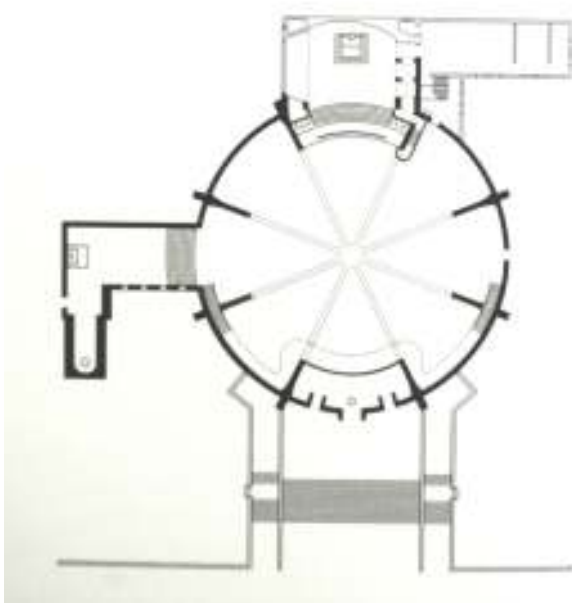
Fig.1.8. Igreja de St. Engelbert, Colónia, Alemanha (Dominikus Böhm, 1930-32).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.

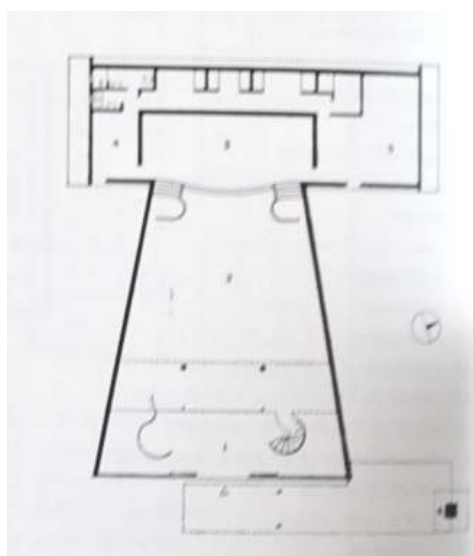
Fig.1.9. Igreja de S. Francisco de Assis, Pampulha, Brasil (Óscar Niemeyer, 1940-43).



Vista exterior.



Vista exterior (tardoz).



Planta.



Vista interior.

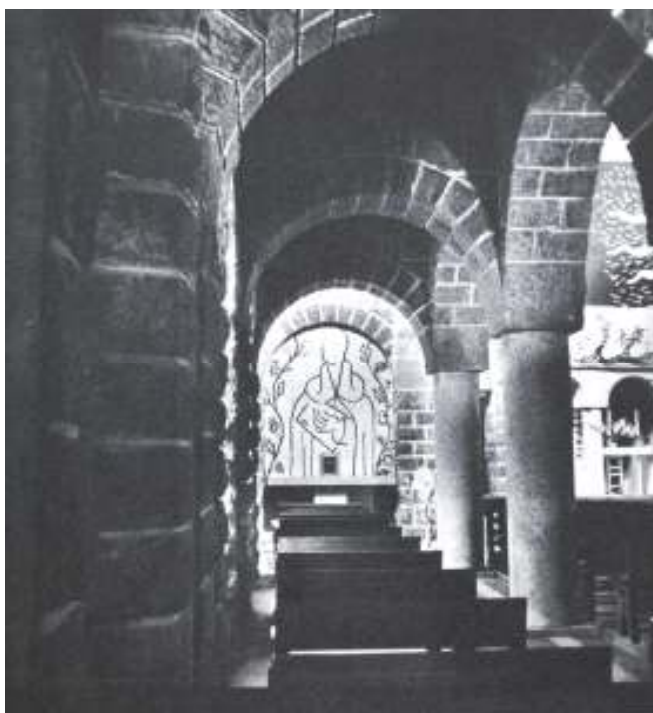
Fig.1.10. Igreja de Notre-Dame de Toute Grâce, Plateau d'Assy, França (M. Novarina, 1950).



Vista exterior.



Capa da revista *L'Art Sacré*.



Vista interior.

Fig.1.11. Capela do Rosário, Vence, França (Henri Matisse, 1951).



Vista exterior.



Capa da revista *L'Art Sacré*.

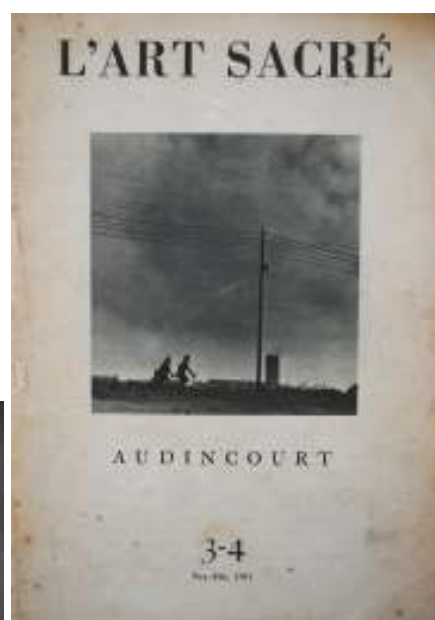


Vista interior.

Fig.1.12. Igreja do Sacré-Cœur, em Audincourt (Maurice Novarina, 1951).



Vista exterior.



Capa da revista *L'Art Sacré*.



Vista interior.



Vista interior (batistério).

Fig.1.13. Capela de Notre-Dame du Haut, Ronchamp, França (Le Corbusier, 1950-55).



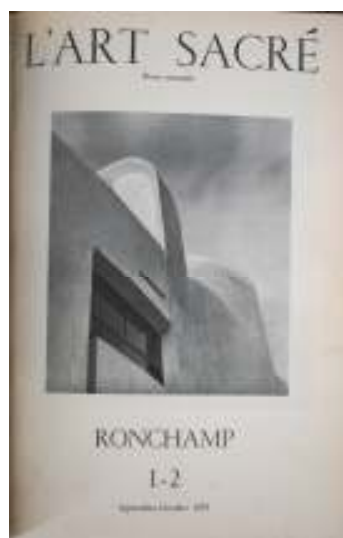
Vista exterior (com Le Corbusier).



Vista interior (com Luiz Cunha).



Planta.

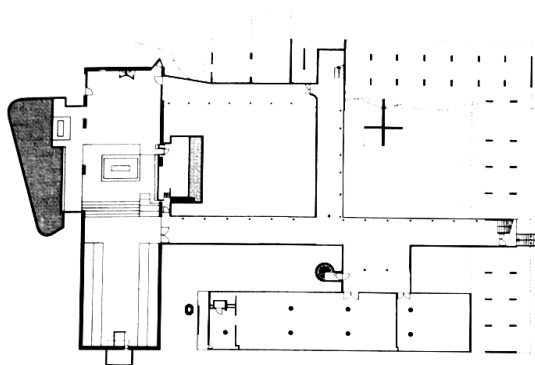


Capa da revista *L'Art Sacré*.

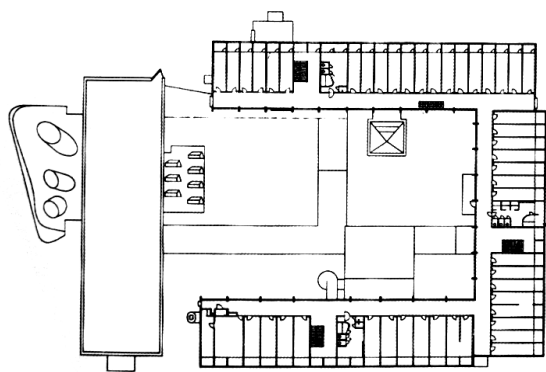
Fig.1.14. Convento de La Tourette, Eveux, França (Le Corbusier, 1952-60).



Vista exterior.



1



3

Plantas.



Capa da revista L'Art Sacré.



Vista interior da igreja.

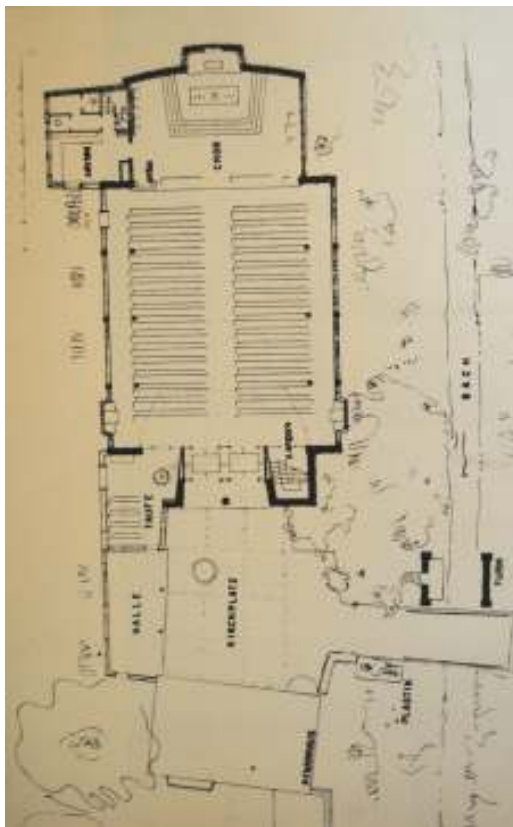
Fig.1.15. Igreja de St. Peter und Paul, Stüsslingen, Suíça (Hermann Baur, 1949).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.

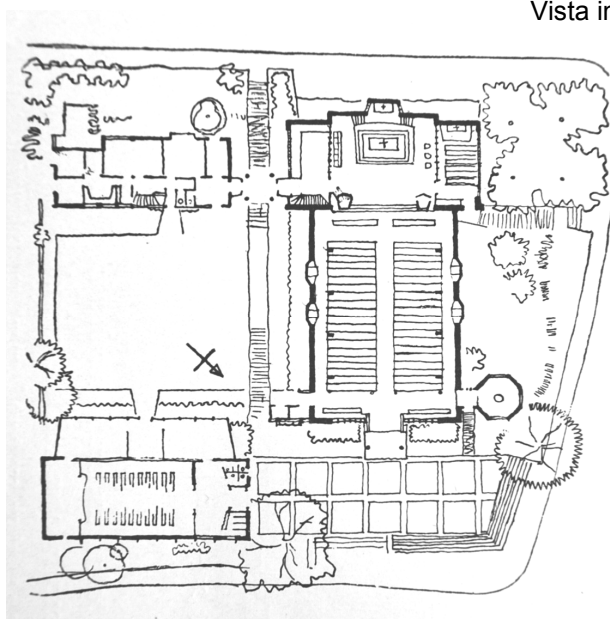
Fig.1.16. Igreja de St. Michaels, Basileia, Suíça (Hermann Baur, 1950).



Vista exterior.



Vista interior.

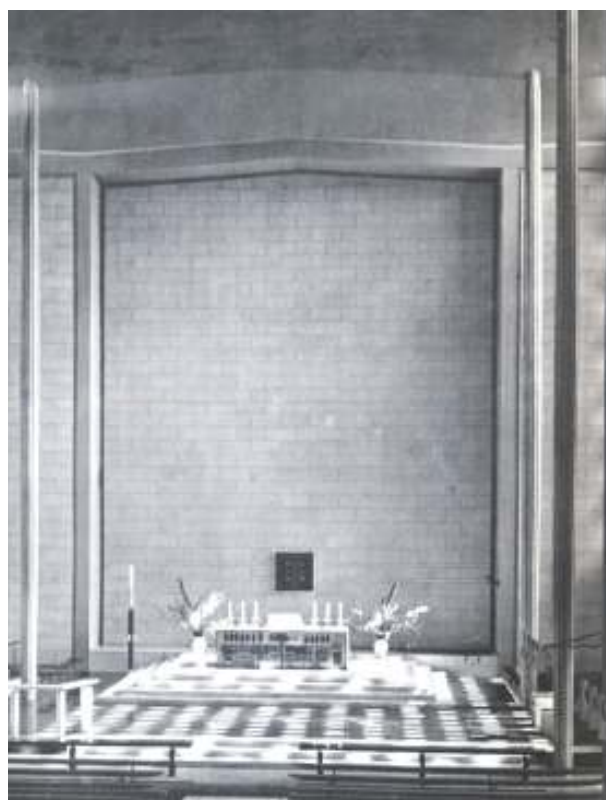


Planta.

Fig.1.17. Igreja de Allerheiligen, Basileia, Suíça (Hermann Baur, 1948-51).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.



Batistério com pia batismal de Hans Arp e pintura de Ferdinand Gehr.

Fig.1.18. Igreja de Bruderklausenkirche, Birsfelden, Basileia, Suíça (Hermann Baur, 1955-59).



Vista aérea.



Vista interior.



Planta.

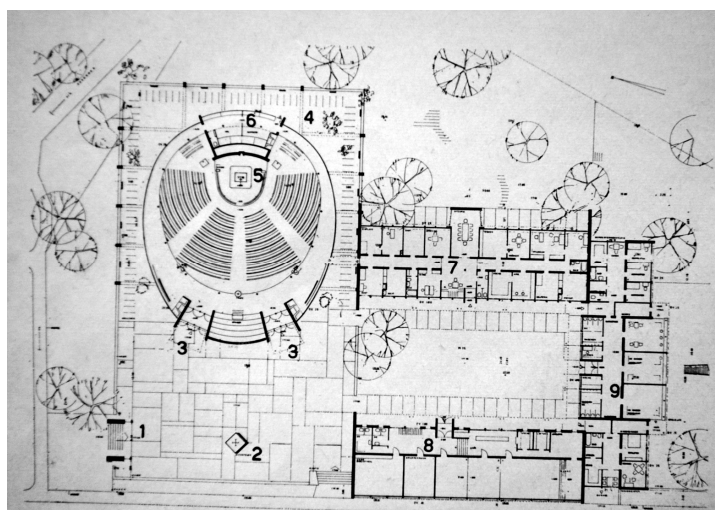
Fig.1.19. Igreja de St. Josefs-Kirche, Merzig, Alemanha (Hermann Baur, 1957-59).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.

Fig.1.20. Capela de Sainte-Thérèse de l'Enfant-Jésus et de la Sainte-Face, Hem, França (Hermann Baur, 1954-58).



Vista exterior.



Planta.

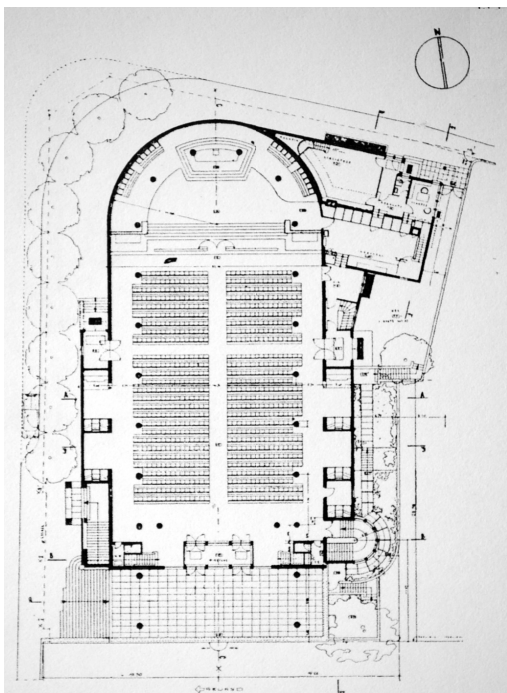


Vista interior.

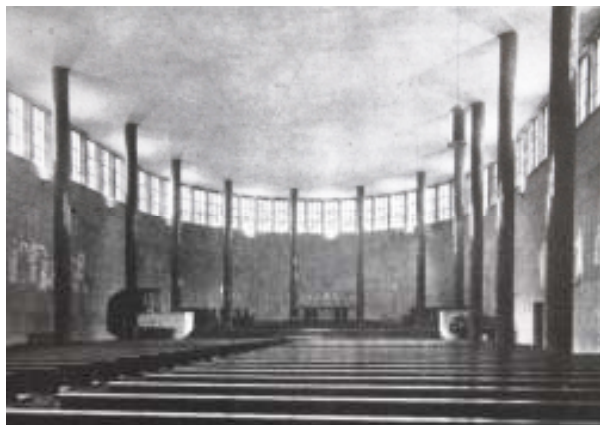
Fig.1.21. Igreja de St. Karl, Lucerna, Suíça (Fritz Metzger, 1933-34).



Vista exterior.



Planta.

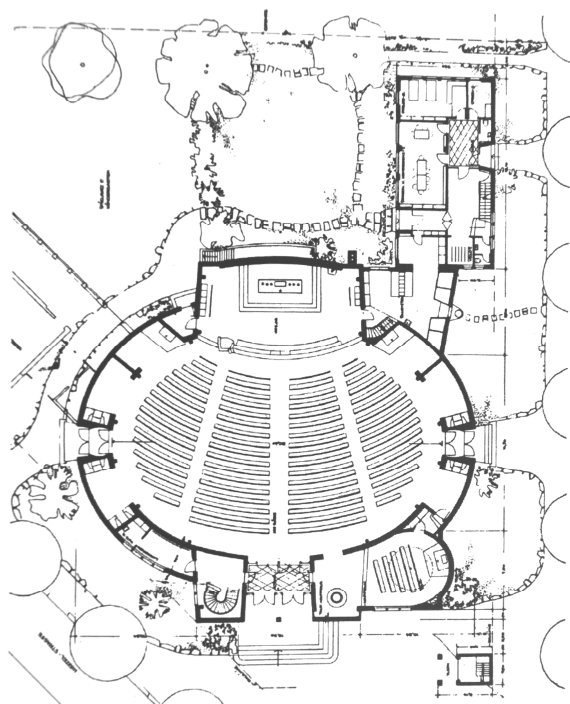


Vista interior.

Fig.1.22. Igreja de St Felix und Regula, Zurique, Suíça (Fritz Metzger, 1945-50).



Vista exterior.



Planta.



Vista interior.

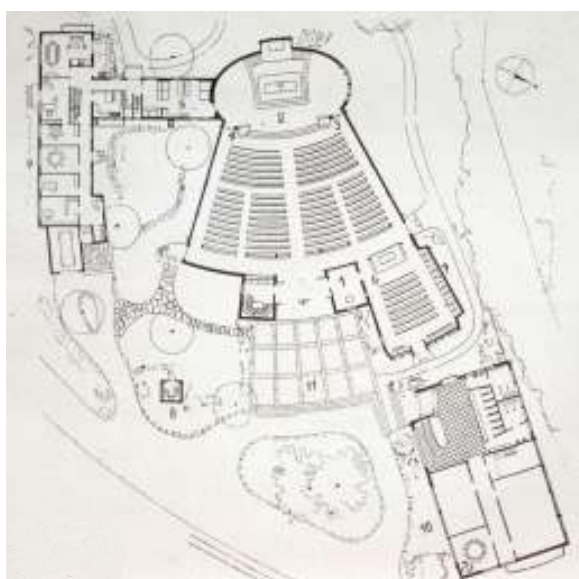
Fig.1.23. Igreja de St. Franciskus, Basileia, Suíça (Fritz Metzger, 1950).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.

Fig.1.24. Castelo de Burg Rothenfels, Alemanha, (Rudolf Schwarz, 1928).

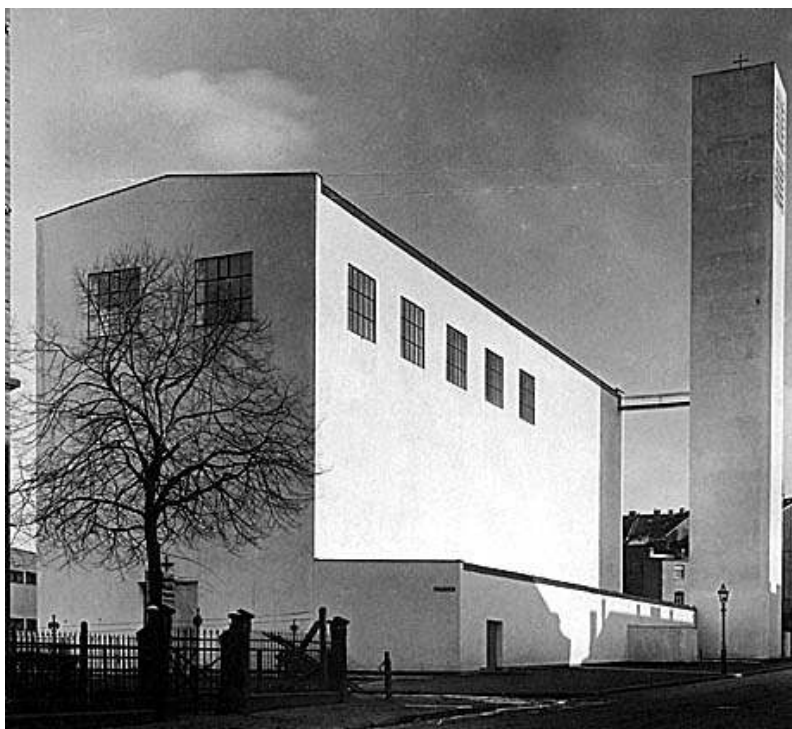


Vista interior (Sala dos Cavaleiros).

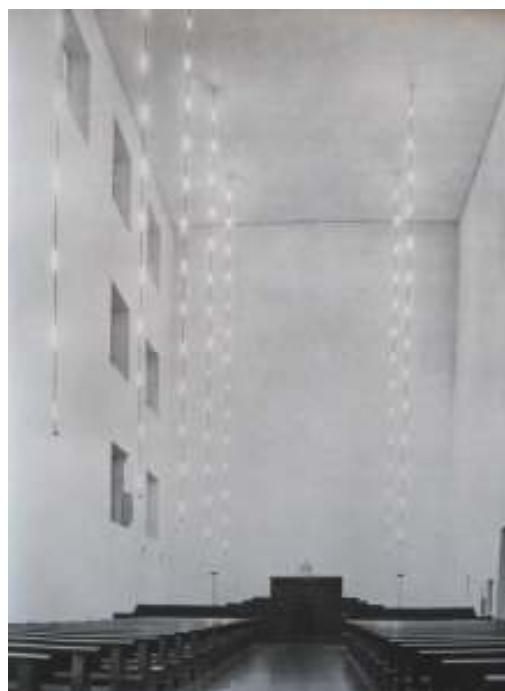


Vista interior (Sala do Trono).

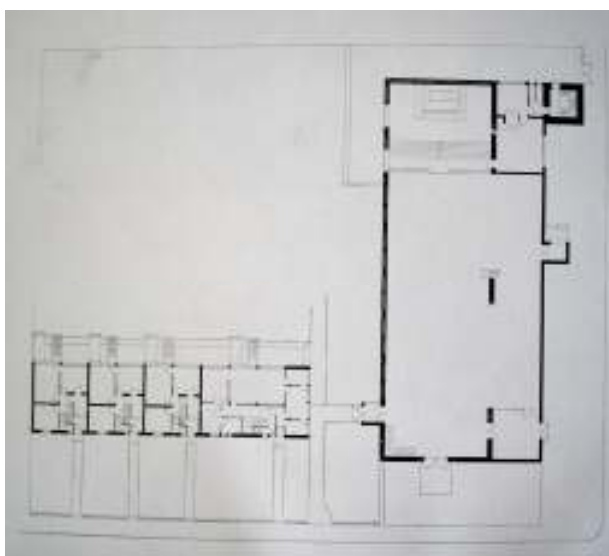
Fig.1.25. Igreja de St. Fronleichnam (Corpus Christi), Aachen, Alemanha, (Rudolf Schwarz, 1930).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.

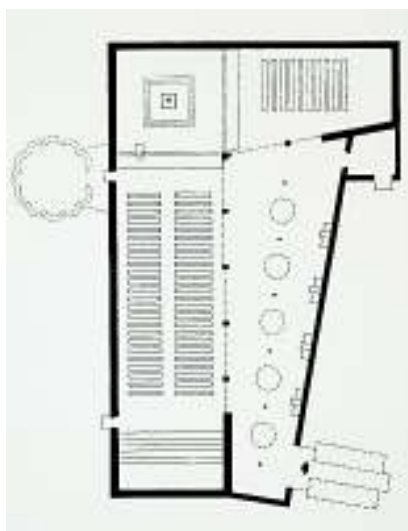
Fig.1.26. Igreja de St. Anna, Düren, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1951-56).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.

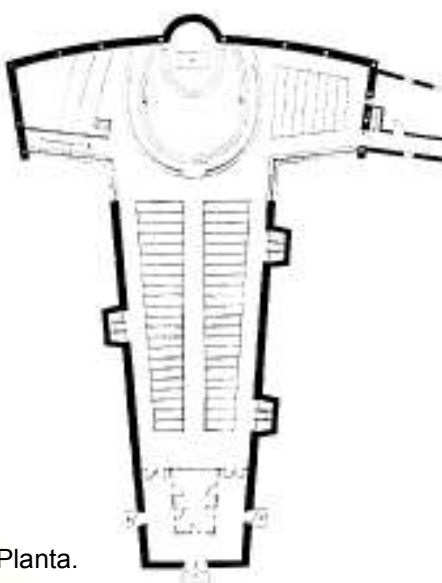
Fig.1.27. Igreja de St. Maria Königin, Frechen, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1952-54).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.

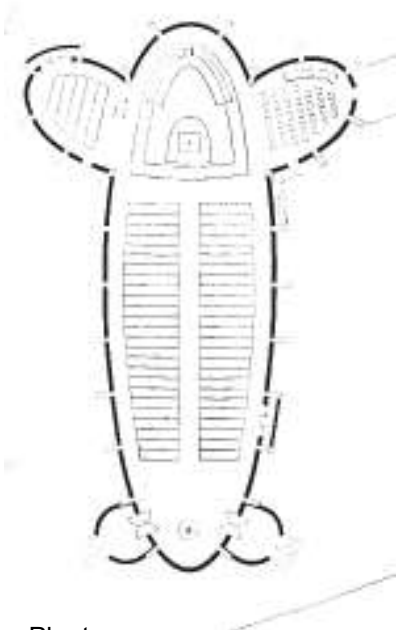


Vista interior.

Fig.1.28. Igreja de St. Michael, Frankfurt, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1952-56).



Vista exterior.



Planta.

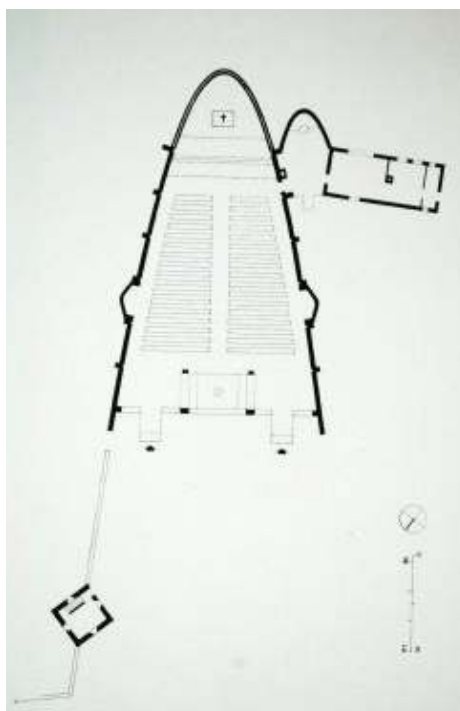


Vista interior.

Fig.1.29. Igreja de Heilig Kreuz, Bottrop, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1953-57).



Vista exterior.



Planta.



Vista interior.

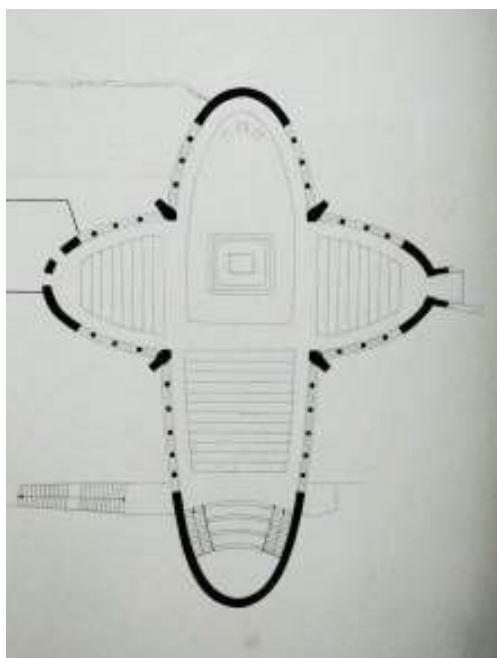
Fig.1.30. Igreja de St. Maria Königin, Saarbrücken, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1954-61).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.

Fig.1.31. Igreja de St. Bonifatius, Aachen-Forst, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1959-61).



Vista exterior.

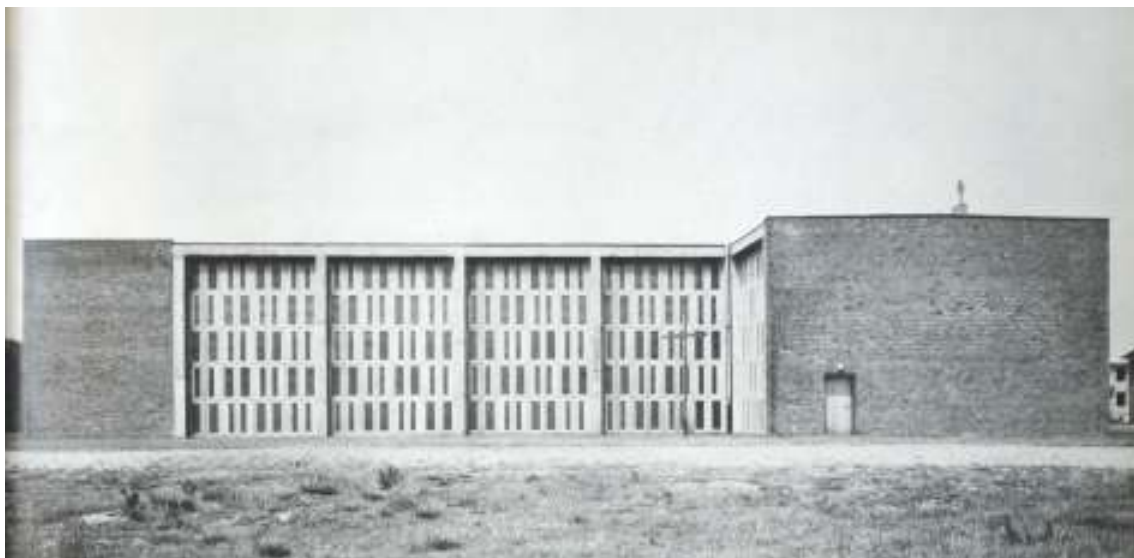


Vista interior.



Planta.

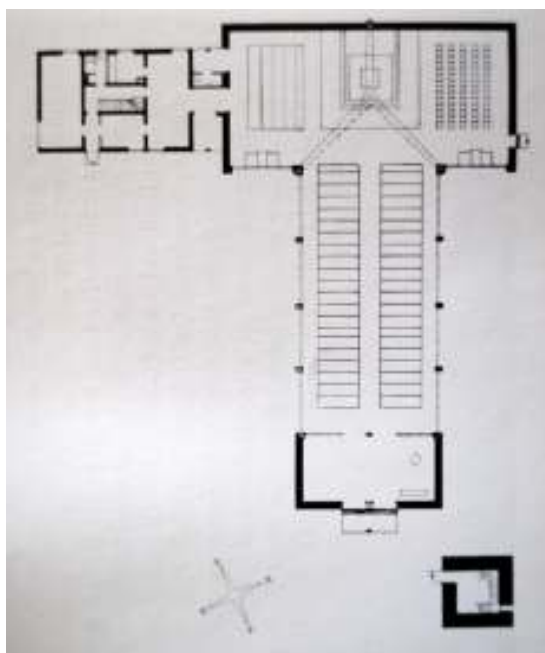
Fig.1.32. Igreja de S. Franziskus, Essen, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1954-57).



Vista exterior.



Vista interior.

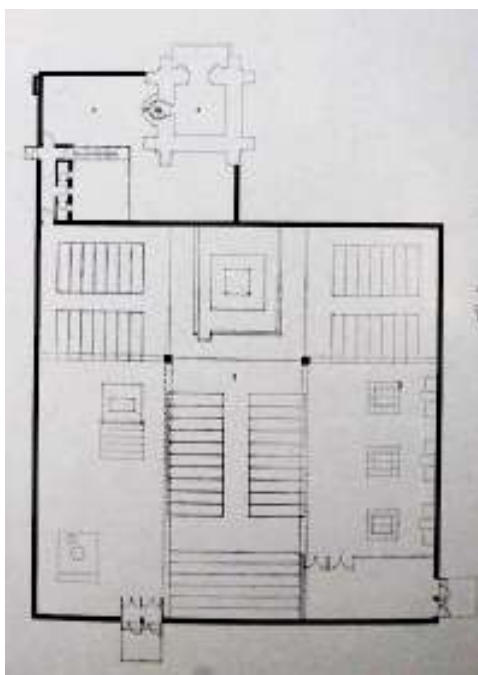


Planta.

Fig.1.33. Igreja de St. Antonius, Essen-Frohnhausen, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1956-59).



Vista exterior.

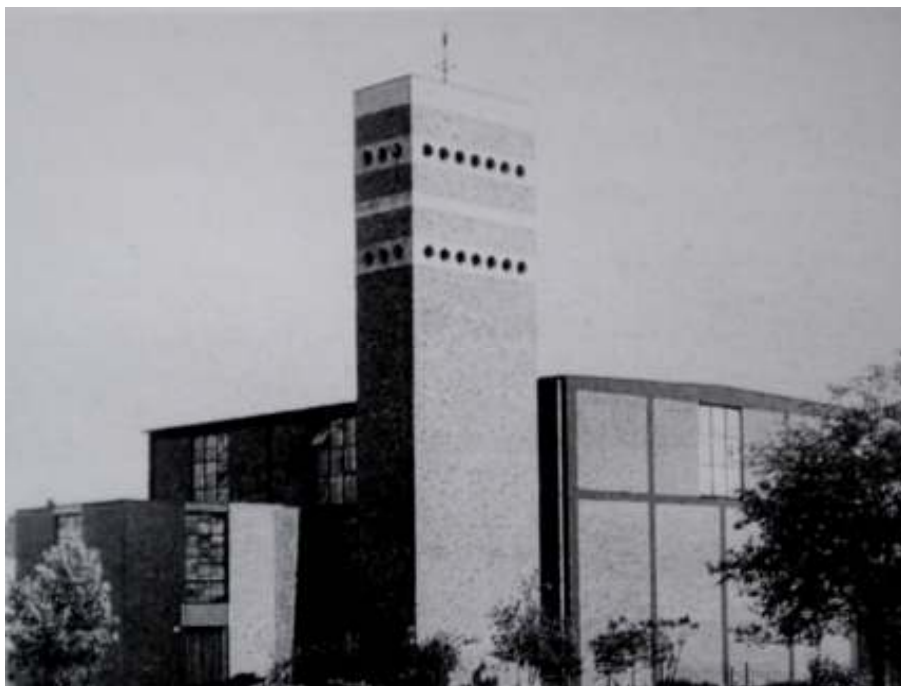


Planta.



Vista interior.

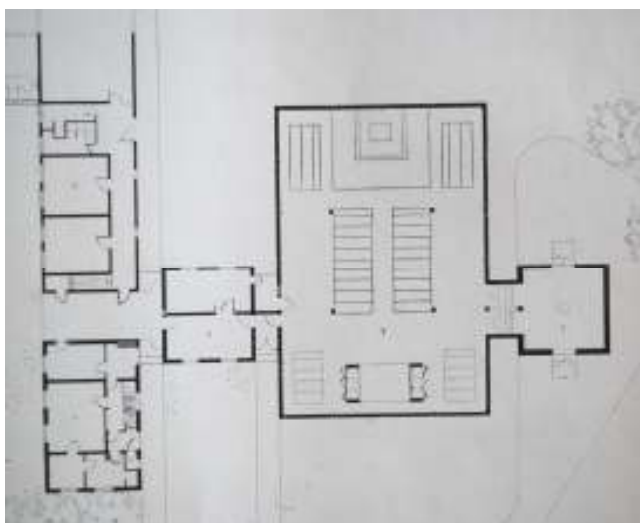
Fig.1.34. Igreja de St. Christophorus, Köln-Niehl, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1954-59).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.

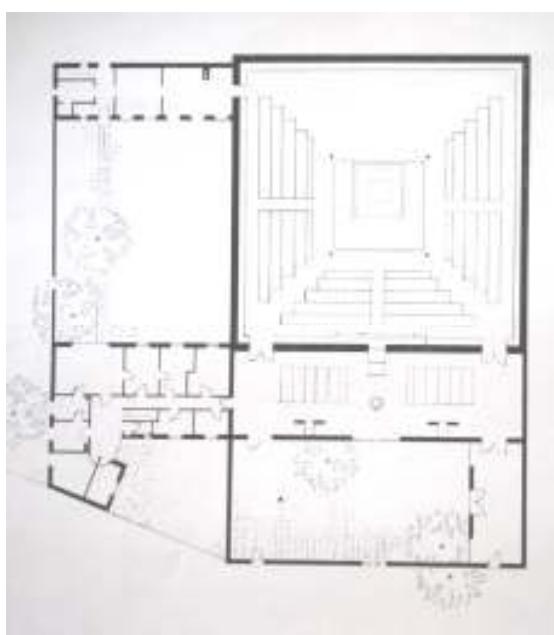
Fig.1.35. Igreja de Heilige Familie, Oberhausen, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1955-58).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.

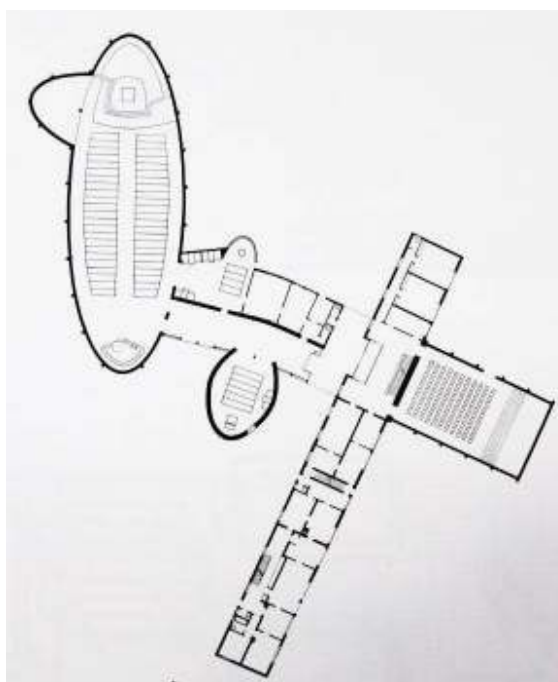
Fig.1.36. Igreja de St. Theresia, Linz-Keferfeld, Áustria (Rudolf Schwarz, 1956-63).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.

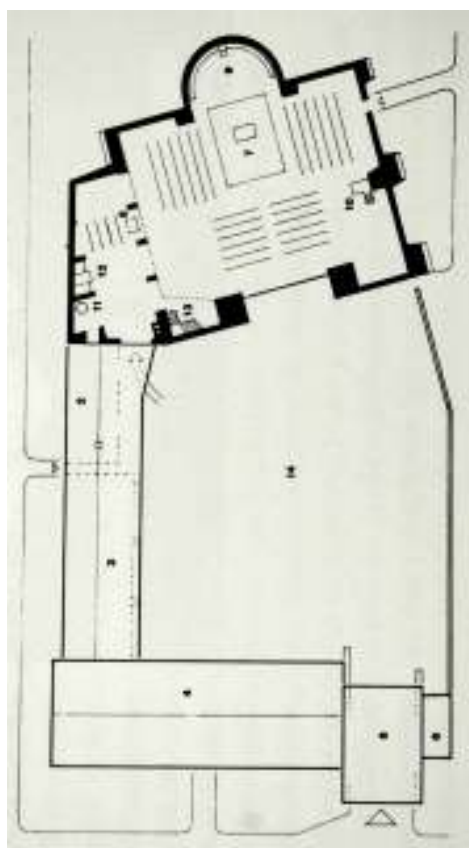
Fig.1.37. Igreja de St. Elisabeth, Opladen, Alemanha (Emil Steffann, 1953-57).



Vista exterior.



Capa da revista *L'Art Sacré*.



Planta.

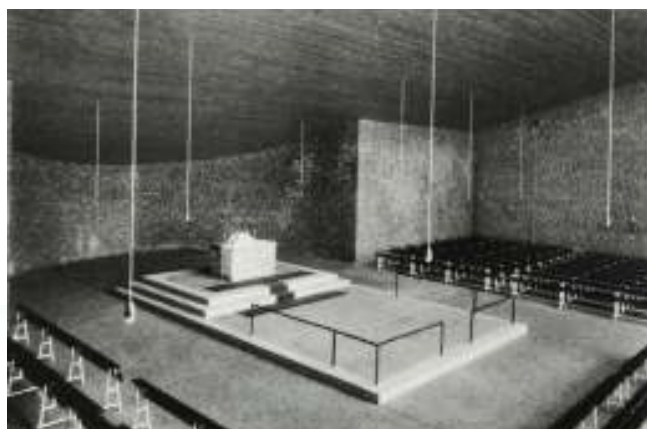


Vista interior.

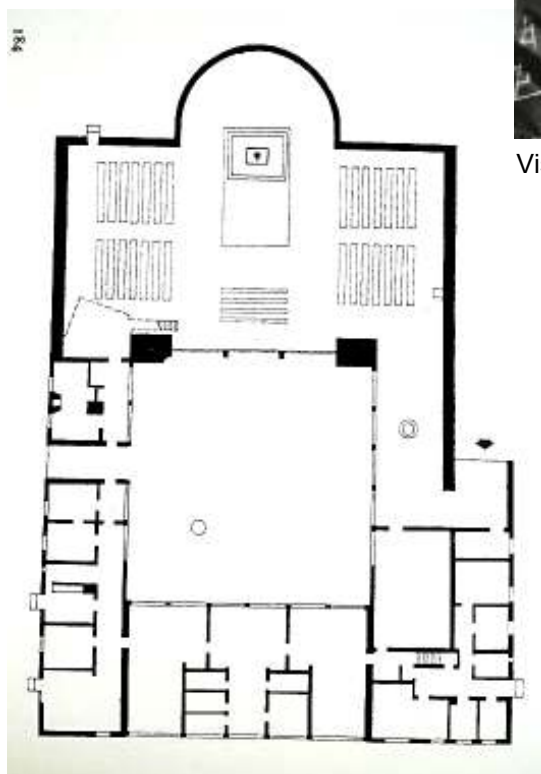
Fig.1.38. igreja de Sta Maria in den Benden, Düsseldorf, Alemanha (Emil Steffann, 1956-59).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.

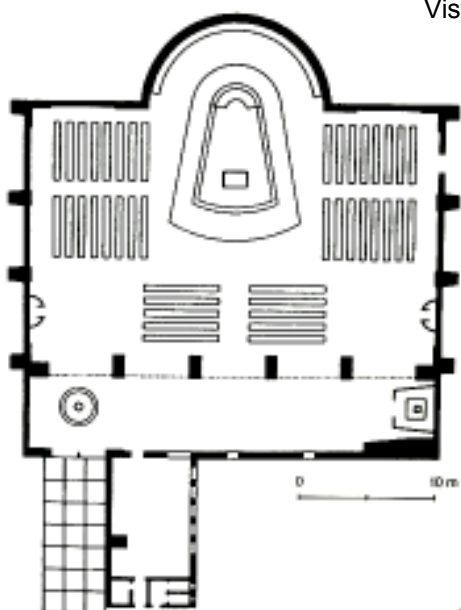
Fig.1.39. igreja de St. Laurentius, Munique, Alemanha (Emil Steffann, 1955).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.

3.2. Capítulo 2. 1950-1970: Contexto

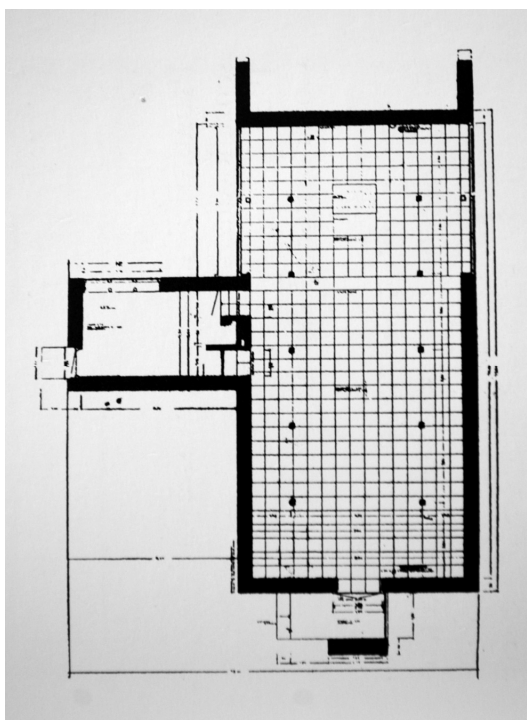
Fig.2.1. Capela de St. Albert, Kreuzau-Leversbach (Rudolf Schwarz, 1932).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.

Fig.2.2. Igreja do Santo Condestável, Lisboa (Vasco Regaleira, 1948-51).



Vista exterior.



Vista interior.

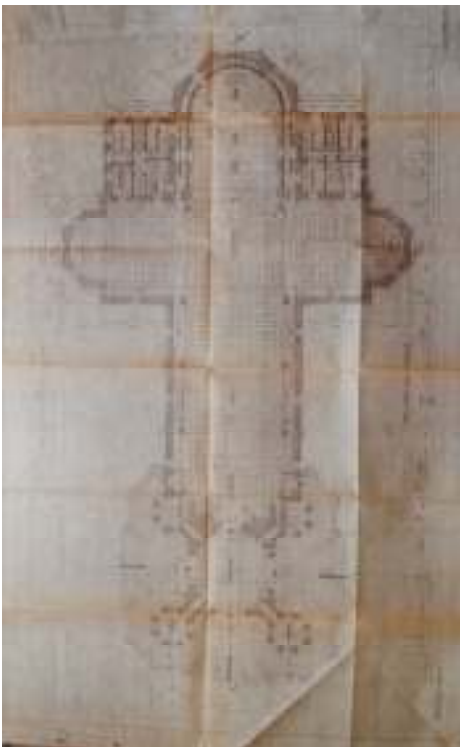
Fig.2.3. Igreja de São João de Brito, Lisboa (Vasco Regaleira, 1951-55).



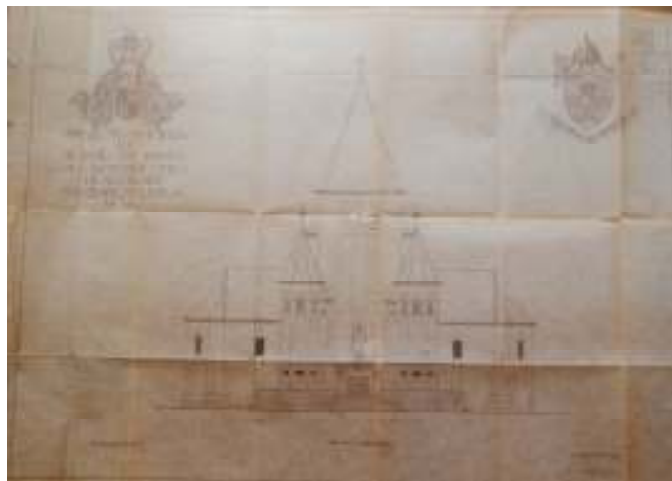
Vista exterior.



Primeira página do jornal *Novidades – Letras e Artes*.



Primeiro ante-projecto. Planta.



Primeiro ante-projecto. Alçado.

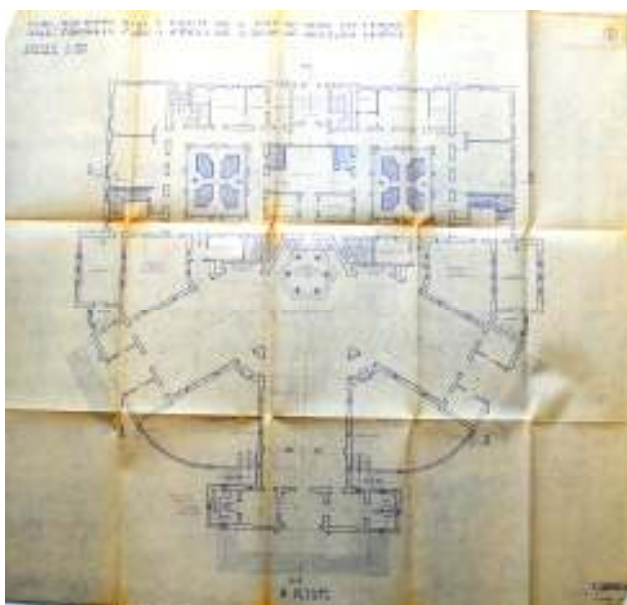
Fig.2.4. Igreja de São João de Deus, Lisboa (António Lino, 1953).



Vista exterior.



Vista interior.

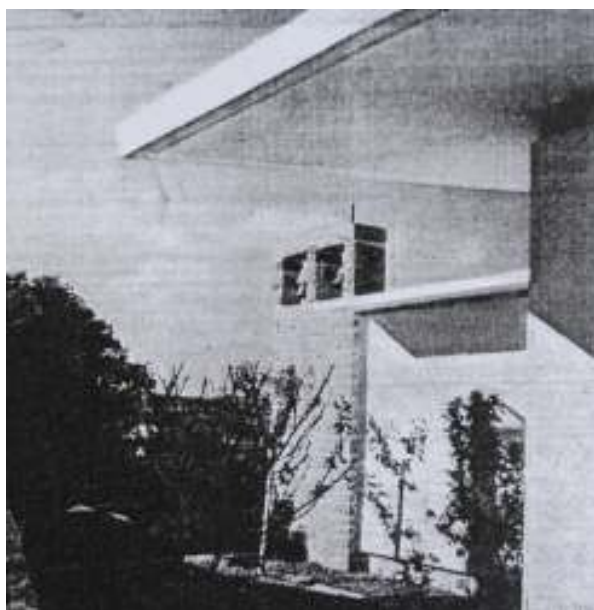


Planta.

Fig.2.5. capela de N. Sra. de Fátima, Rinchoa, Sintra (João Braula Reis, 1950).



Vista exterior.



Vista exterior (campanário).



Planta.

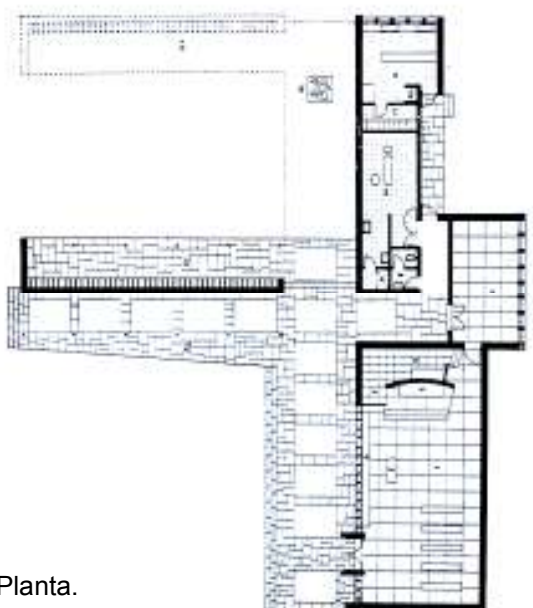
Fig.2.6. Capela e ossário do Cemitério de N. Sra. das Angústias, Funchal (Raul Chorão Ramalho, 1950-58).



Vista exterior.



Vista interior.

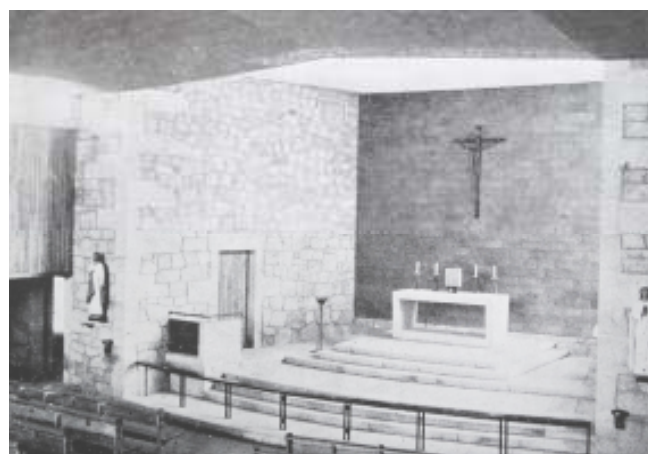


Planta.

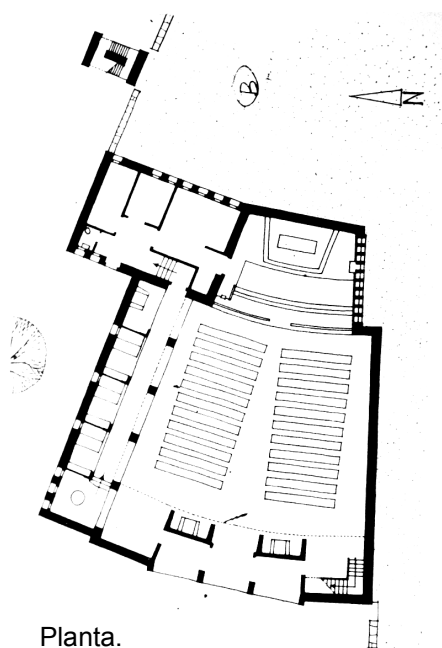
Fig.2.7. Igreja de N. Sra. de Fátima, Águas, Penamacor (N. Teotónio Pereira, 1949-57).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.

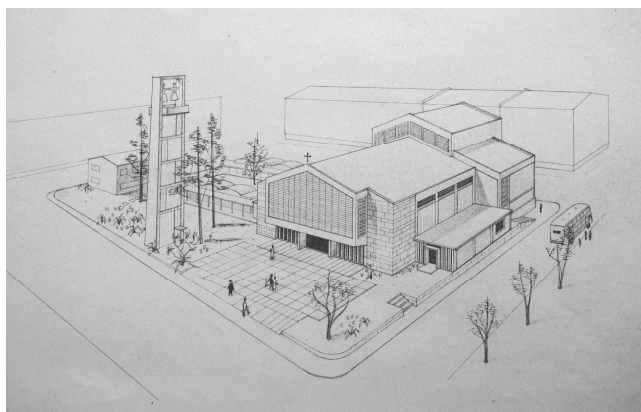


Estudos.

Fig.2.8. Igreja de Sto António, Moscavide (João de Almeida e A. Freitas Leal, 1953-56).



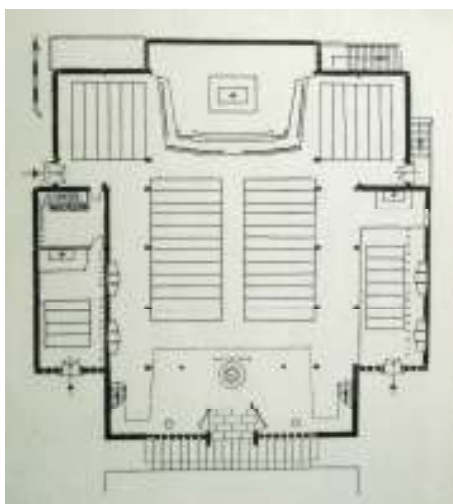
Vista exterior.



Perspetiva.



Vista interior.



Planta.



Vista interior.

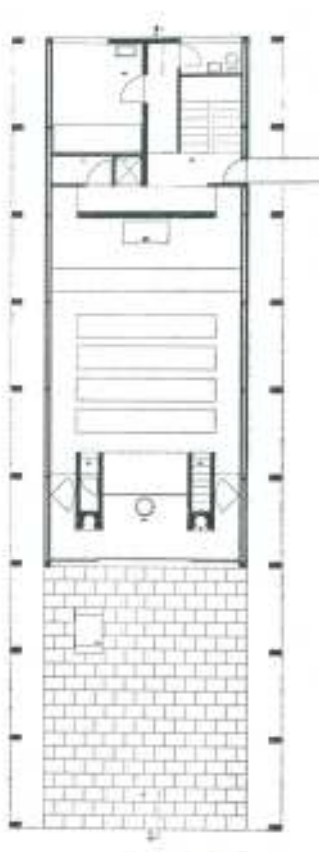
Fig.2.9. Capela de N. Sra. de Fátima, Picote (Manuel N. Almeida, 1956-58).



Vista exterior.



Maquete.



Planta.

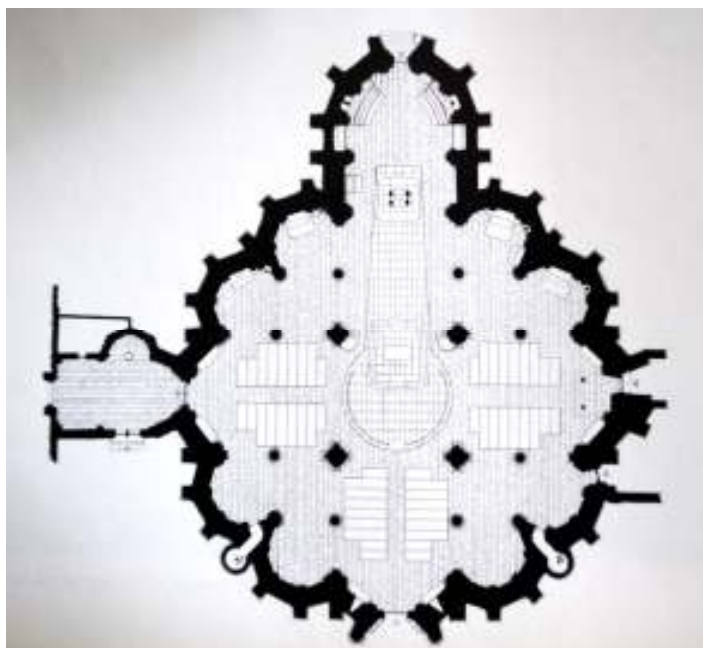


Vista interior.

Fig.2.10. Igreja de Liebfrauen, Trier, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1950-53).

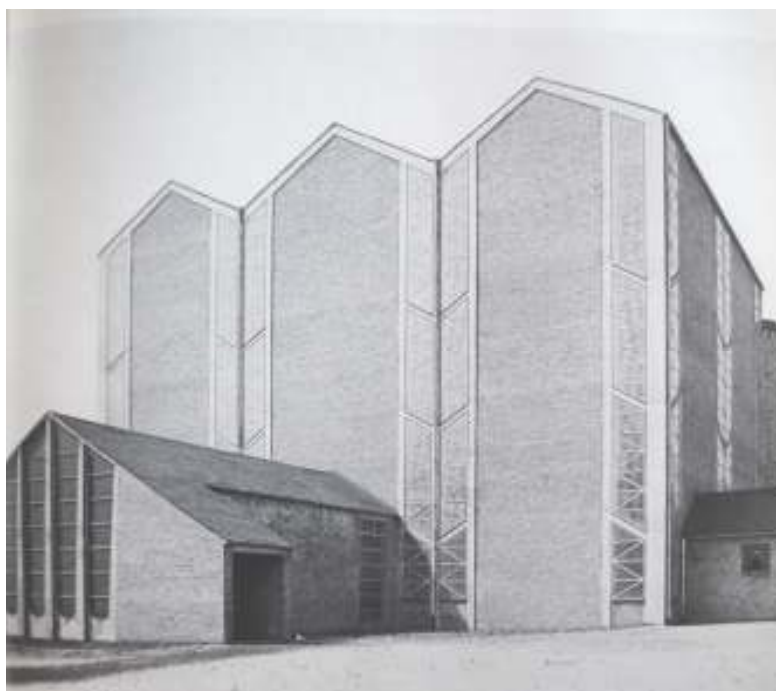


Vista interior.

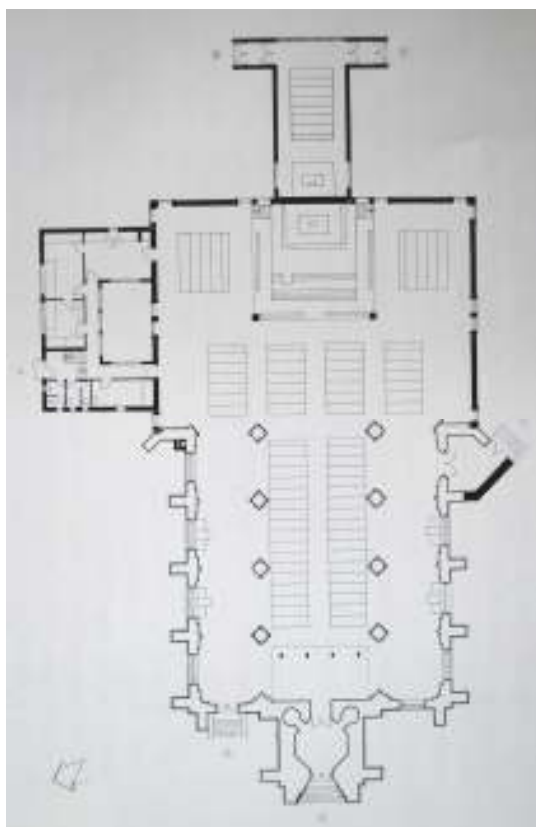


Planta.

Fig.2.11. Igreja de Mülheim, Colónia, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1952-55).



Vista exterior.



Planta.



Vista interior.

Fig.2.12. Entre Deus e os Homens, *Novellae Olivarum*.



Capa e contracapa (Zacarias Nascimento, 1960).

Fig.2.13. Congresso Nazionale di Architettura Sacra, Bolonha, Itália (23-25.set.1955).



Congresso.



Exposição.

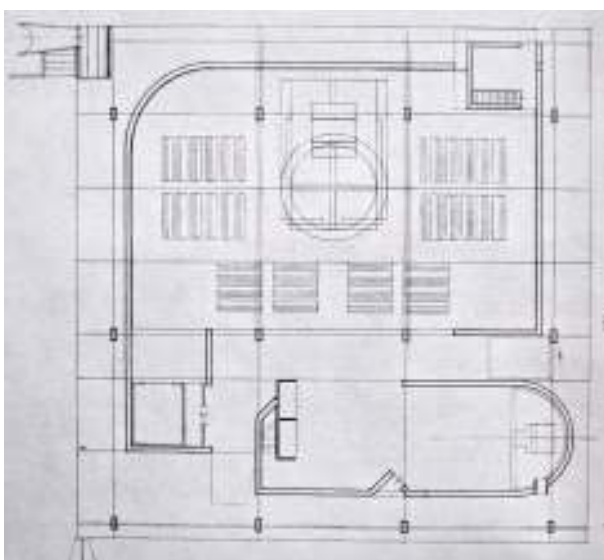
Fig.2.14. Igreja da Beata Vergine Immacolata, Bolonha, Itália (Glauco Gresleri, 1957-61).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.

Fig.2.15. Igrejas provisórias, Bolonha.



San Vincenzo de Paoli, Bolonha (Glauco Gresleri, 1956). Vista exterior.

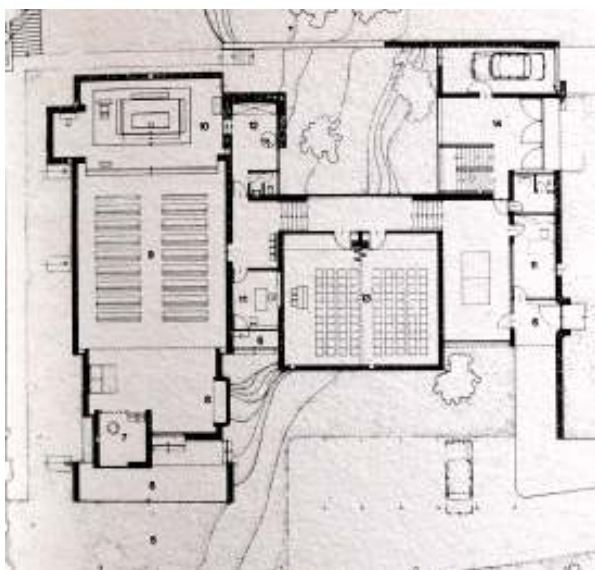


Sant'Eugenio, Bolonha (Glauco Gresleri, 1958). Vista interior.



San Giuseppe Lavatore, Bolonha (Glauco Gresleri, 1958). Vista interior

Fig.2.16. Igreja de S. Giovanni Battista, Fiesole, Florença, Itália (Glauco Gresleri, 1959-62).

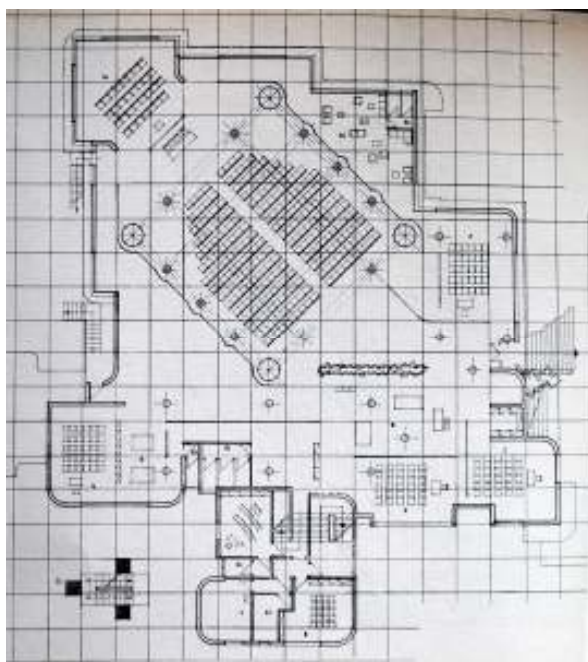


Planta.



Vista exterior.

Fig.2.17. Igreja de S. Pio X, Bolonha, Itália (Giorgio Trebbi, 1957-62).



Planta.



Vista interior.

Fig.2.18. Capela provisória do Bairro da Liberdade, Lisboa (N. Teotónio Pereira).



Vista exterior.



Vista interior.

Fig.2.19. Capela provisória da Curraleira, Lisboa (P. Frederico Waalders).



Vista exterior.



Vista interior.

3.3. Capítulo 3. MRAR: história

Fig.3.1. Ferdinand Gher, Teresa Medeiros de Almeida e Hermann Baur, Suíça (s.d.).



Fig.3.2. João de Almeida e Ferdinand Gehr, Oberwil, Suíça, (1957).



Fig.3.3. Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea: folheto (abr.1953).

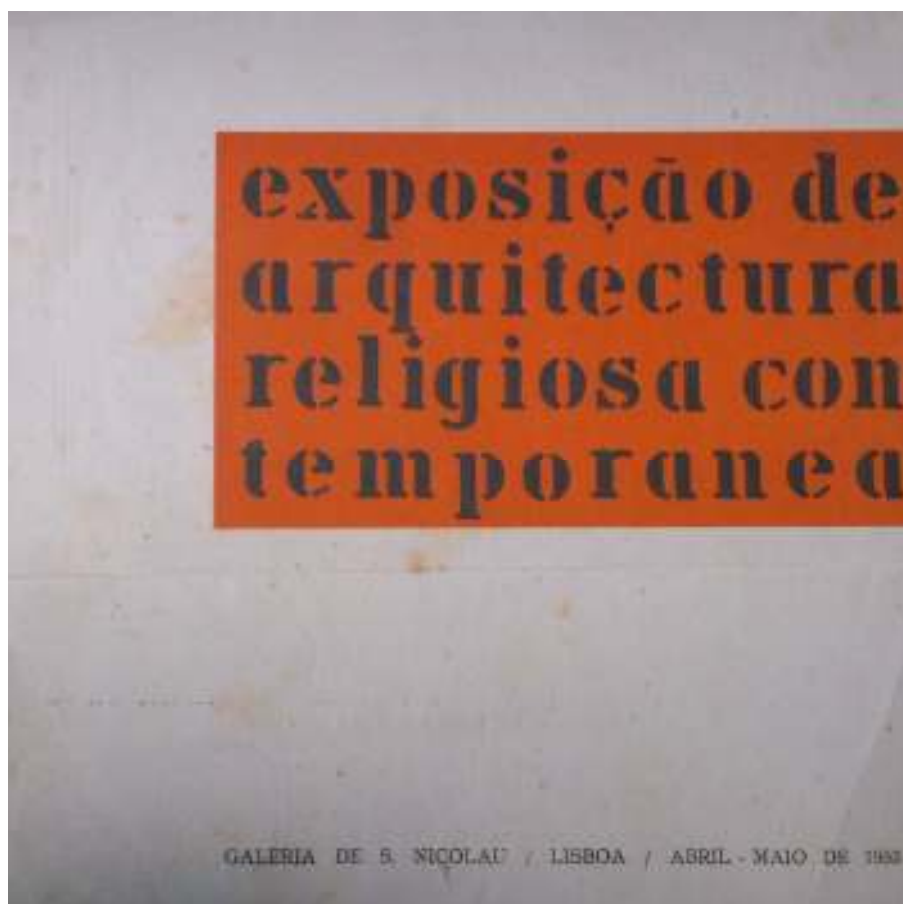
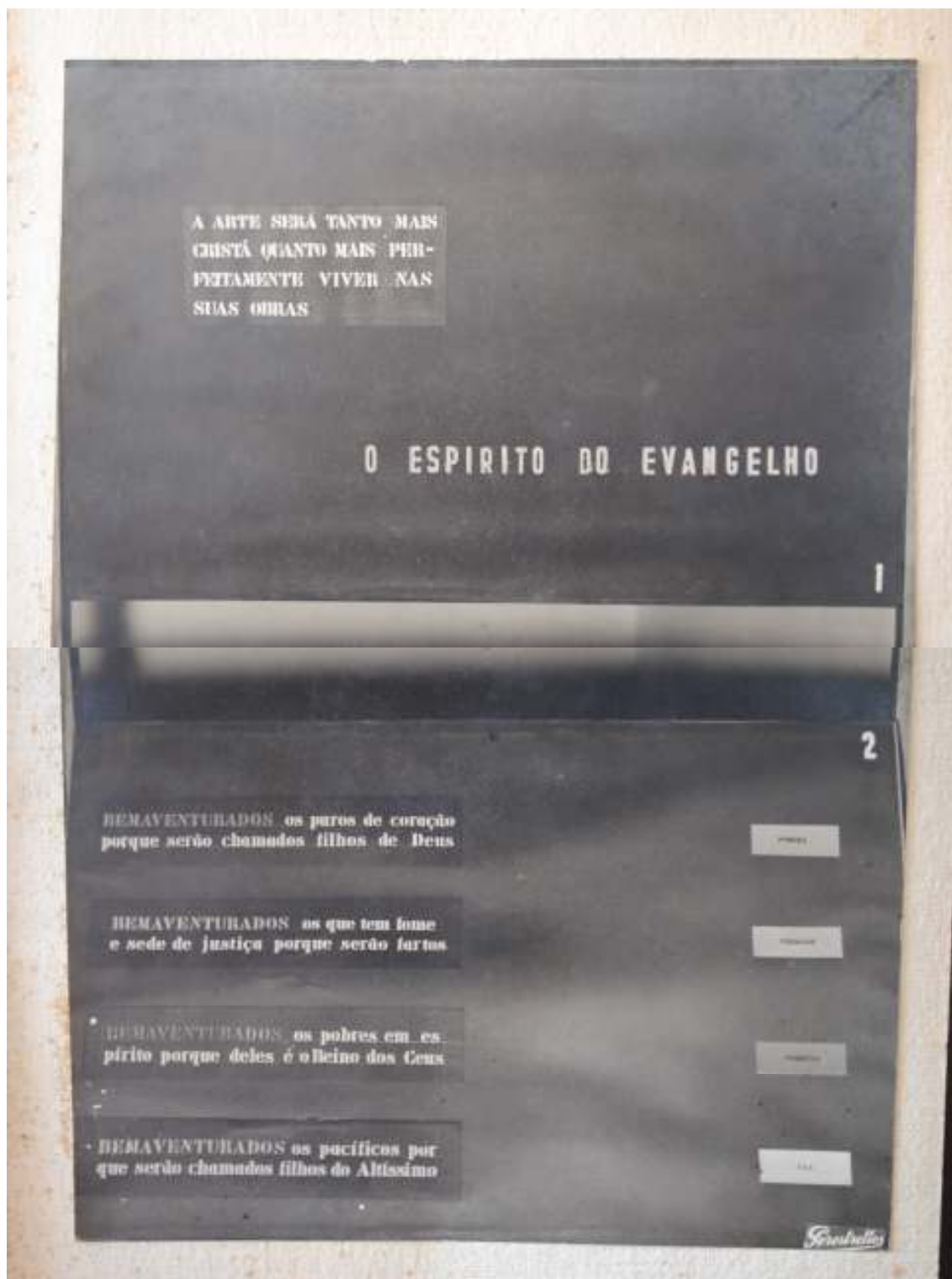


Fig.3.4. Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea: painéis (abr.1953).





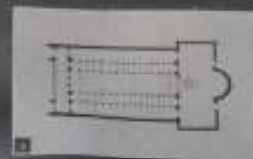


MAS ESTAS EXIGÊNCIAS NÃO FIXAM
A ARQUITECTURA DO TEMPLO EM FOR-
MAS DETERMINADAS: PELO CONTRÁ-
RIO DEIXAM-LIBRE PLENA LIBERDA-
DE NA SUA INVENÇÃO - LIBERDADE
TRAÍDA SE ESSAS EXIGÊNCIAS AS
CRISTALIZASSEM

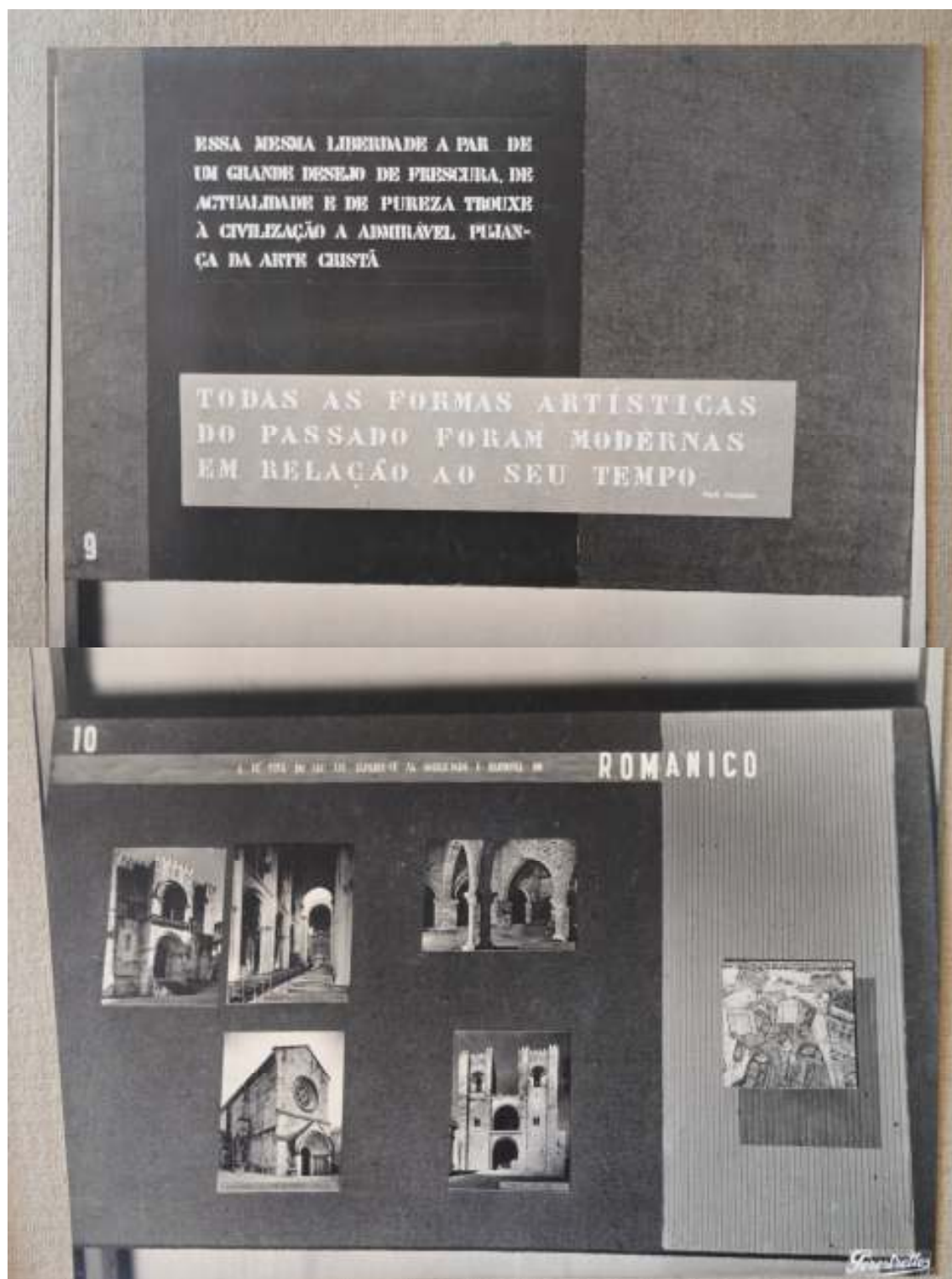


7

DENTRO DESTA LIBERDADE SE CONSTRUIRAM AO LONGO DE
VINTE SÉCULOS IGREJAS COM AS MAIS VARIADAS FORMAS



1. S. João	1910	1910
2. S. João de S. João	1910	1910
3. S. João de S. João	1910	1910
4. S. João de S. João	1910	1910
5. S. João de S. João	1910	1910
6. S. João de S. João	1910	1910
7. S. João de S. João	1910	1910
8. S. João de S. João	1910	1910

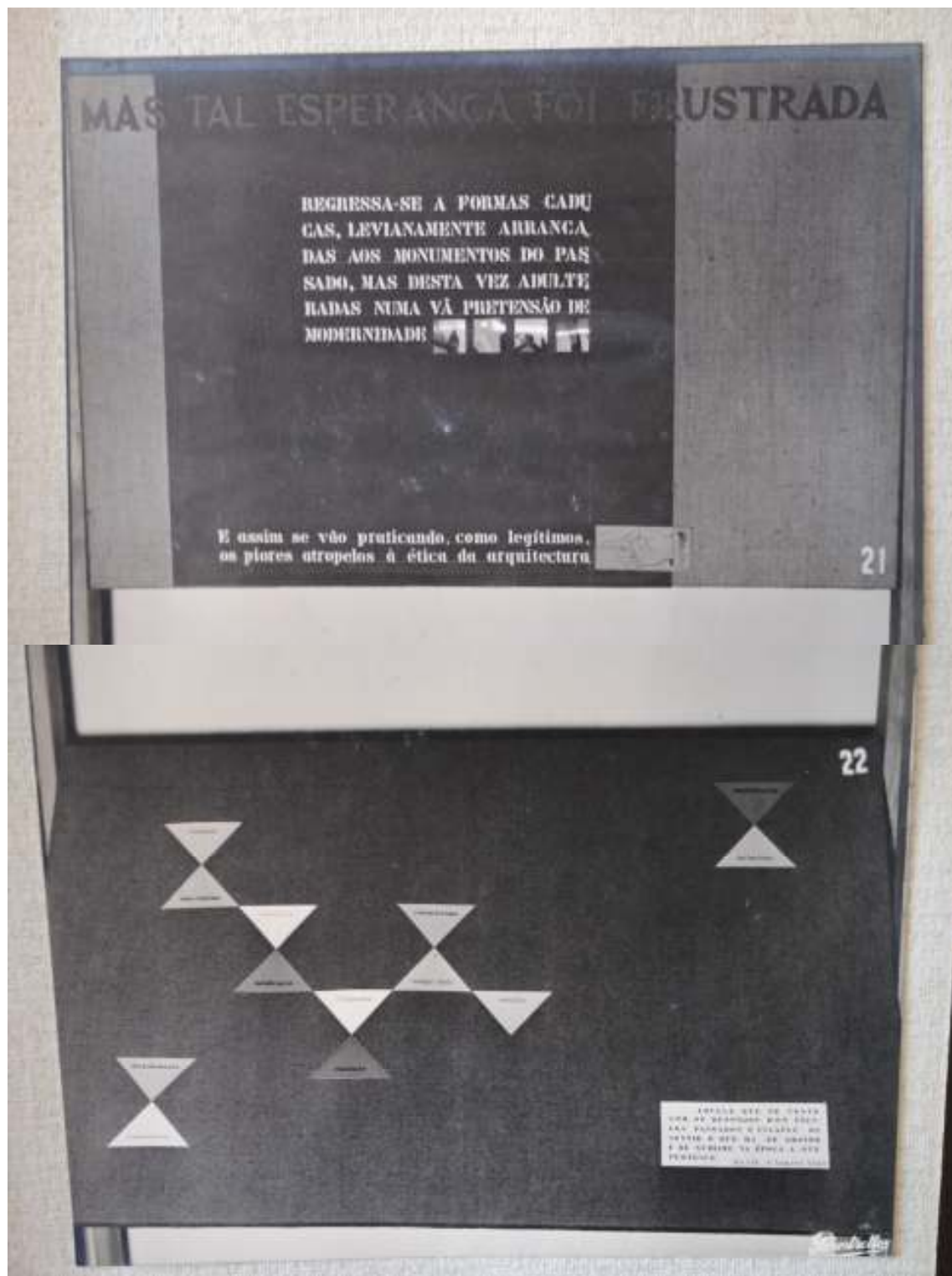


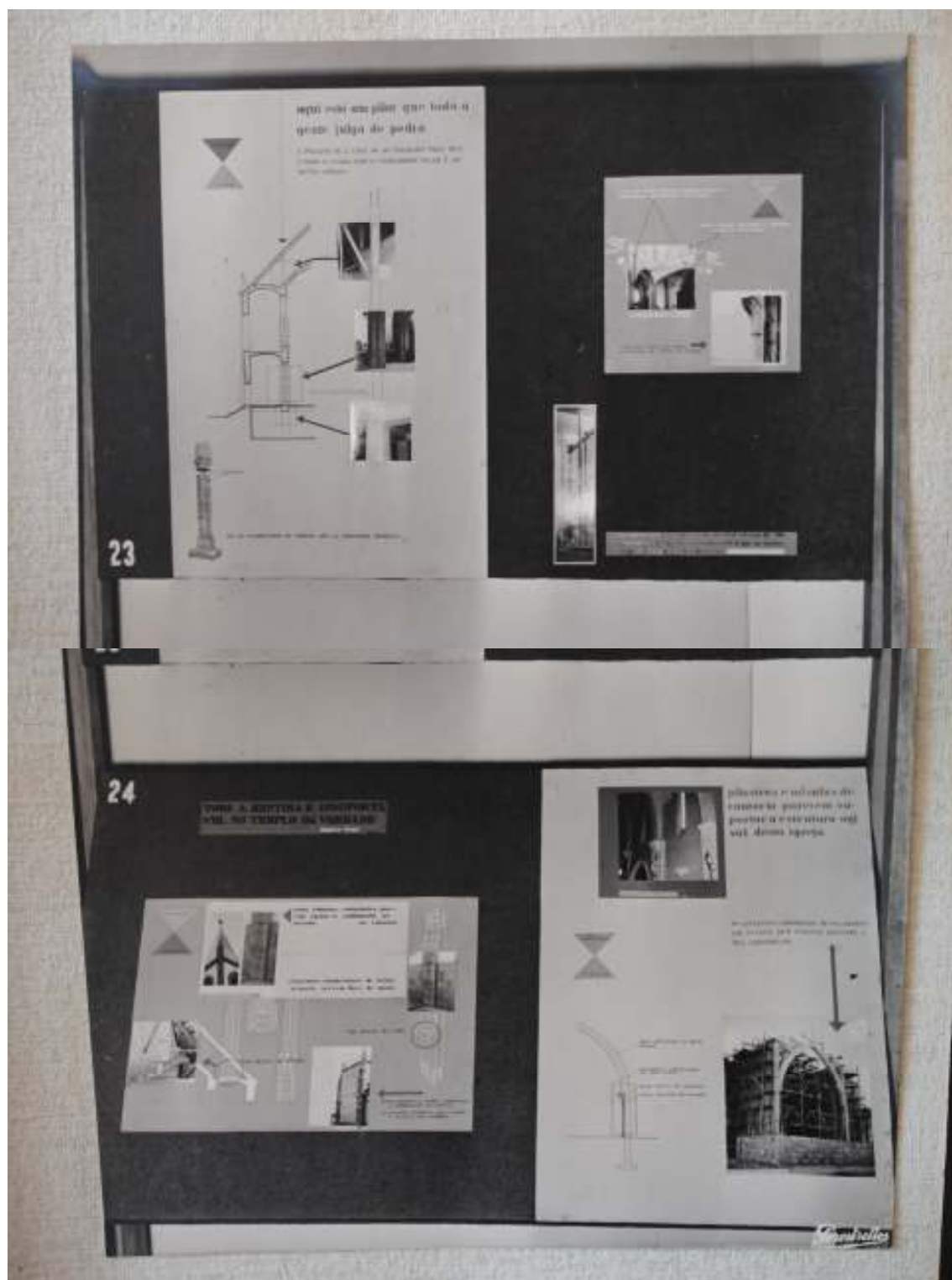


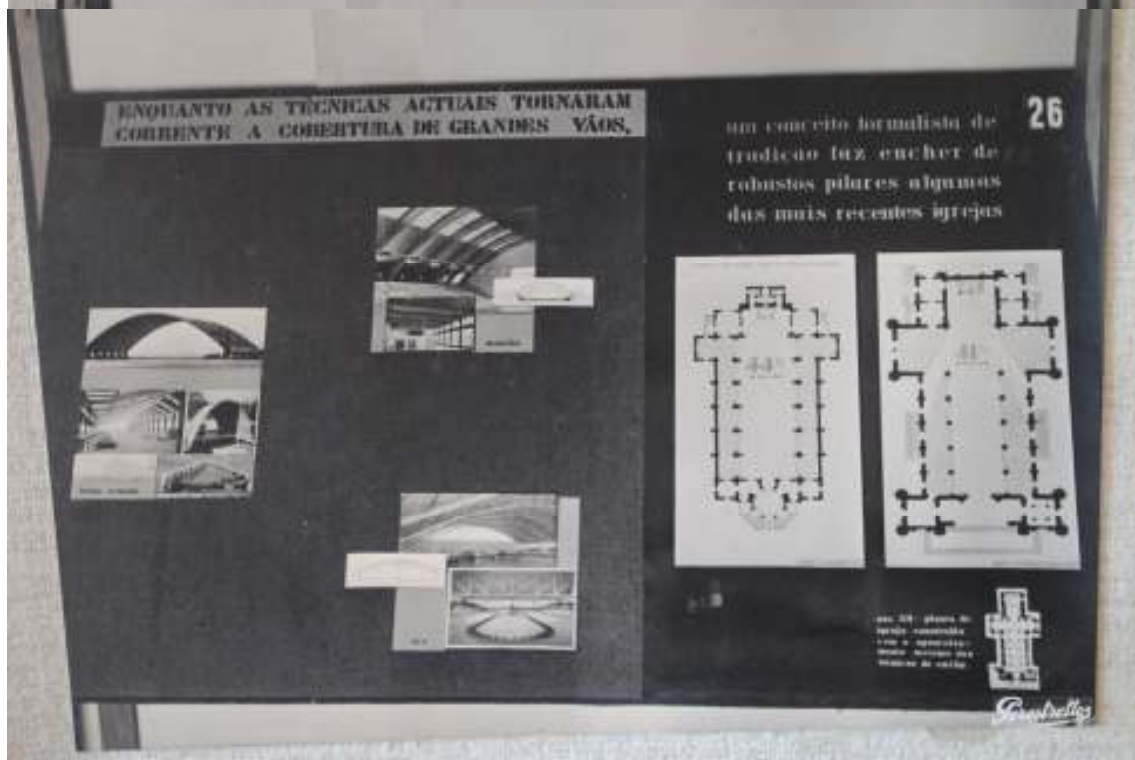


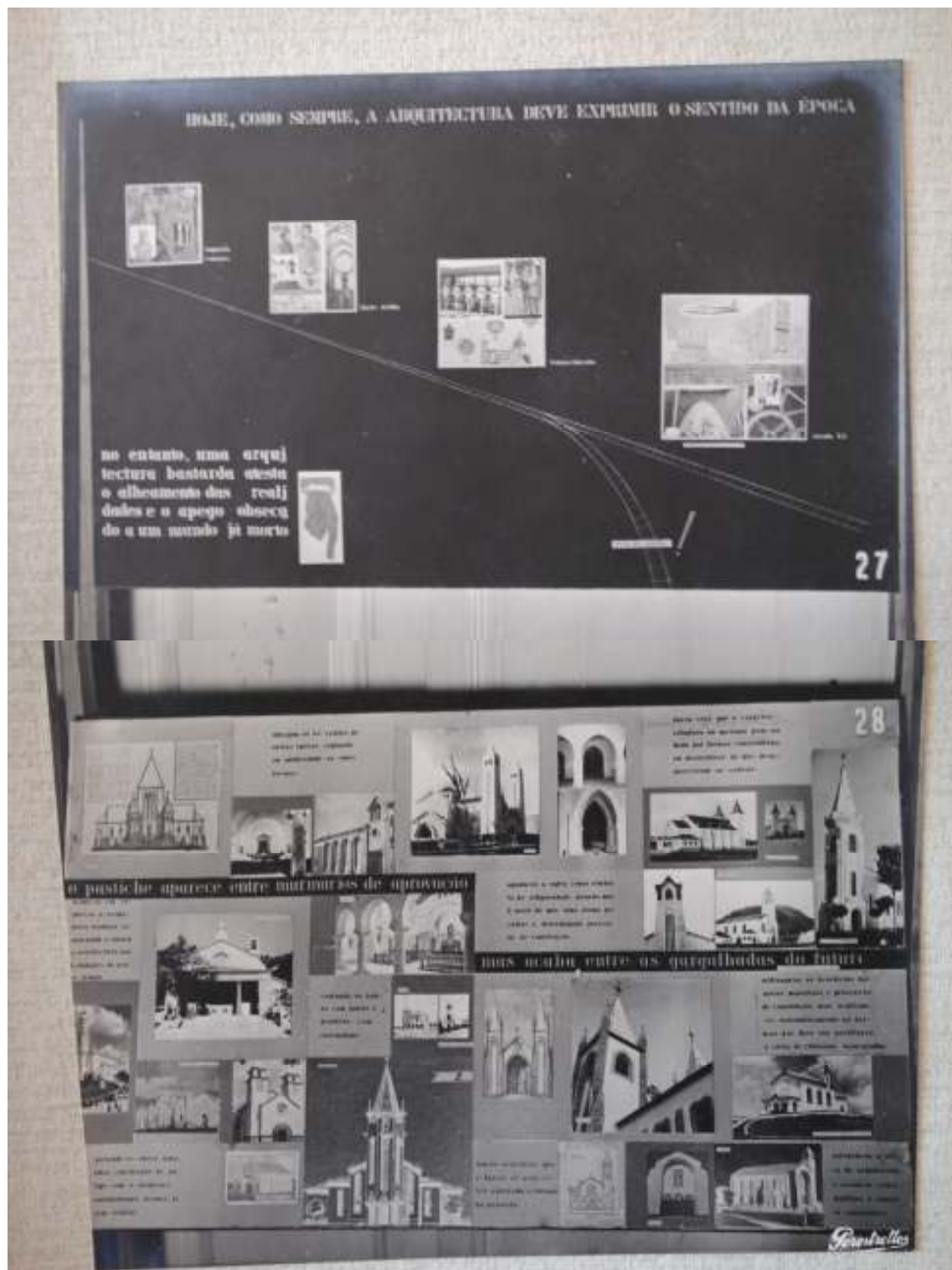












PARALELAMENTE A LIBERTÉ TRADI-
CIONALISTA, RENASCENTE - NE-
OUTRA TENDÊNCIA NÃO MENOS
PRÓPRIA E IDENTIFICATIVA - A DE
O **MODERNISMO** ESTILIZADO
CONSERVISTA E EXTERIORIZANTE

Excessos e caprichos
destroem este arquitecto
que se quer moderno
mas que é apenas adoração
de novidade e sujeição a
elementos valores de moda

29

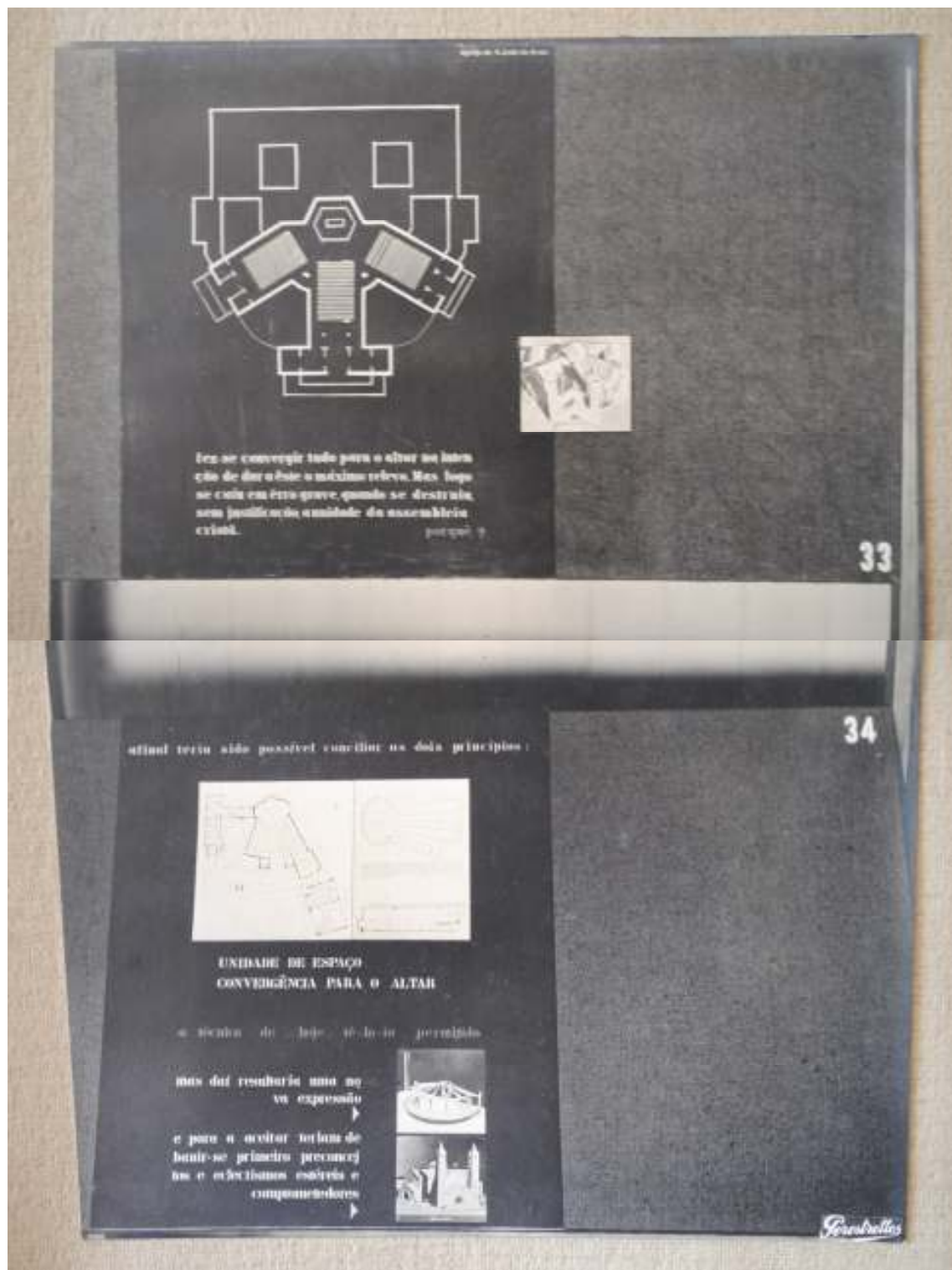
30

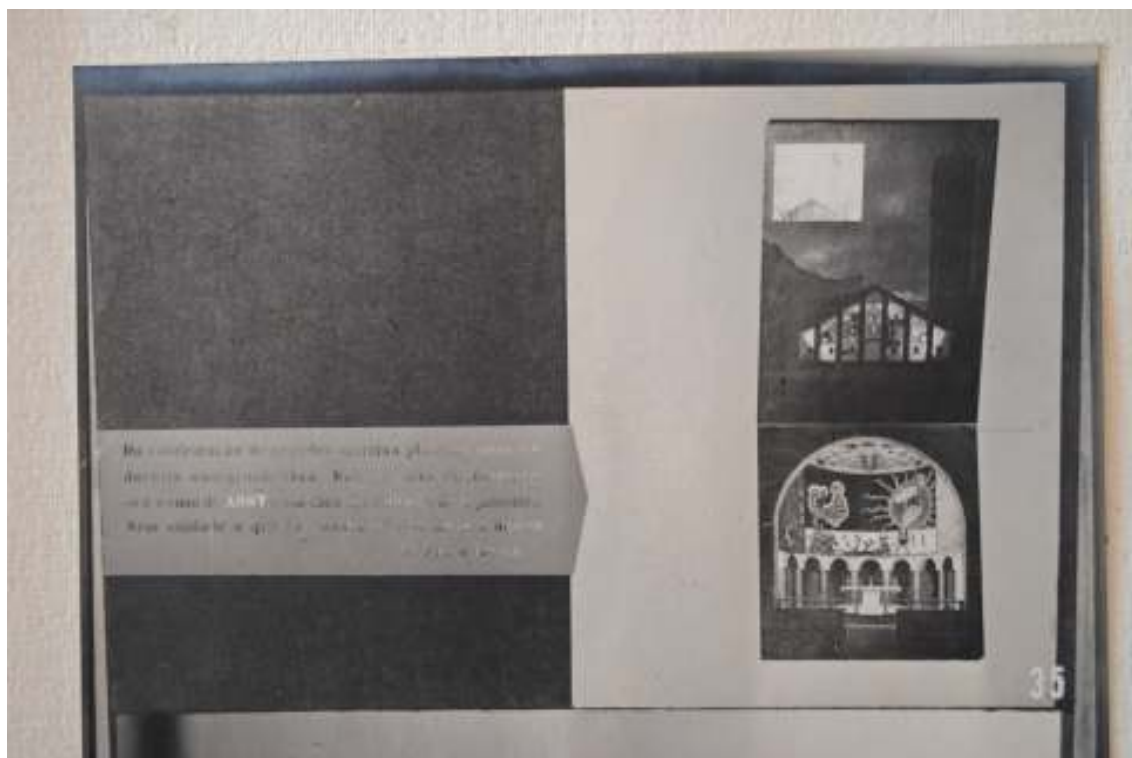
estilizações arbitrárias, inspirações duvidosas extrínsecas à obra, procura superficial do carácter sagrado

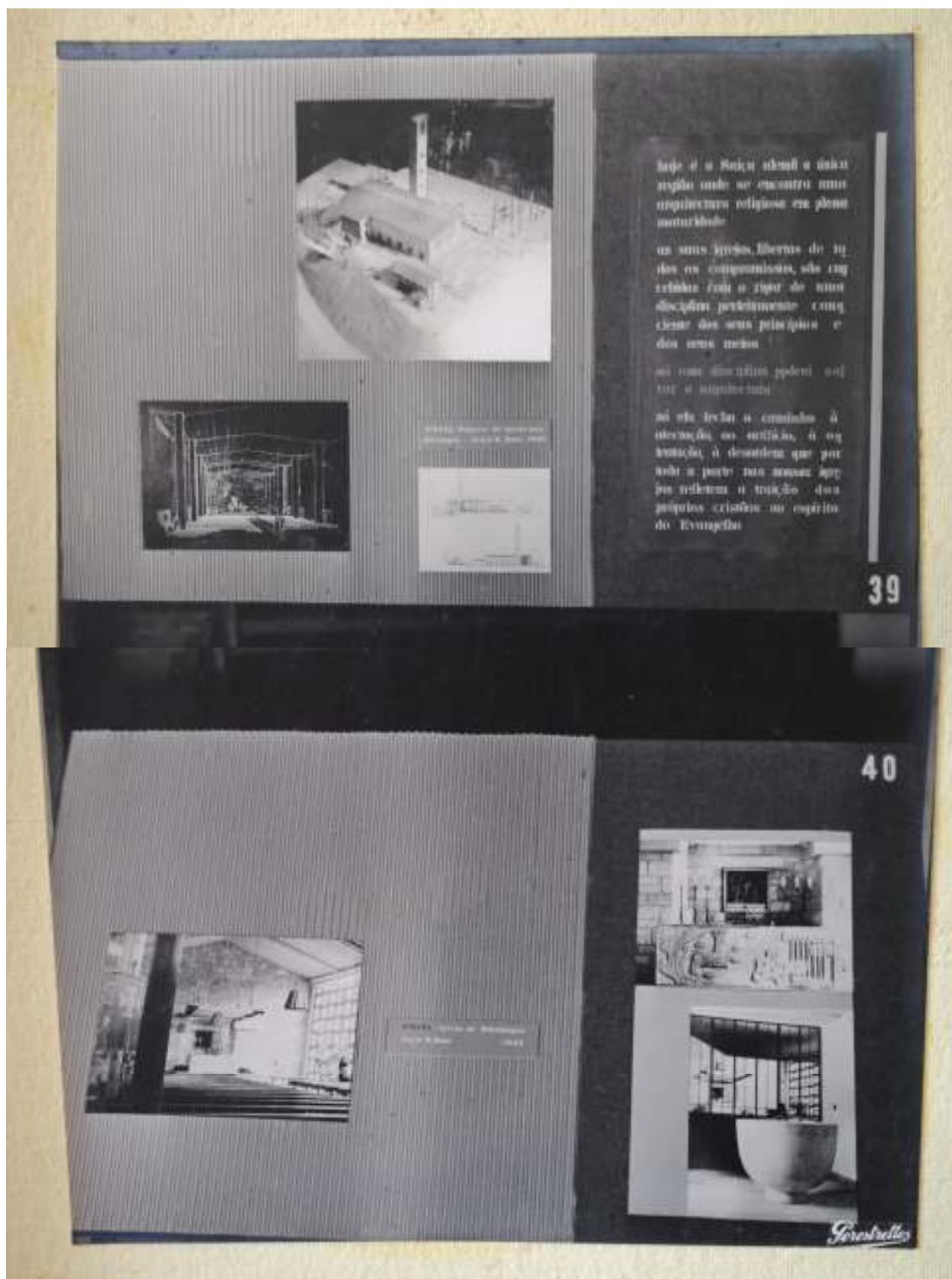


Paulista

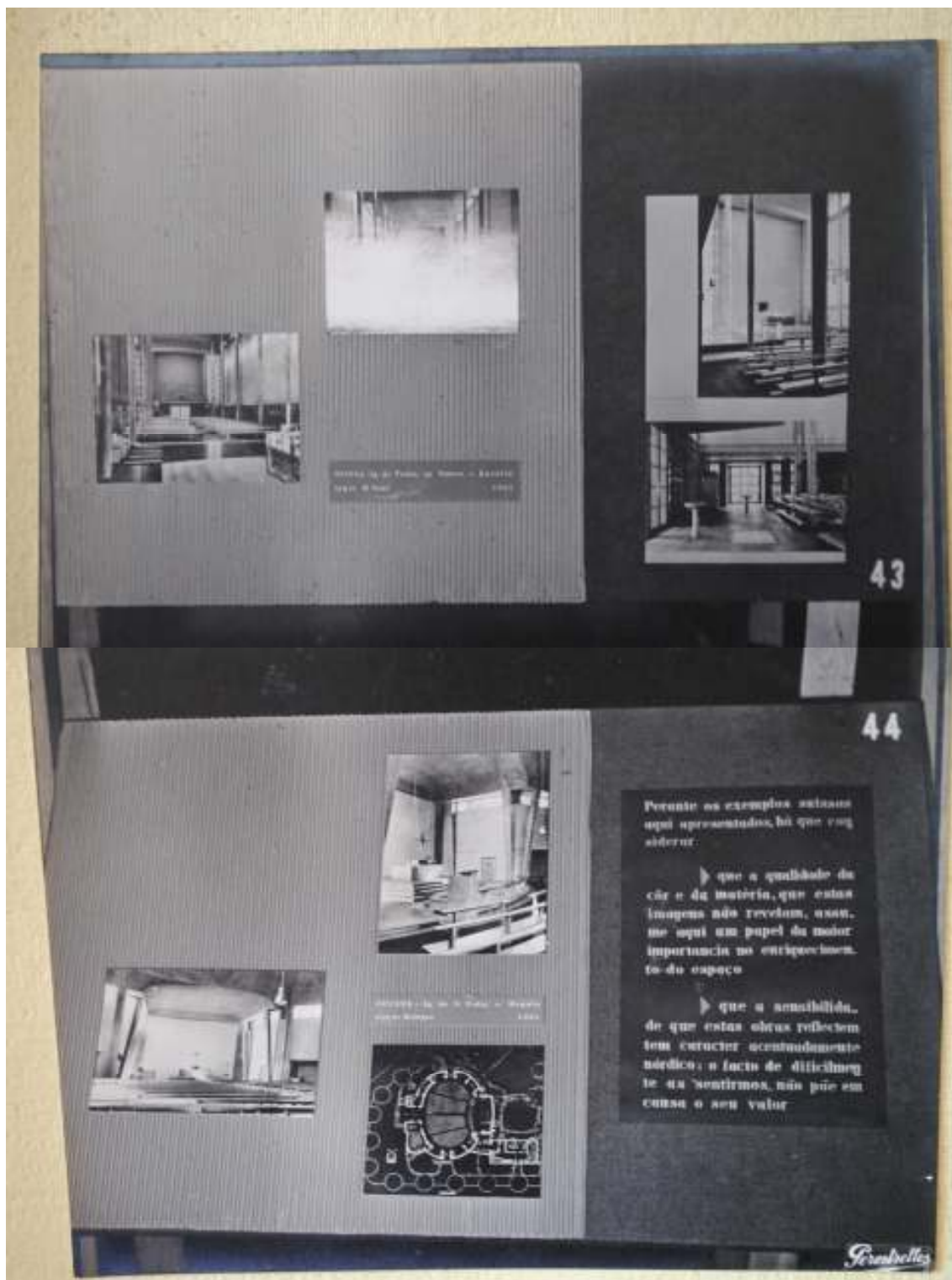












REATANDO O CAMINHO APONTADO ANOS
ATRÁS, MAS REFLECTINDO DESTA VEZ
O DESEJO DE UM SÓLIDO APROFUNDA-
MENTO DOUTRINÁRIO, ESBOÇAM-SE DE
NOVO EM PORTUGAL OS PRENÚNCIOS
DE UMA SÁ RENOVAÇÃO

a escassez dos exemplos
apresentados e a hesitação
que eles possam ainda
revelar devem-se princi-
palmente:

a desorientação
estética do meio
a inexperience
dos architectos ou a
insuficiência da sua
formação doutrinal

45

46



Sandoz

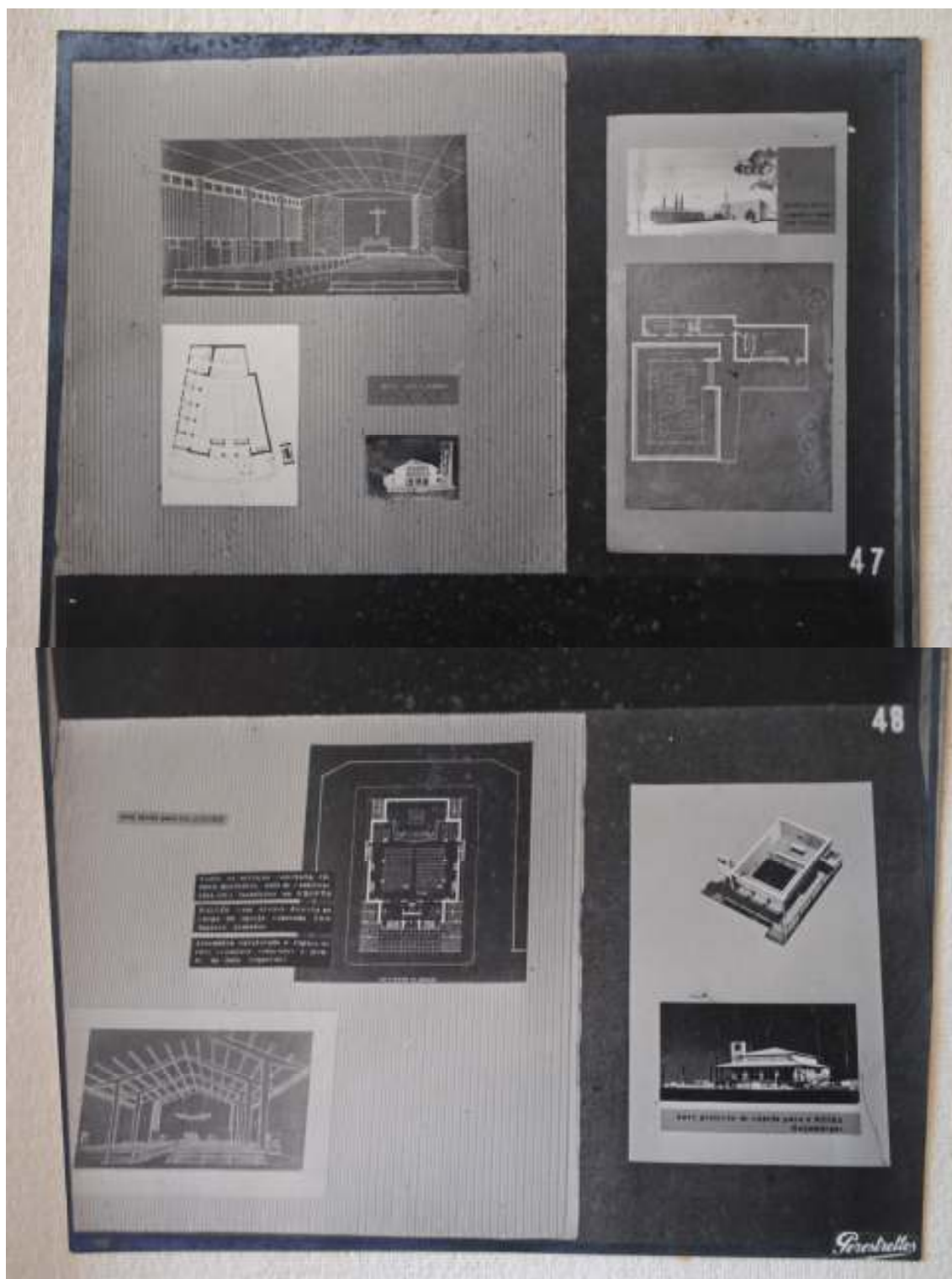
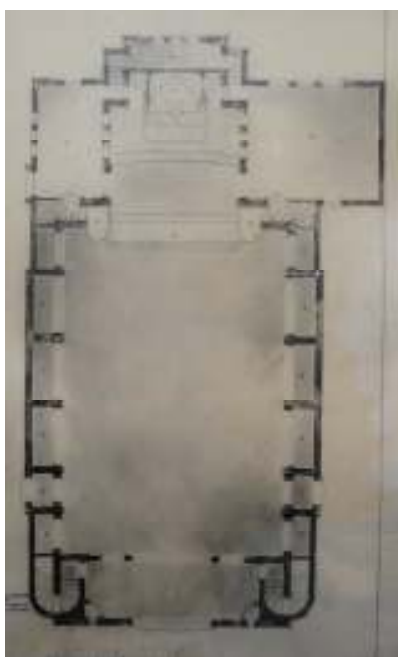


Fig.3.5. Igreja de N. Sra de Fátima, Porto (Fortunato Cabral, Mário M. Soares e Cunha Leão, 1936).



Vista exterior.



Planta.



Vista interior.

Fig.3.6. Igreja de N. Sra de Fátima, Parede (Guilherme Rebelo de Andrade, 1953).



Vista exterior.

Fig.3.7. Igreja de S. Gabriel, Vendas Novas (Jorge Segurado, 1951).



Vista exterior.



Vista interior.

Fig.3.8. Igreja de N. Sra da Conceição, Porto (Dom Paul Bellot, 1947).



Vista exterior.



Vista interior.

Fig.3.9. Catedral de Lourenço Marques, Moçambique (Freitas e Costa, 1944).

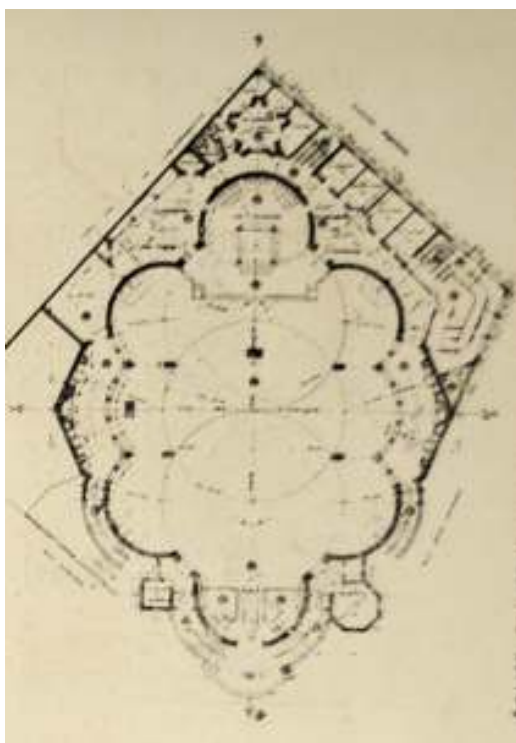


Vista exterior.

Fig.3.10. Igreja de Sainte-Jeanne-D'Arc, Nice, França (Jacques Droz, 1933).



Vista exterior.



Planta.



Vista interior.

Fig.3.11. Igreja de St-Antonius, Seraing, Bélgica (Stan Leurs, 1930).



Vista exterior.



Vista interior.

Fig.3.12. Igreja de Sainte-Jeanne-D'Arc, Gennevilliers, França (Marcel Favier, 1933).



Vista exterior.

Fig.3.13. Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea: Lisboa (abr.1953).



Fig.3.14. Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea: Porto (jun.1953).



Fig.3.15. Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea: Ponta Delgada (jan.1954).



Fig.3.16. Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea: Braga (out.1954).



Fig.3.17. 1º Encontro para Universitários, Lisboa, Externato dos Maristas, (30.abr.-1.mai.1954).



Fig.3.18. António Lino, Natividade (cartões de Boas Festas), (dez.1955).



Fig.3.19. Exposição de Arte Sacra Moderna, Galeria Pórtico, Lisboa (mar.-abr.1956).



S. Mamede (Jorge Vieira).



Maquete para a abside da igreja de N. Sra. de Fátima, Póvoa de Sta. Iria (Manuel Lapa).



Crucifixo (Hein Semke).



Via Sacra da Catedral de Nova Lisboa (Barata Feyo).



Sagrado Coração de Maria e porta de sacrário em bronze da igreja do Coração de Jesus, Covilhã (Graziela Albino).



S. João de Brito (Joaquim Correia)



Porta de sacrário em gesso (Graziela Albino)



S. Francisco (António Paiva)

Fig.3.20. Exposição de Arte Sacra Moderna, (mar.-abr.1956). Catálogo.



Fig.3.21. IV Congresso Internacional de Liturgia, Assis (18-22.set.1956).



Vista da assistência.

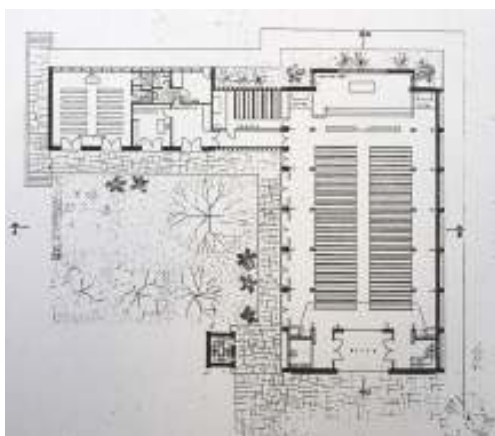


Vista da presidência.

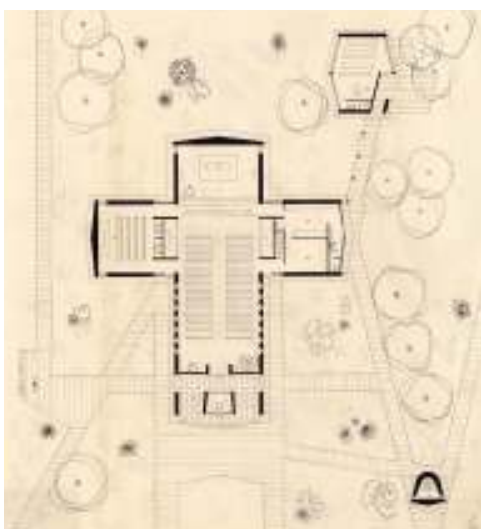
EDITADO PELO MOVIMENTO DE RENOVACÃO DA ARTE RELIGIOSA



Fig.3.23. Concurso de ante-projetos para a igreja do Agrupamento de Casas Económicas de Benfica, Lisboa (1956).

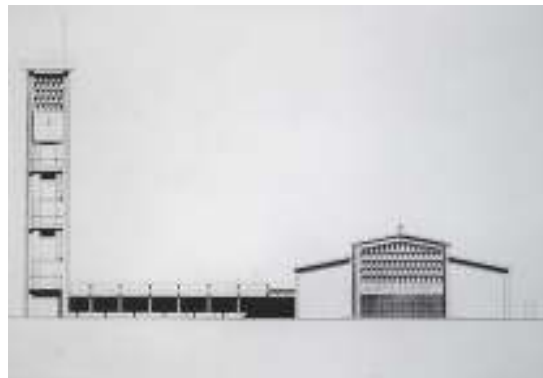
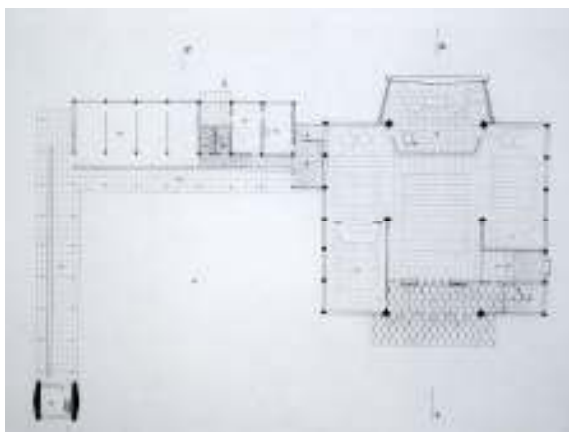


Fernando Schiappa de Campos (primeiro classificado).

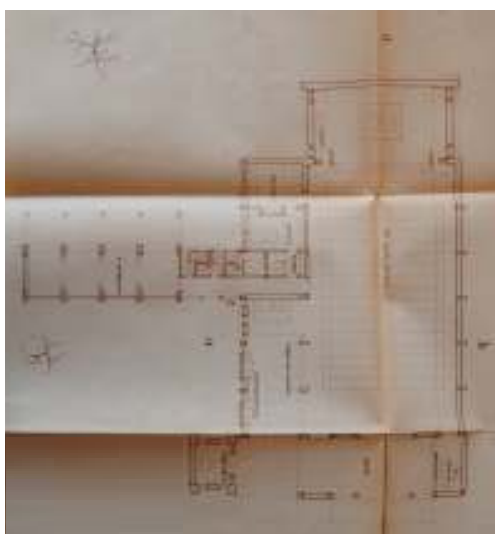


Raul Chorão Ramalho (segundo classificado).



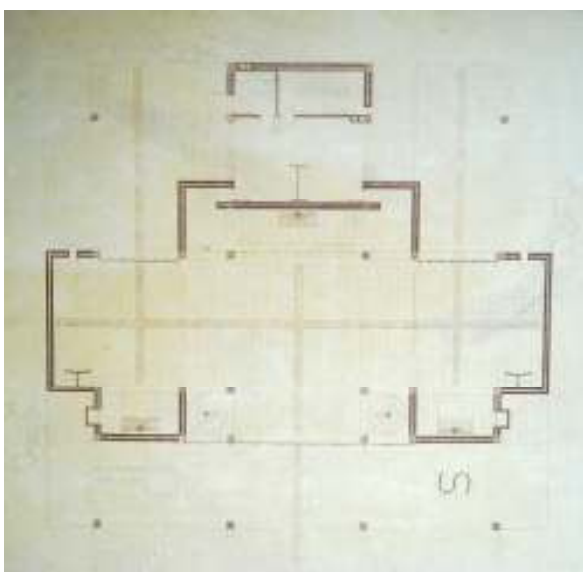


João Correia de Rebelo (terceiro classificado).



António de Freitas Leal (não premiado).

Fig.3.24. Concurso para um santuário em Loulé (1957).

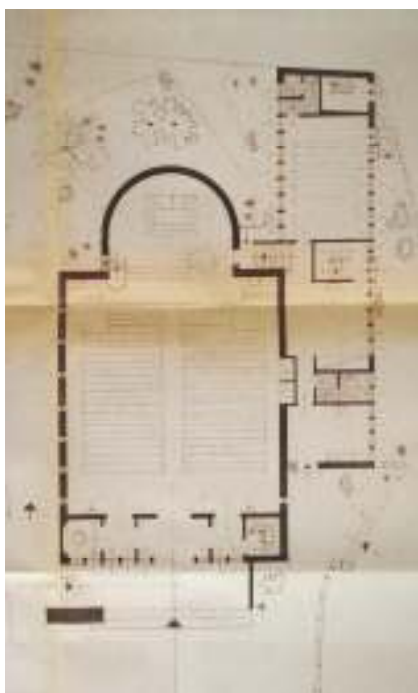


Luiz Cunha.

Fig.3.25. Igreja de N. Sra de Fátima, Póvoa de Santa Iria (José Bastos, 1956).



Perspetiva.



Planta.



Perspetiva.



Ábside.

Fig.3.26. Virgem com o Menino, século XIV (cartão de Boas Festas), (dez.1956).



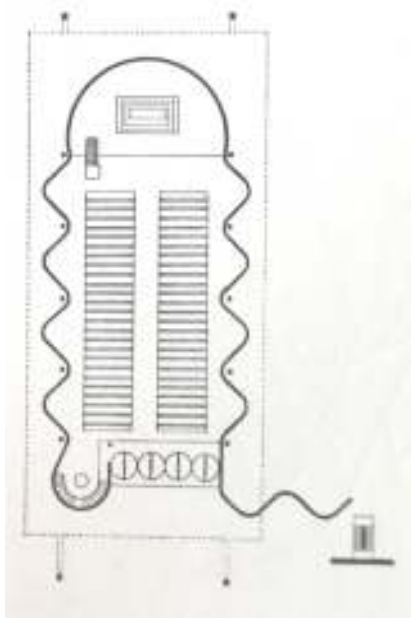
Fig.3.27. Curso de Arquitetura Sacra: visita à igreja de S. Vicente, Lisboa (4.jan.1957).



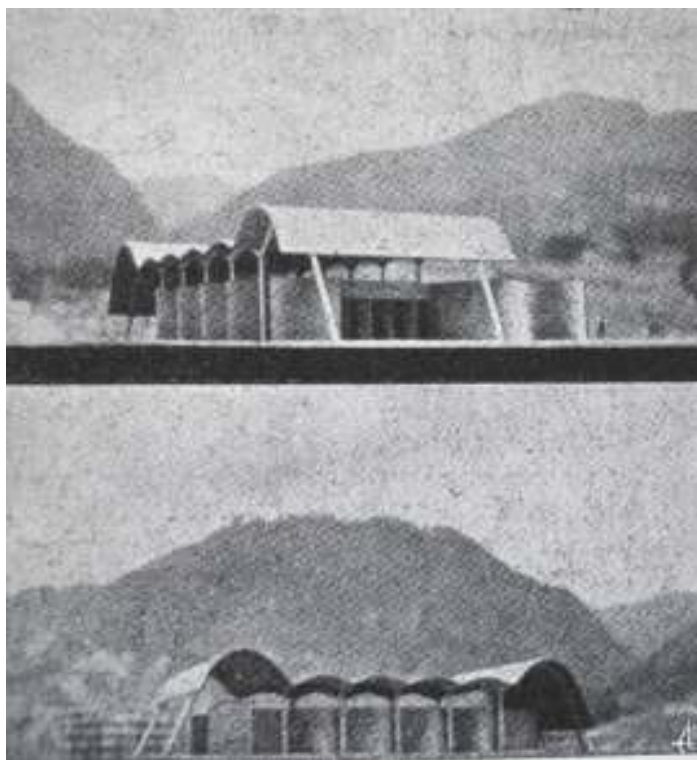
Fig.3.28. Museu de Arte e Arqueologia do Seminário Maior do Porto (mar.1957).



Fig.3.29. Igreja em Tumaco, Colômbia (Paul Lester Wiener e José Luis Sert, não construída).

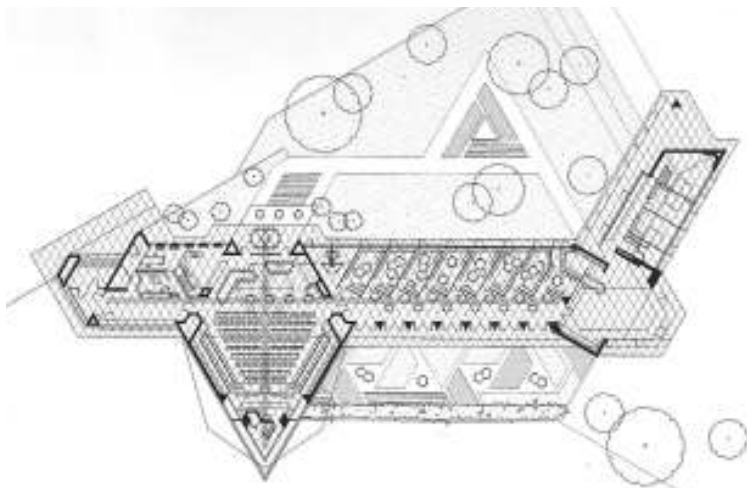


Planta.



Maquete.

Fig.3.30. Igreja unitária, Madison, Wisconsin, E.U.A. (Frank Lloyd Wright, 1951).



Planta.



Vista exterior.

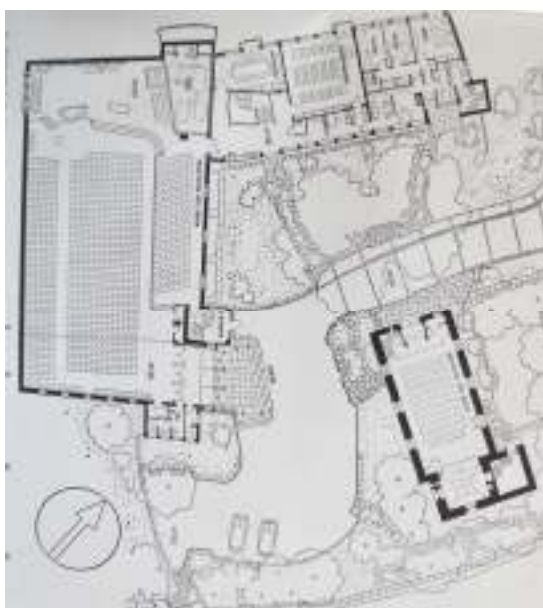
Fig.3.31. Igreja protestante em Altstetten, Zurique, Suíça (Werner Moser, 1941).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.

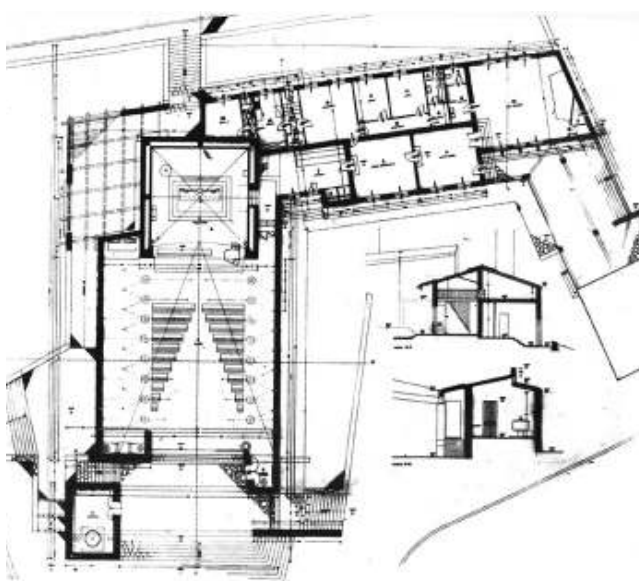
Fig.3.32. Igreja de San Vincenzo de Paoli, La Martella (Ludovico Quaroni, 1951-54).



Vista exterior.



Vista interior.

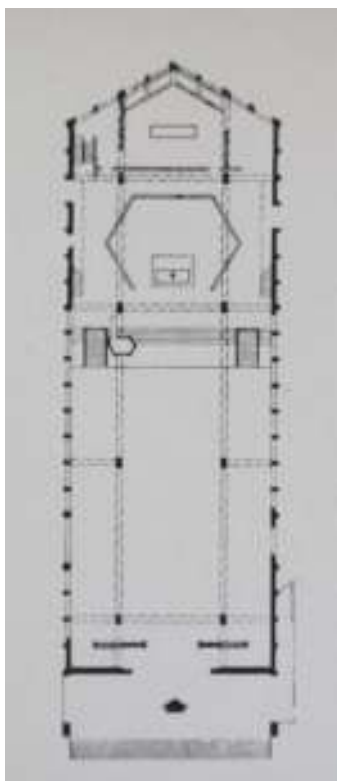


Planta.

Fig.3.33. Igreja de Madonna dei Poveri, Baggio (Luigi Figini e Gino Pollini, 1952-54).



Vista exterior.



Planta.

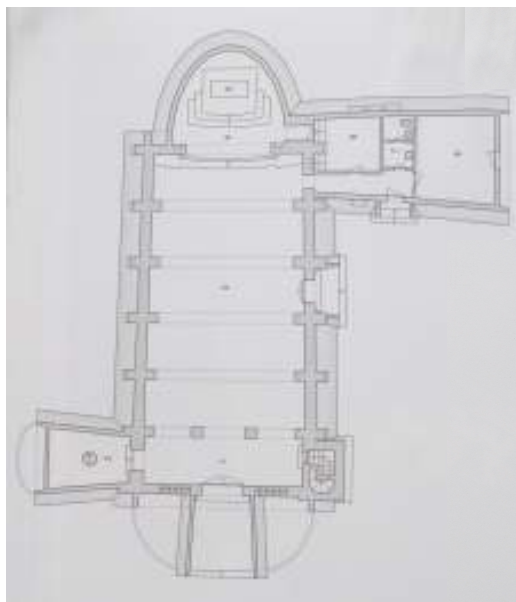


Vista interior.

Fig.3.34. Igreja de Santo Isidro, Colónia Agrícola de Pegões (Eugénio Correia, 1957).



Vista exterior.



Planta.



Vista interior.

Fig.3.35. Igreja do Imaculado Coração de Maria, Alto da Manga, Beira, Moçambique (João Garizo do Carmo, 1961).



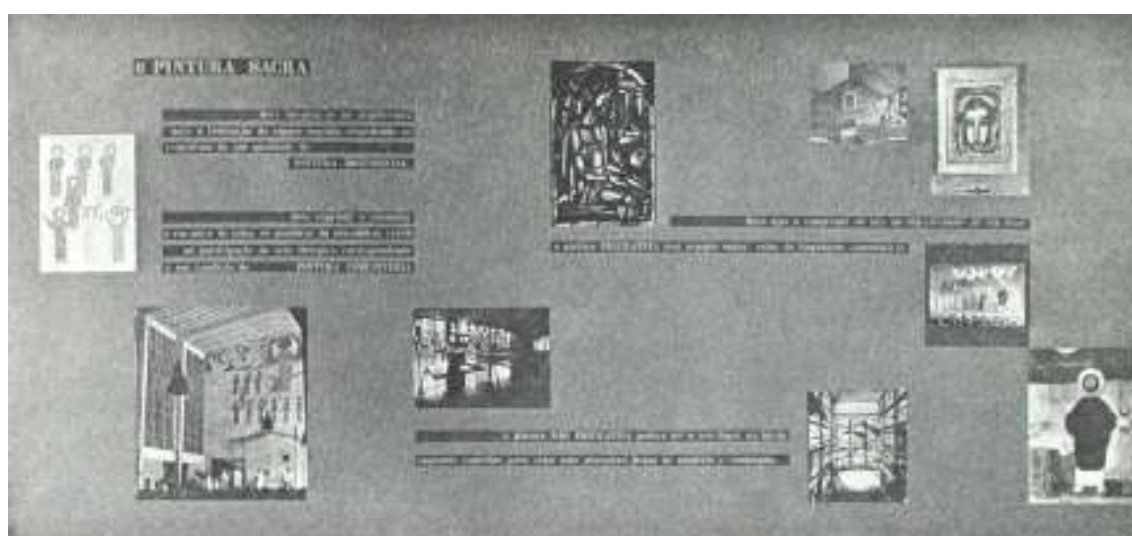
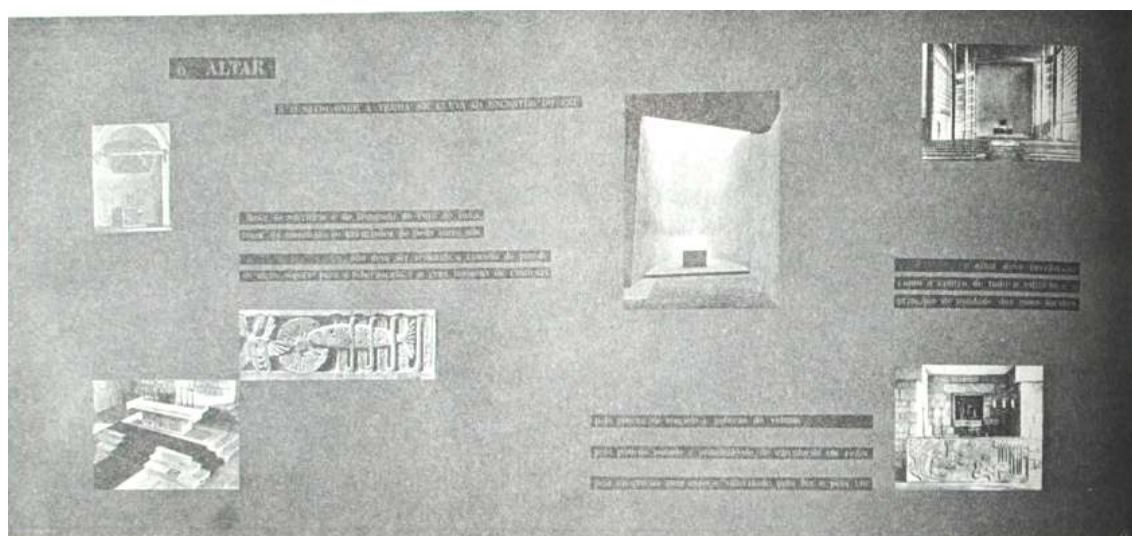
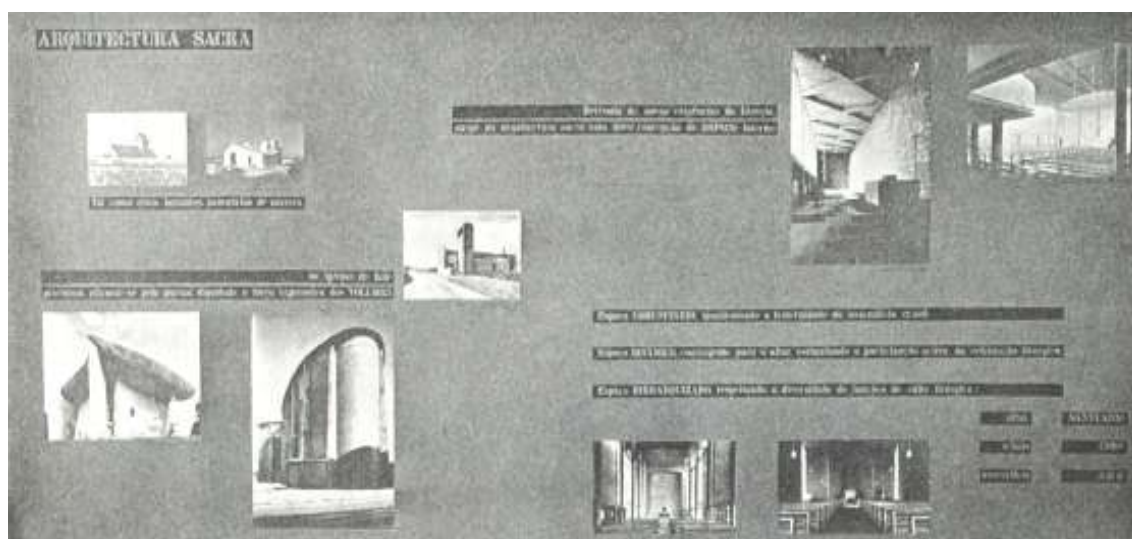
Vista exterior.

Fig.3.36. Igreja de S. Lourenço de Bustos, Oliveira do Bairro (António Rocha Carneiro, 1964).



Vista exterior.

Fig.3.38. Exposição de Arte Sacra Moderna, Paço Episcopal do Porto: painéis (jun.1959).



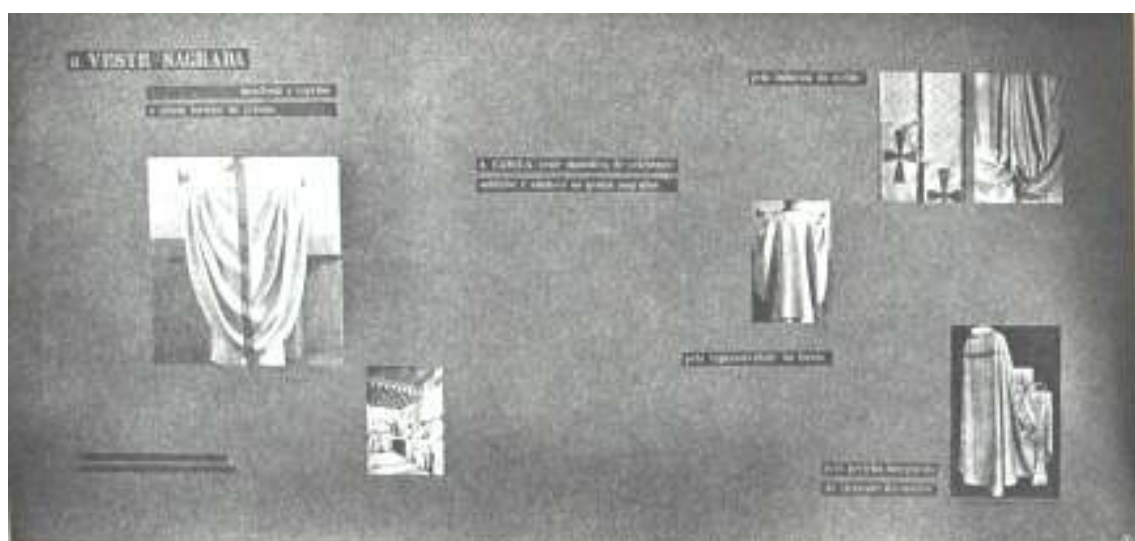
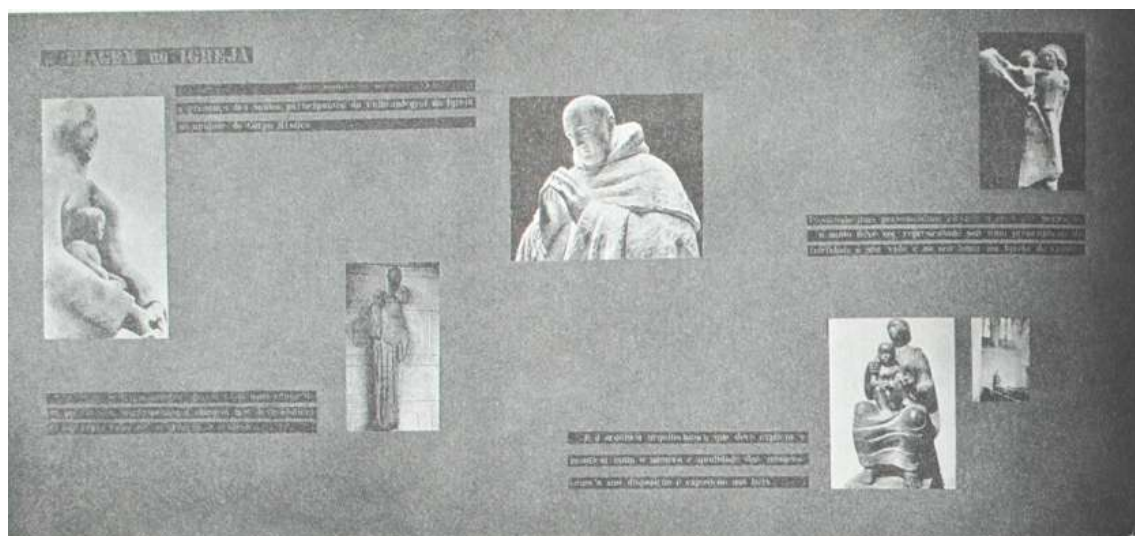


Fig.3.37. Exposição de Arte Sacra Moderna, Paço Episcopal do Porto: catálogo (jun.1959).



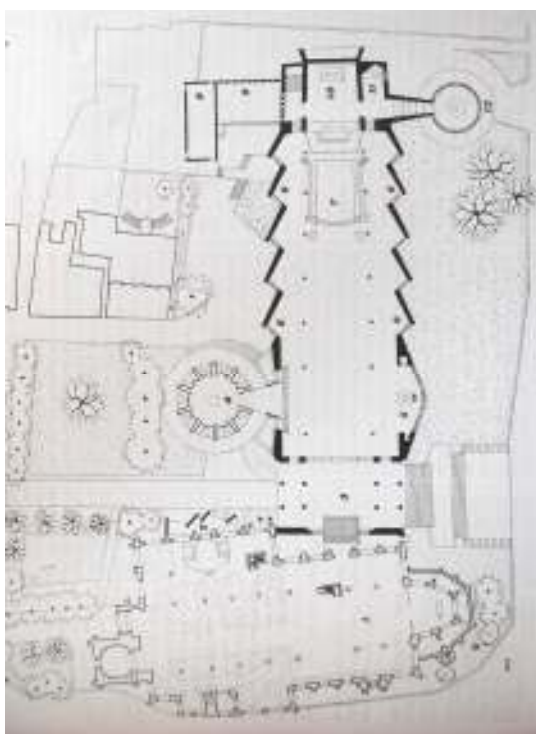
Fig.3.39. Exposição de Arte Sacra Moderna, Paço Episcopal do Porto: inauguração (20.jun.1959).



Fig.3.40. Catedral de Coventry, Reino Unido (Sir Basil Spence, 1962)



Vista exterior.



Planta.



Vista interior.

Fig.3.41. Exposição de Arte Sacra Moderna, Museu de Alberto Sampaio, Guimarães (mar.1960).





Fig.3.42. Exposição de Arte Sacra Moderna, Museu de Alberto Sampaio, Guimarães: Catálogo (mar.1960).

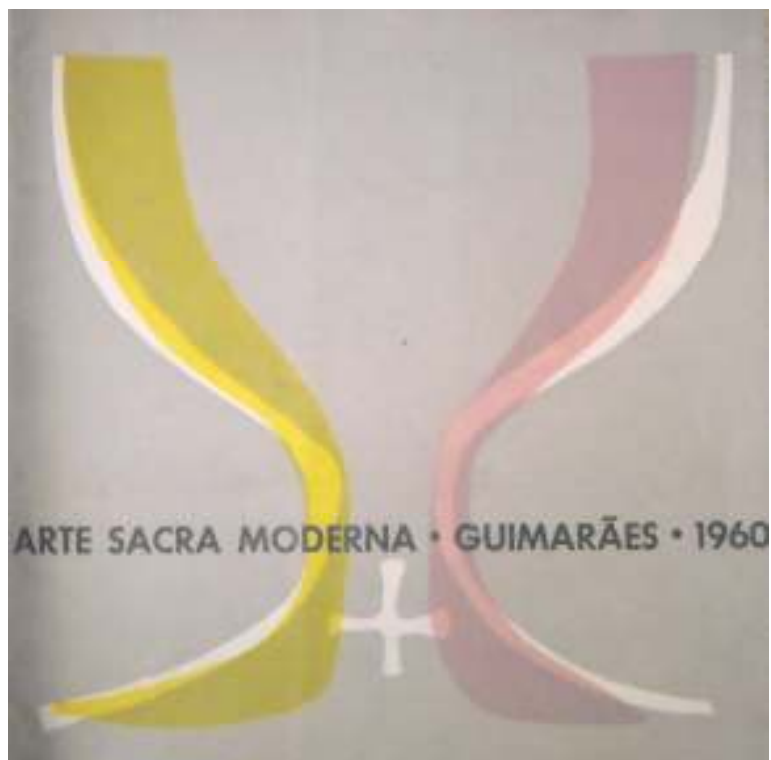


Fig.3.43. Exposição de Arte Sacra Moderna, Museu de Santa Joana, Aveiro: Catálogo (abr.1960).



Fig.3.44. A. Freitas Leal e Diogo L. Pimentel com Cardeal D. Giacomo Lercaro, Instituto Superior Técnico, Lisboa (10.out.1960).



Fig.3.45. Diogo Alcoforado, cartões de Natal (dez.1960).

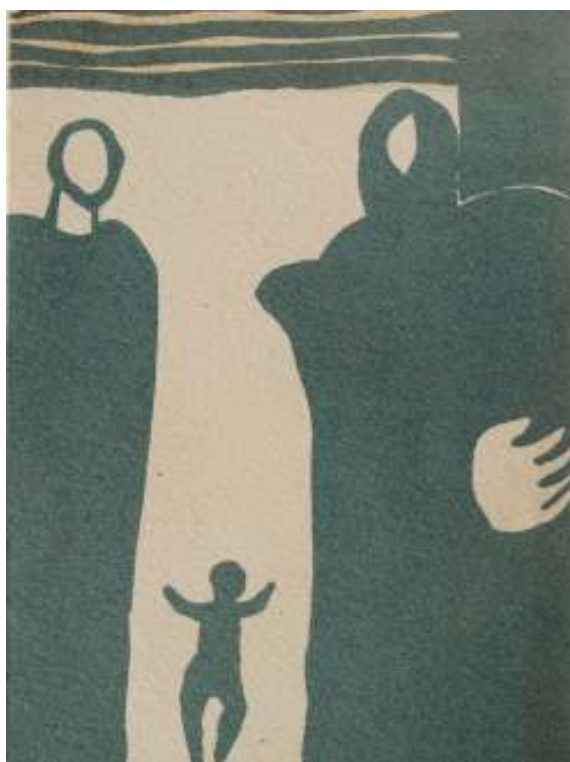


Fig.3.46. José Escada, capa do Boletim MRAR, 2ª série, nº1 (jun.1961).



Fig.3.47. António Lino, propostas para logótipo do MRAR (s.d.).



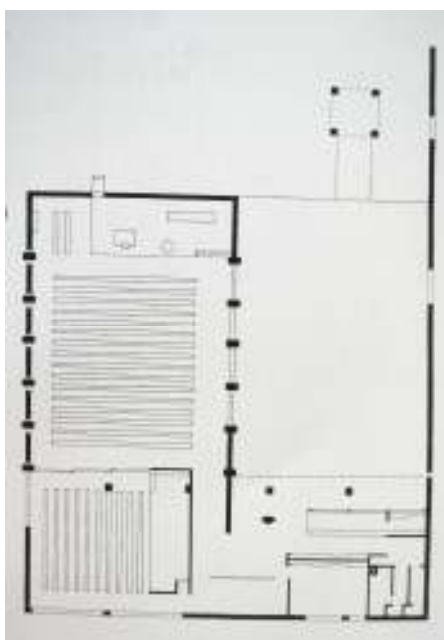
Fig.3.48. Igreja de Nagele, Holanda (Van den Broek & Bakema, 1958-62).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.

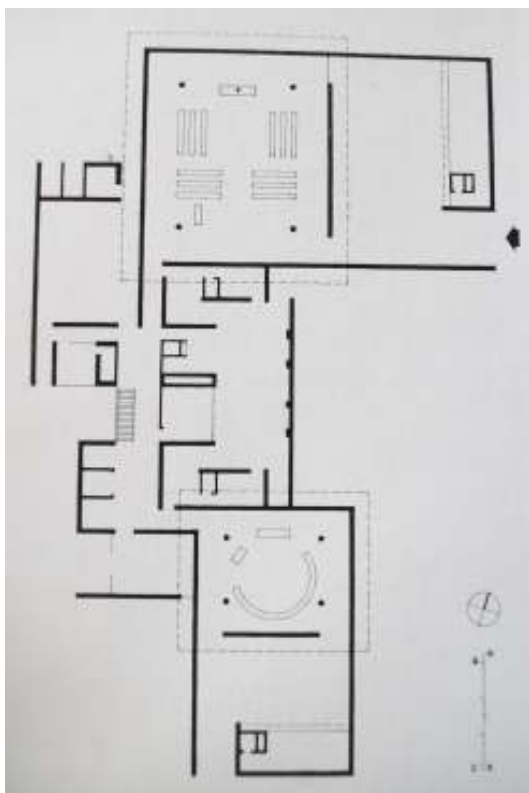
Fig.3.49. Capelas do crematório de Gävle, Suécia (Alf Engström, Gunnar Landberg, Bengt Larsson e Alvar Törneman, 1954).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.

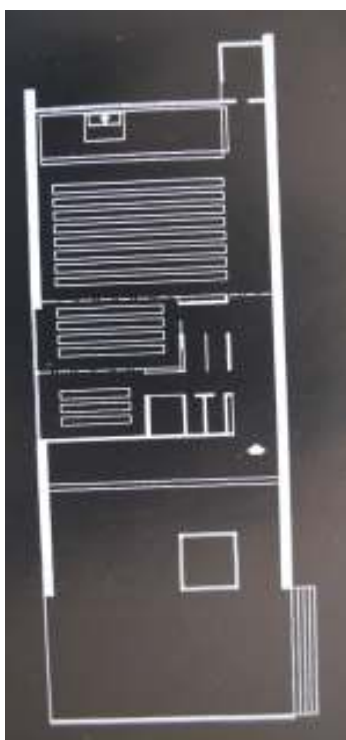
Fig.3.50. Capela da Universidade Técnica, Otaniemi, Finlândia (Kaija e Heikki Siren, 1957).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.

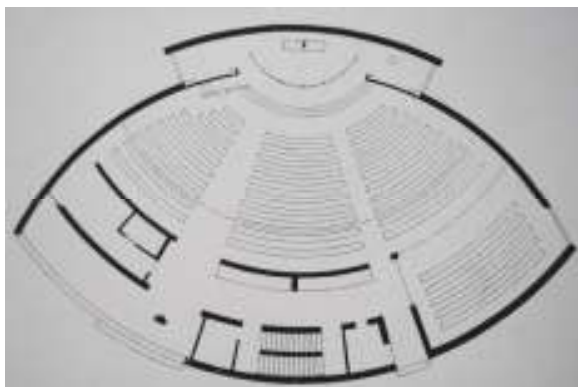
Fig.3.51. Igreja de Orivesi, Finlândia (Kaija e Heikki Siren, 1961).



Vista exterior.

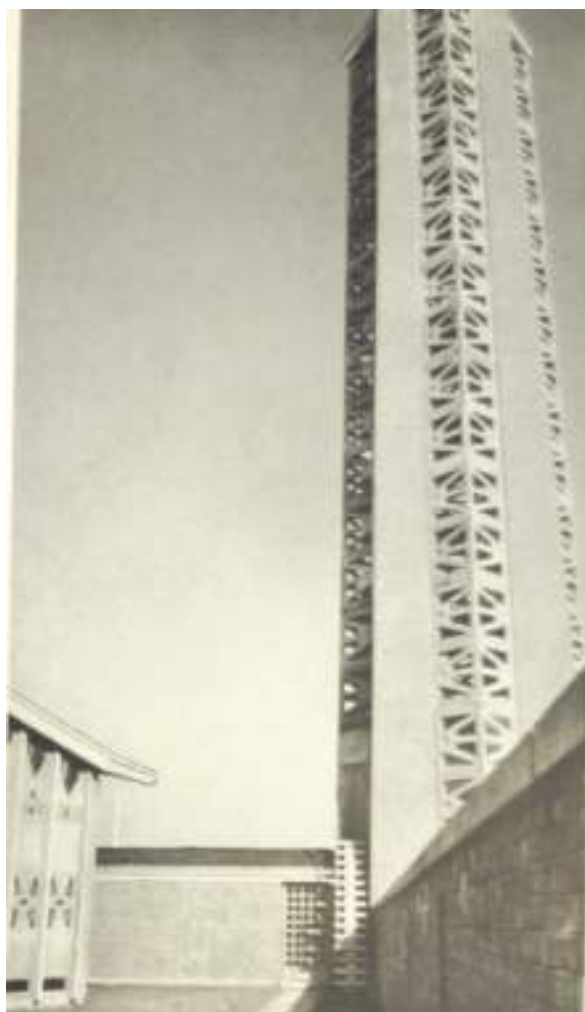


Vista interior.

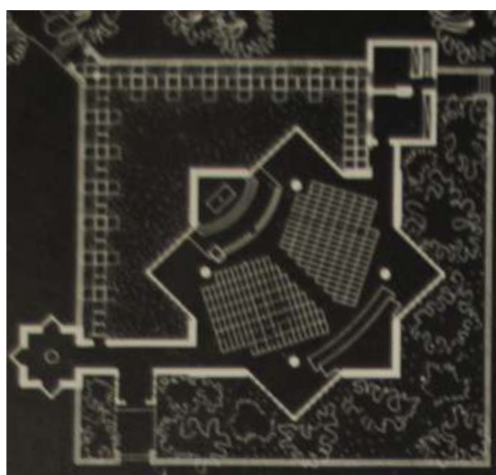


Planta.

Fig.3.52. Igreja de St. Johannes der Täufer, Leverkusen, Alemanha (Fritz Schaller, 1957-62)



Vista exterior.



Planta.



Vista interior.

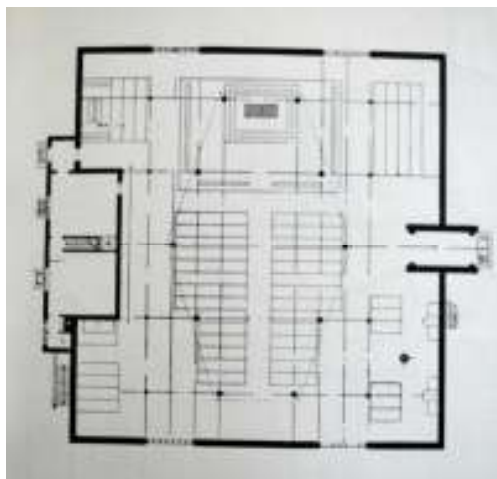
Fig.3.53. Igreja de BruderKlausen, Colónia, Alemanha (Fritz Schaller, 1956-57).



Vista interior.



Vista exterior.



Planta.

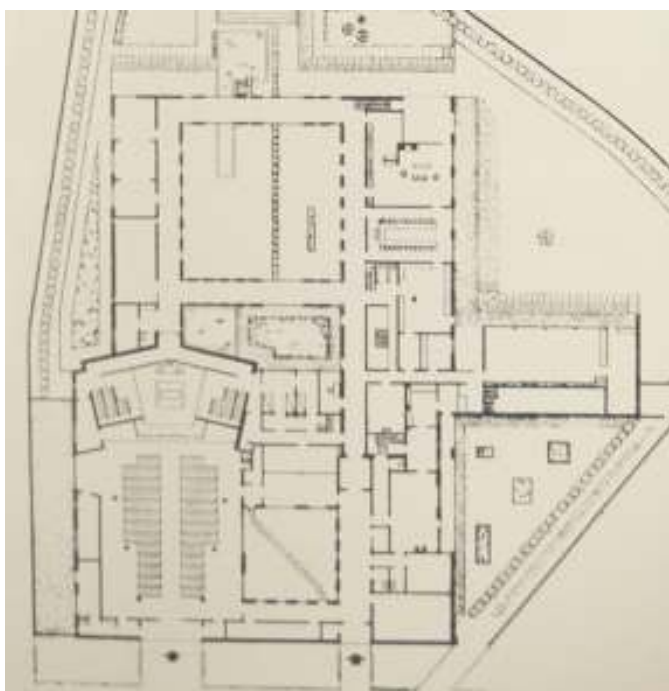
Fig.3.54. Convento de Clarissas, Ostende, Bélgica (Paul Félix, 1959).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.

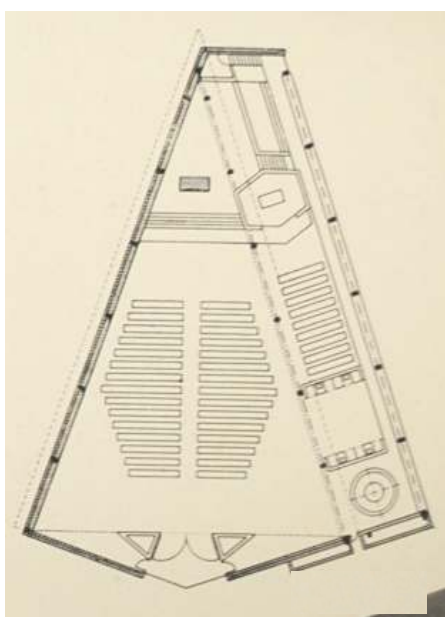
Fig.3.55. Igreja de Nossa Senhora de los Ángeles, Vitória, Espanha (Javier Carvajal Ferrer e José Maria Garcia Paredes, 1958-1960).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.

Fig.3.56. Igreja da Sacra Famiglia, Génova, Itália (Ludovico Quaroni, 1956-59).



Vista exterior.



Planta.



Vista interior.

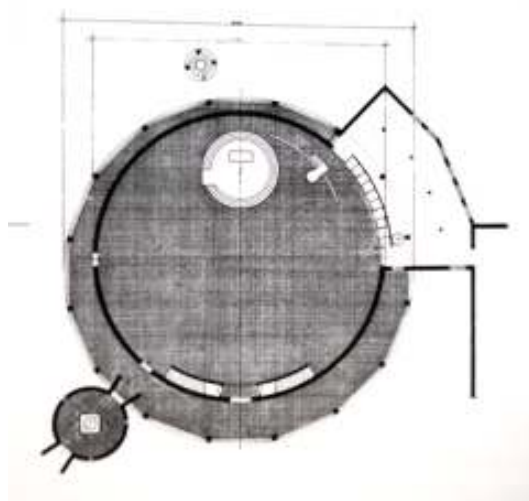
Fig.3.57. Igreja de Santa Maria Nascente, Milão, Itália (Vico Magistretti e Mario Tedeschi, 1947-55).



Vista exterior.



Vista interior.

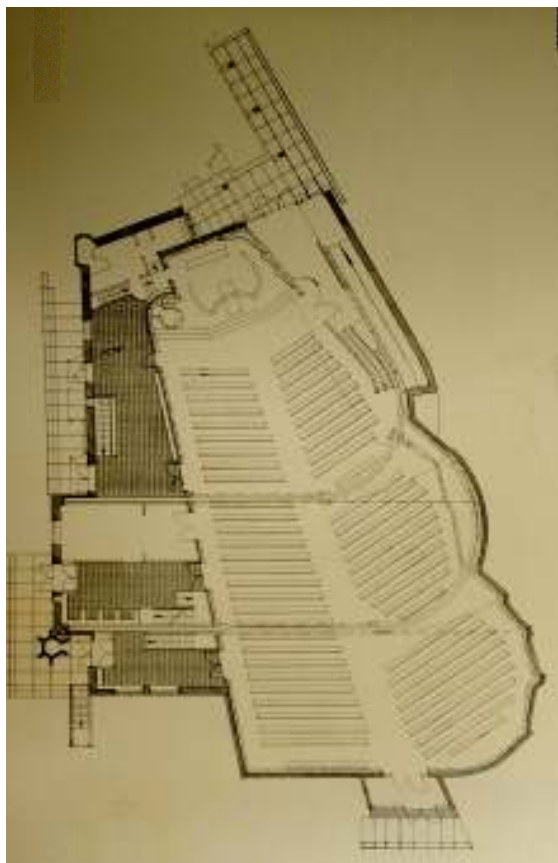


Planta.

Fig.3.58. Igreja de Kolmen Ristin (Três Cruzes), Vuoksenniska, Imatra, Finlândia (Alvar Aalto, 1955-59).



Vista exterior.

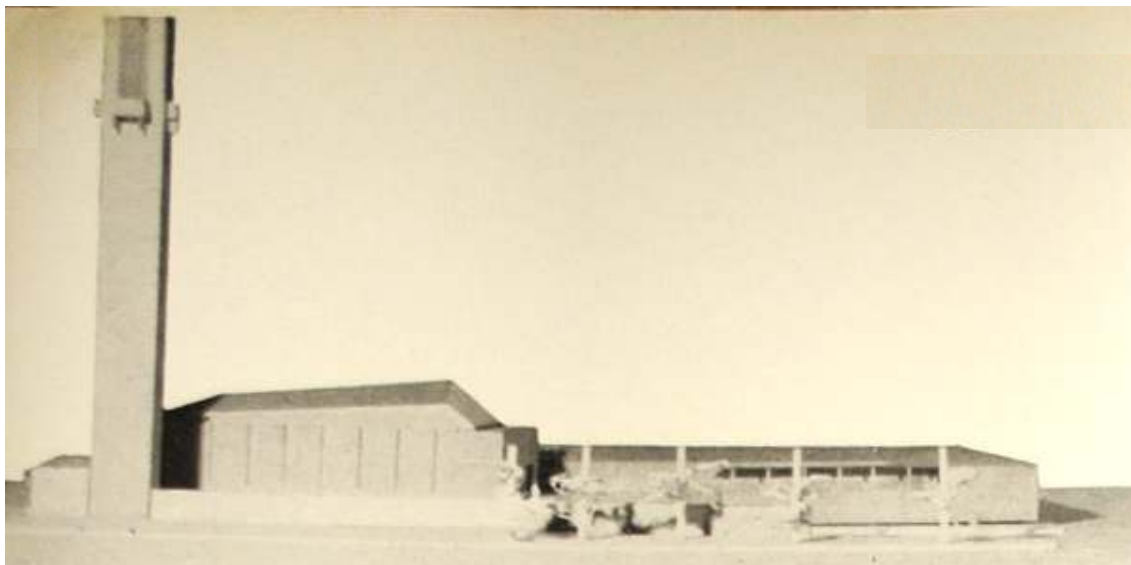


Planta.

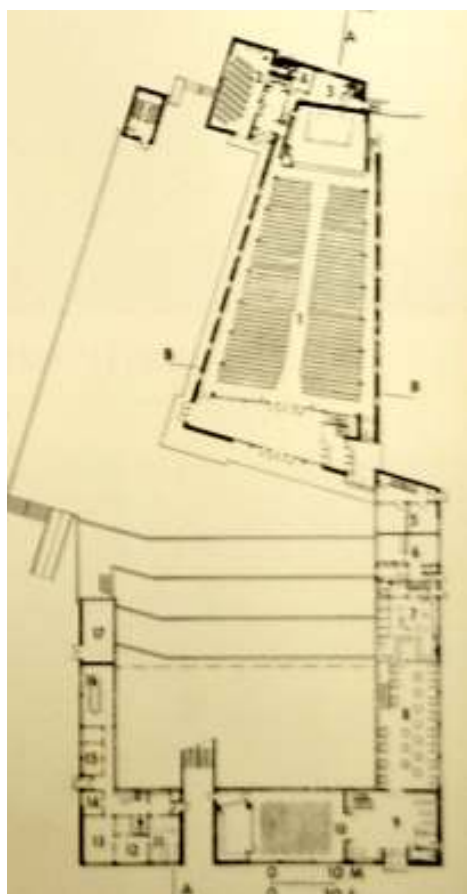


Vista interior.

Fig.3.59. Igreja de Lakeuden Risti (Travessia da Planície), Seinäjoki, Finlândia (Alvar Aalto, 1951-67).



Maquete.



Planta.

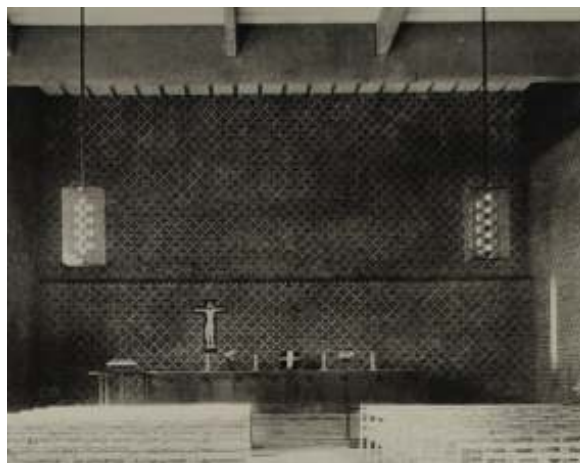


Vista interior.

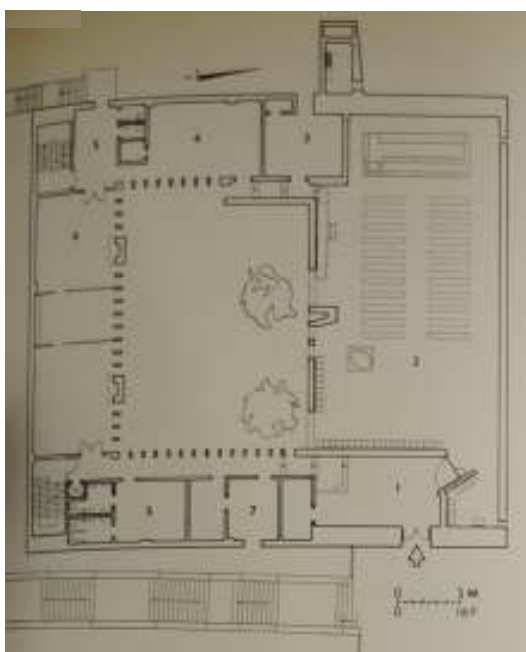
Fig.3.60. Igreja de St Thomas, Vällingby, Suécia (Pedro Celsing, 1958-60).



Vista exterior.



Vista interior.

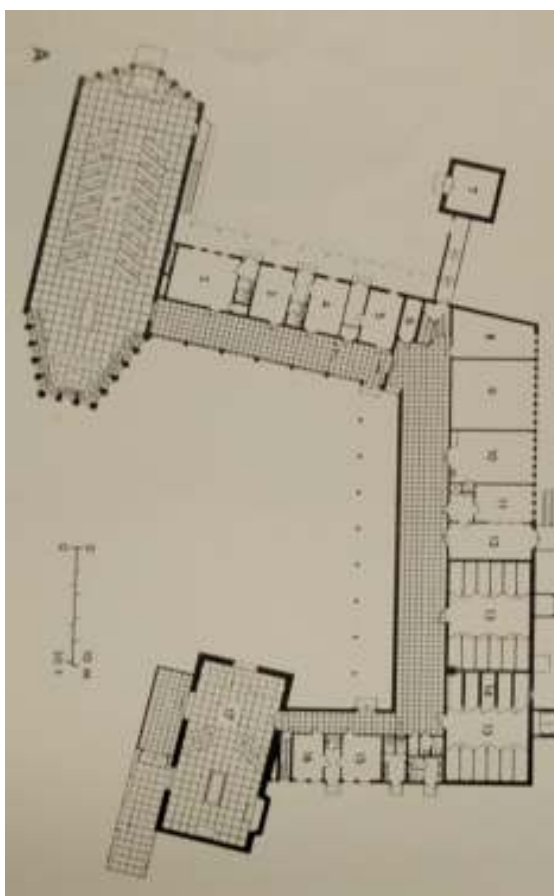


Planta.

Fig.3.61. Crematório de Lund, Suécia (Svan Backström e Leif Reinus).



Vista exterior.



Planta.



Vista interior.

Fig.3.62. Igreja da Coronación de Nuestra Señora, Vitória, Espanha (Miguel Fisac, 1960).



Vista exterior.



Planta.



Vista interior.

Fig.3.63. Igreja de St. António das Antas, Porto (Fernando Tudela, 1967).



Vista exterior.



Vista interior.

Fig.3.64. igreja de Macuti, Cidade da Beira, Moçambique (Bernardino Ramalhete, 1961).



Vista exterior.

Fig.3.65. Igreja de St. António da Polana, Maputo, Moçambique (Nuno Craveiro Lopes, 1962).



Vista exterior.

Fig.3.66. Igreja da Sagrada Família, Luanda, Angola (Sabino Correia e António de Sousa Mendes, 1964).



Vista exterior.

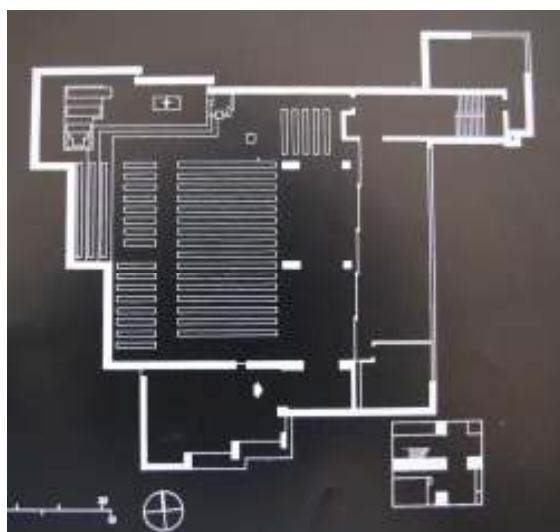
Fig.3.67. Igreja reformada de Effretikon, Suíça (Ernst Giseler, 1961).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.

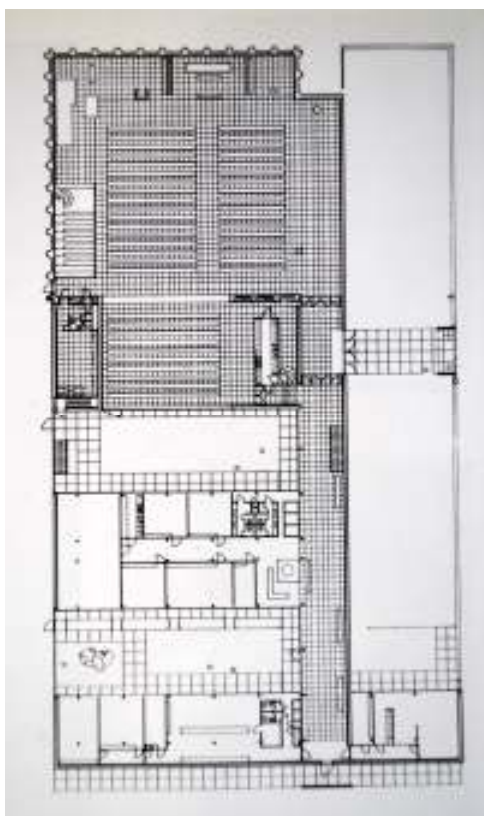
Fig.3.68. Igreja de Kornfeld, Riehen, Suíça (Werner Max Moser, 1964).



Vista exterior.

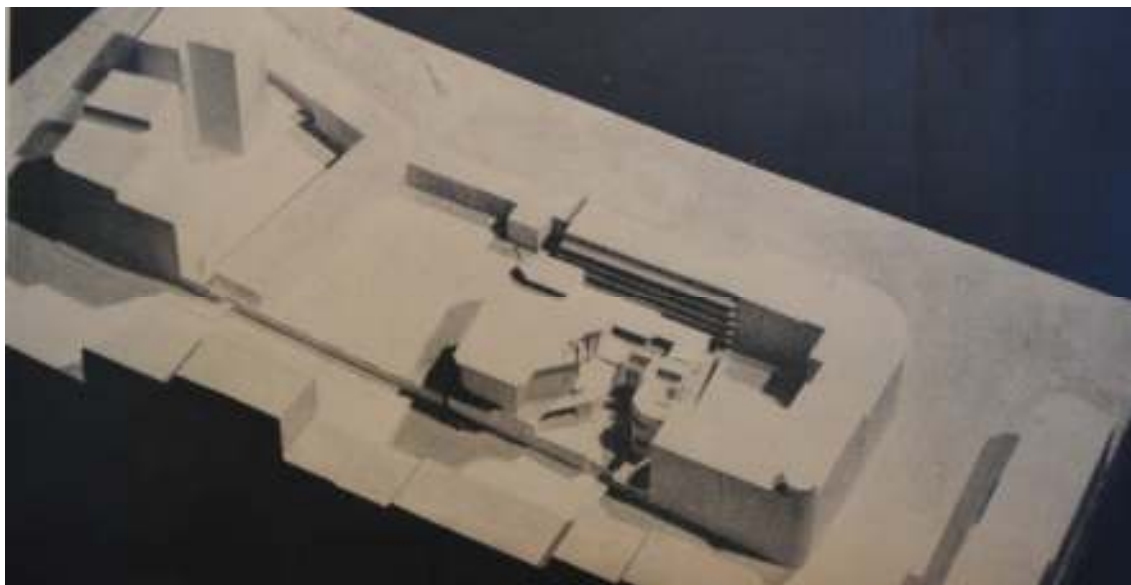


Vista interior.

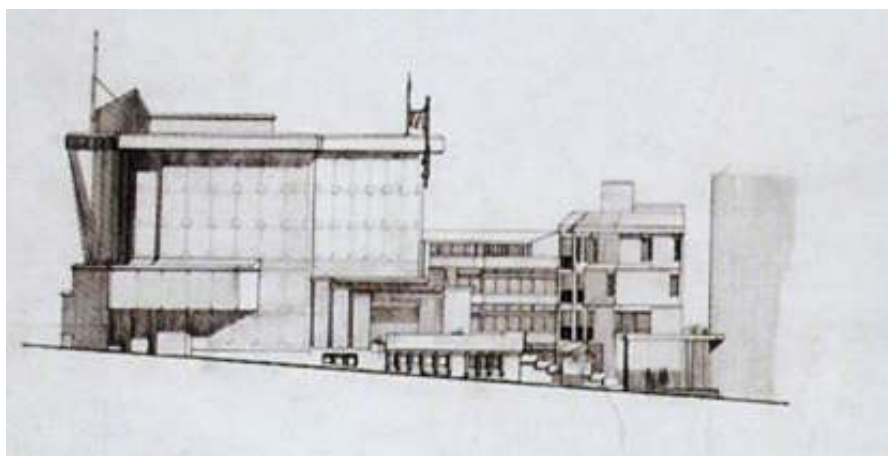


Planta.

Fig.3.69. Concurso de ante-projetos para a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa (1962): primeiro classificado (N. Teotónio Pereira, Nuno Portas, Vítor Figueiredo e Vasco Lobo).



Maquete.



Alçado principal.



Planta.



Perspetiva interior.

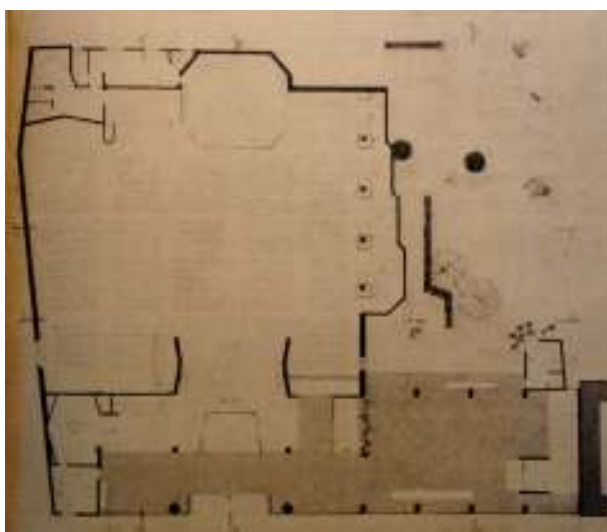
Fig.3.70. Concurso de ante-projetos para a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa (1962): segundo classificado (João Serôdio, Rolando Torgo e Rui Paixão).



Maquete.

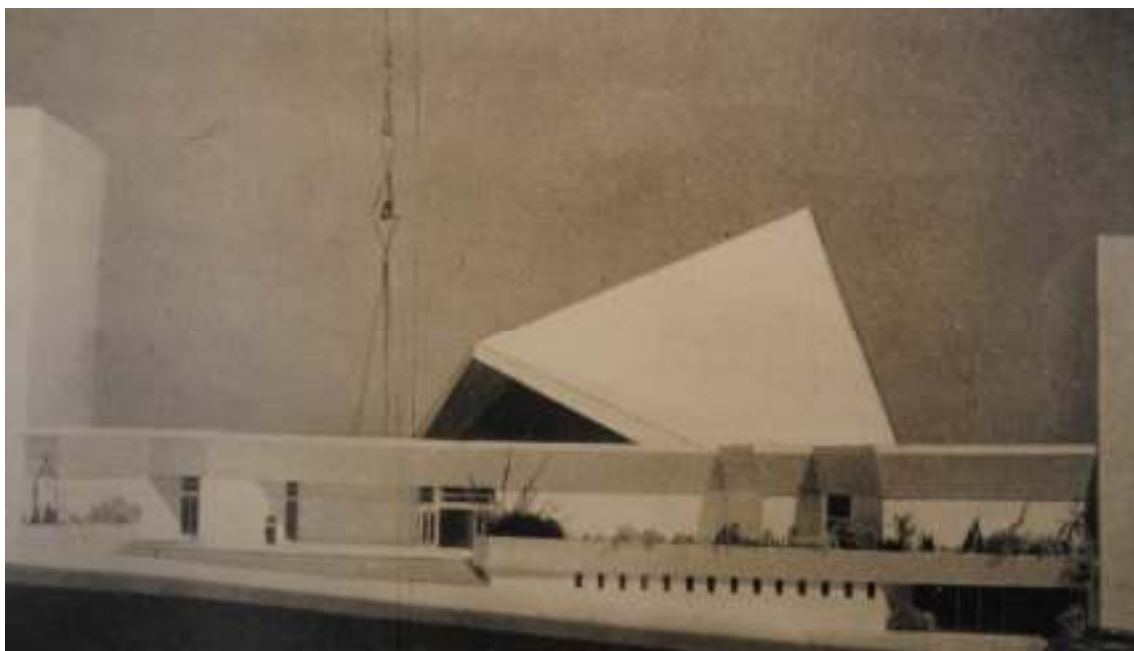


Perspetiva interior.



Planta.

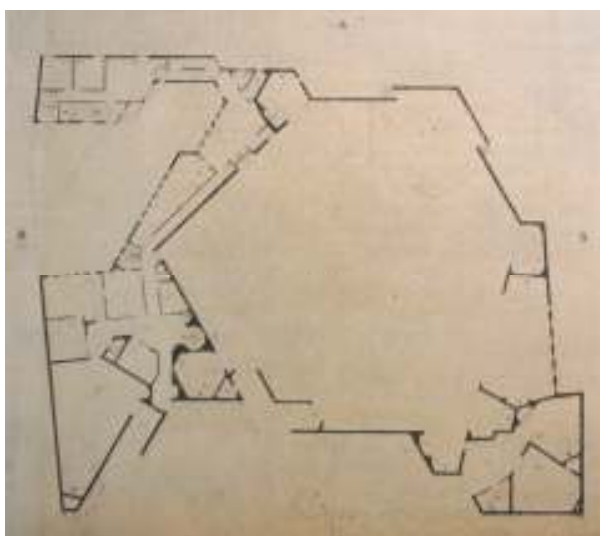
Fig.3.71. Concurso de ante-projetos para a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa (1962): terceiro classificado (António Aurélio).



Maquete.



Maquete (interior).



Planta.

Fig.3.72. Concurso de ante-projetos para a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa (1962): quarto classificado (Erich Corsépius).



Perspetiva.



Perspetiva interior.



Planta.



Perspetiva pátio.

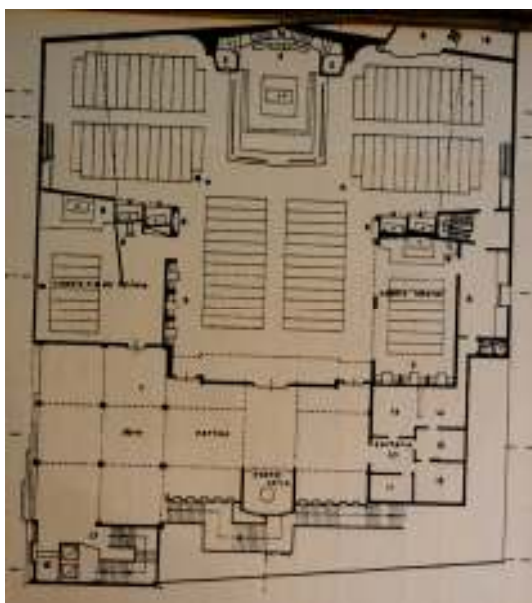
Fig.3.73. Concurso de ante-projetos para a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa (1962): quinto classificado (A. Freitas Leal, Maria do Carmo Matos e Diogo L. Pimentel).



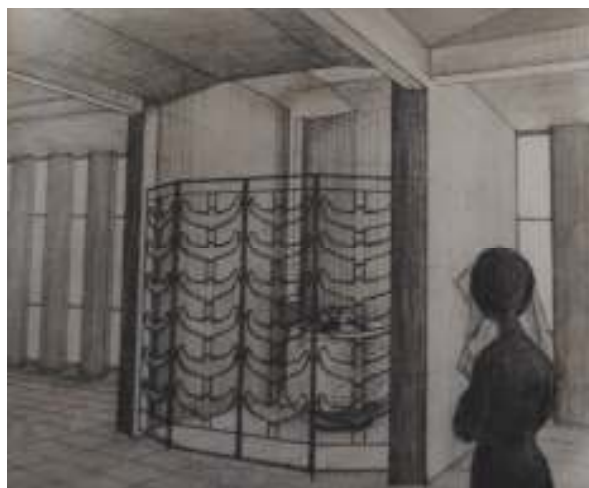
Perspetiva.



Perspetiva interior.

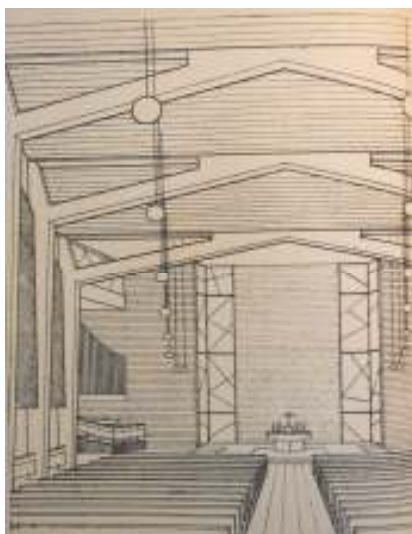


Planta.

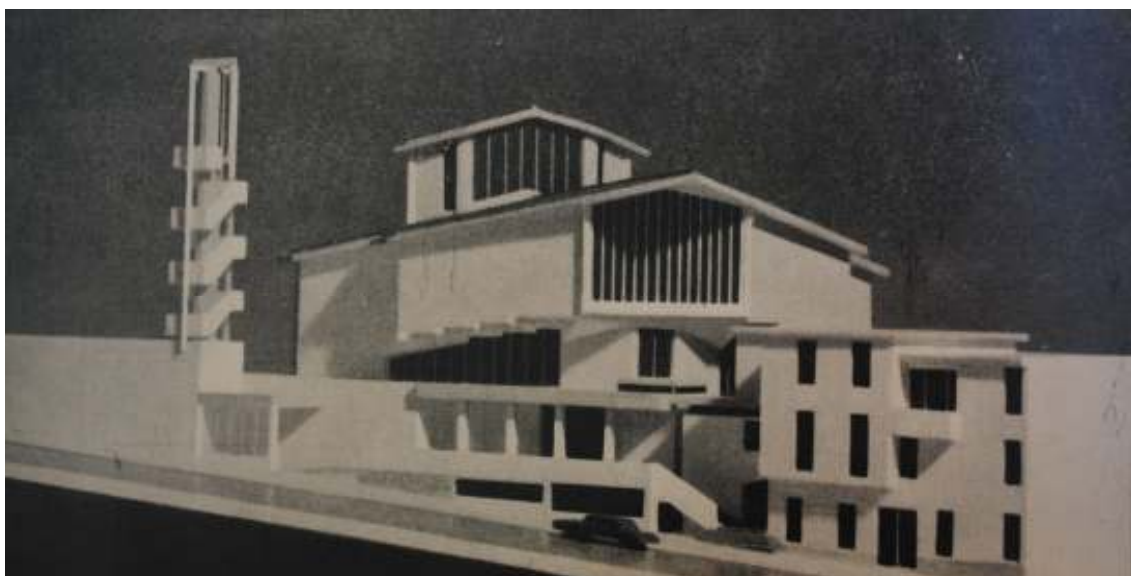
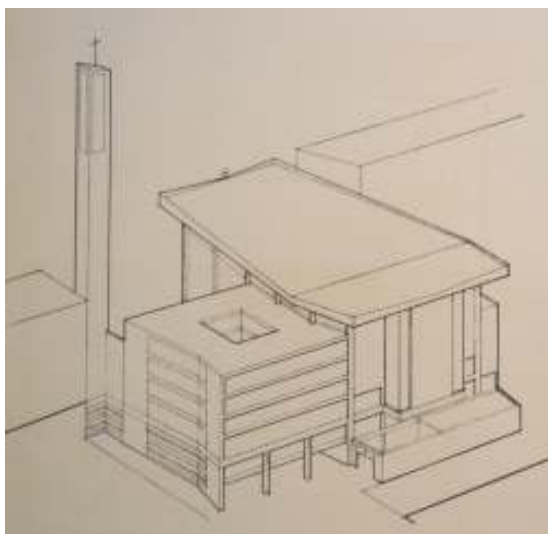


Perspetiva batistério.

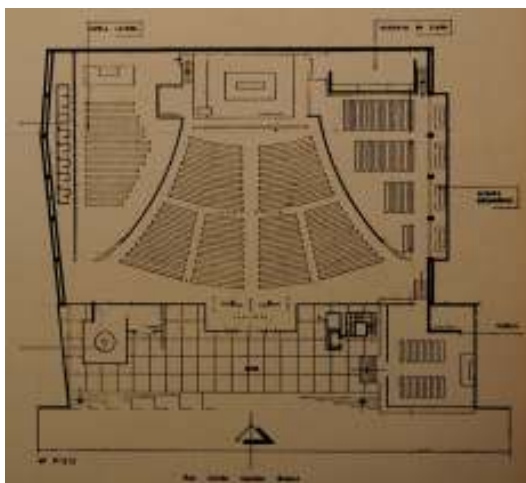
Fig.3.74. Concurso de ante-projetos para a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa (1962): trabalhos não premiados.



Inácio Silva



José Zúquete e José Bruschi



Luís Fernandes Pinto





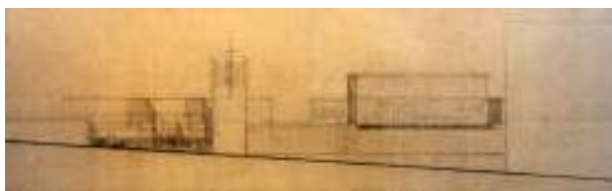
José Guilherme Silva e Augusto Galvão



Alzina Menezes, Teresa Capucho e Clementino Rodrigues



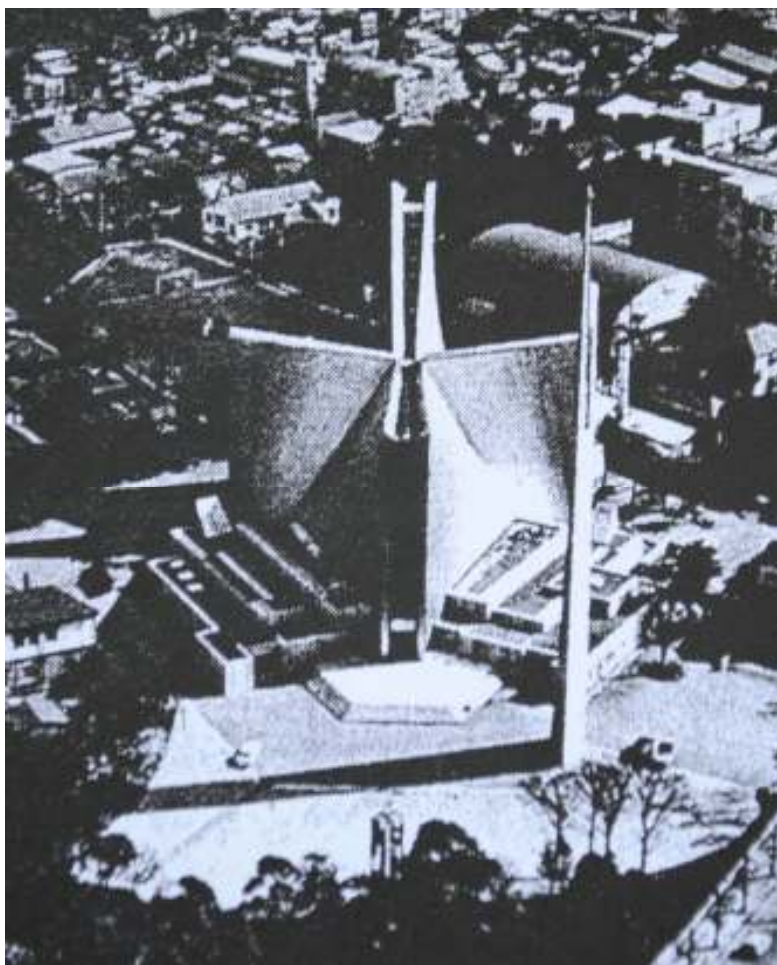
Manuel Travassos Valdez



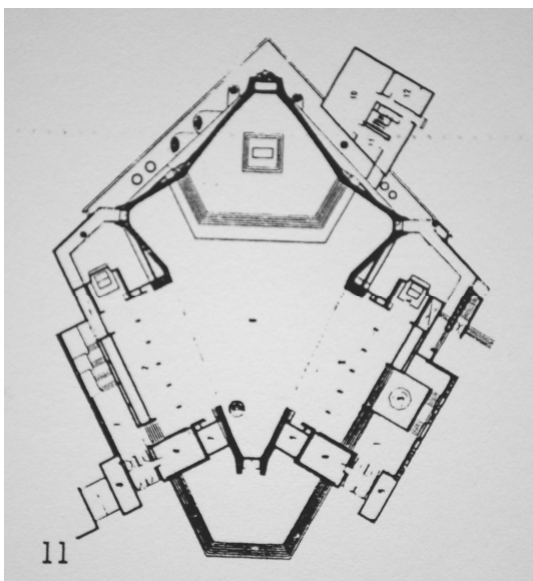
David Albino e José Luís Porto



Fig.3.75. Catedral de Tóquio, Japão (Kenzo Tange, 1961-64).



Vista exterior.

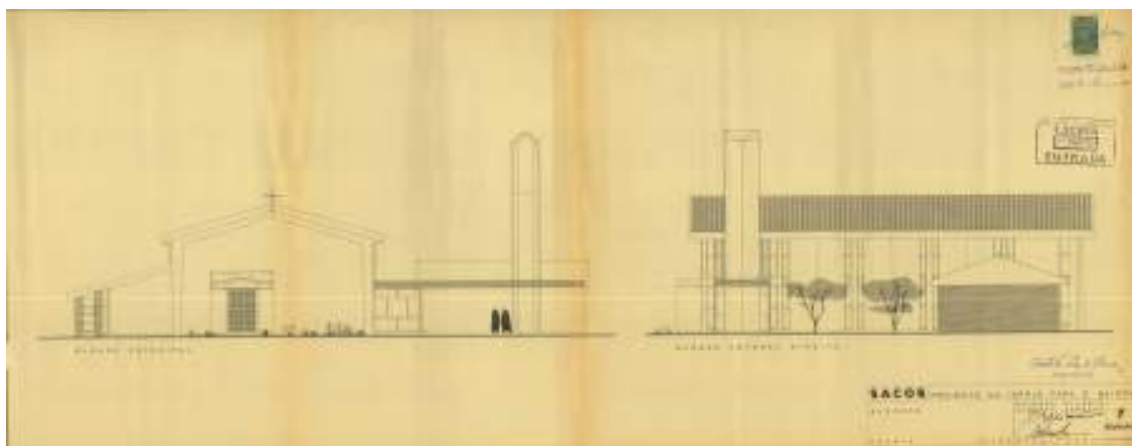


Planta.

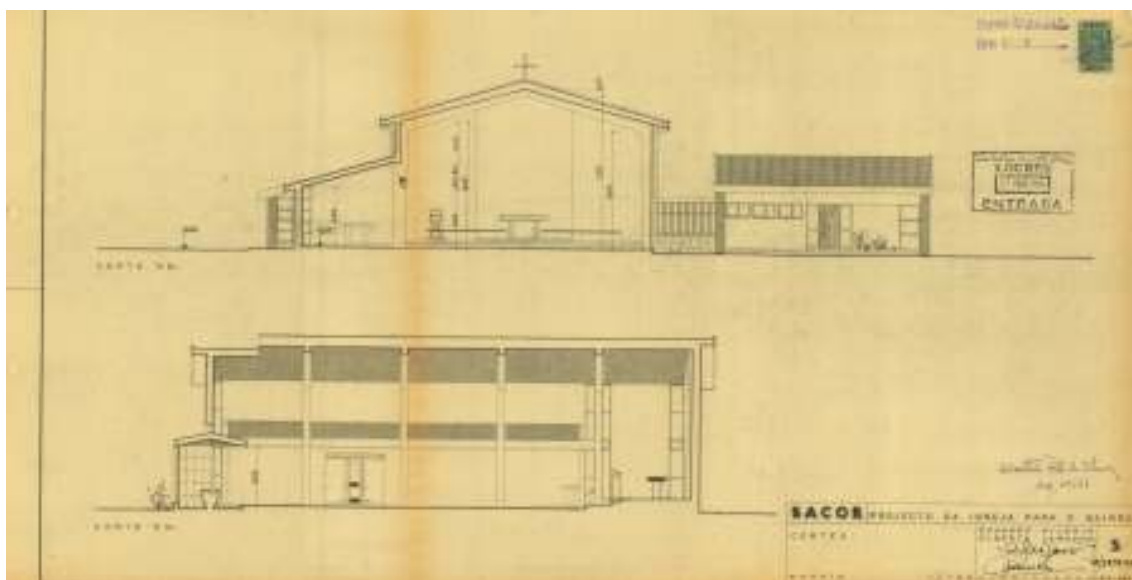


Maquete.

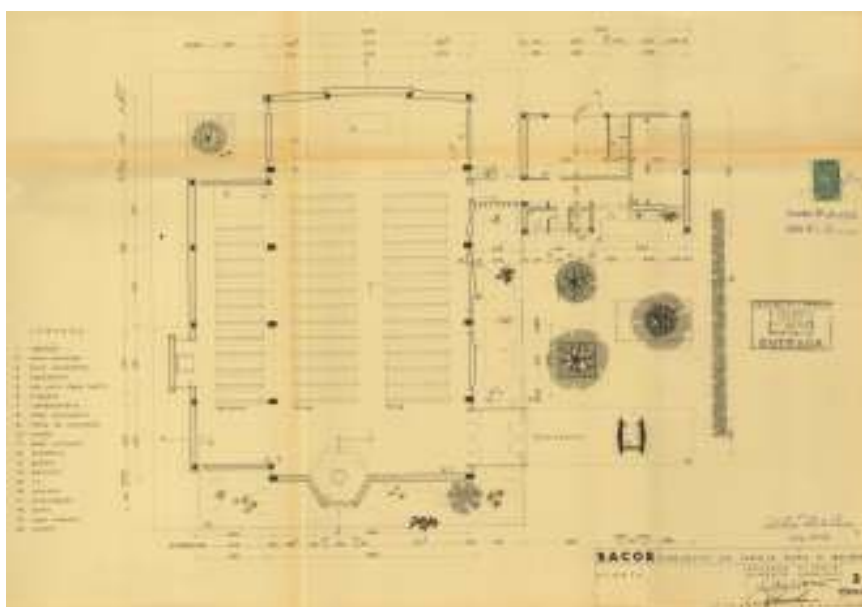
Fig.3.76. Igreja de N. Sra dos Remédios, bairro social da Sacor, Bobadela (Eduardo Hilário e Alberto Camacho, 1964).



Alçados.



Cortes.



Planta.

Fig.3.77. Paróquia experimental do Padrão da Légua, Porto (Fernando Abrunhosa de Brito, 1962).



Vista exterior.



Capa.



Vista interior.

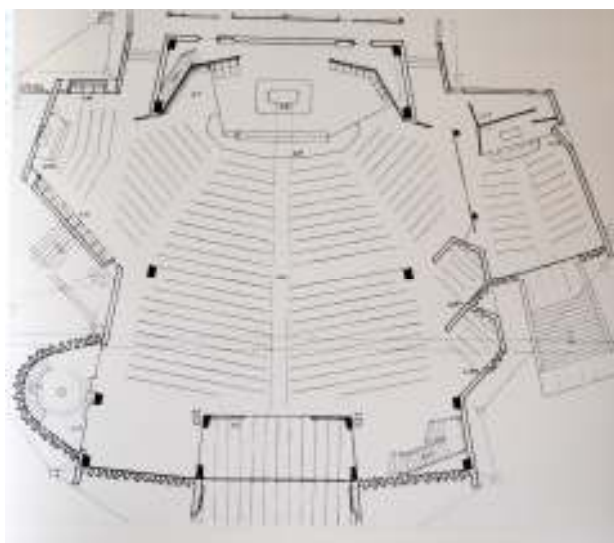
Fig.3.78. Igreja de São Martinho da Cedofeita, Porto (Eugénio Alves de Sousa, 1979).



Vista interior.



Vista interior.



Planta.

Fig.3.79. Concurso de ante-projetos para a Sé de Bragança (1964): concurso



Fig.3.80. Exposição “Novas Igrejas na Alemanha”, SNBA, Lisboa (abr.1964).



Vista interior.

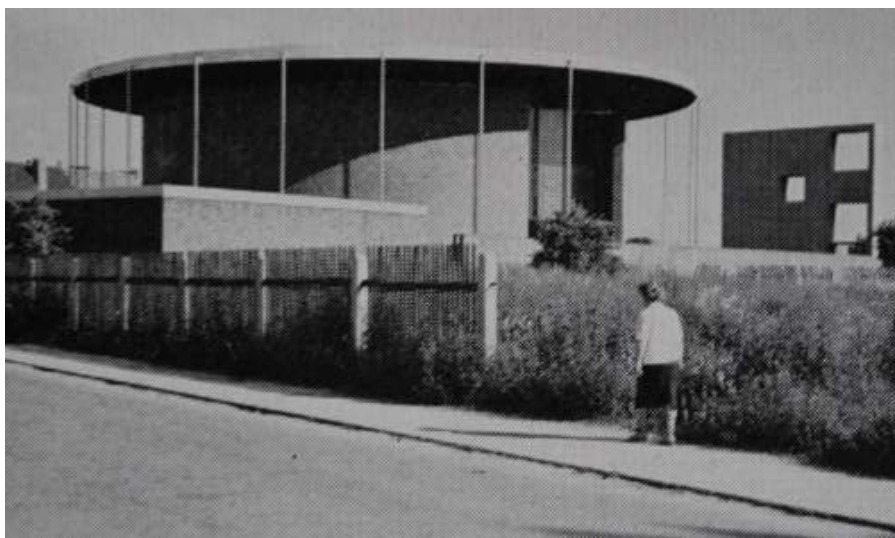


Catálogo.



Vista interior.

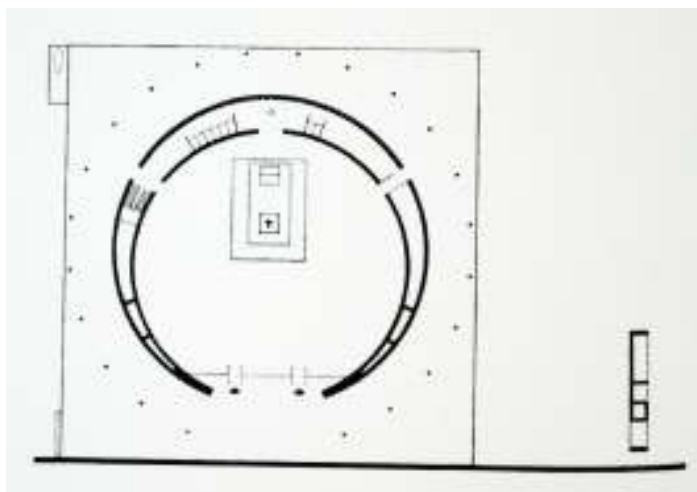
Fig.3.81. Igreja de St. Johann Capristan, Munique, Alemanha (Sep Ruf, 1960).



Vista exterior.



Vista interior.

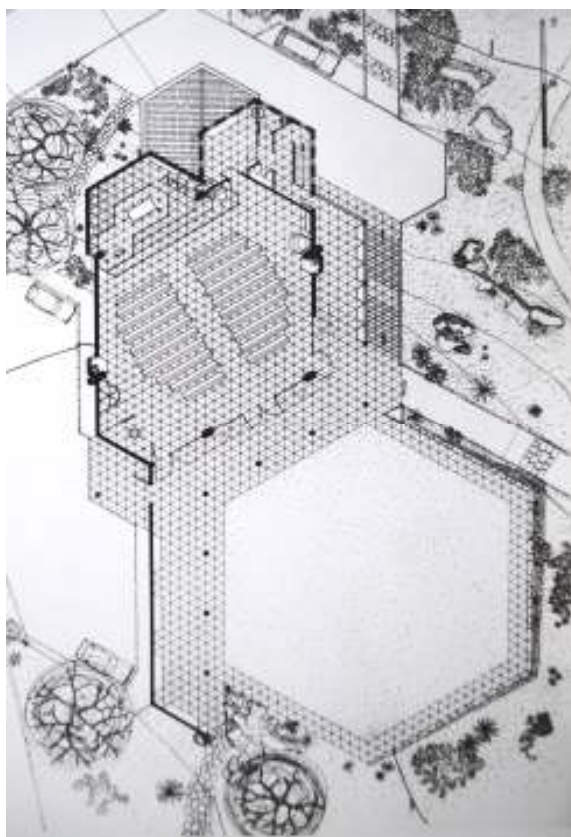


Planta.

Fig.3.82. Igreja da Sagrada Família (igreja da Tabaqueira), Albarraque (Jorge Viana, 1964-65)



Vista exterior.



Planta.



Vista interior.

Fig.3.83. Exposição “Paramentaria Moderna”, Sé de Lisboa (jun.1964): catálogo.

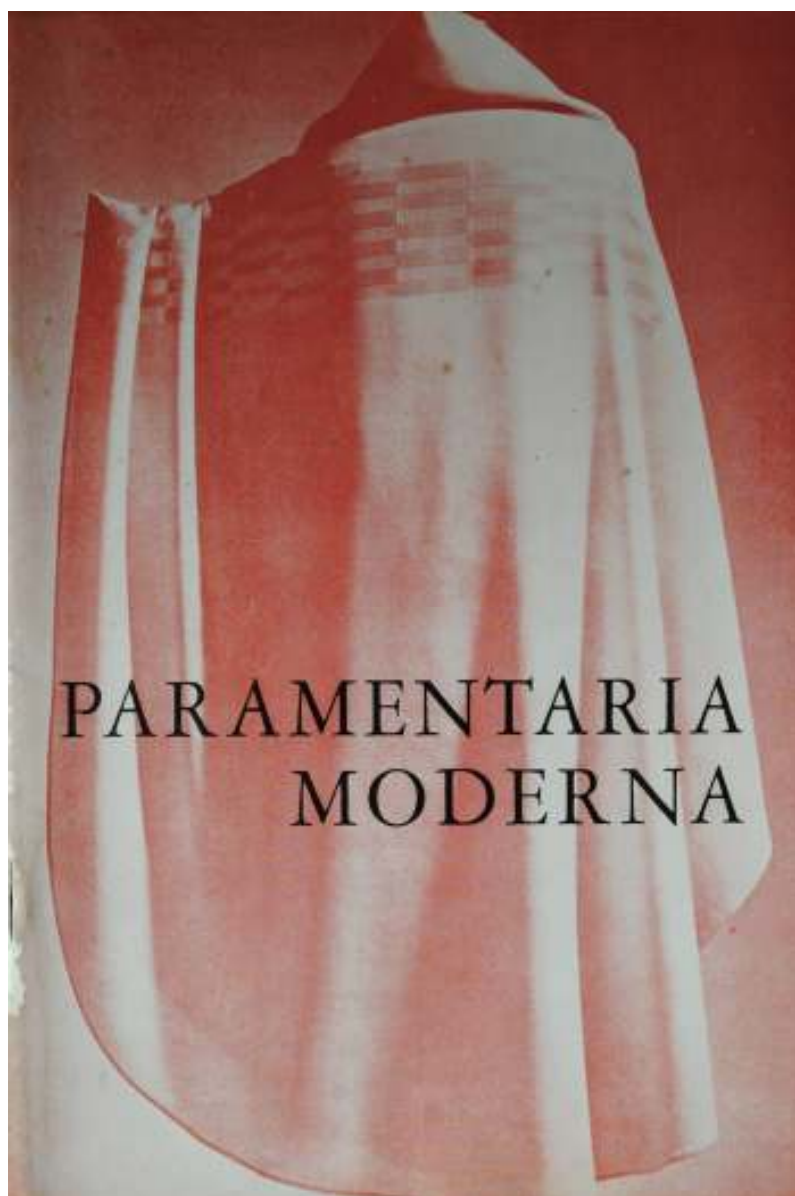
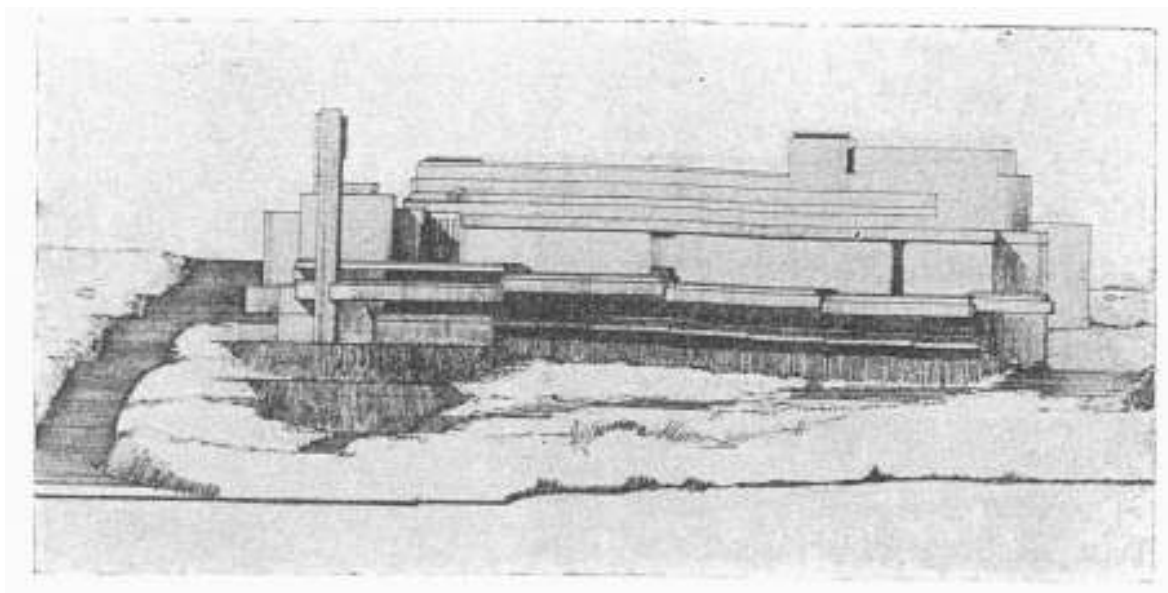
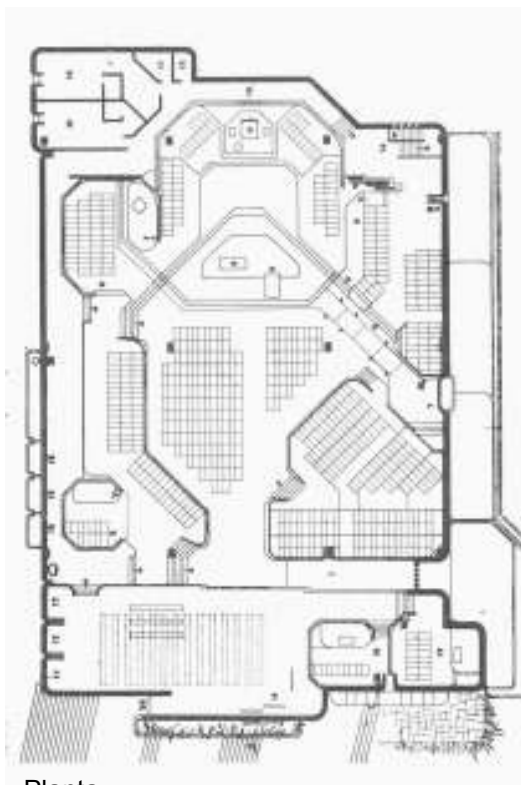


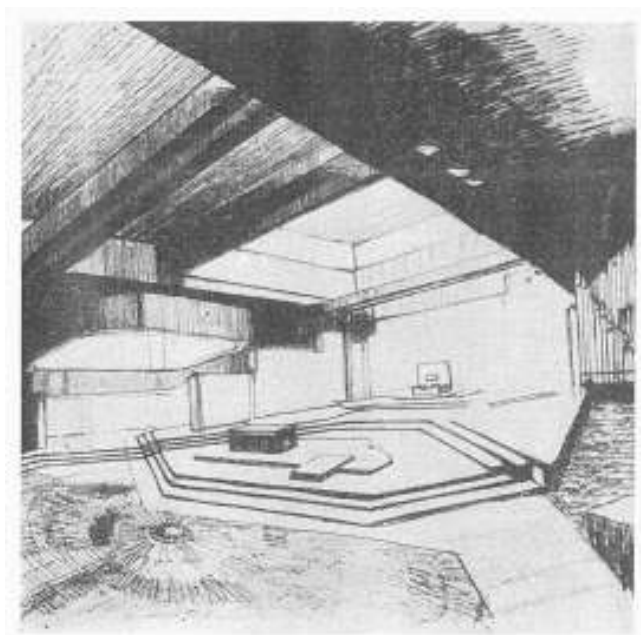
Fig.3.84. Concurso de ante-projetos para a Sé de Bragança (1964): terceiro classificado (Pedro Vieira de Almeida).



Alçado principal.

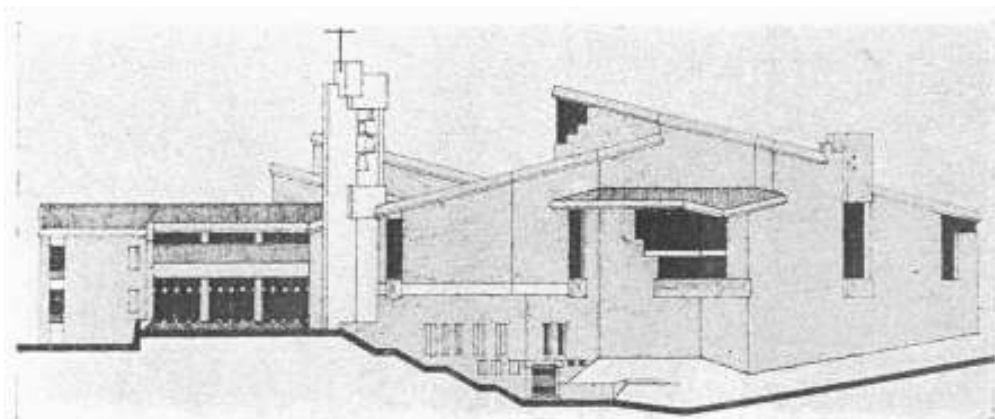


Planta.

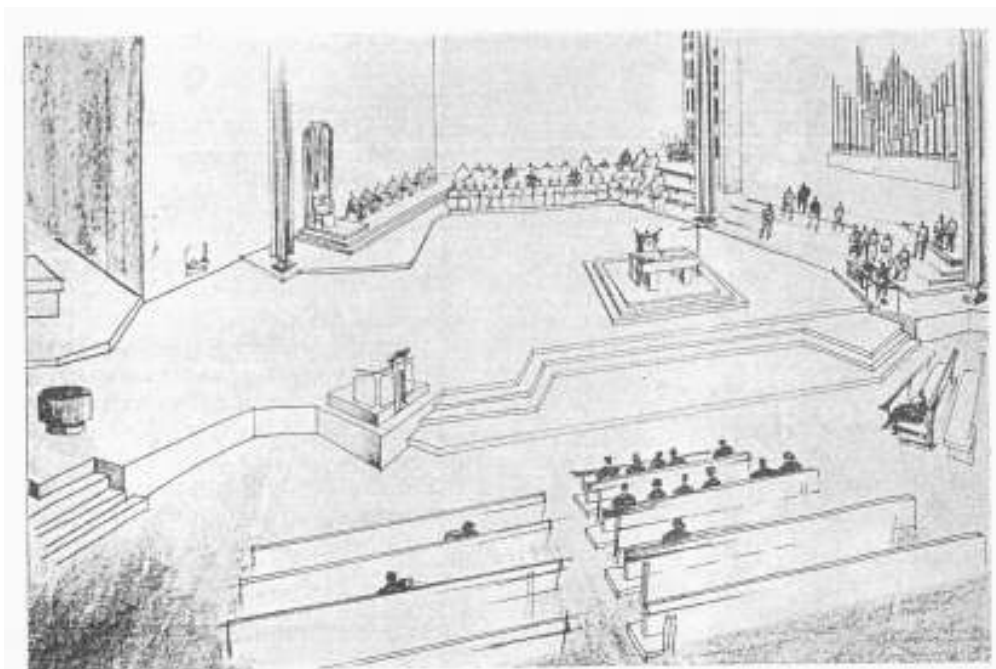


Perspetiva interior.

Fig.3.85. Concurso de ante-projetos para a Sé de Bragança (1964): segundo classificado (S. Formosinho Sanchez e Diogo L. Pimentel).



Alçado principal.

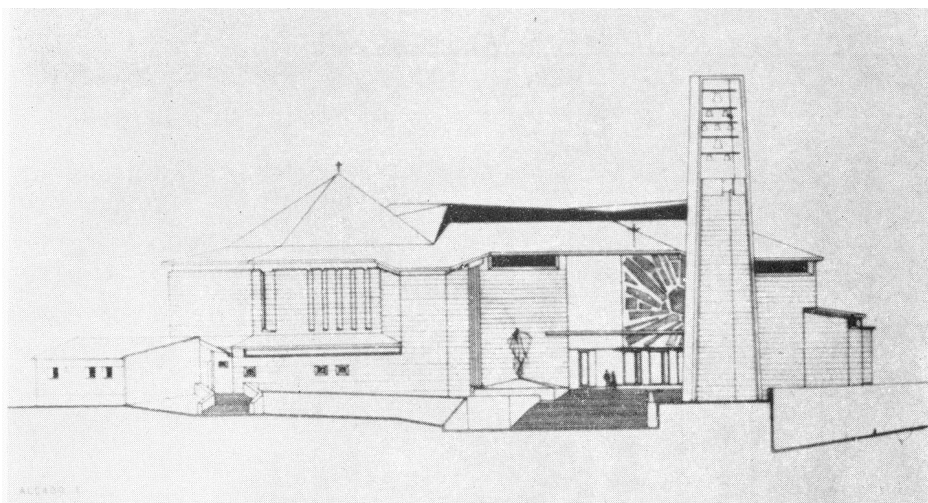


Perspetiva interior.

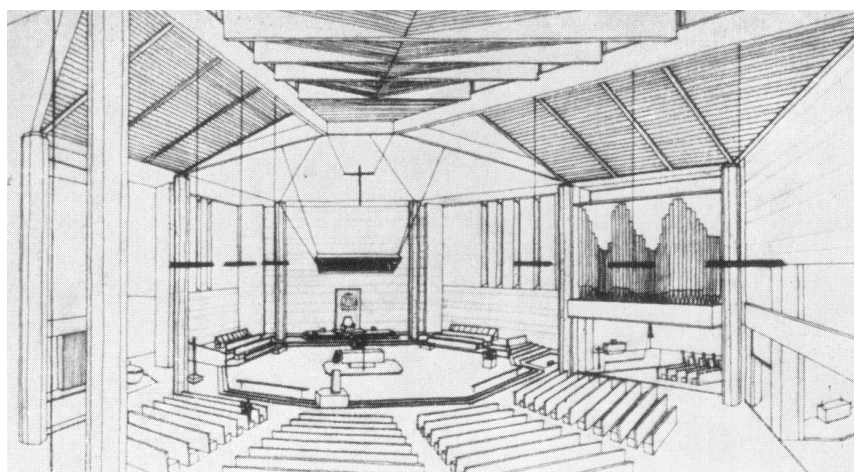


Planta.

Fig.3.86. Concurso de ante-projetos para a Sé de Bragança (1964): quarto classificado (J. Maya Santos).



Alçado principal.

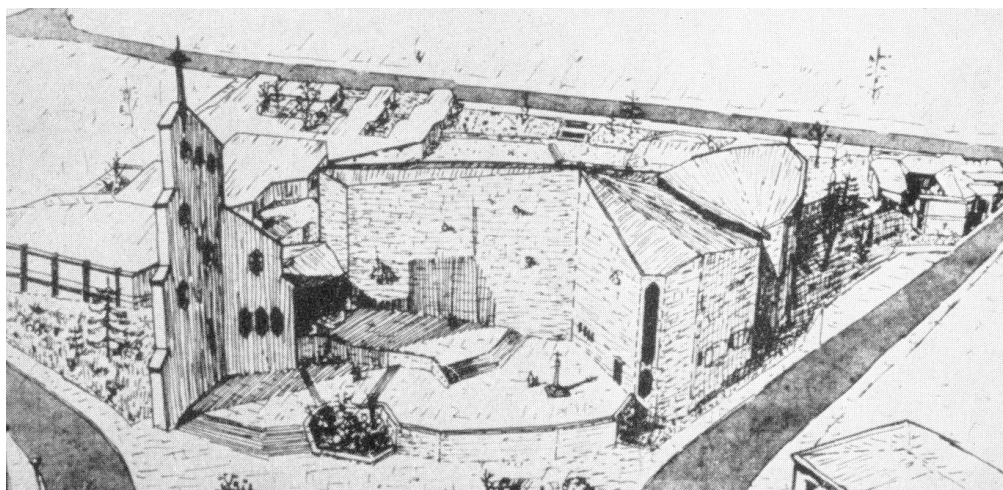


Perspetiva interior.

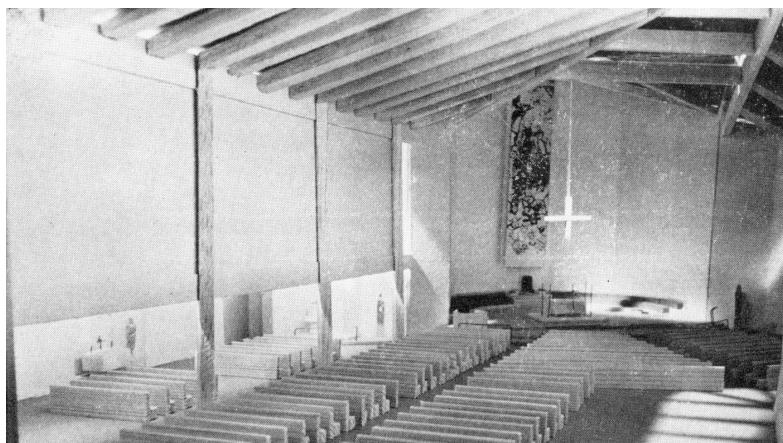


Planta.

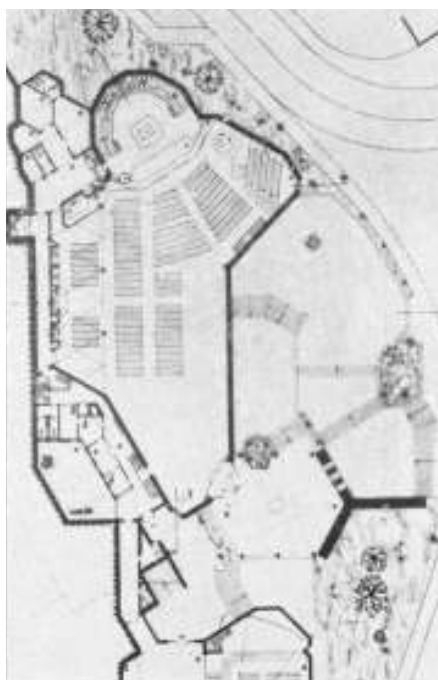
Fig.3.87. Concurso de ante-projetos para a Sé de Bragança (1964): quarto classificado (Erich Corsépius).



Perspetiva exterior.

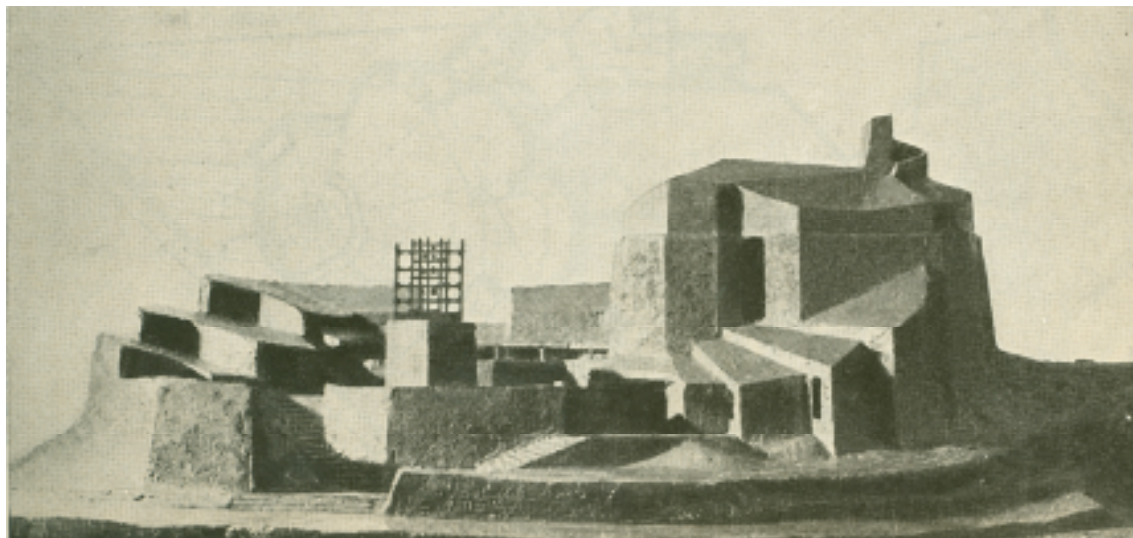


Maquete interior.

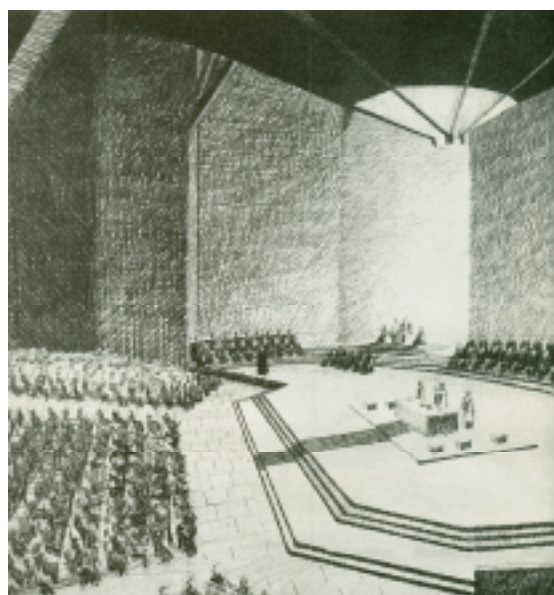


Planta.

Fig.3.88. Concurso de ante-projetos para a Sé de Bragança (1964): primeiro classificado (Luís Vassalo Rosa e Francisco Figueira).



Maquete.



Perspetiva interior.

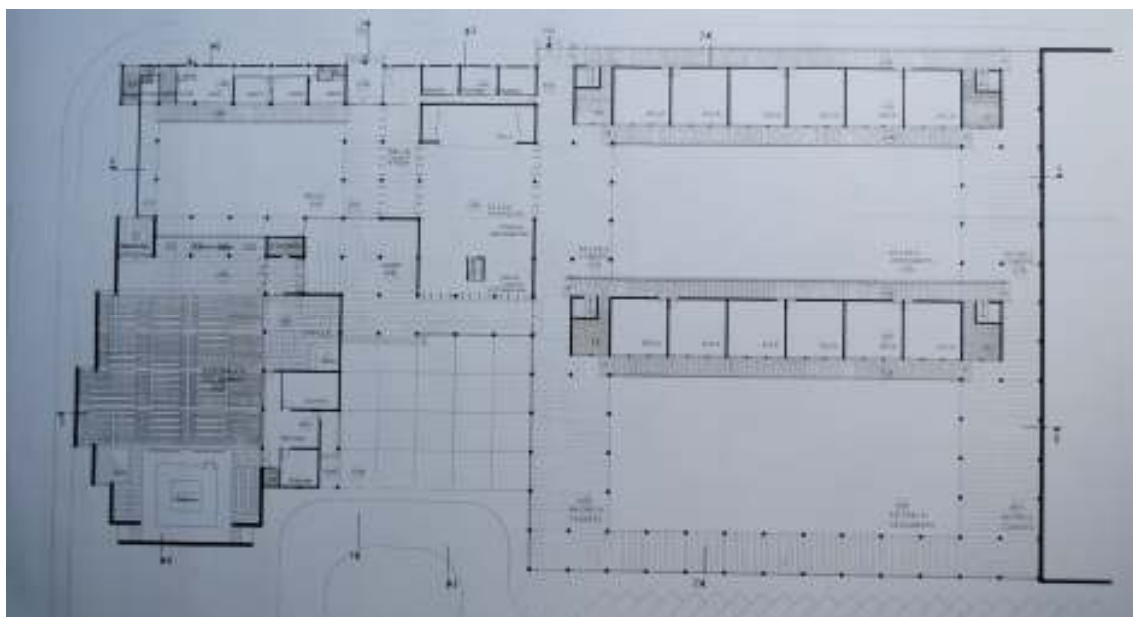


Planta.

Fig.3.89. Complexo paroquial de N. Sra de Fátima, Macau (Manuel Vicente).

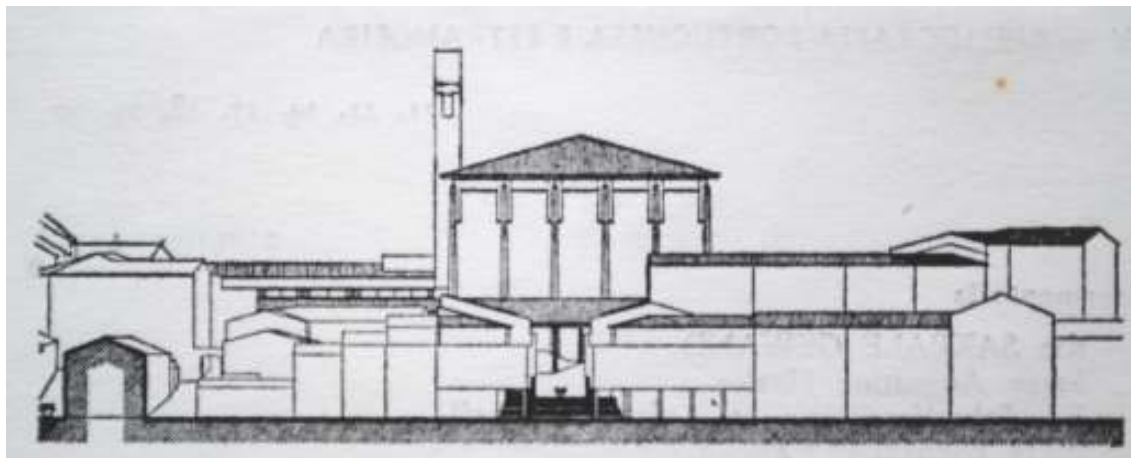


Perspetiva interior.

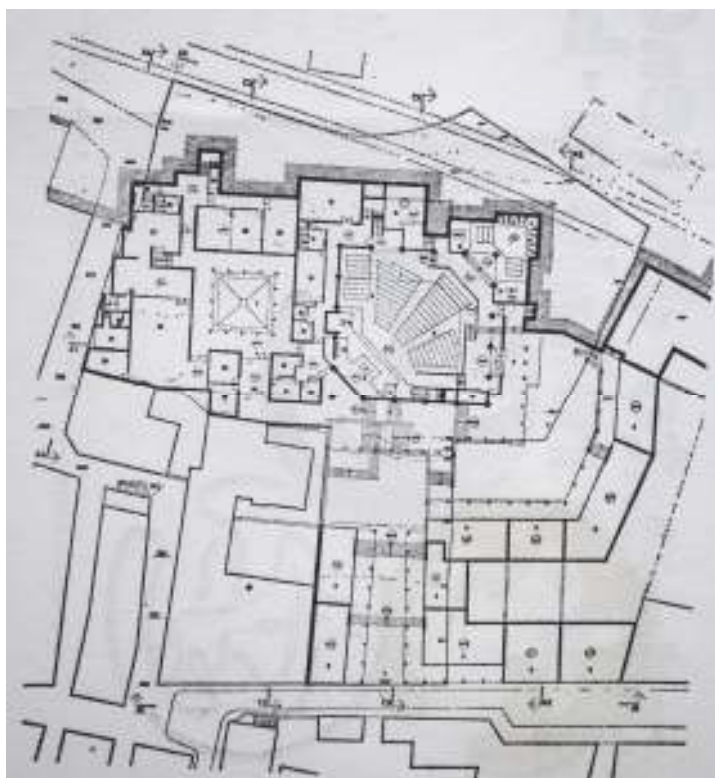


Planta.

Fig.3.90. Igreja da Nazaré (Fernando Távora, não construída).



Alçado principal.



Planta.

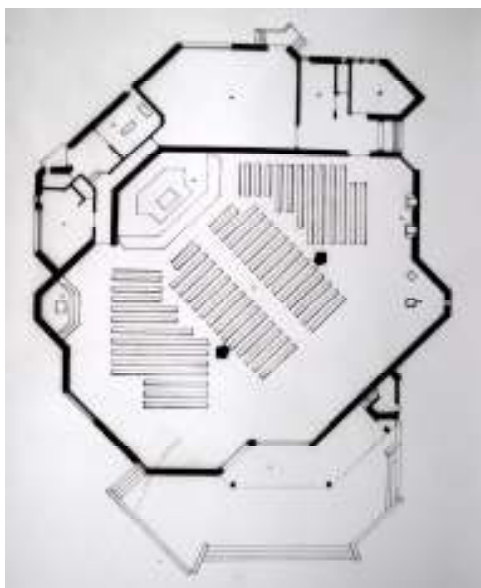
Fig.3.91. Igreja de N. Sra da Conceição, Rio Maior (José Luis Zúquete e José Bruschy, 1966-68).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.

3.4. Capítulo 4. MRAR: arquitetura

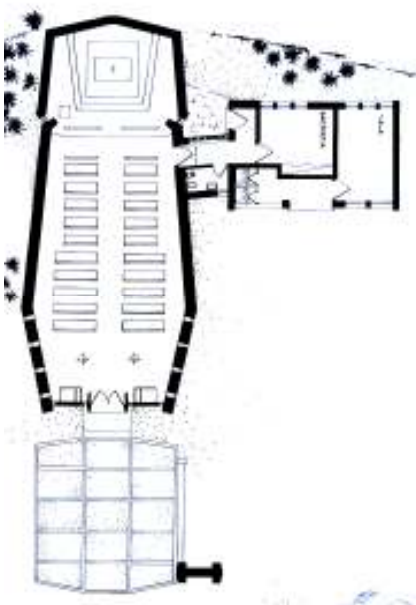
Fig.4.1. Capela de N. Sra. de Fátima, Figueira, Vila do Bispo (A. de Freitas Leal, 1956-61).



Vista exterior.



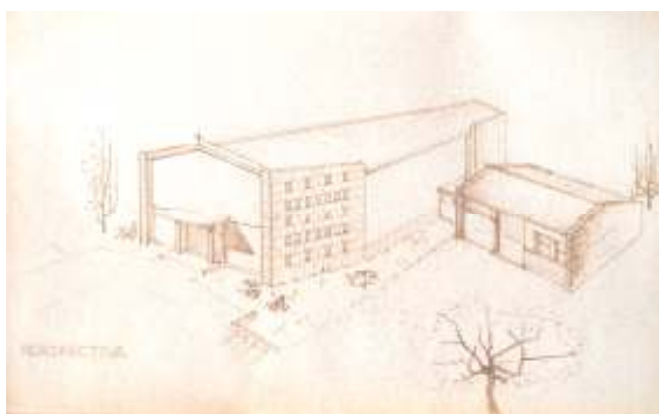
Vista interior.



Planta.



Estudos.



Perspetiva.

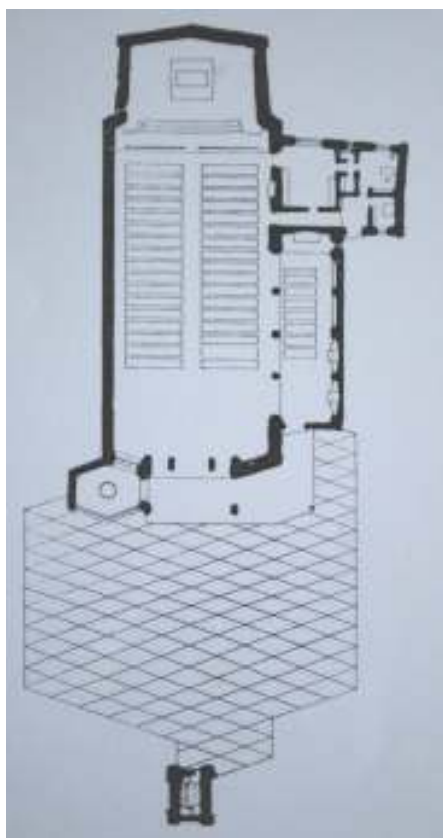
Fig.4.2. Igreja de São Simão, Barco, Fundão (J. Maya Santos, 1956-64).



Perspetiva.



Vista exterior.



Planta.

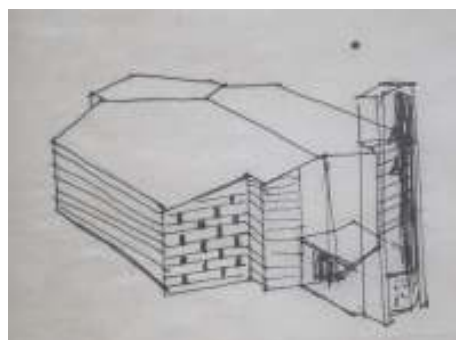
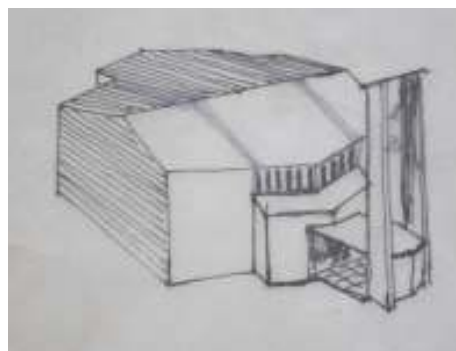
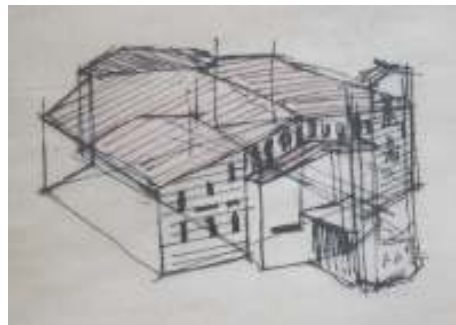


Vista interior.

Fig.4.3. Igreja de N. Sra. da Piedade, Vidais, Caldas da Rainha (A. de Freitas Leal, 1958-63).



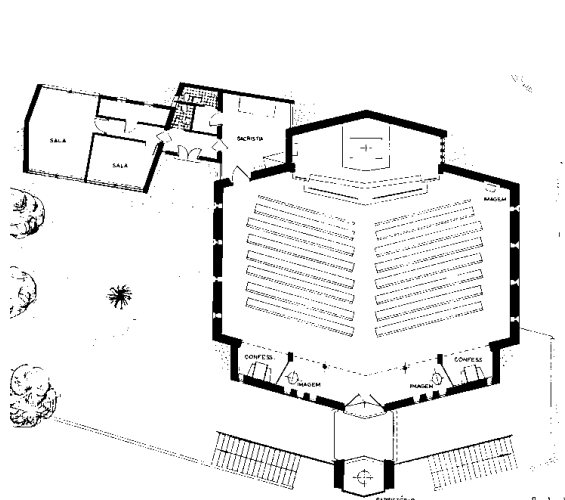
Vista exterior.



Estudos.



Vista interior.

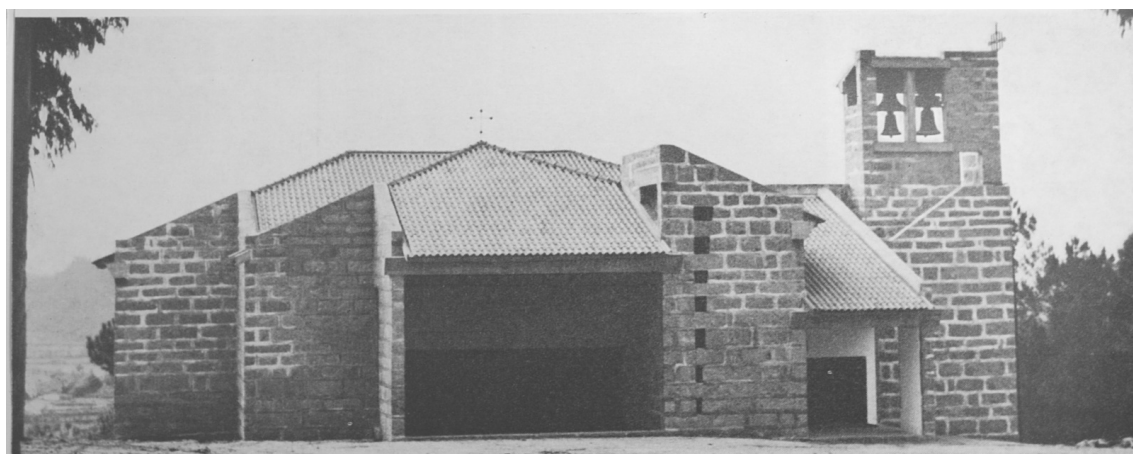


Planta.

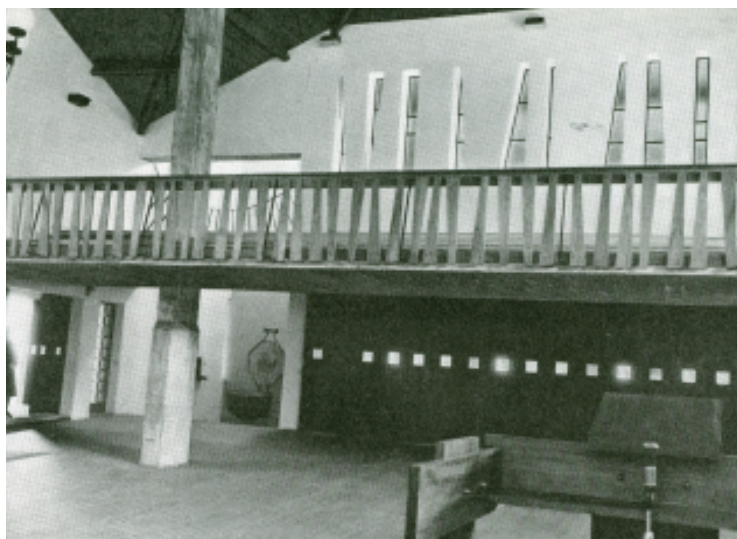


Perspetiva.

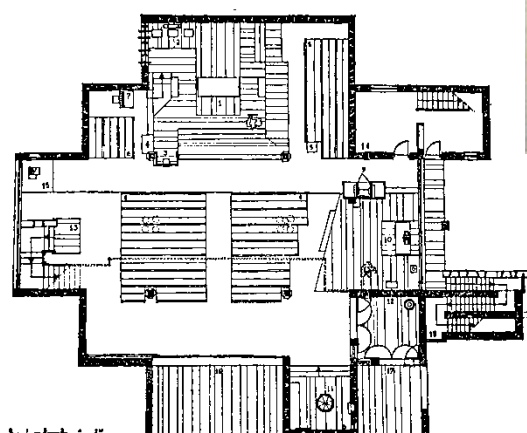
Fig.4.4. Igreja de São Mamede, Negrelos, Santo Tirso (Luiz Cunha, 1961-65).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.



Perspetiva.

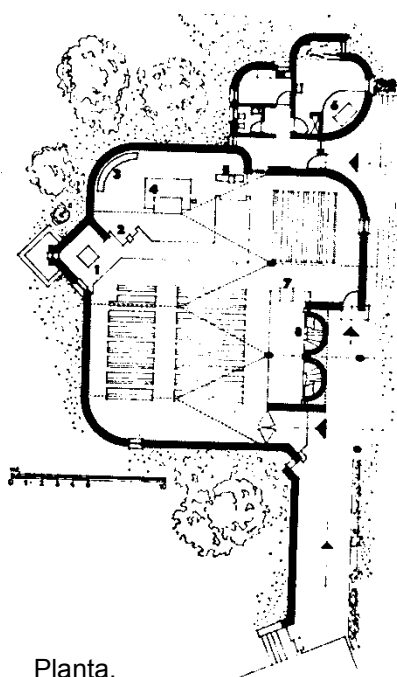
Fig.4.5. Igreja do Seminário Dominicano do Olival, Aldeia Nova, Ourém (Diogo L. Pimentel, 1964-65).



Vista exterior.

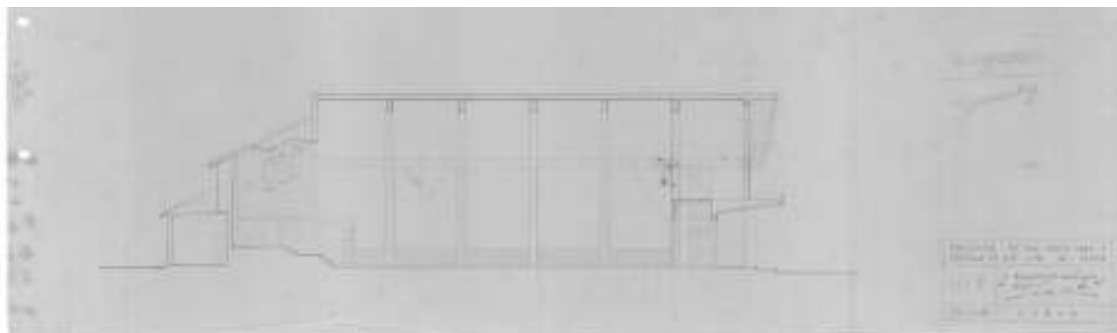


Vista interior.

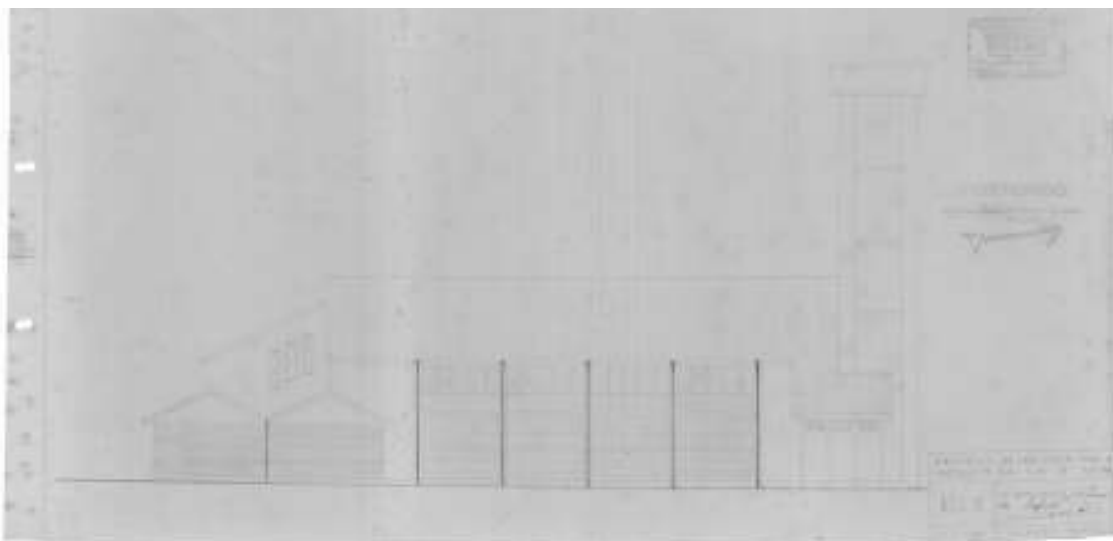


Planta.

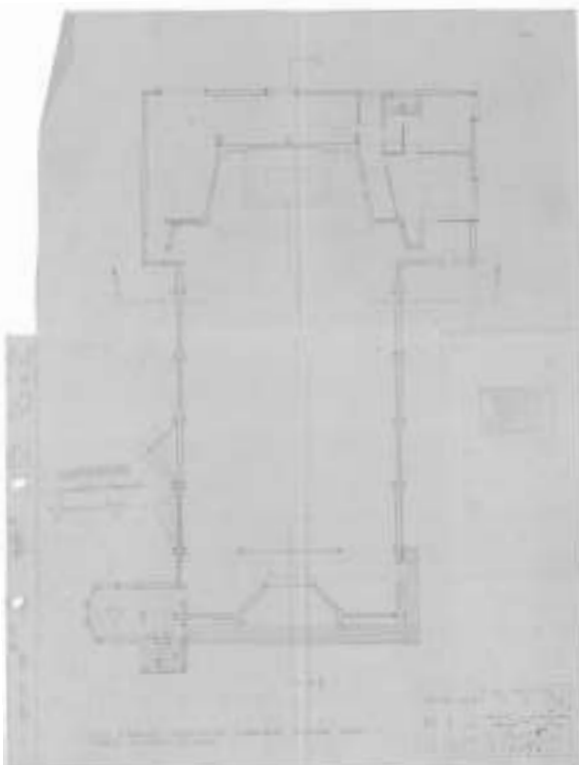
Fig.4.6. Igreja de N. Sra. de Fátima, Póvoa do Valado, Aveiro (Carlos Alberto Ferreira Pinto, 1964).



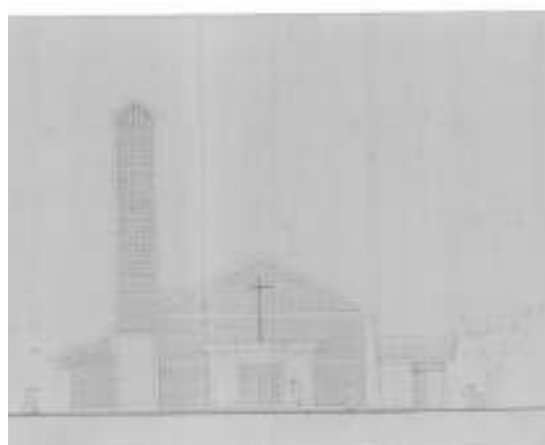
Corte longitudinal.



Alçado lateral.



Planta.



Alçado principal.

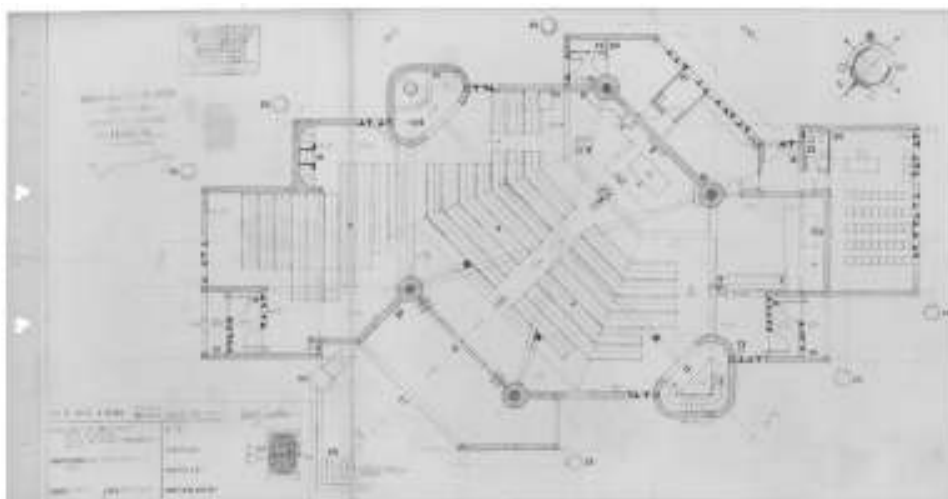
Fig.4.7. Igreja de N. Sra. de Fátima, Póvoa do Valado, Aveiro (Luiz Cunha, 1964-68).



Vista exterior.

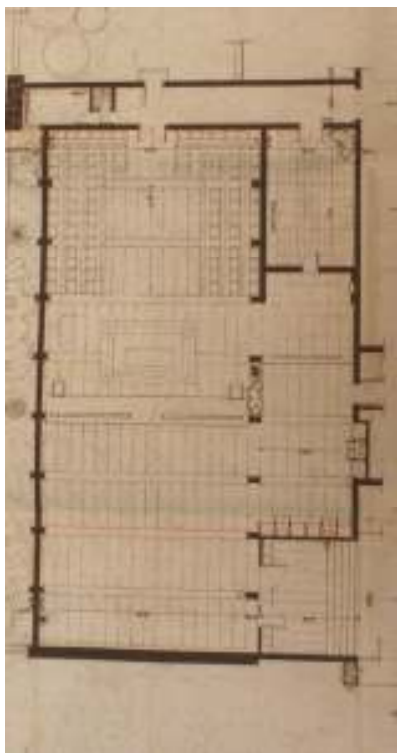


Vista interior.



Planta.

Fig.4.8. Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Fátima (Fernando Peres, 1960).

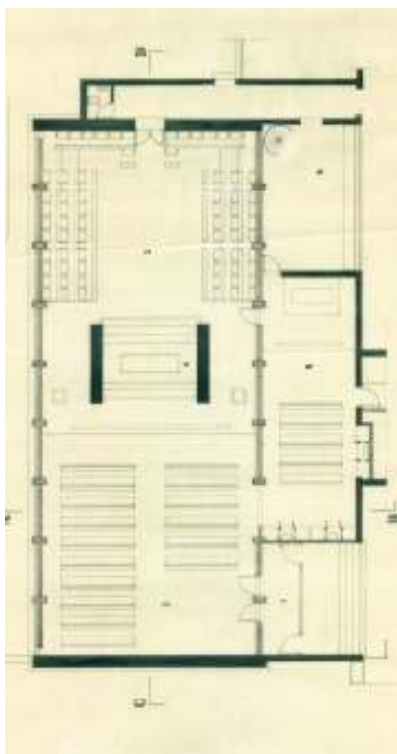


Planta.

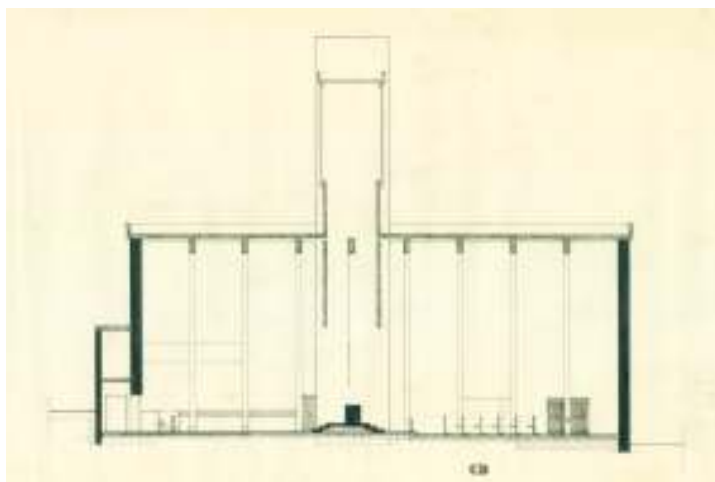


Perspetiva.

Fig.4.9. Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Fátima (Fernando Távora, 1961).



Planta.



Corte longitudinal.

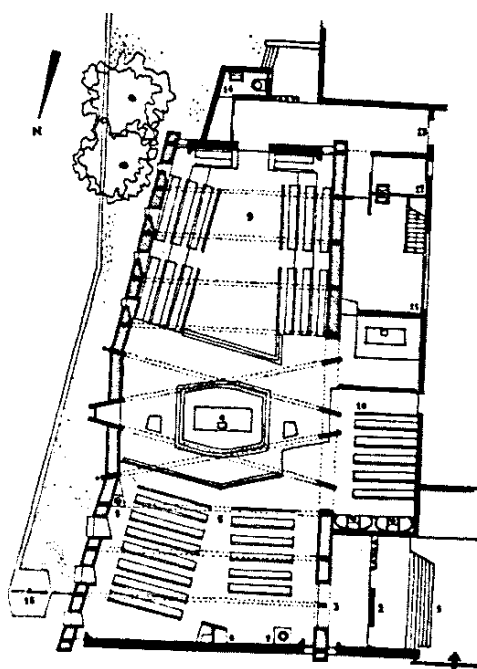
Fig.4.10. Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Fátima (Luiz Cunha, 1962-65).



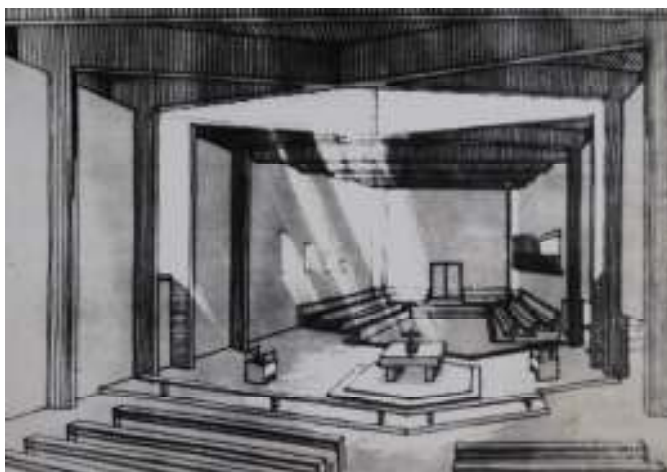
Vista exterior.



Vista interior.

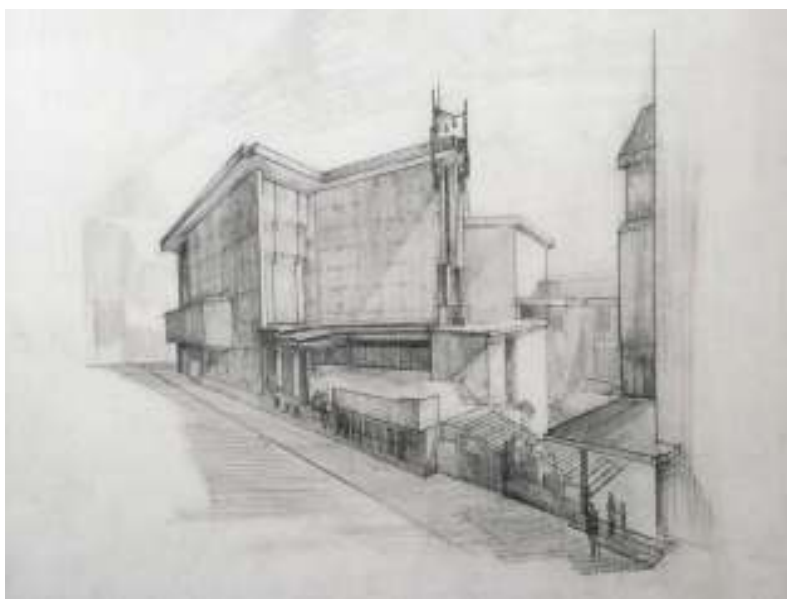


Planta.

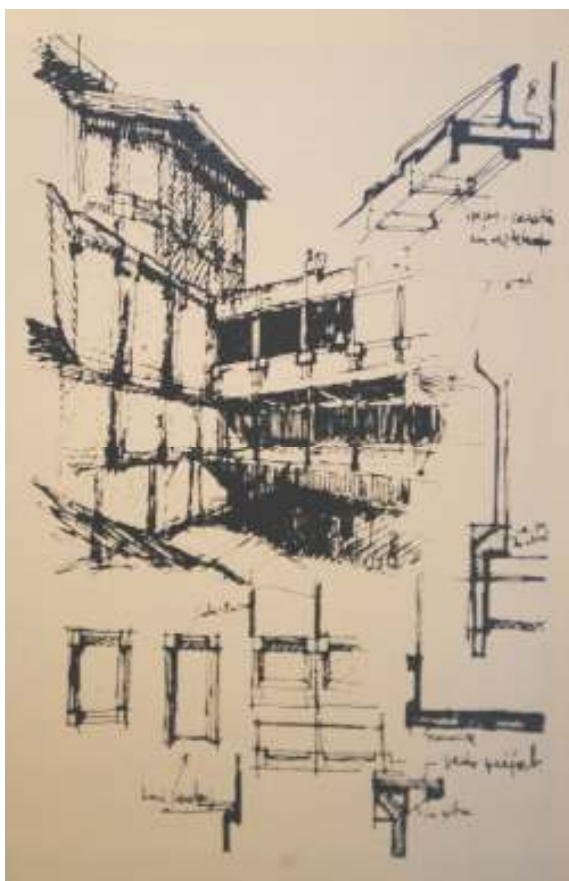


Perspetiva.

Fig.4.11. Igreja do S. Coração de Jesus, Lisboa (N. Teotónio Pereira e Nuno Portas, 1962-70).



Perspetiva.



Esquços.



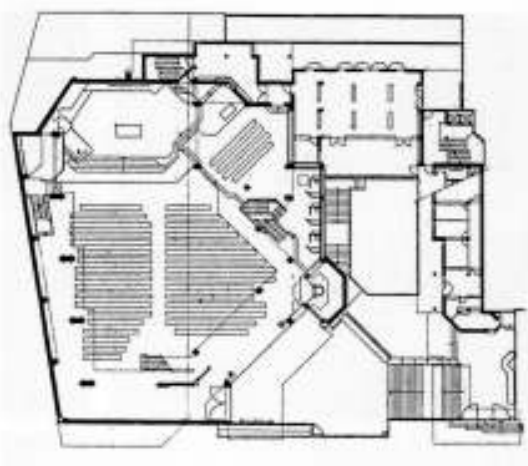
Maquete.



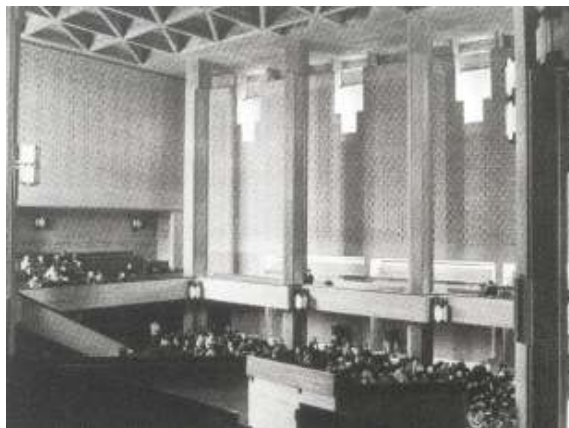
Vista exterior.



Vista exterior (pátios).



Planta.



Vista interior.



Vista interior (altar).

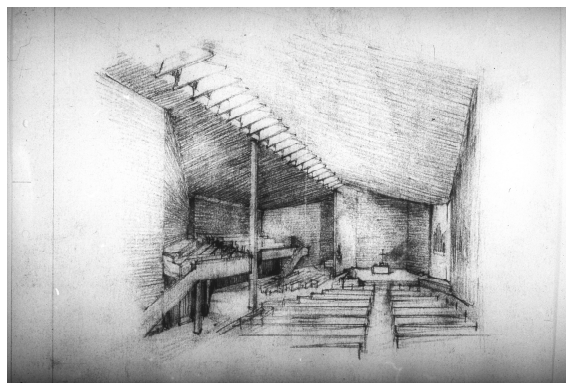
Fig.4.12. Igreja de Santiago, Almada (N. Teotónio Pereira e Nuno Portas, 1962-69).



Vista exterior.



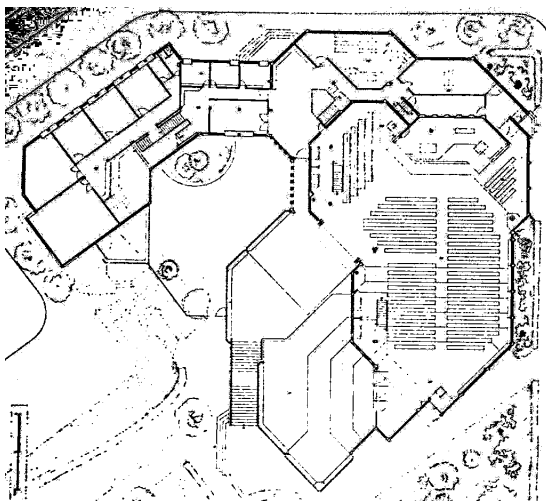
Vista interior.



Perspetiva interior.



Perspetiva.



Planta. Perspetiva.

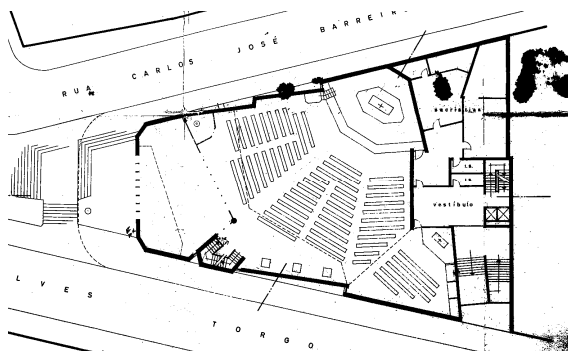


Maquete.

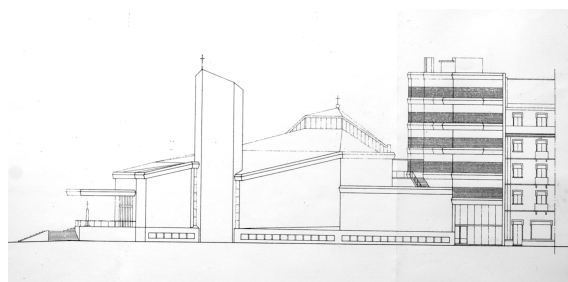
Fig.4.13. Igreja de S. Jorge de Arroios, Lisboa (Alzina Menezes e Erich Corsépius, 1962-72).



Vista exterior.



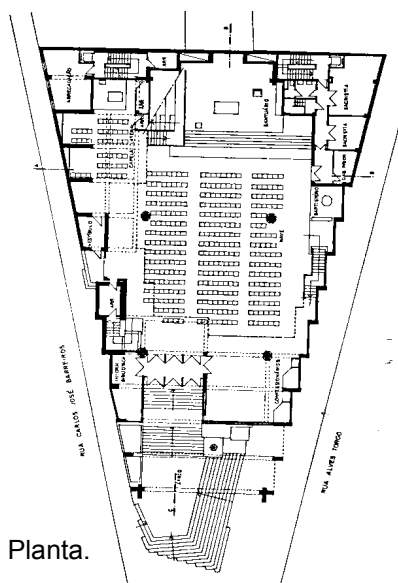
Ante-projeto: planta.



Ante-projeto: alçado principal.



Capa da revista *Binário*.



Planta.

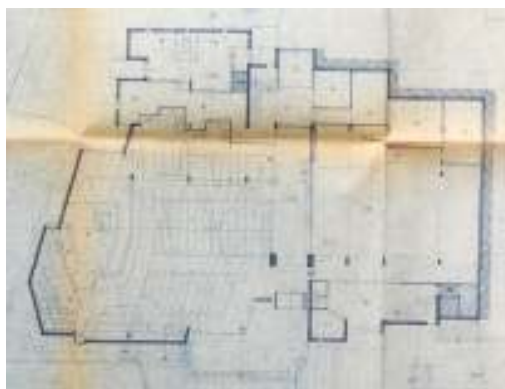


Vista interior.

Fig.4.14. Igreja da Sagrada Família, Paço de Arcos (João de Almeida, 1964-69).



Vista exterior.



Ante-projeto: planta.



Vista interior.



Planta.

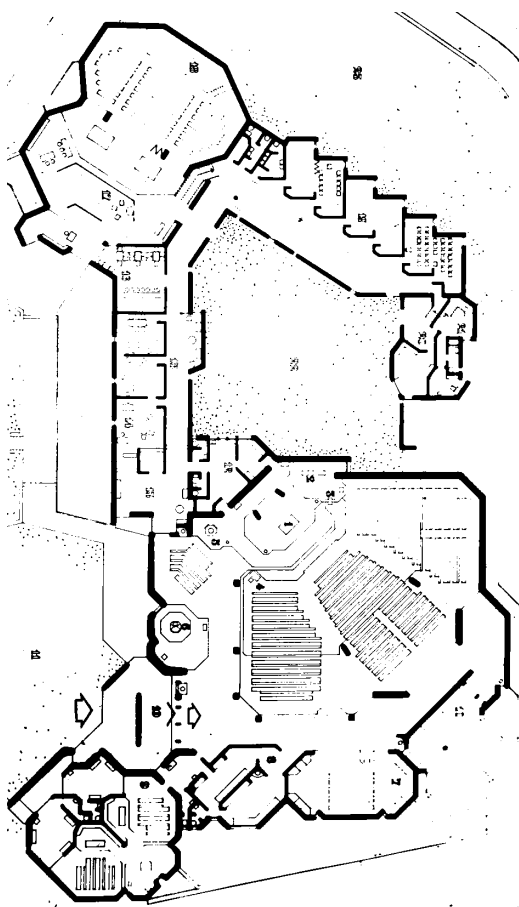


Maquete.

Fig.4.15. Igreja de N. Sra. da Conceição, Queluz (J. Maya Santos, 1966-72).



Vista exterior.



Planta.



Maquete.



Vista interior.

Fig.4.16. Igreja do S. Coração de Jesus, Porto (Luiz Cunha, 1966-72).



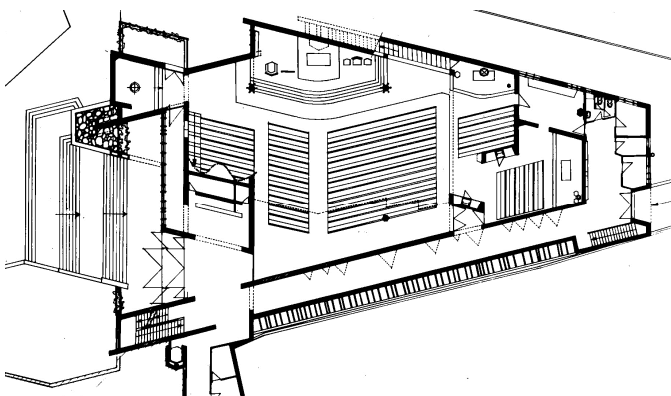
Vista exterior.



Vista interior.



Maquete.



Planta.



Luiz Cunha na obra da igreja.

Fig.4.17. Igreja de Santa Isabel, Lisboa (A. de Freitas Leal, 1960).



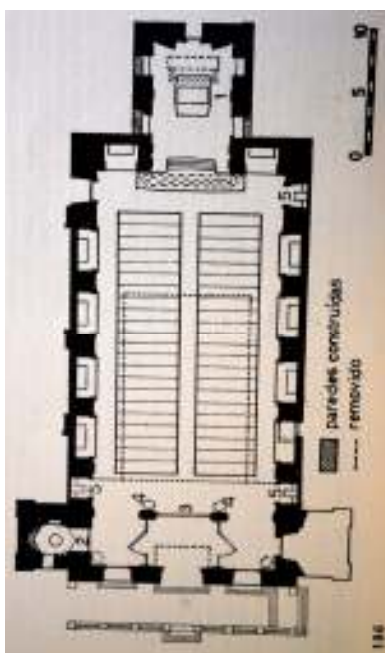
Vista interior.



Vista interior (batistério).



Vista interior (batistério, antes da intervenção).



Planta.



Vista interior (antes da intervenção).

Fig.4.18. Igreja do Seminário de Penafirme, Torres Vedras (A. de Freitas Leal e João de Almeida, 1961).



Vista interior.



Vista interior (antes da intervenção).



Planta.



Vista interior.

Fig.4.19. Igreja dos Congregados, Braga (A. de Freitas Leal, 1963-66).



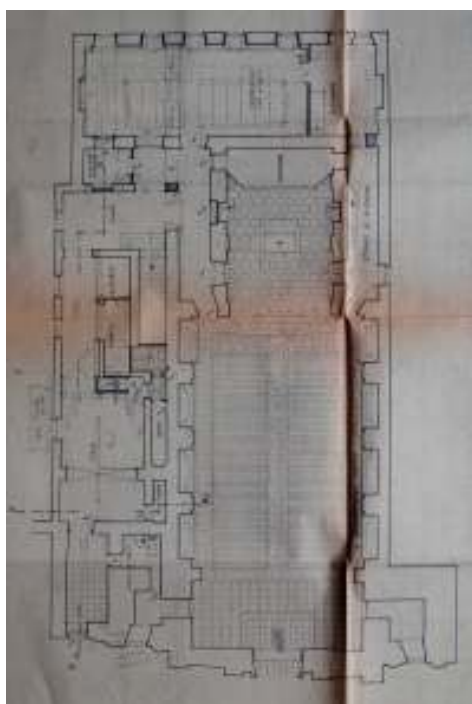
Vista interior (intervenção).



Vista interior (antes da intervenção).



Vista interior (antes da intervenção).



Planta.

Fig.4.20. Igreja de São João Baptista, Lisboa (A. de Freitas Leal e A. Flores Ribeiro, 1964).



Vista interior (altar).



Vista interior.



Vista interior (antes da intervenção).

Fig.4.21. Igreja de São Mamede, Lisboa (A. de Freitas Leal, 1966-67).



Vista interior.

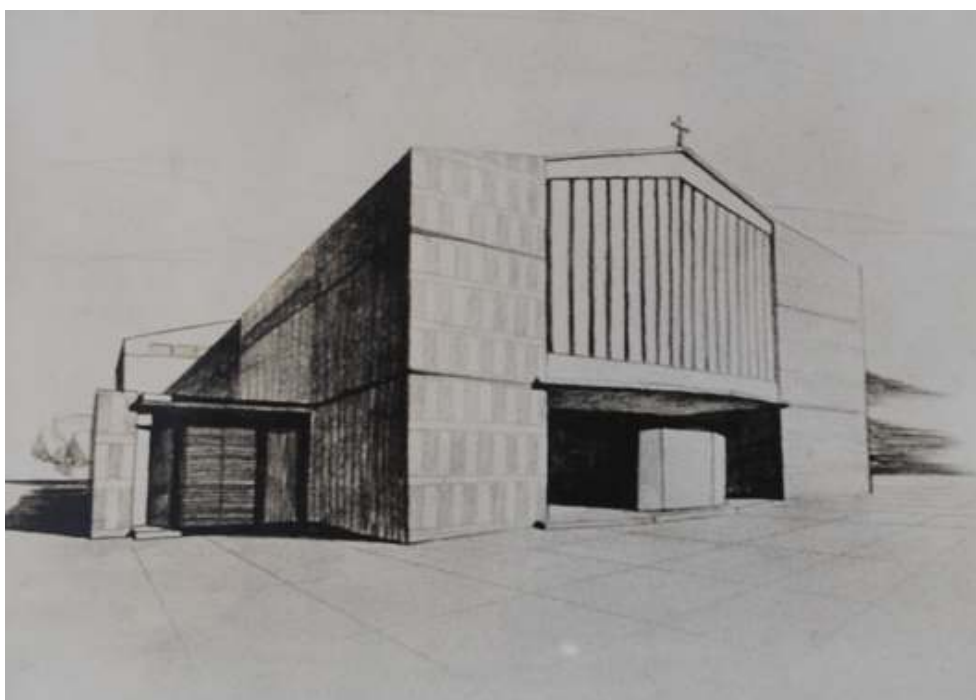


Sacrário.



Vista interior (altar).

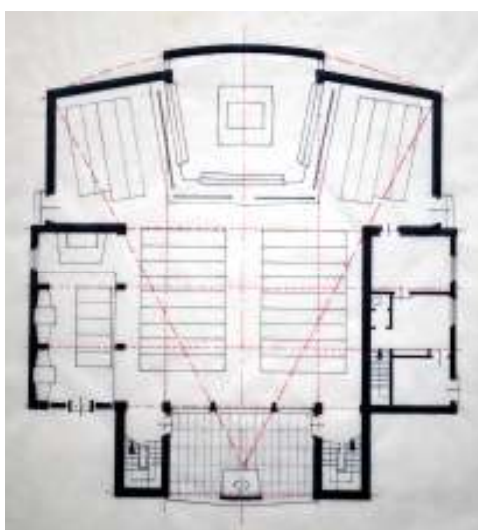
Fig.4.22. Igreja de São Sebastião, Mouriscas, Abrantes (A. de Freitas Leal, 1954-57).



Perspetiva.



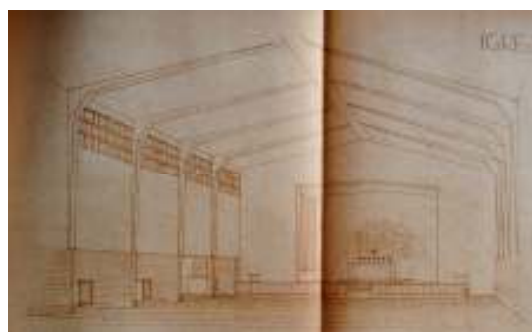
Maquete.



Planta.



Perspetiva (primeiro ante-projeto).



Perspetiva interior (primeiro ante-projeto).

Fig.4.23. Igreja de N. Sra. da Conceição (1ª versão), Rio Maior (S. Formosinho Sanchez, 1961).

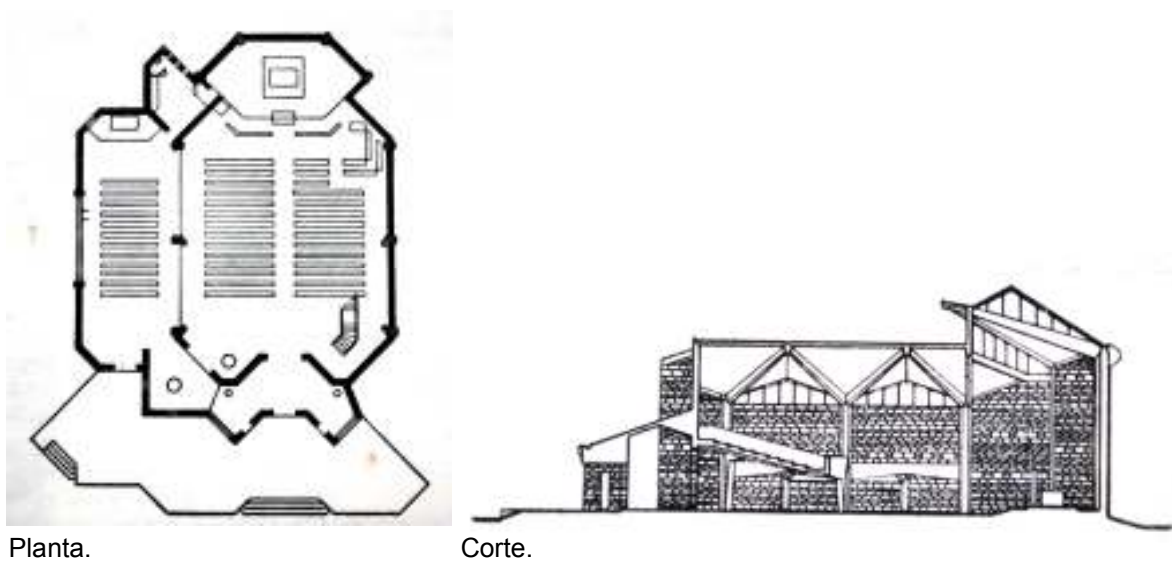


Fig.4.24. Igreja de N. Sra. da Conceição (1ª versão), Setúbal (S. Formosinho Sanchez, 1966).

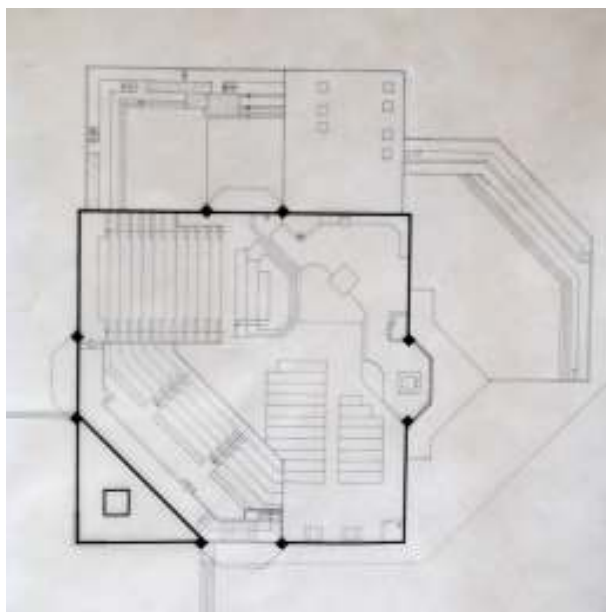
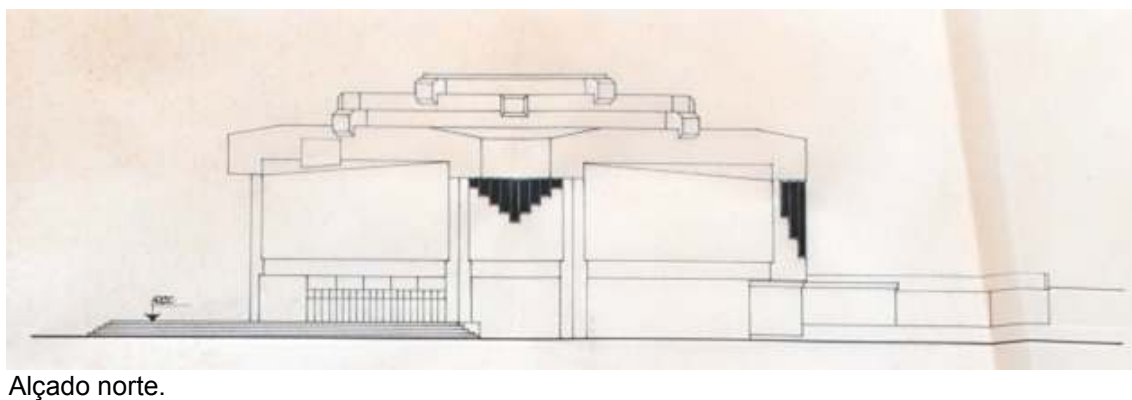
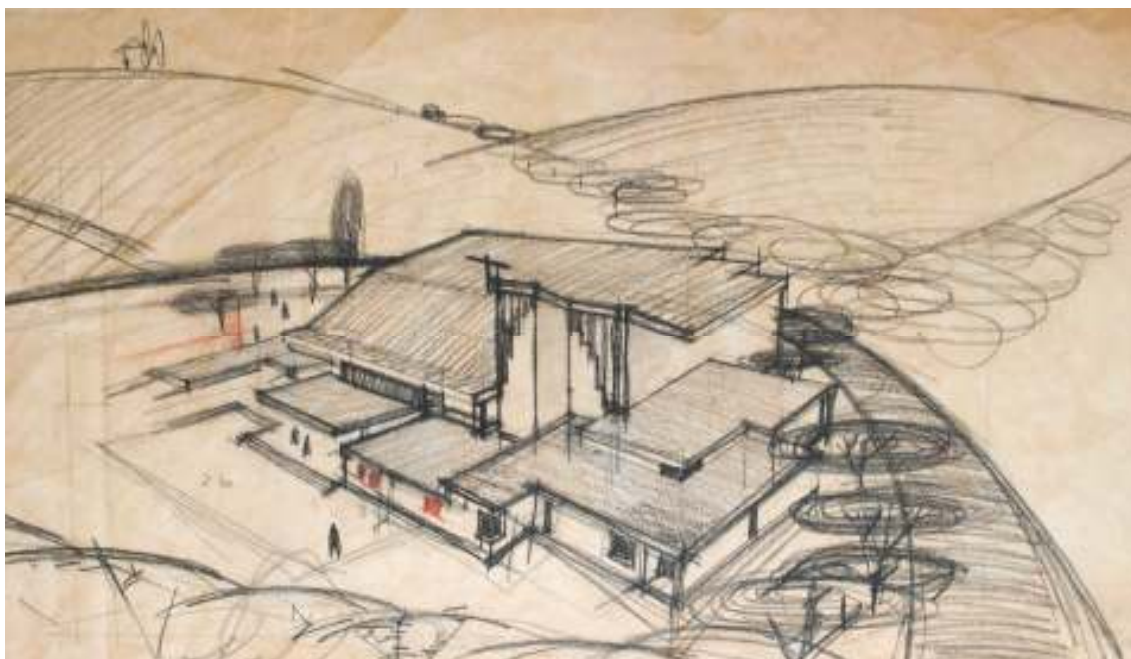
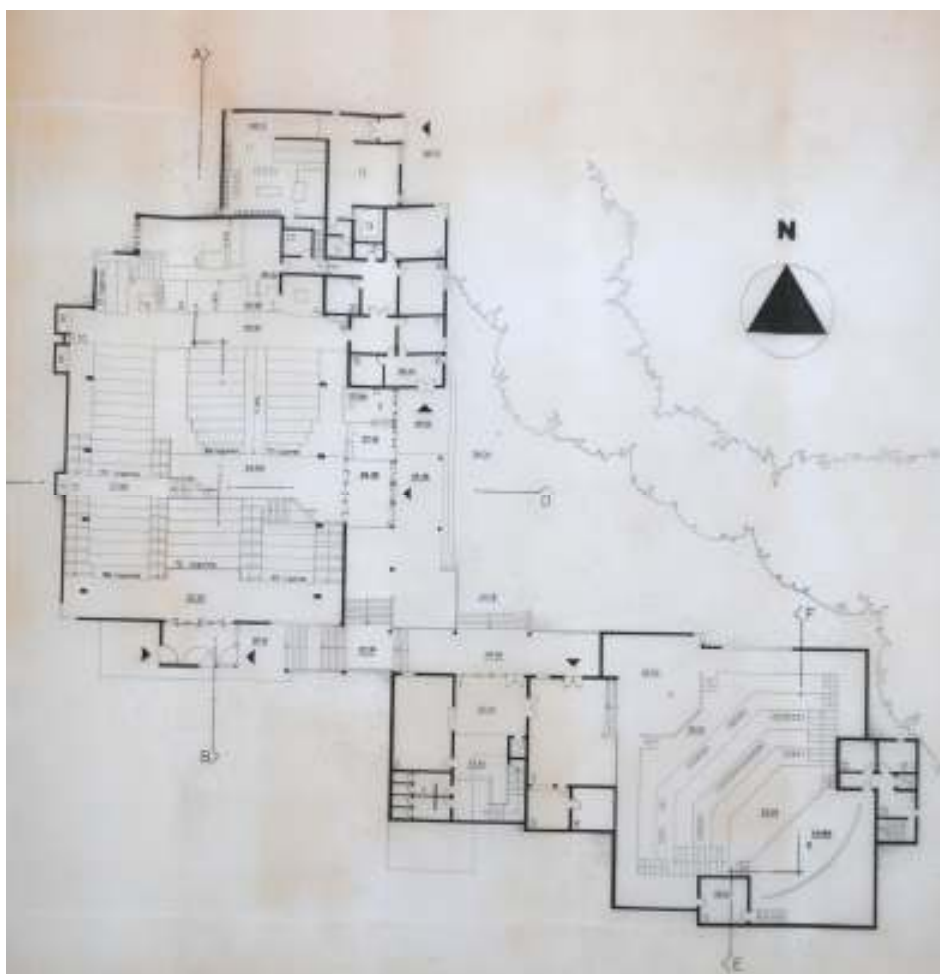


Fig.4.25. Igreja de Santo António (1ª versão), Santo António dos Cavaleiros (Diogo L. Pimentel, 1966).



Planta.



Planta.

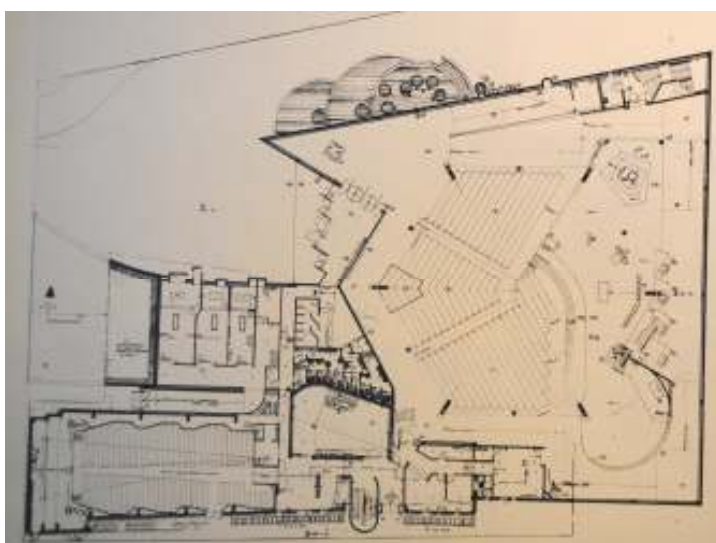
Fig.4.26. Igreja de Nevogilde (1ª versão), Porto (Luiz Cunha, 1967-72).



Maquete.



Centro paroquial.



Planta.



Logótipo.

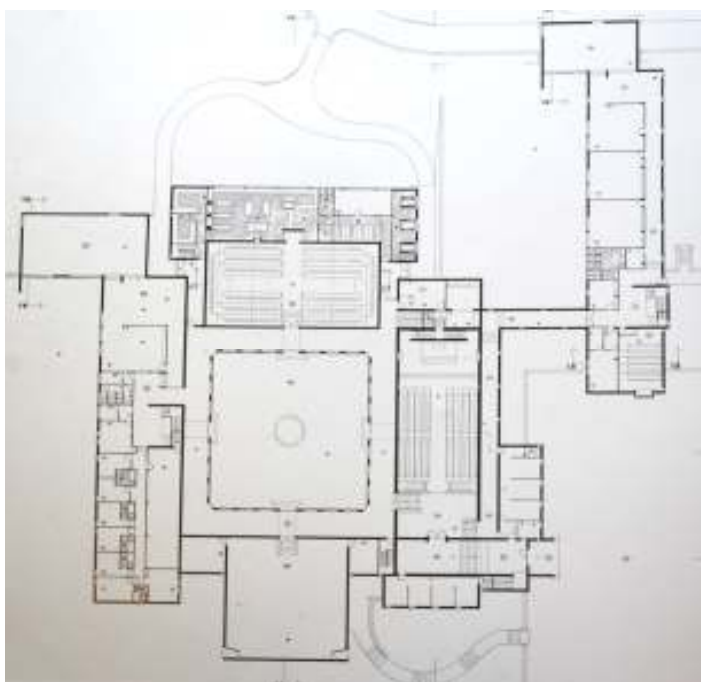
Fig. 4.27. Convento das Franciscanas de Calais, Gondomar (Fernando Távora, 1961-71).



Vista exterior.



Vista interior.



Planta.

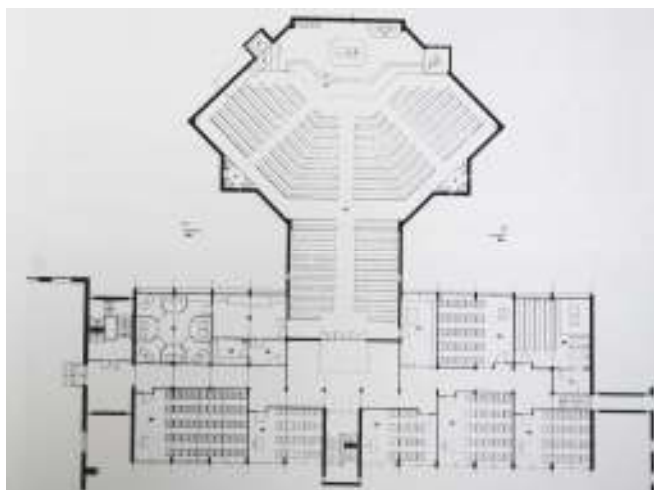
Fig. 4.28. Capela do Instituto Nun'Álvares, Santo Tirso (Fernando Távora, 1963-65).



Vista exterior.



Vista interior.

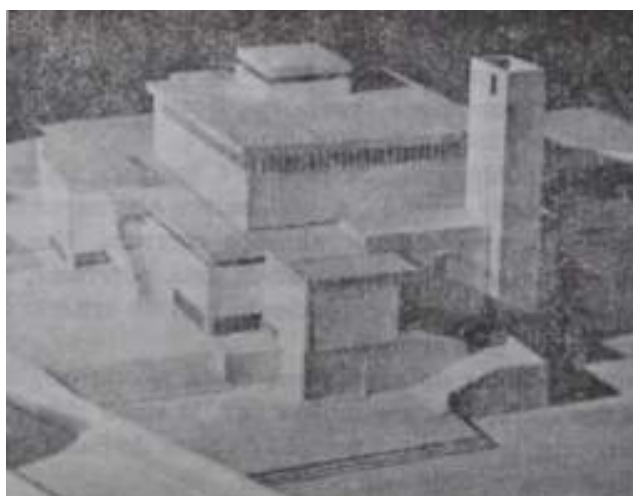


Planta.

Fig. 4.29. Igreja de São João de Ver (Fernando Távora, 1966-68).



Planta.



Maquete.

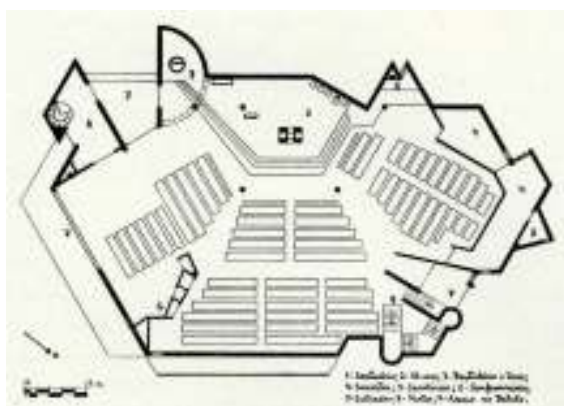
Fig. 4.30. Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Calvão, Vagos (Fernando Abrunhosa de Brito, 1966-74).



Vista exterior.

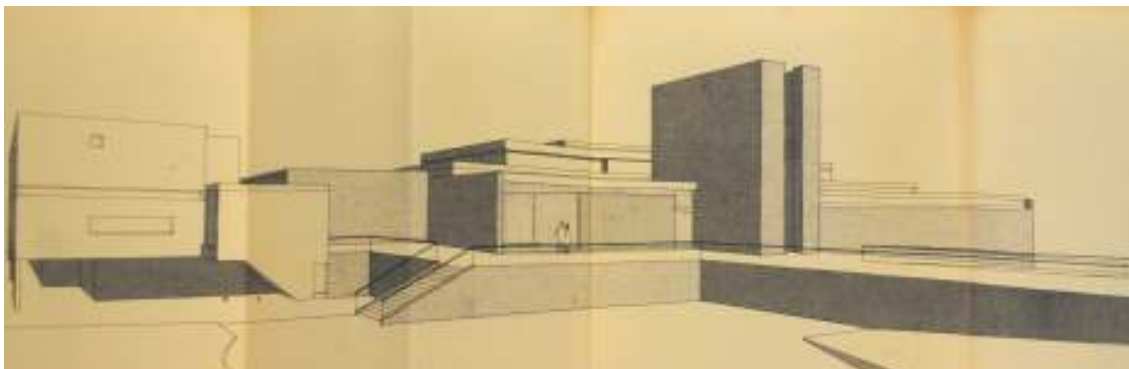


Vista interior.

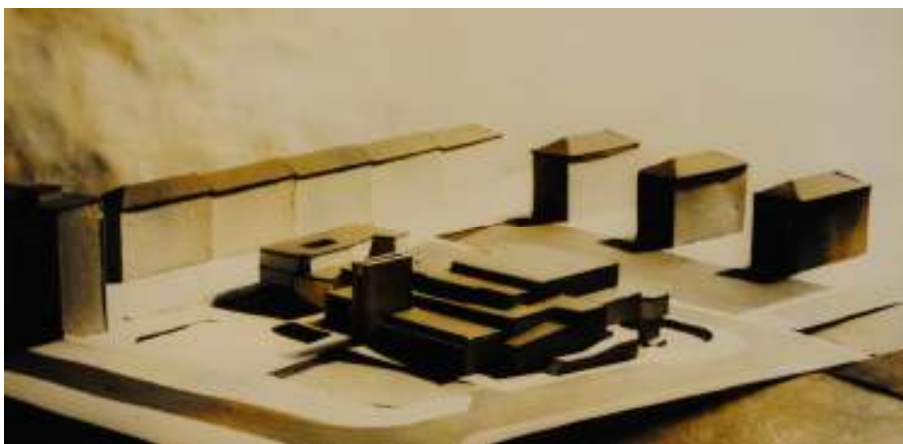


Planta.

Fig.4.31. Igreja de S. Lázaro, Braga (J. Maya Santos, 1967-1982).



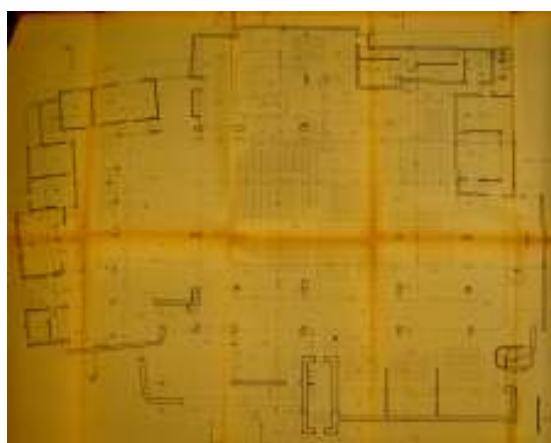
Perspetiva.



Maquete.



Perspetiva interior.



Planta.

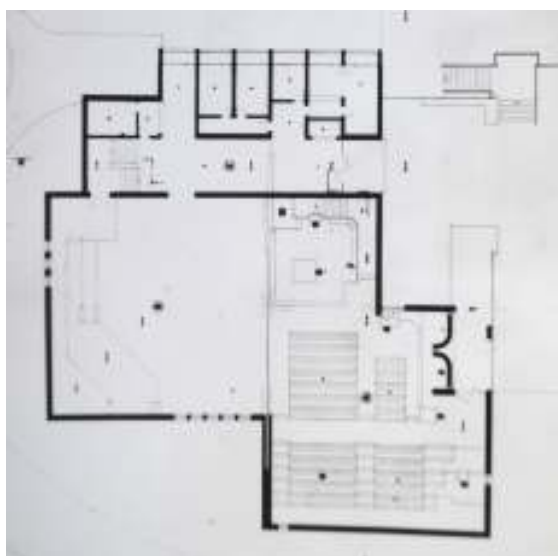
Fig.4.32. Igreja de St. António dos Cavaleiros (Diogo L. Pimentel, 1966-1979).



Maquete.

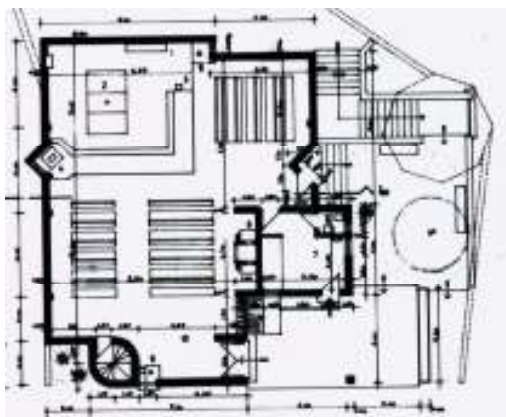


Maquete (interior).

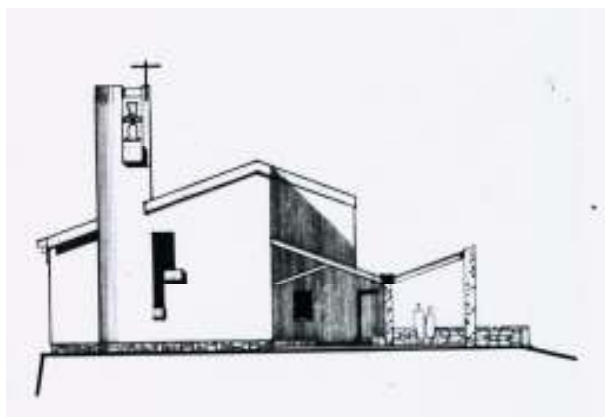


Planta.

Fig.4.33. Igreja de Fonte da Bica (SNIP, 1967).



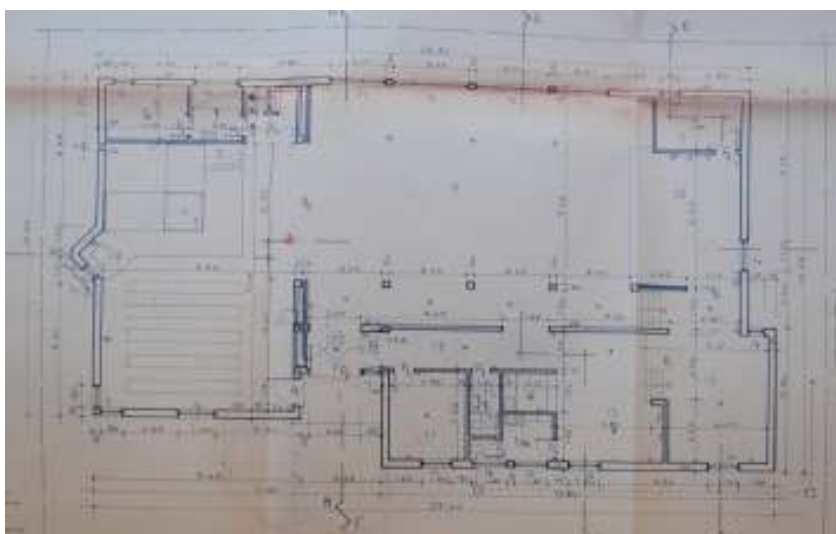
Primeiro ante-projeto (planta).



Primeiro ante-projeto (alçado).



Vista exterior.



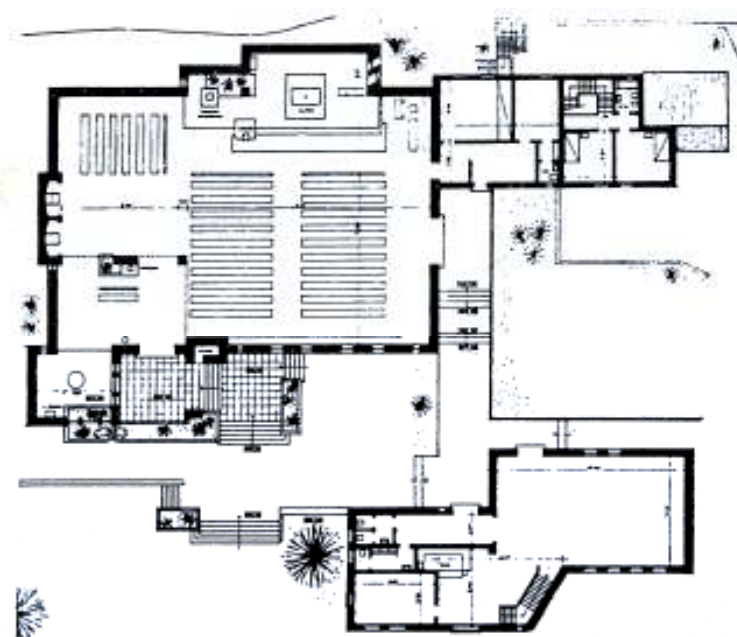
Planta.

Fig.4.34. Igreja de N. Sra. de Fátima, Funchal (A. de Freitas Leal, 1966).



Maquete.

Fig.4.35. Igreja de N. Sra. da Vitória e Santa Rita, Funchal (A. de Freitas Leal, 1964-84).

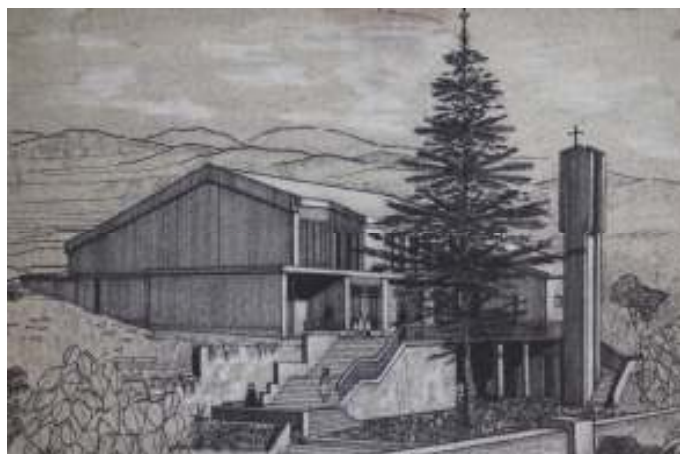


Planta.

Fig.4.36. Igreja de S. Francisco, Calheta, Madeira (A. de Freitas Leal, 1966).



Planta.

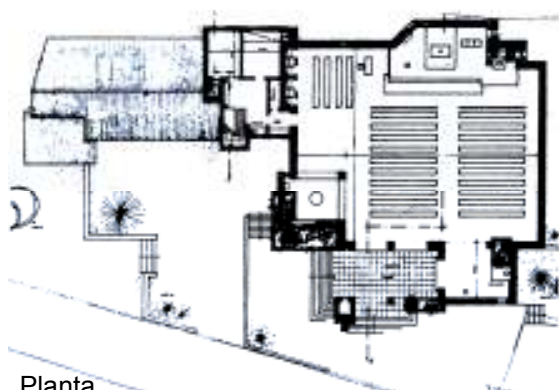


Perspetiva.

Fig.4.37. Igreja do Loreto, Calheta, Madeira (A. de Freitas Leal, 1966).



Perspetiva.



Planta.

Fig.4.38. Igreja do aeroporto de Santa Maria, Açores (A. de Freitas Leal, 1986).



Maquete.

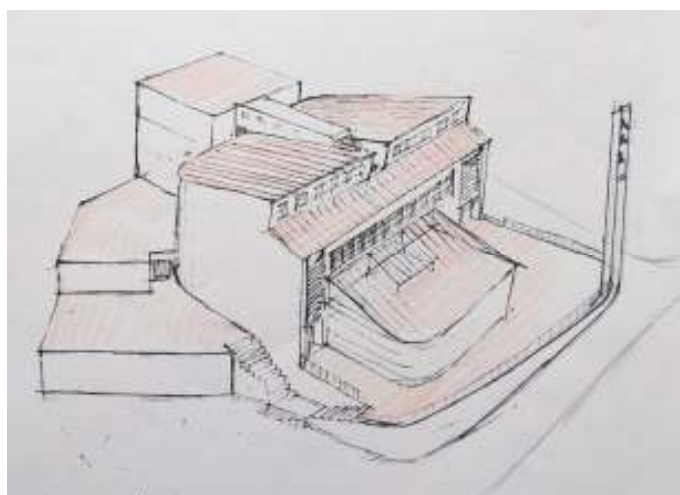


Perspetiva.

Fig.4.40. Igreja de Campolide, Lisboa (A. de Freitas Leal, 1995).

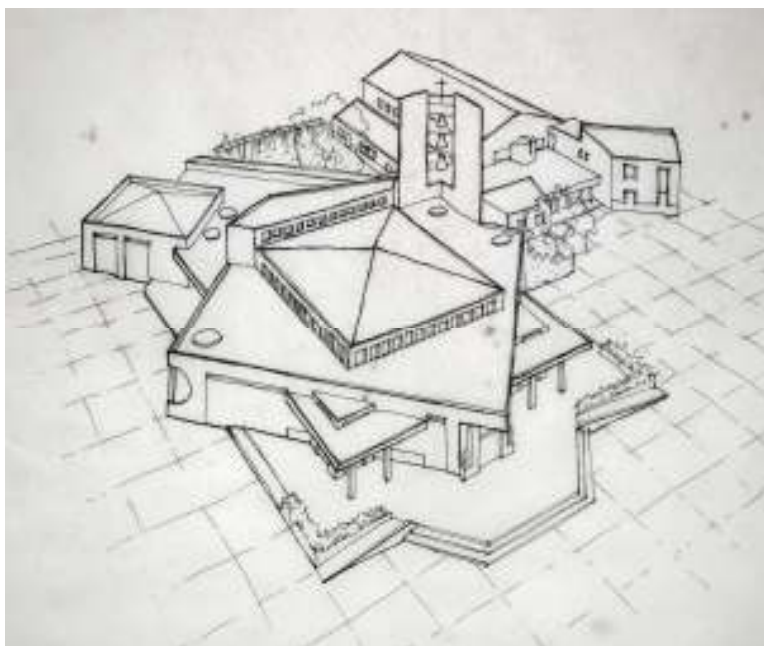


Planta.



Perspetiva.

Fig.4.39. Igreja de São Luís, Faro (A. de Freitas Leal, 1988-89).



Perspetiva.



Perspetiva (entrada).



Planta.

Fig.4.41. Igreja, trabalho FAUP (Luiz Cunha, 1950).

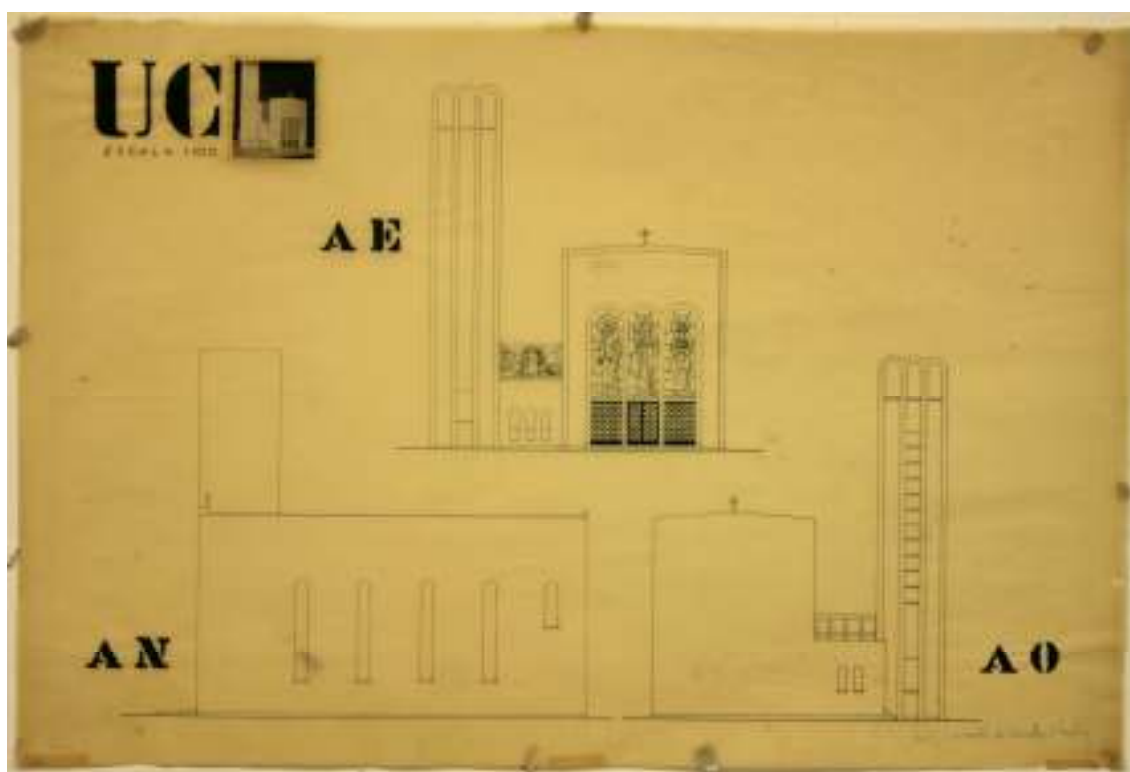
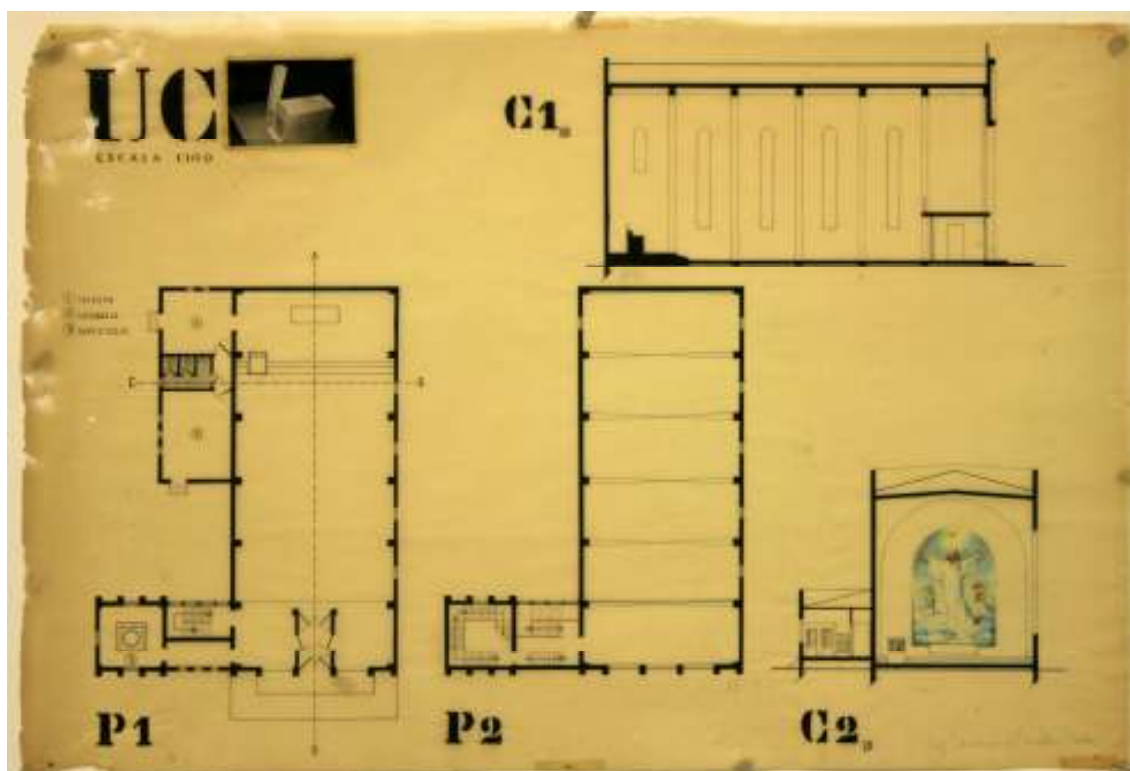


Fig.4.42. Capela da Afurada, Gaia, trabalho FAUP (Luiz Cunha, 1953).

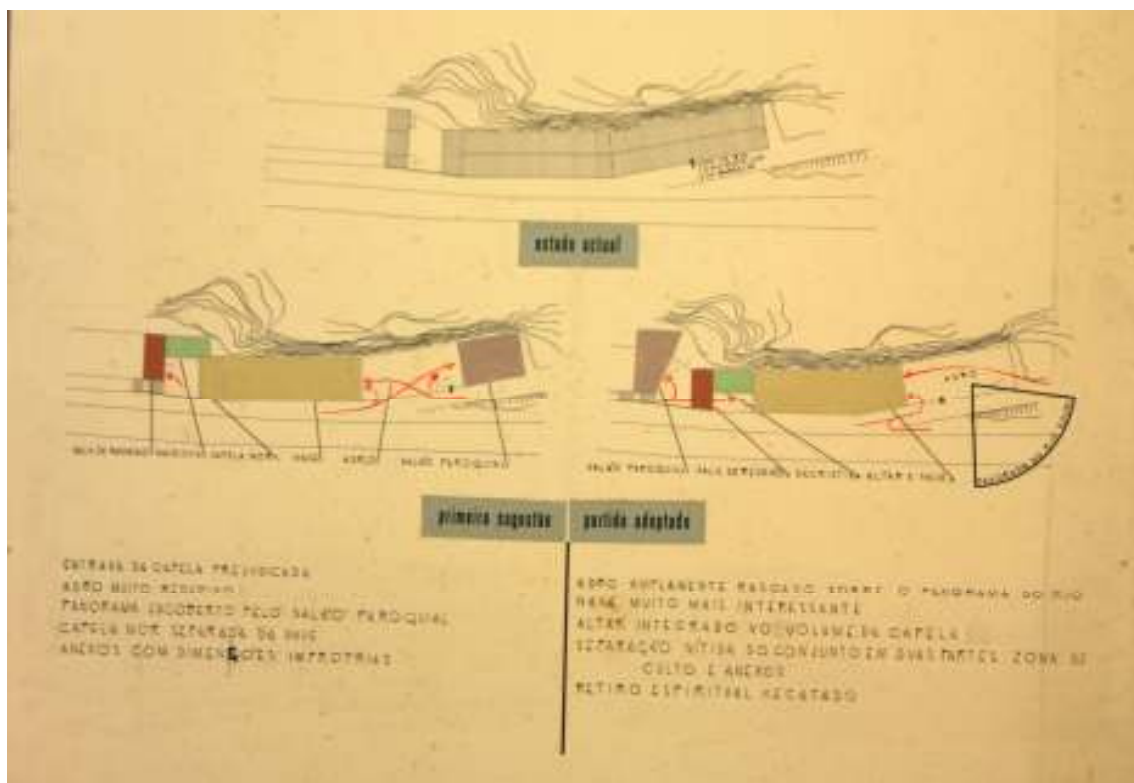
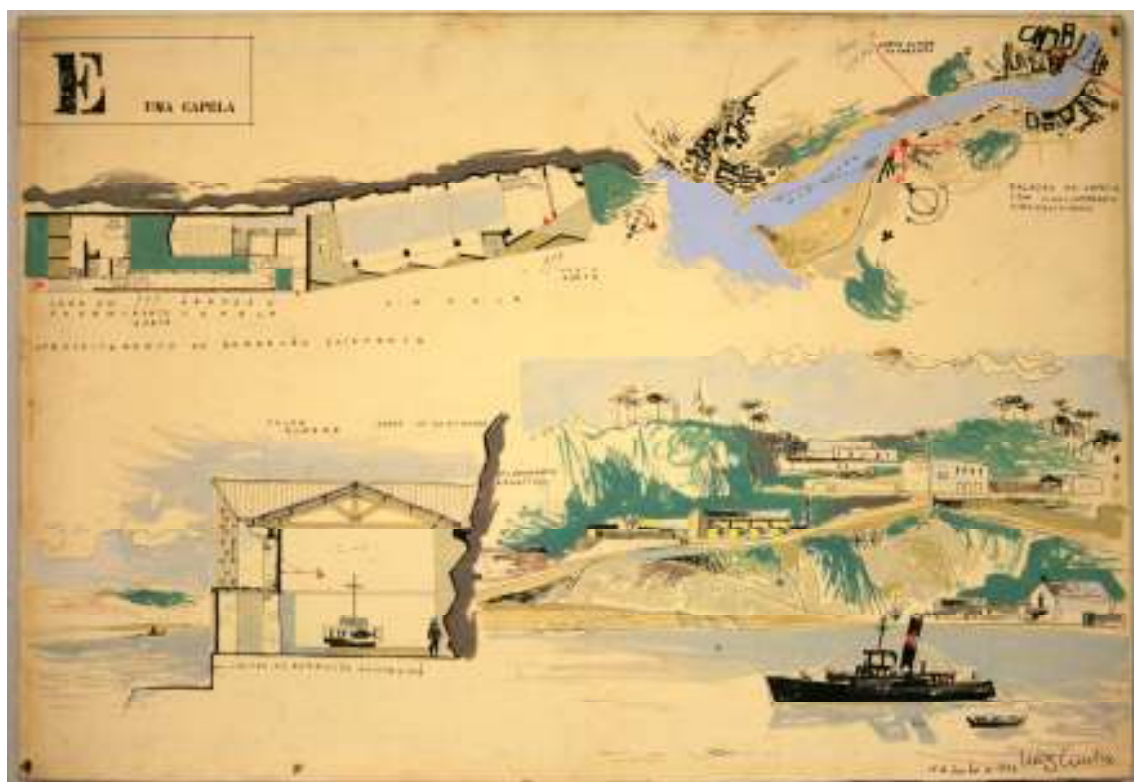
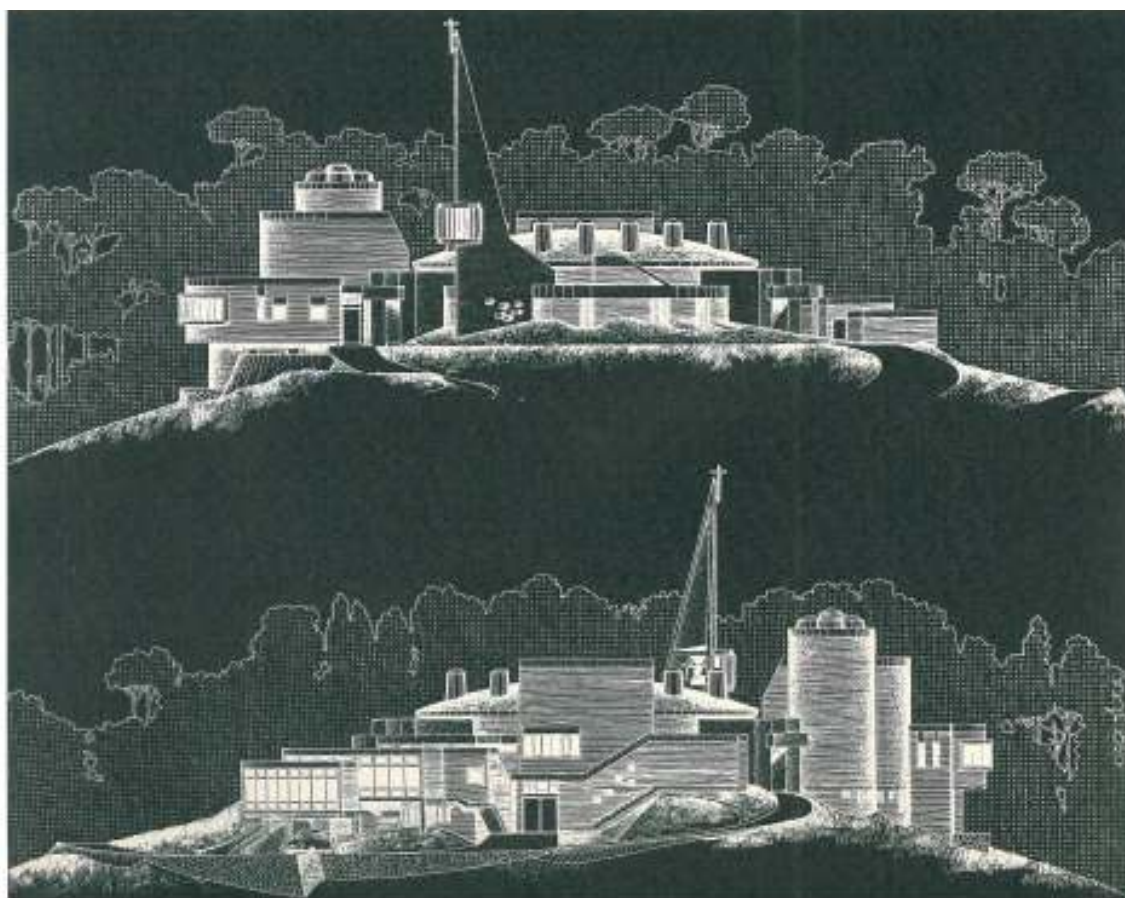
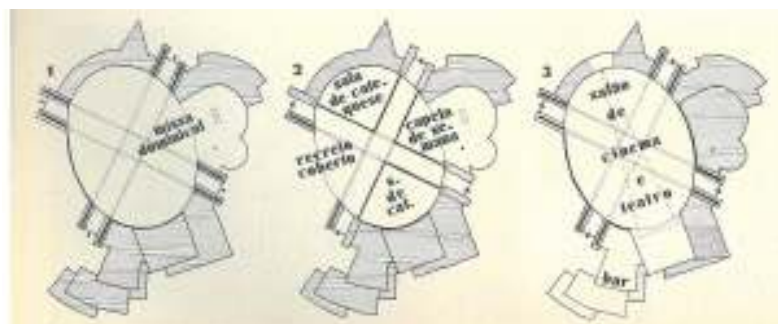


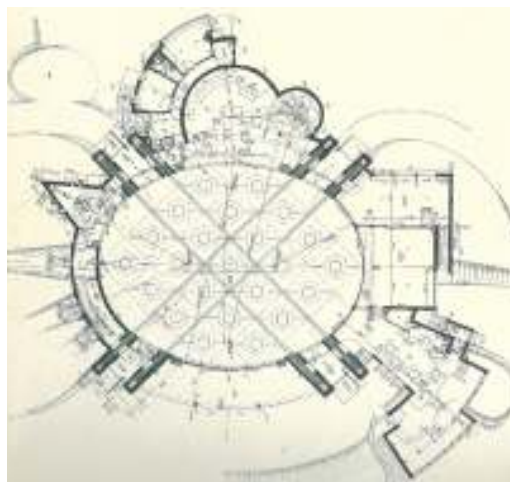
Fig.4.43. Igreja do Pindelo, Oliveira de Azeméis (Luiz Cunha, 1969-71).



Alçados.



Esquemas de funcionamento.



Planta.

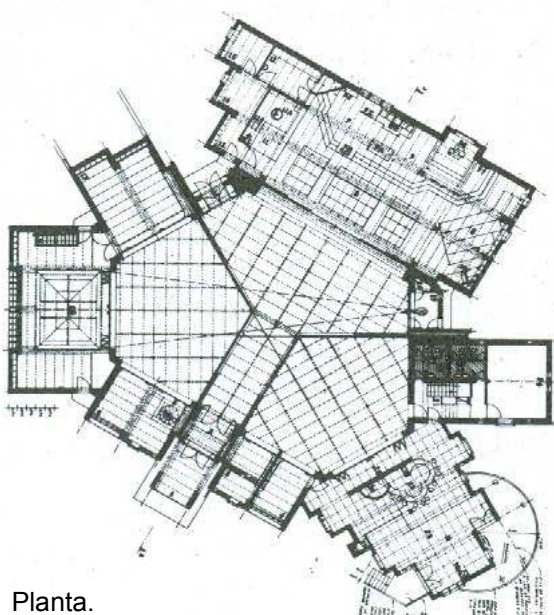
Fig.4.44. Igreja de Santa Joana Princesa, Aveiro (Luiz Cunha, 1971-76).



Vista exterior.



Vista interior.

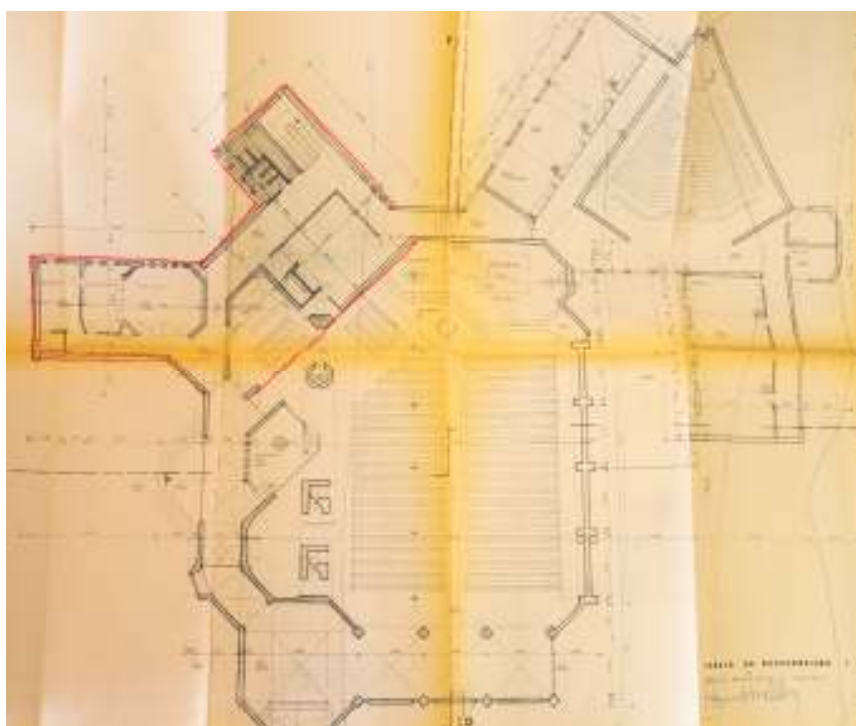


Planta.

Fig.4.45. Igreja da Ressurreição, Cascais (Henrique Albino, 1965).



Corte e alçado principal.



Planta.